

# Subsídios para a História do Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos

Por

JOÃO L. SAAVEDRA MACHADO

## PROÉMIO

A elaboração de um estudo de natureza histórica, como o constituído pelos presentes subsídios, requer necessariamente a indagação documental e o apuramento dos factos que hão-de constituir a sua substância, a sua seriação valorativa, a sua localização geográfica, a sua estratificação temporal, o seu encadeamento lógico, a sua apresentação clara, precisa e edificante.

Uma instituição científica viva tem a sua origem, a sua evolução com todas as vicissitudes inerentes, as suas funções gerais e especiais, a sua acção de investigação pura e desinteressada, o seu papel formativo e pedagógico, a sua projecção nacional e internacional. O Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, fundado em 1893, tem sofrido, no decorrer dos seus setenta e dois anos de existência fecunda e digna, muitas transformações, tem passado triunfalmente pela tormenta de ataques injustificados desprovidos de fundamento sério e consciente<sup>(1)</sup>, tem progredido até à consagração própria e do seu ilustre e esforçado fundador. A sua história já foi escrita até 1914 com documentação irrecusável e precisa, com a sólida ciência e sábia consciência que o Professor Leite de Vasconcellos punha em todo o seu labor.

---

(1) V. Leite de Vasconcellos, *Defensão do Museu Etnológico contra as Arguições que um Sr. Deputado Lhe Fez no Parlamento*, Lisboa, Livraria Clássica de A. M. Teixeira, 1913.

De 1915 até hoje, o Museu Etnológico tem promovido numerosas e frutuosas explorações arqueológicas, vastas investigações etnográficas, abundantes colheitas antropológicas e numismáticas, que têm aumentado e enriquecido extraordinariamente as suas colecções; tem alargado consideravelmente o seu âmbito cultural em benefício da ciência, dos estudiosos, do público em geral e da educação nacional. Importa, pois, organizar e compilar a sua história desde aquele ano até os nossos dias; esta primeira série de subsídios procura carrear os materiais necessários para aquêle fim, respeitantes aos anos de 1954-1964, mas com referências também a anos anteriores (1902-1930-1953).

As fontes de informação para este estudo foram:

- 1) O próprio Museu Etnológico com as suas actuais colecções;
- 2) Os relatórios das escavações e explorações arqueológicas, das investigações e inquéritos etnográficos, das colheitas antropológicas e numismáticas;
- 3) Os livros de registo das entradas de objectos;
- 4) Os livros de inventários;
- 5) Os catálogos manuscritos e impressos;
- 6) Os livros da contabilidade; os processos de contas arquivados no Tribunal de Contas e na Secretaria Geral da Universidade de Lisboa, cujos duplicados se encontram no Museu;
- 7) Os arquivos da correspondência oficial recebida e expedida;
- 8) Os livros de ponto;
- 9) As publicações do Museu, do director e funcionários; de estudos relacionados com o Museu, e de pessoas que se serviram das suas colecções para os seus trabalhos;
- 10) As referências de revistas e jornais nacionais e estrangeiros;
- 11) Documentos oficiais e extra-oficiais;
- 12) A correspondência particular, referente ao Museu, de funcionários do mesmo;
- 13) A legislação oficial.

# I

## INTRODUÇÃO

(1930-1953)

Ao abrir-se esta nova secção nas colunas de *O Arqueólogo Português*, órgão científico do Museu Etnológico, ao autor impõe-se o dever de prestar reverente homenagem ao criador deste estabelecimento de cultura, Prof. Doutor José Leite de Vasconcellos (Fig. 1), e ao Ministro das Obras Públicas, Doutor Bernardino Machado, que, por decreto de 20 de Dezembro de 1893, coroou de êxito as patrióticas diligências daquele ilustre sábio.

De primórdios bem modestos, pois foi originariamente constituído pelas colecções de antiguidades de Estácio da Veiga, que o Estado adquiriu à família deste arqueólogo, e pelo núcleo de objectos reunido pelo seu criador, o Museu, mercê da portentosa actividade do Prof. Leite

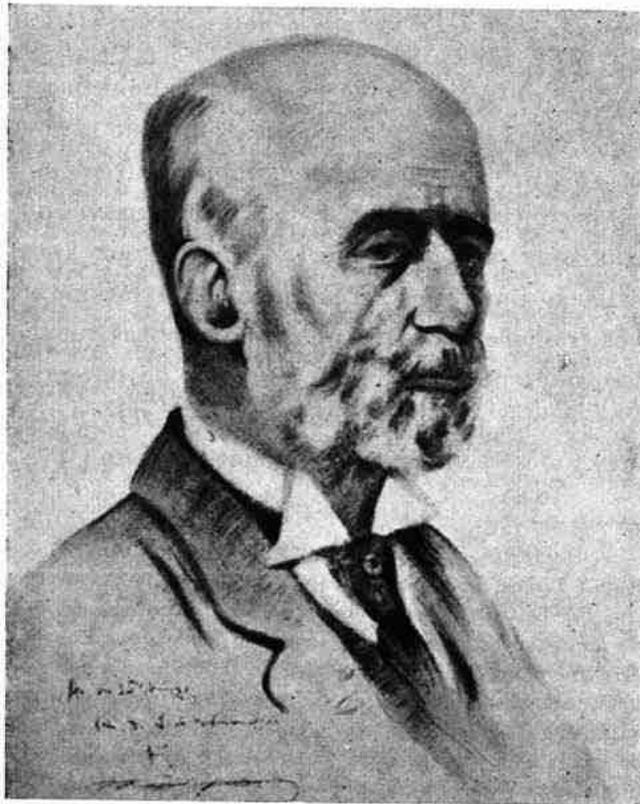


Fig. 1 — O Prof. Leite de Vasconcellos, 1.º director do Museu  
(Carvão de João Saavedra Machado)

de Vasconcellos, dos seus colaboradores, do seu continuador, o Prof. Manuel Heleno, da generosidade de numerosos benfeitores e beneméritos, e da acção de esclarecidos ministros e altos funcionários, alcançou a posição e a projecção que hoje tem de primeira instituição do género em Portugal e um lugar de relevo na arqueologia europeia.

\*

\*      \*

O decreto da sua fundação, firmado por João Franco e Bernardino Machado, assinalava-lhe o valor educativo, científico, patriótico, e artístico: «Um museu ethnographico, onde esteja representada a parte material da vida de um povo, as suas industrias, os seus trajes, os seus usos, etc., tem grande valor educativo. Em relação á historia, serve elle para ministrar documentos de toda a ordem, pelos quaes se apreciarão melhor, assim em globo, os caracteres d'esse povo, e as relações d'elle com outros, tanto no presente como no passado. Pelo que toca ao sentimento da nacionalidade, faz que o povo, tendo de si mais amplo conhecimento, e sabendo as rasões historicas da sua própria existencia, ame e venere a patria com conhecimento de causa, e siga afouto na via do progresso. Quanto às artes, contribue para que ellas se aperfeiçoem, porque é só quando o artista allia ás impulsões do seu genio e á largueza do seu estudo a inspiração nas tradições do paiz, que produz obras verdadeiramente de cunho. É por isso que em todos os paizes cultos ha museus d'esta natureza»<sup>(2)</sup>.

O seu criador, iluminado pelo zelo patriótico e pelo anseio cultural que todos justamente lhe reconheceram<sup>(3)</sup> e reconhecem<sup>(4)</sup>, pretendeu

<sup>(2)</sup> *Diário do Governo* de 22 de Dezembro de 1893 e *Historia do Museu Etnologico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1915, pág. 283.

<sup>(3)</sup> Leite de Vasconcellos foi um dos vultos mais eminentes da cultura nacional, o protótipo do cientista português, como escreveu o Prof. Agostinho de Campos no *Prefácio* de *O Homem de Ciência*, de Carlos Richet, trad. de D. Maria d'Antas de Campos Tavares, pág. 14, Coimbra, 1937: «*Modelo de homem de Ciência*. O dr. José Leite de Vasconcelos é o traslado do mestre universitário, do professor de ensino superior capaz, não só de transmitir a ciência, mas também de criá-la e de ensinar como se trabalha e se luta por ela. Cá dentro há poucos como elle; lá fora não os há melhores.»

<sup>(4)</sup> Manuel Heleno, *Homenagem ao Prof. Dr. José Leite de Vasconcelos*, in *Revista da Faculdade de Letras*, Universidade de Lisboa, 1942; etc. Orlando Ribeiro, *Vida e Obras de José Leite de Vasconcelos*, sep. de *Portucale*, vol. XV, Porto, 1942; *José Leite de Vasconcelos*, Coim-

fazer e fez dele um instituto de educação popular e superior, um centro de investigação e de irradiação científicas, como ele mesmo escreveu: «Um museu, pois, ethnographico, postoque para mais não sirva, serve para educar o público, levando-o a conhecer e a amar a patria... A pedagogia tem num museu boa fonte de *lições de cousas* para as crianças, ao mesmo tempo que estas vão a pouco e pouco recebendo no ânimo o sentimento de que acabo de fallar. É nas primeiras idades que os sentimentos se radicão melhor. E um povo não deve amar a sua patria só *pro forma*, mas por convicção, porque está nisso a base da sua felicidade collectiva, — que é a paz e o progresso consciente.»<sup>(5)</sup>.

No decorrer dos tempos, o Museu foi-se ampliando, e, às suas duas secções iniciais, arqueológica e etnográfica, agregou outras, de antropologia, de epigrafia, de numismática e medalhística, de etnografia comparativa, insular e ultramarina, de maneira que passou a constituir um tomo das origens e da vida portuguesa, isto é, um Museu Etnológico Português (Figs. 2, 4, 7, 9 e 10), como passou a chamar-se. Como ele próprio escreveu, «quem quiser conhecer o conjunto das nossas antiguidades, e muitos dos elementos materiais da nossa Etnografia moderna, escrever acêrca das nossas origens etnicas, da Prehistoria portuguesa, da civilização dos Lusitanos, da conquista romana, de Epigrafia turdetanica e latina, da implantação do Cristianismo no territorio que hoje se chama Portugal; tratar de moedas e medalhas, e de varios pontos de Historia literaria; dedicar-se a estudos de arte popular, e pretender conhecer a ceramica regional, e a escultura tão nativa e ás vezes tão delicada e sempre tão atraente dos pastores meridionais, que com cortiça, chifre e madeira produzem maravilhas que lembram as que os Chineses produzem com marfim, e as rendeiras de Peniche com linha; quem houver de estudar a religião do vulgo e a magia, os brinquedos e os jogos infantis: tem no Museu Etnologico materiais variadissimos, e não deverá, sob pena de ficar incompletamente informado, dispensar-se de o visitar»<sup>(6)</sup>.

---

bra, Coimbra Ed., 1942. João L. Saavedra Machado, *O Professor Leite de Vasconcelos como Historiador*, in *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Vol. I, 1959, págs. 77-79. Etc., etc..

(5) *Museu Ethnographico Português*, in *Revista Lusitana*, III, págs. 194-195 e reproduzido na *Historia do Museu Etnologico Português*, págs. 14-15.

(6) *Historia do Museu Etnologico Português*, pág. 277.

Ao Museu imprimiu-se pois inicialmente um carácter uno, um cunho de unidade, que sempre tem mantido, através de tantas vicissitudes por que tem passado, e que é indispensável preservar para o desempenho da sua máxima e mais alta função científica e pedagógica, qual é a de contribuir para o conhecimento integral da nação portuguesa na sua projecção espacial e temporal.

Com a integração do Museu na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por decreto de 16 de Agosto de 1913 (<sup>1</sup>), o Museu passou a constituir centro de estudos universitários de Arqueologia, Epigrafia, Numismática e Etnologia, muito frequentado pelos alunos daquela Faculdade.

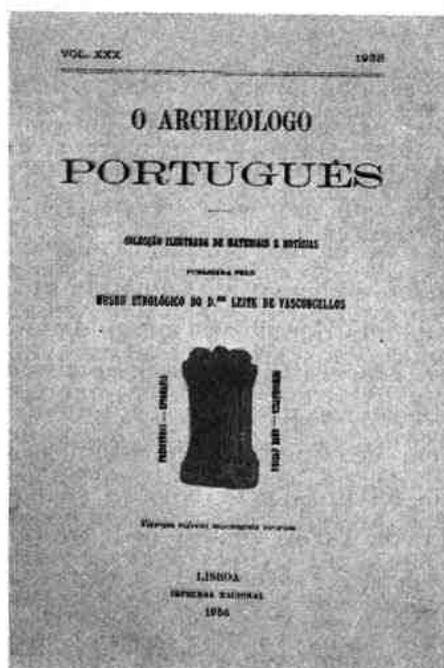


Fig. 3

A par com o enriquecimento constante das suas colecções e respectiva seriação, catalogação, disposição e exposição, em vista da documentação etnológica geral nacional e da educação do público, o Museu fez, desde quase o seu início, divulgação científica interna e externamente por meio de publicações diversas de âmbito variado. Em 1895 apareceu *O Archeologo Português* (Figs. 3 e 13), que consta hoje de 32 volumes (<sup>2</sup>) em que se têm dado a lume estudos de arqueologia, etnografia, epigrafia,

pré-história, numismática e medalhística, arte antiga, história, história literária, documentos medievais e modernos, etc., etc.; em 1887 veio à luz a *Revista Lusitana*, que alberga trabalhos de filologia e etnografia, história literária, textos medievais, etc., cujos vols. IX a XIII inclusive (1906-1910), foram editados pelo Museu; outras publicações são o *Prospecto* de *O Archeologo Português* (1894), o *Museu Ethnologico Português*

(<sup>1</sup>) *Historia do Museu Ethnologico Português*, págs. 295-296.

(<sup>2</sup>) Encontram-se no prelo e prestes a sairem mais três volumes (III, IV e V).



Fig. 2 — Edifício do extinto convento dos Jerónimos onde se alojou em 1903 o Museu Etnológico Português. Entrada pelo lado do poente. (Antiga sede)

(1897), a *Notice Sommaire sur le Musée Ethnologique Portugais* (1904-1905), *Plano Summario do Museu Ethnologico Português* (1906), *Musée Ethnologique Portugais* (1906), *Visita do Museu Ethnologico Português* (1910-1911), *Significação do Museu Ethnologico Português* (1912), os volumes II (1905) e III (1913) das *Religiões da Lusitania*, a *Historia do Museu Ethnologico Português* (1915) (Fig. 5), *De Campolide a Melrose* (1915), *Boletim de Etnografia* (5 números, de 1920-1938), etc.; muitos trabalhos de etnologia do Prof. Leite de Vasconcellos, do Prof. Manuel Heleno, do Dr. Félix Alves Pereira, do Prof. Vergílio Correia, de Luís Chaves reportam-se total ou parcialmente ao Museu Etnológico. *O Arqueólogo Português* tem permutado, a bem dizer, com revistas especiais de quase todo o mundo, alberga colaboração nacional e estrangeira e no seu seio acalentou numerosos publicistas.

O Museu Etnológico organizou e possui hoje uma riquíssima biblioteca com obras inerentes às ciências que ele cultiva: arqueologia, etnologia, etnografia, pré-história, antropologia, numismática e medalhística, história literária, etc., etc.. Além disso conta uma preciosa colecção de revistas nacionais e estrangeiras, manuscritos vários, obras de vários séculos, etc..

A acção do Prof. Leite de Vasconcellos no campo das ciências que no Museu Etnológico se estudam não se limitou unicamente à investigação pessoal própria. O preclaro Mestre soube fazer do seu instituto um centro de vasta projecção cultural, um viveiro de sábios, de artistas, e de estudiosos, que se distinguiram altamente nos ramos do saber a que se dedicaram, dentro ou fora do Museu. A amplitude das publicações deste permitia acolher nas suas páginas filólogos, na acepção mais lata do termo, arqueólogos, historiadores, filólogos propriamente ditos, historiadores da arte e da literatura, antropólogos, etnólogos e etnógrafos,



Fig. 5

artistas, epigrafistas, numismatas, juristas, etc.. Importa lembrar aqui, nesta oportunidade de justiça histórica, os nomes e a acção dos melhores colaboradores do Mestre, seus companheiros oficiais de trabalho no Museu Etnológico. Avultam os do sapientíssimo arqueólogo Félix Alves Pereira<sup>(\*)</sup>, modelo de investigador consciencioso e probo, cuja modéstia

(\*) O Dr. Félix Alves Pereira (1865-1936) era bacharel formado em Direito, foi magistrado e advogado, e, na sua carreira pública, atingiu o cargo de director-geral do Congresso da República, em que se aposentou. Exerceu também o lugar de oficial, depois conservador do Museu



Fig. 6 — Dr. Félix Alves Pereira

Etnológico Português, de 1902 a 1911, ano em que teve de optar pelo do Congresso da República; posteriormente, em 1933, foi nomeado vogal da Junta Nacional de Escavações e Antiguidades. O valor das obras que publicou deu-lhe ingresso em doudas corporações científicas, como a Academia das Ciências de Lisboa, a Associação dos Arqueólogos Portugueses, o Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, de que foi sócio fundador e de mérito, e na Real Academia de la Historia, de Madrid, na qualidade de sócio honorário.

O Dr. Félix Alves Pereira repartiu a sua actividade científica pela pré-história, arqueologia, etnografia, antropologia, epigrafia, arquitectura, história da arte e história medieval e o resultado dela patenteia-se em numerosos estudos com que colaborou em muitas revistas, como *O Arqueólogo Português*, o *Arquivo Histórico de Portugal*, a *Atlântida*, o *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, o *Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, *Limia*, *Limiana*, *Lusa*, *Portugale*, *Revista de Arqueologia*, *Revista Lusitana*, *Terra Portuguesa*, etc., e em jornais como *O Arcoense*, o *Diário de Notícias*, etc..

Dos seus numerosos trabalhos em todos aqueles ramos do saber, os quais ultrapassam a centena, mencionamos apenas as séries em que se dividem: I — *Estudos do Alto Minho*; II — *Páginas Arqueológicas*; III — *Ruínas de Ruínas*; IV — *Sintra do Pretérito*; V — *Antiquitas*; VI — *Conjectânea Archaeologica*; VII — *Vária*.

O Museu deveu muito ao seu antigo conservador Félix Alves Pereira, que, ainda depois de o deixar, continuou a trabalhar para ele, elaborando o *Catálogo do Museu Etnológico Português* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1922), e os *Índices do Arqueólogo*, I — XXX. A este seu inteligente e diligente colaborador dedicou Leite de Vasconcellos estas justas palavras: «Conquanto saído do Museu (onde, pela sua inteligência, discernimento, saber, bondade d'alma, seriedade, e educação, deixou saudades imperecíveis), continua a prestar-lhe serviços, já oferecendo-lhe de vez em quando objectos, já colaborando eficazmente n' *O Archeologo* com artigos sempre ricos de informações científicas. Pena é que num país que possui tão poucos cultores da sciencia, o Governo não possa aproveitar em trabalhos oficiais de Arqueologia uma pessoa de meritos intellectuais e morais de Félix Alves Pereira!» (*Historia do Museu Etnologico Português*, pág. 323, Lisboa, Imprensa Nacional, 1915). Da sua personalidade, do seu carácter, do seu saber e das suas qualidades pessoais testemunhou João Saavedra Machado nos seguintes termos: «Depois do Prof. Leite



Fig. 4—Vista de parte do pavimento I do Museu Etnológico Português. (Antiga acomodação)



Fig. 7 — Vista de parte do pavimento I do Museu Etnológico Português. (Antiga sede)

de Vasconcellos, houve um homem sabedor, de grande modéstia e bondade, que ao Museu prestou os maiores e melhores serviços: foi o Dr. Félix Alves Pereira, primeiro e antigo Conservador daquele estabelecimento do Estado. Arqueólogo notável, epigrafista de elevado valor, etnógrafo distinto, escritor consciencioso e brilhante, como o demonstrou nos estudos e artigos que deixou publicados, e até nas cartas primorosas que enviava às pessoas que honrava com a sua amizade, o Dr. Alves Pereira foi um homem deveras prestimoso, e que num país de maiores recursos e cultura decerto teria visto mais bem compensados e mais amplamente divulgados e apreciados os seus excelentes trabalhos de arqueologia. O Dr. Costa Ferreira — outro homem de saber no campo da antropologia e da pedagogia, e também pessoa de nobre carácter — que sofreu, igualmente, várias agruras do ambiente em que viveu, algumas vezes nos manifestou o apreço em que tinha o Dr. Alves Pereira, e quanto sentia que o ilustre arqueólogo se visse na necessidade de deixar o Museu, devido principalmente a assuntos de ordem económica e a ter de optar pelo cargo que exercia na Assembleia Nacional. Mas, depois mesmo de deixar o lugar de Conservador do Museu, o Dr. Alves Pereira continuou a prestar-lhe bons serviços, quer escrevendo artigos para *O Archeologo Português*, quer tratando mais tarde da catalogação de grande parte dos objectos daquele estabelecimento científico.

Os numerosos trabalhos que publicou — principalmente sob o título de *Estudos do Alto Minho*, podem ser lidos e apreciados em diversos volumes de *O Archeologo Português*, já acima citado, bem como outros da sua extensa e valiosa bibliografia, onde ocupam lugar de relevo as *Páginas Arqueológicas* e o *Elenco da epigrafia lusitano-romana*. O Dr. Alves Pereira publicou também muitos artigos, dispersos no *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, *Boletim dos Arqueólogos Portugueses*, *Arquivo Histórico Português* e nas revistas *Límia*, *Lusa*, *Atlântida*, *Revista Lusitana*, etc. Da bibliografia do ilustre epigrafista, ocupou-se criteriosamente Luís Chaves, no n.º 61 do vol. XI da revista *Portucale*, de págs. 34 a 40.

Pelas suas invulgaes qualidades, o Dr. Alves Pereira exagerava sempre as dos seus amigos, no número dos quais tinha a bondade de incluir-nos. Procedia assim lealmente para com todas as pessoas com quem tratava, quaisquer que fossem os credos políticos e religiosos das mesmas; mas nem todas lhe correspondiam como deviam, e ele merecia. De alguns trechos de uma carta, que nos enviou muito tempo depois de termos saído do Museu, e a seguir transcrevemos, ressaltam claramente a amizade que sempre nos dispensou e o seu natural desabafo perante algumas injustiças, que sofreu dos homens e do destino, e que ele, homem pacífico, trabalhador muito metódico, culto, e de crenças sinceras, soube sofrer heróica e resignadamente, como aqueles santos, de que nossa avózinha de cabelos nevados nos contava a história...

«Sintra, 19-XI-932.

Meu bom amigo:

... Residindo em Sintra e tendo passado aqui mais de um ano ininterrupto, raríssimas vezes me alongo para zonas além da Rocha. Há muitos meses que não vou ao Museu, onde apenas tenho um amigo e também dos melhores, o L. C..... Meu bom amigo, regosijei-me por ter tido notícias directas suas. Lembro-me bem da nossa excursão a Extremoz e das provas da sua dedicação, acompanhando-me a casa, depois daqueles dias de ansiedade que vivi. O bom Carvalheira deixou-me saudades pela inequívoca e apreciável camaradagem que nêle encontrei. Realmente o tempo é uma vertigem. O meu querido S. M. tem 46 e eu tenho... 67!!! E, confesso, não cheguei ao que queria. Os cuidados familiares e as imposições do destino encaaminharam a vida num sentido que não é, muitas vezes o dos nossos sonhos. Afastaram-me do Museu! Foi um golpe tremendo para mim em todo o sentido, material e literário! Os trabalhos arqueológicos a que tinha prestado mais estudo e amor estão ainda inéditos! Desta idade, quando poderei publicá-los?...

... Abraça-o o seu o.º e ded.º am.º

F. Alves Pereira»

«Lembramos sempre com reconhecimento e saúde a simpática figura do Dr. Félix Alves

contrastava com o seu vasto saber e com o seu sentimento artístico, que muito dignificaram a ciência nacional; de Vergílio Correia<sup>(10)</sup>, arqueólogo, etnógrafo e historiador de arte distintíssimo, que honrou com a sua

Pereira, que, nas suas qualidades afectivas, podia irmanar-se com as de D. João da Câmara, e à qual só cumprimos um dever prestando-lhe justiça.» (*Alguns Subsídios para Uma Iconografia do Prof. Leite de Vasconcellos e do Seu Museu*, págs. 62-64, Lisboa, 1945).

O fecundo e variado labor científico do Dr. Félix Alves Pereira, nos diversos estudos que deu à estampa, distingue-se pela sua rigorosa objectividade, pelo profundo saber, pela vasta documentação que o abona, pela sólida erudição que o exorna, pela problemática que agitava e resolvia, e até pelo estilo claro, terso, elegante e límpido que o emoldura e que alicia o leitor interessado. Depois de Leite de Vasconcellos, foi o maior arqueólogo do seu tempo, o sábio que não só prestigiou a instituição que devotadamente serviu, senão também a ciência portuguesa.

Sobre o Dr. Félix Alves Pereira vejam-se as seguintes obras: Joaquim Fontes, *Félix Alves Pereira, 1865-1936*, nos *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, III, 21-28, Lisboa, 1937; Luís Chaves, *In Memoriam — F. Alves Pereira (1865-1936)*, in *Portucalé*, XI, 34-40, Porto, 1938; Mário Cardoso, *Félix Alves Pereira, Páginas Inéditas*, na *Revista de Guimarães*, XLVIII, 137-150 (1938); XLIX, 35-41 e 103-111 (1939); LI, 27-40 e 312-330 (1941); João Saavedra Machado, *Alguns Subsídios para Uma Iconografia do Prof. Leite de Vasconcellos e do Seu Museu*, separata de *Petrus Nonius*, vol. VI, Lisboa, 1945; João L. Saavedra Machado, *O Dr. Félix Alves Pereira e o Museu Etnológico do D.º Leite de Vasconcelos*, separata de *Ethnos*, vol. IV, Lisboa, 1965; e a *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, s. n.

<sup>(10)</sup> O Dr. Vergílio Correia (1888-1944) era bacharel formado em Direito e exerceu o cargo de conservador do Museu Etnológico Português de 1912 a 1915, de onde transitou para igual lugar do Museu de Arte Antiga, e daqui, em 1921, por honroso convite, para as funções de Professor de História de Arte e Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que lhe concedeu o título de doutor *honoris causa* em 1935. Foi também director do Museu de Machado de Castro, em que empreendeu notável obra de renovação e de ampliação. Pertenceu a várias colectividades científicas, a muitas comissões de estudo e participou em diversos congressos nacionais e internacionais.



Fig. 8 — Dr. Vergílio Correia

O Prof. Vergílio Correia deixou vasta e valiosa obra científica que abrange os campos da arqueologia, etnografia e história de arte, parte dela ao serviço do Museu Etnológico. Aqui se mencionam alguns dos seus estudos maiores e menores que bem documentam a sua intensa e inteligente actividade naqueles ramos do saber: *Igreja da Lourosa da Serra da Estrela*, 1912; *Velhos Teares do Concelho de Coimbra*, 1912; *Azulejos Datados*, 1912 (2.ª ed. — 1922); *Lisboa Pré-histórica: I, A Estação Neolítica dos Sete Moinhos. II, A Estação Neolítica de Vila Pouca (Monsanto). III, A Estação Neolítica da Cerca dos Jerónimos*, 1912-1913; *A Arte no Sal*, 1914; *Os Pesos de Tear*, 1914; *Ídolos Pré-históricos Tatuados de Portugal*, 1915; *As Cabanas da Assafarja*, 1915; *Arte Pré-histórica*, 1916; *Etnografia Artística. Notas de Etnografia Portuguesa e Italiana*, 1916; *Etno-*



Fig. 9 — Vista de parte do pavimento II do Museu Etnológico Português. (Antiga acomodação)

variada cultura e o seu prestígio a cátedra universitária; do numismata Manuel Joaquim de Campos<sup>(11)</sup>, de Luís Chaves<sup>(12)</sup>, do grande pintor Jorge Colaço<sup>(13)</sup>, que serviu o Museu Etnológico na qualidade de dese-

---

*grafia Artística*, 1916 (2.<sup>a</sup> ed. — 1937); *Monumentos e Esculturas*, 1919 (2.<sup>a</sup> ed. — 1924); *Arte e Arqueologia*, 1920; *A Pintura a Fresco em Portugal*, 1921; *Um Túmulo Renascença*, 1921; *El Neolítico de Pavia*, Madrid, 1921; *O Imaginário Francês Nicolau Chanterene na Inquisição*, 1922; *Sequeira em Roma*, 1923; *Lugares de Além. Azamor, Mazagão, Çafim*, 1923; *Artistas de Lamego*, 1923; *Vasco Fernandes, Mestre do Retábulo da Sé de Lamego*, 1924; *Três Túmulos*, 1924; *Pintores Portugueses dos Séculos XV e XVI*, 1924; *A Necrópole de Alcácer do Sal*, 1925-1930; *Livro dos Regimentos dos Oficiais Mecânicos da mui Nobre e sempre Leal Cidade de Lisboa (1572)*, Coimbra, 1926; *Batalha* (vários opúsculos), 1929-1931; *Alcobaça* (vários opúsculos), 1929-1931; *Obras Antigas da Universidade*, 1934; *Frescos*, 1937; *Coimbra e Arredores*, 1939; *A Romanização da Lusitânia*, 1940; *Notas de Arqueologia e Etnografia do Concelho de Coimbra*, 1940; *Santos Rocha, Fundador dum Museu*, 1941; *Conimbriga*, s. d.; etc., etc..

Além destes trabalhos, fundou e dirigiu as revistas *Terra Portuguesa* e *Arte e Arqueologia*, em que colaborou activamente, bem como em outros jornais e revistas. A Universidade de Coimbra pelas mãos do Prof. Joaquim de Carvalho e do ilustre historiador de arte P.<sup>o</sup> Nogueira Gonçalves, piedosamente reuniu, na sua colecção *Acta Universitatis Conimbrigenis*, a colectânea póstuma, *Obras* (três volumes, 1946-1949-1953), dos seus escritos dispersos por jornais e revistas. Também a sua Ex.<sup>ma</sup> Viúva, Sr.<sup>a</sup> D. Alice Correia, amorosamente deu a lume *A Arte em Coimbra*, 1949, e *Azulejos Datados*, (3.<sup>a</sup> ed. dos *Azulejos Datados*, juntamente com outros escritos sobre o mesmo assunto) 1956.

O labor científico do Dr. Vergílio Correia, nos diversos ramos que estudou, caracteriza-se pela profundidade do saber e pelo rigor do método que empregou. O cientista procurou partir sempre dos factos e dos documentos para poder alcançar conclusões seguras e estáveis. Temperamento de artista, que sempre revelou na sua prosa vibrátil e expressiva, aliado a um espírito de científico rigor, o Prof. Vergílio Correia confinou-se prudentemente na descrição objectiva dos factos verificados, sem se abalancar às grandes sínteses, por vezes falíveis na sua concepção teórica inicial total ou parcial. Os seus escritos lêem-se com aquele encanto que se desentranha de uma obra de ciência vazada em moldes de sedutora estese, e não somente ilustram o nome do seu autor, mas também valorizam altamente a cultura portuguesa.

Acerca do ilustre arqueólogo veja-se o artigo do Prof. Joaquim de Carvalho, da Universidade de Coimbra, *Dr. Vergílio Correia*, (na *Biblos*, XX, 610-618), reproduzido como introdução ao vol. I das referidas *Obras*; João Saavedra Machado, *Alguns Subsídios para a Iconografia do Professor Leite de Vasconcellos e do Seu Museu*, Lisboa, 1945; e *Enciclopédia Portuguesa*, s. n.

<sup>(11)</sup> Vide José Leite de Vasconcellos, *Manoel Joaquim de Campos*, in *O Archeologo Português*, vol. XIV, 250-255.

<sup>(12)</sup> Vide adiante a parte referente ao ano de 1931.

<sup>(13)</sup> Jorge Colaço (1868-†?) foi um notável artista que se dedicou à pintura, à caricatura e à composição decorativa de azulejos, em que foi exímio. Foi discípulo dos mestres espanhóis Larrocha, Alexandre Ferrand, e do francês Fernando Cormon, que muito o considerava. Foi director artístico do *Suplemento Humorístico de O Século* e colaborador de *O Dia*, do semanário *O Thalassa*, da revista *Fradique* e de muitos outros jornais. Foi premiado com a medalha de honra da exposição do Rio de Janeiro de 1908 e foi presidente da Direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes. A sua arte de azulejista, consagrada em Portugal em numerosos e conhecidos painéis em muitos edifícios, transpôs as fronteiras e encontra-se prestigiosamente

representada no palácio da Sociedade das Nações em Genebra, em Inglaterra, no Brasil, na Argentina, em Cuba e no Uruguai.

Exerceu o cargo de desenhador do Museu Etnológico, de 1902 a 1903, onde deixou obra de grande mérito. Da sua personalidade e da sua acção no exercício daquele lugar escreveu o pintor J. Saavedra Machado: «Seguindo a ordem cronológica, devemos falar em primeiro lugar dos desenhos de Jorge Colaço, ilustre artista que foi discípulo, em Paris, do grande pintor Cormon; concorreu com êxito a várias exposições de arte, do nosso e de outros países, e mais tarde havia de dedicar-se com brilho à pintura de azulejos. Este pintor, durante o pouco tempo em que trabalhou em Belém (1902-1903), enriqueceu a iconografia do Museu com uma série de trabalhos valiosos, especialmente os que desenhou à pena. São bastantes as dificuldades que apresenta êste género de trabalho, quando aplicado à interpretação de objectos de arqueologia e de etnografia artística, e também, principalmente, a outros mais difíceis labores de investigação científica, como sejam, por exemplo, os que dizem respeito à anatomia, à botânica, etc.. Só uma retina e mão experimentadas, aliadas aos conhecimentos das matérias, podem vencer tais dificuldades. Não raramente, a observação do artista tem de ser um pouco sacrificada à do cientista, quando este deseje fazer salientar determinada parte, ou partes, de um objecto, de uma planta, ou de um feixe muscular. Quantas vezes, onde o técnico julga ver, ao primeiro exame que faça a determinada peça, poucas dificuldades a vencer, quando inicia o seu desenho, vão elas depois surgindo e aumentando, à maneira que o cientista as vai fazendo notar no original, solicitando, quanto possível, que a peça a reproduzir, pouco perca da sua estética, e mantenha sempre o indispensável rigor científico? Uns simples traços de pena dados com intensidade demasiada sôbre algumas superfícies que deveriam ficar branda ou completamente iluminadas; o deixar envolvidos em sombra, ou apagados, certos relevos que haveria conveniência em fazer salientar; ou tratar demasiadamente de pormenores, que poderiam ser eliminados — são outras tantas faltas de observação, ou de experiência, que podem contribuir para desvalorizar, e até inutilizar qualquer reprodução que se pretenda conscienciosa.

Dadas tais dificuldades, como não admirar na iconografia do Museu, as boas reproduções das valiosas lucernas romanas de Beja, Torre d'Ares, e Aljustrel, que a pena delicada de Jorge Colaço conseguiu tratar com verdade e mestria, desde as linhas gerais, ou de construção, às mais pormenorizadas, e aos diferentes e bem achados valores de claro-escuro?

E que diferenças podemos encontrar, nos cuidados pormenores destas lucernas romanas, e nos das antepassadas mais remotas, de uma simplificação bárbara e descuidosa, a sugerirem-nos uma iluminação vacilante e rudimentar, alimentada por matérias gordas que eram queimadas lentamente?

Mas, onde a pena habilíssima de Jorge Colaço atinge maior domínio de técnica e de evocação, é nas excelentes reproduções dos vidros romanos de Mértola e de Pombalinho, nos desenhos que vão do n.º 245, ao n.º 254, da pág. 25 do album A. Os diversos cambiantes que parecem desprender-se d'esses vidros leves e frágeis, de uma transparência invulgar, têm os fulgores de uma beleza estranha e de cromatismo admirável, que vão desde o mimoso tom da pérola azulada aos tons vivos e claros de prata, e do ouro rubro e velinho. Ao vê-los, a nossa imaginação de artista moderno, transporta-se, enlevada, aos tempos da antiga Roma, às suas habitações luxuosas, aos seus balneários de mosaicos policrómicos, às câmaras de aparato que rodeavam o *atrium*, a todos êsses belos lugares onde lindas mulheres caminhavam suavemente e com elegância rara, envolvidas em amplas e compridas roupagens, cingidas por cintos recamados de pedras preciosas; o *pallium* sobreposto, envolvendo-lhes os corpos esculturais; os cabelos separados com bandas de sêda; as faces pintadas como as das divindades; as afusadas mãos estendidas, espargindo flores, ou encurvadas, a segurarem pequenos frascos de vidro, de que se evolvavam perfumes inebriantes.

Essa velha Roma dos capitéis e das colunas douradas, dos mármore coloridos e preciosos, dos opulentos e ruidosos festins, dos banquetes lautos e das iguarias delicadas, dos sorrisos e

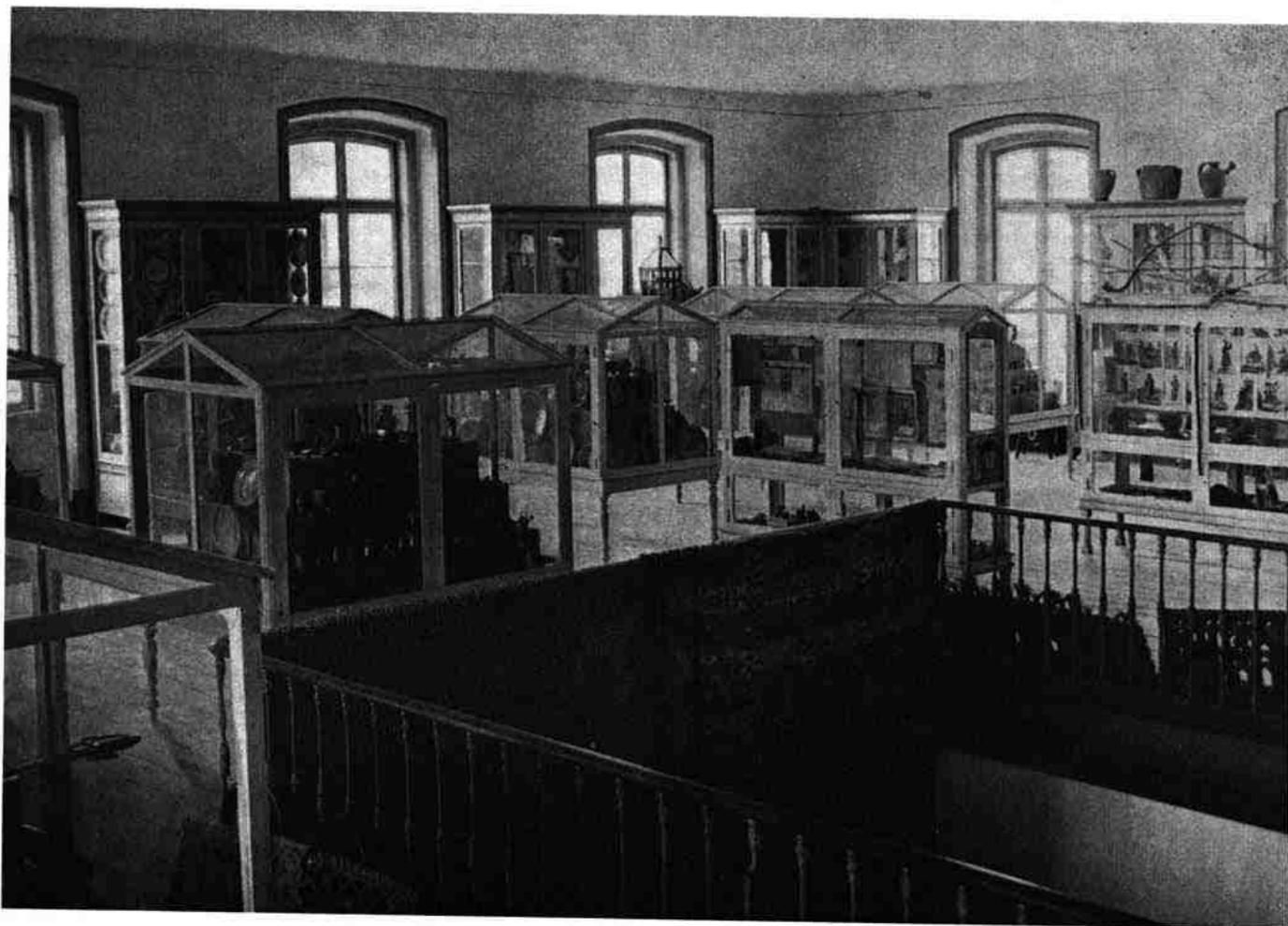


Fig. 10 — Sala de etnografia do Museu Etnológico Português. (Antiga acomodação)

nhador; do primoroso artista Guilherme Gameiro<sup>(14)</sup>, que deixou ali valiosas amostras do seu notável talento; do pintor João Saavedra Ma-

---

dos olhares perturbantes, parece que a vemos ressurgir, quando admiramos os pequenos e sugestivos desenhos à pena de Jorge Colaço, o ilustre artista que reproduziu os delicadíssimos vidros romanos de Mértola e de Pombalinho, e que, na sua especialidade, deram ao Museu Etnológico Português uma parte valiosa da sua iconografia.

Conhecemos pessoalmente Jorge Colaço muito tempo depois de termos saído do quadro de funcionários do Museu Etnográfico. Era êsse artista muito conhecido em Lisboa, onde se fazia notar, exteriormente, pela sua figura alta e aprumada, forte e um tanto aparatosa, de peito robusto e ombros largos. Trajava habitualmente de preto, e usava grande chapéu da mesma côr e de largas abas — uma delas sempre levantada, como que para melhor fazer salientar a fronte morena. Na face, avultavam uns olhos buliçosos e vivos, um nariz recurvo, e um bigode e uma pêra de mosqueteiro, ou de marroquino, para sermos mais precisos, pois Jorge Colaço nascera em Tânger. A indumentária do pintor completava-se com um grande laço à «Lavallière», um colete branco, na estação de verão, polainas vistosas, e uma bengala que trazia pendurada no braço direito.

Era um artista dotado de qualidades pessoais muito distintas, educado, culto, e um trabalhador infatigável. Possuía um coração de subido quilate, com rasgos de bondade e de generosidade pouco vulgares. Bastava-nos saber quanto êle fêz pelo seu antigo discípulo, o malogrado artista Guilherme Gameiro, para elevarmos a memória de Jorge Colaço na nessa melhor consideração.» (*Alguns Subsídios para a Iconografia do Prof. Leite de Vasconcellos e do Seu Museu*, págs. 32-36).

(14) Guilherme Gameiro (? - † 1912) exerceu o cargo de desenhador do Museu Etnológico Português de 1903 a 1909, ano em que deixou de o servir por motivo de doença mental de que veio a falecer em 1912 no Manicómio Miguel Bombarda. Era um primoroso desenhador e aquarelista cujas qualidades artísticas foram postas em relevo pelo seu sucessor no Museu, João Saavedra Machado, no estudo *Guilherme Gameiro e o Seu Labor Artístico*, (*O Archeologo Português*, XIX, 188-189), o qual ainda muito posteriormente evocou a figura do malogrado artista nestes termos:

«Entre as peças mais apreciáveis e representativas da iconografia do Museu Etnológico, devemos salientar algumas que são devidas aos lápis e aos pincéis do saudável artista Guilherme Gameiro.

Que admiráveis não são, por exemplo, as reproduções que êle fêz de dois aspectos de um dos famosos vasos gregos de Alcácer do Sal? Com poucas pinceladas de côr amarela, e de sépia reforçada a nanquim, hoje um tanto esmaecidas pelo tempo, o artista conseguiu dar luz, relêvo, e verdade, a êsse pequeno vaso grego, que rivaliza, na elegância sóbria das suas linhas, com a da formosa anfora panatenaica do Museu do Louvre.

E as aquarelas, excelentemente tratadas, que reproduzem as espadas, também de Alcácer do Sal; os desenhos à pena, de traço firme e seguro, com que interpretou as fíbulas de Pragança; e outros, de correcção soberba, com que representou as aras dos deuses da Lusitânia, onde como que se sente a pedra áspera?

E as reproduções dos machados de bronze das abas da Serra de Monte Muro, a do punhal de Pax Julia, e a da lança de Castro Laboreiro, que nos fazem evocar as trágicas lutas dos velhos tempos, em que o homem se entregava, impetuoso e louco, às funestas paixões do ódio e da violência?

E as foices de Mértola, e as lucernas de Cacela, — as primeiras recordando fecundos trabalhos agrários, cearas de ondulações caprichosas, ceifas abundantes; e, as segundas, a lem-

chado<sup>(15)</sup>, consagrado em certames de arte nacionais e internacionais, e de Francisco Valença, de que adiante se falará. Se passarmos agora à menção de estudiosos publicistas que com o Museu Etnológico de qualquer modo estiveram relacionados, nas suas publicações inseriram trabalhos, e noutras revistas e jornais revelaram a sua meritória actividade

---

brarem-nos luzes primitivas e brandas, que iluminaram lares desaparecidos, e rostos de expressão inquieta, ou concentrada?

Vão-nos acudindo com saúde, à memória, outros trabalhos d'este excelente artista: um delicado desenho a lápis (n.º 285 do álbum A), que representa uma bilhinha simpática e humilde; a reprodução de uma lápide do Museu de Évora; dois curiosos aspectos de uma doadora... E, do seu álbum pequeno (n.º 4), o esboço da página n.º 7, onde surge a figura do Prof. Leite de Vasconcellos no meio de respeitáveis antas... Não se olvidam o desenho aguarelado da página 9-A, do mesmo álbum, que reproduz um aspecto da linda casa do Sr. Marcos Bentes, de Beja, nem o desenho da página n.º 12 que mostra uma bela rótula de tijolo que havia no pátio da casa que mencionámos.

Quantos mais trabalhos eram de citar d'este consciencioso artista? Para êle a arqueologia e a etnografia não foram passatempos frívolos. Trabalhava para ambas dedicadamente. Compreendia que estas duas ciências podem conjugar-se e completar-se. O seu lápis, guiado pela intuição de uma inteligência clara, tanto se comprazia a desenhar pedras mutiladas e vetustas, colunas e capitéis de tempos idos, recortes de balcões e de velhos mosaicos, como a desenhar modernos aspectos de arquitectura rural, ou curiosos objectos populares dos nossos dias. Nos seus álbuns de apontamentos e de estudo aparecem às vezes, numa comunhão cheia de simplicidade e simpatia, homens, utensílios e animais, figuras de camponeses com trajos característicos, instrumentos úteis de lavoura, galos e galinhas depenicando nos eirados...

Guilherme Gameiro! Eis o nome de um distintíssimo desenhador etnógrafo, injustamente esquecido! Eis um artista que por mais de uma razão devemos fazer recordar, admirar e respeitar: — pelo muito que trabalhou para a iconografia do Museu, pelo merecimento dos trabalhos que produziu, e ainda pelo infortúnio da sua vida, pois tendo deixado o Museu em 1909, veio a falecer de doença cerebral, em Lisboa, no dia 13 de Novembro de 1912.

Não chegámos a conhecer, nem sequer de vista, Guilherme Gameiro. Só uma vez, muitos anos após o seu passamento, e não estando já nós há bastante tempo ao serviço do Museu, viemos casualmente a saber por Jorge Colaço, que primeiramente o encaminhara e fôra seu mestre, ter sido o malogrado artista dotado de boas qualidades pessoais, inteligente e trabalhador; de temperamento, umas vezes vivo e espírituoso, outras um pouco dado à melancolia. Anteriormente, o Prof. Leite de Vasconcellos também nos falara com simpatia e apreço de Guilherme Gameiro, recordando, sentidamente aquêlê artista e lamentando que o futuro dos funcionários técnicos do nosso país não seja, como devia, dos mais risonhos. As duas valiosas opiniões citadas àcerca de Guilherme Gameiro deixam-nos satisfeitos e de consciência tranqüila, não só por havermos prestado, há já anos, espontânea homenagem àqueles dois artistas, organizando o primeiro álbum do Museu, que guarda muitos dos seus trabalhos, como, também, a de hoje podermos relembra-los os seus nomes, e alguns dos seus labores, ao occuparmos-nos, resumidamente, nestes subsídios, da iconografia do antigo Museu Etnológico Português.» (*Alguns Subsídios para Uma Iconografia do Prof. Leite de Vasconcellos e do Seu Museu*, Lisboa, 1945, págs. 36-37).

(15) João Saavedra Machado (1887-1950) exerceu no Museu Etnológico Português, de 1912 a 1920, os cargos de preparador e desenhador, e depois o de conservador do Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa. Frequentou e concluiu com distinção um dos antigos

científica, encontraremos entre eles os *magna nomina* da cultura portuguesa contemporânea: filólogos da estirpe de Adolfo Coelho, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Gonçalves Viana, Vasconcelos de Abreu,

curso da Academia de Belas-Artes. Era personalidade complexa que cultivou os campos das artes e das letras: pintor, desenhador, escultor, poeta, dramaturgo, ensaísta, crítico e historiador de arte. Colaborou na *Paródia*, de Bordalo Pinheiro, no *Suplemento de «O Século», no Portugal*, na *Sátira*, no *Espectro*, na *Colecção Patrícia*, n' *O Archeologo Português*, no *Boletim de Etnografia*, na *Atlântida*, etc.; ilustrou muitos livros, entre eles diversos do Professor Leite de Vasconcelos, como as *Religiões da Lusitânia* (vol. III), a *História do Museu Etnológico Português*, *De Campolide a Melrose*, *Signum Salomonis*, *A Figa*, *Encabamento de Instrumentos de Pedra*, e muitos outros trabalhos menores e vários de Luís Chaves. Acompanhou muitas vezes aquele Professor nas suas deambulações pelo País e tomou parte em várias campanhas arqueológicas, como nas escavações de Santa Vitória do Ameixial (Alentejo), nas investigações de Idanha-a-Velha, etc. Foi director artístico da revista *Alma Nova* (1916-1928), organizou uma exposição de arte promovida por esta revista em 1917 no salão de S. Carlos (Lisboa), e dirigiu a parte artística do *In Memoriam* de Camilo (1925). Foi sócio efectivo da Sociedade Nacional de Belas-Artes e fez parte do Grupo de Amigos do Museu de Arte Antiga e do Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Fez uma exposição individual no salão de *O Século*, em Lisboa (1911), concorreu a muitas exposições nacionais e estrangeiras, recebeu várias medalhas da Sociedade Nacional de Belas Artes e da Exposição Internacional do Rio de Janeiro (1922-1923); vários quadros seus figuram em museus portugueses. Era desenhador e retratista exímio, que representou numerosas personalidades de intelectuais, artistas, etc..

No campo das letras, organizou em Lisboa o Grupo Dramático Guerra Junqueiro (1908), escreveu várias peças de teatro, como a *Madrugada*, *A Russa*, etc., todas representadas em teatros de amadores. Além disso deixou publicados diversos estudos, como *Guilherme Gameiro e o Seu Labor Artístico* n' *O Archeologo Português*, XIX (1914); *Artistas de Portugal — Subsídios para a História da Arte Portuguesa Contemporânea*, na *Alma Nova*, I, II e III vols. (1916-1917); *Arte — Exposições*, ibidem, IV (1924); *Vida Artística — Exposições*, ibidem, (1925); *Uma Exposição de Arte de José Joaquim Ramos*, ibidem, V (1928); *O Dr. António Aurélio da Costa Ferreira. O Homem e o Artista*, no *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, vol. VIII, Lisboa, 1923; *Algumas Impressões acerca da Iconografia de Camilo*, no *In Memoriam de Camilo*, Lisboa, 1925; *Documentos. Mais alguns Retratos e Correspondência do Dr. António Aurélio da Costa Ferreira*, no *Arq. de Anat. e Antropologia*, vol. XI, Lisboa, 1927-1928; *Perfil* no *In Memoriam de Teófilo Braga*, Lisboa, 1929; *O Desenho e as Mulheres no Labor Artístico de Rafael Bordalo*, no número XXXI da colecção «Subsídios para a História da Arte Portuguesa», Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934; *Alguns Subsídios para Uma Iconografia do Prof. Leite de Vasconcelos e do Seu Museu (1912-1920)*, no *Petrus Nonius*, vol. VI, Lisboa, 1943. Quando faleceu tinha entre mãos mais os seguintes trabalhos: *Artistas e Recordações de Portugal*, *O Desenho e as Crianças*, *Iconografia do Prof. Adolfo Coelho*.



Fig. 11 — João Saavedra Machado

Júlio Moreira, José Joaquim Nunes, Rodrigues Lapa, Carlos Simões Ventura, David Lopes, Pedro de Azevedo, Sebastião Rodolfo Dalgado, Joaquim da Silveira, João da Silva Correia, Cláudio Basto, José Maria Adrião, Gomes de Brito, Oscar de Pratt, etc., etc.; arqueólogos como Gabriel Pereira, Joaquim Fontes, Marques da Costa, Albano Belino, abade de Baçal, etc., etc.; etnógrafos e folcloristas, como Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Cláudio Basto, A. C. Pires de Lima, F. de C. Pires de Lima, D. Maria Angélica Furtado de Mendonça, Tomás Pires, Cardoso Marta, Joaquim Manuel Correia, A. Gomes Pereira, P.<sup>o</sup> Cunha Brito, Bernardino Barbosa, P.<sup>o</sup> José Augusto Tavares, etc., etc.; antropólogos, como António Aurélio da Costa Ferreira, Bettencourt Ferreira, Santos Júnior, Santana Marques, etc., etc.; historiadores como Gama Barros, Sousa Viterbo, Luís de Pina, Braamcamp Freire, Frazão de Vasconcelos, Paulo Mereia, Armando de Matos, etc., etc..

\*

\*      \*

O incremento do Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos deve-se principalmente à esclarecida e diligente direcção do seu criador, e depois ao seu continuador, o Prof. Doutor Manuel Heleno. Mas a sua acção e a dos Institutos que nele funcionam seria improfícua se não tivesse a patrocina-la, ampará-la e a financiá-la o Governo da Nação e instituições culturais, como por exemplo o Instituto de Alta Cultura e a Fundação Calouste Gulbenkian.

No primeiro caso, permitimo-nos evidenciar Sua Excelência o Presidente do Conselho, Prof. Doutor Oliveira Salazar, cultíssimos ministros e outros altos funcionários, como se disse, e justo é que aqui se lembrem, reconhecidamente, os seus ilustres nomes. Avultam entre os primeiros, Manuel Francisco de Vargas, Sobral Cid, A. Aurélio da Costa Ferreira, Gustavo Cordeiro Ramos, Eusébio Tamagnini, etc., etc.; entre os segundos sobressaem Ângelo da Fonseca, Queirós Veloso, João Pereira Dias, etc., etc., e o actual director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, Dr. João de Almeida, que aos assuntos do Museu tem dispensado a sua lúcida compreensão e o seu desvelado carinho.

Pelo que diz respeito às instituições de cultura seja-nos permitido salientar de novo a acção do Prof. Doutor Gustavo Cordeiro Ramos, agora

como presidente do Instituto de Alta Cultura, o patrocínio dado ao Centro de Estudos Arqueológicos e ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, e a do Dr. Azeredo Perdigão, como presidente da Fundação Calouste Gulbenkian.

\*

\*      \*

Com a aposentação do Prof. Doutor Leite de Vasconcellos, em 1929<sup>(16)</sup>, assumiu a direcção científica e administrativa do Museu o antigo conservador<sup>(17)</sup>, Doutor Manuel Heleno<sup>(18)</sup>, seu discípulo dilecto e sucessor nas cadeiras de Numismática<sup>(19)</sup> e de Arqueologia<sup>(20)</sup> da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, cargo que exerceu desde então.

Sobre a actividade investigadora de Manuel Heleno (Fig. 12), no campo da arqueologia e noutros, depuseram testemunhas insuspeitas: mestre Leite de Vasconcellos, que escreveu: «Manuel Heleno, se bem

---

(16) Por decreto de 27 de Abril de 1929, publicado no *Diário do Governo* de 25 de Maio do mesmo ano, o Doutor Manuel Heleno é nomeado director interino, cargo que passou a desempenhar definitivamente por decreto de 13 de Agosto de 1930, inserido no *Diário do Governo* de 16 de Agosto daquele ano.

(17) O Dr. Manuel Heleno foi nomeado, mediante concurso, conservador do Museu Etnológico, por decreto de 30 de Julho de 1921, publicado no *Diário do Governo*, n.º 183, II série, de 12 de Agosto daquele ano, tendo tomado posse no dia imediato. Dentre as múltiplas actividades que desempenhou no referido cargo, sobressaem a remodelação do extinto gabinete de fotografia e a instalação da antiga sala de etnografia (Fig. 10), etc.. Luís Saavedra Machado, meu Pai, hoje professor liceal e então preparador do Museu Etnológico (1918-1928), fez o catálogo daquela secção.

(18) Manuel Heleno, *Nova Organização do Museu*, in *O Archeologo Português*, vol. XXIX, Lisboa, Imprensa Nacional, 1933, págs. 209-218; *Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*, in *O Arch. Port.*, XXIX, 1-2; etc.. Já desde 1914 que os assuntos arqueológicos vinham interessando ao então estudante Manuel Heleno, que em 1918 deu a lume no jornal *O Mensageiro*, de Leiria, vários escritos sobre antiguidades de Monte Real (V. *O Mensageiro* de 4/7/1918, 18/7/1918, 30/8/1918, etc.).

(19) Manuel Heleno, *Museu Numismático da Casa da Moeda*, in *O Arch. Port.*, XXVI, 1923, págs. 343-345; *Do Estudo e Origem da Moeda—Lição de Abertura da Cadeira de Numismática*, Lisboa, Tipografia do Anuário Comercial, 1924; etc..

(20) Manuel Heleno, *Cartilhac e a Arqueologia Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1922; *Lição Inaugural da Cadeira de Arqueologia (Ano Lectivo de 1926-1927)*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1930 (Sep. de *O Arch. Port.*, XXVII); *Arquivo da Arqueologia Portuguesa*, in *O Arch. Port.*, XXIX, págs. 253-274; *Homenagem ao Prof. Dr. José Leite de Vasconcelos*, in *Revista da Faculdade de Letras*, Universidade de Lisboa, 1942; etc..

que se dedique especialmente á arqueologia e á história, conta incluir também na esfera da sua actividade scientifica a etnografia portuguesa, de que já deu espécimes nas *Antiguidades de Monte Real*, e de que a obra que está imprimindo, *Os Escravos em Portugal*, virá sem dúvida a constituir poderoso esteio, pois o estudo da escravidão tem cabimento em muitas secções de etnografia: no origem do povo, na vida da família, na vida social. Da mencionada obra sei por ora só o título, mas,



Fig. 12 — O Prof. Manuel Heleno, 2.º director do Museu

julgando dos méritos do autor, não ponho dúvida em dizer o que digo.»<sup>(21)</sup>. E continua depois: «... actual director efectivo do Museu Etnológico, ... de 1931 a 1939 empreendeu com grande zelo e capacidade extensas e metódicas escavações arqueológicas, destinadas a enriquecer o Museu e fazer adiantar a etnologia, ao mesmo tempo que obtinha, com igual intuito, por compras e dádivas, muitos objectos de valia respeitantes ao nosso passado. De uma concisa lista que, a meu pedido, me deu do produto da sua actividade científica em prol do Museu, extraio as seguintes informações:

A) *Estações da época da pedra lascada* (inclusive o chamado «Mesolítico»): 1) Tróia (Setúbal); 2) Santo Amaro de Oeiras; 3) Estrada de Benfica; 4) Carenque; 5) Rio Maior (4 estações, nas quais se conta um abrigo que vai do paleolítico superior à

<sup>(21)</sup> Cfr. *Etnografia Portuguesa*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1933, pág. 323, nota 4. Leite de Vasconcellos refere-se ao vol. I da obra *Os Escravos em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Empresa do Anuário Comercial, 1933.

Efectivamente, o Prof. Manuel Heleno tem cultivado outros ramos do saber: *Portugal e a Civilização*, in *Liz*, Quinzenário Académico de Leiria, n.º 6, ano 1.º, de 6 de Maio de 1913:

época lusitano-romana). B) *Estações da época da pedra polida* (neolítico e calcolítico): 1) Grutas naturais da Amoreira de Óbidos e Rio Maior; 2) Ruínas de povoações em Rio Maior, Carenque, Montemor-o-Novo e Évora; 3) Chãos de Cabanas do Lavre e Rio Maior; 4) Abrigos de Rio Maior; 5) Centenas de dólmenes nos concelhos de Montemor-o-Novo, Coruche, Arraiolos e Estremoz; 6) Necrópole das Baútas (Carenque), Lapas (Torres Novas) e Famalicão (Nazaré); 7) Grutas artificiais de Carenque e da Ermegeira; 8) Arte rupestre (pinturas em dólmenes). C) *Bronze*: 1) Achados avulsos, no Alentejo, Rio Maior e Minho; 2) Cistas do Lavre; 3) Santuário do Alentejo (com gravuras); 4) Abrigo de Rio Maior; 5) Gravuras de Ribeira de Pena; 6) Jóias. D) *Ferro*: 1) Rio Maior (vestígios); 2) Necrópole de Vila Nova de Milfontes; 3) Várias jóias, dentre as quais avulta o tesouro de Baião; 4) Inscrições ibéricas do Algarve; 5) Guerreiros lusitanos (aquisição de duas estátuas). E) *Época lusitano-romana*: 1) Cemitério da Silveirona (Estremoz); 2) Sepulturas de Montemor-o-Novo. F) *Época Árábica*: 1) aquisição duma inscrição; 2) Cerâmica. E a cada passo o Dr. Heleno me fala de circunstanciados relatórios (plantas de dólmenes, fotografias, etc.) que tem escrito das suas investigações e conserva inéditos. Se eu agora insistir em notar, por exemplo, que o Paleolítico superior [*O Problema Capsense; Contribuição Portuguesa para a Sua Revisão*, Lisboa, 1944: defende a origem europeia do Paleolítico superior.], de que, por enquanto, segundo já dissemos, se conhece pouco, está óptimamente representado nas escavações de Rio Maior, e que o Dr. Heleno desenterrou, por vários pontos de Portugal, enorme quantidade de crânios e ossadas de diversas épocas

---

*A Geografia no Ensino Secundário*, Lisboa, 1919; *O Reguengo de Vimar*, in *O Arch. Port.*, XXVI, 1923, págs. 331-341; *Bibliografia*, in *O Arch. Port.*, XXVI, 1923, págs. 345-348; *Necrologia* — José Ferreira Braga, in *O Arch. Port.*, XXVI, 1923, págs. 348-349; *Colaboração Portuguesa nos Descobrimientos Náuticos das Outras Nações*, Lisboa, 1932; *Os Descobrimientos Marítimos dos Portugueses e os Progressos da Geografia*, Lisboa, 1933; *O Descobrimento da América*, Lisboa, 1933; *Subsídios para o Estudo da Regência de D. Pedro, Duque de Coimbra*, Lisboa, 1933; *Os Portugueses no Congo: Duarte Lopes*, Lisboa, 1933; *Prefação* à obra de Frazão de Vasconcelos, *Pilotos das Navegações Portuguesas dos Séculos XVI e XVII*, Lisboa, 1942; *Elogio do Professor Doutor J. M. Queirós Veloso*, Lisboa, Scarpa Lda., 1958 (Publicação da Academia Portuguesa de História); *Elogio dos Drs. Panduronga Pissurlencar e Serafim da Silva Neto*, in *Homenagem ao Infante D. Henrique (Arquivos da Universidade de Lisboa, XIX, I da nova série)*, Lisboa, Tip. da E. N. P., 1960, págs. 163-174; *Elogio da Ciência*, oração de sapiência proferida no dia da abertura solene da Universidade de Lisboa, em 1964 (no prelo); etc..

(dólmenes, grutas, calcolítico, necrópoles do tempo dos Romanos e dos Germanos), adivinha-se que multiplicidade de maravilhas advirá à nossa arqueologia e antropologia e de que elementos se disporá para a solução de certos problemas especiais, como: princípio e classificação dos nossos dólmenes, melhor apreciação dos chapões de lousa, etc. Tanto a respeito do Museu de Belém como de outros... é de desejar que, logo que seja possível, venham a lume desenvolvidas monografias que se lhes apliquem, as quais poderão modificar ideias hoje correntes e suscitar outras de largo alcance histórico. Seria, por consequência, imaturo querer deslindar desde já a origem dos Portugueses, no que tange principalmente a velhos tempos, isto é, até os Germanos. Entretanto aguardemos, ou aguardem os vindouros. Quanto ao Dr. Heleno, cf. prometedoras amostras dadas por ele à estampa num opúsculo intitulado *Carenque*, Lisboa, 1933, repleto de novidades pré-históricas ; *Instrumentos Neolíticos de Grande Comprimento*, 1933 (separata do AP); interpretação definitiva de um «bocado» de lousa, no DN de 5/IX/1937; «Jóias de Ouro Pré-romanas», 1.<sup>a</sup> parte, no *Ethnos*, I, 229; *Os Escravos em Portugal*, vol. I, 1933, onde se ocupa da escravidão lusitano-romana e medieval. Para não falarmos de miudezas aparecidas a lume no *Bol. do Instituto Português de Arqueologia, Hist. e Etnografia*, no *Ethnos*, revista do mesmo Instituto, e em jornais comuns, as quais consistem em resumos de comunicações feitas pelo nosso A. àquele Instituto em sessões do mesmo.»<sup>(22)</sup>.

O Professor da Universidade de Madrid, Hugo Obermaier, um dos maiores arqueólogos contemporâneos: «... Les collections du Musée, surtout les nouveaux matériaux scientifiques de Mr. Heleno, sont vraiment extraordinaires. Je félicite le Musée du Belem, de son directeur! C'est un savant bien consciencieux, très actif et sérieux, comme j'en ai trouvé peu dans mes nombreux voyages en Europe. Mr. Heleno sera un digne successeur du grand maître, dont le nom reste, pour toujours, attaché à sa grande fondation!... Mr. Heleno me paraît assez chargé, et il faut lui donner aussi du temps, pour préparer ses publications, etc...»<sup>(23)</sup>.

<sup>(22)</sup> *Etnografia Portuguesa*, vol. IV, Lisboa, Imprensa Nacional, 1958, págs. 14-16 (Elaborado segundo os materiais do Autor, ampliados com nova informação por M. Viegas Guerreiro; Notícia introdutória, notas e conclusões de Orlando Ribeiro).

<sup>(23)</sup> Carta do Prof. Hugo Obermaier ao Prof. Leite de Vasconcellos, datada de 6 de Abril de 1934. Posteriormente, a actividade do Prof. Manuel Heleno teve de se repartir por outras

O Prof. Abbé H. Breuil, do Instituto de França, professor honorário do Colégio de França e Doutor «honoris causa» pela Universidade de Lisboa, e o maior especialista do paleolítico superior, escreveu: «Je viens de passer ici (Musée de Belem) d'inoubliables journées à analyser les innombrables récoltes de Paleolithique supérieur recueillies avec soin par le Professeur Manuel Heleno, dont la masse et la variété reforment complètement les perspectives de la péninsule Ibérique à cette époque, avec ses stations aurignaciennes, perigordiennes y solutriennes, voire magdaléniennes et passant au mésolithique...»<sup>(24)</sup>.

O Prof. Abbé Jean Roche, notável especialista do mesolítico: «Je tiens à remercier chaleureusement Monsieur le Professeur Manuel Heleno pour l'accueil si bienveillant qu'il a bien voulu toujours me réserver au Musée de Belem. Ses collections de stations datant du Paleolithique Supérieur avec transition au Mesolithique sont d'un très grand intérêt pour nos connaissances au sujet de cette époque de la peninsule Iberique — Recueillies avec le plus grand soin, elles sont, très précieuses et très instructives pour le visiteur étranger.»<sup>(25)</sup>.

Os Doutores Georg e Vera Leisner, dois dos maiores especialistas do neolítico e da cultura dolmênica em particular, depuseram: «No decurso de mais de vinte anos, podemos, pela amável complacência do Professor Manuel Heleno, director do Museu Etnológico, estudar as colecções daquele Museu: uma fonte inesgotável para o conhecimento do neolítico e do eneolítico português, colecções essas da máxima importância não só para a história de Portugal, mas também, pelos impulsos culturais saídos da costa atlântica, para os círculos mais vastos das culturas pré-históricas europeias. Entre os materiais daquela época guardados no Museu Etnológico, sobressaem, pela sua importância científica, aqueles das próprias investigações do Professor Manuel Heleno em grutas e dólmenes da Estremadura e do Alentejo, reunidos por ele, em trabalhos infatigáveis durante decénios. Estas escavações, que abrangem centenas de sepulturas e que foram as primeiras executadas rigorosamente conforme as exigências e os métodos da ciência moderna, proporcionaram ao Prof. Heleno o conhecimento do

---

funções, como por exemplo as de director da Faculdade de Letras de Lisboa, cargo que exerceu de 1959 até à sua aposentação (11/XI/1964).

<sup>(24)</sup> *Livro de Honra* do Museu Etnológico (Doc. de 26/II/1957).

<sup>(25)</sup> *Livro de Honra* do Museu Etnológico (Doc. s. d.).

quadro cultural daquela época na sua totalidade. Com todos os seus amigos queremos exprimir as nossas mais sinceras felicitações pelo êxito obtido neste campo de investigação e, simultâneamente, o desejo que o Prof. Heleno, sendo ele o único cientista apto de nos dar os resultados do seu trabalho e os seus pensamentos acerca dos mesmos, tenha, brevemente, a possibilidade de redigir uma publicação integral, esperada com impaciência pela ciência pré-histórica.»<sup>(26)</sup>.

O Prof. Scarlat Lambrino, especialista da época romana e notável epigrafista, refere: «Je connais les collections archéologiques du Musée Leite de Vasconcelos, mais je tiens surtout à mettre en relief le considérable enrichissement de ces collections, grâce aux fouilles heureuses que Monsieur Manuel Heleno, l'actuel Directeur, a effectuées à Troia, à Torre de Palma et à Silveirona, entre autres. Les monuments de Troia sont les témoignages de premier ordre sur la vie romaine dans un des ports antiques du Portugal, l'unique que l'on ait pu fouiller et étudier méthodiquement. Le grand édifice de Torre de Palma est, parmi les villes romaines du pays, la seule ayant de vastes proportions, mise au jour avec soin et minutie et qui nous informe d'une manière pertinente sur la vie des grands seigneurs, propriétaires agricoles de Lusitanie; ses mosaïques, par leurs sujets et leur beauté, se placent au premier rang parmi les monuments de cette sorte du Musée et de la Péninsule. Enfin, Silveirona avec ses cimetières romain et wisigothique, a fourni une collection importante de monuments où se reflète la vie romaine aux derniers siècles de l'empire et sous la domination barbare. Il serait très souhaitable que Monsieur Manuel Heleno qui a eu le mérite de les mettre au jour, ait les moyens matériels nécessaires pour les publier d'une manière digne dans un avenir aussi proche que possible. Il pourra ainsi répandre dans le monde savant international la connaissance de ces monuments de valeur qui font honneur à l'archéologie portugaise. Ils lui permettront également de tracer un tableau infiniment plus complet, plus détaillé et plus vivant de la vie romaine en Lusitanie; l'histoire de la vie provinciale dans l'empire romain en tirera le plus grand profit.»<sup>(27)</sup>.

---

<sup>(26)</sup> *Livro de Honra do Museu Etnológico* (Doc. de 5/III/1957).

<sup>(27)</sup> *Livro de Honra do Museu Etnológico* (Doc. s. d.).

O Dr. Fernando Castelo-Branco, distinto investigador: «É esse o caso do *Museu Etnológico*, ... Na Direcção..., sucedeu a Leite de Vasconcelos o Prof. Manuel Heleno. A sua actividade vai ser orientada por dois objectivos imediatos — o de preencher as importantes lacunas existentes na nossa pré-história, e o de ampliar o conhecimento dessas épocas longínquas de maneira a conseguir-se a sua sistematização em bases autónomas. Em última análise, toda a actividade do Prof. Heleno visa encontrar as origens do povo português. Com esse objectivo, tem empreendido vastas e importantíssimas pesquisas, efectuadas especialmente na Estremadura, Ribatejo e Alentejo, abarcando todas as épocas, desde o paleolítico antigo ao período visigótico. As principais até agora realizadas foram as seguintes: *Paleolítico antigo*: Deste período, de que tinham sido assinaladas poucas estações, foi determinada a existência de muitas outras nos concelhos de Torres Vedras, Óbidos, Caldas da Rainha, Leiria, Rio Maior, etc. *Paleolítico superior*: De existência duvidosa, considerava-se quando muito um reflexo dos povos do Norte de África. As explorações efectuadas por iniciativa do Prof. Heleno em Cambelas (Torres Vedras) e Rio Maior, reuniram vastos materiais desse período e provaram a origem europeia dessas indústrias. *Mesolítico*: Desta época conheciam-se apenas os concheiros de Muge e supunha-se terem uma origem capsense. A exploração de diversos abrigos da mesma época em Rio Maior e dos concheiros do vale do Sado, alargaram o conhecimento acerca deste período da pré-história portuguesa e demonstraram a sua filiação no grimaldense de Rio Maior. *Neolítico*: Pouco havia sido até agora estudado do neolítico puro. Escavações levadas a cabo durante dez anos no Alentejo, revelaram os dólmenes primitivos do neolítico e a sua evolução até aos dólmenes de câmara e corredor e serviram de fundamento à tese do Prof. Heleno sobre a originalidade da cultura dolménica portuguesa. Desse mesmo período explorou também uma povoação nas Bocas de Rio Maior. *Eneolítico*: Explorou as grutas de Carenque, da quinta das Lapas, Ermegeira, Casal das Lapas e ainda duas grutas, também artificiais no concelho das Caldas da Rainha. Promoveu ainda escavações nas grutas de Rio Maior, tendo encontrado aí uma confirmação da sua teoria sobre a evolução dos dólmenes. *Bronze*: Explorou o castro de S. Bernardo (Moura) e adquiriu para o Museu Etnológico preciosas jóias. O número de peças do tesouro do Museu que era de 150, à data da sua nomeação, ascende hoje a 600. *Ferro*: Sendo

desconhecidos os castros do Sul do País, explorou dois: Vaiamonte (Monforte) e Azougada, que lhe proporcionaram preciosos elementos para o estudo deste período. *Época Romana*: Para obter conhecimentos da vida rural na época romana, explorou a vila de Torre de Palma, completando esse estudo com as pesquisas em curso num porto do mesmo período (Tróia, Setúbal). A necrópole aí explorada estende-se desde o século II até aos princípios da Idade Média. Também aí explorou as ruínas dumas termas e duma fábrica de conservas. *Época Visigótica*: Explorou o cemitério de Silveirona, que forneceu valioso material osteológico, e diversas inscrições do século VI. Esta súpula das actividades do Prof. Heleno, apesar de incompleta, revela bem a extensão e a importância das suas pesquisas.»<sup>(28)</sup>.

O Dr. António Manuel Gonçalves, actual e ilustre director do Museu de Aveiro, referindo-se às explorações e escavações do Museu Etnológico: «Estas campanhas e missões, revestindo uma actividade permanente e vital do Museu, marcam o ritmo impressionante do seu crescimento. Alargadas em intensidade, extensão e rigor científico — quer orientadas pelo fundador ou efectuadas pelos seus colaboradores, quer mais tarde continuadas pelo seu responsável e fiel sucessor — guindaram o estabelecimento de Belém à posição do mais importante repositório do seu género na península ibérica e um dos mais valiosos da Europa.»<sup>(29)</sup>.

Finalmente, também no campo da numismática a actividade do Prof. Manuel Heleno é assinalada com eloquência: «Aunque en nuestros medios numismáticos no sea conocida como debiera la personalidad del ilustre professor, debido principalmente a que su dedicación primordial ha sido la Arqueología y la Prehistoria lusitanas, no obstante queremos resaltar los conocimientos que ha acreditado en esta materia y muy especialmente su labor en la importante y singular colección de monedas del Museo Etnológico Leite de Vasconcelos, del que es director desde hace treinta y cinco años. Figura preeminente en la Arqueología, por sus trabajos y publicaciones acerca de los orígenes de Portugal, se interesó siempre por las teorías más nuevas en este campo, logrando imprimir

---

<sup>(28)</sup> *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão (V. *Arqueologia Portuguesa*, pág. 196 e segs.).

<sup>(29)</sup> *O Museólogo José Leite de Vasconcellos*, Lisboa, 1959, pág. 50.

un notable avance a estos estudios en el país hermano. Sus puntos de vista acerca de las primitivas culturas lusitanas, y en particular sobre la sistematización de la cultura megalítica peninsular, ha creado ya escuela, especialmente entre los investigadores centroeuropeus...»<sup>(30)</sup>.

Estas referências de altas e idóneas competências, por desinteressadas e objectivas, constituem insuspeito veredicto que factos insofismáveis documentam e confirmam. Se bem que boa parte dos resultados da sua actividade científica se conserve inédita, tem várias vezes dado a conhecê-los aos seus alunos através da cátedra<sup>(31)</sup>, aos seus mais próximos colaboradores, a especialistas, em relatos dispersos pela imprensa<sup>(32)</sup> e em numerosas entrevistas que tem concedido<sup>(33)</sup>. Muitas investigações no campo, cujo «espólio colhido foi importantíssimo em qualidade e quantidade»<sup>(34)</sup>, foram realizadas com excelentes resultados que muito contribuem para a ampliação e o preenchimento de importantes lacunas das colecções arqueológicas e etnográficas do Museu Etnológico, e são uma fonte de conhecimento dos períodos do nosso passado anteriores à fundação da nossa nacionalidade, da qual se têm servido vários especialistas nacionais e estrangeiros. Afora os materiais novos por aquele processo obtidos para o Museu, outros vieram enriquecê-lo: numerosíssimas aquisições por compras e dádivas de colecções e de objectos arqueológicos<sup>(35)</sup>, etnográficas

<sup>(30)</sup> Cfr. secção *Información* da revista *Nvmisma*, Año XV — NVM, 72, Enero-Febrero, Ed. da Sociedad Ibero-Americana de Estudios Nvmismaticos, 1965, pág. 49.

<sup>(31)</sup> V. *O Arqueólogo Português*, nova série, vol. III, 1956, págs. 136, n. 1 e 170, n. 4; etc..

<sup>(32)</sup> *Diário de Notícias*, n.º 24 062, de 27 de Janeiro de 1933; *Diário de Notícias*, n.º 24 066, de 31 de Janeiro de 1933; *Diário de Notícias*, n.º 24 492, de 11 de Abril de 1934; *A Voz*, n.º 3761, ano XI, de 14 de Agosto de 1937; *Diário de Notícias*, n.º 25 703, de 26 de Agosto de 1937; *Diário de Notícias*, n.º 25 717, de 9 de Setembro de 1937; *O Século* de 26 de Março de 1947; *Diário de Notícias* de 31 de Março de 1947; *Democracia do Sul* de 3 de Abril de 1947; *Distrito de Portalegre* de 19 de Julho de 1947; *Diário de Iucatan* (México) de 9 de Agosto de 1947; *Diário da Manhã*, n.º 9766, de 20 de Novembro de 1955; *A Voz*, n.º 10 275, de 23 de Novembro de 1955; *Diário da Manhã*, n.º 9766, de 25 de Agosto de 1958; *Diário de Notícias* de 12 de Outubro de 1959; etc., etc..

<sup>(33)</sup> *Diário de Notícias*, n.º 23 762, de 28 de Março de 1932; *Diário da Manhã*, n.º 6718, de 29 de Janeiro de 1950; *Cartaz* de 15 de Novembro de 1955; etc., etc..

<sup>(34)</sup> *Ethnos*, vol. I, Lisboa, 1935, pág. 307.

<sup>(35)</sup> *Extensão Cultural do Museu Etnológico*, in *O Arqueólogo Português*, vol. II, nova série, Lisboa, 1953, págs. 292-295; *Boletim do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*, Lisboa, 1935, pág. 32; etc..

ficos<sup>(36)</sup>, antropológicos e outros [jóias<sup>(37)</sup>, tesouros<sup>(38)</sup>, mosaicos<sup>(39)</sup>, espólios de grutas<sup>(40)</sup>, lúnulas<sup>(41)</sup>, sarcófagos<sup>(42)</sup>, lápides, aras<sup>(43)</sup>, inscrições<sup>(44)</sup>, insculpturas, artefactos, moedas<sup>(45)</sup> e medalhas, etc., etc.<sup>(46)</sup>].

Além desta actividade pròpriamente de ordem técnica especial, outras se desenvolveram de extensão cultural pròpriamente dita.

Assim, a biblioteca adquiriu, por compra, permuta ou oferta, numerosíssimas espécies bibliográficas de variados ramos do saber (livros, folhetos, revistas, catálogos, manuscritos, etc., etc.): pré-história, arqueologia, epigrafia, antropologia, etnografia, numismática, medalhística, história de arte, filologia, etc.. Privativa, como é, do Museu, está contudo, como sempre esteve, à disposição de todos os estudiosos, nacionais e estrangeiros que a queiram utilizar, e numerosíssimos têm sido os seus frequentadores, incluindo-se entre eles especialistas, conservadores estagiários e estudantes de Lisboa e Coimbra que preparam as suas teses sobre Pré-História, Arqueologia, Etnografia, Epigrafia, Antropologia, História de Arte, etc..

(36) Se bem que o Prof. Doutor Manuel Heleno se dedique especialmente à Arqueologia, muito incentivo tem dado aos estudos etnográficos (V. de Manuel Heleno, a *Prefação* à obra de Olympio Duarte Alves, *Monte Real (Costumes e Tradições das Terras de Ulmar)*, Leiria, Gráfica de Leiria, 1934). Com efeito, a brilhante actividade etnográfica do conservador Luís Chaves, foi sempre acarinhada pelo Prof. Manuel Heleno, que assim conseguiu que o Museu Etnológico desse valiosa, coordenada e completa contribuição à etnografia portuguesa.

(37) Manuel Heleno, *Jóias Pré-Romanas*, in *Ethnos*, I, 1935, págs. 229-257; etc..

(38) Manuel Heleno, *O Tesouro da Borracheira*, Lisboa, s. d. (Sep. de *O Arq. Port.*, n. s., II, 1953, págs. 213-226); etc..

(39) Manuel Heleno, *Notas sobre Algumas Estações da Época Lusitano-Romana*, in *O Arqueólogo Português*, n. s., vol. II, págs. 257-260, com a nota final de que «continua»; A «*Villa*» Lusitano-Romana de Torre de Palma, comunicação apresentada à Academia Portuguesa de História em sessão de 18 de Novembro de 1955, extractada no seu *Boletim* de 1955, págs. 75-76, e de que foi dada notícia na imprensa diária: *Diário da Manhã*, n.º 8779, de 20 de Novembro de 1955; *A Voz*, n.º 10 275, de 23 de Novembro de 1955; etc..

(40) Manuel Heleno, *Gruta Artificial da Ermegeira*, in *Ethnos*, II, 1937, págs. 449-459; etc..

(41) Manuel Heleno, *O Problema da Origem das Lúnulas*, in *Ethnos*, II, 1937, págs. 464-467.

(42) Manuel Heleno, *Sarcófago Romano da Região de Vila Franca de Xira*, Lisboa, s. d.; *O Sarcófago Romano de «Castanheira do Ribatejo»*, in *Las Ciencias*, Madrid, ano XIV, n.º 2, págs. 307-313; etc..

(43) Manuel Heleno, *Os Escravos em Portugal*, vol. I, Lisboa, 1933, pág. 53; etc..

(44) Manuel Heleno e Scarlat Lambrino, *L. Fulcinius Trio, Premier Gouverneur de la Lusitanie, sur une «Tabula Patronatus»*, in *Comptes Rendus de l'Academie des Inscriptions*, págs. 472-476; etc..

(45) *Boletim do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*, Lisboa, 1935, págs. 23-36; *O Tesouro da Borracheira* (Teixoso), in *A. P.*, n. s., II, 1953, 213-226; etc..

(46) *O Arqueólogo Português*, vol. II, Lisboa, 1953, págs. 292-295; etc..

A nova série de *O Arqueólogo Português* (Fig. 13), lançada pelo Prof. Manuel Heleno, é uma publicação de largo formato (31 × 23,5 cm) que, atendendo à orientação das revistas modernas de arqueologia, contém numerosíssimas ilustrações e dá a estas, que são os documentos, um papel predominante, já que dado o carácter comparativo desta ciência e o seu interesse universal, em regra, o que fica de permanente e o que mais atenção desperta nas suas publicações, para efeitos de determinação de afinidades, é a gravura. Se atendermos a estas condições podemos dizer que *O Arqueólogo Português* é uma revista moderna que se pode equiparar às melhores estrangeiras da especialidade, como por exemplo as revistas *Pré-histoire* (28,5 × 23 cm), *Archivo de Prehistoria Levantina* (29 × 19,8 cm), *Galia* (28,5 × 22,7 cm) e *Archives de l'Institut de Paléontologie Humaine, Fondation Albert 1.<sup>er</sup> Prince de Monaco* (28,5 × 22,8 cm), e que também alberga nas suas colunas colaboração internacional.

Porém, melhor do que nós, A. García y Bellido, o ilustre professor de Arqueologia da Universidade de Madrid e director da notável revista *Archivo Español de Arqueología*, deixou-nos a sua opinião magistral ao pronunciar-se sobre *O Arqueólogo Português, Nova Série*: «... Pero, afortunadamente, su mejor discípulo, el profesor de la Universidad de Lisboa y Director del Museo Etnológico de Belem — creación también del incansable Vasconcellos, cujo nombre lleva en jus-



Fig. 13

ticia — Dr. D. Manuel Heleno, heredando de aquél tanto su competencia como su entusiasmo, ha reanudado la publicación del maestro, rindiendo así no sólo un merecido homenaje a su persona, sino también un favor a su patria, necesitada de una revista especializada como ésta. Heleno ha reemprendido, pues, la marcha editando la Nueva Serie de *O Arqueólogo Português*, cuyo primer volumen saludamos ahora con abierta alegría. Naturalmente, los nuevos tiempos han dado lugar a una revista muy distinta, pues, aunque conserva, con buen acuerdo, el título prestigioso de su predecesora, es de un formato, de una factura y de una orientación muy distintos. Todo, por supuesto, en mejor, supera a su precursora tanto en la presentación externa como en el contenido. La Nueva Serie se nos ofrece en gran formato (31 × 23,5 cms) e impresa con holgura en excelente papel, que admite bien el fotograbado de retícula fina. Parece ser, a juzgar por este primer número — salido con fecha 1951, aunque repartido a fines de 1955 —, que será una revista exclusivamente arqueológica, más que lo fué la primera serie, en la que Vasconcellos daba cabida también a trabajos de índole etnológica, folklórica y hasta a la historia más o menos próxima, con evidente desenfoque de su verdadero fin. Pero en ello seguía un poco la moda de su tiempo (fines del siglo XIX) y un mucho la formación enciclopédica del propio Vasconcellos, cuya enorme erudición podía abarcar por igual, y con idéntica competencia, tanto la Arqueología como la Etnología, como el folklore, como la historia general o local de Portugal y de cualquiera de sus ciudades o aldeas. Hoy, todas estas materias son disciplinas demasiado divergentes para esperar que en la Nueva Serie no entren ya más trabajos que los puramente arqueológicos. A juzgar por el contenido de este primer número el concepto de Arqueología, aunque abarca también el de la Prehistoria, no llega a la Edad Media. Es este un criterio moderno y aceptable por entero, por lo menos hasta que no aparezca otra revista hermana que se dedique exclusivamente a la Prehistoria. También la calidad de los trabajos es mucho mejor que la de la serie primera. Ello es índice del progreso que en estos últimos años ha experimentado la ciencia arqueológica portuguesa. Todos ellos están escritos con suma competencia y con una técnica moderna y un instrumento bibliográfico internacional al día. Felicitémonos de todo ello y enviemos desde estas páginas de *Archivo Español de Arqueología* el más cordial saludo de bienvenida al primer número de

la Nova Serie con que reaparece ante nosotros *O Arqueólogo Português*. Y acoja nuestro buen amigo el profesor Heleno, con la misma cordialidad con que se lo ofrecemos, el justo homenaje a su logrado esfuerzo.»<sup>(17)</sup>.

Até o presente e desde 1930, o Museu Etnológico, os seus colaboradores e os dos institutos que nele funcionam, o seu reduzido pessoal técnico antigo e moderno, todos os que nele trabalharam ou trabalham, têm dado a lume numerosas publicações ou feito comunicações da sua actividade científica, em regra relacionadas com os seus materiais ou com assuntos inerentes às suas especialidades. Entre os autores desses trabalhos indicamos os seguintes: Doutor D. Fernando de Almeida, Doutor J. A. Ferreira de Almeida, Dr. Adelino Marques de Almeida, Doutor Justino Mendes de Almeida, P.º Francisco Manuel Alves, tenente-coronel Mário Marques de Andrade, Gil Migueis Andrade, Dr.ª Margarida Andreata (Brasil), Dr.ª Maria de Lourdes Artur, Pedro de Azevedo, Dr. Pedro Martins Barata, Dr. Ernâni Barbosa, Dr.ª Maria Alice Beaumont, Dr. Aurélio Ricardo Belo, D. Juan Liabrés Bernal (Espanha), Gastão de Bettencourt, Jack Braga (Inglaterra), Dr. Alberto Vieira Braga, Rafael Calado, capitão José Augusto Correia de Campos, Dr.ª Rosa Carvalheira y Capeans, coronel Mário Cardoso, Dr. A. Lima Carneiro, José Raul Cruz Cerqueira, Dr. Fernando Castelo-Branco, Luís Chaves, Dr. José Coelho, Dr. Joaquim Manuel Correia, Prof. Doutor João

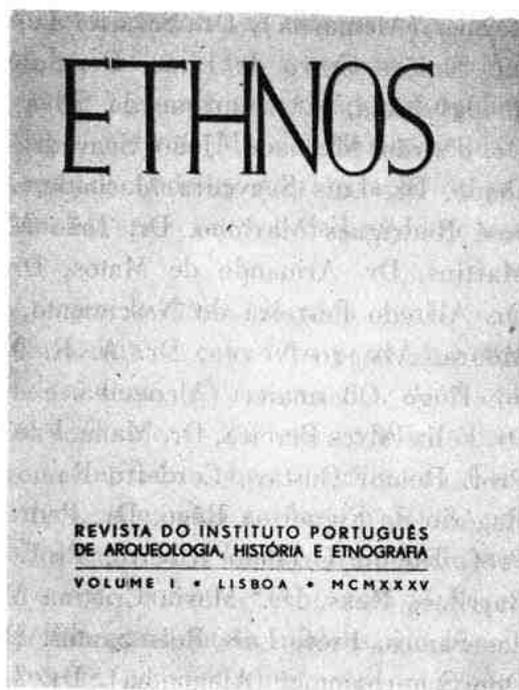


Fig. 14

(17) A. García y Bellido, «*O Arqueólogo Português*», *Nova Série*, in *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXVIII, Madrid, 1955, 2.º semestre, n.º 92, págs. 341-342. O Prof. Manuel Heleno também criou a revista *Ethnos* (Fig. 14), como veremos adiante.

da Silva Correia, João Afonso Corte-Real, Dr. Fernando Russel Cortez, comandante Fontoura da Costa, Dr. António Cruz, Dr. José Garcia Domingues, Mircea Eliade (Roménia), Ernesto Enes, comandante António Marques Esparteiro, Dr. Manuel Santos Estevens, Guilherme Felgueiras, Dr. Fernando Bandeira Ferreira, Dr.<sup>a</sup> Cândida Florinda Ferreira, Dr. Joaquim Abreu Figanier, Dr. Raynier Flaes (Holanda), Dr. Jordão de Freitas, Dr. José Formosinho, D. Maria B. L. Barjona de Freitas, Dr. E. Borges Garcia, Carlos Alberto Gomes, João José Fernandes Gomes, Dr. Sousa Gomes, Dr. Júlio Gonçalves, Prof. Doutor Manuel Heleno, H. Heras (Espanha), Dr. Joaquim Alberto Iria, J. A. Pombinho Júnior, Prof. Dr. Scarlat Lambrino, Prof. Dr. G. Leisner (Alemanha), D. Vera Leisner (Alemanha), Dr. Serafim Leite, Dr. A. C. Pires de Lima, António Simões Cravo de Lima, Dr. José Fragoso de Lima, Salvador Fernandes Lima, P.<sup>o</sup> Henrique da Silva Louro, comandante Eduardo Lupi, Dr. Falcão Machado, João Saavedra Machado, João L. Saavedra Machado, Dr. Luís Saavedra Machado, António Gomes da Rocha Madahil, José Rodrigues Marinho, Dr. João Martins da Silva Marques, Ferreira Martins, Dr. Armando de Matos, Dr.<sup>a</sup> Irisalva de Nóbrega Moita, Dr. Alfredo Ferreira do Nascimento, major Jacinto José do Nascimento Moura, Álvaro Neves, Dr. A. R. Nykl (Estados Unidos), Prof. Doutor Hugo Obermaier (Alemanha e Espanha), Jean Ollivier (França), Dr. Félix Alves Pereira, Dr. Manuel de Paiva Pessoa, Dr. Alfredo Pimenta, Prof. Doutor Gustavo Cordeiro Ramos, Prof.<sup>a</sup> Doutora D. Virgínia Rau, Rogério de Figueiroa Rêgo, Dr. Pedro Batalha Reis, Margarida Ribeiro, Prof. Doutor Orlando Ribeiro, Prof. Abbée Jean Roche, Dr. Henrique Barrilaro Ruas, Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Moreira de Sá, Dr. Manuel Farinha dos Santos, Prof. Luís Reis Santos, Dr. J. Hermano Saraiva, P.<sup>o</sup> Georg Otto Schurhammer (Alemanha), Dr. J. G. da Cruz e Silva, Dr. Luís Silveira, Manuel Gomez Sosa (Espanha), J. M. Cordeiro de Sousa, Dr. Gabriel Rocha Souto, major Ismael Joaquim Spínola, J. A. Frazão de Vasconcelos, Prof. Doutor José Leite de Vasconcellos, Maxime Vaultier, Abel Viana, Manuel Couto Viana, Eduardo Prescott Vicente, J. S. Paes de Villas-Boas, etc., etc. (<sup>48</sup>).

(<sup>48</sup>) *Boletim do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*, Lisboa, 1935; *Extensão Cultural do Museu Etnológico*, in *O Arq. Port.*, n. s., vol. II, Lisboa, 1953, págs. 283-306; *O Archeologo Português*, vol. XXX, Lisboa, Imprensa Nacional, 1938 (1956). Entre muitas

Sobre a personalidade do Prof. Manuel Heleno como Mestre universitário, historiador, arqueólogo, museólogo de «especial craveira» e publicista, também são hoje do conhecimento comum algumas afirmações autorizadas<sup>(49)</sup>: o notável Prof. Doutor Luís de Pina, académico de número da Academia Portuguesa da História, em *Resposta ao Elogio do Professor Doutor J. M. Queirós Veloso pelo académico de número Manuel Heleno*, disse a págs. 49 - 58: «... o Prof. Manuel Heleno, sucessor, no Museu Etnológico de Lisboa, do Prof. Leite de Vasconcelos, foi também seu discípulo e hoje seu biógrafo, herdeiro de seus métodos e seu saber. Probo e prudente na investigação, explícito e firme na regência de suas cadeiras ou disciplinas do Grupo das Ciências Históricas na Faculdade de Letras de Lisboa, Manuel Heleno acentua-se entre o corpo catedrático da Universidade lisiponense, a criar escola e a semear doutrina.

Na história e na arqueologia, onde figuram investigadores de boa estirpe, a que me referirei a seu tempo, o Prof. Manuel Heleno evidencia-se, como demonstraremos, numa sempre modesta exteriorização do seu saber, embora distinta e valiosa, vincada por imensa dedicação à sua Pátria e às ciências que cultiva.

Brota de longe esse amor ao torrão lusitano. Menino ainda, com outros companheiros liceais, funda em Leiria, a cujo foro pertence a sua terra natal, um jornalzinho propiciador, a que chamaram *Liz*. A chama cresceu, avultou para mais amplos ares. Com seus 25 anos, publica o seu primeiro trabalho de mérito histórico-científico, sobre o ensino da Geografia, em que há elementos instrutivos, que mais tarde, em 1933, nos patenteia novamente, sobre os *Descobrimentos dos Portugueses*. Creio que era ainda estudante, agora de Direito e do curso de Bibliotecário-Arquivista; mas não terminou aquele, impelido para outras missões. Na Escola Normal Superior diploma-se distintamente, como distintamente se gradua na Faculdade de Letras e nela se doutora.

---

revistas em que alguns destes ilustres nomes colaboraram, salientamos: *Portucule*, vol. XI, Porto, 1938; *Petrus Nonius*, vol. VI, 1943; *Revista Portuguesa de História*, Tomo III, Coimbra, 1947; *Rivista di Scienze Preistoriche*, vol. III, fasc. 1-2, Firenze, Spinelli, 1948; *O Instituto*, vol. 112.º, Coimbra, 1949; etc., etc..

(49) Vicente de Almeida d'Eça, *Bibliografia — A Geografia no Ensino Secundário*, in *Boletim da Sociedade de Geografia*, 38.ª série, n.º 1-2, Jan.º/Fev.º de 1920; Rodrigues Cavalheiro, *Ainda o Infante das «Sete Partidas»*, in *Horizontes da História do Diário da Manhã*, n.º 89, de 16 de Janeiro de 1945; etc..

Professor efectivo do Liceu de Passos Manuel, na capital, em 1927, como o fora agregado do Camões em 1920, e já consagrado à investigação, assume o cargo de conservador do Museu Etnológico Português, em 1921 e o de assistente da Faculdade de Letras lisbonense em 1923, para em 1930 conquistar o de seu professor auxiliar. Por fim, em 11 de Novembro de 1933, ascende ao lugar de professor catedrático.

Entretanto, e depois, desempenha delicadas comissões de serviço, referentes à instrução pública; colabora em congressos de arqueologia e outros; realiza várias missões de estudo na Europa (Espanha, França, Suíça, Alemanha e Itália), de que advieram benéficos proveitos para a sua preparação especial, para o Museu em que trabalhava e para o serviço docente universitário, certamente.

Criou a revista *Ethnos* e o Instituto Português de Arqueologia e História, bem como o Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos da Faculdade de Letras de Lisboa, em 1942, do Instituto de Alta Cultura, Centro que dirige desde a sua criação. Por seus préstimos de especialista faz parte da Junta Nacional de Educação e da de Escavações arqueológicas. Entre outras agremiações em que exerceu a sua actividade conta-se o Conselho Superior de Belas-Artes. Em 1949 entra no Comité Internacional de Ciências Históricas, como representante da Faculdade de Letras de Lisboa e em 1952 nomeado vogal do Conselho Nacional dos Museus, e no ano imediato do Conselho do Estágio dos Museus; e em 1956 vogal do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos...

Sem ter perdido o pendor jornalístico, dispersa seus artigos em gazetas nacionais (*Diário de Notícias* e outros).

Em carta amiga recente diz-me o Prof. Manuel Heleno: «Tenho levado a vida a investigar: 10 anos na Torre do Tombo e 25 no campo. O meu maior mal é nunca estar satisfeito.»

Esta singela e curta confissão encerra e ilumina toda uma biografia. De seus trabalhos de exploração arqueológica, de que inúmeros investigadores se têm servido, através das colecções achadas (Breuil, Pericot, Leisner e outros), pode fazer-se a seguinte valiosa resenha:

I — PALEOLÍTICO ANTIGO — Cerca de 200 estações da Estremadura, cujos espólios são hoje a mais bela e copiosa colecção do País.

- II — PALEOLÍTICO SUPERIOR — Rio Maior e Cambelas. Perigordense, aurinhacense, solutrense, madalenense, grimaldense. Material único entre nós, de especial interesse científico.
- III — MESOLÍTICO — Rio Maior (Bocas), Cambelas e Concheiros do Sado. No ano de 1957 o Prof. Manuel Heleno e seus colaboradores trouxeram 27 esqueletos humanos para o Museu Etnológico.
- IV — NEO-ENEOLÍTICO.
- 1) Dólmenes de Montemor-o-Novo e Estremoz, a mais extensa escavação feita em Portugal (10 anos de duração).
  - 2) Grutas artificiais de Carenque, Torres Vedras e Caldas da Rainha.
  - 3) Grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior) e Montejunto.
  - 4) Castros do Cavaleiro (Montemor) e Covas do Bujo, povoações de Rio Maior e Carenque, etc..
- V — BRONZE — Castro de S. Bernardo (Moura).
- VI — FERRO — Castros do Sul de Portugal, em especial o riquíssimo de Azougada (Moura) e outros da região.
- VII — ROMANO — A *villa* de Torre de Palma, onde trabalha, com seus colaboradores, há 10 anos e sobre cujos mosaicos apresentou uma comunicação à Academia Portuguesa da História. Tróia, de Setúbal; necrópoles; etc..
- VIII — VISIGÓTICO — Cemitérios de Estremoz e Torre de Palma.

Muitos destes materiais são conteúdo de vários de seus trabalhos; outros ali estão, no Museu Etnológico e em outras instituições análogas, todos a servirem os estudiosos e a documentarem remotas épocas da história de todos os tempos, referentes aos territórios que hoje são Portugal.

Isto posto, parece-nos fácil repartir toda a obra conhecida do Prof. Manuel Heleno em 3 grupos: história, arqueologia e vária, sendo este último o menos volumoso, pois o preenchem a biografia genérica do Prof. Leite de Vasconcelos e o seu ensaio *A Geografia no ensino secundário*, este de 1919, aquele de 1942.

O primeiro foi lido na sessão que à memória do insigne etnólogo e arqueólogo dedicou a Faculdade de Letras de Lisboa no primeiro ani-

versário da sua morte. Intitula-se *Algumas Palavras sobre Leite de Vasconcelos*. Referir-nos-emos a esta peça biográfica na devida oportunidade.

Escalonados entre 1919 e 1951, os restantes estudos do Prof. Manuel Heleno surgem com estes títulos e estas datas:

#### HISTÓRIA:

- *Antiguidades de Monte Real*. «O Archeologo Português», 1921-1922, Lisboa.
- *O Reguengo de Ulmar*. Idem. 1923.
- *Colaboração Portuguesa nos Descobrimentos Náuticos das Outras Nações*. Lisboa, 1932.
- *Os Escravos em Portugal*. Lisboa, 1933.
- *Os Portugueses no Congo: Duarte Lopes*. Lisboa, 1933.
- *Os Descobrimentos Marítimos dos Portugueses e os Progressos da Geografia*. Lisboa, 1933.
- *Subsídios para o Estudo da Regência de D. Pedro, Duque de Coimbra*. Lisboa, 1933.
- *O Descobrimento da América*. Lisboa, 1933.

#### ARQUEOLOGIA:

- *Cartailac e a Arqueologia Portuguesa*. «O Arqueólogo Português», Lisboa, 1922-1923.
- *Do Estudo e Origem da Moeda*. Lisboa, 1924.
- *Lição Inaugural da Cadeira de Arqueologia (Ano lectivo de 1926-1927)*. *O Arqueólogo Português*, XXVII, 1923.
- *Grutas Artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa, 1933.
- *Ensaios de Arqueologia. III. Notícia de Alguns Instrumentos Neolíticos de Grande Comprimento*. Lisboa, 1933.
- *Ensaios de Arqueologia. V. Tampas Sepulcrais Insculturadas da Época do Bronze*. Lisboa, 1933.
- *Jóias Pré-Romanas*. Lisboa, 1935.
- *O Problema da Origem das Lúnulas*. Lisboa, 1942.
- *O Culto do Machado no Calcolítico Português*. Lisboa, 1942.
- *Gruta Artificial da Ermegeira*. Lisboa, 1942.

- *Sarcófago Romano da Região de Vila Franca de Xira*. Lisboa, 1945.
- *O Problema Capsense; Contribuição Portuguesa para a Sua Revisão*. Lisboa, 1948.
- *Arqueologia de Elvas. Notícia Preliminar. Parecer Apresentado na Sessão da 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da J. N. E. de 17 de Dezembro de 1949*. Lisboa, 1951.
- (De colaboração com Scarlat Lambrino): *L. Fulcinius Trio, Premier Gouverneur de la Lusitanie, sur Une Tabula Patronatus*. Lisboa, s/d.

A série história remata-se em 1933; a de arqueologia, em 1951 (data do último trabalho que pude ler). Parece-nos interessante dizer que o Prof. Manuel Heleno anunciou várias vezes trabalhos em preparação. Uns, realizou-os e intitulou-os um pouco diversamente; mas de outros não conhecemos exemplares, parecendo-nos que os não executou».

O ilustre académico Prof. Doutor Luís de Pina passa depois a explanar, de maneira sucinta, todos os trabalhos que pôde ler do Prof. Manuel Heleno, averiguando da sua importância e apresentando ligeiras mas justas e valiosas considerações sobre determinados pontos que lhe pareciam merecê-las. Entre a série de 24 trabalhos que se apresentam, referir-nos-emos apenas ao que o Prof. Doutor Luís de Pina diz acerca das *Antiguidades de Monte Real*: «... Este, como tantos outros estudos de devotados monografistas, justifica largamente o seu valor. Que magnífico conjunto, que estimabilíssimo monumento se não ergueria a Portugal se de todas as freguesias da Nação se escrevessem as respectivas monografias, sob plano aliás creio que já um dia bosquejado?

Estuda Manuel Heleno neste trabalho de Monte Real (que se liga a Leiria por 15 escassos quilómetros e por sete do mar) os espólios que civilizações de remotas eras nela deixaram, desde a época da pedra (gruta, dólmen, etc.) de que sobressaem, entre um machado e faca de sílice, um curioso chapão de ardósia, da classe desses objectos ainda tão discutidos.

Nada encontrou da época dos metais e da luso-romana dá-nos notícia de objectos vários, como a árula de calcáreo dedicada a Fontana, que comenta com curiosas notas sobre culto das fontes, dádivas de moedas à deusa (séc. II-III) e estudo das mesmas, etc.

No capítulo imediato expõe a história portuguesa regional, que encerra a das próprias termas de Monte Real, a que dedicaram estudos Mário Rosa e Ferreira de Castro.

O Autor documenta abundantemente o capítulo de História do seu trabalho, traçando a evolução da póvoa, depois vila, que como município desapareceu, por anexação a Leiria. Foca a qualidade de reguengueira, que reconquista após a Restauração de 1640.

Entre mais, dá notícia do pelourinho, fronteiro à lendária casa da Câmara; e historia a jurisdição municipal da sua terra. Além de fotografias que ele próprio executou (era conservador do Museu Etnológico) junta ao texto um esclarecedor apêndice de documentação curiosa, entre a qual se destaca a demarcação dos Paços da vila e seu rossio; uma curta monografia setecentista (1758) da vila; carta de confirmação de seus privilégios; etc.»

\*

\*       \*

Também se desenvolveram muitas outras actividades, algumas das quais salientamos:

Em 1929-1930:

O Museu Etnológico (Fig. 15) dá início a uma tarefa, silenciosa mas notável, qual é a resolução dos seus problemas fundamentais: acomodação mais condigna, exposição melhorada das suas colecções, e adaptação de mobília para as mesmas, a fim de que o estabelecimento pudesse responder, de maneira ainda mais apropriada, às suas três atribuições especiais: função recreativa, educativa e científica.

Para isso, o Museu obteve do Estado um aumento de financiamento da ordem de 617,4 % para o período 1930-1964 (Vide Apêndice X), o que veio ampliar largamente os seus campos de investigação e contribuir para «terem sido melhoradas e revistas *todas* as colecções, beneficiadas inúmeras peças, ... reorganizada toda a ordenação do Museu»<sup>(50)</sup>

<sup>(50)</sup> *Zêlo Arqueológico & Ética Científica*, in *Ethnos*, I, pág. 307.

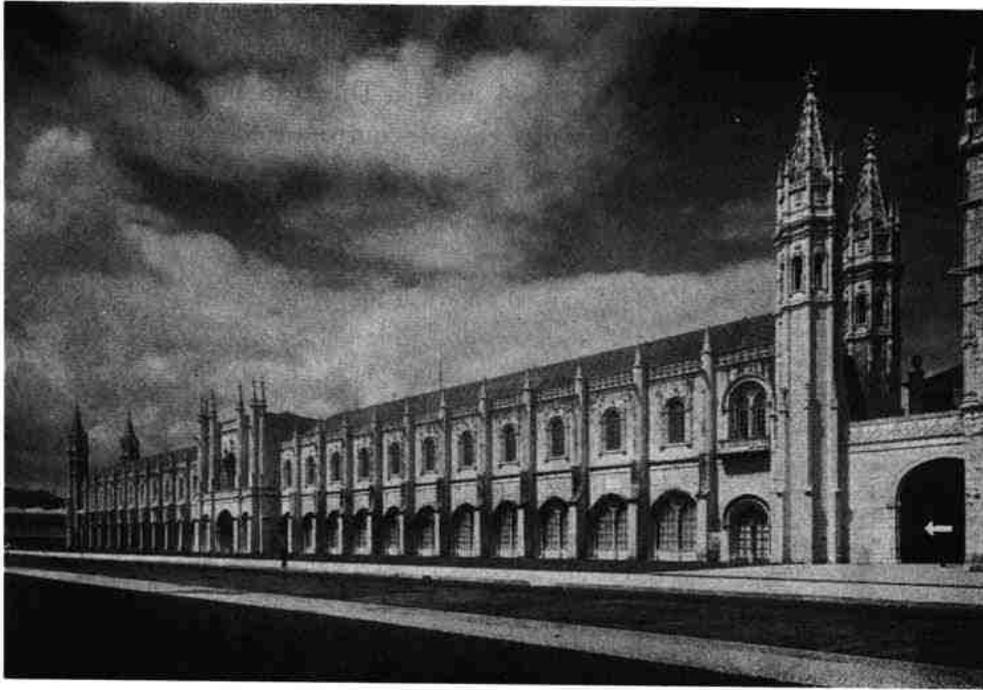


Fig. 15 — Edifício do antigo mosteiro dos Jerónimos onde está alojado o Museu Etnológico do D.ºr Leite de Vasconcelos. Entrada (←) pelo lado nascente

(Figs. 16-20 e 22-23), trabalho executado pelo seu pessoal, que dedicou a essa missão todo o seu esforço, e para a aquisição e conservação de milhares de espécies: bibliográficas, arqueológicas, etnográficas, antropológicas, etc.. Quanto às verbas consumidas pelo Museu (1930-1964) nas aquisições de espécies bibliográficas apresentamos o gráfico elucidativo (Vide Apêndice X, Fig. 126). Assim, a biblioteca do Museu desenvolveu-se extraordinariamente durante o decorrer dos anos: o número actual de inventário das espécies adquiridas por compra e oferta, a grande maioria com vários volumes, já ascende a 12 404, o que, atendendo ao preço elevado dos livros especializados nesta matéria, é de considerar.

O aumento de financiamento permitiu em parte resolver o problema fundamental do Museu: o científico. As suas colecções, cada vez mais enriquecidas, duplicaram e completaram o panorama geral deste estabelecimento, mercê das numerosíssimas investigações que o director e a sua brigada, sempre que possível, realizaram a bem dizer por grande

parte do território português continental, como veremos adiante, por ordem cronológica.

Também através dos últimos 34 anos, a Direcção do Museu solucionou da melhor maneira vários aspectos de outro problema fundamental — o museológico —, chegando por fim a elaborar-se um programa para um novo Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, que serviria a cultura geral, a investigação científica e o ensino (Vide Apêndice VIII).

Assim, o Museu Etnológico sofreu muitas e profundas transformações, ampliações e grandes mudanças, que se revelaram sempre complexas devido principalmente à natureza dos seus materiais. Salientamos as principais: prolongamento do primitivo salão (Fig. 9) do primeiro andar do Museu; alargamento da sua primeira galeria de exposição, que já tinha sido melhorada (Fig. 4) e cuja entrada se fazia pelo lado do poente (Fig. 2) do edifício dos Jerónimos, ampliação que se estendeu às consequentes salas anexas laterais; ocupação de toda a galeria onde hoje estão expostas ao público as colecções do Museu que, por motivo dos grandes restauros efectuados no monumental e antigo convento hieronimita — obra grandiosa das três últimas décadas levada a efeito pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, digna por isso dos maiores louvores —, teve de retirar várias das suas secções e gabinetes, como por exemplo a sua biblioteca, a antiga casa forte<sup>(51)</sup>, a sala neolítica, uma sala de epigrafia, a sala de etnografia (Fig. 10), gabinetes de estudo, o primeiro mas depois remodelado laboratório de fotografia<sup>(52)</sup>, etc.. Consequentemente, o fornecimento de luz eléctrica sofreu interrupções, sendo definitivo mas de instalação provisória em 1956.

De todas estas primeiras e sucessivas ampliações e grandes remodelações, e depois outras que tiveram há bem pouco tempo a sua culminância com o alojamento do Museu de Marinha<sup>(53)</sup> em parte do edifício dos Jerónimos (Fig. 22), — de tantas vicissitudes saiu incólume o Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos no que se refere a novas salas e extensão da sua galeria superior, apresentando-se tal como está hoje. Em

<sup>(51)</sup> V. *Diário de Lisboa*, n.º 5915, ano 19.º, de 12 de Maio de 1939.

<sup>(52)</sup> João L. Saavedra Machado, *O Dr. Félix Alves Pereira e o Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos*, in *Ethnos*, IV, 1965, pág. 23.

<sup>(53)</sup> Frazão de Vasconcelos, *O Museu de Marinha*, in *O Debate* de 16 de Abril de 1953, pág. 2; *Diário da Manhã* de 22 de Outubro de 1958; etc..

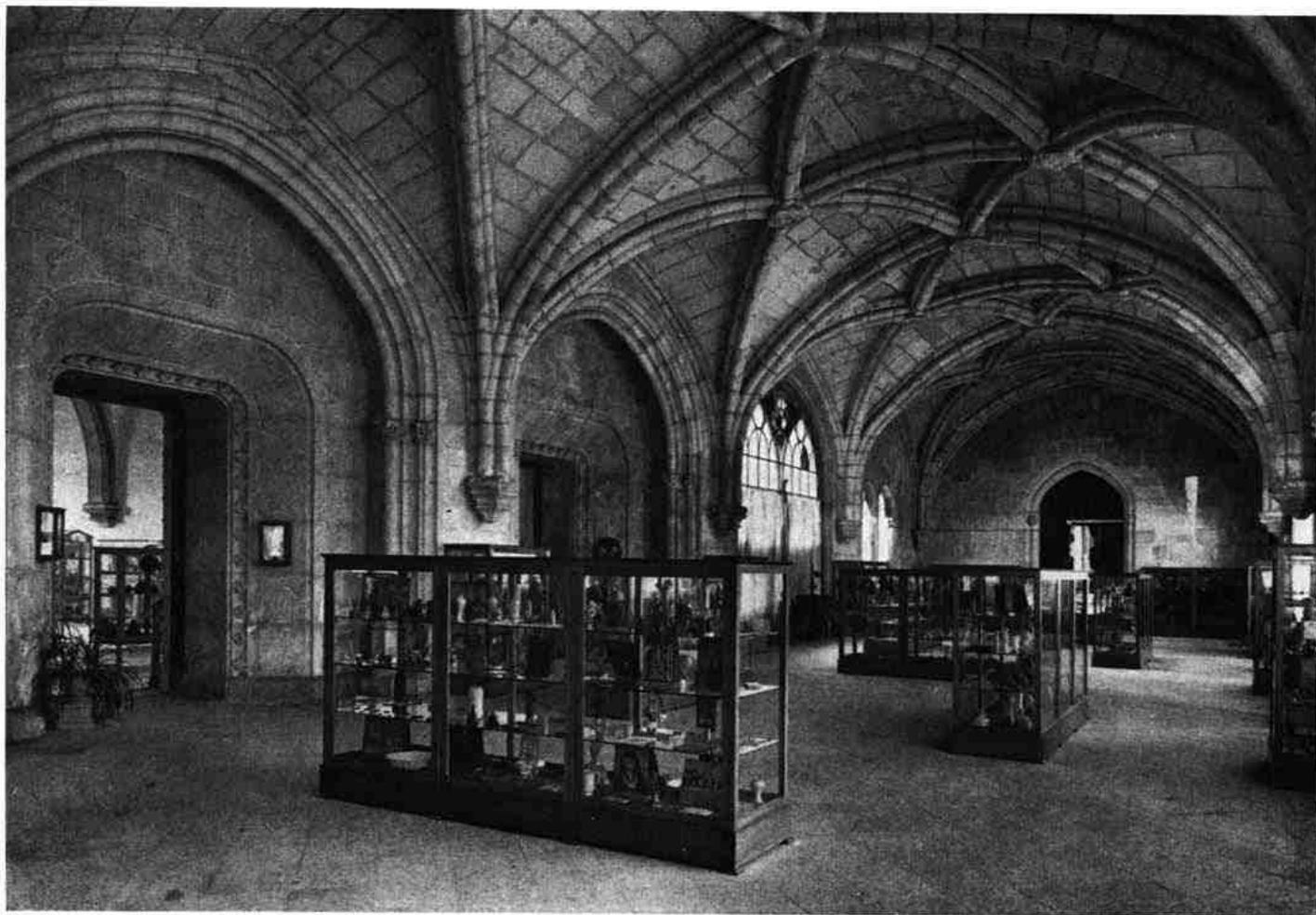


Fig. 16 — Museu Etnológico do D.ºr Leite de Vasconcelos. Secção preambular do Museu, com a demonstração evolutiva arqueológico-etnográfica

primeiro lugar, devido à iniciativa do director do Museu e à eficaz colaboração do seu pessoal, instalam-se os seus mosaicos de Santa Vitória do Ameixial (Figs. 86 a 89) <sup>(54)</sup>, de Cós (Alcobaça), de Martim Gil (Leiria), das Musas de Torre de Palma, dos Cavalos, das Flores, e outros; depois escolhe entre as suas colecções os objectos que marcam os diversos períodos da evolução do povo português; também melhora consideravelmente as suas salas e galerias; e ainda ordena e acomoda as suas secções de etnografia (continental e ultramarina), de arqueologia (pré-histórica, proto-histórica, romana, visigótica e medieval), de antropologia, egípcia e estrangeira, e uma galeria no primeiro andar do Museu, destinada aos especialistas nacionais e estrangeiros e a todo o público em geral (Fig. 25). Daí um número cada vez maior de visitantes do Museu, muito preferido por liceus e escolas (Vide Apêndice IX, Fig. 117).

Nada disto seria possível se o Governo da Nação pelo seu Ministério da Educação Nacional não tivesse facilitado por todos os modos as iniciativas da Direcção do Museu. Por esse serviço prestado à cultura nacional, aqui expressamos mais uma vez a nossa gratidão.

Se por um lado a arquitectura dos Jerónimos não é a mais adequada para albergar o Museu Etnológico, por outro lado tem forte poder evocativo a localização na Praça do Império do estabelecimento cuja finalidade é a de estudar as origens e as características do povo que levou a novas terras e gentes a civilização europeia.

Nestas circunstâncias, o Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos não só cumpriu a sua missão, mas superou a fase normal da sua evolução, que se manifestou indispensável e útil e à semelhança de muitos museus da Europa. Devemos aqui registar a satisfação e o profundo agradecimento do Museu Etnológico e da sua Direcção ao ser-lhe prestada a devida justiça na sessão n.º 121 da VI legislatura da Assembleia Nacional, pelo então ilustre deputado Dr. Bartolomeu Gromicho:

... ..

«Não devo ir adiante sem focar em especial o Museu Etnológico Leite de Vasconcelos.

Fundado pelo emérito professor que é hoje seu patrono e logo de

<sup>(54)</sup> João L. Saavedra Machado, *O Dr. Félix Alves Pereira e o Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos*, in *Ethnos*, IV, 1965, pág. 40. V. o trabalho de Luís Chaves, *Estudos Lusitano-Romanos. I—A «Villa» de Santa Vitória do Ameixial*, in *Arch. Port.*, XXX, págs. 14-117.

início enriquecido com valiosíssimas peças arrancadas à terra pelo esforço investigador e outras oferecidas por particulares ou adquiridas por compra, o Museu, no seu aspecto actual, multiplicou substancialmente o seu precioso recheio mercê da infatigável acção do actual director, Dr. Manuel Heleno, a quem neste momento presto merecida homenagem. Discípulo dilecto do grande mestre, seguiu-lhe as pisadas e as deambulações investigadoras por esse País fora. E tudo, outrora e hoje, tem sido realizado com dedicação e proficiência e sempre em luta com a falta de meios materiais para maior eficiência dos resultados.

Instalado nas maravilhosas galerias do mosteiro dos Jerónimos, ocupa actualmente cerca de 8 000 m<sup>2</sup>. Encanta os olhos não só o ambiente de grande beleza arquitectónica como a harmonia e a riqueza das espécies em exposição e sequência de valor didáctico. Dizem os entendidos, nacionais e estrangeiros, que é o mais rico da península e pela localização deve ser o mais belo de todos.»

... ..  
 «Pela sua natureza, é um livro aberto da história de gerações de milénios, que se prolongam na nossa nacionalidade...»

... ..  
 «Todo aquele labor, toda aquela ordenação resultam de um quadro de pessoal mais que exíguo: um director, que é um professor da Faculdade de Letras, um ajudante de naturalista, um escriturário e um preparador<sup>(55)</sup>. O pessoal menor consta, além dos porteiros..., de um contínuo e um servente.

É caso para perguntar: qual é o pessoal que dirige e executa os trabalhos de campo indispensáveis à recolha ou à simples descoberta e conservação das preciosidades em exploração por esse País fora? O mesmo, com o milagre da devoção.»<sup>(56)</sup>.

Mas alargou-se o Museu para aí se acumularem simplesmente os objectos? Ou, pelo contrário, para os especialistas estudarem e se servirem de inúmeros e valiosos espólios que contém (galeria do 1.º andar do

---

<sup>(55)</sup> No quadro do pessoal técnico do Museu Etnológico há ainda de considerar-se o cargo de desenhador.

<sup>(56)</sup> *Diário das Sessões* de 1 de Fevereiro de 1956; *Diário de Notícias* de 2 de Fevereiro de 1956.

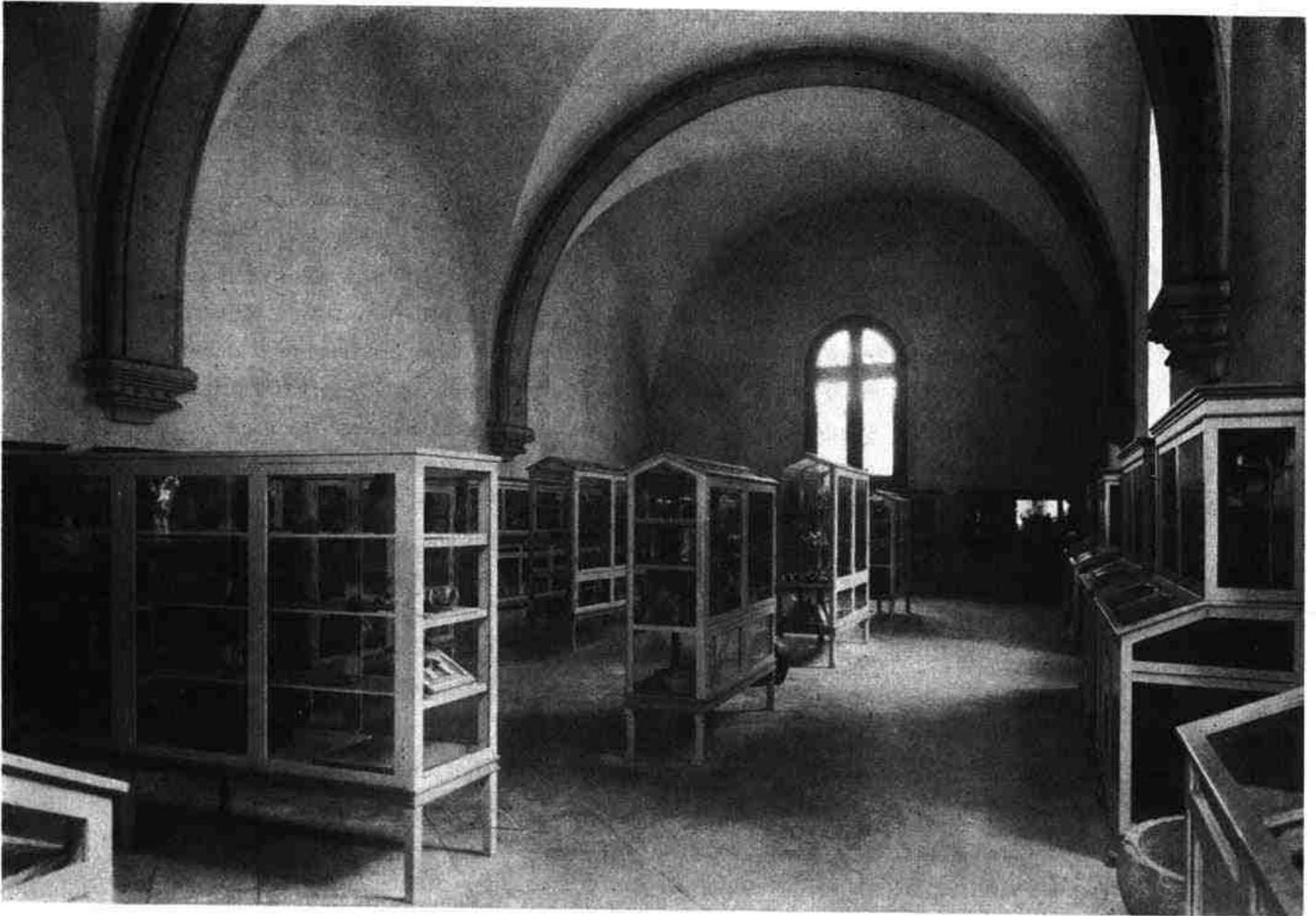


Fig. 17 — Museu Etnológico do D.º Leite de Vasconcelos. Exposição cronológica da seriação de tipos de «arte popular» (sala da cerâmica)

Museu — Fig. 25) e para mostrar ao público (galeria do rés-do-chão — Figs. 16 a 20) uma linha de evolução, o seu desenvolvimento manifesto, uma série de ideias?

Consideramos que o Museu Etnológico, durante os 59 anos ao serviço do público<sup>(57)</sup>, evoluiu lentamente duma concepção para a outra; a sua evolução operou-se com a sua própria função; as suas colecções foram enriquecidas gradualmente; passou a ter outra mobília e a ser uma combinação de espaços que intentaram servir o seu ambiente, ou seja, dissimular a feição do seu edifício para fazer sobressair todos os objectos nele expostos.

A par com o Estado, os particulares, entre os quais o Prof. Manuel Heleno<sup>(58)</sup>, entregam, doam, oferecem, depositam ou cedem objectos e monumentos valiosos, para se enriquecer o melhor museu arqueológico nacional e um dos melhores e mais importantes da Europa. Assim, o Museu é valorizado com o que lhe é oferecido e muitos continuam a contribuir para isso, na medida das suas possibilidades e dedicação.

É dever de justiça e gratidão lembrar aqui, entre os numerosíssimos beneméritos, os nomes das entidades e dos particulares que entregaram, doaram, ofereceram, depositaram, cederam, ou tiveram acção de evidência na aquisição de objectos e monumentos de mais valia: em 1930: Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro das Finanças, Prof. Doutor Oliveira Salazar, Prof. Doutor Gustavo Cordeiro Ramos, administrador do Concelho de Moura, Prof. Doutor Leite de Vasconcellos, Luís Chaves, Dr. Félix Alves Pereira, capitão Zilhão, eng.<sup>o</sup> Aires da Fonseca, António de Abreu Madeira, Conselho Escolar do Liceu de D. João de Castro, etc.; em 1931: comandante Augusto Moreira Rato, Biblioteca do Congresso da República, Comissão Organizadora do I Congresso Nacional de Engenharia, José Gomes Serra, Dr. Coelho de Carvalho, Francisco Valença, D. Maria Susana Ruivo, Álvaro Neves, etc.; em 1932: António Rodrigues Moucheiro Júnior, Ana Felícia Leitão Coelho, Domingos Duarte Rosa, Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans, José Simões Parcelas, Luciano José, Manuel Francisco da Silva, José da Ga-

---

(57) O Museu Etnológico abriu as suas portas aos visitantes em 22 de Abril de 1906.

(58) Cfr. *Zêlo Arqueológico & Ética Científica*, in *Ethnos*, I, págs. 305-308. Repetidas vezes o Prof. Manuel Heleno ofertou ao Museu Etnológico variadíssimas antigualhas, algumas bem valiosas.

lega, Joaquina Cândida, João Baptista, Carel Bregeer (Holanda), Ernesto Ferreira, etc.; em 1933: Serafim de Sousa Neves, Francisco Valença, Leonel de Freitas Sampaio Trindade, Joaquim Francisco Jangada, António Vicente, Cipriano de Santana, Société Anonime Belge des Mines d'Aljustrel, United States George Washington Bicentennial Commission (Estados Unidos), José Francisco da Assumpção, etc.; em 1934: Sua Ex.<sup>a</sup> o Presidente do Conselho, Prof. Doutor Oliveira Salazar, Prof. Doutor Eusébio Tamagnini, Prof. Doutor João Pereira Dias, Prof. Doutor Leite de Vasconcellos, J. A. Frazão de Vasconcelos, Edla Câncio, etc.; em 1935: Prof. Doutor Matos Romão, Dr. Falcão Machado, Luís Chaves, Dr. Tito de Noronha, Prof. Doutor Leite de Vasconcellos, eng.º secretário-geral do Ministério das Obras Públicas e Comunicações, António Caldeira, H. W. Seton-Karr (Inglaterra), Domingos Irmãos e C.<sup>a</sup>, D. Sebastião Pessanha, etc.; em 1936: capitão José Augusto Correia de Campos, Edwiges Guerreiro Marques da Costa, Prof. Doutor João Pereira Dias, P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay, Associação Comercial de Lisboa, José Rosa Madeira, etc.; em 1937: Prof. Doutor João Pereira Dias, Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola, Joaquim da Conceição Dias, Braz Ornelas Infante da Câmara, Joaquim Pedro de Oliveira, Abel Viana, Dr. João Martins da Silva Marques, etc.; em 1938: Hipólito da Costa Cabaço, Luís Pimenta Bairrão, Museu de Torres Novas, José Rosa Madeira, etc.; em 1939: Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola, Escola Masculina de Mértola, Direcção-Geral da Fazenda Pública, Dr. Pedro Mascarenhas Júdice, etc.; em 1940: Maria Cabido Esteveira, Academia das Ciências de Lisboa, Dr. Francisco Cordeiro Blanco, coronel Francisco Gorjão, Maria Susette Malheiros, José Rosa Madeira, director das Obras de Hidráulica Agrícola, etc.; em 1941: Academia Portuguesa da História, Secretariado da Propaganda Nacional, Obras de Hidráulica Agrícola, Companhia de Seguros Ultramarina, Dr. Fausto Basso, Dr. Francisco Cordeiro Blanco, Prof. Luís Reis Santos, Maia & Pinheiro, Lda., etc.; em 1942: Jean Ollivier (França), J. Duarte de Jesus, Francisco das Dores Rosado, Serviços Geológicos, Dr. Francisco Manuel de Araújo Parreira, etc.; em 1943: Dr. Pedro Batalha Reis, Dr. Inácio Ferreira Marques, Abel Viana, Joaquim da Conceição Dias, Joaquina da Conceição Batalha Amor, etc.; em 1944: Serviços Geológicos, Obras de Hidráulica Agrícola, Armando Gonçalves, etc.; em 1945: Doutores Georg e Vera Leisner

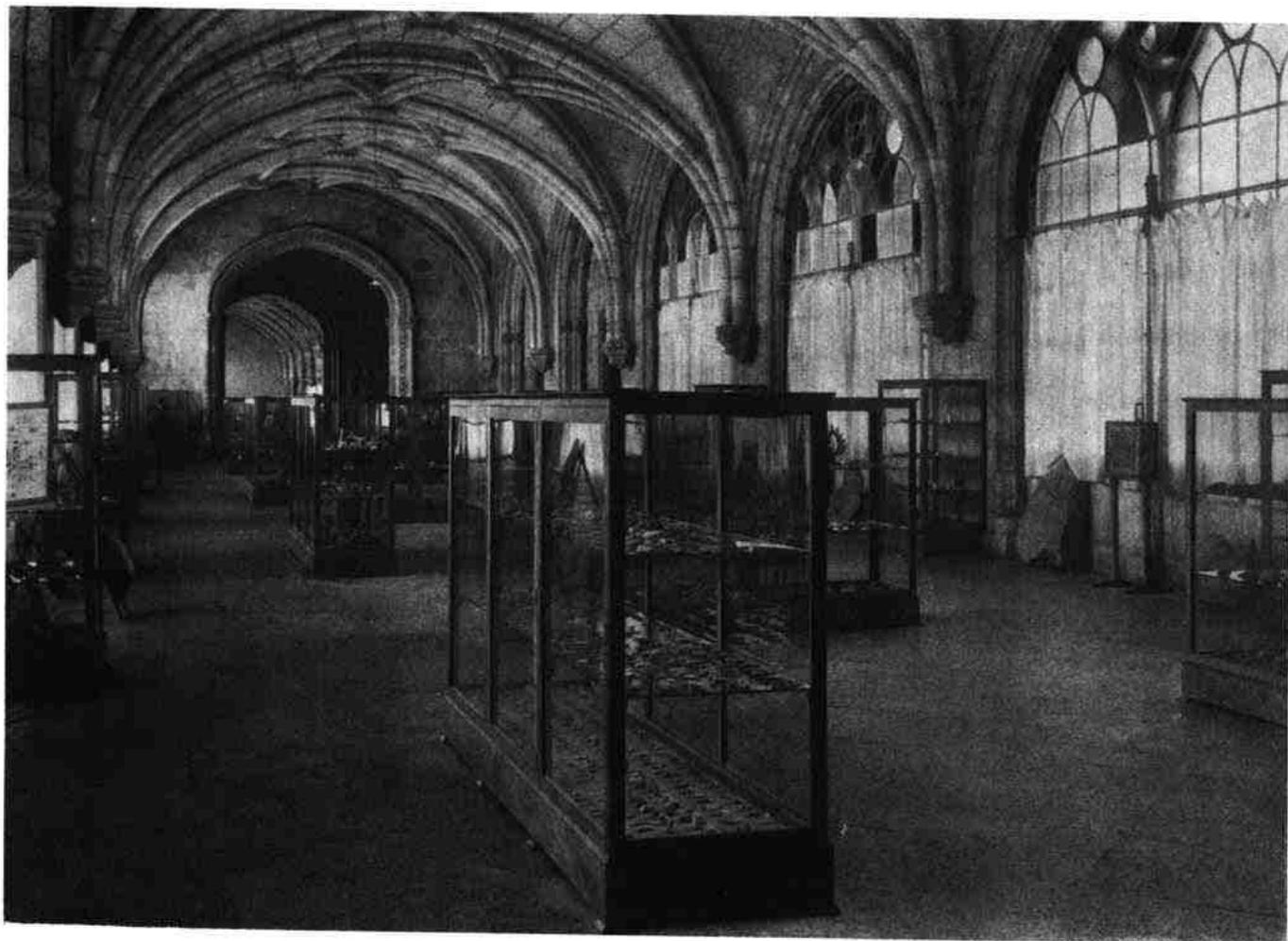


Fig. 18 — Museu Etnológico do D. or Leite de Vasconcelos. (Secção de pré-história e proto-história portuguesas)

(Alemanha), Companhia dos Diamantes de Angola, Museu Arqueológico Nacional (Espanha), Obras de Hidráulica Agrícola, etc.; em 1946: director das Obras de Hidráulica Agrícola, etc.; em 1947: Casa da Moeda, Palácio Nacional da Ajuda, João Martinho Vinte-e-Um, Câmara Municipal de Lisboa, Guilherme Felgueiras, Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, etc.; em 1948: Prof. Doutor João Pereira Dias, cônsul de Portugal em Florença (Itália), J. M. Cordeiro de Sousa, Prof. Felipe Mateu y Llopis (Espanha), Câmara Municipal de S. Pedro do Sul, Dr. Pedro Celestino Goulart de Medeiros, etc.; em 1949: Câmara Municipal de Serpa, Dr. Francisco Manuel de Araújo Pereira, António Dias de Deus, etc.; em 1950: Dr. Fernando Bandeira Ferreira, Jean Ollivier (França), Manuel Gomez Sôsa (Espanha), major Ismael Joaquim Spínola, etc.; em 1951: Museu Nacional de Arte Antiga, Museu de Etnografia e História do Douro Litoral, Dr. Domingos Luís Machado Guimarães e sua Ex.<sup>ma</sup> Família, Abade Namora, Dr. Manuel Estevens, Jacinto Manuel Faleiro, eng.<sup>o</sup> Arantes e Oliveira, Ministério do Exército, etc.; em 1952: Maia & Pinheiro, Lda., Jean Ollivier (França), Dr. Manuel Mateus, Manuel Gomez Sôsa (Espanha), etc.; em 1953: Manuel Gomez Sôsa (Espanha), coronel Mário Cardoso, Dr. Luís Pinto Garcia, etc.; em 1954: Museu Numismático Português, Administrador da Casa da Moeda, eng.<sup>o</sup> Gabriel Castro e Lobo, Fábio Gomes, Augusto Tomás Teixeira, etc.; em 1955: presidente da Câmara Municipal da Covilhã, Guarda Nacional Republicana da Covilhã, Dr. Alfredo Cabral, José Jorge Saraiva, etc.; em 1956: Francisco de Paula Silva, Dr. Francisco Serra Lynce, Marcelino Correia, Manuel Correia, etc.; em 1957: D. Cândida Rego Bettencourt Ferreira, cônsul-geral Dr. José Manuel da Silva Bettencourt Ferreira, Anta dos Prazeres Fusco, Museu Nacional de Arte Antiga, etc.; em 1958: Dr. Fernando Bandeira Ferreira, Joaquim António Galindo Rijo, D. Maria da Conceição Carvalhal, etc.; em 1959: Sociedade Hidroelétrica do Cávado, coronel Mário Cardoso, Batalhão n.<sup>o</sup> 4 da Guarda Republicana, Dr. António Fernandes, etc.; em 1960: Augusto de Sousa e Meneses Calça e Pina, D. Esperança Assunção, Pedro Goulart de Medeiros Vale, Luís Chaves, etc.; em 1961: Rodrigo Lopes Gomes, Manuel Gomez Sôsa (Espanha), director-geral dos Negócios Políticos e Administração Interna do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Francisco Rodrigues, provedor da Misericórdia de Alcácer do Sal, António Tavares da

Silva Falcão, major Ismael Joaquim Spínola, etc.; em 1962: D. Maria de Jesus Alves Pereira, D. Jurselina de Carvalho Saraiva, D. Beatriz de Matos Sequeira e Ex.<sup>ma</sup> Família, etc.; em 1963: administrador-delegado da Companhia Portuguesa Rádio Marconi, Dr. Gonçalves Machaz, João L. Saavedra Machado, etc.; em 1964: Doutor D. Fernando de Almeida, D. Adelaide da Conceição Oliveira Xavier e Ex.<sup>ma</sup> Família, D. Maria Teresa Monteiro, presidente da Câmara Municipal do Concelho de Loures, 2.<sup>a</sup> Subsecção da 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional da Educação, Emílio Correia, etc..

Dentre todos estes beneméritos, cumpre-nos ainda salientar mais uma oferta de Sua Excelência o Presidente do Conselho, Prof. Doutor Oliveira Salazar: a da importante colecção pré-histórica, proto-histórica e romana, que foi do Prof. Dr. Vergílio Correia e que deu entrada no Museu Etnológico em 1952. Assinalamos, ainda, a colecção do Dr. Abílio Roseira, oferecida pela Ex.<sup>ma</sup> Família.

Do mesmo modo, é também dever de justiça registar aqui, embora já o tivéssemos manifestado várias vezes, o nosso profundo agradecimento a todos os proprietários dos terrenos onde o Museu Etnológico tem realizado escavações, donde têm sido exumados espólios arqueológicos valiosíssimos.

Em 1929, o Governo da Nação, reconhecendo os serviços que o Prof. Doutor Leite de Vasconcellos prestara à organização e ao enriquecimento do Museu Etnológico Português e à cultura nacional através de numerosíssimas e importantes obras sobre as origens, os costumes e linguagem do nosso povo, condecorou aquele sábio com a Grã-Cruz da Ordem da Instrução e Benemerência e nomeou-o director honorário do Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, como desde então passou a chamar-se, pelo decreto n.º 16 624, de 18 de Março, firmado pelo Presidente da República, marechal António Óscar de Fragoso Carmona e pelo ministro da Instrução Pública, Sr. Prof. Doutor Gustavo Cordeiro Ramos (Vide Apêndice I).

Neste ano, por decreto n.º 16 640, de 17 de Março, publicado no *Diário do Governo* de 21 do mesmo mês, considerou-se o lugar de director do Museu inerente ao de professor catedrático ou auxiliar da Faculdade de Letras (Vide Apêndice III, b).

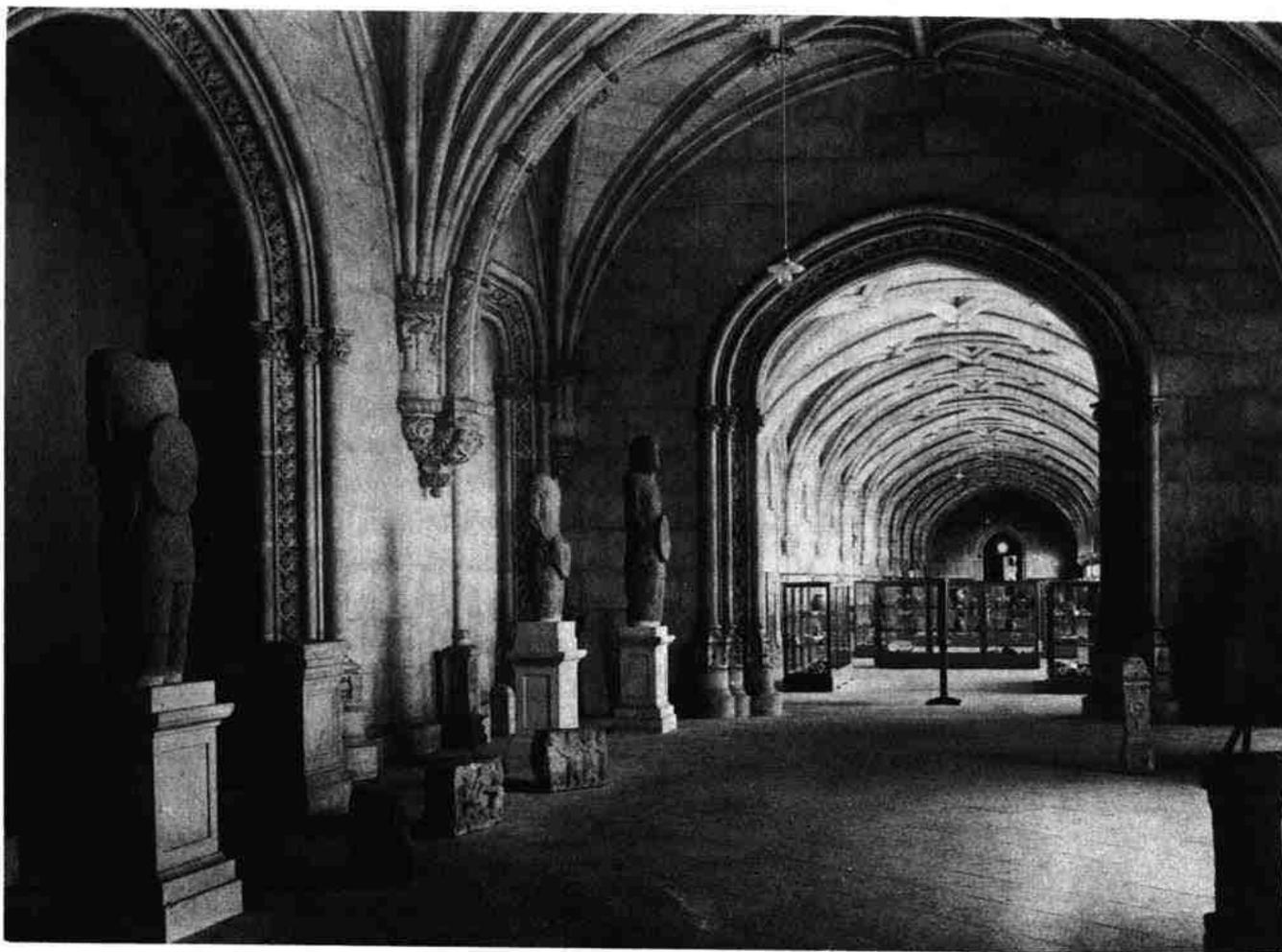


Fig. 19—Museu Etnológico do D.or Leite de Vasconcelos. (Vista de parte do pavimento I do Museu, com a parte central da galeria em primeiro plano, onde estão arrumados os guerreiros lusitanos)

Em 1930, por iniciativa da Direcção deste estabelecimento, procedeu-se à *Reorganização do Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos* vinda a lume no decreto n.º 18 237, de 23 de Abril, rectificado no *Diário do Governo* n.º 101, de 2 de Maio do mesmo ano (Vide Apêndice II).

Pela experiência de mais de dez anos de serviço no Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, pelo contacto directo com a sua Direcção em todos os momentos, e pela responsabilidade da sua administração que vem assumindo nestes últimos tempos, ao A. cumpre revelar, em prol deste estabelecimento do Estado, que, se através dos anos, a legislação ainda em vigor se mostrou de harmonia com o desenvolvimento do Museu, hoje, apesar de já ter sido alterada num ou noutro ponto, é manifesta a falta de serviços de investigação, de conservadores, de catalogadores<sup>(59)</sup>, de colectores, outro pessoal técnico nos seus quadros e funcionários para guiarem os visitantes e vigiarem as salas. Porém, são de louvar as iniciativas que a Direcção levou a efeito para preencher essas lacunas<sup>(60)</sup>, que conseguiu eliminar em parte, ao obter, mediante autorização superior, a colaboração durante vários anos de numerosos especialistas, como por exemplo os Doutores Georg e Vera Leisner, Prof. Scarlat Lambrino<sup>(61)</sup>, Dr. Fernando Bandeira Ferreira, Dr. José Fragoso de Lima, Dr. Henrique Barrilaro Ruas, Dr.<sup>a</sup> Irisalva de Nóbrega Moita, Dr. Joaquim Abreu Fignier, Sr.<sup>a</sup> D. Margarida Ribeiro, Dr. Manuel Farinha dos Santos, etc., etc., cultores das especialidades inerentes às várias secções do Museu Etno-

---

<sup>(59)</sup> Em 1916, já o Dr. Félix Alves Pereira escrevia ao Prof. Leite de Vasconcelos: «Eu cá ando a furar no ponto de vista do catálogo, que, provado está, um conservador não pode fazer com a urgência que as circunstâncias reclamam»: João L. Saavedra Machado, *O Dr. Félix Alves Pereira e o Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos*, sep. do *Ethnos*, vol. IV, 1965, pág. 32.

<sup>(60)</sup> Também uma comissão nomeada por portaria de 24 de Novembro de 1955, publicada no *Diário do Governo*, II série, n.º 275, de 26 de Novembro do mesmo ano, elaborou um *Programa para a Instalação do Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos na Cidade Universitária, de Que Foi Relator o Prof. Doutor Manuel Heleno* (Vide *Ethnos*, vol. IV, 1965, págs. 63-74). Nesse *Programa* encarava-se o problema «com largueza, como se fez em Espanha e noutros países cultos», e proporcionavam-se «as condições exigidas pela sua tríplice função de instrumento de cultura geral, de investigação científica e de ensino», prevendo-se as seguintes secções: a) salas de exposição permanente para o público; b) salas de exposição permanente para especialistas e estudantes; c) depósitos para arquivo do material de interesse local; d) serviços de investigação; e) serviços de expansão cultural; f) serviços administrativos e auxiliares. (Vide Apêndices VII e VIII).

<sup>(61)</sup> *Catalogue des Inscriptions Latines du Musée D.<sup>r</sup> Leite de Vasconcelos*, in *O Arqueólogo Português*, nova série, vol. IV e segs.

lógico e que se dedicaram às tarefas que lhes foram incumbidas pelo Prof. Manuel Heleno. Também para assegurar a necessária vigilância, que era insuficiente, das galerias e salas de exposição permanente ao público, a Direcção do Museu, autorizada superiormente, incumbiu desse serviço eventual um auxiliar.

Também devemos registar que, se junto do estabelecimento havia «uma biblioteca especial das obras indispensáveis acerca dos assuntos do Museu», «um gabinete de fotografia», «uma oficina», «arrecadações» que já utilizava, etc., hoje, devido principalmente às demolições motivadas pelo restauro do antigo convento dos Jerónimos, só conta apenas com a sua biblioteca muito melhor acomodada, mas, pelo seu enriquecimento, com um número de salas já insuficiente; se gozava de «autonomia administrativa», pelo decreto-lei n.º 38 692, de 21 de Março de 1952 veio a perdê-la nesse ano, por medida de carácter geral; se no quadro do seu pessoal técnico existia o lugar de conservador, pelo decreto n.º 26 115, de 23 de Novembro de 1935, ele foi extinto e criado o de auxiliar de naturalista, que foi desempenhado com muita competência e zelo pelo titular do antigo cargo de conservador. Posteriormente, essas funções foram representadas pelo actual inspector das Bibliotecas e Arquivos, Sr. Dr. Fernando Bandeira Ferreira, e agora pelo A., que teve a honra de ser modesto companheiro de ambos durante vários anos. Por diversas vezes a Direcção do Museu tentou criar novamente o antigo cargo, sendo a última em Maio de 1964.

Ainda neste ano, o director do Museu fez todas as diligências para a aquisição do *Tesouro de Moura* <sup>(62)</sup>, riquíssimo conjunto de antigualhas que tinha sido encontrado em Maio na herdade do Álamo, freguesia de Sobral da Adiça, concelho de Moura. Mercê do interesse científico dos Ex.<sup>mos</sup> Ministros das Finanças e da Instrução, Srs. Profs. Doutor Oliveira Salazar e Cordeiro Ramos, que incluíram no orçamento desse mesmo ano verba para esse fim, o tesouro de Moura encontra-se hoje no Museu Etnológico. É constituído pelas seguintes peças:

- a) Um colar oco, de secção circular, com ornamentação em faixas dispostas em ângulo (Fig. 27);

(62) Manuel Heleno, *Jóias Pré-Romanas*, in *Ethnos*, vol. I, Lisboa, 1935, págs. 245-252.

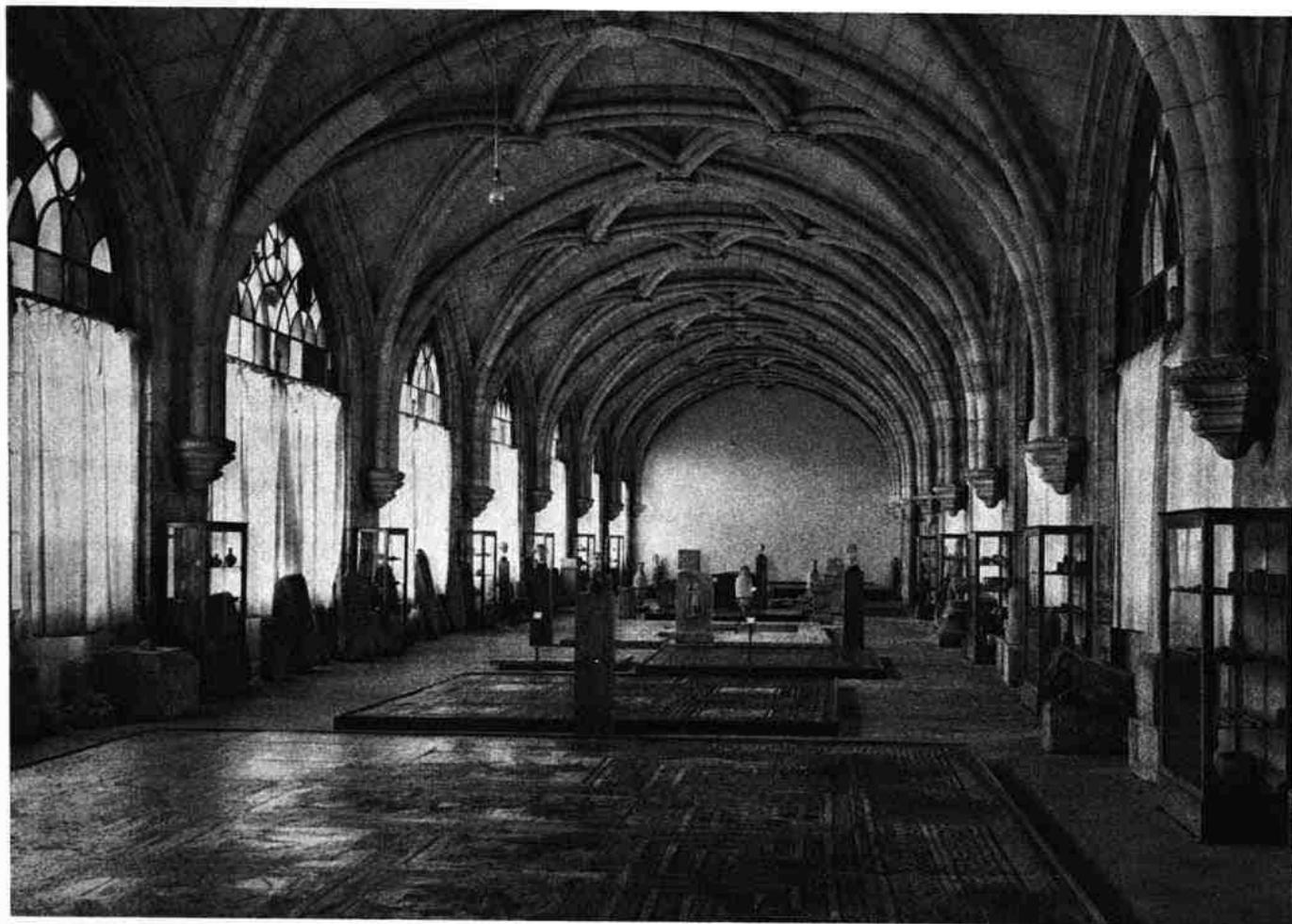


Fig. 20 — Museu Etnológico do D.º Leite de Vasconcelos. (Secção lusitano-romana do Museu)

- b) Um colar laminiforme, em tronco de cone, com a secção oblíqua à base, e fecho que apresenta uma figura feminina (Fig. 28);
- c) Xorca constituída por três canevões, com decoração incisa angular, ligados por fitas de chapa com ornamentação (Fig. 29);
- d) Dois braceletes elípticos de fios soldados ou ressoados (Fig. 30).

Para proceder ao estudo do referido tesouro e das condições do seu achado, o Prof. Manuel Heleno, no fim do ano, fez uma excursão prolongada a Moura e arredores, onde tomou diversas notas<sup>(63)</sup> sobre alguns aspectos da vila de Moura. Também visitou o Museu de Beja; procedeu a pesquisas arqueológicas em Setúbal e cercanias (Casa Velha, ruínas de Tróia, Casinha da Saúde, etc.); participou no XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, realizado em Coimbra e no Porto, no dia 22 de Setembro e seguintes<sup>(64)</sup>.

*Em 1931:*

Por iniciativa da Direcção do Museu Etnológico, o quadro do seu pessoal foi totalmente preenchido: por decreto de 29 de Agosto, publicado no *Diário do Governo*, II série, n.º 223, de 26 de Setembro do mesmo ano, Luís Chaves<sup>(65)</sup>, que já tinha exercido, com muita competência, as funções de preparador e conservador interino (1912-1919), foi nomeado, mediante con-



Fig. 21 — Luís Chaves

<sup>(63)</sup> Todos os elementos principais das investigações no campo que se mencionam neste trabalho, foram colhidos pelo A. directamente dos numerosíssimos cadernos de relatórios do Prof. Manuel Heleno, que muito amavelmente lhos facultou.

<sup>(64)</sup> Manuel Heleno, *Notícia de alguns Instrumentos Neolíticos de Grande Comprimento*, Lisboa, 1933; *Tampas Sepulcrais Insculturadas da Época do Bronze*, Lisboa, 1933.

<sup>(65)</sup> Luís Chaves nasceu em Chaves em 1889 e frequentou estudos matemáticos na Universidade de Coimbra e na Escola Politécnica. Foi oficial do exército, professor do Curso Supe-

curso, conservador efectivo do Museu Etnológico, vaga deixada pelo seu director, Prof. Manuel Heleno, que fora atingido pelas disposições do decreto-lei n.º 15 538, de 1 de Junho de 1928; foi também contratada para preparadora do Museu a Dr.ª Rosa Carvalheira y Capeans, que durante a sua estadia no estabelecimentos se dedicou especialmente à epigrafia, como adiante se anotarás.

Luís Chaves já se revelara um notável publicista, principalmente no campo da etnografia. Indicamos alguns dos seus trabalhos até 1931:

- *Ex-Votos do Museu Etnológico Português. Catálogo Descritivo. Sep. de O Archeologo Português*, vols. XIX, 1914 e XX, 1915. Lisboa, 1915, 50 pp..
- *Os Barristas de Estremoz (Sécs. XVIII-XX). Imagens e Bonecos. Sep. de Terra Nossa*, n.º 1. Lisboa, 1916.

---

rior de Bibliotecário-Arquivista, e do Estágio para conservadores de museus, do ensino particular e preparador e conservador do Museu Etnológico do D.ºr Leite de Vasconcelos (1912-1919 e 1931-1957). A sua operosa, diligente e inteligente actividade de espirito multifacetado e de aptidões variadas repartiu-se pelos domínios da arqueologia, da etnografia, do folclore, da numismática, da medalhística, da filologia, da história, da critica e da história da arte, da novelística, etc., ramos do saber e da literatura em que tem escritos trabalhos (livros e opúsculos) que ultrapassam a centena, muitos dos quais aqui especificados, e outros mais, todos quantos lhe abriram honrosamente as portas de doudas e conceituadas agremiações científicas como a Société d'Ethnographie de Paris, o Institut International d'Anthropologie de Paris, a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, o Grupo Português de História das Ciências, o Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, o Instituto de Coimbra, etc., e o fizeram intervir em vários congressos nacionais e internacionais. Além disso colaborou em revistas e jornais como *Alma Nova*, *Arqueologia e História*, *Arqueólogo Português*, *Anais das Bibliotecas*, *Museus e Arquivo Histórico de Lisboa*, *Arquivo de Viana do Castelo*, *Arquivo da Madeira*, *Arquivo da Universidade de Lisboa*, *Arquivo Histórico de Portugal*, *Biblos*, *Boletim da Associação Central de Agricultura*, *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, *Brotéria*, *Estudos Portugueses*, *Ethnos*, *História*, *A Língua Portuguesa*, *Nação Portuguesa*, *Olisipo*, *Portucalé*, *Portugália*, *Revista de Arqueologia*, *Revista de Guimarães*, *Revista Lusitana*, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, *Mensário das Casas do Povo*, etc..

Conhecedor de várias línguas, latim, francês, inglês, alemão, italiano e espanhol, a sua informação bibliográfica é portanto vasta e variada, e as suas investigações ascendem à antiguidade lusitano-romana e dali transitam pela Idade Média e Moderna até os dias de hoje. A erudição profunda do sábio etnógrafo manifesta na abundante documentação que enriquece os seus estudos quase se dilui através do seu estilo a um tempo preciso e rigoroso, fluente e grácil, em que perpassa muitas vezes um leve sopro de humor que deleita o interessado leitor e suaviza a densidade do saber e a aridez dos assuntos versados.

O Professor Luís Chaves é hoje, indubitavelmente, o nosso maior etnógrafo, e a sua reputação há muito que atravessou as fronteiras por intermédio dos seus escritos, que honram sobremaneira o Museu Etnológico e a cultura portuguesa.

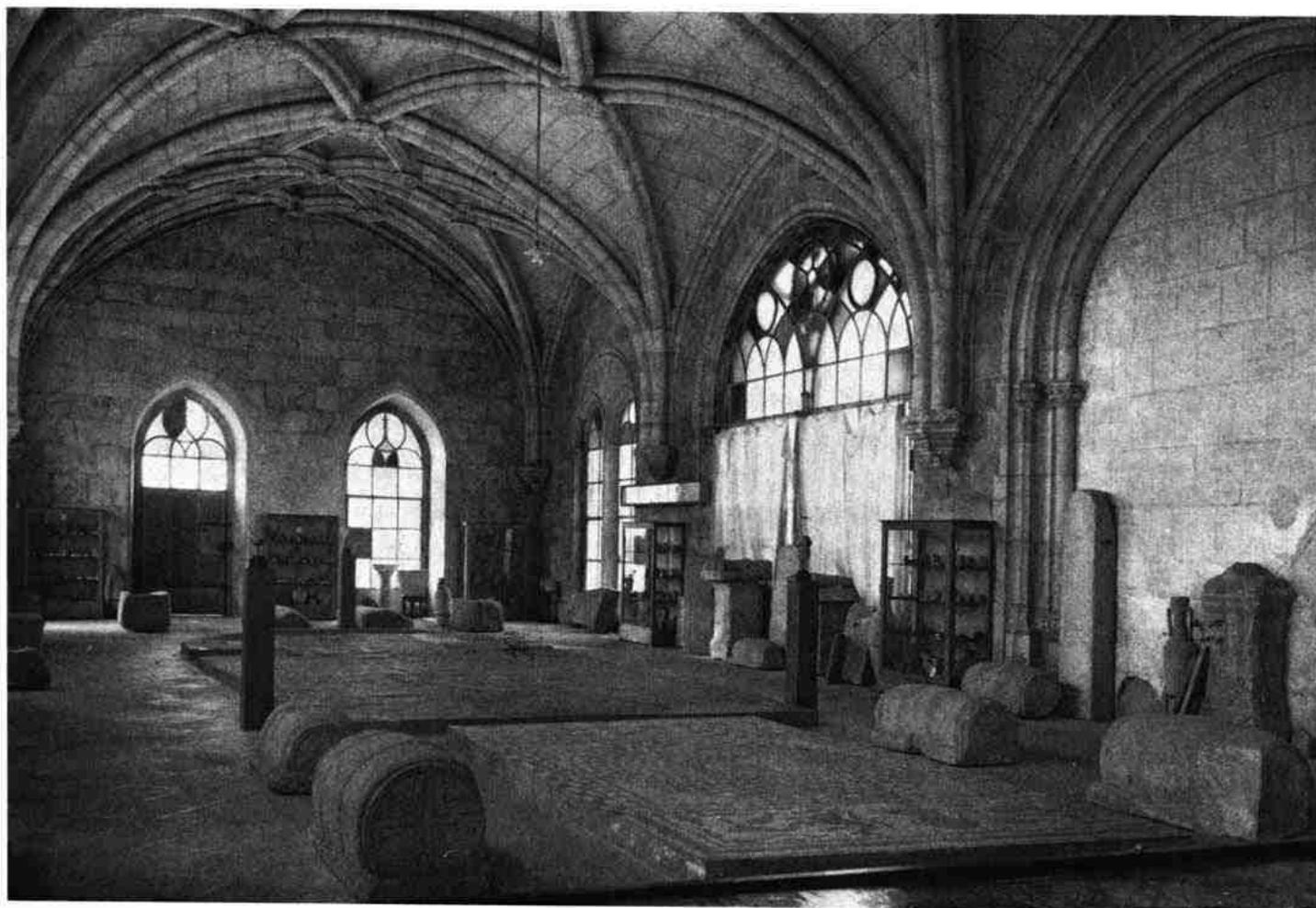


Fig. 22 — Museu Etnológico do D. or Leite de Vasconcelos. Antiga exposição cronológica, demonstrativa das épocas lusitano-romana (continuação), arábica e medieval

- *Bibliografia Artística de D. Isabel de Portugal, a Rainha Santa. Subsídios.* Sep. do *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, 1.ª série, vol. II, fasc. 1. Lisboa, 1916.
- *O Pelourinho de Estremoz (Séc. XVI).* Sep. de *Terra Nossa*, n.º 3. Lisboa, 1916.
- *A Grei Portuguesa. Notas para Um Programa de Etnografia Portuguesa.* Na *Revista Lusitana*, vol. XVIII, pp. 42 - 86. Lisboa, 1916.
- *Folclore de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz).* Em *O Archeologo Português*, vol. XIX, pp. 292 - 333. Lisboa, 1916.
- *Ânforas Portuguesas.* Em *Atlântida*, vol. IX, n.º 16. Lisboa, 1917.
- *Mealheiros.* Sep. de *Atlântida*, n.º 22. Lisboa, 1917.
- *Arte Popular do Alentejo: os Ganchos de Meia, de Barro, de Estremoz (Séc. XX).* Sep. de *Águia*, n.ºs 67-68. Porto, 1917.
- *Sobrevivências Neolíticas de Portugal: Vestígios Líticos, em Concordância ou Paralelismo, e na Toponímia.* Sep. de *Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. IV, pp. 55-81. Lisboa, 1917.
- *Arqueologia Artística: Dois Pelourinhos de Além-Tejo; Siglas em Edifícios Medievais de Estremoz; «Registo de Santo» com os Retratos de D. João V e da Rainha.* Sep. de *O Archeologo Português*, vol. XXII, 1917. Lisboa, 1918.
- *A Agricultura e a Etnografia.* Sep. do *Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa*, n.ºs 2 e 3. Lisboa, 1920.
- *Viriato o Herói da Lusitânia.* Em *Portugalia*, Lisboa, 1922.
- *O Amor Português (Estudo Etnográfico).* Lisboa (Livraria Clássica), 1922, 167 pp..
- *Latifúndio de Romanos no Alentejo, Uma «Villa» Romana.* Sep. do *Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa*, n.º 4. Lisboa, 1922.
- *Os Barristas Portugueses (nas Escolas e no Povo).* Coimbra (Imprensa da Universidade), 1925, 110 pp..
- *Prefácio da 2.ª ed. de Adágios Portugueses,* de António Delicado. Lisboa (Livraria Universal), 1924, pp. 5-68.
- *Lendas de Portugal: Contos de Mouras Encantadas.* Lisboa (Livraria Universal), 1924, 245 pp..
- *Registos de Santos: Catálogo, com Um Estudo Preambular e Notas,*

- da Colecção de «Registos» de Aníbal Fernandes Tomás, hoje no Museu Etnológico Português. Sep. de *O Archeologo Português*, vols. XXI, 1917 a XXV, 1923-1924, 168 pp. Lisboa, 1925.
- *Subsídios para a História da Gravura em Portugal*. Coimbra (Imprensa da Universidade), 1927, 202 pp..
- *A Divisão Territorial Portuguesa*. Sep. de *Acção Realista*. Lisboa, 1927, 60 pp..
- *A Beira* (do Livro «Portugal na Exposição Portuguesa de Sevilha»). Lisboa, 1929.
- *Chaminés de Portugal*. Sep. de *Alma Nova*, Lisboa, 1929
- *Os Pelourinhos Portugueses*. Vila Nova de Gaia (Edições Apolino), 1930, 67 pp..
- *O Século do Tosão de Ouro em Portugal* (colaboração com o Sr. José da Cunha Saraiva). *Estudo Comemorativo do 5.º Centenário da Instituição da Ordem (1430-1930)*. Sep. de *Arqueologia e História*, vol. II, 1.ª parte, pp. 1-39; 2.ª, pp. 41-81. Lisboa, 1930.
- *Trás-os-Montes no Horizonte das Almas e da Terra* (Conferências em Chaves). Gaia, 1931, 79 pp..
- *O Pelourinho de Viana do Minho*. Sep. de *Miscelânea*. Lisboa, 1931.

Luís Chaves, até 1931, levava a efeito pesquisas directas nos estudos etnográficos, das quais evidenciamos as que efectuou nos concelhos de Estremoz, Sousel, Borba e Vila Viçosa (*Revista Lusitana*, XIX, 1916; *Terra Nossa*, n.ºs 1 a 3, Lisboa, 1916; etc.). A investigação directa nesse ramo da sua especialidade continuou, como veremos, até à sua aposentação<sup>(66)</sup>.

Com efeito, o professor do Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista, Luís Chaves, desenvolveu grande actividade, que se prolongaria

---

(66) Atingiu o limite de idade para o exercício de funções públicas em 10 de Maio de 1957. Neste dia realizou-se no Museu Etnológico uma pequena cerimónia íntima, com a presença de todos os funcionários, e o Prof. Manuel Heleno, num breve improvisado fez o elogio da acção notável de Luís Chaves no estabelecimento que sempre serviu com muita competência e dedicação, convidando-o a elaborar ali a continuação dos seus trabalhos.

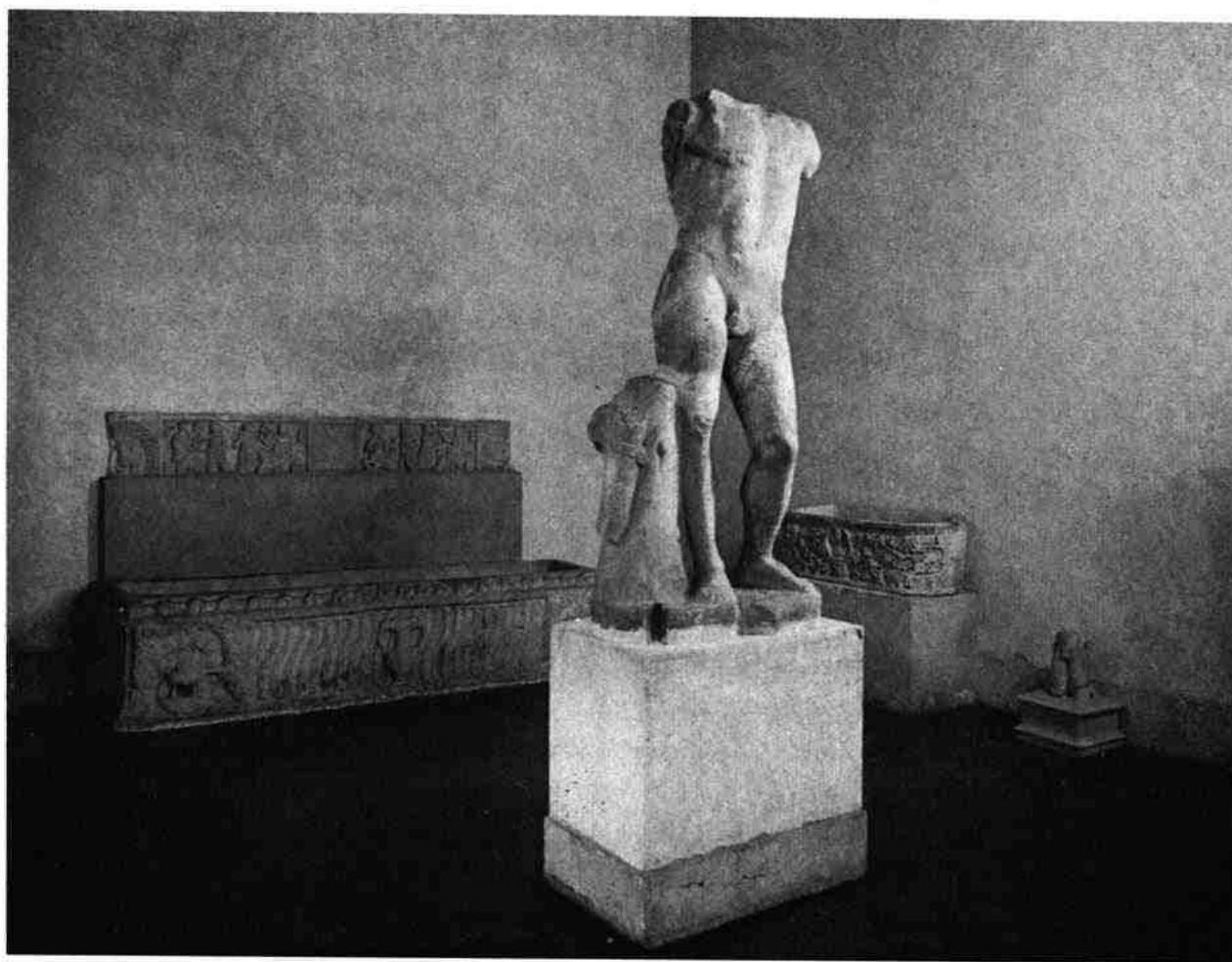


Fig. 23 — Museu Etnológico do D.ºr Leite de Vasconcelos. (Sala da escultura romana)

durante muitos dos anos seguintes, recolhendo nos seus cadernos de apontamentos numerosíssimas notas históricas e folclóricas para os seus trabalhos, das visitas de estudo que fez por diversas vezes até 1957 aos concelhos de Oeiras (Queluz e arredores, Paço de Arcos, Santo Amaro), Cascais (Parede e Estoris), Sintra (Colares, Maçamá, Praia das Maçãs), Mafra, etc., para não falarmos da sua acção em Lisboa, pois é curioso verificar que os estudos olisiponenses têm-lhe merecido grande atenção, a avaliar por algumas das suas obras:

- *Alfama de ontem e Alfama de hoje: Aspectos Históricos e Etnográficos*: Conferência ao ar livre em Alfama. Sep. dos *Anais das Bibliotecas e Arquivos Históricos*, da Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa, 1936, n.º XI.
- *Lisboa Romana. Monumento Epigráfico Dedicado a Apolo por Um Augustal*. Sep. da *Revista de Arqueologia*, tomo II. Lisboa, 1936.
- *A Inspiração Folclórica na Obra de Rafael Bordalo Pinheiro*. (Conferência em Lisboa). Lisboa (Edição José Fernandes Jr.), 1937;
- *Lisboa no Folclore. Como o Povo Canta, como Rima com Ela, como Vê e como se Ri por causa dela*. Sep. de *Olisipo*, n.º 5. Lisboa, 1939.
- *Notas Etnográficas de Lisboa*. Sep. da *Revista Municipal*, n.º 6. Lisboa, 1941.
- *Os Barcos do Tejo: Fragatas e Varinos*. Sep. da *Revista Municipal*, n.º 10. Lisboa, 1941.
- «*Registos de Santos*» de Lisboa. Sep. dos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vols. XVII - XVIII. Lisboa, 1944-1946.
- «*Registos de Santos*» da cidade de Lisboa (*Registos Gravados*). Sep. da *Revista Municipal*, n.º 26. Lisboa, 1946.
- *São Francisco Xavier nas Tradições da Cidade de Lisboa*. Sep. da *Revista de Guimarães*, vol. LXIII. Guimarães, 1953.
- *Nota de Etnografia: Carros, Carrinhos e Carroças de Lisboa (Transportes de Tracção Animal)*. Sep. da *Revista Municipal*. Lisboa, 1953.
- *Dos Barcos Miúdos de Lisboa: Botes, Canoas, Chatas, etc.* (Nota

*Etnográfica Olisiponense*). Sep. da *Revista Municipal*, n.º 62. Lisboa, 1955.

— *Nota Etnográfica: Os Pregões Populares das Ruas de Lisboa*. Sep. da *Revista Municipal*, n.º 64. Lisboa, 1955.

— *Notas Etnográficas de Lisboa: Alforjes e Cangalhas*. Sep. da *Revista Municipal*, n.º 68. Lisboa, 1956.

— Etc., etc..

Também se nos impõe o dever de fazer referência especial ao desenhador do Museu Etnológico, Francisco de Paula Valença<sup>(67)</sup>, nosso saudoso Amigo infelizmente já falecido, e a quem desejamos prestar aqui sentida homenagem. Dedicado ao estabelecimento em que serviu a Nação, desde 1 de Julho de 1920 até 2 de Dezembro de 1952, Francisco Valença



Fig. 24 — Francisco Valença

revelou-se um artista exímio, cujo traço indelével permanecerá para sempre no Museu Etnológico, onde a maior parte dos seus desenhos, que ilustraram numerosos trabalhos do Prof. Leite de Vasconcellos e do Prof. Manuel Heleno, se encontram reunidos e seleccionados em sete valiosos e volumosos albuns (dois de Etnografia e cinco de Arqueologia). Nas últimas décadas, colaborou com a sua arte nalgumas campanhas de investigações do director do Museu, levantando as plantas das grutas artificiais de Carenque, do cemitério visigótico da Silveirona (Estremoz) e de numerosíssimos dólmenes da região de Montemor-o-Novo e limítrofes.

(67) Francisco de Paula Valença (1882-1963) foi funcionário bancário e terminou a sua carreira contabilística no cargo de tesoureiro do Banco Comercial de Lisboa em 1920, ano em que, na qualidade de desenhador, ingressou no Museu Etnológico Português, onde trabalhou proficientemente durante trinta e dois anos, até atingir o limite de idade em 1952; mas ainda, depois disto, continuou a dedicar a sua actividade ao Museu e ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia.

Francisco Valença foi um vigoroso caricaturista que venceu a sua posição entre tantos outros do seu tempo, com Bordalo Pinheiro, Manuel Gustavo, Julião Machado, Celso Herminio, Leal da Câmara, Stuart Carvalhais, Manuel Monterroso e outros de tão gloriosa estirpe. Fundou

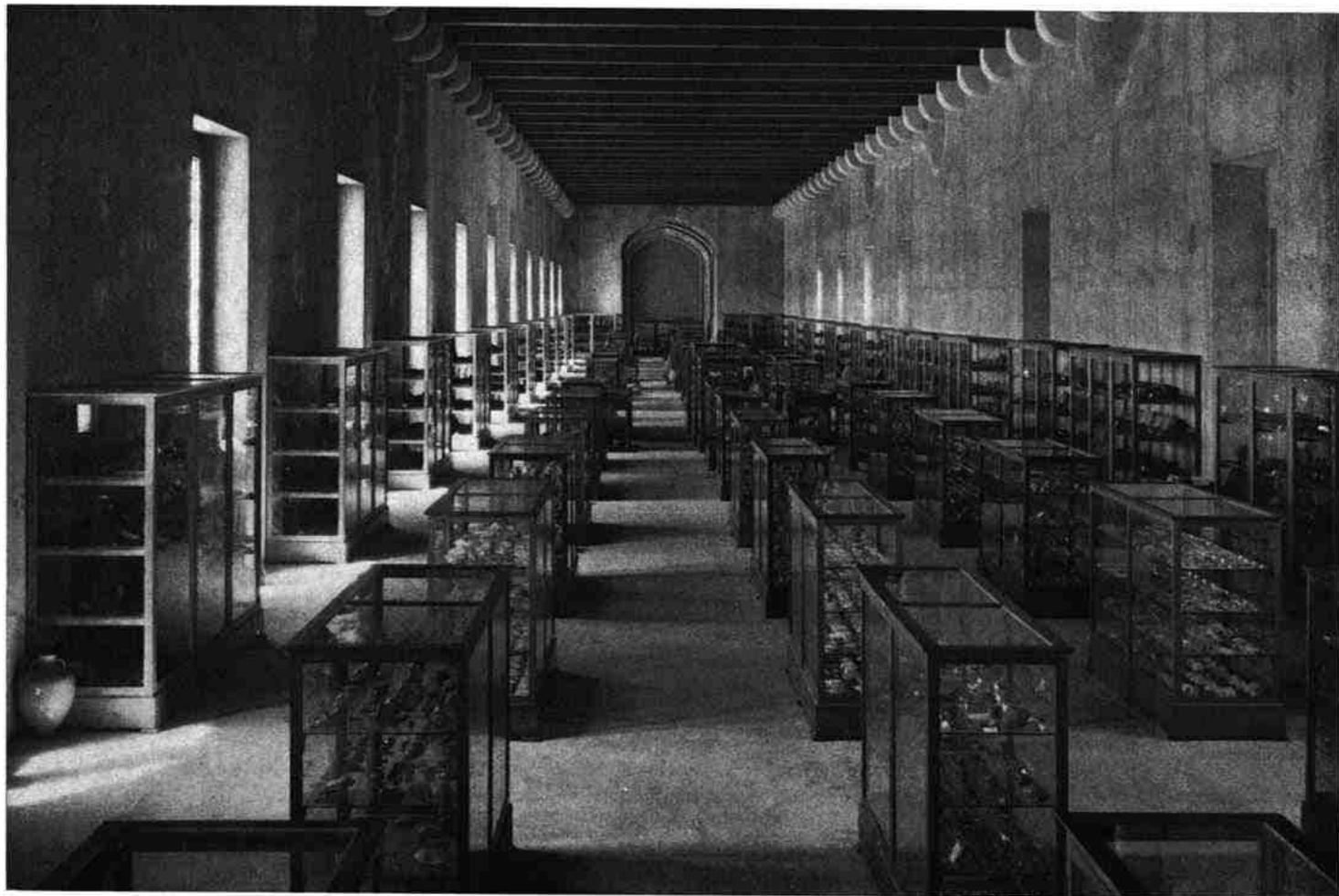


Fig. 25 — Museu Etnológico do D.º Leite de Vasconcelos. (Secção de estudo do pavimento II: pré-história, proto-história, épocas lusitano-romana, visigótica, árabe e medieval portuguesa)

Francisco Valença, ao mesmo tempo que dava belas provas do seu rigor no desenho científico, devido à sua sensibilidade requintada, divagava, sempre com brilho, por outras esferas da actividade, sendo a principal a caricatura, a cuja pena não escaparam os seus directores e amigos, Profs. Leite de Vasconcellos e Manuel Heleno.

Neste ano, o director do Museu deu início a numerosíssimas e importantes investigações, que visavam o preenchimento de lacunas da pré-história portuguesa e a ampliação do conhecimento dessas épocas tão

---

revistas e jornais humorísticos, como *O Chinelo*, *O Salão Cómico*, *Varões Assinalados*, *O Moscardo*, e, com a colaboração literária de Carlos Simões, a série de *Catálogos Cómicos*, das exposições da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Colaborou em muitos jornais e revistas, como *A Comédia Portuguesa*, o *Suplemento Humorístico de O Século*, a *Ilustração Portuguesa*, *Tiro e Sport*, *Alma Nova*, *Alma Nacional*, *Arte Musical*, a *Sátira*, *O Espectro*, *Portucalé*, e *Sempre Fixe*, que dirigiu artisticamente de 1926 em diante, e ainda nos diários *O Mundo*, *A Capital*, o *Diário de Notícias*, *A República* e o *Comércio do Porto*. No *Boletim de los Laboratorios G. Fermé y Establecimientos T. Clerc*, de Barcelona, inseriu caricaturas de eminentes clínicos portugueses (1931-1932). Além disso, ilustrou numerosos livros de escritores portugueses e colaborou nos *In Memoriam* de Camilo, de Eça de Queiroz, de Teófilo Braga e Delfim Guimarães. Francisco Valença participou em várias exposições nacionais e internacionais, como na dos humoristas portugueses (1907), na do Rio de Janeiro (1921-1922), e das Caldas da Rainha, e alcançou as medalhas de honra (ouro) da Sociedade Nacional de Belas-Artes, de ouro das Caldas da Rainha e de ouro (*Grand Prix*) da Internacional do Rio de Janeiro. Quadros seus figuram no Museu Nacional de Arte Contemporânea (Lisboa), no Museu Nacional de Soares dos Reis (Porto), no Museu de Rafael Bordalo Pinheiro (Lisboa) e no Museu do Abade de Baçal (Bragança).

Em 1962, o Município Lisbonense consagrou o Artista na exposição «Lisboa na obra de Francisco Valença». No intróito do respectivo catálogo ilustrado, entre muitas outras coisas, lê-se o seguinte: «Lisboa tem uma grande dívida de gratidão em aberto para com o talento e a dedicação cívica de Francisco Valença, alfacinha da gema e apaixonado da capital, cuja vida acidentada de meio século ele soube trasladar risonha e amorosamente para os seus cartões mágicos de caricaturista encartado das grandezas, misérias e ridículos da existência cidadina. É esse compromisso de honra que a Câmara Municipal pretende começar hoje a pagar, oferecendo aos lisboetas este certame retrospectivo do maior interesse, e que é a demonstração luminosa da arte, do espírito e da devoção bairrista dum dos maiores caricaturistas portugueses deste século» (pág. 7).

Em quase quarenta anos ao serviço do Museu Etnológico, o artista ilustrou *O Arqueólogo Português*, o *Boletim de Etnografia*, o *Ethnos* e muitas obras do Prof. Leite de Vasconcellos, como *A Barba em Portugal*, *A Figa*, *De Terra em Terra*, *Memórias de Mondim da Beira*, etc., do Professor Heleno e de Luís Chaves.

Se o caricaturista original e inconfundível pela mestria do desenho e pelo traço vigoroso e incisivo das suas sátiras avulta no meio humorístico nacional o desenhador científico sobe mais alto ainda no primor subtil e grave com que soube dar vida aos restos ergológicos das civilizações transactas. Os álbuns mencionados acima, em que se albergam numerosos desenhos de Francisco Valença, as reproduções de trabalhos seus nas obras científicas supra-referidas patenteiam eloquentemente a agilidade de talento que saltita fàcilmente da jocosidade vibrante da caricatura para a objectividade precisa da arte ao serviço da ciência.

remotas (paleolítico inferior, paleolítico superior, mesolítico, neolítico puro, eneolítico, bronze, época do ferro, época lusitano-romana e época visigótica), de modo que se pudesse deslindar a origem da lusitanidade. Com efeito, começou por desenvolver grande actividade, calcorreando o concelho de Montemor-o-Novo e limítrofes, onde procedeu a muitos reconhecimentos e explorou numerosíssimos monumentos (antas, chãos de cabanas, povoações, castros, etc.) nas seguintes localidades:

- S. Geraldo
- Comenda do Coelho
- Casarões do Zambujeiro
- Casa Velha (Repola)
- Velada
- Tapada
- Comenda da Igreja ou Eira
- Curral da Antinha
- Comendinha
- Cavaleiro
- Vale do Gato
- Capela
- Várzeas
- Cabeço da Gorda
- Peso (Vale dos Carros)
- Tanque do Romão
- Pimpolho (Arneiro das Pedras)
- Arneiro dos Pinhais
- Azinhal
- Vale do Pereiro
- Tanque Velho
- Vale do Beiró
- Caminho da Fânica
- Curral da Mosca
- Vale do Cordeiro
- Mouchão das Azinheiras
- Água Doce
- Etc..



Fig. 26 — Museu Etnológico do D.ºr Leite de Vasconcelos (sala da boneca). Exposição de exemplares que caracterizam a história da boneca.

(Colecção da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Cândida de Viveiros Rego Bettencourt Ferreira, benemérita do Museu Etnológico).

O director do Museu recolheu também variadíssimas notas etnográficas do Siborro e arredores, entre as quais pomos em evidência um *Cancioneiro* da região; procedeu a prospecções arqueológicas nos arredores de Setúbal (Tróia), onde encontrou vestígios paleolíticos na zona que se estende da Casa Velha, sobranceira ao Sado, até à boca da Lagoa; visitou as grutas de Palmela; fez viagens de estudo a Aveiro, onde recolheu várias notas etnográficas, e a Évora, estudando as suas antiguidades e o seu Museu; etc..

*Em 1932:*

O director do Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, estabelecimento de cultura fundado pelo Estado para a Nação, propôs às instâncias superiores a criação de uma Sociedade de Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnográficos, estendida a todo o território português, continente e ultramar, e enviou um projecto dos seus estatutos. Segundo estes, ela teria os seguintes objectivos:

- a) obter colaboradores que lhe prestassem apoio intelectual e material;
- b) englobar todos aqueles que quisessem contribuir para o estudo das suas colecções;
- c) fazer escavações e pesquisas com unidade e continuidade, expandir a ciência etnológica, prestar apoio à obra do Museu, para que este também melhor pudesse estabelecer e estimular, como lhe compete, a sua expansão cultural<sup>(68)</sup>.

Muitos museus portugueses e estrangeiros criaram, para os auxiliar, o seu grupo de amigos, que o Museu Etnológico pretendia com feição mais ampla e acção mais prática e cultural: escavações, colecções, sessões públicas, publicações periódicas e monográficas, excursões científicas, investigação directa, isto é, todos os meios de cultivar as ciências da sua esfera de acção. Para isso, uma Sociedade de Estudos Arqueológicos, His-

---

<sup>(68)</sup> V. *A Propósito da Actividade Científica do Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos...*, in *O Concelho*, 1932, págs. 3 e 6.

tóricos e Etnográficos, alargada a todo o Portugal, integraria o Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos na Nação, continente e ultramar, porque procuraria os seus amigos em todo o território português<sup>(69)</sup>.

O director do Museu<sup>(70)</sup> prosseguiu nas suas investigações: explorou numerosíssimos dólmenes do concelho de Montemor-o-Novo<sup>(71)</sup> e limítrofes e procedeu a pesquisas e escavações em Carenque (Queluz) e cercanias, exumando aqui um valioso espólio arqueológico e antropológico<sup>(72)</sup> repleto de novidades pré-históricas, na opinião de Leite de Vasconcelos, como se disse. As suas investigações na região de Carenque e arredores incidiram nos seguintes sítios:

- Vila Chã
- Serra das Baútas
- Pedreira do Vinagre
- Alto de Belas
- Casal do Pego
- Linhões
- Quinta das Águas Livres
- Olela
- Colaride
- Covas do Ferro
- Caneças
- Casal de Vila Chã
- Casal do Mesquita

---

<sup>(69)</sup> Manuel Heleno, *Um Quarto de Século de Investigação Arqueológica*. Sep. de *O Arqueólogo Português*, vol. III, 1956, pág. 6.

<sup>(70)</sup> Designado secretário das VI e VII secções do Congresso Luso-Espanhol, apresentando ao mesmo uma comunicação sobre as *Grutas Artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*, Lisboa, Tipografia da Empresa do Anuário Comercial, 1933.

<sup>(71)</sup> Finda a campanha deste ano e do anterior, o Prof. Manuel Heleno tinha já explorados 32 dólmenes e reconhecidos outros 109 (V. *A Nacionalidade Portuguesa como Agregado Humano, Possuidor duma Unidade Moral, está Definida, perfeitamente, desde os Tempos da Pedra Polida*, in *Diário de Notícias* de 28 de Março de 1932 e *O Museu Etnológico e a Arqueologia Nacional*, in *Diário de Notícias* de 22 de Janeiro de 1933).

<sup>(72)</sup> O espólio antropológico exumado de Carenque foi estudado e publicado pelo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra. (A. Xavier da Cunha, *Contribuição para a Antropologia dos Povos de Cultura Campaniforme em Portugal*, sep. de *Contribuição para o Estudo da Antropologia Portuguesa*, vol. VI, fasc.º 5.º, Coimbra, Tip. da Atlântida, 1956).

- Casal de Quintã
- Moinhos do Tojal
- Espargueira (2 povoações)
- Serra das Éguas
- Etc..

O director do Museu inspirou a publicação e defendeu, numa polémica com o Prof. Mendes Correia<sup>(73)</sup>, a lei n.º 21 117, de 18 de Abril de 1932, que pela primeira vez regulamentou a realização de escavações em Portugal e a defesa e classificação dos sítios, monumentos e móveis de interesse arqueológico do País (Vide Apêndice IV).

O conservador do Museu, Luís Chaves<sup>(74)</sup>, participou no Congresso para o Progresso das Ciências, fez várias excursões de estudo à Vendaia, Damaia, Alfragide, Sacavém e outros arredores de Lisboa e deu a lume:

- *Cruzeiros de Portugal*. Sep. de *Brotéria*, vol. XIV, fascs. 2-3. Lisboa, 1932.
- *Portugal Além. Notas de Etnografia*, vol. I. Gaia (Edições Apolino), 1932, 173 pp..
- *O Desenvolvimento dos Estudos Etnográficos*. Sep. do *Arquivo Histórico de Portugal*, vol. I. Lisboa, 1932.

A preparadora do Museu, Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans, inscreveu-se no Congresso para o Progresso das Ciências e saiu por várias vezes para fora de Lisboa em missões de estudo<sup>(75)</sup>.

(73) *Diário de Notícias* de 27 de Janeiro de 1933; *Diário de Notícias* de 31 de Janeiro; etc.

(74) Cumpre-nos evidenciar aqui, para nos não tornarmos importuno nas páginas seguintes e relativas aos vários anos que, tanto o conservador Luís Chaves, e seus sucessores, Dr. Fernando Bandeira Ferreira e João L. Saavedra Machado, como a preparadora, Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans, se dedicaram durante o decorrer dos tempos a tarefas de índole variada: investigações científicas, remodelações no Museu, acomodação de colecções arqueológicas, etnográficas e bibliográficas, catalogação, registos de entradas e numeração dos objectos, contabilidade, renovações de tabelas descritivas das espécies em exposição, conservação e preparação das mesmas, guiar os visitantes, etc., etc., em suma, tudo o que diz respeito à incorporação, conservação, exposição, documentação e divulgação de um museu.

(75) Rosa Capeans, *Lápides do Fação (Sintra)*, in *O Arqueólogo Português*, vol. III, 1956, págs. 129-133.

*Em 1933:*

Com sede no Museu Etnológico, por louvável iniciativa do seu director, Prof. Doutor Manuel Heleno <sup>(76)</sup>, criou-se «uma agremiação de carácter científico consagrada ao estudo da Arqueologia, da História e da Etnografia, especialmente sob o aspecto nacional, e ainda à difusão dos conhecimentos destas ciências e à defesa do património artístico, monumental, bibliotecário e arquivístico da Nação Portuguesa» <sup>(77)</sup>. Este grémio de estudiosos, denominado Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, tem o seu regimento interno de harmonia com o determinado pelo decreto n.º 22 338, de 13 de Março, que foi referendado por Sua Exce- lência o Sr. Ministro da Instrução Pública, Prof. Doutor Gustavo Cordeiro Ramos, e inserido no *Diário do Governo*, I série, n.º 84, de 30 de Março de 1933 (Vide Apêndice V).

Vivendo até há bem poucos anos das quotas ordinárias e extraordinárias dos sócios, do produto da venda das suas publicações e das subvenções públicas e particulares que lhe foram concedidas, o Instituto deu à estampa um *Boletim* (Lisboa, 1935) e três volumes do *Ethnos* (Lisboa, 1935, 1942, 1948), revista fundada pelo Prof. Manuel Heleno e onde a etnologia se encontra ligada à antropologia, à glotologia, à arqueologia, à história e à arte. Em 1961, foi o Instituto subsidiado pela benemerita Fundação Calouste Gulbenkian, com um donatitvo pecuniário destinado à publicação do IV volume do seu órgão científico.

O director do Museu fez várias excursões: ao Porto, Figueira da Foz e Torres Vedras, visitando os seus museus e outras antiguidades; a Setúbal e arredores, examinando a colecção de Marques da Costa, o castro de Chibanes e as grutas de Palmela; a Viana do Castelo, onde adquiriu numerosos picos asturienses <sup>(78)</sup> e comprou à Sr.ª D. Maria Engrácia de Figueiredo da Guerra duas belas estátuas de guerreiros lusitanos <sup>(79)</sup>, descobertas no concelho de Boticas pelo Dr. Figueiredo da Guerra (as duas centrais da Fig. 80):

<sup>(76)</sup> O «Instituto de Arqueologia» e a Revista «Ethnos», in *Ethnos*, I, pág. 314.

<sup>(77)</sup> Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia — Legislação, Lisboa, 1935, pág. 5; *Em prol da cultura...*, in *A Voz*, n.º 2688, ano VIII, de 11 de Agosto de 1934.

<sup>(78)</sup> Manuel Heleno, *Um Quarto de Século de Investigação Arqueológica*. Sep. de *O Arqueólogo Português*, vol. III, 1956, pág. 11, n.1.

<sup>(79)</sup> O Museu Etnológico e a Arqueologia Nacional, in *A Voz* de 26 de Janeiro de 1933.

E. 7 210 — O guerreiro enverga saio de manga curta, apertado por cinturão com fibula nas costas e vistosamente ornado com desenhos insculpidos; nos braços distinguem-se braceletes ou armilas; ostenta a *aspis*, *cetra* ou rodela com *umbo* numa das mãos e a *sica*, *gladius* ou punhal na outra; tem 1,54 m de altura;

E. 7 211 — Semelhante ao anterior, com a ornamentação da parte do saio constituída por linhas incisadas que formam losangos e cercadura ondulada na borda; tem 1,23 m de altura.

O Prof. Manuel Heleno<sup>(80)</sup> continuou com as suas explorações arqueológicas: em Carenque e, no concelho de Montemor-o-Novo e cercanias, nas seguintes localidades:

- Paço
- Vale de Cancelas
- Cabeço da Areia
- Barranco da Fraga
- Cabeço da Alfavaqueira
- Poço de S. Geraldo
- Barrada
- Pasmaceira
- Repola
- Mó
- Penedo do Bispo
- Horta do Teixeira
- Casas de Baixo
- Chave da Mina dos Namorados
- Tapada dos Mouros
- Vale do Freixo
- Torre do França
- Cabeço da Rainha
- Penedo de Almoinha

---

<sup>(80)</sup> Fez concurso para professor catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, no qual foi aprovado por unanimidade (Cfr. *A Voz* de 1 de Agosto de 1933).

- Estanque
- Comenda da Igreja
- Aldeia de Bertandos
- Penedo do Azinhal
- Guarita
- Roca de Linhares
- Outeiro de Santa Clara
- Cabeço das Pedras Furadas
- Pego do Mourão
- Raposeira
- Covas do Bufo
- Soldos
- Seixinho
- Aldeinha
- Castelinhos de Santa Cruz
- Zambujeiro
- Sobreira de Baixo
- Pardilheiro
- Salto do Lobo
- Rouca
- Estrada do Lavre à Sobreira
- Oliveira da Cruz
- Monte de Cima
- Etc. <sup>(81)</sup>.

Luís Chaves deu a lume:

- *Notas Etnográficas Colhidas na Obra de Martins Sarmento. Em Homenagem a Martins Sarmento, Guimarães, 1933.*

Em 1934:

Pela primeira vez em Portugal, o director do Museu utilizou nas escavações do cemitério visigótico da herdade da Silveirona (Estremoz)

---

<sup>(81)</sup> Durante todos os anos foram carreados para o Museu Etnológico numerosíssimos e valiosíssimos espólios exumados das escavações, alguns dos quais ao dispor da investigação.

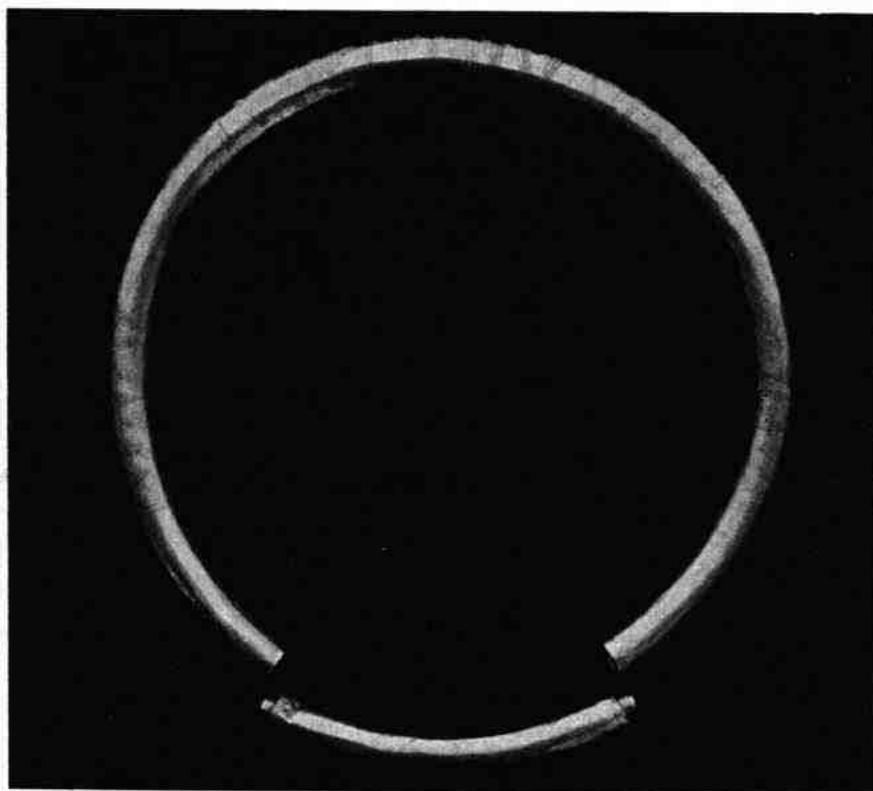


Fig. 27 — Colar-argola de Moura

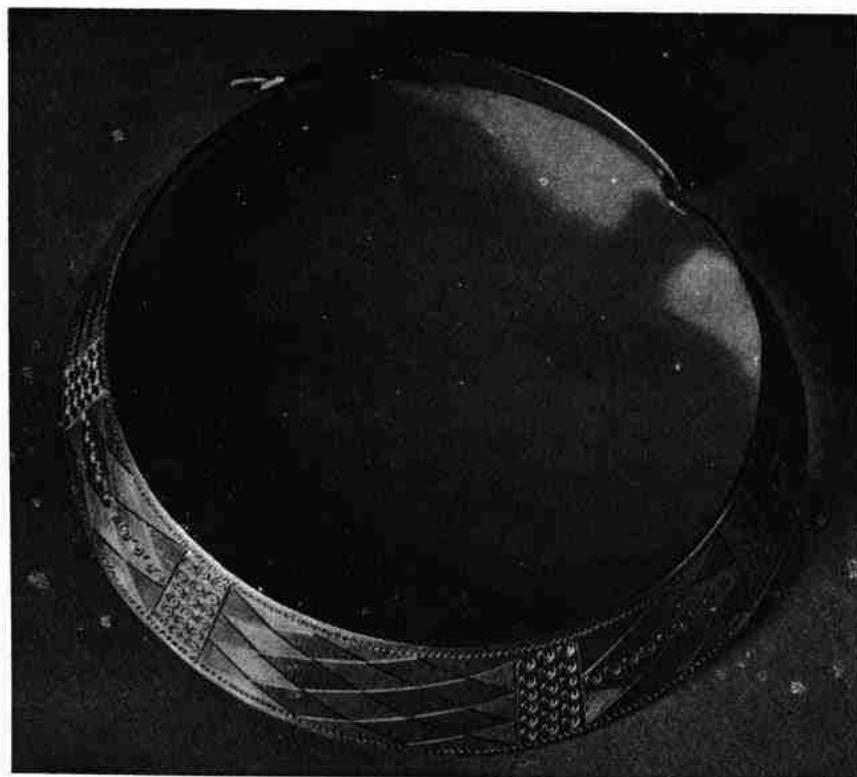


Fig. 28 — Colar laminiforme de Moura



Fig. 29 — Xorca de Moura

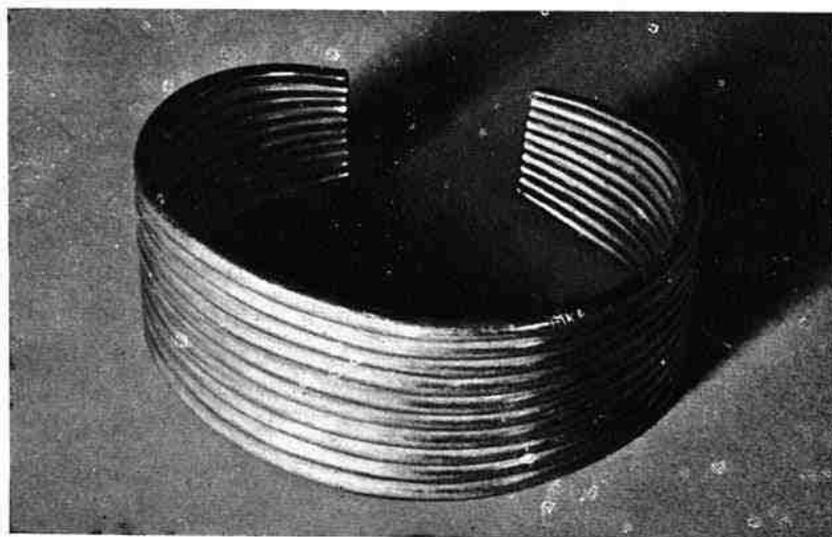


Fig. 30 — Um dos braceletes de Moura

a fotografia aérea com finalidade documental; promoveu o estudo do espólio antropológico do referido cemitério pelo Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra; realizou muitas outras investigações arqueológicas:

Em dólmenes, nos concelhos de Estremoz, Montemor-o-Novo e seus limítrofes:

- Vale das Covas
- Azinhal
- Barradinha
- Moinho da Tapada
- Barrocais
- Comenda da Igreja
- Tanque do Monte
- Freixo
- Mouchão das Azinheiras
- Paço
- Vale do Beiró
- Curral da Antinha
- Sobreira de Cima
- Sobreira de Baixo
- Várzea
- Rouca
- Salto do Lobo
- Curral do Castelo
- Pego da Regina
- Herdade de Baixo
- Herdade das Antas
- Herdade do Garcia
- Varelas
- Rabaçal
- Besteiros
- Pinhal da Comenda
- Serra da Gorda
- Azinhalinho

- Talha
- Caldeireira
- S. Lourenço
- Courela da Anta
- Oiteirões do Olho do Gato
- Levada
- Gatuna
- Azaruja
- Pinas
- Morte de Água
- Defesa do Barro
- Valongo
- Oliveiras
- S. Saturnino
- N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição dos Olivais
- Herdade do Mal Dorme
- Malpique de Baixo
- Herdade da Lebre
- Cascalho ou Eira
- Espadanal
- Etc. (<sup>82</sup>).

Em várias estações romanas, nos arredores de Estremoz:

- Monte da Boa Vista
- Eira do Madruga
- S. Bento do Cortiço
- «Villa» da Coelha
- Malpique
- S. Lourenço
- Mourinhos
- Cerca

---

(<sup>82</sup>) Manuel Heleno, *Um Quarto de Século de Investigação Arqueológica*. Sep. de *O Arqueólogo Português*, vol. III, 1956; *Diário de Notícias* de 11 de Abril de 1934; *A Voz* de 11 de Agosto de 1934; etc..

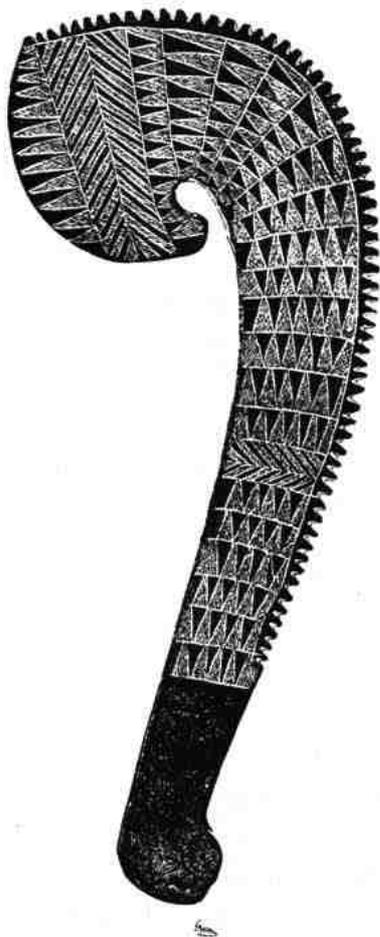


Fig. 31 — Machado-placa. (Escavações do Prof. Manuel Hellen). Exemplar raro, senão único em Portugal

- St.º Estêvão
- Freixeirinha
- Etc..

O Prof. Manuel Heleno recolheu também muitas e curiosas notas etnográficas e toponímicas dos concelhos: de Estremoz (St.º Estêvão, St.ª Maria de Estremoz, N.ª Sr.ª da Conceição, Lebre, Malpique, Mourinhos e S. Bento do Cortiço); e, de Monte Real e arredores, sobre os seguintes assuntos:

- Vozes das aves e a interpretação que lhes dá o povo
- Explicação popular do nome das terras
- Barracas da Vieira
- Oleiros da Beijoca
- Carros de bois de Monte Real
- Festas estremenhas (St.º Amaro, N.ª Sr.ª das Candeias, Milagres e Rainha Santa)
- As bruxas nas tradições populares
- Os trajes de Monte Real
- Os serões
- Etc..

O Prof. Manuel Heleno foi designado para se pronunciar sobre as providências a tomar no sentido de ser protegido e defendido o Castelo de Folgoso, antigo castro; nomeado para emitir opinião sobre a classificação do castro *Sandini* (Felgueiras); etc., etc..

Por iniciativa da Direcção do Museu Etnológico deu-se início a uma série de «lições de vulgarização»<sup>(83)</sup>, públicas e aos domingos, ministradas pelo conservador Luís Chaves, sobre as várias secções do estabelecimento e os numerosos objectos mais significativos nelas expostos aos visitantes.

Além das muitas centenas de objectos exumados das escavações do Prof. Manuel Heleno e que deram entrada no Museu, pomos em evidência

---

<sup>(83)</sup> Cfr. *Boletim do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*, I, Lisboa, 1935, pág. 36.

as suas aquisições do *Tesouro de Mira d'Aire*, do *Tesouro de Pragança* e do *Bracelete de Guimarães* (Fig. 32) <sup>(84)</sup>.

Colabora-se nas exposições de *Arte Francesa* e do *Terramoto de 1755*.

O conservador Luís Chaves procedeu a investigações etnográficas em Lisboa e arredores; participou no 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial; etc., e deu à estampa:

— *Pelourinhos do Distrito de Viana do Castelo*. Sep. do *Arquivo de Viana do Castelo*, vol. I, 1934.

— *O Pelourinho de Refoios de Basto*. Opúsculo. Braga, 1934.

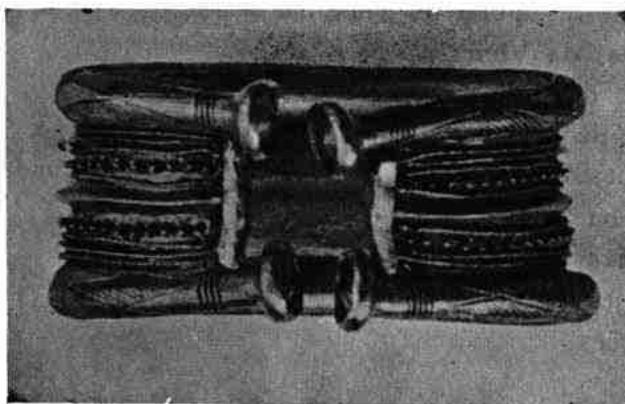


Fig. 32 — Bracelete de Guimarães

— *O «Basto», Estátua de Guerreiro Lusitano, em Refoios de Basto*. Opúsculo. Braga, 1934.

— *Museu Etnográfico do Império Português, sua Necessidade, um Plano de Organização*. Sep. das *Actas do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial*. Porto, 1934.

— *A Colecção Demonstrativa da Secção Ultramarina do Museu Etnológico. Notas e Comentários*. Sep. das *Actas do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial*. Porto, 1934.

— *Os Oficiais Mecânicos de Coimbra na Procissão do Corpo de Deus. (Notas para um Estudo Maior)*. Em *Coimbra, À Memória do Dr. Augusto Mendes Simões de Castro*. Coimbra, 1934.

(84) Manuel Heleno, *Jóias Pré-Romanas*, in *Ethnos*, vol. I, págs. 235-242 e 252-254.

— *Notas Etnográficas*. Em *In Memoriam* do Doutor Teófilo Braga. Lisboa, 1934.

A preparadora, Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans, além de vários outros trabalhos que levou a efeito no Museu, participou também no 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial, e deu a público:

— *Notícia Etnográfica sobre o Congo no Séc. XVI*, in *Trabalhos do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, Edições da 1.ª Exposição Colonial Portuguesa, vol. I, Porto, 1934.

*Em 1935:*

O Prof. Manuel Heleno<sup>(85)</sup> fez várias excursões: a Torres Novas, onde colheu muitas notas sobre os objectos (instrumentos de sílex, alabardas, machados, placas de ardósia, cerâmica, ossadas, etc.) que tinham aparecido recentemente na necrópole das Lapas; à Figueira da Foz, visitando o museu daquela cidade; às regiões de Rio Maior, Torres Vedras, Nazaré, etc.. Neste ano e nos seguintes explorou a necrópole das Lapas (Torres Novas) e deu início a novas escavações e a numerosíssimos conhecimentos (antas, silos, grutas e outras estações pré-históricas e antiguidades) nos locais que previamente investigara e que se indicam:

- Senhora da Luz (Grutas I e II)
- Alcobertas
- Vale de Louceira
- Cabeço de S. Martinho
- Etc..

O director do Museu findou as suas escavações em Carenque (Gruta IV)<sup>(86)</sup>, continuou a explorar as antas e a investigar outras anti-

---

<sup>(85)</sup> Nomeado secretário da Faculdade de Letras de Lisboa, por portaria de 4 de Abril de 1935; foi designado vogal do Conselho Superior de Belas-Artes e da Junta de Escavações.

<sup>(86)</sup> Dignaram-se visitar as grutas de Carenque e observar os trabalhos em curso, Sua Excelência o Ministro da Instrução Pública, Prof. Doutor Eusébio Tamagnini, e o Prof. Doutor João Pereira Dias.

guidades das redondezas de Montemor-o-Novo e de Estremoz, nos seguintes locais:

- Cravelinha
- Bate-Pé
- Carvalho
- Barrocalinho
- Nabos
- Monte das Pedras
- Fonte do Prior (Cemitério romano)
- Represa
- Barrocal das Freiras
- Barrocal
- Atalaia
- Deserto
- Conventinho
- Etc..

O conservador do Museu, Luís Chaves, trabalhou no catálogo de Etnografia, dedicou-se a outras tarefas museológicas, elaborou três estudos destinados ao XVI.º Congrès International d'Anthropologie, em Bruxelas, e deu a público:

- *Guia Sumária do Visitante do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*, Lisboa, 1935<sup>(87)</sup>.
- *Etnografia Portuguesa; I — Como o Homem Divide a Terra (Divisão Popular da Terra Portuguesa; Lendas em Que Envolve a Sua Terra); II — Como o Homem Canta a Terra*. Sep. de *Bro-téria*, vol. XX. Lisboa, 1935.
- *Pelourinhos de Portugal no Seu Império de Além-Mar*. Sep. de *Ethnos*, I, Lisboa, 1935.

---

(87) Esta publicação (Vide Apêndice VI) desactualizar-se-ia poucos anos depois por motivo das profundas remodelações efectuadas no Museu e que se prolongaram até à actualidade, devido, como se disse, aos grandes restauros efectuados no antigo convento dos Jerónimos e à acom-

A preparadora, Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans, trabalhou na catalogação, desempenhou outras actividades museológicas e deu a lume:

— *Uma Novidade no Onomástico Greco-Latino*, in *Ethnos*, vol. I, 1935, pp. 271-274.

Em 1936:

O director do Museu fez várias excursões de estudo: ao Crato (Granja), Montalvo, Torres Vedras, Alcalar, Faro, Milreu, Loulé, Torres Novas, etc., quer visitando museus (Torres Vedras e Faro) e antiguidades (Montalvo, Torres Vedras, Alcalar, Milreu, etc.), quer efectuando reconhecimentos e depois investigações nalgumas estações (Crato: «*Villa*» lusitano-romana da Granja<sup>(88)</sup>; etc.), ou ainda fazendo valiosas aquisições por compra ou oferta<sup>(89)</sup>.

O Prof. Manuel Heleno dedicou-se à sua 6.<sup>a</sup> campanha de escavações no concelho de Montemor-o-Novo e cercanias, que foi levada a efeito nas seguintes localidades:

- Deserto
- Espragal
- Amendoeira
- Vidigal
- Etc.<sup>(90)</sup>.

Em Rio Maior, o director do Museu, além de digressões de estudo ao lugar das Antas, ao dólmen das Alcobertas, a grutas da região e

---

dação do Museu de Marinha no mesmo edifício. Ainda hoje se encontram por dispor numerosíssimos e valiosíssimos monumentos que estavam em exposição permanente, alguns já de difícil posição, o que prova que a instabilidade da área do Museu Etnológico continua.

<sup>(88)</sup> Manuel Heleno, *Notas sobre Algumas Estações da Época Lusitano-Romana*, in *O Arqueólogo Português*, vol. II, Lisboa, 1953, págs. 257 - 260.

<sup>(89)</sup> Em Loulé, o director obteve algumas inscrições ibéricas, já publicadas pelo Prof. Gomez Moreno, e vidraria romana, espécimes gentilmente oferecidos pelo Sr. Rosa Madeira.

<sup>(90)</sup> Nestes locais foram exploradas várias antas.

outros locais de interesse arqueológico, procedeu a investigações nas estações pré-históricas:

- Abrigo Grande das Bocas
- Grutas da Senhora da Luz
- Povoação do Alto das Bocas
- Etc..

Neste ano deram entrada no Museu, entre outras espécies, as seguintes: mais de 3 000 objectos exumados das escavações em Rio Maior, e Montemor-o-Novo, e a importante colecção de Marques da Costa, etc..

O Prof. Manuel Heleno apresentou algumas sugestões, aprovadas pelas instâncias superiores, para a elaboração do projecto do Regimento da Junta Nacional da Educação.

O Museu Etnológico colaborou nas exposições de Arte Popular Portuguesa, Internacional das Populações Rurais da Europa e da Associação Comercial de Lisboa; etc..

Luís Chaves, além de ter desempenhado com êxito várias tarefas, fez uma excursão de estudo ao concelho de Oeiras (Queluz e arredores) e publicou vários estudos:

- *Os Trabalhadores e a Sua Organização através da História Portuguesa*. Sep. de *Brotéria*, vol. XXII, fascs. 2-4. Lisboa, 1936.
- *Arte Popular em Portugal*. Sep. de *Brotéria*, vol. XXIII, fasc. 6. Lisboa, 1936.
- *Alfama de ontem e Alfama de hoje: Aspectos Históricos e Etnográficos*: Conferência ao ar livre em Alfama. Sep. dos *Anais das Bibliotecas e Arquivos Históricos Municipais*, da Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa, 1936, n. XI.
- *O Anjo Custódio ou as «Palavras Ditas e Retornadas»*. Sep. da *Revista de Guimarães*. Guimarães, 1936.
- *Les Études Ethnographiques en Portugal*. Sep. de *Actes du Congrès International d'Anthropologie*, em Bruxelas, 1935. Sep. das mesmas *Actes*. Bruxelas, 1936.

- *La Poésie Populaire. Quelques Notes.* Sep. das mesmas *Actes.* Bruxelas, 1936.
- *Diverses Industries Populaires au Portugal (Dentelles et Filigranes).* Sep. das *Actes* do Congresso de 1935 em Bruxelas. Bruxelas, 1936.
- *Lisboa Romana. Monumento Epigráfico Dedicado a Apolo por um Augustal.* Sep. da *Revista de Arqueologia*, tomo II. Lisboa, 1936.
- *Notas Etnográficas.* Sep. de *In Memoriam* do Dr. Campos Monteiro. Porto, 1936.

Em 1937:

Se bem que o Museu Etnológico nunca dispusesse, como hoje não dispõe, de um salão de exposições, algumas se realizaram: recordamos a Exposição Bibliográfica em homenagem ao Prof. Leite de Vasconcellos, realizada neste ano.

O Prof. Manuel Heleno, vice-presidente do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, promoveu uma sessão de homenagem ao presidente do mesmo Instituto, Prof. Leite de Vasconcellos, à qual se dignou assistir Sua Excelência o Chefe do Estado, marechal António Óscar de Fragoso Carmona. Discursaram o director da Faculdade de Letras de Lisboa, Prof. João da Silva Correia, e o presidente do Instituto de Alta Cultura, Prof. Gustavo Cordeiro Ramos, que disse:

«Senhor Presidente da República,  
Senhor Ministro da Educação Nacional,  
Meus Senhores:

Sem outro título que não seja o das funções que exerço e ainda pela circunstância de estar ligado pelos laços da mais íntima amizade, admiração e respeito ao meu antigo colega e mestre de nós todos, Sr. Professor José Leite de Vasconcelos, aqui me encontro hoje nesta casa que se orgulha de uma tradição de trabalho indefesso, de actividade científica persistente, com tanto brilho mantida, — devo acentuá-lo — sob o governo do actual director; criada à custa do esforço, saber e inteligência de uma grande figura da ciência contemporânea, genuína glória nacional, bem

merecedora da homenagem que lhe quis tributar o douto Instituto de Arqueologia, História e Etnografia, o qual justamente se honra com a sua presidência.

Ousado da minha parte seria, na presença do Sr. Prof. Manuel Heleno, cuja autoridade em assuntos arqueológicos tem abonadores da categoria de Obermaier, de Leisner, Breuil e outros; depois da erudita lição que acabámos de ouvir ao insigne director da Faculdade de Letras, Sr. Doutor João da Silva Correia; entre cultores tão distintos dos estudos professados por Leite de Vasconcelos, abalançar-me a falar-vos do labor, verdadeiramente extraordinário deste sábio, no campo da filologia, da arqueologia, etnografia, numismática, epigrafia, etc..

Limitar-me-ei a focar em breves e desluzidas palavras, o carácter nacionalista de toda a sua gigantesca produção que nos revela o povo português na linguagem, origens, tradições e costumes: nas múltiplas características que no decorrer dos séculos vão dando feição aos povos e lhes imprimem, tanto na configuração exterior como na textura íntima, a individualidade que os extrema dos outros. Por elas, cada povo no seu meio físico, social e histórico traduz a maneira de ser própria, temperamento e concepção de vida. O seu estudo constitui o que os alemães denominam com propriedade *Etnopsicologia* (*Völkerpsychologie*).

Leite de Vasconcelos é o tipo do verdadeiro filólogo na acepção mais nobre e originária: não o simples cultor de estudos gramaticais e linguísticos, mas o sábio de tendências e aptidões enciclopédicas que alarga o campo da investigação a todas as manifestações da actividade humana no espaço e no tempo, o que lhe proporciona o conhecimento mais seguro do homem no seu destino social e individual. Pela extensão do seu multimodo saber, pertence à estirpe dos humanistas do Renascimento, à categoria dos filólogos, no sentido em que o termo foi tomado pela erudição clássica e germânica, por Catão e Plutarco, por Wolf, Lange, Otf. Müller, Hübner, etc., etc..

E como coroa de méritos tão excepcionais, devo pôr em evidência o seu coração bondosíssimo que recatado ocultava, sob o disfarce de maneiras aparentemente um pouco bruscas.

Numa hora de sacrifício, mas também de fé e de ressurgimento dos valores espirituais, timbre da civilização portuguesa, o conhecimento da Terra-mãe constitui o melhor estímulo para vida fecunda e sã, a força

irresistível para nos sabermos defender de ideologias perigosas, de doutrinas dissolventes, de influências desnacionalizadoras, que, envenenando as almas, abrem o caminho à própria ruína da Pátria...

Ocorre-me neste momento, um episódio que li algures acerca do Museu de História Natural de Paris e que talvez não seja descabido agora evocar.

Falava-se numa reforma que acarretaria graves prejuízos a esse grande estabelecimento.

Dumas lançou o grito de alarme, exclamando: «quem se atreverá a levantar a mão contra o Museu? Estas belas avenidas foram alinhadas pelas próprias mãos de Buffon. Esta escola de botânica é obra de Jussieu. Estas instalações foram improvisadas por Geoffroy Saint-Hilaire. Estes herbários tiveram como origem as colheitas de Tournefort e de Vaillant. Estes animais fósseis reconstituídos, estes inumeráveis tipos de anatomia comparada, esta sábia classificação zoológica, tudo conserva o traço indelével de Cuvier.

O visitante que penetra neste asilo secular de meditação e trabalho, admira-se por não ver expostos ao respeito da multidão e à emulação da juventude os retratos e as estátuas dos ilustres fundadores da Ciência da Natureza.

Qual será o ministro, — acentuava o notável químico — que se atreverá a tocar no Museu, a não ser para o dignificar e desenvolver?

Eu, parafraseando as palavras de Dumas, direi: Que homenagem mais condigna pode ser prestada a Leite de Vasconcelos do que acarinhar e engrandecer o Museu Etnológico, onde tudo testemunha a sua competência e abnegação, posta ao serviço da Pátria, pela Ciência e que num meio como o nosso, quase sempre avesso e mesmo hostil às coisas do espírito, se pode classificar com verdade de benemérita e heróica?

Que preito lhe pode ser mais simpático do que a colocação da sua efígie no recolhimento deste recinto, sobre que há-de pairar sempre o espírito do seu imortal organizador?»<sup>(1)</sup>.

Homenagem justa e próprio o lugar em que foi prestada.

Neste ano, o director do Museu visitou o Museu de Santarém, fez

---

(1) Cfr. *Ethnos*, vol. III, Lisboa, 1948.

investigações em Torres Novas para inquirir da destruição do mosaico da Caveira, foi à necrópole de Famalicão da Nazaré<sup>(92)</sup> e cercanias (Casais de Baixo, sítio da Fonte da Galinha, Casal Branco, etc.), etc..

O Prof. Manuel Heleno levou a cabo a sua 7.<sup>a</sup> campanha de escavações no concelho de Montemor-o-Novo e limítrofes, explorando as seguintes zonas:

- Besteiros
- Carvalho
- Peral
- Courela dos Fretes
- Santa Cruz
- Cabeceira
- Barros do Grou
- Etc..

O director do Museu deu novo incremento às suas investigações no concelho de Rio Maior, que iria revelar-se nos anos seguintes um centro importante do *paleolítico superior* (*aurignacense*: Cabeça de Figueira, Bairradas, Pinheiro de Carneira, Vascas, Vale Comprido ao pé da Barraca e Vale de Porcos; *perigordense*, fase gravetense: Senhora da Luz, Casal do Felipe, Vale Comprido e Quinta Nova; *proto-solutrense* e *solutrense médio*: Vale Comprido e Quinta Nova; *solutrense superior*: Arneiro, Passal e Quinta da Fonte; etc.)<sup>(93)</sup>. Com efeito, deu início às escavações em Vale Comprido e continuou a exploração do abrigo grande das Bocas e 2.º e 3.º abrigos e de outras estações pré-históricas dos limítrofes do concelho de Rio Maior, etc..

Luís Chaves, entre vários outros serviços, participou no Congresso Colonial, saiu em missão de estudo a Mafra, etc., etc., e publicou:

- *Mosaicos Lusitano-Romanos*. Sep. da *Revista de Arqueologia*, tomo III. Lisboa, 1937.

<sup>(92)</sup> E. Borges Garcia, *Achados Arqueológicos em Famalicão da Nazaré*. Sep. da secção VIII das publicações do XXVI Congresso Luso-Espanhol. Porto, 1962, págs. 5-6.

<sup>(93)</sup> Manuel Heleno, *Um Quarto de Século de Investigação Arqueológica*. Sep. de *O Arqueólogo Português*, vol. III, 1956, pág. 9.

- *Der Portugiesische Korporativismus*. Sep. de *Monatsschrift für Kultur und Politik*. Viena, 1937, ano II.
- *A Inspiração Folclórica na Obra de Rafael Bordalo Pinheiro*. (Conferência em Lisboa). Lisboa (Edições José Fernandes Jr.), 1937.

A Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans, além de vários trabalhos que executou no Museu, deu a público:

- *Honra ao Trabalho* — *Labor omnia vincit*, in *Novidades* de 7 de Março de 1937. (Artigo de homenagem ao Prof. Leite de Vasconcellos).

*Em 1938:*

O Prof. Manuel Heleno <sup>(94)</sup> fez várias excursões de estudo: a Torres Novas (mosaicos da Caveira), Abrantes, Constância (estação lusitano-romana do Carvalhal), Mira d'Aire (investigação sobre umas ossadas aparecidas), Caldas da Rainha (antiguidades de Vidais), Vila Viçosa (mosaico dos Pardais), Portimão e Mexilhoeira Grande (investigações na *villa* lusitano-romana da Quinta da Abicada), S. Manços (exame das destruições de um balneário da herdade das Atafonas), etc., etc.. Percorreu o Norte do País recolhendo notas sobre a etnografia de Ribeira de Pena, as antiguidades de Provezende, de Chaves, da Serra do Brunheiro, Lamego, S. João de Tarouca, Porto, Figueira da Foz, etc..

O director do Museu <sup>(95)</sup> insistiu nas suas investigações no concelho de Montemor-o-Novo e limítrofes com a sua 8.<sup>a</sup> campanha de escavações, que incidiu principalmente nos seguintes locais:

- Vidigal
- Cabeço da Moura
- Deserto
- Herdade de Baixo

<sup>(94)</sup> Designado sócio supranumerário da Academia Portuguesa de História (18-VI-1938).

<sup>(95)</sup> Nomeado vogal da 2.<sup>a</sup> Subsecção da 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional da Educação. (*Diário do Governo*, II série, de 5 de Dezembro de 1938).

- Herdade de Cima
- Santa Cruz (Morena)
- Olheiros
- Águias
- Brissos
- Porto de Avis de Baixo
- Courela do Moinho
- Cabeça Gorda
- Mata
- Alcarou de Baixo
- Etc..

O director do Museu prosseguiu com as suas explorações arqueológicas no concelho de Rio Maior e limítrofes:

- Alto das Bocas
- Abrigo Grande das Bocas
- Vales da Senhora da Luz
- Azinheira (arredores)
- Etc..

No mesmo concelho, levou a efeito pesquisas nos sítios principais que apontamos:

- Forno da Telha
- Serra da Matinha
- Etc..

Luís Chaves fez uma excursão de estudo aos concelhos de Alenquer, Caldas da Rainha e Alcobaça, participou no 1.º Congresso de História da Expansão Portuguesa no Mundo, etc., deu início às suas crónicas mensais sob o título de *Nos Domínios da Etnografia e do Folclore* e mais tarde *Nos Domínios da Etnografia*, na revista *Ocidente* e tornou público:

- *Os Monumentos da Expansão e da Colonização dos Portugueses no Mundo*. Sep. das *Actas* do 1.º Congresso de História da Expansão Portuguesa no Mundo. Lisboa, 1938.

— *Aspectos Etnográficos do Distrito de Santarém*. Em *Boletim da Junta Distrital, Santarém, 1938*.

A Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans colaborou no 1.<sup>o</sup> Congresso de História da Expansão Portuguesa no Mundo (1.<sup>a</sup> Secção), etc., etc., e publicou:

— *Resumo do Estudo Arqueológico das Viagens de Lisboa a Angola e de Lisboa à Ilha de Santa Helena, em Navios de Vela, Baseado na «Relatione del Reame di Congo et delle Circonvicine Contrade de Duarte Lopes & Filippo Pigafetta»*, in *Actas do 1.<sup>o</sup> Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, Lisboa, 1938*.

O Museu Etnológico colaborou na exposição do Grupo dos Humoristas Portugueses, nas Comemorações do Duplo Centenário da Fundação do Estado Português e no da Restauração de Portugal, etc..

*Em 1939:*

O director do Museu foi em excursões de estudo ao Algarve (Lagos: visitou o museu; Portimão e Mexilhoeira Grande: percorreu a estação lusitano-romana de Abicada; etc.), ao Alentejo (Elvas: inspeccionou o museu, fez investigações nos mosaicos dos Pardais, em Vila Viçosa, e do Carrão, na Vila Fernando; Évora: examinou as antiguidades romanas do Codeçal, o *balineum* das Atafonas, em S. Manços, o mosaico de St.<sup>a</sup> Susana, o cemitério romano de S. Sebastião, o castro de S. Bento, etc.; Montemor-o-Novo: investigou o ossuário do Castelo, etc.; Arraiolos: fez investigações nas gravuras dos penedos da Talisca e das Gamelas, etc.; Santiago de Cacém: visitou o museu e *Meróbriga*; Alcácer do Sal: inspeccionou o museu, procedeu a pesquisas mesolíticas no Vale do Sado, etc.), ao Ribatejo (visitou Vila Nova de S. Pedro, etc.), etc.. Foi em missão oficial inspeccionar as antiguidades romanas do Monte da Capitoa, da freguesia de St.<sup>a</sup> Susana (Redondo), as ruínas romanas da Herdade das Atafonas, etc., e, em missão particular, visitar a colecção do Prof. Vergílio Correia, etc.. Nestas excursões, além de muitas outras notas de âmbito variado, recolheu várias referentes à etnografia das jóias (Alentejo).

O Prof. Manuel Heleno procedeu a investigações na gruta artificial da Ermegeira (Torres Vedras) <sup>(96)</sup> e levou a efeito a sua 9.ª campanha de explorações no concelho de Montemor-o-Novo e limítrofes:

- S. Pedro da Gafanhoeira
- Textos
- Gualões
- Filtreira
- Zambujo
- Courela
- Freixo
- Picanceiras
- Serrinha
- Agrual
- Almargem
- Chaminé
- Etc..

O director do Museu continuou as suas investigações no concelho de Rio Maior e cercanias:

- Abrigo do Forno da Telha
- Vales da Senhora da Luz
- Alto das Bocas
- Vale Comprido
- Etc..

O Museu Etnológico enviou documentação para estudo ao Departamento de Antiguidades do Ashmolean Museum, em Oxford (Inglaterra); cedeu ao Landesanstalt für Volkheitskunde metal de peças arqueológicas para análise; etc..

---

<sup>(96)</sup> Manuel Heleno, *Gruta Artificial da Ermegeira*, in *Ethnos*, II, 1942, págs. 449-459; *A Voz* de 19 de Dezembro de 1939; etc.

Luís Chaves saiu por diversas vezes em excursões de estudo aos concelhos de Oeiras e Sintra. Participou no Concurso das Aldeias mais Portuguesas promovido pelo Secretariado da Propaganda Nacional, hoje Secretariado Nacional da Informação: investigação preparatória das aldeias apresentadas a concurso; estudo e observação ao longo do itinerário e nas aldeias apuradas; roteiro por todas as províncias. Foi requisitado oficialmente para a Comissão Executiva dos Centenários (1 de Julho a 31 de Agosto de 1940). Deu a lume:

- *Lisboa no Folclore. Como o Povo Canta, como Rima com Ela, como Vê e como Se Ri por causa Dela*. Sep. de *Olisipo*, n.º 5. Lisboa, 1939.
- *Júlio Dinis no Campo da Etnografia (Notas)*. Sep. do *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto, vol. II, fasc.º IV. Porto, 1939.
- *Os Pelourinhos: Elementos para o Seu Catálogo Geral*. Lisboa (Edições José Fernandes Jr.), 1939, 109 pp..

*Em 1940:*

O director do Museu procedeu à 10.ª e última campanha de investigações nas antas do Alentejo (Montemor-o-Novo), finda a qual explorou desde 1931 mais de 300 sepulcros, estando hoje apto a esclarecer a ciência pré-histórica acerca da «origem dos dólmenes e da originalidade dessa cultura no nosso país» e a poder, «com base na arquitectura e nos espólios, esboçar a sua evolução em moldes diferentes dos conhecidos»<sup>(97)</sup>. Esta última campanha foi levada a cabo nos sítios que apontamos:

- Picanceiras
- Courela
- Brissos
- Deserto

---

<sup>(97)</sup> Manuel Heleno, *Um Quarto de Século de Investigação Arqueológica*, in *O Arqueólogo Português*, vol. III, Lisboa, 1956, pág. 229, com a nota final de que *continua*.

- Vidigal
- Etc..

O Prof. Manuel Heleno continuou as suas investigações pré-históricas no concelho de Rio Maior e cercanias:

- Alto das Bocas
- Terra do Manuel dos Vales
- Vale Comprido
- Casal do Felipe
- Terras do Xavier
- Etc..

Em Torres Vedras e arredores, o director visitou o Museu e as colecções do Dr. Ricardo Belo e do Sr. Leonel Trindade, e investigou as grutas da Quinta das Lapas, do Reguengo Grande e Reguengo Pequeno.

O Museu Etnológico colaborou na Exposição do Mundo Português; desenvolveu grande actividade com a reacomodação provisória da sua biblioteca, com a reorganização da sua secção lapidar portuguesa, com a disposição de milhares de objectos no primeiro andar do edificio; etc., etc.. Estas tarefas, principalmente devido à sua complexidade, exigiram, durante vários anos, toda a atenção e orientação da Direcção do Museu e grande dedicação de todo o seu pessoal.

Luís Chaves, além de ter participado activamente, neste ano e seguintes, nas remodelações acima mencionadas, procedeu a investigações etnográficas (Setembro e Outubro) em Cascais (Parede e Estoris) e Sintra; participou no Congresso de Casas de População; fez uma visita de estudo e informação em volta a Portugal, pelo Commissariado Superior das Comemorações do Duplo Centenário de 1940; etc., etc.. Publicou:

- *Branca Flor e Flores, Romance das Guerras com os Mouros, Versões Transmontanas. (Notas Folclóricas)*. Sep. de *O Instituto de Coimbra*, vol. 95. Coimbra, 1940.

A Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans, além de ter procedido activamente, neste ano e seguintes, à reacomodação da biblioteca do Museu e a outras tarefas

correlacionadas, participou no Congresso do Mundo Português e deu a lume:

- *Antigualhas Lusitano-Romanas*, in *Memórias e Comunicações Apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História do Mundo Português*, vol. I, Lisboa, 1940.
- *Três Documentos para a História das Navegações*, in *Memórias e Comunicações Apresentadas ao Congresso Luso-Brasileiro de História do Mundo Português*, vol. XI, tomo III, Lisboa, 1940.
- Um artigo sobre inscrições latinas da região algarvia, inserto na secção de *Bibliografia* da revista *Petrus Nonius*, publicação do Grupo Português da História das Ciências, vol. III, fasc. 2, Lisboa, 1940.

*Em 1941:*

O director do Museu continuou a escavar no concelho de Rio Maior e limítrofes, nas zonas que mencionamos:

- Terra do Manuel dos Vales
- Terra do José Pereira
- Casal do Felipe
- Vale Comprido
- Alto das Bocas
- Curral Velho
- Etc..

O Prof. Henri Breuil, a convite do Prof. Manuel Heleno, visitou as estações em exploração no mesmo concelho e limítrofes, nos dias 29, 30 e 31 de Outubro, e realizou trabalhos de seminário no Museu Etnológico<sup>(98)</sup>.

O director<sup>(99)</sup> adquiriu para o Museu uma colecção pré-histórica do Sr. Leonel Trindade, investigou os arredores de Pragança: grutas

---

<sup>(98)</sup> Manuel Heleno, *O Professor Henri Breuil*. Sep. de *O Arqueólogo Português*, vol. III, 1956, pág. 3.

<sup>(99)</sup> Convidado para a Comissão de Honra do I Congresso Nacional de Ciências Naturais.

do Picote da Romeleira, do Vale da Lapa e do Curral das Cabras Gafas, etc..

O Museu Etnológico levou a efeito diversas remodelações na exposição permanente: galeria do primeiro pavimento, à entrada do lado do poente; escadas do primeiro para o segundo pavimento, cuja mobília outrora ali existente pertenceu ao extinto Museu Industrial; secção da sobre-loja, ao nível do primeiro patamar das escadas; etc., etc.. Todo o pessoal do Museu continuou assoberbado com as remodelações em curso <sup>(100)</sup>.

Luís Chaves foi requisitado oficialmente para representar o Secretariado da Propaganda Nacional na Exposição de Arte Popular, em Madrid (Espanha) <sup>(101)</sup>; participou no I Congresso Nacional de Ciências Naturais; movimenta-se em investigações etnográficas pelos dois distritos da província de Trás-os-Montes; etc., etc.. A sua acção como publicista prosseguiu:

- *O Sebastianismo, Mística da Restauração*. Sep. de *O Instituto de Coimbra*, vol. 98. Coimbra, 1941.
- *As Filigranas*. Edição do Secretariado da Propaganda Nacional. Lisboa, 1941, 63 pp..
- *Notas Etnográficas de Lisboa*. Sep. da *Revista Municipal*, n.º 6. Lisboa, 1941.

---

<sup>(100)</sup> É oportuno agora referir que a Direcção do Museu, com o fito de este estabelecimento melhor servir o público em geral, ordenou e orientou muitos melhoramentos durante o decorrer dos anos: no período 1958-1964, o Sr. Dr. Fernando Bandeira Ferreira também procedeu a renovações na galeria do 1.º andar; João L. Saavedra Machado teve a seu cargo a reacomodação dos depósitos de Epigrafia (parte ainda por dispor, devido a falta de espaço), de publicações, colecções em estudo, secção de Antropologia, etc., mudanças motivadas pela ocupação de parte da área do Museu Etnológico pelo Museu da Marinha (Fig. 22) e consequente posse de nova superfície que lhe foi atribuída. João L. Saavedra Machado, auxiliado pelo pessoal do Museu, também levou a cabo as últimas remodelações da galeria do 1.º andar (Fig. 25), das suas salas anexas e da secção lapidar portuguesa há pouco efectuadas; procedeu-se também à conservação de todos os objectos da rica sala de Etnografia do pavimento II, que está patente sobretudo aos especialistas, mas também ao público em geral.

<sup>(101)</sup> Por despacho de 21 de Abril: «Luís Rufino Chaves Lopes, conservador do Museu Etnológico — autorizado a ausentar-se para Madrid, pelo prazo de dez dias, em representação do Secretariado de Propaganda Nacional na Exposição de Arte Popular» (*Diário do Governo*, II série, n.º 99, de 30 de Abril de 1941).

- *Os Barcos do Tejo: Fragatas e Varinos*. Sep. da *Revista Municipal*, n.º 10. Lisboa, 1941.
- Gerinaldo, «*Pagem de El-Rei tão Querido*». Sep. de *Petrus Nonius*. Lisboa, 1941, 96 pp..
- *A Natureza na Etnografia*. Sep. das *Actas* do I Congresso de Ciências Naturais. Lisboa, 1941.

*Em 1942:*

Por iniciativa do Prof. Manuel Heleno, o Instituto de Alta Cultura criou o Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos com sede no Museu Etnológico. Posteriormente, este Centro cindiu-se em dois: o Centro de Estudos Históricos, dirigido pela mui digna directora da Faculdade de Letras de Lisboa, Prof.ª Doutora D. Virgínia Rau, e o Centro de Estudos Arqueológicos cuja direcção está a cargo do Prof. Doutor Manuel Heleno.

O director do Museu prosseguiu com as escavações no concelho de Rio Maior e limítrofes, principalmente nos sítios que a seguir mencionamos:

- Senhora da Luz (Terra do Manuel dos Vales)
- Senhora da Luz (Terra do José Pereira)
- Casal do Felipe
- Vale Comprido
- Etc..

No mesmo concelho e cercanias (Estremadura) efectuou pesquisas arqueológicas e descobriu e explorou novas estações pré-históricas na sua grande maioria, sendo todavia algumas romanas. São elas:

- Santa Susana (Porto Moenho)
- Panasqueira
- Quinta do S. João
- Cabeça Gorda
- Figueiredos
- Marmeleira (Juncais, Ponte de S. Jorge, Vila Nova do Coito, Almoester, etc.)

- Via-Vai (Vale, Cabeço, etc.)
- Quintas (Vale das Hortas)
- Vale de Barcos
- S. João da Ribeira
- Vale do Larojo
- Dentro da Aldeia
- Cabeço da Chã
- Olival do Arneiro
- Olival do Passal
- Igreja
- Estrada das Alcobertas (Casal do Calado, Barbeito, Quinta do Alecrim, Vale de Terca, Olho das Alcobertas, etc.)
- Estrada de Alcaneda (Quinta da Pena, Casal do Sá, etc.)
- Lobo Morto, perto da Marinha Grande (Carniceira, Lobo Morto, Casal da Velha, etc.)
- Região da Vivenda, Sul da Freiria (Vivenda, Vale de Óbidos, Cabeço das Sismarias, etc.).

O Museu Etnológico ocupou o pavimento térreo que pertenceu à Casa Pia de Lisboa, isto é, o prolongamento da sua galeria de exposição do 1.º pavimento (Fig. 19), e passou a estar concentrado nas grandes mudanças, reacomodações e readaptações da sua mobília, na aquisição de outra mais condigna, para efectuar uma melhor exposição que esclarecesse o público acerca das origens, carácter e evolução do povo português, mostrasse as raízes profundas da nossa nacionalidade, evidenciasse a contribuição brilhante dos nossos antepassados pré-históricos na civilização desses tempos. Toda esta movimentação das colecções arqueológicas, etnográficas e bibliográficas, exigindo todo o cuidado necessário para respeitar a sua nova organização, a sua inventariação, catalogação e seriação, para atender ainda ao seu método de exposição ao público, compatível não só com o tamanho dos objectos, mas também difícil e finalmente com as condições arquitectónicas do edifício, — ir-se-ia prolongar até depois de 1948, ano em que se registou número considerável de entradas de visitantes (Fig. 119), que começaram a ter acesso ao Museu, como ainda hoje têm, pelo lado do nascente do edifício dos Jerónimos (Fig. 15), ao invés do que acontecera até àquela data (Fig. 2). Todos estes traba-

lhos se efectuaram sem prejuízo dos especialistas e do público em geral, que continuaram a percorrer o Museu em toda a sua extensão, sempre patente durante tal época, que começou a registar, de 1942 para cá, cada vez maior afluência de visitas (Fig. 119).

Entre muitas outras valiosas colecções que dariam entrada no Museu Etnológico, recordamos o legado da biblioteca do Prof. Leite de Vasconcellos.

Luís Chaves, entre outras numerosíssimas ocupações, saiu em missão de estudo para o Algarve e Trás-os-Montes, etc., e deu a público:

- *Natal Português*. Lisboa (Livraria Clássica Editora), 1942. 96 pp..
- *Poesia Popular: Reflexos da Gente Portuguesa no Brasil*. Sep. de *Brasília*, vol. I. Coimbra, 1942, 53 pp..
- *Danças Religiosas*. Sep. da *Revista de Guimarães*, fasc.º 4, 1941. Guimarães, 1942.
- *Danças, Bailados e Mímicas Guerreiras*. Sep. de *Ethnos*, vol. II. Lisboa, 1942.
- *Páginas Folclóricas*. Porto (Portucalense Editora), 1942, 200 pp..

*Em 1943:*

O director do Museu explorou, no concelho de Rio Maior e limítrofes (Estremadura), as seguintes estações:

- Olival do Arneiro
- Olival do Passal
- Olival do Casal
- Atrás da Igreja
- Etc..

Na mesma região procedeu a prospecções nos sítios que assinalamos:

- Quintal da Fonte
- Charneca
- Cabeço do Moinho do Vento

- Vale da Amieira
- Chã
- Covão
- Bujo
- Arneiros
- Valonho
- Boa Vista
- Freixo dos Rios
- Quinta de St.<sup>a</sup> Maria
- Raposo
- Moinho Novo
- Porto do Vale
- Vale de Moinhos
- Etc..

O Prof. Manuel Heleno, tendo como colaborador o Sr. Dr. Fragoso de Lima <sup>(102)</sup>, fez prospecções no castro de Azougada (Moura).

O Museu Etnológico colaborou na Exposição de Arte Popular realizada em Barcelona e em Madrid (Espanha); adquiriu por oferta: colecções da África Oriental, da Itália, da França (Paris), de origem árabe ou oriental, de Macau, etc.; um relógio de sol, de pedra; uma colecção de 196 bonecas, com trajes de povos diversos e de várias épocas; etc..

Luís Chaves realizou investigações em Lisboa, Mafra, etc.. Publicou:

- *O «Ciclo dos Descobrimentos» na Poesia Popular do Brasil*. Sep. de *Brasília*, vol. II, Coimbra, 1943, 77 pp.
- *Estudos de Poesia Popular*. Porto (Portucalense Editora), 1943, 139 pp..
- *A Arte Popular, Aspectos do Problema*. Porto (Portucalense Editora), 1943, 135 pp..

---

<sup>(102)</sup> *O Castro de Azougada — História da sua Descoberta e Exploração*, in *Jornal de Moura* de 1 de Julho de 1943; etc. Também esteve ocupado neste serviço o funcionário do quadro de pessoal técnico do Museu, Manuel Pedro Madeira, que acompanhou e auxiliou o director em várias outras campanhas de escavações.

— *A Etnografia da Cortiça*. Em *Boletim* da Junta Nacional da Cortiça, Lisboa, 1942-1943.

A Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans, entre vários outros trabalhos que levou a cabo, deu a lume:

— *Antiguidades de Faião, Silva e Cabrela (Sintra)*, in *Actas* do 4.<sup>o</sup> Congresso celebrado na cidade do Porto de 18 a 24 de Junho de 1942, juntamente com o XVII Congresso da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências, 7.<sup>a</sup> Secção (Ciências Históricas e Filológicas), vol. VIII, Porto, Imprensa Portuguesa, 1943.

*Em 1944:*

Por iniciativa da Direcção do Museu Etnológico, devido à aproximação do aniversário da morte do Prof. Leite de Vasconcellos, no Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia se propôs que se enviassem todos os esforços para que na casa onde durante muitos anos viveu e veio a falecer aquele sábio Mestre, fosse colocada uma lápide alusiva aos grandes serviços que prestou à Ciência e à Pátria<sup>(103)</sup>. Devido à carinhosa compreensão das instâncias superiores, essa iniciativa foi concretizada<sup>(104)</sup>.

O director foi em visita de estudo oficial a Vila Pouca de Aguiar, a fim de se pronunciar sobre o valor das antiguidades aparecidas em Três Minas (4 lápides com inscrição, vários objectos metálicos, uma colecção de cerâmica romana, etc.)<sup>(105)</sup>; foi designado para emitir parecer sobre o

<sup>(103)</sup> *Uma Comunicação do Prof. Dr. Manuel Heleno no Instituto de Arqueologia*, in *Novidades* de 21 de Abril de 1944; etc.

<sup>(104)</sup> José Leite de Vasconcellos, *Páginas Olisiponenses*. Introdução, selecção e notas de Fernando Castelo-Branco, Lisboa, 1959, págs. 39-44: por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, em colaboração com o Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia e a Faculdade de Letras de Lisboa, no dia 17 de Maio de 1944 foi descerrada uma lápide no prédio onde viveu e faleceu o Prof. Leite de Vasconcellos. Já em 1936, por proposta do Sr. tenente-coronel Pereira Coelho, a Comissão Administrativa do Município de Lisboa concedera-lhe a Medalha de Ouro de Mérito Municipal; também por edital de 13 de Maio de 1949, a mesma Câmara determinava que a Rua B, à Quinta do Ferro, se passasse a chamar Rua Leite de Vasconcellos.

<sup>(105)</sup> Anos mais tarde, João L. Saavedra Machado deslocar-se-ia a Vila Pouca de Aguiar a fim de conduzir para o Museu Etnológico parte deste espólio.

plano para a ampliação do Museu Municipal de Moura; nomeado para examinar o local chamado Pedra de Ouro (Alenquer); fez uma excursão ao Alentejo: visitou o Museu Regional de Beja, o Museu Militar do Baixo Alentejo, o Museu de Moura e a colecção do Sr. Dr. Fragoso de Lima, etc..

O Prof. Manuel Heleno continuou a explorar várias das estações já indicadas do concelho de Rio Maior e limítrofes <sup>(106)</sup>, procedeu a sondagens no castro de Azougada (Moura) e a novas investigações no concelho das Caldas da Rainha e cercanias (Estremadura), nos locais que referimos:

- Santo Isidoro
- Moinho dos Arcos
- Quinta do Negrelho
- Mina
- Casal da Barrosa
- Casal Carril
- Bico da Areia
- Vale das Éguas (Nadadoiro)
- Nadadoiro (Casal da Avé Maria)
- Moinhos do Nadadoiro
- Penascosas
- Foz
- Rio Real (Coelheiras)
- Etc..

O Museu Etnológico colaborou na Exposição de Arte Popular realizada em Sevilha (Espanha); continuou as suas diligências no sentido de dar realidade ao seu plano de alargamento indispensável e, para coordenação de esforços e melhor conhecimento das suas necessidades de carácter museológico, fez um apelo ao Ministério da Educação Nacional para que fosse ouvida a Subsecção qualificada da Junta Nacional da Educação na elaboração do plano de acomodação do Museu Etnológico; etc..

---

<sup>(106)</sup> *Uma Importante Comunicação do Prof. Manuel Heleno, Intitulada «O Problema Capense; Contribuição Portuguesa para a Sua Revisão», in A Voz de 27 de Abril de 1944.*

Neste ano, e à semelhança de todos os outros, o Museu Etnológico continuou a ser enriquecido com a entrada de numerosíssimos materiais: cerca de 5 000 objectos de Rio Maior; de 600 das Caldas da Rainha; 700 de Moura; 500 inteiros e fragmentados, de origem portuguesa e estrangeira, pertencentes a várias épocas, desde a pré-história até aos tempos históricos portugueses (sécs. XVI e XVII), oferecidos pelos Serviços Geológicos; etc..

Luís Chaves participou no Congresso de Córdova; fez investigações etnográficas em Lisboa e cercanias e em Trás-os-Montes; etc. e publicou:

- *Artes e Indústrias Populares de Portugal*. Edição do Secretariado Nacional de Propaganda. Lisboa, 1944.
- *Folclore Religioso*. Porto (Portucalense Editora), 1944, 189 pp..
- *Danças e Bailados. Notas de Coreografia Popular Portuguesa*. Sep. de *Petrus Nonius*. Lisboa, 1944. (Comunicação apresentada ao Congresso de Córdova, com o título de *Coreografia Popular Portuguesa*, sep. de *Las Ciencias*, de Madrid, 1945).

*Em 1945:*

O Prof. Manuel Heleno<sup>(107)</sup> foi oficialmente em excursão de estudo a Coimbra: visitou o Museu Machado de Castro, procedeu a investigações no acampamento romano de Antanol e examinou as espécies aparecidas nas demolições da cidade universitária, onde também desempenhou a incumbência de colher elementos de informação sobre o desvio de objectos e propor as medidas necessárias. Em missão oficial visitou o Castelo do Alvito (Alentejo); foi designado para relatar se o dólmen existente na região da estrada de Alpalhão a Castelo de Vide se deveria classificar como imóvel de interesse público; nomeado para verificar o interesse arqueológico da gruta de Santa Rita<sup>(108)</sup>, descoberta na estrada nacional n.º 95; incumbido de averiguar se uma gruta com ossos e cerâmica,

<sup>(107)</sup> Designado sócio correspondente da Academia Portuguesa de História (19-III-1945); posteriormente, sócio de número (20-VII-1956), 2.º Vice-Presidente (22-II-1963) e representante da Academia na Câmara Corporativa (7-I-1964).

<sup>(108)</sup> *Correio Elvense* de 1 de Dezembro de 1945.

aparecida na Quinta das Janelas, em Óbidos, merecia ser considerada para futuras escavações e protecção do respectivo espólio; fez uma excursão ao Alentejo (Évora: visitou a anta de falsa cúpula de Vale do Rodrigo, investigou dólmenes da região, junto à ribeira de Vale Verde, examinou os restos romanos da Tourega, etc.; Beja: visitou a Torre da Cardeira, Quinta de Gil Vaz, anta do Montinho, etc.) e ao Algarve (Messines: procedeu a investigações numa necrópole onde obteve uma inscrição ibérica, em Castro Verde, no Castelo Velho, nas antiguidades romanas nos arredores do referido Castelo e nas antigualhas de Santo Isidoro, etc.); fez uma visita de estudo à anta das Cabeças (Igrejinha), às antiguidades romanas do Castelo do Mau Vizinho (Igrejinha), a Defesa de Ferreira (Alandroal) e ao Redondo (Ribeira do Calado); procedeu a investigações nas proximidades da Golegã, onde colheu elementos para um estudo sobre o mosaico de S. Miguel<sup>(109)</sup>; etc..

O director do Museu prosseguiu com as suas explorações no castro de Azougada (Moura), com a colaboração do Sr. Dr. Fragoso de Lima e auxiliado pelo ajudante de preparador do Museu, Manuel Pedro Madeira.

O Prof. Manuel Heleno deu novo incremento às suas investigações nos concelhos de Rio Maior, Caldas da Rainha, Óbidos, Nazaré e limítrofes (Estremadura), onde fez explorações e pesquisas em muitas estações e assinalou outras. Mencionamos os sítios principais:

- Penascosas
- Quinota
- Casal do Pedrógão
- Bairro
- Cardadora
- Vale das Marcinatas
- Corcel da Bela Vista
- Coto
- Cavadas
- Cabeça Alta (Reguengo)

---

<sup>(109)</sup> Manuel Heleno, *Notas sobre Algumas Estações Lusitano-Romanas. II — O Mosaico de S. Miguel (Golegã)*. Sep. de *O Arqueólogo Português*, vol. III, 1956.

- Reguengo
- Lameiros (Reguengo)
- Pedreiras do Campo (Tornada)
- Mouraria
- Camarotos
- Pinhal do Rato
- Quinta do Gama
- Covões
- Carqueijeiros
- Casal do Seixo
- Vale do Salgueirinho
- Ursal
- Gaeiras
- Avenal
- Moinho do Saloio
- Charneca da Lagoa Parceira
- Pinhal da Câmara
- Trás do Oiteiro
- Cabeço da Raposa (Famalicão)
- Casal Hipólito (Famalicão)
- S. Martinho
- Fanhais
- Nazaré e Cabeço do Moinho do Vento
- Valado
- Zambujeiro (Arruçadas)
- Casal da Carvalheira
- Brogueira
- Fornos d'El-Rei
- Serra dos Mangos
- Cabeço do Forno
- Casal das Coelheiras
- Poço da Vala ou Areias
- Pedras
- Casal da Luz
- Águas Santas
- Cascalheira (Pataias)

- Apeadeiro (Pataias)
- Bresmeiros (Pataias)
- Texugos
- Casal da Toiça
- Bairro (Cruzeiro)
- Charneca do Paiva
- Cabeço de Brejo (Amoreira de Óbidos)
- Casal do Viriato (Amoreira de Óbidos)
- Pinhal (Quinta do Furadoiro)
- Bosque (Quinta do Furadoiro)
- Barroca de Areia ou Charampa
- Cova da Moira (Roliça)
- Olho Marinho
- Pó
- Penedo da Moura
- Oiteiro da Gorda
- Castro de S. Mamede
- Gruta da Columbeira
- Arneiro da Columbeira
- Quinta das Janelas
- Vale Carvalho
- Pinhal da Casa da Nazaré
- Arroteias
- Talhos (Quinta da Barrosa)
- Talhos do Albano
- Brejo da Coita (Nadadoiro)
- Casais
- Siopa (Serra d'El-Rei)
- Choças (Serra d'El-Rei)
- Quinta do Paul (Amoreira de Óbidos)
- Casais das Lambarosas
- Etc..

Nestes locais, o Prof. Manuel Heleno assinalou cerca de 116 estações pré-históricas e o Museu Etnológico foi enriquecido com alguns milhares de objectos arqueológicos e etnográficos exumados e adquiridos nas re-

giões de Rio Maior, Caldas da Rainha, Óbidos, Nazaré, Azougada, Arraiolos, Cascais, etc.; por oferta, entre outras, referimos a de 33 peças paleolíticas da Lunda (Angola), pela Companhia dos Diamantes de Angola.

O Museu Etnológico colaborou na 1.<sup>a</sup> Exposição Provincial das Ferrarias; a sua Direcção estabeleceu negociações para a aquisição de jóias e outras antigualhas, principalmente lápides, e elaborou um parecer sobre o projecto da criação de um museu no Castelo do Alvito pela Fundação da Casa de Bragança; etc..

Luís Chaves foi por duas vezes em missões de estudo para fora de Lisboa (Cascais, Sintra, Maçamá, Praia das Maças, etc.), etc.. Publicou os seguintes trabalhos:

- *O Porto na Poesia Popular do Norte e do Sul do Douro*. Sep. do *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto, vol. VI, fascs. 1 - 2.
- *Alguns «Registos de Santos» Portuenses*. Sep. de *Douro Litoral*, n.º 3, 2.<sup>a</sup> série. Porto, 1945.
- *O Barco-Rabelo do Rio Douro*. Em *In memoriam* do Doutor Pedro Vitorino. Porto (Junta Provincial do Douro Litoral), 1945.

*Em 1946:*

O director do Museu foi em visita oficial ao lugar do Bico do Sacho, concelho da Batalha, para estudar o achado de túmulos da época romana no local; seguiu em excursão de estudo para Trás-os-Montes, Minho, Douro Litoral e Beira Litoral, onde visitou vários museus e tomou conhecimento de antigualhas dessas províncias; etc..

O Prof. Manuel Heleno prosseguiu com as explorações no castro de Azougada e deu início a sondagens no castro de S. Bernardo, em Moura; acompanhou o director do Museu, o ajudante de preparador, Manuel Pedro Madeira.

Levou a efeito pesquisas arqueológicas no Vale do Roxo, concelho de Rio Maior, nos sítios designados por:

- Cabeça Gorda
- Casal Alegria

- Vale da Pata
- Arneiro
- Etc..

Continuou a explorar algumas das estações dos locais atrás mencionados da província da Estremadura, e procedeu a pesquisas na Terrugem (Elvas), que se prolongaram durante alguns dos anos seguintes.

Para o Museu Etnológico foram adquiridos por exploração, compra ou oferta variados objectos arqueológicos e etnográficos: cerca de 400 espécimes de Moura, 800 de Rio Maior e 600 das Caldas da Rainha; cerca de 236 espécies etnográficas que pertenceram ao Prof. Vergílio Correia e 20 de Évora; etc..

Foram recebidos no Museu, entre outros, o comissário-geral de escavações arqueológicas de Espanha e vários pré-historiadores da nação vizinha, etc.; com as verbas que começaram a ser atribuídas ao estabelecimento nos seus orçamentos, deu-se início à reforma de mostradores para as acomodações melhoradas do Museu, a qual se prolongou e activou nos três anos seguintes; etc..

Luís Chaves esteve por diversas vezes em serviço do Museu em Mafra, nos concelhos de Lisboa, Oeiras, etc., onde procedeu a investigações históricas e etnográficas; foi em excursão de estudo e informação etnográfica pelo Norte do Douro (Douro Litoral, Minho e Trás-os-Montes); etc.. A sua actividade como publicista manteve-se:

- «Registos de Santos» de Lisboa. Sep. dos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vols. XVII - XVIII. Lisboa, 1944-1946.
- «Registos de Santos» da Cidade de Lisboa (*Registos Gravados*). Sep. da *Revista Municipal*, n.º 26. Lisboa, 1946.
- *Três Abridores de «Registos» do Porto*. Sep. do *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto, vol. III, fascs. 3 - 4. Porto, 1946, 47 pp..
- *A Imaculada Conceição na Espiritualidade Portuguesa*. Na *Brotéria*. Lisboa, Dezembro de 1946.
- *O Povo Português através da Etnografia e das Tradições Artísticas*. Sep. do Livro *Portugal*, do Secretariado Nacional da Informação. Lisboa, 1946.

A Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans, entre outros serviços que executou no Museu, participou no Congresso Comemorativo do Quarto Centenário do Descobrimto da Guiné, organizado pela Sociedade de Geografia de Lisboa, etc.. Deu a público o seguinte estudo:

— *O Rio Niger — Çanagá dos Quinhentistas Portugueses*, in *Actas do referido Congresso*, vol. I, Lisboa, 1946.

*Em 1947:*

O director do Museu foi nomeado para propor medidas de defesa e conservação das grutas pré-históricas da Quinta do Anjo (Palmela); ao mesmo tempo adquiriu, por compra, peças interessantes de cerâmica de uma estação calcolítica (gruta?) da região de Palmela; foi designado para informar sobre a aquisição dos terrenos que constituem a estação arqueológica da Quinta da Abicada, freguesia da Mexilhoeira Grande (Algarve); visitou as antiguidades de Mértola; etc..

O Prof. Manuel Heleno, instruído pela imprensa de que na Herdade de Torre de Palma, freguesia de Vaiamonte, concelho de Monforte (Alentejo), apareceram dos mais lindos pavimentos romanos de Portugal, pediu informações acerca da autenticidade da existência de figuras humanas nos referidos mosaicos e logo se encaminhou para o local, procedendo às primeiras investigações arqueológicas<sup>(110)</sup>; também recolheu várias notas etnográficas de Torre de Palma e procedeu a um inquérito sobre os dólmenes da região. Comunicou à 2.<sup>a</sup> Subsecção da 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional da Educação os resultados das primeiras investigações realizadas em Torre de Palma e fez referência especial ao reconhecimento da importância daquela *villa* lusitano-romana por meio de escavações metódicas, ao estudo e interpretação dos mosaicos, à orientação a seguir sobre a conservação dos mesmos. O director providenciou no sentido de ser concedida autorização para a vinda a Portugal de uma brigada de técnicos italianos a fim de se proceder ao levantamento e consolidação dos mo-

---

<sup>(110)</sup> *Diário de Notícias* de 31 de Março de 1947; *Democracia do Sul* de 3 de Abril de 1947; *Distrito de Portalegre* de 19 de Julho de 1947; *Diário de Iucatan* (México) de 9 de Agosto de 1947; etc., etc.

saicos de Torre de Palma e ao seu assentamento no Museu Etnológico. Nestes serviços, em Torre de Palma, colaboraram, estiveram ocupados e acompanharam e auxiliaram o director, durante vários anos até 1964, os seguintes funcionários do Museu: Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans, Manuel Pedro Madeira, João L. Saavedra Machado, Jaime Pereira Roldão e João Lino da Silva.

Continuou as explorações no castro de Azougada (Moura); realizou investigações na gruta artificial do Casal da Lapa (Torres Vedras); fez pesquisas paleolíticas nos arredores de Torres Vedras: Varatojo, Portela, Santa Cruz, etc..

O director procedeu a investigações sobre o paleolítico e outras antiguidades do distrito de Leiria e limítrofes:

a) Monte Real e cercanias (cerca de 30 estações):

- Vales
- Vila
- Barrocas
- Carrasqueira
- Lagoa
- Carregueira
- Font'Além
- Foro
- Quinta dos Pinhais
- Colector
- Caminho da Mata
- Peralta
- Valongo
- Pedregoso
- Covão
- Negrita
- Pinhal dos Marinheiros
- Oiteiro da Serva
- Poço dos Grilos
- Sobreiro-Covo
- Arieira

- Cabeço da Moira
- Vieira
- Tercenas
- Requeixada
- Etc..

b) Leiria e arredores (cerca de 50 estações) :

- Casal da Alminha
- Soisas
- Olivais da Gândara
- Oiteiros
- Matueira
- Fonte dos Corvos
- Oiteiro Pelado
- Pica Sinos
- Cemitério Novo da Ortigosa
- Lameira
- Várzeas
- Perto do Rio
- Coluna
- Alcaidaria
- Souto da Carpalhosa
- Casal de St.<sup>a</sup> Maria
- Levogadas
- Pousadas
- Moinhos da Barosa
- Vale Mourico (?)
- Amor (Ribeira do Negro)
- Ribeira do Magro
- Quinta dos Bancos
- Fábrica da Oca (Souto)
- Cabeço da Moita
- Pousias (Cortes)
- Chafariz
- Casal Branco

- Quinta de S. Venâncio
- Moinhos da Ponte do Cavaleiro
- Quinta do Vale do Lobo
- Salgueiros
- Albergaria
- Vidigal
- Pederneiras
- Cabácios
- Sismaria
- Carvalheira
- Telheiro
- Quinta de S. Sebastião
- Senegadas
- Cabeço do Bravo
- Casais do Matos
- Barrosa
- Quinta do Pisão
- Etc..

Colaborou-se no Cortejo Histórico das Comemorações do VII Centenário da Tomada de Lisboa; estabeleceram-se negociações com o Palácio Nacional da Ajuda para que fosse depositada no Museu uma valiosa colecção de vidros romanos (unguentários, vasos, pratos, etc.), três jóias proto-históricas, etc.; etc..

Luís Chaves não só desenvolveu grande actividade nas remodelações do Museu, como também procedeu a numerosíssimas diligências como secretário-geral da Comissão Executiva do I Congresso Luso-Brasileiro de Folclore<sup>(111)</sup>, senão que realizou uma excursão a Sintra, etc., e deu a público:

- *Os Caminhos do SE. para SO. da Península Ibérica. Caminhos Peninsulares. Sep. das Actas do Congresso Arqueológico do Sudeste Espanhol, em Albacete, 1947.*

---

<sup>(111)</sup> V. *Relatório dos Trabalhos realizados na Comissão Preparatória do I Congresso Luso-Brasileiro de Folclore*, in *Ethnos*, vol. III, Lisboa, 1948, págs. 485 - 489.

— *E, depois, o Menino nasceu. E nasceu assim! (Um Auto de Natal)*.  
Lisboa (Edições Gama), 1947, 82 pp..

*Em 1948:*

O Prof. Manuel Heleno visitou oficialmente as ruínas da Quarteira (Loulé Velho); procedeu a investigações na região da Atouguia da Baleia (Ferrel): paleolítico da Seixeira Alta e estação das Águas Figueiras; acompanhado do Sr. Dr. Fernando Bandeira Ferreira e de um funcionário do Museu, fez novamente uma excursão ao sítio das Águas Figueiras (Atouguia da Baleia) <sup>(112)</sup>, etc.; etc..

A Direcção do Museu, por intermédio do Prof. Doutor João Pereira Dias, vice-presidente da 2.<sup>a</sup> Subsecção da 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional da Educação, que se deslocara a Itália e que desde logo se interessara pela salvação e estudo da estação lusitano-romana de Torre de Palma, — ultimou as negociações com o Sr. architecto Amedeo Orlandini, director do «Opificio delle Pietre Dure di Firenze», para a vinda a Portugal de uma brigada de mosaístas que viria iniciar os trabalhos ainda nesse ano. Amedeo Orlandini considerou o mosaico das Musas (Fig. 82) uma «peça de valor excepcional, só comparável à que se encontra exposta na *Villa Medici*, de Roma».

Além das escavações em Torre de Palma, o director continuou a investigar a região de Leiria e limítrofes e obteve o consentimento da Sociedade Agrícola de Tróia para a 15 de Setembro ali começar com novas explorações, que foram coroadas, quanto sabemos, do melhor êxito, com as investigações, durante vários anos e até 1955, principalmente do cemitério da Caldeira, onde apareceram mais de 100 sepulturas <sup>(113)</sup>; requereu à Sociedade Portuguesa de Levantamentos Aéreos a cobertura fotográfica aérea, à altura sobre o terreno de 750 m, levada a efeito numa vasta superfície desta última estação romana.

---

<sup>(112)</sup> Manuel Heleno, *Pesquisas em Atouguia da Baleia*, in *Ethnos*, vol. III, Lisboa, 1948, págs. 495 - 496.

<sup>(113)</sup> *O Setubalense* de 22 de Setembro de 1956. Durante vários anos, até 1955, estiveram ocupados nestes serviços, entre outros, os seguintes funcionários do Museu: António Luís Branco de Paiva, João L. Saavedra Machado e Jaime Pereira Roldão. Nesta estação também funcionaram, por vezes, aulas de Arqueologia prática ministradas pelo Prof. Manuel Heleno e seus assistentes, e campos de trabalho.

A Direcção do Museu promoveu a entrada no estabelecimento, a título de depósito, de uma valiosa colecção arqueológica (vidros romanos, peças posteriores, jóias proto-históricas, etc.) existente no Palácio Nacional das Necessidades <sup>(114)</sup>; providenciou para que dessem entrada no Museu as antiguidades e o restante monetário, constituído por moedas romanas, do Gabinete de Numismática da Biblioteca Nacional de Lisboa; estabeleceu negociações para a aquisição das jóias aparecidas na Senhora da Guia, concelho de S. Pedro do Sul; fez diligências, muitas vezes renovadas nos anos posteriores, para que fosse distribuído fardamento aos funcionários que vigiavam as salas de exposição; convidou os arqueólogos Doutores Georg e Vera Leisner, para trabalharem no Museu Etnológico, que serviram com muita distinção e dedicação durante vários anos; recebeu a visita do «Seminário de História Primitiva del Hombre» e do seu ilustre director, Prof. Doutor Júlio Martinez Santa-Olalla; etc..

Neste ano, o Museu Etnológico foi assaz enriquecido. Entre outros numerosíssimos objectos arqueológicos e etnográficos citamos os seguintes: mosaicos das Musas e dos Cavalos e cerca de 350 objectos de Torre de Palma; 260 de Tróia; colecção de instrumentos de pedra de Viana do Castelo; modelo de um barco de pesca da Nazaré; candeias antigas; etc.. Também se acomodou no Museu uma reprodução reduzida das ruínas romanas de Torre de Palma.

Luís Chaves, além de ter trabalhado no catálogo de etnografia, ultimado as remodelações no Museu, que neste ano, como se disse, passou a ter nova entrada pelo lado do nascente, e dedicado a outras tarefas museológicas, realizou uma excursão de estudo a Besteiros e ao Caramulo, etc.. Publicou:

- *Os Pelourinhos Portugueses, o Seu Papel Histórico, Artístico e Etnográfico-Folclórico*. Sep. da *Revista de Guimarães*, vol. LVIII, fascs. 3 - 4. Guimarães, 1948.
- *A Cortiça e o Seu Vocabulário Popular*. Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. II. Coimbra, 1948, 33 pp..

---

<sup>(114)</sup> Em 1950, o Museu Etnológico recebeu o auto de cessão enviado pelo sr. director-geral da Fazenda Pública do Ministério das Finanças.

- *Adolfo Coelho na Etnografia Portuguesa*. Sep. de *Biblos*, vol. XXIII. Coimbra, 1948.
- *Pelourinhos do Ultramar Português*. Lisboa (Agência Geral do Ultramar), 1948, 138 pp..
- *O Significado Social da Doçaria*. Em *Miscelânea de Estudos em Memória de Cláudio Basto*. Porto, 1948.

A Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans acompanhou o director do Museu nos trabalhos de Torre de Palma, levou a efeito outras tarefas museológicas e deu a público um estudo de carácter histórico-linguístico, que foi apresentado à 2.<sup>a</sup> Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais realizada em Bissau, de 8 a 17 de Dezembro do ano anterior:

- *Da Origem dos «Bantu»*, in *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, vol. III, Janeiro de 1948, n.º 9.

*Em 1949:*

O director do Museu foi designado oficialmente para aquilatar do valor e classificar os elementos que constituíam um valioso conjunto arqueológico, ao tempo guardado num prédio da Câmara Municipal de Fronteira; nomeado para averiguar as medidas de protecção que merecia um cipo com inscrição funerária, encontrado em Alcaidaria Nova (Reguengo do Fetal); visitou, em missão oficial, a Maceira (Leiria), para exame dos seus mosaicos e outras antiguidades romanas; fez várias excursões prolongadas a Torres Vedras, onde examinou o Museu Municipal e a colecção do Sr. Leonel Trindade; prosseguiu a exploração da gruta artificial do Casal da Lapa; realizou investigações na gruta do Cabeço da Rainha ou dos Banhos; e procedeu a outras no paleolítico do concelho de Torres Vedras e limítrofes (Estremadura), nas seguintes localidades principais:

- Fonte Grade
- Vale Covo
- Ponte Rol
- Palhagueira

- Cabeço das Ruivas
- Sobreiro Curvo
- Casal da Caria
- Vale Mouro
- Vale de Moinho
- Baio
- Ribeira
- Santa Cruz
- Ponte da Vigia
- Fonte do Seixo
- Alto do Zimbral
- Souto
- Silveira
- Vimeiro
- Casal da Cunha
- Casal Coxim
- Alvar do Vale da Amunha
- Etc..

O Prof. Manuel Heleno elaborou um parecer apresentado na sessão da 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação de 17 de Dezembro de 1949, acerca das antiguidades dos arredores de Elvas (Herdade da Chaminé e Carrão) <sup>(115)</sup>, onde visitara as colecções do Sr. Dias de Deus, e ainda continuara as prospecções na Terrugem.

No Museu Etnológico receberam-se, além de especialistas nacionais e estrangeiros, à semelhança de todos os anos, os membros dos Congressos Internacionais de História de Arte e de Geografia; adquiriu-se uma lápide, com inscrição arábica, proveniente das muralhas de Serpa (Alentejo); fizeram-se diligências para se averiguar a autenticidade do busto de Caracalla, que se dizia aparecido em *Aquincum* (Hungria), com o fim de poder ingressar nas colecções do Museu; obteve-se durante vários anos, a colaboração do notável epigrafista, Prof. Scarlat Lambrino, para ela-

---

<sup>(115)</sup> Manuel Heleno, *Arqueologia de Elvas — Notícia Preliminar* in *O Arqueólogo Português*, vol. I, Lisboa, 1951, págs. 83 - 94.

borar o catálogo de epigrafia romana <sup>(116)</sup> e a do Sr. Dr. Fernando Bandeira Ferreira, que ficou incumbido de continuar a catalogação do paleolítico e mesolítico português; etc..

Luís Chaves dedicou-se ao catálogo de etnografia e de ex-libris, participou no 3<sup>ème</sup> Congrès International de Toponymie et Anthroponymie, em Bruxelas, foi em excursão de estudo ao Norte (Vouzela e Vizeu), etc.. Deu a público os seguintes estudos:

- *O Romanceiro e o Teatro Popular do Norte do Douro*. Sep. de *Biblos*, vol. XXIV. Coimbra, 1949, 81 pp..
- *Teatro Popular: Um Auto Carolíngio em Terras de Viana*. Sep. do *Arquivo do Alto Minho*. Viana do Castelo, 1949.
- *Adolfo Coelho e os Contos Populares*. Sep. de *Miscelânea (...)* Adolfo Coelho (= *Boletim de Filologia*, tomo XII), vol. I, pp. 43 - 53.
- *A Religião dos Caminhos (Nota de Etnografia Portuguesa Actual)*. Sep. de *Las Ciencias*, ano XIV, n.º 1. Madrid, 1949.

A Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans dedicou-se ao catálogo de arqueologia, procedeu à ordenação das espécies bibliográficas do Museu, etc.. Publicou:

- *Prefácio da Edição Fac-Similada da Relatione del Reame di Congo et delle Circonvicine Contrade. Tratta dalli Scritti & Ragionamenti di Odoardo Lopez Portoghese per Filippo Pigafetta. Con disegni vari di Geografia, di Piante, d'Habiti, d'Animali, & altro. Al molto Ill.<sup>re</sup> & Re.<sup>mo</sup> Mons.<sup>re</sup> Antonio Migliore Vescovo di S. Marco, & Commendatore di Spirito. In Roma. Apresso Bartolomeo Grassi/1591*. Publicação da Agência Geral do Ultramar, Lisboa 1949.

*Em 1950:*

O director do Museu foi nomeado oficialmente para se pronunciar sobre a petição do Conselho Administrativo da Fundação da Casa de

<sup>(116)</sup> Doutor Scarlat Lambrino, *Catalogue des Inscriptions Latines du Musée D. J. Leite de Vasconcelos*, in *O Arqueólogo Português*, vol. IV, 1960 e segs. (No prelo).

Bragança, que solicitava autorização para os investigadores alemães Doutores Georg e Vera Leisner procederem a escavações nas antas das Herdades das Areias e do Roncão, no concelho de Reguengos de Monsaraz; realizou várias e prolongadas excursões de estudo a Torres Vedras e a outras localidades da Estremadura, a Elvas e arredores; etc..

Além de ter dado continuação às escavações na *villa* lusitano-romana de Torre de Palma e às prospecções no campo de urnas da Chaminé e no Carrão, o Prof. Manuel Heleno <sup>(117)</sup> explorou também várias estações na Estremadura <sup>(118)</sup>:

- Vinha do Brasil
- Amoreira
- Arneiros
- Feteira
- Casal de Monfalim
- Quinta da Areia
- Almoinha
- Varzinhas
- Baio
- Cerrado Novo
- Etc..

Por iniciativa da Direcção do Museu, deu entrada no estabelecimento a colecção de vidros romanos, peças posteriores e jóias proto-históricas do Palácio Nacional das Necessidades <sup>(119)</sup>; também se adquiriram por compra, oferta, depósito ou exploração, numerosíssimos objectos, alguns dos quais salientamos: 4 gaitas de cana, populares, de Mafra; dois amuletos de chifre, de Mafra; estatueta romana de bronze; vaso de cerâmica

<sup>(117)</sup> Neste ano, acompanharam o Director e estiveram ocupados nestes serviços os seguintes funcionários do Museu: Dr.ª Rosa Capeans, Manuel Pedro Madeira, Jaime Pereira Roldão e João Lino da Silva.

<sup>(118)</sup> *Diário de Notícias* de 24 de Janeiro de 1950 (o campo de urnas da Chaminé, os mosaicos romanos do Carrão e as estações paleolíticas de Torres Vedras); *Diário da Manhã* de 29 de Janeiro de 1950: «Estão desfeitas as teorias segundo as quais os portugueses teriam suas raízes em povos africanos. As investigações dos nossos cientistas já conduziram à demonstração do contrário»; etc.

<sup>(119)</sup> Em exposição, com os números de catálogo: 35 000 a 35 075.

púnica; bracelete de ouro; espada da época do bronze; colecção etnográfica de 150 objectos; cerca de 500 objectos de Torre de Palma e de 750 de Torres Vedras; etc..

O Museu Etnológico obteve a colaboração do Dr. Joaquim Fernando de Abreu Figanier, que se dedicou durante vários anos ao catálogo de numismática arábica.

Luís Chaves foi em viagens de estudo e informação etnográfica a Mafra, Caramulo, Vouzela, Viseu e Águeda (Abril), ao Ribatejo (Junho), a Penafirme, concelho de Alenquer (Agosto), a Beja (Outubro), etc.; participou no Congresso Luso-Espanhol; continuou a elaboração do catálogo de etnografia e de ex-libris; etc.. Fez um estudo sobre:

— *Pelourinhos de Tipo Arcaico em Portugal*. Sep. de *Las Ciencias*, ano XV, n.º 3. Madrid, 1950.

*Em 1951:*

O director do Museu foi designado para se pronunciar sobre o interesse dos materiais arqueológicos provenientes das dragagens realizadas no porto de Setúbal; nomeado para apreciar o relatório apresentado pelo Doutor Georg Leisner à 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação sobre as escavações na *tholos* da Farisoa (Reguengos de Monsaraz); visitou e estudou a colecção da necrópole de Alcácer do Sal, do Prof. Gentil, a qual não deu entrada no Museu; examinou a colecção do Prof. Vergílio Correia; procedeu a investigações sobre algumas antiguidades dos arredores da Figueira da Foz, onde visitou o Museu; etc..

O Prof. Manuel Heleno deu continuidade às escavações em Torre de Palma; procedeu a sondagens no castro da Cabeça de Vaiamonte; fez um inquérito sobre novos mosaicos daquela região (Lameiras); levou a efeito pesquisas arqueológicas no paleolítico das cercanias: Bugas, Tapada, Calavernas, etc.; e, na Estremadura, explorou várias estações, sendo as principais:

- Almoinha
- Gentias
- Vale da Mata

- S. Pedro da Cadeira
- Carvalhais
- Feteira
- Casal dos Alfaiates
- Etc..

O director do Museu orientou o levantamento, consolidação e assentamento *in situ* dos mosaicos de *Conimbriga*, que a brigada deste estabelecimento, a pedido da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, estava realizando <sup>(120)</sup>. A propósito, cumpre-nos evidenciar que a 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação felicitou o Prof. Manuel Heleno «pela técnica perfeita que o pessoal especializado do Museu Etnológico conseguiu adquirir» e propôs um voto de louvor ao referido vogal «pela sábia direcção dos trabalhos de restauro dos mosaicos de *Conimbriga* e pelo magnífico resultado obtido» <sup>(121)</sup>.

Por oferta ou depósito, deram entrada no Museu valiosos espólios arqueológicos: abundante material arqueológico proveniente de Monsanto (Lisboa); o Museu Nacional de Arte Antiga, de harmonia com o despacho ministerial de 7 de Agosto, depositou as seguintes peças: uma estátua romana decapitada (E. 8128), 6 amostras de *vermiculata pavimenta* (E. 8129 a E. 8134), uma pequena estátua egípcia (E. 8136), um busto de divindade (?) em baixo relevo (E. 8137), uma pequena estela egípcia (E. 8138) e uma outra que representa uma personagem reclinada (E. 8139); foram integradas nas colecções deste Museu as lápides de Cárquere <sup>(122)</sup>; uma pedra insculpada da época do bronze; uma dobra de ouro de D. João II de Castela, metade de outra e um anel do mesmo metal, achados durante as obras de restauro do Forte de S. Julião da Barra <sup>(123)</sup>; as insígnias que pertenceram ao Prof. Bernardino Ma-

<sup>(120)</sup> V. *Consolidação e Restauro dos Mosaicos de Conimbriga*, in *O Arqueólogo Português*, vol. III, 1956, págs. 253-255; *O Primeiro de Janeiro* de 26 de Janeiro de 1951; etc.

<sup>(121)</sup> *Acta* de 21 de Janeiro de 1951, cuja cópia nos foi facultada pelo director do Museu para a reproduzirmos.

<sup>(122)</sup> As lápides têm os seguintes números e figuras na obra do P.º Eugénio Jalhay, *Lápides Romanas da Região de Cárquere (Resende)*: n.º 4, pág. 16, fig. 5; n.º 5, pág. 17, fig. 6; n.º 6, pág. 19, fig. 7; n.º 8, págs. 21-22, fig. 9; e n.º 9, pág. 23, fig. 10.

<sup>(123)</sup> Oferta do Sr. Eng.º Arantes e Oliveira, hoje mui ilustre ministro das Obras Públicas.

chado: Banda das Três Ordens, Gran-Cruz da Ordem da Torre e Espada, Ordem do Banho, Gran-Cruz da Legião de Honra, Ordem da Coroa de Itália, Gran-Cruz de Carlos III de Espanha, Gran-Cruz de Leopoldo da Bélgica, Colar da Academia das Ciências de Lisboa, Colar do Instituto de Coimbra — 1852, etc..

Colaborou-se na exposição de Arte Missionária, em Madrid; enviaram-se a Miss Jocelyn Toynbee (Inglaterra) todos os elementos disponíveis e referentes a mosaicos lusitano-romanos aparecidos em Portugal; receberam-se e orientaram-se as visitas culturais do Centro de Profilaxia da Velhice acompanhado do Prof. Doutor J. M. Queirós Veloso, dos participantes no Congresso Internacional da Mensagem de Fátima; etc., etc.

A Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans deu a lume:

— *Relação do Reino do Congo e das Terras Circunvizinhas*, tradução portuguesa da *Relatione del Reame di Congo et delle Circonvicine Contrade. Tratta dalli Scritti & Ragionamenti di Odoardo Lopez Portoghese per Filippo Pigafetta...* Edição da Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1951.

*Em 1952:*

O director do Museu foi nomeado para emitir parecer sobre a aneção ao Museu Machado de Castro da zona de *Conimbriga* e acampamento de Antanol; visitou oficialmente a gruta grande das Alcobertas (Rio Maior), a fim de verificar a possibilidade da sua classificação como monumento nacional; designado para dar parecer sobre a defesa dos túmulos etruscos da Quinta de Monserrate (Sintra) <sup>(124)</sup>; foi em excursão de estudo a Grândola, onde investigou algumas antiguidades, adquiriu, por oferta, vários objectos lusitano-romanos encontrados no Castelo e noutros locais e alguns utensílios de cortiça usados na região, e obteve para o Museu o espólio de uma sepultura (colar e anel de ouro, copo de prata, lucerna de bronze, etc.); deslocou-se a S. Pedro do Sul a fim de pagar e

---

<sup>(124)</sup> *Os Túmulos Etruscos da Quinta de Monserrate (Sintra)*, in *O Arqueólogo Português*, vol. III, 1956, pág. 251.

conduzir para Lisboa as jóias da Senhora da Guia; estabeleceu negociações para a aquisição de uma ara romana que aparecera na freguesia de Paranhos da Beira (Seia); adquiriu, por oferta, alguns fragmentos de jóias proto-históricas e romanas e outras peças arqueológicas encontradas em *Balsa*, uma medalha comemorativa da vitória do Duque de Wellington; comprou em Tavira dois brincos de ouro, antigos; etc., etc..

Por oferta de Sua Excelência o Presidente do Conselho, Prof. Doutor Oliveira Salazar, deu entrada no Museu Etnológico a valiosa colecção arqueológica que pertenceu ao Prof. Dr. Vergílio Correia, assim constituída:

- a) numerosíssimas peças paleolíticas e neolíticas, colhidas pelo Prof. Vergílio Correia nas pesquisas que efectuou na Serra de Monsanto (Monsanto I, II, III, Sete Moinhos e Vila Pouca);
- b) material arqueológico das mesmas épocas acima mencionadas, de muitas outras estações dos arredores de Lisboa (Quinta da Fronteira, Casal do Monte, Boa Vista, Liceia, etc.);
- c) parte do espólio das antas de Pavia;
- d) dois machados de bronze do Alentejo;
- e) alguns artefactos da época do ferro, do castro de Santa Olaia;
- f) um importante espólio da necrópole de Alcácer do Sal, exumado das escavações ali realizadas pelo Prof. Vergílio Correia (relatório, plantas, desenhos e papéis avulsos);
- g) uma colecção lusitano-romana proveniente de *Conimbriga* e do Castelo de Pombal;
- h) 211 moedas de bronze, romanas e portuguesas, de Alcácer do Sal, Condeixa, etc.;
- i) uma colecção estrangeira trazida pelo Prof. Vergílio Correia de Ampúrias, Azaila, Djmila, etc. <sup>(123)</sup>.

O director do Museu levou a efeito as seguintes campanhas de escavações: Torre de Palma, Cabeça de Vaiamonte e Estremadura. Nesta

---

<sup>(123)</sup> Devido à área do Museu Etnológico ser insuficiente para o material que possui, esta colecção ainda não se expôs (Cfr. *Programa para a Instalação do Museu Etnológico do D.ºr Leite de Vasconcelos na Cidade Universitária, de que foi Relator o Prof. Doutor Manuel Heleno*. Sep. de *Ethnos*, IV, pág. 7. Vide Apêndice VIII).

provincia procedeu a diversas investigações, principalmente nas seguintes estações:

- Casal das Azenhas de Baixo
- Casal dos Caixeiros
- Casal do Rodo
- Alto da Seixosa
- Casal do Formigal
- Casal do Massapez
- Sítio da Escada
- Casal do Canão
- Casais da Casa Branca
- Casal Rosários
- Vale da Mata
- Cinzeiro do Cural Velho
- Grutas de Ribeira de Castros
- Etc..

O director do Museu deu continuidade às suas investigações no concelho de Rio Maior e limítrofes:

- Vale de Porcos (Azinheira)
- Vasca
- Carneira
- Gato Preto (Mina do Giz)
- Abom (Mina do Giz)
- Barreiros da Chainça
- Arneiro (Marinhas do Sal)
- Sítio do Xavier (Quinta da Mata)
- Charneca (Quinta da Mata)
- Moinho do José Claro (Bairradas)
- Casal do José Gomes (Bairradas)
- Santa Susana
- Cabos (Serieira)
- Vale da Amarela
- Etc..

Na mesma região, levou a efeito pesquisas arqueológicas na Chichaireira, Porto Marinho, Carneira, Quinta de S. Paio, Vale Serrão, etc..

O Museu Etnológico cedeu ao Paço Ducal de Vila Viçosa, 55 peças arqueológicas e 6 cópias de gesso da chamada colecção de D. Luís; obteve a colaboração do Sr. Dr. José Frago de Lima para proceder à catalogação do espólio arqueológico exumado das regiões de Moura e Mértola; colaborou nalgumas exposições; recebeu vários especialistas nacionais e estrangeiros; etc., etc..

Por auto de cessão de 13 de Junho deste ano, foram entregues pela Direcção-Geral da Fazenda Pública ao Museu Etnológico, as extensas dependências anexas ao edifício dos Jerónimos que estiveram ocupadas pelo Laboratório da Estação Agronómica Nacional. Aí se acomodaram a secção epigráfica, o depósito das suas publicações, colecções em estudo, etc., para poucos anos volvidos se retirarem e colocarem, em parte, no II pavimento do Museu.

Luís Chaves trabalhou no catálogo de etnografia, na inventariação e ordenação dos «registos de santos», melhorou a exposição de numerosíssimos objectos arqueológicos em vários mostruários, fez investigações em Lisboa, etc., e, em Abril e Agosto saiu em viagem de estudo e informação etnográfica, percorrendo as regiões do Caramulo, Besteiros, Vouzela, Viseu, Águeda e várias regiões a Norte do Douro. Publicou:

- *Estudos de Toponímia Portuguesa: Influências Militares na Formação de Topónimos*. Sep. da *Revista de Guimarães*, vol. LXII, Guimarães, 1952.
- *A Louça: Esta Palavra «Louça» na Linguagem Popular Portuguesa*. Sep. de *Homenaje a Fritz Krüger*, Mendoza, Argentina, 1952.
- *No Ciclo Etnográfico dos Defuntos*. Em *Portucale*, 3. série, n.ºs 1, 2 e 3, Porto, 1952, 55 - 62.

*Em 1953:*

O director do Museu <sup>(126)</sup> visitou oficialmente a Maceira (Leiria), para examinar os seus mosaicos e outras antiguidades romanas; foi à

<sup>(126)</sup> Designado vogal do Conselho do Estágio dos Museus (decreto n.º 39 116, de 27 de Fevereiro de 1953).

Covilhã, a fim de estudar e adquirir o tesouro da Borrallheira (Teixoso) <sup>(127)</sup>; fez diligências para incorporar nas colecções deste estabelecimento as jóias pré-romanas, por muito tempo guardadas no Quartel do Esquadrão a Cavallo do Regimento de Cavalaria N.º 6 e depois entregues à responsabilidade da Secção de Finanças do concelho de Chaves, à data depositadas no cofre da Tesouraria da Câmara Municipal <sup>(128)</sup>; adquiriu, por compra, uma *bráctea* de ouro aparecida em Ninho de Açor (Beira Baixa) <sup>(129)</sup>; obteve, por oferta, uma inscrição ibérica, armas genéticas da África Portuguesa; etc., etc..

O Museu Etnológico foi ainda enriquecido com 2 objectos etnográficos de marfim e madrepérola, 163 gravuras e litografias (coloridas e a preto) de assuntos portugueses, e cerca de 1700 objectos arqueológicos provenientes da continuação das explorações e sondagens <sup>(130)</sup> em curso neste ano:

- Torre de Palma
- Cabeça de Vaiamonte
- Azougada
- Tróia
- Rio Maior: Carneira, Vale de Porcos, Vasca e gruta da Esperança das Alcobertas.

O Museu Etnológico obteve a colaboração da Sr.ª Dr.ª Irisalva de Nóbrega Moita, que foi incumbida da catalogação das colecções de numismática.

Luís Chaves não só procedeu a múltiplas actividades museológicas, como foi em viagens de estudo e informação etnográfica a Vouzela, Viseu,

---

<sup>(127)</sup> Manuel Heleno, *O Tesouro da Borrallheira (Teixoso)*, in *O Arqueólogo Português*, vol. II, 1953, págs. 213 - 226.

<sup>(128)</sup> Não deram entrada no Museu, apesar de todos os esforços do director e de Luís Chaves que, para o efeito se deslocara por duas vezes à cidade flaviense. Onde param hoje essas jóias?

<sup>(129)</sup> Cumpre-nos agradecer ao sr. coronel Mário Cardoso a sua acção relevante nesta aquisição do Museu Etnológico.

<sup>(130)</sup> Acompanharam o director e estiveram ocupados nestes serviços os funcionários do Museu: Srs. Jaime Pereira Roldão e João Lino da Silva.

Águeda e Sintra (Colares, Maçamá e Praia das Maças), senão que deu a público:

- *São Francisco Xavier nas Tradições da Cidade de Lisboa*. Sep. da *Revista de Guimarães*, vol. LXIII. Guimarães, 1953.
- *As Tradições e Lendas Portuguesas de S. Francisco Xavier*. Sep. de *Archivum Historicum Societatis Jesu*, vol. XXII. Roma, 1953.
- *Um Tipo Arcaico de Resguardo Corporal: A «Capucha» Serrana, Cobertura de Cabeça e Tronco*. Sep. de *Las Ciencias*, ano XVIII. Madrid, 1953.
- *Nota de Etnografia: Carros, Carrinhos e Carroças de Lisboa (Transportes de Tracção Animal)*. Sep. da *Revista Municipal*. Lisboa, 1953.

\*

\*      \*

Estes *Subsídios para a História do Museu Etnológico do D.<sup>o</sup> Leite de Vasconcelos* <sup>(131)</sup>, breve notícia que se apresenta ao público, muito embora de maneira que de antemão sabemos imperfeita e incompleta mas susceptível de se melhorar e ampliar largamente, tal é a aglomeração de materiais carreados para o Museu, — são o nosso modesto contributo para a preparação de um índice de numerosíssimos elementos de estudo que ora convinha reunir, tanto quanto possível por ordem cronológica de publicações, de referências ou de aquisições por compra, oferta ou exploração, a fim de que no futuro seja mais fácil a sua colheita para a *História do Museu Etnológico* (Vol. II e segs.) ou outros. Além disso, o objectivo deste trabalho e doutros possíveis dentro desta série e relativos a vários anos, como é óbvio, é dar também às instituições congéneres, a todos os

---

<sup>(131)</sup> Na pesquisa de boa parte dos elementos para este trabalho, o A. obteve o valioso auxílio do Sr. Dario Moreira de Sousa, funcionário do quadro do pessoal técnico do Museu Etnológico, e ainda o das colaboradoras do mesmo estabelecimento, licencianda Maria Antónia Borralho Graça e D. Vitalina de Oliveira. Por todo esse labor eficiente aqui expressamos o nosso agradecimento.

Todos os desenhos que se apresentam neste trabalho são da autoria do hábil desenhador Sr. Dario Moreira de Sousa; várias fotografias são de Mário Novais, outras do arquivo fotográfico do Museu Etnológico e algumas do autor. Diversas gravuras utilizadas são igualmente do arquivo do Museu.

estudiosos especialistas ou não, e ao público em geral, uma primeira e sucinta notícia de variegadas e importantes actividades do Museu, que interessam à cultura e ao conhecimento da etnologia portuguesa, as quais, uma vez concluídas, serão objecto de estudo aprofundado nas mesmas colunas de *O Arqueólogo Português*, especificadamente:

- A) o trabalho de investigação científica nos sectores que ele comporta: pré-história, proto-história, arqueologia lusitano-romana, arqueologia visigótica, epigrafia, numismática e medalhística, etnografia, antropologia, etc.;
- B) o trabalho de inventário, de catalogação e de arranjo das colecções, etc.;
- C) o trabalho de extensão cultural e pedagógica dentro do âmbito das disciplinas das suas secções, por intermédio das suas publicações, de cursos e conferências, de visitas guiadas, da facultação da biblioteca e das colecções aos estudiosos, etc.;
- D) o intercâmbio cultural com instituições portuguesas e estrangeiras congêneres, participação em congressos, colóquios, exposições nacionais e estrangeiras, etc.;
- E) o movimento dos institutos que nele funcionam;
- F) o movimento de visitantes nacionais e estrangeiros, etc..

Também poderá inserir estudos doutrinários respectivos aos assuntos das secções do Museu ou outros.

## II

### A) A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA EM DIVERSOS SECTORES

(1954-1964)

Com a renovação dos estudos históricos por Alexandre Herculano, que considerava «uma necessidade litterária o desenterrar-se das chronicas, dos diplomas e de toda a especie de monumentos a archeologia portuguesa, na mais vasta significação d'esta palavra»<sup>(132)</sup>, os estudos arqueológicos vulgarizaram-se cada vez mais, não só com alguns artigos daquele insigne historiador, onde se reproduzem notícias de autores estrangeiros do séc. XVI<sup>(133)</sup>, como também com a fundação da Sociedade Archeologica Lusitana, em 1849, na cidade de Setúbal, mas que à falta de meios pecuniários foi dissolvida, senão que se registou nos anais da archeologia nacional um período de progresso resplandecente, que teve os seus primeiros alvares desde 8 de Agosto de 1857, data em que foi nomeada a Comissão Geológica, cujos membros-directores foram os ilustres arqueólogos Carlos Ribeiro, que defendeu a existência do homem terciário português (*Homo Ribeiroi*), Pereira da Costa e Nery Delgado.

Mais tarde, Estácio da Veiga e Martins Sarmiento começam a proceder a explorações no Sul e Norte do País, respectivamente, do que resultaram os museus do Algarve (1880), incluído depois na secção de archeologia do Museu Etnológico, e o da Sociedade Martins Sarmiento (1882).

Entretanto, já se haviam fundado vários museus: em 1857, com a instituição da Comissão Geológica, cria-se implicitamente o seu Museu; em 1864, o Museu do Carmo; em 1873, o do Instituto de Coimbra; em

---

<sup>(132)</sup> A. Herculano, *Opúsculos*, V, 43; reproduzido em *O Archeologo Português*, vol. I, Lisboa, 1895, pág. 144.

<sup>(133)</sup> J. Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, vol. I, Lisboa, 1933, pág. 256.

1880, Santarém inicia a série de museus regionais, que começaram a aparecer entre nós durante o último quartel do séc. XIX. Por último, em 1893, surge o Museu Etnológico, pouco tempo depois com lugar de relevo na arqueologia europeia e que, pela sua lei orgânica, iria contribuir não só para o estudo das origens, carácter e evolução do povo português, mas também para que não se tivesse «apagado em Lisboa, depois da morte de Carlos Ribeiro e Nery Delgado, o movimento pré-histórico brilhantemente iniciado pela Comissão Geológica»<sup>(134)</sup>.

A investigação arqueológica, etnográfica e antropológica é, não devemos esquecê-lo, a função vital do Museu Etnológico, a sua razão de ser, e o desenvolvimento das suas colecções públicas. Porém, na investigação deste distrito científico nota-se a falta de sistematização e de elementos de estudo dos serviços técnicos, tais como laboratórios para análises químicas sumárias, para datação por processos físicos, de petrologia, antropologia, etc., sem o que continuará a ser desordenada, deficiente e a interpretação das espécies «mais tipológica do que funcional, mais arqueológica do que cultural, numa palavra mais *reliquiologia* do que história do homem»<sup>(135)</sup>.

Todavia, o director do Museu no seu trabalho sobre *Um Quarto de Século de Investigação Arqueológica*, começa por tratar de alguns problemas fundamentais para o estudo das origens, carácter e evolução do povo português:

Grande parte da península, inclusive Portugal, teria sido dominada por uma vaga africana, denominada capsense.

«Assim tínhamos ao norte, na região franco-cantábrica, uma civilização introduzida pelo homem de Cro-Magnon, com uma arte naturalista e animalista e uma indústria de tipo europeu; no ocidente, levante, centro e sul uma outra trazida por uma raça negróide, com uma indústria de tipo africano, uma pintura sintética, futurista, em que a figura humana era o tema principal.

<sup>(134)</sup> Manuel Heleno, *Algumas Palavras sobre Leite de Vasconcellos*, Lisboa, s. d., pág. 12.

<sup>(135)</sup> Manuel Heleno, *Um Quarto de Século de Investigação Arqueológica*. Sep. de *O Arqueólogo Português*, vol. III, 1956, pág. 9. V. também *Programa para a Instalação do Museu Etnológico do D.º Leite de Vasconcelos na Cidade Universitária, de que foi Relator o Prof. Doutor Manuel Heleno*, in *Ethnos*, vol. IV, págs. 63-74.

As investigações que realizei em Rio Maior e depois estendidas a Cambelas e outras feitas em Espanha provocaram um verdadeiro terramoto em todas estas concepções. Como Diogo Gomes, ao chegar à zona tórrida, — «salvo, diz ele, o devido respeito pelo ilustríssimo Ptolomeu tudo encontrámos ao contrário», podemos dizer também: Salvo o devido respeito pelos ilustríssimos arqueólogos que nos precederam — Gimpera, Obermaier e outros, tudo encontrámos ao contrário.

Nada de africano; ao contrário, todas as indústrias da Europa ocidental da época têm larga representação no nosso país e por elas pudemos concluir que foram as raças europeias — a de Cro-Magnon, Combe-Capelle e Chancelade — que, eliminando o homem de Neandertal, constituíram o primeiro e mais importante estrato da nossa etnogenia.

As numerosas estações aurignacenses, perigordenses, solutrenses, madalenenses e grimaldenses que descobrimos e que atrás citámos são a prova disso.

Donde vieram estes novos povos?

Como se escalonaram?

Qual a sua importância para o estudo das nossas origens?»<sup>(136)</sup>.

\*

\* \* \*

### 1 — *Pré-História:*

a) O director do Museu continuou as suas investigações no paleolítico<sup>(137)</sup> do concelho de Leiria e limítrofes, explorando ou prospeccionando várias estações:

— Casal de Santa Maria

— Várzeas

<sup>(136)</sup> Manuel Heleno, *Um Quarto de Século de Investigação Arqueológica*, in *O Arqueólogo Português*, vol. III, 1956, págs. 233-234, com a nota final de que *continua*.

No período 1954-1964, a actividade investigadora do director do Museu prossegue, apesar de sustida em parte pelo desempenho de outras funções oficiais, como por exemplo, como se disse, as de director da Faculdade de Letras de Lisboa (1959-1964).

<sup>(137)</sup> *O Solutrense em Portugal* (Comunicação apresentada pelo Prof. Manuel Heleno ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia: *Acta* de 20 de Janeiro de 1957).

- Quinta de S. Venâncio
- Moinhos da Barosa
- Quinta do Vale do Lobo
- Matueira
- Oiteiro Pelado
- Salgueiros
- Colector da Gândara
- Igreja das Cortes
- Casais da Espinheira
- Louriçal
- Reguengo do Fetal
- Etc. <sup>(138)</sup>.

Desta região foram exumados valiosos espólios de que a investigação dispõe e que continuaram a revelar abundância das indústrias abevilense, clatonense e acheulense.

b) O director do Museu, em 28 de Abril de 1963, onze dias depois da descoberta da gruta do Escoural (Alentejo), incumbiu o seu discípulo e colaborador, Dr. Manuel Farinha dos Santos, coadjuvado por dois funcionários do estabelecimento <sup>(139)</sup>, de acompanhar directamente os primeiros trabalhos: recolha científica do espólio de superfície, depois de desenhado e localizado na respectiva planta.

Em seguida contratou-se um topógrafo para fazer os necessários levantamentos na citada gruta, após o que, sob a orientação do director do Museu, se iniciou a 12 de Setembro a escavação na sala maior da mesma.

Posteriormente, o Dr. Manuel Farinha dos Santos descobriu restos picturais que estudou e inventariou numa publicação sobre os *Vestígios de Pinturas Rupestres Descobertas na Gruta do Escoural* <sup>(140)</sup>, de que nos per-

<sup>(138)</sup> No Vale do Xarrama (Alentejo) também se procedeu a pesquisas paleolíticas; outrosim nos arredores de Torre de Palma (Monforte): Bugas, Aguilhão, Tapada, etc.

<sup>(139)</sup> De Abril a Setembro, estiveram ocupados nestes serviços os seguintes funcionários do Museu: desenhador Sr. Dario Moreira de Sousa e o Sr. Jaime Pereira Roldão.

<sup>(140)</sup> Sep. de *O Arqueólogo Português*, vol. V, págs. 7, 8 e 15. O Museu Etnológico subsidiou esta primeira campanha de escavações na gruta do Escoural (Alentejo), do que adveio para o estabelecimento valioso espólio, em parte já catalogado e em exposição.

mitimos reproduzir a n.º 1, que «parece uma figura itifálica e híbrida, com cabeça de cavalo e corpo humano» (Fig. 33).

c) Em 1955, o director do Museu iniciou novas investigações com a exploração e reconhecimento de vários concheiros do Vale do Sado <sup>(141)</sup>;

- Portancho
- Vale de Romeiras
- Cabeço do Pez
- Vale de Guiso
- Ara Pouca
- Várzea da Mó
- S. Romão
- Barragem do Grilo
- Poças de S. Bento

As investigações nos concheiros do Vale do Sado <sup>(142)</sup>, segundo nos diz o Prof. Manuel Heleno, revestem-se, pela sua correlação com os concheiros de Muge, da maior importância para um melhor conhecimento das origens do povo português. Foram exumadas várias ossadas e abundante material (crescentes, trapézios, triângulos, micro-buris, raspadores, lâminas, resíduos, espinhas de peixe, búzios, etc.), ao dispor da investigação.

A comparação destes elementos industriais, faunísticos e antropológicos com os espólios dos concheiros de Muge poderá lançar muita luz sobre as relações étnicas existentes entre os citados núcleos de povoamento. Também porque na periferia de alguns concheiros do Sado se encontram jazidas neolíticas é de esperar que de lá irradie alguma luz sobre a origem do nosso neolítico.

---

<sup>(141)</sup> Deram a sua colaboração a estes serviços os desenhadores do Museu, Srs. escultor António Luís do Amaral Branco de Paiva, hoje professor da Escola de Belas-Artes, e Dario Moreira de Sousa, e também foi deslocado para os mesmos o Sr. Jaime Pereira Roldão.

<sup>(142)</sup> *A Voz* de 28 de Janeiro de 1957. *Escavações do Museu Etnológico em Alcácer do Sal*. (Comunicação apresentada pelo Prof. Manuel Heleno ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia: *Acta* de 23 de Dezembro de 1956).

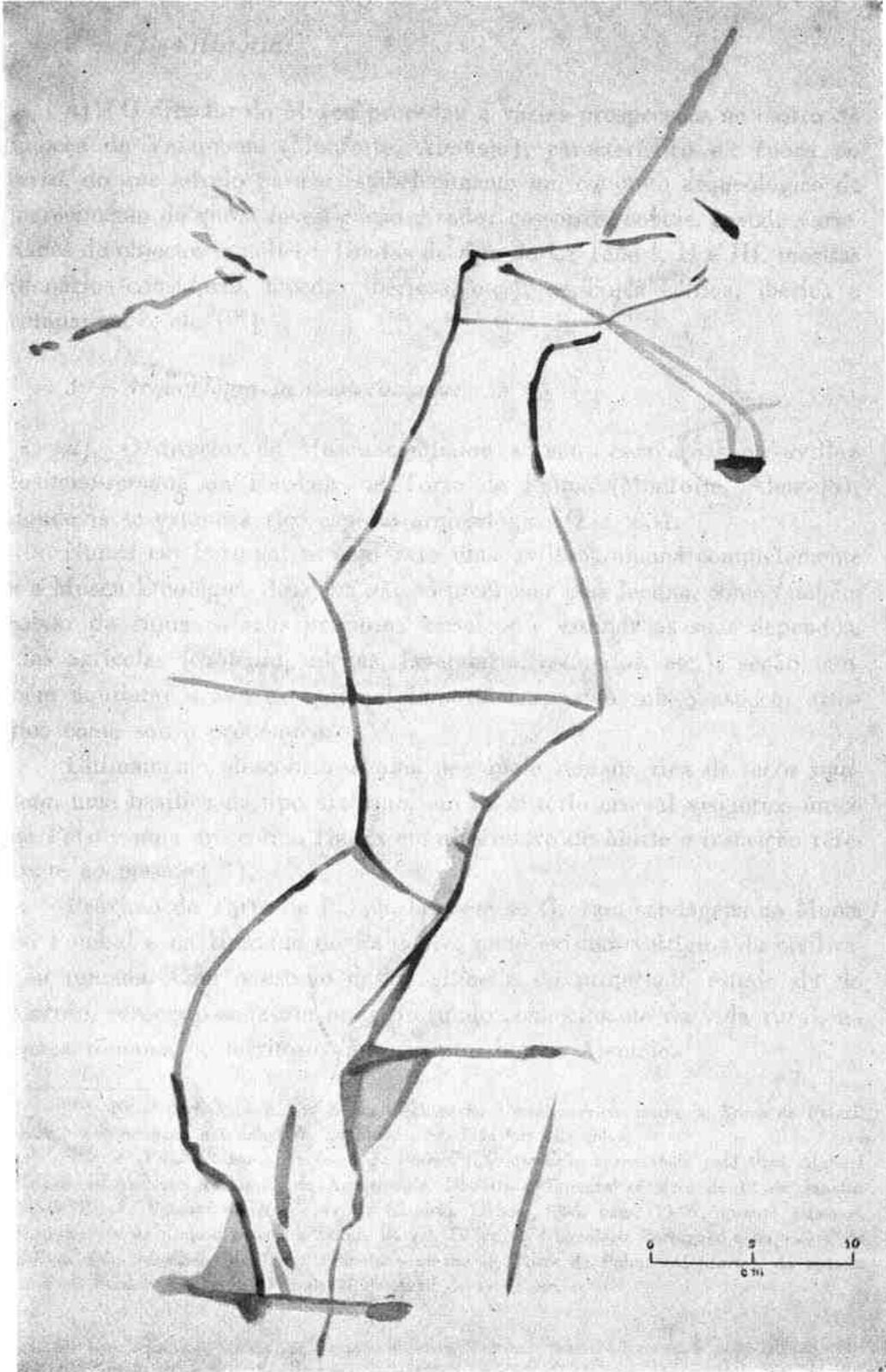


Fig. 33 — Pintura rupestre descoberta na gruta do Escoural (Alentejo)

## 2 — *Proto-História:*

a) O director do Museu procedeu a várias prospecções no castro da Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Alentejo), característico da época do ferro, do que adveio para o estabelecimento um conjunto arqueológico de merecimento de que a investigação dispõe: cossoiros, contas, grande variedades de objectos metálicos, fíbulas do tipo de Lá Tene I, II e III, moedas (denários consulares, moedas ibéricas, etc.), cerâmica céltica, ibérica e campaniense, etc. <sup>(143)</sup>.

## 3 — *Arqueologia lusitano-romana:*

a) O director do Museu continuou as suas escavações na «villa» lusitano-romana da Herdade de Torre de Palma (Monforte, Alentejo), donde já se exumara rico espólio arqueológico (Fig. 83).

Nunca em Portugal se explorara uma «villa» romana completamente e o Museu Etnológico desejava não só preencher essa lacuna, como também salvar da ruína os seus preciosos mosaicos e estudar as suas dependências agrícolas (*cubicula*, adegas, lavandaria, estábulos, etc.), senão também aquilatar a sua excepcional importância, tanto sob o aspecto artístico como sob o económico.

Últimamente, descobriu-se uma necrópole romana rica de *terra sigillata*, uma basílica de tipo africano, um baptistério crucial visigótico único no País, e uma ara com a figura em alto relevo de Marte e inscrição referente ao mesmo <sup>(144)</sup>.

Próximo de Torre de Palma, também se fizeram sondagens no Monte do Pombal e na Herdade do Palmeiro, onde existem vestígios da civilização romana. Com o estudo destas *villae* e do projectado estudo da do Carrão, conseguir-se-ia um mais profundo conhecimento da vida rural, na época romana, no território que constitui hoje o Alentejo.

<sup>(143)</sup> Neste período, o A. deu a sua colaboração a estes serviços e aos de Torre de Palma, onde esteve ocupado o funcionário do Museu, Sr. João Lino da Silva.

<sup>(144)</sup> A «Villa» Romana de Torre de Palma. (Comunicação apresentada pelo Prof. Manuel Heleno ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia: *Acta* de 12 de Janeiro de 1958); V. *Boletim da Academia de História*, Lisboa, 1956, págs. 75-76; quanto sabemos, encontram-se no prelo e prestes a saírem no vol. IV de *O Arqueólogo Português* e no vol. V do *Ethnos*, dois trabalhos sobre a villa lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte), da autoria do Prof. Manuel Heleno; *A Voz* de 27 de Abril de 1959; etc.

b) No porto romano de Tróia (Setúbal), o director do Museu prosseguiu as suas explorações até 1955, na necrópole existente nas margens da Caldeira, com a colaboração e auxílio<sup>(145)</sup> dos seus alunos e antigos alunos da Faculdade de Letras de Lisboa. Ali se encontraram, sobrepostas, sepulturas que se estendem do séc. II à época medieval, e se exumaram 2 aras e uma rica colecção de cerâmica, vidros e outros utensílios, ao dispor da investigação<sup>(146)</sup>.

Tendo sido, posteriormente, a Junta Nacional da Educação dotada com um verba melhorada para fazer escavações em Tróia, foi pela mesma proposto para as dirigir o vogal, Prof. Doutor Manuel Heleno<sup>(147)</sup>, a quem deram colaboração os seus antigos e actuais assistentes.

(145) Deu a sua colaboração a estes serviços o desenhador do Museu, Sr. esc. António Luís Branco de Paiva, e esteve ocupado nos mesmos o Sr. Jaime Pereira Roldão.

(146) Todo o material exumado de Tróia se encontra exposto ao público na secção lusitano-romana do I pavimento do Museu e na chamada sala de Tróia, na secção de estudo do II pavimento do mesmo.

(147) «Proposta: A 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação: Tendo tomado conhecimento de que, por oportuna iniciativa de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, foi inscrita no Orçamento Geral do Estado, para o ano de 1956, uma avultada dotação extraordinária destinada a intensificar o estudo do porto romano de Tróia, ... Setúbal (monumento nacional, por decreto de 16 de Junho de 1910); tendo ouvido do vogal Doutor Manuel Heleno o relato, largamente documentado, dos resultados de quatro recentes campanhas levadas a efeito naquela importante estação arqueológica pelo Museu Etnológico do D.ºr Leite de Vasconcelos, sob a orientação daquele vogal e com a participação de pessoal desse estabelecimento científico e de assistentes e alunos da cadeira de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; e tendo reconhecido a necessidade do estudo comparativo dessa estação com outras situadas na vizinhança; tem a honra de propor que o vogal desta subsecção e director do Museu Etnológico do D.ºr Leite de Vasconcelos, Doutor Manuel Domingos Heleno Júnior, seja incumbido de fazer prosseguir, com a intensidade que os novos recursos orçamentais proporcionam, a exploração do porto romano de Tróia, conjugando-a com o estudo da estação arqueológica de Alcácer do Sal, suspenso desde que o falecido professor e vogal desta subsecção, Doutor Vergílio Correia, deixou de pertencer ao quadro do referido Museu.» Esta proposta foi aprovada por despacho ministerial de 28 de Janeiro de 1956. A sua cópia foi-nos amavelmente facultada para aqui a reproduzirmos, pelo director do Museu.

Das escavações que até hoje se fizeram em Tróia, sob a responsabilidade da Junta Nacional da Educação, adveio para o Museu Etnológico um rico espólio arqueológico proveniente de umas termas e de uma fábrica de conserva de peixe, que ali foram exumadas. Também se ensaiaram prospecções subaquáticas com a colaboração do Centro de Actividades Submarinas. (*A Arqueologia, como Outros Ramos da Ciência, Terá muito a Ganhar com a Investigação Submarina*, in *República* de 19 de Outubro de 1959; *Os Caçadores Submarinos Colaboram em Pesquisas Arqueológicas*, in *Diário de Notícias* de 10 de Outubro de 1959; *Diário de Notícias* de 12 de Outubro de 1959; Manuel Heleno, *Arqueologia Subaquática em Portugal*, in *RPAS* (Revista Portuguesa de Actividades Submarinas), n.º 1, págs. 13-14; etc.).

c) O director do Museu foi designado oficialmente para examinar as antiguidades romanas da Herdade do Calado, no Redondo (Alentejo), o achado de ânforas e moedas na Rua Direita de Troino (Setúbal), as sepulturas aparecidas na Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo), um mosaico descoberto na freguesia de Via Longa (Vila Franca de Xira), as ruínas romanas da Herdade da Fonte do Prior (Montemor-o-Novo), as antiguidades romanas dos Castelos, na herdade de Monte Novo (Évora), etc..

Em 10 de Novembro de 1961, deu entrada no Museu, com o pedido de estudo, um túmulo de pedra, provavelmente romano, encontrado junto das ruínas da ermida visigótica da Quinta de S. Gião (Estremadura) <sup>(148)</sup>; também em 28 de Março de 1964 foi integrada nas colecções do Museu <sup>(149)</sup>, a parte superior de uma arca romana que se encontrava junto da estrada de Lisboa para Loures e a SW da ponte da Póvoa de Santo Adrião, e fora estudada por Gabriel Pereira <sup>(150)</sup> e Félix Alves Pereira <sup>(151)</sup>; etc. <sup>(152)</sup>.

#### 4 — *Arqueologia visigótica:*

a) Desde 1962, o director do Museu <sup>(153)</sup> vem procedendo a sondagens no Sampão (Vaia monte) onde apareceu um cemitério romano-visigótico com cerca de 20 sepulturas, dalgumas das quais foi exumado espólio de merecimento: contas, fíbulas, objectos metálicos, etc., ao dispor da investigação.

---

<sup>(148)</sup> Generosa oferta do Sr. Rodrigo Lopes Gomes. (Vide E. Borges Garcia, *Notícia sobre um Templo Pré-Românico na Região dos Coutos de Alcobaça*. Sep. das *Actas* do III Colóquio Português de Arqueologia, Porto, 1964, págs. 5-6).

<sup>(149)</sup> Parecer da 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação, homologado por despacho ministerial. Reiteramos a esta entidade os nossos agradecimentos, bem como ao Sr. presidente da Câmara Municipal de Loures.

<sup>(150)</sup> *Pelos Subúrbios e Visinhanças de Lisboa*, Lisboa, 1910, págs. 200, 242 e 243

<sup>(151)</sup> *Antiquitas*, n.ºs XIII e XIV, in *O Archeologo Português*, vol. XXII, Lisboa, 1917, págs. 97 e segs.

<sup>(152)</sup> Cumpre-nos registar a gentil oferta da colecção arqueológica constituída por cerca de 109 objectos e reunida pelo historiador e arqueólogo lisiponense que foi Matos Sequeira. A benemérita Ex.ª Sr.ª D. Beatriz de Matos Sequeira e sua Ex.ª Família reiteramos os nossos agradecimentos.

<sup>(153)</sup> Designado oficialmente para examinar os achados visigóticos descobertos no concelho de Portel (Alentejo).

b) Também no Monte do Pombal (Vaiafonte) se estudou um cemitério visigótico (com fechos de cinturão, anéis, etc.), onde foram exploradas várias sepulturas da mesma época, as quais tinham sido abertas em terreno com uma indústria muito anterior (eneolítica); outrossim, como já dissemos, se pôs a descoberto na «villa» de Torre de Palma, uma basílica visigótica, de tipo africano, e um baptistério crucial da mesma época<sup>(154)</sup>.

#### 5 — *Ourivesaria arcaica:*

A colecção do Museu foi assaz enriquecida com a aquisição por compra ou oferta de várias espécies, algumas das quais ao dispor da investigação. Neste período deram entrada no Museu: quatro pulseiras pré-históricas, de chapa de ouro larga e canelada<sup>(155)</sup>; quatro pulseiras pré-históricas de ouro, lisas<sup>(156)</sup>; o tesouro da Borrallheira (Fig. 34); uma *lúnula* de Cabeceiras de Basto<sup>(157)</sup>; um bracelete de ouro, proveniente de Assoalheira (Fundão), com o peso de cerca de 192,7 grs.<sup>(158)</sup>; um pequeno disco de ouro, antigo, do castro de S. Bento (Évora)<sup>(159)</sup>, com cerca de 1,07 grs.; cabeças de prata, da região de Santo Isidoro (Ericeira)<sup>(160)</sup>; duas arrecadas antigas de ouro<sup>(161)</sup>; peças auríferas do castro da Cabeça de Vaiafonte; três «torques» de ouro, provenientes de Paradela do Rio, os quais foram gentilmente oferecidos pela Sociedade Hidroeléctrica do Cávado<sup>(162)</sup> (Fig. 114).

<sup>(154)</sup> O director do Museu, em 19 de Janeiro de 1957, fez à 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação «uma exposição circunstanciada sobre os resultados das escavações a que presidiu, levadas a efeito em Rio Maior, Alcácer do Sal e Torre de Palma».

<sup>(155/156)</sup> Adquiridas em 1954 por compra do director do Museu a Almeida, Basto & Piombino, C.ª, em Lisboa.

<sup>(157)</sup> Adquirida em 1955, por compra do director do Museu à Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Arnaldina Neves, em Rio Tinto; no mesmo ano, João L. Saavedra Machado deslocou-se àquela localidade, a fim de conduzir este tesouro para o Museu.

<sup>(158)</sup> Adquirido em 1957 por compra do director do Museu a Maia & Pinheiro, Lda., em Lisboa.

<sup>(159/160/161)</sup> Aquisições, por compra, do director do Museu.

<sup>(162)</sup> Cumpre a este Museu reiterar os agradecimentos, não só à Administração da Sociedade Hidroeléctrica do Cávado, que generosamente ofereceu as peças auríferas, como também ao Sr. coronel Mário Cardoso, que teve acção de relevo nesta aquisição, e ainda ao Sr. comandante do batalhão n.º 4 da Guarda Republicana.

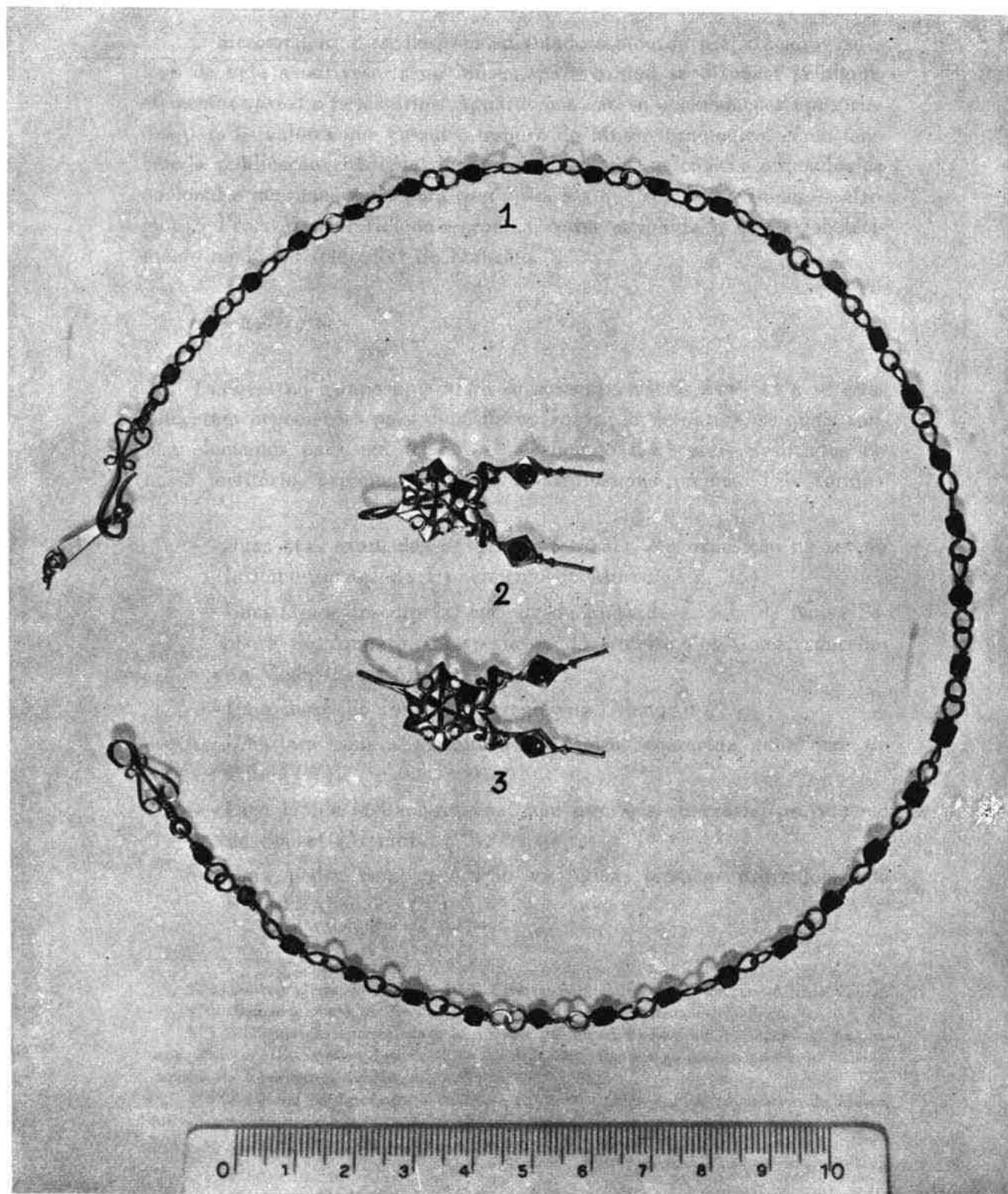


Fig. 34 — Colar e brincos do tesouro da Borrallheira (Teixoso, Beira Baixa)

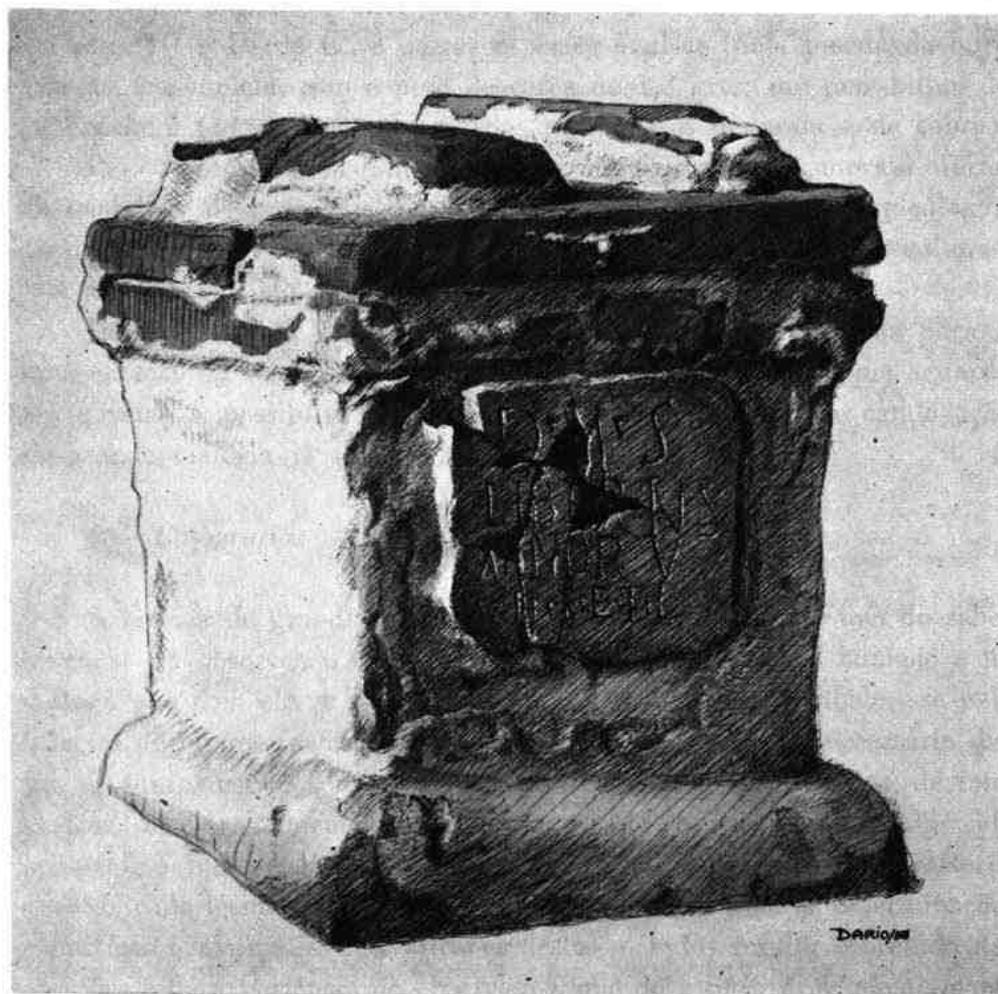


Fig. 35 — Ara romana com inscrição funerária, proveniente de Tróia (Setúbal). Secção lusitano-romana do Museu Etnológico

O director tem, disse-nos, em adiantado estado de preparação o catálogo de toda a ourivesaria do Museu, para o qual se dispõem já alguns elementos vários e necessários. Aguardemos não só acomodações apropriadas para os valores que possui o tesouro do Museu Etnológico, como também a publicação condigna do seu catálogo, que a ciência arqueológica nacional e internacional espera com ânsia e a que se vai dar início — afirmou o Prof. Manuel Heleno — com a verba atribuída a este estabelecimento no Plano Intercalar de Fomento.

### 6 — *Epigrafia:*

Também no campo epigráfico se colheram várias espécies e se estabeleceram negociações para depósito ou aquisição de outras, as quais contêm elementos para um melhor conhecimento dos cultos praticados no nosso território, principalmente na época lusitano-romana. Tais foram:

- Duas aras exumadas de Tróia (Setúbal), em exposição na secção lusitano-romana do I pavimento do Museu (Fig. 35).
- Uma lápide insculpida, encontrada junto da Capela de Nossa Senhora do Amparo, da freguesia do Outeiro dos Gatos, concelho de Meda (Beira-Alta) <sup>(163)</sup>.
- Uma inscrição romana da região de Alenquer <sup>(164)</sup>.
- Uma ara com a inscultura de Marte, aparecida em Torre de Palma <sup>(165)</sup>.
- Uma lápide lusitano-romana, com inscrição funerária, proveniente de Souzel (Alentejo) <sup>(166)</sup>.
- Uma pedra com decoração visigótica, também proveniente de Souzel (Alentejo) <sup>(167)</sup>.

<sup>(163)</sup> Amável oferta do Sr. José Jorge Saraiva, por intermédio do Sr. Dr. Alfredo Cabral.

<sup>(164)</sup> Generosa oferta do Rev.º P.º António dos Reis, de Alenquer.

<sup>(165)</sup> Comunicação apresentada pelo director do Museu ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia: *Acta* de 15 de Abril de 1959. Exposta ao público na secção lusitano-romana do I pavimento do Museu.

<sup>(166/167)</sup> Oferta do Sr. Augusto de Sousa e Meneses Calça e Pina ao director do Museu, que as depositou, para estudo, neste estabelecimento.

- Uma inscrição ibérica, fragmentada, de Azinhal dos Mouros, da freguesia do Ameixial, concelho de Loulé (Algarve) <sup>(168)</sup>.
- Uma lápide proveniente de Caxias, com inscrição do séc. I da Era Cristã <sup>(169)</sup>.
- Uma árula com inscrição, proveniente de Ribeiro do Mouro, freguesia de Alameda, concelho de Castelo Branco (Beira Baixa) <sup>(170)</sup>.
- Etc.

O director do Museu visitou oficialmente a Póvoa de Santa Iria (Ribatejo) para proceder ao estudo de uma lápide romana referente a um habitante de Olisipo <sup>(171)</sup>, a qual se encontra hoje na posse da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

A preparadora do Museu, Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans, em 1958, deslocou-se várias vezes a Leiria e arredores, a fim de proceder à elaboração de um estudo sobre as *Inscrições Lusitano-Romanas do Distrito de Leiria*, que conserva inédito.

#### 7— Numismática e Medalhística:

Mantendo a orientação já seguida por Leite de Vasconcellos, o director do Museu, tendo em conta a existência do Monetário da Biblioteca Nacional e a do Museu Numismático Português, entendeu aplicar de preferência as verbas do estabelecimento a escavações, compra de jóias arcaicas e à formação duma biblioteca especializada e só excepcionalmente a moedas valiosas. Colheram-se para estudo, todavia, além de achados que se verificaram na Cabeça de Vaiamonte (Alentejo), em Torre de Palma (Alentejo) e em Tróia (Setúbal), outros conjuntos de moedas romanas

<sup>(168)</sup> Mais uma oferta do benemérito do Museu, Sr. Manuel Gomez Sôsa.

<sup>(169)</sup> Aquisição por compra de João L. Saavedra Machado que, incumbido pelo director do Museu, levou a bom termo as negociações que se arrastavam há anos e dirigiu os trabalhos necessários para retirar este monumento de um prédio muito antigo (n.º 22), situado na Rua da Quintinha, à Estrada de Laveiras, em Caxias. Estas negociações foram ultimadas ainda antes do parecer que sobre tal assunto foi dado pela 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da J. N. E.

<sup>(170)</sup> Generosamente depositada para estudo no Museu pelo Sr. Dr. Gonçalves Machaz, por intermédio de João L. Saavedra Machado.

<sup>(171)</sup> V. *Acta* de 15 de Abril de 1959, do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia.

que, pela sua beleza, variedade e número, vêm contribuir para um melhor conhecimento da numismática da República Romana dos sécs. II e I a. C. aos sécs. III e IV de C., e outras espécies avulsas (uma moeda de ouro arábica, incompleta, com o peso de cerca de 1,3 grs.; um morabitino de D. Sancho I (?); e bastantes moedas portuguesas de prata e de cobre).

Para a secção de medalhística foram adquiridas, por compra e oferta, 22 medalhas de tamanhos muito variados e com efígies de arqueólogos, numismatas, literatos, poetas, historiadores, músicos, pintores, escultores, reis de Portugal, etc..

Infelizmente, o Museu não dispõe de recintos apropriados para a apresentação da sua colecção de numismática e medalhística, que aguarda em gavetas a possibilidade de uma exposição condigna. A catalogação de grande maioria já se encontra efectuada.

#### 8 — *Etnografia:*

A técnica de grande maioria dos investigadores deste ramo do saber baseia-se na observação da vida de um determinado grupo humano e no diálogo que com ele se possa estabelecer. Esse diálogo estabelece-se pela colheita de muitos factos, para o registo dos quais se torna necessário dispor de equipamentos sonoros, de películas, elaboração de esboços, de fotografias, de levantamentos de plantas, etc.. Para os domínios da vida material, é indispensável recolher os utensílios e os produtos característicos de cada técnica, amostras, etc., para se assegurarem as determinações científicas e as análises. A eficácia destes métodos resulta sobretudo das aptidões e da experiência do observador, que deve integrar-se mentalmente no grupo observado.

Cultor esmerado da etnografia portuguesa, Luís Chaves<sup>(172)</sup>, apto e experiente observador, continuou a desempenhar com êxito a sua missão neste campo de investigação do Museu Etnológico: colaborou eficaz-

---

(172) Desligou-se oficialmente do Museu em 1957. Posteriormente, Luís Chaves continuou não só a ser generoso benemérito do estabelecimento que serviu durante várias décadas, ao qual ofereceu a colecção completa da revista *Brotéria*, vários números de *L'Ethnographie*, valioso conjunto de candeias de folha-de-flandres e outras peças de interesse etnográfico, como também a desempenhar acção de relevo neste campo de estudos como vice-presidente do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, que funciona neste Museu.

mente no enriquecimento da secção etnográfica<sup>(173)</sup> com a aquisição por compra ou oferta de boiões de louça, figuras populares de barro colorido, gravuras e litografias antigas, tinteiros portugueses de louça, cornas alentejanas decoradas, que pela sua beleza se igualam a outras já existentes (Fig. 36), uma pequena imagem de pedra de S. Pedro, peças de etnografia ultramarina, etc.; foi em delegação oficial ao Brasil (Agosto de 1954)<sup>(174)</sup>; fez várias viagens de estudo e informação etnográfica aos concelhos de Oeiras, Cascais, Sintra, Mafra, Lisboa, às províncias da Beira

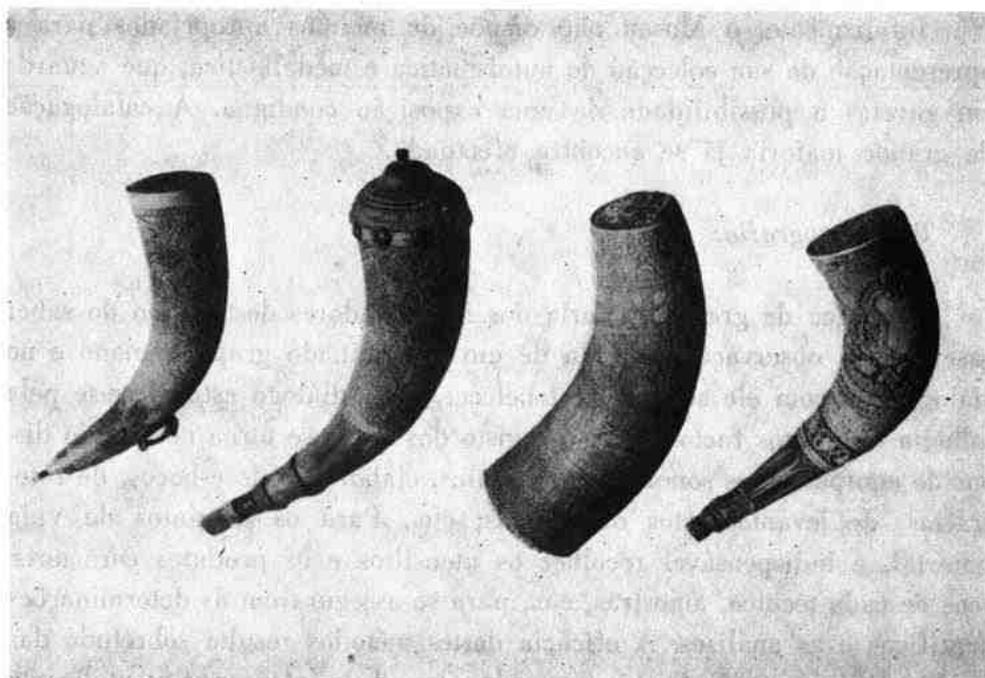


Fig. 36 — Arte pastoril alentejana. «Cornas» com ornamentações em relevo

Alta, Beira Baixa, Trás-os-Montes, etc.; participou no Congresso Etnográfico de Braga (1956); foi em excursão ao Minho, ao Algarve (Lagos, Alvor, Portimão, etc.), a Idanha-a-Velha, etc..

<sup>(173)</sup> Também o director do Museu adquiriu, por compra, uma guitarra artística de faiança, várias gravuras e litografias dos sécs. XVIII e XIX, um traje regional de Coruche, etc.

<sup>(174)</sup> Participou no Congresso de S. Paulo, apresentando os seguintes trabalhos: *Árias Culturais (Na Ária Cultural Luso-Brasileira)*; *O «Facto Etnográfico» — o «Facto Folclórico» — e o «Facto Popular»*, in *Diário de S. Paulo* de 5 de Setembro de 1954; e *O Folclore na Educação*.

Como resultado das suas investigações deu a público numerosos trabalhos, de que citamos alguns:

- *O Natal em Portugal: Crónica de Natal numa Aldeia da Beira*. Lisboa, 1955, 109 pp..
- *Contas de Pasta Vítrea Policrómica do Museu Etnológico*. Sep. da *Revista de Guimarães*, vol. LXVI. Guimarães, 1955.
- *Moedas Religiosas em Portugal*. Sep. de *Nummus*, vol. III, 1 (n.º 6). Porto, 1955.
- *Dos Barcos Miúdos de Lisboa: Botes, Canoas, Chatas, etc. (Nota Etnográfica Olisiponense)*. Sep. da *Revista Municipal*, n.º 62. Lisboa, 1955.
- *Nota Etnográfica: Os Pregões Populares das Ruas de Lisboa*. Sep. da *Revista Municipal*, n.º 64, Lisboa, 1955.
- *A Moeda na Etnografia*. Sep. de *Nummus*, vol. IV, 1 (11-12). Porto, 1956, 56 pp..
- *A Cascais... uma vez e todas mais! (Ecos Etnográficos das Terras de Cascais)*. Sep. de *Cascuis e seus Lugares*, n.º 8. Cascais, 1956.
- *A Toponímia das Águas*. Sep. da *Revista de Guimarães*, vol. LXVI. Guimarães, 1956.
- *São Miguel na Terra Portuguesa e na Alma dos Portugueses*. Sep. da *Revista de Guimarães*, vol. LXVI. Guimarães, 1956.
- *Notas Etnográficas de Lisboa: Alforjes e Cangalhas*. Sep. da *Revista Municipal*, n.º 68. Lisboa, 1956.
- *Estudos Lusitano-Romanos. A «Villa» de Santa Vitória do Ameixial (Concelho de Estremoz)*. Em *O Archeologo Português*, vol. XXX. Lisboa, 1938 (1956), pp. 14-117.
- *Toponímia Numérica (Real e Aparente) ou Numeração Toponímica*. Sep. da *Revista de Guimarães*, vol. LXVII. Guimarães, 1957.
- *Do Barro se faz a Louça; na Louça se Come o Trigo*. Lisboa, 1957, 125 pp..
- Etc., etc..

Nos últimos anos, a Direcção do Museu obteve a colaboração da etnógrafa Sr.ª D. Margarida Ribeiro que, além de se dedicar ao catálogo das

espécies bibliográficas deste estabelecimento, tem cultivado este género de estudos, aos quais o Prof. Manuel Heleno tem dado muito incentivo. Dos seus 14 trabalhos que publicou desde 1959, citamos apenas quatro, por nós mais conhecidos:

- *Estudo Histórico de Coruche*. Lisboa, 1959, 317 pp..
- *Breve Notícia sobre o Paleolítico da Glória*, in *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I. Lisboa, 1959.
- *Cerâmica Popular de Nisa*, in *Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares*, tomo XVII, Cuaderno 4.º Madrid, 1961.
- *Série de Estudos sobre a Aldeia da Glória*, in *Revista de Portugal*, vols. XXV e XXVIII, Lisboa, 1963; *Revista de Guimarães*, vol. LXXIII; revista *Ocidente*, vol. LXVIII, n.º 315; *Revista de Portugal*, vols. XXIX e XXX.

Reuniram-se várias antiguidades no Museu Etnológico, que noutra lugar poderiam extraviar-se, o que representa a adução de elementos de valia para o estudo de determinada época histórica. Assim, o Museu recebeu várias dádivas e depósitos, dos quais salientamos: a Sr.ª D. Anta dos Prazeres Fusco ofereceu um galheteiro antigo alentejano, de chifre, e outros objectos de interesse; a S.ª D. Cândida Rego de Bettencourt Ferreira depositou neste Museu, mediante autorização superior, uma colecção de 115 bonecas antigas (Figs. 26 e 37), composta não só de exemplares que representam as diferentes épocas da confecção ou fabrico da boneca do séc. XVIII em diante (Fig. 49), desde as de madeira, cera e «papier maché», até às de porcelana, metal e outros materiais, mas também de uma casa de bonecas do século passado (cerca de 1885), com seis compartimentos completamente mobilados, no interior dos quais se podem observar pequenas espécies, utensílios e objectos de enfeite e de arte da mesma época e mesmo mais antigos; a Sr.ª D. Maria da Conceição Carvalhal também ofereceu uma curiosa boneca; a Sr.ª D. Esperança Assunção ofereceu um bonito cofre de madeira, com decoração em relevo nas faces, e um paliteiro de marfim, em forma de crocodilo, de fino trabalho manual, proveniente de Luanda (Angola); a Sr.ª D. Jurselina de Carvalho Saraiva

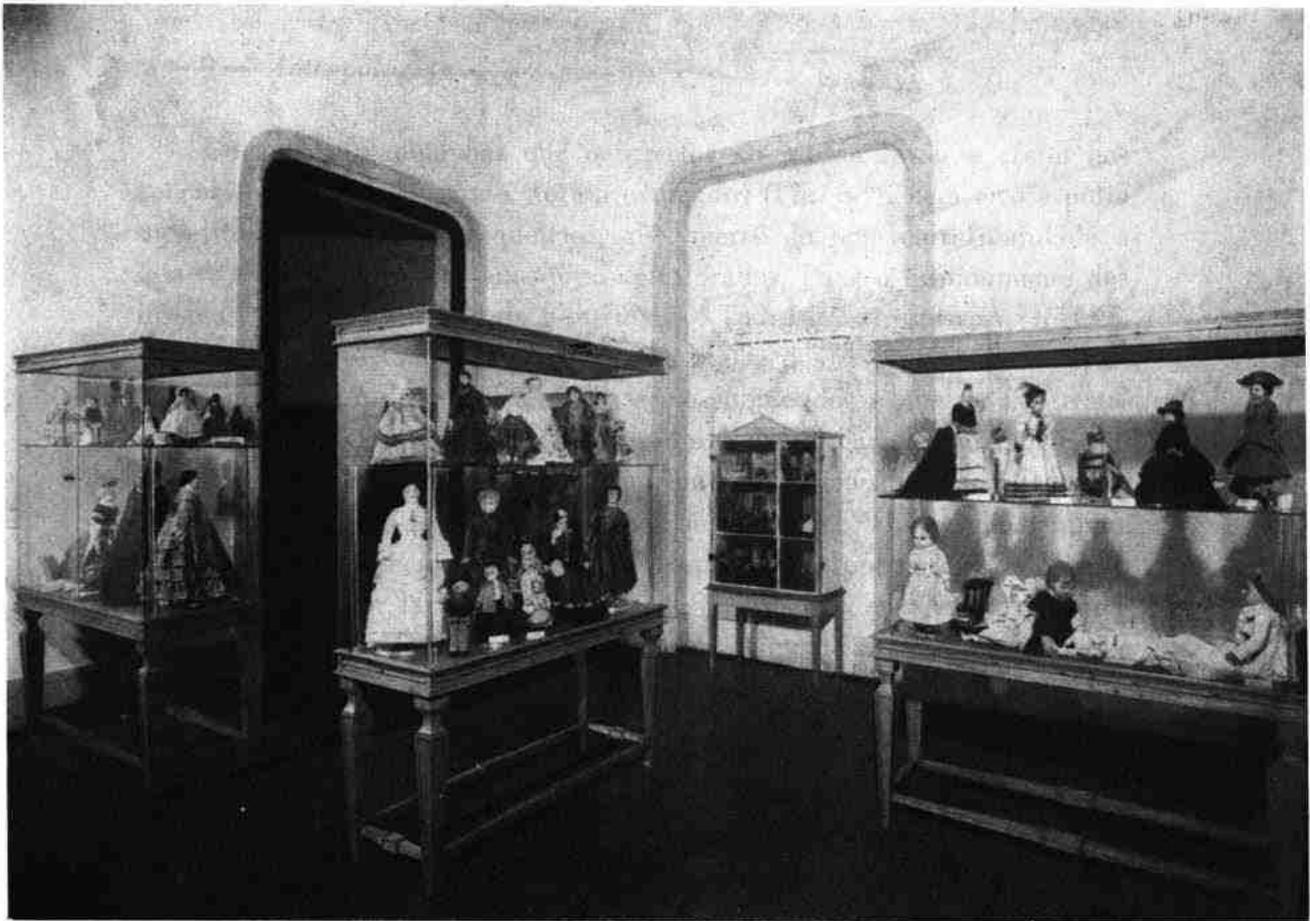


Fig. 37 — Aspecto da sala da boneca do Museu Etnológico

deu uma boneca antiga de porcelana, adquirida na Figueira da Foz em 1910, e outros artefactos de carácter etnográfico; a Sr.<sup>a</sup> D. Adelaide da Conceição Oliveira Xavier ofertou uma colecção etnográfica com cerca de 500 objectos (grande variedade de chaves, espelhos de fechaduras, torneiras, candeeiros, etc.); a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Teresa Monteiro ofereceu dois azulejos antigos; etc., etc..

### 9 — Antropologia:

Durante as campanhas que o director do Museu levou a efeito nos concheiros do Vale do Sado, foram exumados (Fig. 38), com rico espólio mesolítico, cerca de 50 esqueletos, que, mercê da pouca profundidade a que se encontravam, estavam muito deteriorados. Para o levantamento dos mesmos, usou-se o método da parafinação. Todos estes restos osteoclógicos, já devida e completamente assinalados na planta dos respectivos concheiros, já fotografados e desenhados, após serem submetidos a análise e a tratamento laboratorial, irão contribuir com o seu estudo para um melhor esclarecimento do *Homo Caliponensis*. Também a investigação dispõe das ossadas recolhidas pelo Museu nas estações de Torre de Palma e do Sampão.

Ainda o oferecimento de vários espólios antropológicos veio enriquecer e preencher lacunas desta secção. Recordamos, entre outras, a amável oferta do Sr. Doutor D. Fernando de Almeida: espólio osteológico de duas sepulturas do Casal de Vila Formosa (Alter do Chão).

## B) O TRABALHO DE INVENTÁRIO, DE CATALOGAÇÃO E DE ARRANJO DAS COLECÇÕES

(1954-1964)

Problemas de vária ordem e de difícil solução não têm permitido dar o devido desenvolvimento à aplicação de um certo número de princípios de ordem técnica e profissional, que estão na base de um completo aproveitamento científico e pedagógico das colecções públicas do Museu Etnológico. Ao seu reduzido pessoal cumpre toda essa empresa de organizar, inventariar, catalogar, conservar, seriar, dispor e expor as numerosas colec-

ções que todos os anos dão entrada no Museu. Apesar da sua boa vontade não pôde o mesmo acompanhar no referido trabalho o ritmo das escavações. Acresce ainda, para não falarmos de muitos outros objectos, a constante atenção que se exerce sobre o material arqueológico, etnográfico e antropológico exposto em 463 mostruários que, devido à falta de espaço, contêm documentação excessiva. Neste período, estas tarefas estiveram a cargo do director, do antigo conservador, Luís Chaves, e seus sucessores, Dr. Fernando Bandeira Ferreira e João L. Saavedra Machado e da preparadora, Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans.

O director do Museu, com o intuito de solucionar o atraso que forçosamente advém para a inventariação das espécies bibliográficas e etnológicas e para a catalogação das mesmas, obteve superiormente autorização para, eventual e sucessivamente, serem incumbidos desse serviço os seguintes colaboradores: Dr.<sup>a</sup> Irisalva de Nóbrega Moita (1954), Dr. Joaquim Fernando de Abreu Figanier (1955), Prof. Scarlat Lambrino (1955-1957), Dr. Fernando Bandeira Ferreira (1956), licenciando Salvador das Dores Alves (1956), licenciando António dos Anjos Gaspar Borges (1956), Dr. Henrique Barrilaro Ruas (1957), Dr. Manuel Farinha dos Santos (1957-1961 e 1963-1964), a aluna da Faculdade de Letras de Lisboa, Maria Graciana Dias Marques (1958-1960 e 1962-1964)), a etnógrafa, Sr.<sup>a</sup> D. Margarida Ribeiro (1960-1961 e 1963-1964), e licencianda Maria Antónia Graça (1964), que se dedicaram à inventariação e catálogo das espécies bibliográficas e à catalogação das colecções de arqueologia, epigrafia e numismática.

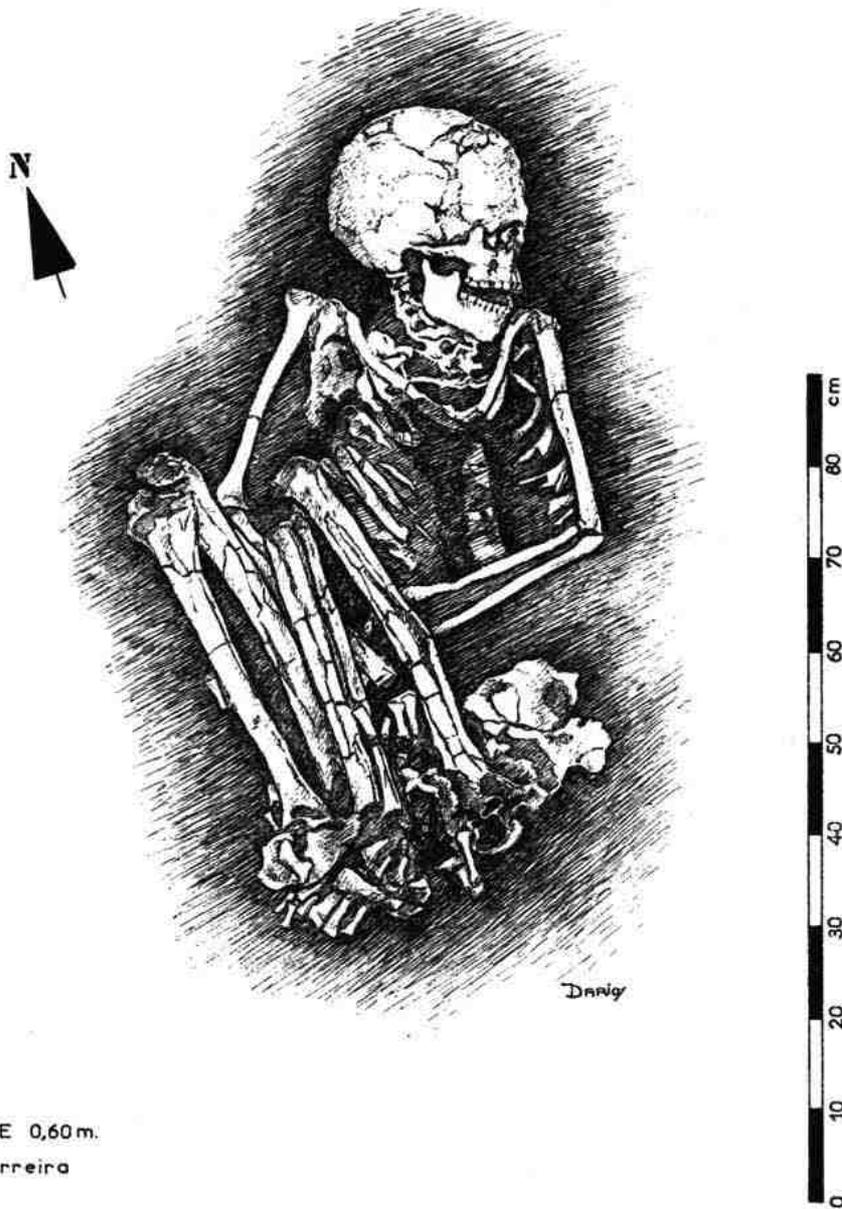
### C) A EXTENSÃO CULTURAL E PEDAGÓGICA

(1954-1964)

O sábio Henri Focillon escrevia em 1936 que «les musées sont nécessaires aux historiens de l'art et aux amateurs, mais ils sont surtout faits pour le public». Já desde longe, porém, que na América, Inglaterra, Suécia e Bélgica, os museus desempenhavam papel preponderante na educação da juventude (a hora do museu, o recreio do museu nas escolas, etc.), que nos seus compêndios escolares se compenetrava das admiráveis ilus-

**CONCHEIRO**  
DO VALE DE  
**ROMEIRAS**

**XI**



PROFUNDIDADE 0,60 m.  
CAMADA. Piçarreira

Fig. 38 — Esqueleto exumado do concheiro do Vale de Romeiras (Alcácer do Sal). Escavações do Prof. Manuel Heleno

trações em que se evidenciavam as obras de arte deste género de estabelecimentos culturais<sup>(173)</sup>. Ao mesmo tempo, desenvolveu-se mais lentamente a noção de museu como instrumento de cultura. Este movimento foi acompanhado por quase todos os grandes museus do mundo, que têm os seus serviços culturais próprios (conferências, exposições, visitas guiadas, folhetos, cursos, equipamentos sonoros, cinema, etc., etc.), consoante as suas possibilidades. Problemas todos eles apaixonantes mas que variam nos métodos de uns países para outros, sobretudo devido aos costumes antigos, ao passado artístico e nacional, à repartição dos centros urbanos de cada povo. O que é um facto, porém, é que os museus são muitíssimo mais frequentados e os seus serviços muito mais requeridos, o mesmo acontecendo com o Museu Etnológico que, sendo de início um museu mais para eruditos, tornou-se depois um museu destinado ao serviço da cultura, da investigação e do ensino, não o esqueçamos, só foi aberto ao público já no séc. XX (1906). O Museu Britânico, que há muito tempo figurava como o museu com maior número de visitantes, na sua grande maioria viajantes, foi agora ultrapassado pelo museu «d'esprit nouveau», ao ar livre, de Skansen, na Suécia, que conta um número excepcional anual de visitantes, mas suecos na sua grande maioria. Todavia, é de assinalar como fenómeno geral que, exceptuando a Itália, os museus meridionais são menos frequentados do que os dos países setentrionais; mesmo na França, Lila e Valenciennes ultrapassam Lião e Toulouse. O Museu Etnológico que teve no último ano um número de entradas superior a 105 000, não é dos que registam menor frequência, isto no aspecto internacional, já que no nacional deixa muito distantes todos os congéneres e talvez esteja, ao que supomos, em primeiro lugar no que diz respeito aos outros.

O Museu Etnológico, ainda na fase normal da sua evolução, além de constituir fonte inexaurível para o conhecimento e estudo da nossa vida colectiva de nação independente, com importância evidente para a indús-

---

(173) O Museu Etnológico, neste campo, tem contribuído para o enriquecimento e valorização não só de vários compêndios para os ensinos primário e secundário, como também das principais Histórias de Portugal e de Arte que nos últimos anos vieram a lume no nosso País. (V. por exemplo a *História de Portugal*, vols. I e II, dirigida pelo Prof. Damião Peres, e a *História de Arte*, da autoria de Aarão de Lacerda).

tria, para a arte, para a escultura, pintura, gravura, para o dramaturgo, o romancista e o historiador, para o prazer espiritual de qualquer pessoa e para o progresso dos estudos de antropologia e etnologia — tem exercido, em conformidade com os seus recursos, a sua acção cultural e pedagógica dentro do âmbito das disciplinas das suas secções, por intermédio das suas publicações<sup>(176)</sup>, de cursos e conferências, de exposições, de visitas guiadas, da facultação da biblioteca e das colecções aos estudiosos, etc..

#### 1 — *Publicações:*

Vários trabalhos do seu pessoal técnico, dos seus colaboradores e de especialistas nacionais e estrangeiros foram editados pelo Museu Etnológico, por intermédio de *O Arqueólogo Português* — nova série, seu órgão científico. Dos cinco primeiros volumes, dois já foram distribuídos ao público nos fins de 1955 e em 1956; o volume terceiro sairá a público muito em breve, estando os volumes quarto e quinto, ainda sob a Direcção do Prof. Manuel Heleno, já completamente preenchidos e actualmente no prelo.

De todos estes volumes, já conhecemos os seguintes estudos:

Doutores Georg Leisner e Vera Leisner, *A Anta das Cabeças*, Vol. I, 1951, pp. 7-35.

Doutor Scarlat Lambrino, *Inscriptions Latines du Musée D.ª Leite de Vasconcelos*, Vol. I, 1951, pp. 37-61.

Jean Ollivier, *Industries Anciennes du Paléolithique d'Amadora*, Vol. I, 1951, pp. 63-82.

Prof. Doutor Manuel Heleno, *Arqueologia de Elvas — Notícia Preliminar*, Vol. I, 1951, pp. 83-94.

---

<sup>(176)</sup> Muito se fez sentir a falta de um folheto que melhor elucidaria o público sobre a visita do Museu Etnológico, que assim seria mais instrutiva. Todavia, a Direcção do Museu, devido à instabilidade da sede e das suas colecções, como se apurou, entendeu não ser ainda oportuna a sua elaboração, sobretudo porque se previa mais uma vez a sua desactualização e se tornava difícil e dispendiosa uma circulação definida para ser esquematizada em planta. Neste aspecto, o Museu Etnológico tem tido o cuidado de auscultar a opinião pública, arquivando os seus depoimentos e atendendo, sempre que possível, a qualquer melhor esclarecimento de um ou vários objectos.

- Luís Chaves, *As Antas de Portugal (Nomes Populares, Regionais e Locais; Influência Exercida na Toponímia; Aproveitamento Utilitário; Cristianização; Tradições e Lendas)*, Vol. I, 1951, pp. 95-115.
- Dr. Fernando Bandeira Ferreira, *Notícia de Novos Achados na Estação Arqueológica da Ponta do Cabedelo (Costa da Caparica)*, Vol. I, 1951, pp. 117-123.
- Doutor J. A. Ferreira de Almeida, *Três Lucernas do Museu de Santiago do Cacém*, Vol. I, 1951, pp. 125-129.
- Dr.<sup>a</sup> Irisalva Nóbrega Moita, *O Mosaico de Martim Gil*, Vol. I, 1951, pp. 131-141.
- Dr.<sup>a</sup> Irisalva Nóbrega Moita, *O Mosaico Luso-Romano da Póvoa de Cós*, Vol. I, 1951, pp. 143-149.
- Doutor Scarlat Lambrino, *L. Fulcinus Trio, Gouverneur de Lusitanie, sur une Tabula Patronatus de Juromenha*, Vol. I, 1951, pp. 151-169.
- Dr. J. Fragoso de Lima, *Aspectos da Romanização no Território Português da Bética*, Vol. I, 1951, pp. 171-211.
- Dr.<sup>a</sup> Irisalva Nóbrega Moita, *O P.<sup>e</sup> Eugénio Jalhay*, Vol. I, 1951, pp. 213-219.
- Glyn E. Daniel, *Bibliografia - The Prehistoric Chamber Tombs of England and Wales*, Vol. I, 1951, pp. 221-224.
- Doutor José António Ferreira de Almeida, *Introdução ao Estudo das Lucernas Romanas em Portugal*, Vol. II, 1953, pp. 5-208.
- Doutor D. Fernando de Almeida, *«Terminus Augustalis» entre Talábriga e Langóbriga*, Vol. II, 1953, pp. 209-212.
- Prof. Doutor Manuel Heleno, *O Tesouro da Borrallheira (Teixoso)*, Vol. II, 1953, pp. 213-226.
- Doutores Georg e Vera Leisner, *Contribuição para o Registo das Antas Portuguesas (A Região de Montargil, Concelho de Ponte de Sor)*, Vol. II, 1953, pp. 227-256.
- Prof. Doutor Manuel Heleno, *Notas sobre Algumas Estações da Época Lusitano-Romana, I*, Vol. II, 1953, pp. 257-260.
- J. M. Cordeiro de Sousa, *Duas Inscrições Portuguesas em Espanha*, Vol. II, 1953, pp. 261-282.
- Doutor Scarlat Lambrino, *Les Inscriptions Inédites du Musée Leite de Vasconcelos*, Vol. III, 1956.

- Dr. Ernâni Barbosa, *O Castro da Pedra de Ouro (Alenquer)*, Vol. III, 1956.
- Dr. Fernando Bandeira Ferreira, *A Inscrição Lusitano-Romana da Quinta da Sempre-Noiva e o Problema dos Cornélii Bochii*, Vol. III, 1956.
- Jean Ollivier, *Galets-Racloirs de Quartzite*, Vol. III, 1956.
- Doutor D. Fernando de Almeida, *Marcos Miliários da Via Romana «Aemini-um-Cale»*, Vol. III, 1956.
- Dr. Ernâni Barbosa, *O Castro de Ota*, Vol. III, 1956.
- J. M. Cordeiro de Sousa, *A Data da Deposição do Cadáver de Lopo Fernandes Pacheco no Túmulo da Sé*, Vol. III, 1956.
- Dr.<sup>a</sup> Maria Madalena de Cagigal e Silva, *Notas para o Estudo de Alguns Azulejos do Distrito de Leiria Atribuídos à Fábrica do Juncal*, Vol. III, 1956.
- Prof. Doutor Manuel Heleno, *Um Quarto de Século de Investigação Arqueológica*, Vol. III, 1956.
- Prof. Doutor Manuel Heleno, *O Professor Henri Breuil*, Vol. III, 1956.
- Prof. Doutor Manuel Heleno, *Notas Sobre Algumas Estações Lusitano-Romanas, II*, Vol. III, 1956.
- Doutor D. Fernando de Almeida, *A Arte Visigótica em Portugal*, Vol. IV, 1960.
- Prof. Doutor Manuel Heleno, *A «Villa» Lusitano-Romana de Torre de Palma, (Monforte)*, Vol. IV, 1960.
- Dr. Fernando Castelo Branco, *Pragança Terá Sido Um Castro?*, Vol. IV, 1960.
- Doutor Scarlat Lambrino, *Catalogue des Inscriptions Latines du Musée D.<sup>r</sup> Leite de Vasconcelos*, Vol. IV e segs.
- Dr. Manuel Farinha dos Santos, *Vestígios de Pinturas Rupestres descobertas na Gruta do Escoural*, Vol. V.
- ... ..

## 2 — Cursos e conferências:

### a) Lições de Museologia:

Nos termos do disposto no art.º 59.º do decreto n.º 20 985, de 7 de Março de 1932, foi criado no Museu Nacional de Arte Antiga, um está-

gio para conservadores dos museus (art.º 1.º do decreto n.º 22 110, de 12 de Janeiro de 1933). A regulamentação ao tempo em vigor foi depois reorganizada pelo decreto n.º 39 116, de 27 de Fevereiro de 1953, que pelo seu art.º 2.º atribui a Direcção do estágio a um conselho, constituído pelos directores dos Museus Nacionais de Arte Antiga e de Arte Contemporânea e do Museu Etnológico do D.ºr Leite de Vasconcelos, sob a orientação do director do Museu Nacional de Arte Antiga, Dr. João Couto, que manteve com fulgurância a sua presidência.

No âmbito do Curso de Museologia que funciona no Museu Nacional de Arte Antiga, durante a sua vigência, os alunos estagiaram sucessivamente nos Museus Nacionais de Arte Antiga e de Arte Contemporânea e no Museu Etnológico. Neste último se ministraram lições aos alunos conservadores estagiários sobre problemas museológicos, técnicos e outros, referentes à arqueologia, epigrafia, numismática, etnografia e antropologia. O Prof. Manuel Heleno, Luís Chaves e o Prof. Scarlát Lambrino deram a sua contribuição para a formação de um escol de especialistas indispensáveis aos museus. Últimamente, devido aos encargos oficiais do director do Museu, este indicou para sua substituição, no último ano do curso, o seu assistente, Dr. Manuel Farinha dos Santos.

Damos a público alguns programas dos cursos ministrados pelo Prof. Manuel Heleno (Arqueologia, Epigrafia, Antropologia, Numismática e Etnografia: I a IV), e por Luís Chaves (Museografia Etnográfica: V).

## I

### A) Arqueologia:

I — Dos estudos arqueológicos em geral e em especial em Portugal. Bibliografia.

II — As colecções de arqueologia:

- a) Como se constituem; as escavações e sua técnica. Normas legais a que devem obedecer as escavações em Portugal;
- b) Como se conservam e valorizam. Sistemas de apresentação e catalogação.

- III — O Museu Etnológico: o que é e o que devia ser.
- IV — A secção de ourivesaria do Museu Etnológico: novos métodos do seu estudo e sua catalogação. Plano da sua instalação.
- V — Os mosaicos romanos: sua interpretação, levantamento e restauro.
- VI — A escultura lusitano-romana: estátuas, sarcófagos e bronzes do Museu Etnológico.
- VII — A cerâmica romana. Classificação e catalogação da «terra sigillata» e das lucernas.

B) Epigrafia:

- I — Os museus de epigrafia. Sua organização, catalogação e exposição.
- II — Colecção epigráfica do Museu Etnológico.

C) Etnografia:

- I — Noção de etnografia. O conceito de etnografia na obra de Leite de Vasconcellos e sua explicação na organização do Museu Etnológico.
- II — Espécies a recolher na nação para organizar um museu ou uma secção de etnografia. Condicionalismo da recolha e seu aproveitamento na organização e na disposição.
- III — Valores da etnografia portuguesa e sua representação museográfica.
- IV — A arte popular e sua apresentação.

D) Antropologia:

- I — Conservação e estudo de uma colecção antropológica.

## II

Numofilácios portugueses: o Museu Numismático Português.

- 1 — Fundação da Casa da Moeda de Lisboa. Breve história da mesma. Fabrico da moeda: a martelo, a balancé e a prensa. Fases do fabrico actual e observação das mesmas nas oficinas da dita Casa. O fabrico dos cunhos.
- 2 — O Museu Numismático Português. Como se criou em Portugal o gosto de colleccionar moedas. Formação do Museu Numismático Português: a colecção primitiva, a incorporação dos gabinetes da Ajuda, da Biblioteca Nacional e da Academia das Ciências.
- 3 — Técnica museológica. O material de exame. Limpeza das moedas, entrada, catalogação, reprodução e classificação das mesmas. Apresentação. Duplicados. As colecções do Museu Numismático Português: as primeiras amoedações; as moedas de D. Fernando e de D. João I, as moedas de D. Manuel, etc..

## III

- I — O paleolítico antigo; suas relações com as praias quaternárias e terraços fluviais. A indústria; seus métodos de classificação, catalogação e apresentação.
- II — O mesolítico; seu interesse para o estudo da origem do povo português. As escavações do Vale do Sado. Plano em execução e resultados.
- III — O neo-eneolítico e sua personalidade em Portugal. Os dólmenes: como se estudam e como se apresentam os seus espólios. As grutas artificiais: excursões à Alapraia, Carenque e Quinta do Anjo.

- IV — A época do bronze no território português. Necessidade de estudos estratigráficos e químicos e como fazê-los. Estudo do Castro de S. Bernardo.
- V — A época do ferro em Portugal: castros e necrópoles e métodos do seu estudo.
- VI — A arte pré-histórica em Portugal. Métodos do seu estudo e da conservação das pinturas.

#### IV

- I — O património arqueológico nacional. Sua defesa e estudo.
- II — Organização arqueológica da Nação: o que é e o que devia ser. O papel dos museus. O cadastro.
- III — A organização dos museus de arqueologia:
- a) Os serviços de investigação: escavações, laboratórios e publicações;
  - b) A conservação e a catalogação. Os ficheiros. Os depósitos e seus sistemas.
- IV — A classificação e a exposição dos materiais. Sistemas a preferir.
- V — A organização administrativa de um museu de arqueologia <sup>(177)</sup>.

#### V

- I — Museu de etnografia e secção etnográfica em museu de outra especialidade. Diferença de escala, padrões comuns. Museus de etnografia em Portugal; secções etnográficas em museus

---

<sup>(177)</sup> Cursos proferidos pelo director do Museu nas aulas de estágio dos candidatos a conservadores dos museus.

regionais e municipais. Tentativa em 1940, para formação de museus e secções de etnografia nas capitais de provincia (excluídas as cidades de Lisboa, Coimbra e Porto). Tipo destes museus e seu quase inêxito. Exemplos de diversa ordem: transitórios em Braga, Viseu e Évora (secções); aproveitados diversamente em Castelo Branco e Beja (nas secções respectivas); encaixotados os objectos em Faro (por falta de casa); instalados mas extintos em Beja; existente único em Vila Real.

Organização do museu e da secção: — nacional, regional ou municipal. Correspondência museográfica à região representada.

Tipos de museu: por tipos das espécies, por grupos correlativos, por zonas geográficas, por conjuntos representativos da vida popular.

- II — Variedade de tipos de museus de etnografia ou museus do povo. Exemplificação nas instalações do Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos: *a*) agrupamento de espécies diferentes, unificadas numa determinante comum (secção preambular do Museu, com a demonstração evolutiva arqueológico-etnográfica); *b*) exposição cronológica da seriação de tipos de «arte popular» (sala da cerâmica); *c*) reunião de espécies por grupos de aproveitamento: material, utilização, etc., em meio familiar, profissional, agrícola, religioso, etc. (sala da etnografia: 1.<sup>o</sup> andar).

Tentativas para a organização de um museu nacional de etnografia: programas de Adolfo Coelho e de Leite de Vasconcellos. O Museu de Arte Popular, em Lisboa.

- III — Noção de etnografia. Confusão de etnografia e folclore. O conceito de etnografia na obra do Doutor Leite de Vasconcellos: etnografia a ciência que estuda um povo; folclore um capítulo dessa ciência, com o objectivo de estudar uma das formas por que se manifestam as características tradicionais desse povo. O esquema dos estudos etnográficos, definido no primeiro volume da *Etnografia Portuguesa*. A aplicação daquele conceito na organização do «Museu Etnológico Português»: tipo de agrupamento de espécies por material

e utilização. (Secção única, mais tarde transformada e repartida pelas três apresentações actuais, já referidas).  
Bibliografia.

IV — Ainda o esquema de Leite de Vasconcellos: *etnografia* com os seus capítulos, folclore e ergografia, com acréscimo de outros: linguística, vida social, vida económica, etc., museu de etnografia ou secção etnográfica de um museu regional: recolha de valores; na ordem pessoal (trajes, adornos próprios, ourivesaria) como função individual e colectiva; na ordem familiar (casa e acessórios, mobiliário e acomodação, vasilhame e culinária, etc.); na ordem das actividades caseiras, oficinais e rurais (trabalho doméstico, indústrias em regime artesanal, agricultura e ofícios afins); na ordem social (distracções públicas, costumes religiosos, feiras e mercados). Condicionalismo da recolha: existência tradicional ou novidade interpretativa dentro dos quadros da tradição, isto é, o popular antigo e o popular modernizado na continuidade do tempo e no território museografado. Aproveitamento das partes na harmonia e na lógica do conjunto: sectores distribuídos pelas actividades e pelos valores estudados e recolhidos. Colaboração da tradição oral com a tradição material ou plástica: quadras, provérbios, frases feitas, ditos e apodos, relacionados com os sectores formados e com as peças expostas. Bibliografia regional.

V — Valores da etnografia portuguesa e sua representação museográfica. Museu regional: mostruário, quanto possível vivo e demonstrativo dos valores etnográficos da região; distribuição homogénea das espécies: em sectores conjuntos em que fiquem, separadas por lugares distintos, as variedades dos mesmos tipos dentro da mesma região; ou em sectores separados, com os objectos característicos de cada sub-região que seja possível e preciso considerar. Participação de objectos de impraticabilidade museográfica, por meio da sua representação pela pintura e pela escultura: tipos de aldeamento, de hairros ou recantos de vilas antigas e cidades, particularmente rurais ou de economia rural; tipos de casas e seus

acessórios exteriores; fontes, pontes velhas, cruzeiros, alminhas, nichos, etc.. Aproveitamentos externos para exposição de materiais pesados (arados, carros agrícolas, alfaias), que no respectivo sector interno do Museu sejam representados por modelos reduzidos em proporção concordante.

«Arte popular» ou «artes populares»: pintura (milagres, alminhas, frisos parietais, painéis de barcos, tabuletas de carroças, etc.), escultura (figuras de barro, religiosas e profanas, de madeira, cortiça, osso); cerâmica; ferraria; tecelagem; rendas e bordados; cestaria e esteiraria; o conjunto da «arte pastoril» (Leite de Vasconcellos); tipos de barcos, carros, cangalhas e alforjes, e outros aparelhos de transporte, em secção representativa e figurada; composições de actividades religiosas (arcos de romaria, tipos de andores, tapetes de flores, etc.).

VI — A representação da arte popular na organização do Museu Etnológico pelo Doutor Leite de Vasconcellos: secção de um todo, no conceito de «etnografia» parte da «etnologia», e de «etnografia portuguesa» capítulo da etnografia geral.

Primeiro nome do Museu: «Museu Etnográfico Português»; substituição por alargamento de conceito e de conteúdo para «Museu Etnológico Português». E «Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos» por homenagem oficial ao organizador do Museu, quando ele atingiu o limite de idade para desempenho de cargos públicos. O «Museu de Belém», como é conhecido lá fora. A reorganização da secção de etnografia em tripla directriz pelo Prof. Dr. Manuel Heleno como director do Museu: por secções especiais (1.<sup>o</sup> andar), por sequência cultural e por linha cronológica (pavimento térreo).

Bibliografia (especialmente portuguesa) <sup>(178)</sup>.

---

<sup>(178)</sup> Um dos cursos proferidos pelo antigo conservador do Museu, Luis Chaves nas aulas de estágio dos candidatos a conservadores dos museus.

Também os alunos estagiários foram, por várias vezes, incumbidos pelo director do Museu de mostrar o interesse cultural das suas colecções públicas, por meio de visitas dirigidas ministradas aos alunos de várias escolas.

b) Aulas práticas de Arqueologia, Epigrafia e Numismática.

Funcionaram no Museu Etnológico, durante os anos lectivos correspondentes a este período (1954-1964), numerosíssimas aulas práticas de Pré-História, Arqueologia, Epigrafia e Numismática, que foram ministradas aos alunos da Faculdade de Letras de Lisboa, pelos Srs. Prof. Doutor Manuel Heleno, Doutor José A. Ferreira de Almeida, Dr. Henrique Barrilaro Ruas, Dr.<sup>a</sup> Irisalva de Nóbrega Moita, Prof. Scarlet Lambrino, Doutor D. Fernando de Almeida e Dr. Manuel Farinha dos Santos.

c) Conferências:

Apesar deste Museu só dispor da sua pequena sala da biblioteca para conferências, algumas se realizaram, chegando-se até a improvisar para tal a sua galeria do I pavimento. Cumpre-nos recordar a palestra sobre a *História das Bonecas*, aqui proferida em 30 de Agosto de 1958 pela benemérita deste Museu e membro de *The Doll Collectors Guild*, de Nova Iorque, Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Cândida de Viveiros Rego Bettencourt Ferreira, quando ficou exposta ao público a colecção de bonecas antigas, que aquela Senhora generosamente depositou no Museu Etnológico. Eis os tópicos principais da referida palestra:

«Em todas as épocas das diferentes civilizações se encontram ídolos e bonecos, verdadeiras tentativas de modelação plástica. As diligências para distinguir ídolos antigos das pequenas figuras ou bonecos de diverso significado, por vezes não vão para além de conjecturas. Todavia, existem em variados museus exemplares com todas as aparências de haverem sido imaginados como brinquedos. Se examinarmos o desenvolvimento da boneca através das idades, concluiremos que ela, como brinquedo, apenas aparece em época comparativamente recente. A representação plástica do

homem, mais ou menos perfeita, existiu durante milhares de anos, antes que a primeira criança tomasse posse dela.

Através das diferentes épocas históricas, predominam as formas femininas na representação plástica. Ainda hoje, pode-se contar entre 100 figuras apenas com cerca de 10 % de bonecos do género masculino. E o facto de que a representação plástica da mulher precede de muito a do homem, tanto que se encontra com muito maior abundância em ruínas, cavernas, sarcófagos, etc., — explica-se em face da organização da comunidade, em que a mulher desempenha um papel mais importante na ordem social.

A estatueta, o ídolo são extremamente antigos, sendo possível que hajam passado às mãos das crianças, como brinquedos, à medida que as superstições nessas figuras baseadas foram desaparecendo, perdendo nos ritos e cerimónias o seu lugar. Uma evolução desta ordem nota-se, por exemplo, nos índios Hopi, do Arizona, os quais, no fim das cerimónias religiosas, dão as imagens do culto às crianças, para que elas brinquem com tais objectos.

Entre as figuras da rica galeria deixada pelos egípcios, muitas existem que foram, sem dúvida, usadas como brinquedos. O mesmo acontece na antiga Grécia e em Roma, onde o fabrico destes objectos constituiu uma arte largamente espalhada. A maior parte destes brinquedos é feita de madeira, pano, barro ou gesso.

Em tempos mais modernos, na Europa, já vamos encontrar os Alemães num lugar preponderante no fabrico de brinquedos. Nas zonas florestais, os camponeses tornam-se peritos na arte de esculpir ou entalhar na madeira. Nuremberga, Oberammergau e Sonneberga, aparecem como centros produtores de brinquedos. Por volta de 1810, com a preparação do «papier maché», começa este a ser utilizado para fabricar as cabeças de bonecas. Muito mais tarde, cabeças e membros passam a ser feitos de porcelana. No princípio do século, a Alemanha já fabricava mais de 50 % das bonecas do mundo inteiro.

A partir dos fins do século XIV, à boneca foi também cometida a tarefa de popularizar a moda francesa no estrangeiro. A boneca manequim faz a sua aparição, sendo fabricadas ricas bonecas por encomenda das famílias reais. Nos séculos XVII e XVIII, luxuosas bonecas se vendiam em França e eram também exportadas por outros países, como a Alemanha,

a Itália e os Estados Unidos. Paralelamente a estas bonecas para as senhoras e crianças das mais altas classes, outras se foram fabricando sem preocupação artística, vindas das mãos do artífice popular.

É, porém, no século XIX que um progresso visível se realiza na manufactura das bonecas. A flexibilidade de braços e pernas foi melhorada pela introdução das articulações esféricas. Cerca de 1862, Jumeau & Filhos, de Paris, inventam o pescoço que se podia mover. Por volta de 1900, os educadores começam a interessar-se pela boneca, com eles vindo os artistas, que todos exprimiram a opinião de que se deveria remodelar o fabrico da boneca, atento o seu valor sob o ponto de vista educativo. Entende-se que a boneca brinquedo, não só fornece terreno apropriado para o desenvolvimento da imaginação, mas permite também uma concentração das faculdades que levam a criança a pensar e agir seriamente.

Em 1909, artistas de Munique realizaram uma exposição de bonecas, procurando atingir a simplicidade, a naturalidade e o espírito genuinamente infantil. Todavia, foi em Berlim que, numa outra exposição de brinquedos efectuada em 1912, pela primeira vez aparecem as bonecas da grande artista Käthe Kruse, desde então favoravelmente acolhidas por toda a parte. A esta e outros artistas reformadores, se deve o início duma nova época na concepção e fabrico das bonecas. Käthe Kruse teve muitos filhos, que foram os seus modelos. As cabeças destas bonecas são de pano, reforçado interiormente por metal.

As primeiras bonecas bebês foram confeccionadas em Inglaterra no século XIX, dali passando para a Alemanha e França, onde já eram apresentadas por volta de 1855. Também foram os Ingleses que primeiro fabricaram as bonecas com cabeças de cera. Nos Estados Unidos da América, Ludwig Greiner pede, em Março de 1858, a primeira patente para fabricar cabeças de boneca em «papier maché». De 1862 a 1896, outras patentes foram concedidas nos Estados Unidos para o fabrico de bonecas, que andavam algumas por meio de maquinismo de relojoaria. Rápida e imediatamente os Norte-Americanos começaram a interessar-se por bonecas até ao ponto de aparecerem coleccionadores. Hoje são numerosos os «clubs» de senhoras coleccionadoras, sobretudo de bonecas antigas, sociedades que já mesmo organizaram entre si uma verdadeira federação.

As casas de bonecas parecem provir de peças de uma só divisão, dos séculos XVI e XVII, e que foram construídas por forma a poderem ser

colocadas sobre uma mesa. A este tipo pertencem as chamadas cozinhas Nuremberga. Equipadas com número de utensílios caseiros, destinavam-se a criar no espírito das crianças o gosto pelos arranjos domésticos. Modelos de lojas e de «ateliers» de modista, tiveram voga no século XVIII. O século XIX viu ainda desenvolver-se a construção de casas de bonecas, muitas com vários andares e fachadas de abrir, podendo ser vistas em diversos museus. Com a casa de bonecas, verdadeiramente, atinge a indústria dos brinquedos o mais elevado grau de perfeição.

As modernas correntes de pensamento têm imprimido novos impulsos ao interesse afinal desde sempre despertado pela boneca. O valor das bonecas e representações análogas na educação visual, é cada vez mais reconhecido no campo da etnografia, da história, e dos usos e costumes. A boneca é de todos os tempos e desempenhará sempre papel especial. Antigamente, apenas aos museus etnográficos se cometia o encargo de formar e apresentar colecções de bonecas. Hoje em dia, variados museus exibem, largamente, objectos desta natureza, na Alemanha, França, Inglaterra, Estados Unidos da América, e já agora também o Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos <sup>(179)</sup>.»

### 3 — *Visitas guiadas:*

Em 1934, o Museu Etnológico iniciou um programa de visitas guiadas, ao tempo designadas por «lições de vulgarização», orientadas pelo conservador do Museu, Luís Chaves.

Daí para cá, e apesar do seu reduzido quadro de pessoal técnico, sempre que possível, o Museu Etnológico, perante a crescente afluência de população escolar, tem vindo a atender, cada vez com mais frequência, umas vezes os pedidos das diversas instituições, outras oferecendo-lhes colaboração espontânea no momento da visita, sobretudo escolas de ensino de invisuais e outras primárias e secundárias, liceus, colégios, congressistas, grupos de especialistas nacionais e estrangeiros, etc..

Para o período de 1954-1964 bem poucas na verdade se realizaram. Todavia, se olharmos a que só o director do Museu ou o funcionário que

---

<sup>(179)</sup> Resumo que muito amavelmente a conferencista Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Cândida de Viveiros Rego Bettencourt Ferreira entregou ao A., a fim de ficar arquivado no Museu Etnológico e que, nesta oportunidade, pelo seu interesse e novidade entre nós, damos ao conhecimento público.

o substitui na sua ausência, orientaram essas visitas, algumas das quais se repetiram e repetem anualmente, verifica-se que algo se tem feito para que este estabelecimento de cultura continue a desempenhar, com a normalidade possível, a sua acção pedagógico-educativa. Orientaram essas visi-

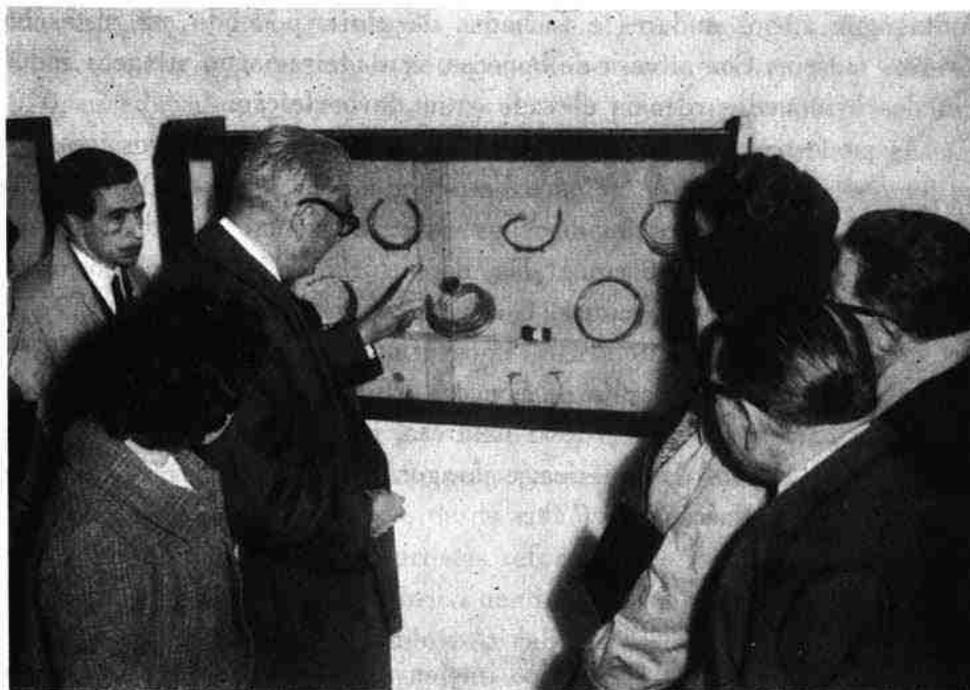


Fig. 39 — Visita guiada pelo director do Museu na sala de ourivesaria arcaica

tas, de que mencionamos algumas, o Prof. Doutor Manuel Heleno, Luís Chaves, Dr. Fernando Bandeira Ferreira, João L. Saavedra Machado e Dr.<sup>a</sup> Rosa Capeans :

- Escola de Artes Decorativas António Arroio
- Liceu Nacional de Oeiras
- Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho
- Liceu Normal de Pedro Nunes
- Destacamento do Forte do Alto do Duque
- Missão Científica do Instituto Arqueológico Alemão (Espanha)
- Liceu e Colégios de Perpilhão (França)
- Asilo-Escola de António Feliciano de Castilho — Visita anual
- Ateneu Comercial de Lisboa

- Escola Comercial de Ferreira Borges
- Escola de Educadoras da Infância
- Alunos da cadeira de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra
- Liceu Nacional de Gil Vicente
- Conselho Internacional dos Museus
- Instituto Espanhol de Sevilha (Espanha)
- Liceu de Camões
- Escola Académica
- Colónia de Férias de Almoçageme (Colares)
- Academia Militar
- I Congresso Nacional de Arqueologia
- Mocidade Portuguesa Feminina — Visita anual
- Escola Técnica Elementar de Francisco Arruda
- Colégio Militar — Secção Liceal — Visita ao Museu e à estação romana de Tróia
- Concorrentes participantes da 2.<sup>a</sup> reunião dos conservadores dos museus, palácios e monumentos nacionais
- Colégio Andaluz (Santarém)
- Instituto de Badajoz (Espanha)
- Curso de Férias dos Estudantes Ultramarinos
- Escola Técnica Elementar de Paula Vicente
- Secção Liceal do Centro de Helen Keller — Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira e Reabilitação de Inferiorizados Visuais
- A Voz do Operário
- Colégio de «Nuestra Señora del Pilar» de Ciudad Real (Espanha)
- Externato Liceal de Almada
- Centro Infantil de Recuperação de Inferiorizados Visuais
- Liceu Nacional de Alexandre Herculano
- Externato de Latino Coelho
- X Congresso Internacional de Fotogrametria
- Pelouro Cultural do Clube Sorefame (Amadora)
- Curso de Aperfeiçoamento Profissional da Administração-Geral dos C.T.T.
- Etc.

4 — *Facultação da biblioteca e das colecções aos estudiosos e sua contribuição para o ensino*

A biblioteca do Museu, embora privativa dos serviços, esteve sempre à disposição de quem dela necessitou e, neste período, frequentaram-na numerosíssimos estudiosos, entre professores de diversas Faculdades, alu-

nos e licenciandos das mesmas, conservadores estagiários, especialistas, etc., nacionais e estrangeiros. Alojada em três pequenas salas, já quase completamente inventariada, vai proceder-se à catalogação das espécies para maior eficiência de consulta.

Também as colecções do Museu têm sido facultadas a numerosos especialistas nacionais e estrangeiros, conservadores estagiários, alunos e licenciandos das Faculdades de Letras de Lisboa e de Coimbra, holseiros, etc., etc. Mencionamos, a título de exemplificação, algumas das principais dissertações, cujo conteúdo está ligado às especialidades do Museu:

Ernâni Barbosa, *Alenquer nas Épocas Pré e Proto-Histórica*, Lisboa, 1955.

Salvador das Dores Alves, *O Outeiro de S. Mamede (Contribuição para o Conhecimento da Estação Arqueológica e Sua Integração no Neo-Eneolítico Português)*, Lisboa, 1956-1957.

António dos Anjos Teixeira Gaspar Borges, *O Vidro Romano (Subsídios para o Estudo do Espólio Existente no Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos)*, Lisboa, 1956-1957.

Manuel Farinha dos Santos, *Contribuição para um Melhor Conhecimento da «Terra Sigillata» Encontrada em Portugal: a «Terra Sigillata» do Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos*, Lisboa, 1958.

Maria Cristina Moreira de Sá, *Mosaicos Romanos de Portugal* (2 vols.), Lisboa, 1959.

Cândido Manuel Varela de Freitas, *A Arqueologia no Concelho de Torres Vedras*, Lisboa, 1959.

Wanda Rodrigues, *Panorama Geral da Arqueologia no Concelho de Moura*, Lisboa, 1960.

Maria Madalena Tomé Negrão, *Alguns Aspectos dos Estudos Pré-Históricos em Portugal no Primeiro Quartel do Séc. XX*, Lisboa, 1960.

Isabel Maria Corte-Real Amaral, *Lisboa — Contribuição para o Estudo das Suas Origens*, Lisboa, 1960.

Etc.

Do mesmo modo, têm servido de base às lições magistrais proferidas nas cadeiras de Pré-História e de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, conforme se verifica pelos dois programas do Prof. Manuel Heleno, que, para exemplo, a seguir apresentamos:

## ARQUEOLOGIA

(1955-1956)

## A) Formação do povo português.

- I — Âmbito da arqueologia e progresso da sua investigação. A arqueologia pré-histórica, como estudo histórico das origens. Os esforços do Museu Etnológico para a sua reconstituição: os seus últimos 25 anos de escavações.
- II — O ambiente pré-histórico. Os primeiros habitantes do território português: donde vieram? quando chegaram? Conclusões de Breuil. As investigações do Museu Etnológico na Estremadura e Alentejo.
- III — *O Homo sapiens*, base da nossa etnogenia. As escavações de Rio Maior e Cambelas e a luz que lançaram sobre a sua proveniência. A pretendida influência africana; sua refutação.
- IV — *O Homo taganus*. Os concheiros de Muge e as interpretações de Mendes Correia e Vauffrey. Os estudos do P.<sup>o</sup> Roche. Subsídios que oferecem os abrigos de Rio Maior e as estações de Cambelas para esclarecimento do problema.
- V — *O Homo mediterraneanus*. A revolução neolítica e seus reflexos no solo português: a cerâmica ocidental, a cerâmica cardial e a cerâmica almagrada. A povoação do Alto das Bocas e a gruta I da Senhora da Luz. Os dólmenes primitivos e as escavações de Montemor-o-Novo e Estremoz.

Personalidade do nosso eneolítico. Os lugares de habitação: o castro de Liceia, do Cavaleiro; as povoações de Espargueira e Serra das Éguas e chão de cabana da Lobeira de Baixo.

As necrópoles: as grutas naturais da Senhora da Luz, da Rocha Forte e de Amoreira de Óbidos; as grutas artificiais de Carenque, Ermegeira, Quinta das Lapas, Casal da Lapa e Castros; os dólmenes e a originalidade da sua cultura em Portugal. Dez anos de escavações em dólmenes alentejanos.

As influências de SE: a cerâmica campaniforme. A arte esquemática.

A descoberta da metalurgia. O Bronze I e II e sua propagação na Península Ibérica. As cistas do Lavre, o castro de S. Bernardo e o santuário de Almoinha.

As gravuras inéditas de Lamelas.

VI — Os Indo-Europeus na Península: o Bronze III e IV. O tipo galaico-português. A joalheria.

A introdução do ferro. Os Celtas. O campo de urnas da Chaminé e as necrópoles de Vila Nova de Milfontes e Alcácer do Sal. A cultura castreja. As influências ibéricas e orientais no sul do país: os castros da Cabeça de Vaiamonte, Castro Verde e Azougada.

Os Lusitanos; suas relações com outros povos.

VII — As colonizações antigas na Hispânia: Fenícios, Gregos e Cartagineses e sua influência no ocidente peninsular.

VIII — Os Lusitano-Romanos.

A romanização no campo material e espiritual. A vida rural: a *villa* de Torre de Palma. As vias de comunicação. O comércio: o porto de Tróia (Setúbal).

A religião: templos e divindades. Os monumentos sepulcrais: os sarcófagos de Vila Franca, Chelas e Reguengos.

As necrópoles de Tróia, Grândola, S. Bento, Boa Vista, etc..

A arte lusitano-romana. A ourivesaria: o tesouro da Borrallheira.

Persistência do carácter indígena. A influência cristã.

IX — Os Germanos. A ocupação. A contribuição visigótica. Necrópoles da Silveirona e Pombal.

Papel do reino dos Suevos na fundação de Portugal.

X — Conclusões gerais sobre a formação do povo e da nação portuguesa.

## PRÉ-HISTÓRIA

(1957-1958)

I — Criação da cadeira de Pré-História.

A investigação pré-histórica em Portugal e seus progressos nos últimos 25 anos. Pré-história e arqueologia.

II — Divisões e métodos da pré-história.

III — A antiguidade do homem. A questão do homem terciário. Os homens fósseis.

IV — Os ciclos industriais do paleolítico. Espiritualidade do homem paleolítico.

O paleolítico português: o paleolítico antigo e as investigações de Breuil, do Museu Etnológico e doutros especialistas. O paleolítico

superior e as escavações de Rio Maior e Cambelas e seu interesse para o estudo das nossas origens. A pretendida influência africana.

- V — A questão do mesolítico. O *Homo taganus*. Os concheiros de Muge e as interpretações de Mendes Correia e Vauffrey. Os estudos do P.<sup>o</sup> Roche. Subsídios que oferecem os abrigos de Rio Maior, as estações de Cambelas e os concheiros de Alcácer do Sal para esclarecimento do problema. Os pré-mediterraneos.
- VI — A revolução neolítica e os seus reflexos no solo português: a cerâmica ocidental, a cerâmica cardeal e a cerâmica almagrada.  
A povoação do Alto das Bocas e a gruta I da Senhora da Luz. Os dólmenes primitivos e as escavações de Montemor-o-Novo e Estremoz.
- VII — A cultura eneolítica, sua personalidade no nosso território e sua origem mediterrânea. Os lugares de habitação: os castros de Liceia, S. Mamede, Pragança e do Cavaleiro; as povoações de Espargueira, Serra das Éguas e chão de cabana da Lobreira de Baixo.  
- As necrópoles: as grutas naturais da Cesareda, Furninha, Galinha (Alcanena), Senhora da Luz, Rocha Forte e de Amoreira de Óbidos; as grutas artificiais de Palmela, Carenque, Alapraia, Ermegeira, Quinta das Lapas, Casal da Lapa e Castros; os dólmenes e a originalidade da sua cultura em Portugal. Dez anos de escavações em dólmenes alentejanos. Conclusões. As influências de SE. A cerâmica campaniforme. A arte esquemática.
- VIII — A descoberta da metalurgia. O Bronze I e II e sua propagação na Península Ibérica. As cistas do Lavre, o castro de S. Bernardo e o santuário de Almoinha. As gravuras de Lamelas.
- IX — Os Indo-Europeus na Península. O Bronze III e IV. O tipo galaico-português. A joalheria.
- X — A introdução do ferro no território português. Os Celtas. O campo de urnas da Chaminé e as necrópoles de Alcácer do Sal e Vila Nova de Milfontes.  
A cultura castreja. O problema dos Iberos. As influências ibéricas e orientais no litoral (em Santa Olaia) e no sul do país: os castros da Cabeça de Vaiamonte, de Azougada e Castro Verde.  
Origem dos Lusitanos e suas relações com outros povos.
- XI — As colonizações e invasões antigas na Hispânia. Fenícios, Gregos e Cartagineses e sua influência no Ocidente peninsular.
- XII — Conclusões gerais sobre as nossas origens étnicas.

## D) O INTERCÂMBIO CULTURAL

(1954-1964)

1 — *Com instituições portuguesas e estrangeiras e outros:*

O Museu Etnológico manteve intercâmbio cultural de relevo e numerosos foram os contactos que se estabeleceram com instituições, especialistas nacionais e estrangeiros e outros. Exerceu com êxito a sua acção em diversos campos, como se verifica através de algumas informações prestadas, de que salientamos, a título de exemplo, uma amável carta que foi dirigida a este Museu pelo ilustre director honorário do Museu Etnológico de Léopoldville, Prof. Jean Vanden Bossche, em resposta a uma informação que o A. lhe havia prestado:

Jean VANDEN BOSSCHE  
Feldbrunnenstrasse, 70  
Hambourg 13  
*République Fédérale Allemande*

Hambourg, le 5 novembre 1964.

Monsieur Joao Saavedra Machado  
...du Musée  
Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos  
BELEM — LISBOA-3

Monsieur...,

Je tiens à vous dire toute ma reconnaissance de m'avoir envoyé de précieux renseignements sur laalebasse du Bas-Congo qui figure dans votre Musée.

Dans d'autres musées, notamment au British Museum et au Musée ethnographique de Leiden (Hollande) et au Musée du Cinquantenaire à Bruxelles (Belgique) existent des calebasses dont l'étude stylistique m'a permis de déterminer une origine commune avec laalebasse de votre musée. Malheureusement dans aucune de ces collections je n'avais pu trouver des renseignements suffisants. Grâce à votre intervention il m'est possible maintenant de dater approximativement ces différentes oeuvres. C'est vous dire l'importance que j'attache à votre aide.

Je tiens aussi à vous remercier vivement de vouloir bien m'offrir la photographie de laalebasse de votre musée.

Je vous prie d'agréer, Monsieur le ..., l'assurance de ma très haute considération.

Jean VANDEN BOSSCHE

Também se receberam variadíssimas publicações de numerosas instituições, revistas de vária ordem, com muitas das quais o Museu, através do seu órgão científico, estabeleceu ou manteve permuta, ou ofereceu simplesmente *O Arqueólogo Português*. Embora incompleta, apresentamos a sua relação ordenada:

## PORTUGAL

## ANGRA DO HEROÍSMO

— Instituto Histórico da Ilha Terceira.

## BEJA

— Revista *Arquivo de Beja*.

## BRAGA

— Revista *Bracara Augusta*.

## COIMBRA

— *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*.

— Biblioteca do Instituto de Antropologia.

— Faculdade de Ciências.

— Faculdade de Letras.

— Instituto de Arqueologia.

— Instituto de Estudos Históricos «Doutor António de Vasconcelos».

— Revista «Biblos».

## CONDEIXA

— Museu Monográfico de Conimbriga.

## FIGUEIRA DA FOZ

— Museu Municipal «Santos Rocha».

## FUNCHAL

— Revista *Das Artes e da História da Madeira*

## GUIMARÃES

— Sociedade Martins Sarmento.

## LISBOA

- Academia Nacional de Belas Artes.
- Academia Portuguesa de História.
- Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Biblioteca do Tribunal de Contas.
- Câmara Municipal — Direcção dos Serviços Culturais.
- Centro de Estudos de Antropobiologia.
- Centro Universitário de Lisboa.
- Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes.
- Direcção-Geral da Fazenda Pública.
- Faculdade de Letras.
- Instituto de Alta Cultura.
- Instituto de Anatomia.
- Instituto Britânico em Portugal.
- Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina.
- Junta Nacional da Educação.
- *Mensário Administrativo* — Serviços de Administração Civil.
- Museu Nacional de Arte Antiga.
- Museu de Arte Popular.
- Revista *Brotéria*.
- Revista *Colóquio*.
- Sociedade de Geografia.
- Serviços Geológicos.
- Universidade de Lisboa.

## LOURENÇO MARQUES

- Estudos Gerais Universitários.
- Instituto de Investigação Científica de Moçambique.
- Revista *Moçambique*.

## LUANDA

- Instituto de Investigação Científica de Angola.
- Estudos Gerais Universitários.

## PINHEIRO — MAFRA

- Revista *Euphrosyne*.

## PONTA DELGADA

- Instituto Cultural.
- Museu Castro Machado.
- Museu de Santo André.

## PONTE DE LIMA

— Câmara Municipal.

## PÓVOA DE VARZIM

— Câmara Municipal.

## PORTO

- Câmara Municipal — Gabinete de História da Cidade.
- Instituto de Antropologia.
- Revista *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*.
- Revista *Lusíada*.
- Revista *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*.
- Seminário Maior do Porto.
- Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia — Faculdade de Ciências.
- Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia — Faculdade de Ciências.

## SÁ DA BANDEIRA

— Escola Comercial e Industrial de Artur de Pina.

## ÁFRICA DO SUL

## JOHANNESBURGO

— Revista *Scientific South Africa*.

## ALEMANHA

## BERLIM

— Ibero-Amerikanische Bibliothek.

## BONA (ST. AUGUSTIN)

— Revista *Anthropos* — Revue International d'Ethnologie et de Linguistique.

## COLÓNIA

— Archäologisches Institut der Universität zu Köln.

## FRANCFORTE

- Deutsches Archäologisches Institut.
- Revista *Germania*.

## HEIDELBERGA

- Revista *Madrider Mitteilungen*.

## LÍPSIA

- Museum für Völkerkunde.

## ARGENTINA

## BUENOS AIRES

- Instituto Nacional de Antropología — Instituto Nacional de Investigaciones Folkloricas.

## MENDOZA

- *Anales de Arqueología y Etnología*.
- Universidad Nacional de Cuyo.

## AUSTRIA

## PETRONELL

- Danaumuseum.

## BÉLGICA

## BRUXELAS

- Musée du Cinquantenaire.
- Revista *Latomus*.
- Société d'Archéologie «Romana».

## BRASIL

## BELÉM

- Museu Paraense Emilio Goeldi — Instituto Nacional de Pesquisas do Amazônia.

## BRASÍLIA

- Centro Brasileiro de Estudos Portugueses.
- Universidade de Brasília.

## CARANGOLA

- Arquivo Histórico Geográfico Municipal.

## CURITIBA

- Universidade do Paraná.

## FLORIANÓPOLIS

- Centro de Estudos Filológicos «Professor Henrique Fontes».

## NATAL

- Instituto de Antropologia da Universidade do Rio Grande do Norte.

## RIO DE JANEIRO

- Revista Brasileira de Folclore.
- Revista *Folklore in Brazil*.

## SABARÁ

- Museu do Ouro.

## SÃO PAULO

- Consulado Geral de Portugal.
- Museu Paulista.
- Seminário do Espírito Santo.

## BULGÁRIA

## SÓFIA

- Academie Bulgare des Sciences.
- Naroden Archeologitcheski Musei.

## CANADÁ

## MONTREAL

- Petit Musée.

## CHECOSLOVÁQUIA

## BRNO

- Etnografické Oddělení Moravského Musea v Brně, C S R.
- Moravské Museum.
- Revista *Valašsko*.

## PRAGA

- Narodní Museum.

## EGIPTO

## CAIRO

- Musée de la Civilisation Egyptienne.

## ESPAÑA

## BARCELONA

- Centro de Estudios Historicos Internacionales da Universidad de Barcelona.
- Faculdade de Filosofia e Letras.
- Revista *Ampurias*.

## LA CORUÑA

- Academia Galega.

## GRANADA

- Universidade de Granada — Faculdade de Letras.

## MADRID

- Biblioteca da Real Academia de Historia.
- Comisaria General de Escavaciones Arqueológicas.
- Instituto Arqueológico Alemão.
- Instituto Español de Arqueología «Rodrigo Caro».
- Museu Arqueológico Nacional.
- Museu del Prado.
- *Archivo Español de Arqueología*.
- Revista *Al-Andaluz*.
- Seminário de Historia Primitiva.
- Sociedade Española de Antropologia, Etnografia e Prehistoria.

## ORENSE

- Comision Provincial de Monumentos Historicos y Artisticos de Orense.

## PONTEVEDRA

- Museu de Pontevedra.

## SALAMANCA

- Seminário de Arqueologia da Universidade de Salamanca.
- Revista *Zepirus*.

## SEVILHA

- Museo Arqueológico Provincial.

## VALENCIA

- Annales del Centro de Cultura Valenciana.
- Revista *Archivo de Prehistoria Levantina*.
- Serviço de Investigación Prehistorica de Deputación Provincial.

## ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

## BALTIMORE

- The Library of the John Hopkins University.

## CAMBRIDGE

- Peabody Museum of Archaeology and Ethnology — Harvard University.

## LINCOLN

- Nebraska State Historical Society.

## OMAHA

- Joslyn Art Museum.

## SANTA FÉ

- Museum of New Mexico — Department of Archaeology.

## WASHINGTON

- The Library of Congress — Processing Department Exchange and Gift Division.
- Monetary History and Medallion Art — Smithsonian Institution.
- United States National Museum.

## FINLÂNDIA

## HELSÍNQUIA

— Neuphilologische Mitteilungen.

## FRANÇA

## BOURG-EN-BRESSE

— Musée de l'Ain.

## BOURGES

— Musée du Berry.

## LIMOGES

— Musée Municipal.

## NANCY

— Musée Historique Lorrain.

## PARIS

- Conselho Internacional dos Museus.
- Institut d'Études Portugaises et Brésiliennes — Faculté des Lettres.
- Institut de Paléontologie Humaine.
- Musée de l'Homme.
- Revista *Arts et Traditions populaires*.
- Société d'Ethnographie.

## GRÃ-BRETANHA

## BATH

— Museum of the Roman Baths.

## BELFAST

— Queen's University — Department of Ancient Archaeology.

## BRISTOL

Bristol City Museum.

## CAMBRIDGE

- Annals of the Transvaal Museum — University Press Cambridge.
- Cambridge Antiquarian Society.

## LONDON

- The British Museum — Department of Greek and Roman Antiquities.
- The British Museum — Department of Printed Books.
- The Museums Association.

## SOUTHAMPTON

- Revista *Antiquity*.

## GUATEMALA

## ANTIGUA

- Museo Colonial.

## HOLANDA

## AMSTERDÃO

- Bibliotheek Rijksmuseum.

## LEIDA

- Musée Ethnographique.

## IRÃO

## TEERÃO

- Musée Archéologique.

## ISRAEL

## JERUSALÉM

- Annual Bibliography of Islamic Art and Archaeology.
- Revista *Ariel* — Israel Museum.

## ITALIA

## FLORENÇA

- Revista *Sele Arte*.

## MILÃO

- Centro Internazionale delle Arti e del Costume.

## ROMA

- *Bulletino di Paleontologia Italiana* — Museo preistorico-etnografico «L. Pigorini».
- *Escola Española de Historia y Arqueología en Roma*.
- *Pontifício Colégio Português*.
- *The British School at Rome*.

## JUGOSLÁVIA

## BELGRADO

- *Musée Ethnographique*.

## MARROCOS

## RABAT-CHELLAH

- *Bulletin d'Archéologie Marocaine*.

## MÉXICO

## MÉXICO

- *Instituto de História*.
- *Museo Nacional de Artes e Industrias Populares*.

## MONDRAGON

- *Boletim Cultural Mexicano*.

## PERU

## LIMA

- *Museo Nacional de Antropología y Arqueología*.

## POLÓNIA

## GRACÓVIA

- *Acta Archaeologica Carpathica* — *Academia Scientiarum Polona* — *Collegium Cracoviense*.

## LODZ

- *Muzeum Archeologiczne i Etnograficzne*.

## RZESZÓW

— Muzeumw Rzeszówie.

## TORUM

— Muzeum Etnograficzn.

## RODÉSIA DO NORTE (ZÂMBIA)

## LIVINGSTONE

— Rhodes-Livingstone Museum.

## ROMÉLIA

## BUCARESTE

— Institut d'Études Sud-Est-Europeennes.  
— Revista Romena de História.

## SUÉCIA

## LINKOPING

— Ostergötlands och Linköpings Stads Museum.

## LUNDE

— Kulturhistoriska Museet.

## ESTOCOLMO

— Kungl Vitterhets Histoire och Antikvitets Akademien.  
— Nordiska Museet.

## UMEA

— Västerbottens Läns Museum.

## UPPSALA

— Kungl Universitets Bibliotek.

## VÄXJÖ

— Smalands Museum.

## VISBY

— Gotland Archaeological and Historical Museum.

## S U Í Ç A

## GENEBRA

— Institut National Genevois.

## RHEINFELDEN

— Trachtaliches Heimatmuseum.

## ZURIQUE

— Schweiz Landsmuseum — Musée National Suisse.

2 — *Congressos:*

## a) I Congresso Nacional de Arqueologia:

O I Congresso Nacional de Arqueologia realizou-se em Lisboa, de 15 a 20 de Dezembro de 1958, em homenagem ao Prof. Leite de Vasconcellos na passagem do primeiro centenário do nascimento do grande Mestre, e reuniu, à sombra do seu nome, do Museu por ele criado, onde inicialmente funcionou a secretaria do referido Congresso, a quase totalidade dos arqueólogos portugueses e de alguns eminentes professores estrangeiros, que comunicaram os resultados das suas investigações<sup>(180)</sup>. A iniciativa da comemoração do centenário do nascimento do Prof. Leite de Vasconcellos pertenceu ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, que funciona neste Museu, e de que foi seu primeiro presidente<sup>(181)</sup>. Havendo necessidade, para a realização dessa ideia, do alto patrocínio da

---

(180) V. *Circular* acerca da realização do I Congresso Nacional de Arqueologia, de que foi secretário-geral o Sr. Doutor D. Fernando de Almeida.

(181) «Sob a presidência do Sr. Prof.-Dr. Manuel Heleno, realizou-se na sala da biblioteca do Museu Etnológico, uma reunião de estudo do Instituto de Arqueologia. O Sr. Presidente lembrou que, em 1958, passa o centenário do nascimento de Leite de Vasconcellos, investigador notabilíssimo, que foi o primeiro presidente do Instituto. Aquele organismo, como ficou assente, celebrará o centenário do grande etnógrafo...»: *Diário de Notícias* de 3 de Março de 1955

Junta Nacional da Educação, o director do Museu, que tinha sugerido essa comemoração, transportou-a para a dita Junta (Secção de Antiguidades, Escavações e Numismática), onde foi logo abraçada por todos os seus membros e em especial pelo seu ilustre presidente, Prof. Doutor João Pereira Dias. O director do Museu e vogal nato da 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação (Antiguidades, Escavações e Numismática) foi incumbido pelo presidente da dita Subsecção de elaborar um parecer sobre tal assunto a fim de ser presente a Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, Prof. Eng.º Leite Pinto, parecer em que se propôs que a referida Subsecção chamasse a si a realização do I Congresso Nacional de Arqueologia. O patrocínio dado pelo Instituto de Alta Cultura tornou possível a sua realização no edifício da nova Faculdade de Letras de Lisboa. Foram membros da Comissão: presidente, Prof. Doutor João Pereira Dias; vice-presidentes, Prof. Doutor Manuel Heleno e eng.º D. António Castelo Branco; secretário-geral, Doutor D. Fernando de Almeida; secretários-adjuntos, Doutor Jorge Borges de Macedo e Dr. Manuel Farinha dos Santos; tesoureiro, eng.º Octávio da Veiga Ferreira.

À sessão inaugural (Fig. 40) dignou-se assistir o venerando Chefe do Estado, Almirante Américo Deus Rodrigues Thomaz, que assim quis, com a sua presença, dar-lhe o mais alto relevo<sup>(182)</sup>.

#### b) Participação em Congressos:

Além do director do Museu que participou no I Congresso Nacional de Arqueologia e foi convidado para muitos outros<sup>(183)</sup>, o pessoal técnico do estabelecimento, sempre que possível, deu a sua participação a este e outros: Luís Chaves participou no Congresso de S. Paulo (Brasil), em 1954, no Congresso Internacional de Ciências Onomásticas (Toponímia e Antroponímia), realizado em Salamanca (Espanha), em 1955, e no Congresso de Etnografia (1956); a Dr.ª Rosa Capeans participou no I Con-

---

<sup>(182)</sup> D. Fernando de Almeida, *Prefácio das Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Lisboa, 1959.

<sup>(183)</sup> I Congresso Internacional de Dialectologia Geral, realizado em Lovaina e em Bruxelas (1960); etc.



Fig. 40 — Sessão inaugural do I Congresso Nacional de Arqueologia

gresso Nacional de Arqueologia e no I Congresso Internacional de História dos Descobrimentos, apresentando a este último um estudo acerca *Do Itinerário das Viagens do Padre Jerónimo Lobo (Notícia)*,<sup>(184)</sup>; e João L. Saavedra Machado no I Congresso Nacional de Arqueologia com um estudo breve sobre *O Professor Leite de Vasconcellos como Historiador*<sup>(185)</sup>.

### 3 — Colaboração em exposições nacionais e estrangeiras:

Neste período, o Museu Etnológico, muito embora não disponha de um salão próprio para exposições, organizou na pequena sala da sua biblioteca uma exposição de «ex-libris»<sup>(186)</sup>, que teve grande êxito, e prestou

<sup>(184)</sup> Nas *Actas* do referido Congresso, vol. V, parte II, Lisboa, 1961.

<sup>(185)</sup> *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, 1950, págs. 77-79.

<sup>(186)</sup> Cumpre-nos evidenciar a acção de Luís Chaves, que se esmerou na organização da referida exposição, muito frequentada por nacionais e estrangeiros.

a sua colaboração a muitas outras, das quais, sem a pretensão de apresentarmos lista completa, salientamos algumas:

- Exposição Histórica Comemorativa do Tricentenário da Restauração Pernambucana (1954).
- Exposição de Arte Sacra (1954).
- Exposições Itinerantes, destinadas à Campanha Nacional de Educação de Adultos (1955).
- Exposição Histórico-Militar (1956).
- Exposição «30 Anos de Cultura Portuguesa» (1956).
- Exposição Universal e Internacional de Bruxelas (1958).
- Exposição «Museus de Lisboa» (1958).
- Exposição de Instrumentos Antigos de Música, organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian (1961).
- Exposição Bibliográfica, organizada em Coimbra por ocasião do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (1963).
- Exposição «A Criança através dos Tempos» (1964).
- Exposição de Pesos e Medidas, patrocinada pelo Museu Etnográfico da Câmara Municipal de Coimbra (1964).
- Exposições organizadas pela Escola Prática de Infantaria de Mafra (1964).
- Etc., etc..

## E) O MOVIMENTO DOS INSTITUTOS QUE FUNCIONAM NO MUSEU

(1954-1964)

### 1 — *O Centro de Estudos Arqueológicos:*

Neste período, continuou a funcionar no Museu Etnológico o Centro de Estudos Arqueológicos. Foram bolseiros do referido Centro: a Dr.<sup>a</sup> Irisalva de Nóbrega Moita, o Dr. Ernâni Barbosa e o Dr. Fernando Castelo-Branco. Da actividade destes resultaram vários estudos, de que salientamos alguns já do conhecimento público:

#### IRISALVA DE NÓBREGA MOITA

- *Subsídios para o Estudo do Eneolítico do Alto Alentejo*, in *O Arq. Port.*, nova série, Vol. III, 1956, pp. 135-175.
- Etc..

## ERNÂNI BARBOSA

- *O Castro da Pedra de Ouro (Alenquer)*, in *O Arq. Port.*, nova série, Vol. III, 1956, pp. 75-85.
- *O Castro da Ota*, in *O Arq. Port.*, nova série, Vol. III, 1956, pp. 177-124.
- Etc..

## FERNANDO CASTELO-BRANCO

- *Notícias Arqueológicas na Correspondência Dirigida a Cenáculo*. Comunicação apresentada ao Congresso Luso-Espanhol realizado em Madrid (1958). A súmula foi publicada no respectivo livro de resumos, a págs. 95.
- *O Problema da Localização de Cetóbriga*. Comunicação apresentada ao I Congresso Nacional de Arqueologia (1958).
- *Páginas Olisiponenses de José Leite de Vasconcelos*. Selecção, prefácio e notas de Fernando Castelo-Branco. Lisboa, 1959.
- *Apontamentos Bibliográficos do Centenário de Leite de Vasconcelos*. Sep. da *Revista de Portugal*, Vol. XXIV, 1959.
- *Vestígios do Culto de Diana em Portugal* in *Revista de Guimarães*, Vol. LXIX, 1959.
- *Uma Carta de Teixeira Gomes para Leite de Vasconcelos*, in *Ocidente*, n.º 266, Julho, 1960.
- *Museus de Lisboa*. Edição da Câmara Municipal de Lisboa, 1960.
- *Duas Décadas de Arqueologia Sintrense*. Sep. de *Estremadura*, 2.ª série, n.ºs 55-56, 1961.
- *Problemas da Lisboa Romana*, in *Revista Municipal*, n.º 91, 1961.
- *Actividade Arqueológica de Aurélio Ricardo Belo*, in *Novidades* de 26 de Fevereiro de 1962.
- *Sobrevivências de Cultos Pagãos em Portugal*, in *Actas do XXVI Congresso Luso-Espanhol*, secção VII. Porto, 1962.
- *Correspondência de Leite de Vasconcelos com o Abade Sousa Maia*. Sep. do *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto, vol. XXV, fasc.º 1-2. Porto, 1963.
- *Leite de Vasconcelos Apreciado por Oliveira Martins*. Sep. da *Revista de Portugal*, vol. XXVIII, 1963.
- *Aspectos e Problemas Arqueológicos de Tróia de Setúbal*. Sep. de *Ocidente*, vol. LXV, Julho a Dezembro, 1964.
- Etc..

2 — *O Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia:*

Também na sede do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, vários autores apresentaram as suas comunicações, que versaram sobre os seguintes assuntos <sup>(187)</sup> :

## DOUTOR D. FERNANDO DE ALMEIDA

- As ruínas de Idanha-a-Velha.
- Um marco miliário e uma lápide de Ul (Oliveira de Azeméis).
- 3.ª Campanha de escavações na Idanha-a-Velha.
- As últimas escavações de Idanha-a-Velha.
- Lápides do Museu de Idanha-a-Velha, escavações arqueológicas e história da Idanha na Idade Média.

## DOUTOR JUSTINO MENDES DE ALMEIDA

- Considerações em torno de André de Resende e da obra *De Antiquitatibus Lusitaniae*.
- A inscrição do Casal das Vivas. (Em colaboração com o Dr. Fernando Bandeira Ferreira).
- Achados arqueológicos nos arredores de Benavente. (De colaboração com o Dr. Fernando Bandeira Ferreira).

## GIL MIGUÉIS ANDRADE

- Novas investigações arqueológicas no castro de Carnaxide <sup>(188)</sup>. (Em colaboração com João José Fernandes Gomes.)
- Nótula acerca da estação paleolítica do Monte do Sirgado. (Em colaboração com João José Fernandes Gomes e Carlos Alberto Gomes).

## CORONEL DR. PEDRO MARTINS BARATA

- Aquém e Além Sever — subsídios para a sua história.
- A Ordem do Templo no Norte do Alentejo — os limites a Sul do Tejo da Herdade da Açafa iam da Ribeira do Figueiró ao Rio Salor, em Espanha.

<sup>(187)</sup> Depois da consulta das *Actas* que nos foram amavelmente facultadas, quando procedíamos à revisão das primeiras provas deste trabalho, chegou-nos às mãos o vol. IV do *Ethnos*, que inseria o movimento do Instituto (págs. 337-344). Desse modo, preferimos o texto das comunicações adoptado pela referida revista, que é o órgão científico do Instituto.

<sup>(188)</sup> O Museu Etnológico subsidiou estas investigações com uma reduzida verba.

## DR. AURÉLIO RICARDO BELO

- Dois marcos miliários da via militar de Mérida.
- Torre de *Centum Cellae*.
- Estação romana do Penedo.

## CAPITÃO JOSÉ AUGUSTO CORREIA DE CAMPOS

- O tanque dos mouros próximos de Estremoz.
- A Virgem apocalíptica portuguesa.
- Origem da Sr.<sup>a</sup> do Ó.
- A Igreja de Mértola nunca foi Mesquita.
- As ruínas de Beringel.
- Investigações sobre a arquitectura muçulmana no Alentejo e no Algarve.

## DR. FERNANDO CASTELO-BRANCO

- O problema dos presépios quatrocentistas <sup>(189)</sup>.
- Presépios portugueses seiscentistas <sup>(190)</sup>.
- Jornalismo seiscentista português <sup>(191)</sup>.
- Subsídios para a biografia de Luísa Todi <sup>(192)</sup>.
- A evolução do litoral português e a cartografia <sup>(193)</sup>.
- A reforma dos correios em 1798 <sup>(194)</sup>.
- Elementos inéditos sobre as reformas educativas pombalinas <sup>(195)</sup>.
- O problema da identificação de Cetóbriga <sup>(196)</sup>.
- As fontes latinas de Cetóbriga <sup>(197)</sup>.
- Uma planta do estuário do Sado <sup>(198)</sup>.
- Relações da arqueologia e da geografia de Lisboa.
- O problema da localização de Achale e de Poetani <sup>(199)</sup>.
- Uma viagem de estudo de Leite de Vasconcelos a Inglaterra <sup>(200)</sup>.

---

<sup>(189/190)</sup> V. *Revista Municipal*, n.º 64.

<sup>(191)</sup> *Id.*, n.º 69.

<sup>(192)</sup> V. *Ocidente*, n.º 211.

<sup>(193)</sup> V. *Boletim da Sociedade de Geografia*, 1957.

<sup>(194)</sup> V. *Guia dos C. T. T.*, n.º 181.

<sup>(195)</sup> V. *Boletim Cultural* (Porto), vol. XX.

<sup>(196/197)</sup> V. *Ocidente*, vol. LXV.

<sup>(198)</sup> V. *Revista Portuguesa de História*, vol. 8.º.

<sup>(199)</sup> V. *Ocidente*, vol. LXV.

<sup>(200)</sup> V. *Ocidente*, n.º 266.

- O Itinerário de Antonino.
- Sobrevivências do culto de Diana <sup>(201)</sup>.
- Resende, Gaspar Barreiros e a identificação das ruínas de Tróia <sup>(202)</sup>.
- Origem do topónimo Costa da Galé.
- O Instituto de Arqueologia e os estudos de História dos Descobrimentos.
- Comentários a um Congresso.
- A localização de Poetanion <sup>(203)</sup>.
- Teria existido em Poetanion um entreposto comercial? <sup>(204)</sup>.
- Os celtas na região de Torres Vedras.
- Um problema da pintura portuguesa do séc. XIX <sup>(205)</sup>.
- Sobrevivências de cultos pagãos <sup>(206)</sup>.
- Sobrevivências do culto dos mortos <sup>(207)</sup>.
- Necrópoles de Lisboa <sup>(208)</sup>.
- Possível culto de uma divindade marítima em Sines.

PROF. LUÍS CHAVES

- Garrett no *Romanceiro* e o Folclore português no *Romanceiro* de Garrett <sup>(209)</sup>.
- Lisboa nos versos de Cesário Verde (Notas etnográficas) <sup>(210)</sup>.
- Etnografia no Livro de Cesário Verde <sup>(211)</sup>.
- Monografia de Campo Maior <sup>(212)</sup>.
- Etnografia da cana <sup>(213)</sup>.
- Capicuas <sup>(214)</sup>.
- No mundo recreativo das adivinhas <sup>(215)</sup>.
- A cor na Toponímia <sup>(216)</sup>.
- Tipos tradicionais de cerâmica popular.
- A actividade evangelizadora dos portugueses no Baixo Congo, no séc. XVI.
- Assistência medieval.

---

<sup>(201)</sup> V. *Actas do Congresso do Progresso das Ciências de 1962, secção VII.*

<sup>(202/204)</sup> V. *Ocidente*, vol. LXV.

<sup>(206/207)</sup> V. *Actas do Congresso do Progresso das Ciências de 1962, secção VII.*

<sup>(208)</sup> V. *Revista Municipal*, n.º 91.

<sup>(209/211)</sup> Publicadas em *Novidades*.

<sup>(212)</sup> *Duas Notícias Históricas da Vila de Campo Maior*, in *Revista de Guimarães*, vol. LXXII (n.º 3-4), Guimarães, 1962.

<sup>(213)</sup> *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. X, Coimbra, 1960.

<sup>(214)</sup> *Que é «Capicua»*, in *Mensário das Casas do Povo*, Maio, 1957.

<sup>(215)</sup> *No Mundo das Adivinhas*, in *Mensário das Casas do Povo* de Novembro de 1957 a Abril de 1958.

<sup>(216)</sup> *A Toponímia da Cor*, in *Revista de Guimarães*, vol. LXX, Guimarães, 1960.

## DR. FERNANDO RUSSEL CORTEZ

- Duas inscrições romanas da Beira.
- A arquitectura e a arquitrave nos templos cristãos primitivos.
- Dois marcos miliários da Quinta da Lagoa e de Famalicão da Serra.

## DR. JOSÉ DOMINGOS GARCIA DOMINGUES

- Abê Mafon e a conquista do Algarve.
- Invasão e conquista da Lusitânia pelos Árabes.
- Reflexos na Lusitânia das lutas no valiato de Córdoba.
- A vida política no actual território português no período árabe.
- As Taifas no Garb Extreme.
- Os Almorávidas no Garb Extreme do Andaluz.
- As terceiras Taifas e o Reino do Algarve.
- Descrição do actual território português pelo geógrafo Ali Stakari (séc. X).
- A acção dos Múridas na Península.

## DR. FERNANDO BANDEIRA FERREIRA

- Estação arqueológica na Serra de Monsanto.
- Uma estação pré-histórica no extremo-norte do concelho de Lisboa.
- A estação paleolítica do chalé da Botica a leste do Baleal.
- Peças paleolíticas recolhidas perto da Ericeira.
- A propósito do nome «Achale» da *Ora marítima* de Avieno.
- Um conjunto arqueológico da Idade do Bronze descoberto na quinta do Valongo (Conceição, Tavira).
- A inscrição lusitano-romana do Casal das Vivas (Sabugo), de colaboração com o Doutor Justino Mendes de Almeida.
- Acerca da inscrição lusitano-romana de Cortes-Pereira (Alcoutim).
- Nova luz sobre a cronologia das civilizações neolíticas.
- Estudo preliminar de um astrolábio planisférico com legendas em caracteres hebraicos.
- Achados arqueológicos nos arredores de Benavente (de colaboração com o Doutor Justino Mendes de Almeida).
- O mosaico paleocristão de Cós (Alcobaça).
- Estudo de uma cabeça romana aparecida em Évora.
- Inscrição lusitano-romana existente actualmente na Quinta da Sempre-Noiva (Arraiolos).

## DR. E. BORGES GARCIA

- Arqueologia de Famalicão da Nazaré.
- Duas lendas sobre a origem de Famalicão da Nazaré.

## CARLOS ALBERTO GOMES

- Nótula acerca da estação paleolítica do Monte do Sirgado. (Em colaboração com Gil Miguéis Andrade e João José Fernandes Gomes).

## JOÃO JOSÉ FERNANDES GOMES

- Novas investigações arqueológicas no Castro de Carnaxide<sup>(217)</sup>. (Em colaboração com Gil Miguéis Andrade e Carlos Alberto Gomes).
- Nótula acerca da estação paleolítica do Monte do Sirgado. (Em colaboração com Gil Miguéis Andrade e Carlos Alberto Gomes).

## PROF. DOUTOR MANUEL HELENO

- O tesouro da Borracheira (Teixoso): notícia do achado e das circunstâncias em que se realizou.
- Escavações do Museu Etnológico nos concheiros de Alcácer do Sal.
- O solutrense em Portugal.
- A «villa» romana de Torre de Palma.
- Lápide romana da Póvoa de Santa Iria.
- A insculptura do deus Marte numa ara de Torre de Palma.

## SALVADOR FERNANDES LIMA

- Imagem de marfim e moedas suélicas e visigóticas. (Colecção).

## JOSÉ RODRIGUES MARINHO

- Notícia de uma moeda almorávida cunhada em nome do amir Ali ben Iúçufe no ano 533 de Hégira (ano 1138 da era cristã)<sup>(218)</sup>.

---

<sup>(217)</sup> V. nota 188.

<sup>(218)</sup> José Rodrigues Marinho, *Notícia de Uma Moeda Almorávida Cunhada em Nome do Amir Ali ben Iúçufe no Ano 533 da Hégira (Ano 1138 da Era Cristã)*, Imprensa Nacional de Lisboa, 1964.

## ALFREDO JOAQUIM FERREIRA DO NASCIMENTO

- O quartel do Regimento de Lippe, na Calçada da Ajuda.
- Uma lápide na Igreja de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Glória, no Ribatejo.

## JEAN OLLIVIER (França)

- Os leões do Paço da Ericeira.

## MARGARIDA RIBEIRO

- Etnografia de Coruche.
- Coruche Medieval.
- Etnografia da Glória.
- Cerâmica popular portuguesa.
- Crenças e superstições da Glória.

DR.<sup>a</sup> MARIA CRISTINA MOREIRA DE SÁ

- Mosaicos romanos de Portugal.

## DR. MANUEL FARINHA DOS SANTOS

- Necrópole argárica de Reguengos de Monsarás.

## DR. GABRIEL ROCHA SOUTO

- Iconografia da Deusa Fortuna.
- Pesos monetários.
- Ídolos indús.

## MAJOR ISMAEL JOAQUIM SPÍNOLA

- Influências das ideias filosóficas e respectivo simbolismo na Idade Média sobre a expressão simbólica das moedas da dinastia Afonsina.
- A numismática medieval espelho das ideias filosóficas coetâneas.
- Achegas para a história de Castelo de Vide.
- Preciosidades ignoradas no Convento de Santo António, de Montemor-o-Novo.

- Oficinas monetárias medievais.
- Dois artefactos do calcolítico.
- As armas de Portugal.

JOSÉ A. DO AMARAL FRAZÃO DE VASCONCELOS

- Luís de Camões foi para a Índia na nau *Galega*.
- Os cosmógrafos-mores do Reino.

MANUEL COUTO VIANA

- *Desfazendo uma dúvida*: o moço de bordo que o czar Pedro I levou da Holanda para a Rússia, agraciado em 1726, por Catarina I, com o título de *Conde de Vier* (Vier-Viere-Viera-Vieira), que ocupou no exército moscovita os mais altos postos, distinguindo-se em muitas batalhas, era o português *António Vieira*, natural do Porto.
- *Levantando uma dúvida*: seria português, ou judeu holandês de origem portuguesa, o banqueiro da corte russa que o czar Paulo agraciou em 1800, com o título de barão — *Barão Velho* (sic)?
- A arquitectura da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

EDUARDO PRESCOTT VICENTE

- As inscrições com caracteres tartésicos em moedas atribuídas a Salácia.

## F) O MOVIMENTO DE VISITANTES NACIONAIS E ESTRANGEIROS, DE PUBLICAÇÕES, BILHETES POSTAIS COM AS OBRAS DE ARTE DO MUSEU, ETC.

(1954-1964)

Andreas Lindblom, ilustre director do Nordiska Museet and Skansen, de Estocolmo, diz que «toutes les mesures... ont pour object de stimuler l'intérêt du public pour le musée et d'y attirer des visiteurs. Mais publicité et propagande, si bien organisées soient-elles, seraient complètement vaines si les collections du musée ne répondaient pas à l'intérêt qu'on a suscité à leur endroit. Dans les relations avec le public, c'est le musée lui-même et non la propagande qui est le facteur essentiel et permet d'obtenir des

résultats féconds»<sup>(219)</sup>. O Museu Etnológico, de maneira silenciosa, pelo próprio interesse que suscita, continua a obter resultados satisfatórios nas suas relações com o público<sup>(220)</sup>, conforme se verifica pela documentação extraída do seu arquivo (Vide Apêndice IX).

### G) O ESTADO ACTUAL DO MUSEU ETNOLÓGICO

Nas páginas antecedentes, esboçou-se o quadro da evolução do Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos (1930-1953, 1954-1964) no que concerne o incremento das suas explorações arqueológicas, das investigações etnográficas, das recolhas antropológicas e numismáticas, a ampliação e enriquecimento consequentes das suas colecções, no que respeita à sua actividade científica e cultural, e ao seu contacto com instituições congêneres ou outras, e com o público em geral.

Importa agora conhecer, em breve relance panorâmico, e comparativamente, o seu estado actual, tanto quanto possível em referência às modernas concepções científicas e museológicas.

#### 1 — *As ideias do Fundador*

A ideia originária que, na mente do fundador, presidiu à criação e organização do Museu Etnológico foi por ele expressa no decreto instituidor (20 de Dezembro de 1893), no opúsculo *Museu Ethnographico Português* (1894-1895): «representar a parte material da vida do povo português, — isto é, tudo o que a esse respeito etnicamente nos caracteriza»<sup>(221)</sup>; e depois no folheto *Museu Ethnologico Português* (1897): «Este Museu tem por fim contribuir, pela exposição permanente de objectos respectivos a todas as epochas da nossa civilização, desde as mais remotas, para o conhecimento das origens, vida e caracteres do povo por-

<sup>(219)</sup> Cfr. *Museum*, volume IV — n.º 4, 1951, pág. 268.

<sup>(220)</sup> Também neste período, o Museu Etnológico, por duas vezes, teve a honra de ser visitado demoradamente por Sua Excelência o Presidente do Conselho, Prof. Doutor Oliveira Salazar.

<sup>(221)</sup> *Revista Lusitana*, III, pág. 193 (-250). Foi reimpresso na *Historia do Museu Etnologico Português*, págs. 13-83.

tuguês»<sup>(222)</sup>. Finalmente no art. 1.º do *Regulamento do Museu Etnológico Português* (decreto n.º 559, de 11 de Junho de 1914) determinava-se: «O Museu Etnológico Português destina-se a contribuir para o estudo das origens, carácter e evolução histórica do povo português, pela exposição permanente de objectos arqueológicos e etnográficos, e restos antropológicos, provenientes principalmente de Portugal.» Os estudos a que desde muito novo se dedicou, os vastos conhecimentos que adquiriu e foi alargando e aperfeiçoando, com o desenvolvimento das ciências do homem e dos agregados humanos, o contacto directo com terras estrangeiras, com seus museus e institutos culturais, com seus sábios e estudiosos, se ampliaram as concepções iniciais e modificaram planos, não alteraram o pensamento gerador fundamental.

Primeiramente alojado numa sala da Comissão Geológica, pouco depois abarcava também um claustro da Academia das Ciências de Lisboa, até que, por fim (1900), com o aumento incomensurável das suas colecções e com a agregação de novas secções de antropologia antiga e moderna<sup>(223)</sup>, o Museu foi transferido para a ala meridional do mosteiro dos Jerónimos, que breve se revelou insuficiente, pelo que foi necessário construir uma grande casa anexa, onde se acomodaram as secções neolítica, estrangeira, egípcia, de etnografia portuguesa, comparativa e ultramarina. Nestas condições, verifica-se que o Museu nunca teve um edifício científica e arquitecturalmente apropriado para o seu fim, e que foi mercê do esforçado labor do seu incansável director e do seu diligente pessoal que ele se foi adaptando às circunstâncias ocasionais de novos e necessários alojamentos.

Os especialistas e estudiosos nacionais e estrangeiros, as escolas e o público em geral tinham perante si, no Museu Etnológico, um quadro desenvolvido da etnologia portuguesa, representada nas suas diversas secções, por ordem cronológica dos povos e civilizações que transitaram pelo território hoje nacional e que, em certo sentido, contribuíram para a formação da nação portuguesa. Com aquela ordem concorria a elucidação topográfica, de grande importância documental. E, com a agrega-

---

(222) Reimpresso na *História do Museu Etnológico Português*, págs. 91-92.

(223) Decreto de Elvino de Brito, de 28 de Dezembro de 1899. V. *Hist. do Museu Etnológico Português*, pág. 3.

ção daquelas novas secções, alargou-se a visão inicial à imperialidade e universalidade portuguesas.

Escrevia o fundador em 1897: «Com quanto se procure dar aos objectos certa disposição artistica, e haja de se attender a diversas condições materiaes de installação, o que pois principalmente se deve buscar no Museu é o methodo scientifico da classificação e do arrumo, de modo que os objectos fallem, por assim dizer, mais à intelligencia do visitante do que aos olhos. Não se estranhe por isso se, ao lado de um bello instrumento de silex, de osso ou marfim, se vir um caco, ou se ao pé de uma estatua de marmore estiver uma inscripção partida: é que ás vezes, só por um caco, pela natureza da sua pasta, pela sua superficie alisada ou tosca, pelo seu bôrdo, pela sua ornamentação, póde determinar-se uma data e uma filiação historica; e só pelo fragmento de uma epigraphie pode também resolver-se um problema importante, a exacta situação de um *oppidum*, a decifração de um texto litterario obscuro, a restituição de uma palavra, ou até de uma lingua antiga»<sup>(224)</sup>.

O «Mestre da Lusitanidade», que tinha, como ninguém, a preocupação íntima e ardente de se fazer entender por todos, preocupação bem palpável e patente na sua simplicidade e acessibilidade expressionais, pretendia certamente conjugar a intellecção ergológica e epigráfica com a apresentação estética, sem que esta pudesse obnubilar aquela, sem dúvida cientificamente mais importante. A exposição e seriação cronológica dos materiais arqueológicos, etnográficos, antropológicos e numismáticos, com tabuletas e letreiros explicativos, em caracteres grandes e pequenos, indicativos das épocas, dos objectos e localização geográfica, era certamente elucidativa e até edificante; porém deixava ao público as inferências inerentes à história propriamente dita, à evolução material e espiritual do povo português desde as suas origens até o presente. Mas aquele público não possuía geralmente a preparação cultural para fazer tais induções, pelo que da sua presença passiva poucos conhecimentos podia auferir, e isto sucedia e sucede ainda hoje, *mutatis mutandis*, com a grande maioria dos museus, pelo que a afluência de visitantes ao Museu Etnológico e aos museus de então, em geral, apesar da gratuitidade de

---

(224) No folheto *Museu Ethnologico Português*, reproduzido na *Hist. do Museu Etnologico Português*, pág. 91.

entrada, não se pode comparar com a de agora, que, de 1955 a 1960, revelou, em todo o mundo, um acréscimo da ordem dos 40 %<sup>(225)</sup>.

O Mestre acalentava a ideia, nitidamente expressa<sup>(226)</sup>, de que a comunicação do Museu Etnológico Português com o público devia ter carácter de permanência e de perenidade, para bem cumprir a mensagem científica e pedagógica que se lhe impunha. Todavia a força das circunstâncias, superiores aos desígnios do sábio, e as conveniências de salvaguarda levaram-no à inevitável ocasionalidade de exposição: a sala do neolítico, ainda depois de organizada e bem alojada e acomodada, não podia estar sempre exposta aos visitantes por falta de pessoal acompanhante. Também a colecção de ourivesaria aguardava acomodação e exigia a maior responsabilidade de recato e segurança.

Também o Museu Etnológico, depois de anexado pedagogicamente à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, serviu de escola, pois nele se deram, em proveitosa presença das realidades do seu conteúdo, aulas de Arqueologia, Epigrafia e Numismática.

Como se disse, o Museu Etnológico Português teve três órgãos de publicidade que patentearam em Portugal e no estrangeiro o seu movimento científico nos campos da etnologia, da etnografia e folclore, e até nos da filologia, história e literatura.

Assim pois, o Museu Etnológico desempenhou, digna e brilhantemente, as suas altas funções e a sua missão dentro das concepções museológicas epocais: fazer ciência e divulgação do saber, realizar obra educativa nacional e patriótica, articular a cultura portuguesa com a estrangeira, integrando diligente e prestigiosamente Portugal no movimento científico internacional<sup>(227)</sup>.

---

<sup>(225)</sup> Luc Benoist, *Musées et Muséologie*, pág. 115, Paris, Presses Universitaires de France, 1960.

<sup>(226)</sup> *Hist. do Museu Etnológico Português*, pág. 91. Na reprodução do citado folheto de 1897.

<sup>(227)</sup> Sobre o assunto, veja-se: António Manuel Gonçalves, *O Museólogo José Leite de Vasconcelos*, nas *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, págs. 45-61, Lisboa, 1959.

2 — *Museologia*

Se procurarmos alcançar o sentido originário do vocábulo *museu*, temos de ir buscá-lo etimologicamente ao substantivo grego μουσείον, «templo ou residência das Musas, lugar onde se cultivam as artes, a poesia, as ciências, escola», substantivo que, por intermédio do latim *museum*, «templo das Musas, museu, biblioteca, academia, edifício destinado ao estudo das artes, das ciências e das letras», transitou para as línguas românicas, germânicas e eslavas, com o sentido que já tinha em latim, ou com outro mais amplo, embora mais especializado.

Um museu é uma instituição de referência exclusivamente humana, como tudo o que no mundo existe, segundo já ponderava o nosso infante D. Pedro, em adaptação do divulgado conceito ciceroniano: «Tulyo Cicero, gracioso rectorico, diz em o seu Liuro dos Benefiçios, que todalas cousas que se geeram em a terra foram criadas pera uso dos homeês. E elles naçerom em aqueste mundo pera de sy meesmos rreçeberem proveyto»<sup>(228)</sup>. Na verdade, quer se trate de um museu de história natural (zoologia, botânica, mineralogia, geologia, paleontologia, etc.), de ciências (matemática, física, química, astronomia, etc.), de arte (escultura, pintura, ourivesaria, etc.), de indústrias, ou outro qualquer, todo o seu recheio foi reunido com o fim de conceder ao homem o benefício da cultura em qualquer dos ramos da sua própria sabedoria. É uma escola, uma oficina de pensamento e de acção, um centro de estudo e divulgação científica, um laboratório, tudo o que, para bem servir, deve estar dentro da orientação praxeológica moderna. A sua origem assenta no que se poderá chamar um *eros coleccionista*, um instinto de natureza complexa e variada, individual ou colectiva, em regra este proveniente daquele, uma tendência e uma capacidade que não são exclusivamente humanas. Esta tendência e esta capacidade caracterizam-se no homem, como acção desinteres-

---

<sup>(228)</sup> *Trauctado da Uirtuosa Benfeitorya*, pág. 133, da ed. de Joaquim Lopes, Porto, Imprensa Portuguesa, 2.ª ed., 1940. O texto latino é, no *De Officiis*, Livro I, 7: «... quae in terris gignuntur, ad usum hominum omnia, creati, homines autem hominum causa esse generatos, ut ipse inter se aliis prodesset possent»; na versão daquele livro pelo infante D. Pedro: «as cousas que som geeradas na terra som criadas pera huso dos homeens e os homeens som geerados hũns pera os outros, em tal guisa que hũns aproveitem aos outros»; *Livro dos Ofícios*, pág. 18, da ed. de J. Piel, Coimbra, nos *Acta Universitatis Conimbrigensis*, 1948.

sada, pela gratuidade, por vezes por um egoísmo requintado, outras por um forte espírito de sacrifício que, em diversos casos, transcende os lindes do senso comum e do decoro humano. Enfeixado em outros eros (social, estético, político), alimenta-se de preocupações estéticas, científicas, religiosas, políticas, sociais, pedagógicas, etc., etc. e não tem limitação, pois vai desde a sublimação artística até à mais esquisita extravagância, abrangendo ocasionalmente aspectos psicopatológicos (por exemplo o pornográfico, que aliás reflecte o instinto genésico animal, o cleptomaníaco, etc.). Há coleccionadores de obras de arte (desenho, pintura, escultura, ourivesaria, cerâmica, faiança, etc.), de livros (bibliomania, bibliofilia), de móveis, de moedas, de selos, de animais, de ferragens, de candeias, de antiguidades, de trajos, de calçado, de armas, de vidros, de caixas de fósforos, de cintas de charutos, etc., etc.. Alguns, depois de guardarem ciosa e avaramente as suas colecções, legam-nas generosamente ao Estado, a instituições públicas, a fundações, a escolas, etc. (229).

Quase que é desnecessário realçar o significado e a importância dos museus, centros de irradiação cultural de vasta projecção, arquivos de riquezas incalculáveis de todas as espécies que constituem o mais valioso património das nações, viveiros de sábios, artistas, e estudiosos de toda a ordem, retiros de aprazível sedução espiritual, onde a mente repousa, instruindo-se, documentando-se, educando-se, pontos de reunião e de convívio intelectual, lugares evocativos de valores nacionais — constituem o santuário de venerandas relíquias pátrias. Todo o museu representa uma mensagem multivalente na transmissão e transfusão de valores, na intellectualização desses valores de perenidade e de eternidade. Pondera o museólogo francês Luc Benoist que um povo sem museu é um

---

(229) Muitos museus, como se sabe, provêm de colecções particulares individuais ou familiares, amorosamente reunidas por amadores de várias castas de objectos, depois patrioticamente cedidas ou entregues em benefício público. Dos portugueses podem mencionar-se o «Museu de Rafael Bordalo Pinheiro» (Lisboa), o «Museu de Artes Decorativas do Dr. Ricardo Espírito Santo» (Lisboa), o «Museu da Fundação de Calouste Gulbenkian» (Oeiras — Lisboa), a «Casa-Museu de Guerra Junqueiro» (Porto), a «Casa do Pintor Vitorino Ribeiro» (Porto), a «Casa-Museu de Teixeira Lopes» (Porto — Gaia), a «Casa-Museu de Abel Salazar» (Porto), a «Casa-Museu de Fernando de Castro» (Porto), «Museu de José Relvas» (Alpiarça), «Museu da Colecção de Anselmo Braamcamp Freire» (Santarém), «Museu-Biblioteca dos Condes de Castro Guimarães» (Cascais), «Museu Regional de Francisco Tavares Proença Júnior» (Castelo Branco), «Museu de Azuaga» (Vila Nova de Gaia), etc., etc..

povo sem tradição e sem alma, e que a arte não vale senão por esta revocação das tradições passadas <sup>(230)</sup>.

Em geral, assinalam-se aos museus três objectivos fundamentais: *a)* fazer investigações e divulgação científicas, por intermédio de publicações próprias ou estranhas; esta é necessariamente a sua função específica; *b)* cooperar na obra pedagógica e educativa de formação intelectual, social, estética e de elucidação patriótica nacional; *c)* promover o intercâmbio cultural nacional e internacional.

Em teórica e problemática museológicas, importa considerar aspectos gerais e especiais, todos aliás compreendidos dentro de uma praxeologia <sup>(231)</sup> genérica fundamental: *a)* a teoria e os problemas do alojamento com as implicações de localização, arquitectura, espaço utilizável, sanidade, etc.; *b)* a teoria e a problemática da organização eficiente (praxeologia); *c)* a teoria e os problemas da comunicação; *d)* a teoria e a problemática da frequência; tudo isto com vista a uma pragmatização eficaz e actualizante.

*a)* Como institutos científicos de carácter pedagógico, os museus devem ter uma situação apropriada, insulada ou integrada num conjunto local, consoante sejam de função independente ou dependente de outros institutos, ou da Universidade (cidade universitária). Neste caso, que é, como se pensa, o do futuro Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, a sua localização deve obedecer aos princípios consignados e consagrados na legislação escolar internacional, e também na nacional, e ainda nos da organização museológica. Os edifícios escolares devem assentar

<sup>(230)</sup> *Musées et Muséologie*, pág. 120.

<sup>(231)</sup> A palavra *praxeologia*, em aportuguesamento do francês *praxéologie*, de formação recente, assenta nos termos gregos *πρᾶξις*, «acção, exercício, execução, realização, movimentação, empresa, negócio, ciência do governo, função, cargo, comportamento, resultado de acção, mutação», e *λόγος*, «palavra, definição, exemplo, conversação, discussão, narrativa, história, composição em prosa, discurso, obra, tratado». É de aceitar o vocábulo em português — onde não existia — com o sentido de «organização, realização, eficiência», tanto mais que temos o termo «praxe», da mesma origem, por intermédio do latim *praxe*.

em terreno muito amplo, plano, de certa elevação, seco, não sobreposto a toalhas de água, nem em zona sísmica, arejado, sem fracturas, batido do sol, bem iluminado, dessalitrado, desacidificado, de fácil ajardinamento e arborização, afastado de centros fabris, quartéis, cemitérios, limpo de tabernas, locandas, estabelecimentos insalubres e ruidosos, em centros de futuros aglomerados urbanos, mas de largo, franco, rápido e fácil acesso público. A superfície deve ser bastante vasta, facultativa de futuras extensões e amplificações, posteriormente valorizadas e encarecidas, com cintura ou zona de protecção, proibitiva de construções particulares. Os edifícios devem obedecer, não sòmente aos princípios gerais dos imóveis escolares (orientação, exposição, disposição, integração ou desintegração, etc.), mas também e sobretudo aos de ordem museológica especial, não contraditórios daqueles. O *Programa para a Instalação do Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos na Cidade Universitária*<sup>(232)</sup>, do Prof. Manuel Heleno, adiante reproduzido (Apêndice VIII), é particularmente elucidativo a este propósito, no que concerne àquele museu.

b) A pragmatização dos três objectivos fundamentais dos museus, supra-assinalados: 1) investigação e divulgação científica por intermédio de publicações próprias ou estranhas, sua função específica; 2) cooperação na obra pedagógica e educativa de formação intelectual, social, estética e de elucidação patriótica nacional; 3) promoção do intercâmbio cultural nacional e internacional, consubstancia-se no seguinte:

1) na integração de pessoal técnico especializado em investigações concernentes às colecções do museu (de arqueologia, etnografia, antropologia, numismática, pintura, escultura, ourivesaria, etc.);

2) na organização conveniente e eficiente da apresentação dos espécimes museais; publicação de guias, roteiros, gravuras apropriadas; visitas guiadas, cursos, conferências, palestras com auxiliares audio-visuais; propaganda, etc.;

---

<sup>(232)</sup> Este *Programa* foi elaborado em cumprimento da portaria de 24 de Novembro de 1955, publicada no *Diário do Governo*, II série, n.º 275, de 26 do mesmo mês e ano, a qual nomeava uma comissão encarregada de dar parecer sobre a integração do Museu naquela cidade; foi reproduzido em 1965, no *Ethnos*, IV, 63-74. (V. Apêndice VII).

3) publicação de revistas, jornais, folhetos, obras, ilustrações referentes à especialidade do museu.

c) Um museu é, como se disse, um centro de estudos, uma escola de divulgação cultural especializada, acessibilizável ao público vulgar, e, como tal, no seu contacto com ele, tem de apresentar-lhe o seu conteúdo de forma totalmente elucidativa, para que ele possa colher e intelectua-lizar conhecimentos ali auferidos, e assim valorizar-se pessoalmente, e, colectivamente os seus familiares e círculos de amigos e conhecidos. Esta comunicação ou, melhor, socialização da cultura, consiste na ressurreição e dinamização das coisas mortas, que são, geralmente, os objectos dos museus. Compete dar-lhes vida, animá-los, insuflar-lhes realidade, chamá-los ao convívio do povo, integrá-los na sua compreensão, por meio de técnicas museológicas adequadas e pertinentes. O visitante não entende nem assimila o que desconhece no seu significado, no seu fim, na sua designação terminológica especial, consequentemente restrita, parcial ou inteiramente desconhecida.

Um museu tem, pois, necessariamente, de assumir um carácter funcional, seja qual for a sua especialidade. A exposição dos objectos dos museus pode ser de tipo permanente, semipermanente, intermitente, temporário, ocasional. Em regra, os museus apresentam o seu conteúdo, total ou parcial, permanentemente; mas, por vezes, interrompem essa exposição durante prazos relativamente pequenos, periódicos; outras vezes exibem-no só durante certo tempo, outras ainda de maneira esporádica. Num museu etnológico nacional que visa um determinado fim, como o do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, os objectos devem ser expostos permanentemente, sobretudo os essenciais e mais típicos; além disso a documentação científica exige que se vá completando a exposição — embora de poucos artefactos — com novos espólios de tipologias até então desconhecidas, ou escassamente conhecidas no país, e não registadas (no nosso caso os restos descobertos e recolhidos do paleolítico superior, do auri-nhacense, do perigordense, do proto-solutrense, do solutrense médio, do madalenense antigo) <sup>(233)</sup>, à medida que escavações e explorações os forem revelando. Se tal se não fizer, o público fica mal informado perante

---

<sup>(233)</sup> V. Manuel Heleno, *Um Quarto de Século de Investigação Arqueológica*, pág. 11 e segs.

supostas soluções de continuidade, que, de facto, deixaram de existir. Tudo isto surge porém, muitas vezes, em conflito com a angustiante falta de espaço, que se vai acentuando cada vez mais, consoante o incremento das investigações. Nestes casos, há o recurso à exposição semipermanente, intermitente, temporária ou ocasional, conforme com as necessidades de estudo, catalogação, apresentação e novo alojamento. A exposição ocasional de colecções, para objectos preciosos e raros de ourivesaria, pode fazer-se em tempo de lições, de visitas escolares, de grupos de intelectuais e de especialistas, etc..

A exposição deve fazer-se em determinado espaço, em edifícios especialmente construídos para museus, ou em outros que terão de ser adaptados criteriosamente, conforme as necessidades e as possibilidades. De modo geral e especial, o assunto já está devidamente esclarecido, e por quem de direito: «Para evitar a monotonia da apresentação dos objectos expostos ao público deve variar a extensão e a forma das salas; nalgumas delas dever-se-á tirar partido de vitrines incorporadas nas paredes; e muito convirá que a planta do edifício compreenda alguns cláustros, a fim de valorizar a apresentação dos objectos que se prestam a ser expostos ao ar livre»<sup>(234)</sup>.

A apresentação dos artefactos ao público tem de ser o mais completamente elucidativa possível. Não basta expô-los apenas com cartões escritos, que, embora indiquem a espécie de utensílio, a época a que pertence, o local do aparecimento, não o incluem numa evolução tipológica e cultural, numa área espacial, numa conjuntura temporal, não patenteiam visivelmente o elo da civilização em que se integra, nem a etnia ou etnias que serviu, numa palavra, o drama humano que evoca e representa. Para o especializado, que aliás não conhece tudo, poderia tal sistema dar algum resultado; contudo os museus não têm hoje a função única e exclusiva de documentar especialistas, letrados e simples estudiosos; mas também, e em grande escala, ilustrar os curiosos e o público em geral, alfabeto e analfabeto, e até invisual, que aufere tãtilmente o conhecimento de objectos de três dimensões. Importa pois utilizar guias, mapas, cartas, quadros, gráficos, dísticos, letreiros, tabuletas, alto-falantes, audições, que expliquem e esclareçam, que definam os termos técnicos necessários, que

---

(234) V. o citado *Programa*, pág. 9.

orientem o visitante, que não pode inferir nada do que vê e total ou parcialmente desconhece.

Um aspecto desse carácter funcional — aliás bem velho, manifesto no ciceronismo que recita descritivos em língua nacional ou estrangeira, mas sem cunho educativo e colectivo — é o das visitas guiadas e das lições proferidas por especialistas e técnicos. Estamos caminhando rapidamente nesse sentido, como se tem verificado em vários museus nacionais, inclusivamente no do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, conforme anteriormente se referiu. Outro é o dos cursos e conferências, com projecções ou películas cinematográficas. Importa, outrossim, em museus desta classe, reconstituir, em quadros e dioramas sugestivos, aspectos fundamentais da vida primitiva, em grutas e cavernas, ao ar livre, cenas de caça e pesca, de fabricação de artefactos, de vida agrícola e doméstica, etc., etc.. A lição da visita seria assim, em processo associativo, mais vasta e mais fecunda e imprimiria dramaticamente na psique do visitante noções que de outro modo não alcança facilmente.

Outro aspecto, e muito importante, é o da apresentação linguística dos objectos e das ideias inerentes. O visitante comum, embora alfabeto, não conhece nem compreende a terminologia técnica especial que lhe apresentam os museus e o seu conteúdo. Se pode entender facilmente o que significa *Museu Nacional de Arte Antiga*, já não abrange com a mesma simplicidade o que quer dizer *Museu de Arte Contemporânea*, porque o adjectivo lhe é possivelmente desconhecido; também não deve abranger o sentido ideológico de *Museu de Arte Sacra*. Com a expressão *Museu Etnológico* sucede o mesmo, pois ignora a significação do qualitativo; e isto acontece com os vocábulos *arqueologia*, *etnografia*, *pré-história*, *paleolítico*, *neolítico*, *eneolítico*, *mesolítico*, *solutrense*, *Homo sapiens*, *fibula*, *simbologia*, etc., etc., não contando já com palavras do léxico vulgar, como *aprestos*, *arte esquemática*, *congêneres*, *duriense*, *ganadaria*, *incisa*, *instituições*, *lápides*, *pagãs*, *retábulos*, *tracção*, *virtuosismo*, etc., etc.. Este nível linguístico está certamente muito longe do visitante alfabeto vulgar, que, quando muito, terá o exame de instrução primária, mas já esquecidas as matérias programáticas e até o Português que lhe ensinaram. Terá pois de se descer, não a um degrau inferior a este, mas, pelo menos, até ele: apresentar os objectos com a teoria, sim, mas em linguagem acessível, — com explicação dos termos técnicos, que

devem ir entre parênteses — sugestiva, simples, corrente, em frase precisa e concisa, curta, gramaticalmente correcta, e em lídimo português, sem a mácula do estrangeirismo desnecessário, inútil e deseducativo. De contrário, os museus adquirirão uma feição excessivamente especializada e culta, e não cumprirão na integra a sua altíssima e pedagógica missão.

O visitante vulgar não sabe latim, como o aluno de instrução primária, das escolas técnicas, do curso geral e complementar dos liceus (Ciências), das escolas normais primárias, das Faculdades de Ciências, de Medicina, de Engenharia, de Economia, etc.. Importa pois que as inscrições latinas (e gregas) sejam traduzidas em vernáculo, para que estas manifestações espirituais dos nossos antepassados lusitano-romanos não fiquem desprovidas de sentido para os seus modernos descendentes portugueses.

A técnica da exposição dos objectos comporta salas de dimensões variadas, em geral vastas e compridas, onde possam seriar-se os objectos segundo a sequência das épocas e das culturas, em esquema tanto quanto possível evolutivo, salas que aliás têm o inconveniente das longas e fatigantes perspectivas; o efeito obtém-se da mesma maneira com salas de menor tamanho dispostas em sucessão: sala do paleolítico, sala do neolítico, sala do bronze, sala do ferro, etc., etc..

No que concerne a técnica da apresentação, disposição e valorização relativa dos objectos de pequenas ou grandes dimensões (micrólitos e macrólitos, etc.) tem ela de ser variável e têm de considerar-se os problemas da integração em conjuntos de explorações ou escavações locais, da posição, do realçamento, da iluminação, natural, artificial ou mista, monofocal, bifocal ou multifocal, lateral, cimeira, clara, azul, amarela, vermelha, etc., (luminotécnica). Uma colecção de micrólitos perde naturalmente com a disposição horizontal em chapa vítrea transparente, mas ganha certamente com a colocação em suporte, em disposição fascicular, cordiforme, circular, quadrangular, cilíndrica, piramidal, cónica, etc., de material lítico diferente (sílex, quartzito, etc.); um núcleo de machadinhos polidos poderá figurar com disposição idêntica ou outra mais adequada. Quanto melhores, mais sobressalientes, mais atraentes, e mais sugestivas forem a apresentação e a disposição, tanto mais facilmente se concentrará a atenção do visitante e tanto maior será o efeito de vária ordem produzido.

A disposição dos mostradores, preferentemente de sólida e elegante armação metálica, não deve ser acumulativa, mas sim bem espaçada e até possivelmente com incorporação parietal, de modo que faculte fácil e des congestionada circulação dos visitantes, individualmente e em grupos. Processo que se usa em vários museus, e que em parte se utiliza no Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, é o da disposição que permite seguir e verificar, através da ergologia e da simbologia respectivas, a evolução de determinada actividade essencial à vida do homem: caça, pesca, pastoreio, traje, iluminação, transportes, religião, superstições, metrologia, etc., etc..

Outro aspecto da comunicação com o público, de carácter bem educativo, é a vulgarização cultural do conteúdo museal. Se o museu tem publicações de cunho altamente especializado e erudito que documentam e comprovam a sua actividade científica e literária, e que facultam e beneficiam o intercâmbio especial nacional e internacional, — também deve ter outras de feição popular, bem elucidativas, destinadas e acessíveis às classes menos instruídas, mas desejosas de se esclarecerem.

O objecto fundamental da praxeologia é, como se viu, a eficiência da organização, seja qual for o ramo da actividade humana em que hoje tem forçosamente de se aplicar. Os serviços do Estado, de que necessariamente depende o bem público, têm a sua orgânica regulada por legislação convenientemente adequada. No sector da educação, bastante complexo, por abranger problemas de grande responsabilidade de formação da juventude e implicitamente de formação nacional total, cumpre salvaguardar os valores do património nacional que hão-de apresentar-se e comunicar-se para fins educativos. Tal salvaguarda e tal comunicação competem naturalmente aos institutos a que estão confiados os serviços respectivos.

Nestas condições, tais institutos, detentores de materiais e bens próprios nacionais destinados à comunicação com o público e à sua educação, necessitam de possuir inventários, catálogos e guias que facilitem as suas funções de salvaguarda, de investigação, de educação e de intercâmbio cultural. Os museus têm inventários, isto é, livros de registo de entradas, de posse, de conservação, de comunicação das espécies à sua guarda multifuncional. Está implícita na sua organização a precisão identificativa dos objectos, com todas as minúcias inerentes: descrição, nume-

ração, proveniência e circunstâncias da aquisição, preço ou valor, e, dentro das possibilidades, a sua colocação, referência a catálogos e a publicações onde figurem ou tenham sido estudados; portanto os lançamentos devem ser feitos, deixando-se espaço suficiente para futuros acrescentos identificativos e informativos.

Os catálogos podem ser:

a) de carácter interno, isto é, instrumentos de trabalho museal, de consulta, de identificação e estudo dos objectos, de feição técnica especializada, descritivos, sem categorização rígida, de modo que possa permitir-se futura e precisa classificação, atribuição ou integração dos mesmos; devem necessariamente conter a descrição pormenorizada dos espécimes: material, forma, medidas (tridimensionais), oportunamente o peso, origem local, proveniência e identificação publicitária. A propósito de catalogação de objectos do Museu Etnológico, escreveu judiciosamente o Dr. Félix Alves Pereira: «... como o número de objectos aumenta constantemente, ora em uma série ora em outra, é evidente que, numeradas e catalogadas as existências em determinado momento, as posteriores aquisições vão sendo catalogadas pelo acaso da sua entrada no Museu, sem consideração da categoria a que pertencem.

É o senão de uma só numeração geral; mas seriam ainda maiores os inconvenientes de tantas numerações quantas as classes ou categorias de objectos.

O Museu Etnológico Português compõe-se de objectos: a) *arqueológicos*; b) *etnográficos*; c) *antropológicos*. É óbvio que a numeração dos primeiros deve ser independente da dos segundos. Mas entre aqueles encontram-se bastantes que, pela sua natureza, pertencem à terceira; sem embargo, pelas condições do seu encontro são inseparáveis das colecções arqueológicas. Daqui resulta que não há necessidade de estabelecer numeração diferente para a colecção antropológica, e fazê-lo poderia originar confusões.

Quanto à descrição técnica dos exemplares, o catálogo pauta-se pela terminologia dos tratadistas mais autorizados.

Preferiu-se, especialmente no paleolítico, não fazer a classificação tipológica das peças arquivadas, porque, se há objectos que actualmente não oferecem dúvida, nem dificuldade na sua determinação, há muitos outros que são susceptíveis de conceito vário ou podem vir a sê-lo, e

portanto mais prudente é descrever os objectos tais como eles se apresentam, deixando a sua denominação ou nomenclatura para as monografias de estudo.

Descendo agora à parte técnica do assunto, cada exemplar de indústria preistórica lítica é descrito tendo em consideração: 1.º, a sua natureza petrológica; 2.º, o ser lascado ou talhado (paleolítico) ou polido (neolítico), não esquecendo que nesta última fase o uso da pedra lascada não foi pôsto de parte; 3.º, a sua forma ou contôrno geral; 4.º, as suas dimensões; 5.º, a sua procedência ou origem local.

A descrição incide especialmente sôbre as três primeiras indicações. Para definir a sua fôrma ou contôrno, é necessário observar geomètricamente a sua figura, o aspecto das suas faces, dos seus bordos, das secções transversal ou longitudinal, das suas extremidades, da pátura, o seu estado de conservação, por vezes o seu grau de acabamento.

Conforme a indústria da pedra a que o exemplar observado pertence, assim se deve atender à preponderância de um ou outro destes elementos de descrição. Por exemplo: a *pátina* tem menos importância num instrumento de pedra polida do que em outro de pedra lascada, tendo alguma o grau de polidura, isto é, de trabalho a que a pedra foi submetida. A consideração das faces e dos bordos, em um núcleo, quasi não tem cabimento.

Em peças típicas e clássicas do paleolítico, da sua mera descrição, mesmo sem figura ilustrativa, ressalta o género de utensílio de que se trata; por exemplo: um *coup-de-poing*, cuja tipologia se define por vezes com a simples referência à sua forma amigdalóide, embora haja outras variedades de fôrma, como a triangular, ovalar, lanceolada, cordiforme.» Depois faz observações de ordem terminológica e técnica inerentes à catalogação das espécies museais. (*Catálogo do Museu Etnológico Português, Considerações Preliminares, em O Archeologo Português, XXV, 251-252, Lisboa, 1922*). Também o *Programa* do Prof. Manuel Heleno prevê a organização de uma sala para recepção e classificação do material (pág. 16), trabalho preliminar dos serviços de inventariação e catalogação interna. Os inventários e catálogos internos devem ter acesso ao público estudioso, mediante autorização da direcção do museu;

b) de carácter externo, isto é, publicações destinadas a orientar a visita e elucidar o público sobre o significado do museu, a sua história,

o seu fundador ou fundadores, as colecções expostas, e não expostas, a proveniência dos objectos com os nomes dos seus doadores, quando oferecidos, a sua utilidade ou serventia, as suas dimensões, número de inventário e de catálogo interno, sem quaisquer minúcias perturbadoras, tudo redigido em linguagem simples, correcta, sem excessiva terminologia técnica especializada, mas com os termos técnicos empregados devidamente explicados e esclarecidos, enfim bem expressiva e bem acessível ao comum das pessoas. Deverão ser bem ilustrados com reproduções dos objectos mais representativos do museu.

As guias ou roteiros devem comunicar ao público, sumariamente a significação do museu, a sua utilidade, a natureza das colecções, o itinerário da visita, o conteúdo das salas, mostradores, etc., a utilidade dos objectos, sem qualquer minúcia desorientadora, tudo escrito com simplicidade, apenas com a terminologia técnica indispensável, mas devidamente explicada e esclarecida. Devem ser ilustrados convenientemente com reproduções fotográficas e artísticas dos espécimes mais importantes do museu, mapas, gráficos, quadros, esquemas, plantas, etc.

Todo o museu deve possuir um conjunto ou instalação de aparelhagem sonora apropriada aos serviços de comunicação com o público: magnetofone-gravador, amplificadores de som, alto-falantes, microfones, etc., o que de mais moderno e melhor houver, para que se possam fazer visitas guiadas e orientadas, em grupos de vinte a trinta pessoas, devidamente acompanhadas por um funcionário, mas esclarecidos por meio da aparelhagem. No caso de um museu etnológico, deve este possuir colecções de gravações de canções populares nacionais, músicas tradicionais, coros, recitais de teatro popular, quadras, romances populares, etc..

A comunicabilidade dos museus com o público lucra extraordinariamente com a aliciação, a sugestão, o prazer estético, o deleite intelectual, a atracção cultural e a sedução artística que eles lhe possam proporcionar sem esforço e fadiga física e mental.

Se, por um lado, o museu, na sua comunicação com o público procura oferecer-lhe aliciantemente, e com o fim de o educar e valorizar, um conspecto variado e instrutivo dos diversos aspectos da actividade material e espiritual do homem, é natural que espere do público, prin-

principalmente do visitante interessado e culto, a sua colaboração positiva e valorativa em prol do museu, pelo menos na forma de sugestões escritas, sensatas, criteriosas e fundamentadas, para a melhoria dos serviços museais. Há anos, a Biblioteca Nacional de Lisboa tinha afixado à entrada um letreiro neste sentido.

d) Além dos objectivos e funções supra-enunciadas, têm os museus outro fim também altamente importante: recolher, salvaguardar, conservar, inventariar, estudar e realçar valores do património nacional. Conhecem-se e conjecturam-se as perdas incalculáveis que, por várias razões — cataclismos, guerras, revoluções, destruições, demolições, roubos, extravios, etc. — se têm verificado em todo o mundo e que tem desfalcado grande e irremediavelmente a herança material e espiritual das gerações passadas e até das presentes. As necessidades primárias e imperiosas da vida, a ignorância, a incúria, o desinteresse, a falta de instituições museais têm, por outro lado, superado o amor da cultura, da arte e do saber. Todavia, já desde a antiguidade, aqui e ali, surgiram colecionadores, particulares e oficiais, que reuniram tesouros de vária natureza, e amorosamente os conservaram e altruisticamente os integraram na cousa pública.

Uma vez criada uma instituição desta espécie, importa necessariamente, preservar, conservar, actualizar progressivamente os seus conteúdos, em benefício do interesse social e cultural. Criaram-se técnicas de conservação e preservação apropriadas, de restauro, de restituição, reconstituição, identificação, datação, de valorização em suma, dos objectos museais de toda a espécie. A pintura, a cerâmica, a arqueologia em geral, e outros ramos da ergologia, beneficiaram altamente com a invenção e utilização dessas técnicas. Interessa pois formar-se pessoal devidamente instruído e adestrado a fim de se evitar a perda ou deterioração dos objectos museais. Muitos museus têm hoje as suas oficinas de restauro, os seus laboratórios de reconstituição, de identificação, datação, etc., em que se usam processos científicos de valorização de toda a ordem. Teve e tem o Museu Etnológico pessoal habilidoso que reconstituiu peças de várias espécies, como se verifica dos seus mostradores, e o *Programa* supra-citado prevê a criação de laboratórios daquela natureza, de com-

plexidade variada: gabinete de espectrografia, raios X e luz de Wood; laboratório de análises químicas sumárias, laboratório de petrologia, laboratório de antropologia, laboratório de paleozoologia, laboratório de paleobotânica, laboratório para a datação por processos físicos, oficina para trabalhos de conservação e restauro de metais, além de gabinete de fotografia devidamente apetrechado, — tudo o que, enfim a ciência e a técnica puseram ao serviço da museologia hodierna<sup>(235)</sup>.

Se a um museu se impõem hoje tarefas desta ordem, bem variadas e complexas, que requerem pessoal de diversa cultura e altamente especializado, que possa valorizar cientificamente os objectos, outro escopo, e não menos importante, se lhe assinala: o de não deixar estagnar ou morrer a investigação no ramo da sua especialidade, o de aumentar e enriquecer constantemente, e na medida do possível, as suas colecções, estudá-las e trazê-las ao campo da ciência e da educação pública: aqui, também o citado *Programa* prevê esse trabalho, quando preconiza a criação de dependência destinada à recepção e classificação de material<sup>(236)</sup>; também para isso se necessita de pessoal técnico, de larga cultura geral e cientificamente especializado: investigadores, conservadores, colectores, naturalistas, preparadores, técnicos de escavações, etc..

e) O que vai aqui esboçar-se articula-se intimamente com o que anteriormente se disse dos problemas da comunicação com o público.

A problemática da frequência dos museus reveste, como se sabe, entre outros, aspectos de ordem sócio-cultural, de índole psicológica, e de feição económica.

Nos tempos que vão correndo, em que as preocupações nacionais e internacionais incidem grandemente na sociologia do saber e na socialização da cultura<sup>(237)</sup>, em que por toda a parte se procura derramar a luz da informação, da instrução e da educação, em que se movimentam campanhas de alfabetização das camadas populares, em que se força o

<sup>(235)</sup> V. o referido *Programa*, pág. 16.

<sup>(236)</sup> Pág. 16.

<sup>(237)</sup> Vide L. M. Guyot, *L'Art au Point de Vue Sociologique*, Paris, Felix Alcan, 5.<sup>a</sup> ed. 1901; em que o moço filósofo dilucidou a problemática do carácter sociológico da arte, a natureza social da emoção artística, o génio como potencialidade socializadora e criadora do meio social, a ideologia filosófica na poesia, o estilo como meio de expressão e instrumento de simpatia,

acesso à escola e se propicia mesmo a sua gratuidade com a concessão de bolsas de estudo oficiais e particulares, com a facilidade de transportes, de alimentação em cantinas; em que a aliciação da propaganda dos jornais, revistas, televisão, radiodifusão, conferências, palestras de carácter científico, literário e cultural, cinema e tele-escola, a escola, que cada vez mais interessa os alunos nas visitas aos museus — causas de origem externa (extra-museal); em que se elaboram e executam programas de visitas diurnas e nocturnas guiadas e orientadas, se fazem palestras com projecções ilustrativas, se apresenta disposição atractiva, elucidativa e aliciante das colecções, se dá esclarecimento escrito e audio-visual, se proporcionam audições musicais concomitantes e se faculta mesmo a entrada grátis — causas de origem interna (intra-museal), — não é muito de admirar que a frequência dos museus aumente constantemente, e até em proporção rapidamente crescente, como anteriormente se disse. Museus há em que a frequência é assombrosa; Luc Benoist assinala em dois museus europeus, do mesmo país, em 1956, 880 000 e 1 500 000 <sup>(238)</sup>. Pierre Pradel informa que o museu de Skansen (Suécia), ao ar livre (secção do Nordiska Museum), é visitado anualmente por mais de um milhão de pessoas, e que os museus do Norte da Europa são mais frequentados que os do Sul <sup>(239)</sup>. O Museu Etnológico, segundo se disse e se verifica dos quadros e dos gráficos do Apêndice IX, também viu extraordinariamente aumentado o número dos visitantes, no decorrer dos últimos anos. Há todavia um óbice à frequência dos museus: em regra o período de abertura coincide com o das horas das actividades profissionais, e só ao domingo é permitido o acesso aos indivíduos ocupados toda a semana útil no seu ganha-pão. Já Andreas Lindblom, director do Nordisk Museet

---

a função moral e social da arte; Aloisio Dempf, *Filosofia de la Cultura*, trad. esp. de J. Perez Bances, Madrid, *Revista de Occidente*, 1933, em que o filósofo alemão disserta sobre a sociologia da cultura, as concepções sociológicas da cultura nos fins do século XIX; Max Scheler, *Sociologia del Saber*, trad. esp. de José Gaos, Buenos Aires, *Revista de Occidente*, 1947, em que o autor, entre outros problemas, trata da axiomática da sociologia do saber, da sociologia da ciência, da técnica e da economia, etc.; Afonso Silhermann, *Introduction à une Sociologie de la Musique*, trad. francesa de Pierre Bilhard, Paris, Presses Universitaires de France, 1955, em que se estudam as relações da arte musical com a vida social, a teoria do êxito, a socialização artística, a repercussão da música no público e a sua difusão e reacção deste, a sua *permanência, transitoriedade e efemeridade*, etc..

<sup>(238)</sup> *Musées et Muséologie*, pág. 118.

<sup>(239)</sup> Em *Les Musées*, inserto em Charles Samaran, *L'Histoire et ses Méthodes*, pág. 1037.

e Skansen, assinala o facto, preconizando o acesso a horas em que tal público esteja livre de ocupações, e organizando o horário do seu museu de acordo com este princípio<sup>(240)</sup>.

A sugestão e a aliciação psicológicas, individuais e colectivas, e museais próprias, também desempenham papel importante no acréscimo da frequência dos museus. Convém utilizar neste sentido os elementos que a psicologia nos ministra, para se alcançar o aumento da frequência em proveito geral. Deve-se atender ao papel da sugestão, da atenção, da volição, do hábito, da memória, do interesse, da inteligência, da afectividade que conduz à amizade e ao próprio culto (filia e latria).

Os fenómenos de natureza psicológica implicam em regra uma acção ou estímulo e a conseqüente reacção. A sugestibilidade, capacidade de aceitar uma ideia comunicada directa ou indirectamente pela palavra, pelo gesto, ou por uma excitação sensorial qualquer, resulta de contactos mais ou menos intensos, que redundam em sugestão ambiental, ou hetero-sugestão, em regra proveniente de um estímulo exterior, que se integra na consciência como impulso, exemplo, conselho, ordem, imperativo, etc.. Quando tal integração se identifica com a própria mente do indivíduo, em ciclos sucessivos, a consciência adquire um treino de se estimular

a si própria, do que provém a auto-sugestão, benéfica em muitos sentidos. A concentração da actividade da consciência sobre determinado objecto, com inibição de outros, que constitui o fenómeno da atenção, alcança-se por meio de estímulos sensoriais ou outros; um museu é para se ver (e também para se ouvir a explicação do seu conteúdo), e, con-



Fig. 41 — Cartaz do Museu do Louvre, Paris

<sup>(240)</sup> *Publicité, Relations avec le Public*, VIII, no *Museum*, IV, 267 e segs. (1951).

sequeamente, é necessário que os estímulos visuais, que devem partir sobretudo dos próprios objectos, sejam reforçados por meios externos, como a gama cromática, a intensificação da excitação, o arranjo dos contrastes, etc., etc.. Conta-se em regra com a atenção voluntária do visitante, de promoção intelectual, que muitas vezes olha, mas não vê; todavia importa concitar por aqueles meios ou outros a involuntária, que se detém na melhor sugestão e no mais vivo estímulo. Daqui poderá transitar-se para a volição, que, transformada em hábito, fomenta a aquisição memorativa, substrato da inteligência, da cultura, e finalmente na afectividade que transcende na filia geral, fautor da museofilia, quando não da museolatria.

Por um lado, o visitante conta sempre, ou quase sempre, o que viu



Fig. 42 — Cartaz do Museu Real de Etnografia, Leida, Holanda

aos seus familiares, aos seus amigos e conhecidos, como se disse, quando não os leva ele próprio e os acompanha ao museu; por outro lado, a *comunicação* do museu pelo seu *conteúdo visual e ideológico* pode aliciar o visitante, consoante a sua natureza. Este aprecia sem dúvida mais o que fala predominantemente aos sentidos, como o colorido dos quadros, a forma das esculturas, o aspecto externo e vivo dos objectos, tudo o que lhe fala mais à imaginação, sem o recurso difícil da intelecção, tudo o que, no dizer de Kant, é inteligível sem necessidade de ser compreensível, na sua concepção de arte. Não admira pois que um museu de arte, até mesmo industrial, agrí-

cola ou tecnológico, sejam mais frequentados pelo público, que prefere a sugestão visual ou dinâmica à interpretação difícil, por vezes subtil, da ergologia e das manifestações espirituais menos perfeitas e menos atractivas da vida das épocas transactas. A cativação do público em museus de arqueologia é mais difícil do que em museus de arte, de indús-

tria, e até de etnografia, em que por vezes se exhibe a vida tal qual é, com figurantes vivos (Skansen); contudo não faltam as técnicas especiais apropriadas e convenientes para os outros.

A sugestão e aliciação psicológicas fazem-se também por meio de intensa propaganda publicitária (Figs. 41 a 45), jornais, revistas, cartazes<sup>(241)</sup>, radiodifusão, etc., etc.. O director do Nordiska Museum e de Skansen (Estocolmo, Suécia) conta os processos de que aquele museu se serve: «Toutes les publications, telles que guides et brochures touristiques, ouvrages de référence, annuaires téléphoniques, contiennent des renseignements précis et faciles à trouver sur les heures d'ouverture, les droits d'entrée, les expositions, etc. Des communiqués de presse donnent des informations sur l'activité du musée et sont publiés chaque jour pendant la saison touristique, chaque semaine pendant le reste de l'année. Le musée fournit d'autre part à la presse nouvelles et informations utiles le concernant, et répond à toute demande que les journaux lui adressent. Nous pensons que les photographes de presse doivent avoir la plus grande liberté d'action dans les salles, étant donné que les articles de journaux constituent pour les musées un des moyens les plus efficaces de maintenir l'intérêt du public en éveil.

Les expositions temporaires et les aménagements

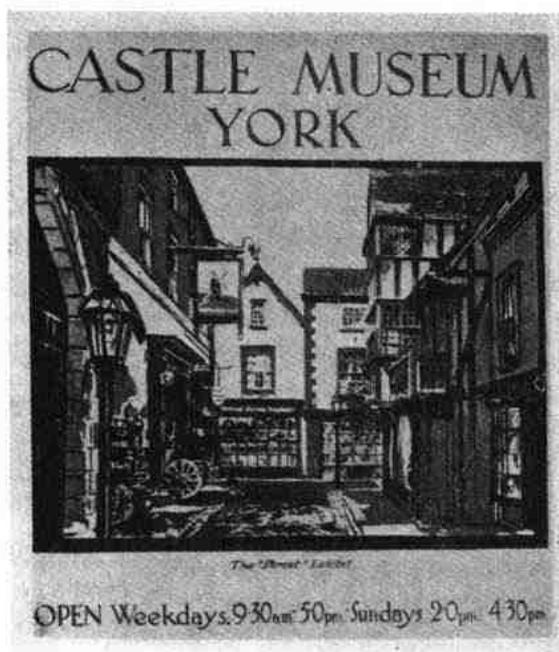


Fig. 43 — Cartaz do Museu do Castelo, York, Inglaterra

(241) Entre nós, por exemplo, o Museu de Marinha (Belém) coloca, a cem metros do seu edifício, um sugestivo cartaz de propaganda, no relvado contíguo às entradas principais do mosteiro dos Jerónimos e do Museu Etnológico. O cartaz, de autoria do ilustre artista Sr. Alberto Cutileiro, pintor do Museu de Marinha, vai aqui reproduzido (Fig. 45) por gentileza do seu director, Sr. comandante Jayme do Inso, a qual muito agradecemos.

novos são sinalizados por meio de cartazes colocados na cidade. O museu ao ar livre, Skansen, que constitui para os turistas uma importante atração, faz todo o ano o objeto de uma publicidade nos veículos de transporte em comum, não apenas em Estocolmo, mas também na província.

A abertura de uma exposição ou de novas salas dá lugar a uma inauguração oficial com convites especiais. A publicidade que é feita em torno dessas cerimônias atrai a atenção do público ao mesmo tempo fornecendo informações. As estatísticas estabelecidas sobre a frequência das visitas indicam claramente que toda mudança de exposição ou toda inovação aumenta em uma forte proporção o número de visitantes.

Um grande número de publicações científicas ou de popularização

são editadas para fazer conhecer as coleções ou os trabalhos de pesquisa do museu, que publica igualmente um anuário. Na verdade, o Nordiska Museum faz aparecer cada ano um maior número de publicações que qualquer outro museu da Europa. Distribuídas em livrarias, em bibliotecas e a particulares e analisadas nos jornais com o mesmo título que todos os trabalhos recentemente publicados, essas publicações fazem conhecer a um amplo público os assuntos aos quais o museu se interessa e a obra científica que ele realiza.»<sup>(242)</sup>.



Fig. 44 — Cartaz do Museu de Skansen, Suécia

Não deixa de contar para o aumento da frequência dos museus o

<sup>(242)</sup> *Publicité, Relations avec le Public*, VIII, no n.º 4 do vol. IV da revista *Museum*, pág. 267 (1951). Sobre publicidade e relações dos museus com o público pode consultar-se o referido número, que contém uma série de artigos inerentes da autoria dos directores de Museum of Science and Industry (Chicago, Estados Unidos da América do Norte), do Glasgow Art Gallery

factor económico. É manifesta a elevação do nível de vida das classes populares em função da valorização do seu trabalho e conseqüentemente dos seus salários. Concomitantemente verifica-se a gratuidade perma-



Fig. 45 — Cartaz colorido do Museu de Marinha, Belém, Lisboa, Portugal.  
Do pintor Alberto Cutileiro

nente, dominical, de quartas ou quintas-feiras, ou de outros dias, das visitas; o barateamento dos transportes colectivos de acesso, dos livros de cultura geral, dos meios de propaganda, tudo o que propicia o contacto

and Museums (Inglaterra), dos Musées de la Ville de Strasbourg (França), do Colorado Springs Fine Arts Center and Taylor (Estados Unidos da América do Norte), do Municipal Museum and Art Gallery (Belfast, Irlanda inglesa), do Montreal Museum of Fine Arts (Canadá), do Los Angeles Country Museum (Estados Unidos da América do Norte).

mais activo com os museus e outras instituições de cultura, diversões, etc.. Importava ainda conseguir-se o barateamento ou gratuidade das guias, roteiros, catálogos sumários dos museus, que facultassem o acesso ao conhecimento do seu conteúdo e contribuíssem para o progresso da cultura nacional.

Para satisfazer as exigências da investigação e do estudo, e ainda as do público interessado e curioso dos assuntos relacionados com o conteúdo dos museus existem nestes bibliotecas especializadas e de ramos afins. Não é necessário encarecer este processo de comunicar por meio da palavra escrita, sobretudo para os tipos visuais, que duplamente lucraram de contacto com o museu, na observação directa dos objectos e na instrução literária que a eles faz referência. Os catálogos da biblioteca, da mesma maneira que os dos objectos, devem ter acesso aos visitantes, mediante autorização do director.

Outro meio de comunicação dos museus com o público, e deste com aquele, é a organização, já frequente, de sociedades, núcleos ou grupos de amigos e protectores dos museus. Tal organização não somente pode promover a propaganda deles, mas também o seu enriquecimento com a oferta de elementos valiosos. Entre nós existe, pelo menos, uma dessas instituições, o «Grupo de Amigos do Museu de Arte Antiga», que a este santuário artístico tem concedido preciosas dádivas. O Museu Etnológico orgulha-se também de contar numerosos amigos, que zelosamente têm contribuído para o enriquecimento das suas colecções, como se viu.

Toda esta problemática procura uma solução própria e específica, mas com superiores objectivos de ordem social, ética, cultural, educativa e até económica. Com efeito, a frequência de museus desvia o povo de outros atractivos, ou pseudo-activos deletérios e perniciosos: a taberna, o prostíbulo, o cinema excitante das fitas de terror, de crime e policiais, das competições irritantes e deseducativas, de todos os espectáculos que podem contribuir para a deformação psíquica, moral, social e cultural do público, ainda com detrimento da sua economia, pois tem de os pagar bem caros sem qualquer benefício ou utilidade.

O leitor interessado e curioso, inteligente como é, através destas breves, escassas, insuficientes e despreziosas notas de museologia, fácil-

mente compreende que a problemática museológica é complexa, delicada e difícil de resolver integralmente, principalmente em países de fracos recursos financeiros, como o nosso; mas também verificará, se tiver visitado museus nacionais e estrangeiros, que os museus portugueses, nas suas proporções e até nas suas riquezas e organização, não receiam o confronto com aqueles<sup>(243)</sup>.

Nestas breves notas não se faz referência especial à parte administrativa.

---

(243) O leitor interessado em assuntos de museologia e museografia pode consultar proveitosamente, entre outras, as obras aqui indicadas, sem qualquer pretensão de exaustividade.

#### BIBLIOGRAFIA

##### I

##### ESTRANGEIRA

###### a) Enciclopédias

*The Encyclopedia Americana*, na palavra *Museum*, Nova Iorque, 1940.

*Encyclopaedia Britannica*, na palavra *Museum*, Londres, Chicago, Toronto, Encyclopaedia Britannica Lda., 1950.

*Enciclopedia Italiana*, s. v. *Museo*, Roma, Instituto della Enciclopedia Italiana, 1934-1943.

*Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*, na palavra *Museo*, Barcelona, J. Espasa, Editores, s. d.

*Der Grosse Brockhaus*, na palavra *Museum*, Wiesbaden, 1955.

*Larousse du XX<sup>me</sup> Siècle*, na palavra *Musée*, Paris, Larousse, s. d.

###### b) Revistas

*L'Architecture d'Aujourd'hui*, Paris, 1938, etc.

*Conservation*, de 1956 (?) em diante.

*Icon News*, Conseil International des Musées.

*Jahrbuch der deutschen Museen*, publicado por Schamm, desde 1928.

*Journal of the Museums Association*, América.

*Museion*, publicada desde 1927 pelo Conseil International des Musées.

*Musées et Collections Publiques*, de 1954 em diante.

*Muséographie*, Office International des Musées, vol. I e segs.

*Museums Journal*, Londres, desde 1901.

*Museum Work*, publicada pela American Association.

- Museums News*, Washington, desde 1905.  
*Museum*, de 1948 em diante, Paris, Unesco, 1948 e segs.  
*Museumkunde. Zeitschrift für Verwaltung und Technik öffentlicher und privater Sammlungen*,  
 Berlin, 1905 segs.  
*Proceedings of the American Association of Museums*, U. S. A., desde 1907.

c) Livros, opúsculos, folhetos e artigos

- ALOÍ (ROBERTO), *Illuminazione d'Oggi, Esempi di Decorazione*, Milão, 1956.  
*Art in Industry*, U. S. A., 1932.  
 BARDI (P. M.), *L'Expérience Didactique du Museu de Arte de S. Paulo*, no *Museum*, Dezembro de 1948.  
 BARROSO (GUSTAVO), *Introdução à Técnica de Museus*, Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica, 2 vols., 1946-1947.  
 BAUM (J.), *Museen und Kunstpflege*, 1948.  
 BAYARD (EMÍLIO), *L'Art de soigner les Oeuvres d'Art*, Paris, 1928.  
 BAZIN (GERMÃO), *Cours de Muséologie de l'École du Louvre*, texto policopiado, mas não publicado. Paris.  
 BENOIST (LUCAS), *Musées et Muséologie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1960.  
 — *La Naissance de Vénus*, Genebra, 1951.  
 BONNAFÉ (EDMOND), *Les Collectionneurs de l'Ancienne Rome*, Paris, 1867.  
 — *Les Collectionneurs de l'Ancienne France*, Paris, 1869.  
 BREASTED JR. (JAMES), *Publicité et Relations avec le Public*, no *Museum*, IV-4, 260-263 (1951).  
 BRIGHAM (W. T.), *Report of a Journey around the World to study Matters relating to Museums*, Honolulu, 1913.  
 BRUSIN (GIOVANNI), *Il Reale Museo Archeologico di Aquileia*, Roma, Libreria dello Stato, 1936.  
 CAFART (JOÃO), *Le Rôle Social des Musées*, em *Mouseion*, 1930, págs. 219-238.  
*Les Cahiers de la République des Lettres, Musées*, Paris, 1930.  
 CART (GERMANA), HARRISSON (MOLLY), RUSSELL (CARLOS), *Musées et Jeunesse. Trois Exposés, précédés d'un Avant-propos de Henri Georges Rivière et d'une Introduction de Peter Floud*, Paris, Conseil International des Musées, 1952.  
 CODET (HENRI), *Essai sur le Collectionisme*, Paris, 1921.  
 COLEMAN (LOURENÇO VAIL), *The Museum in América*, 3 vols., Washington, 1939.  
 — *Museum Buildings*, Washington, 1950.  
 CUMPLIDO JÚNIOR (FANOR), *O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*, edição e propriedade do «Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Lisboa», Lisboa, s. d.  
 DAVIS (ROBERT TYLER), *Publicité et Relations avec de Public*, VI, no *Museum*, IV-4, 254-256 (1951).  
 DUMESNIL (M.-J.), *Histoire des plus Célèbres Amateurs*, Paris, 1855-1860.  
 ECKHOUT (P.), *Natural and Artificial Lighting at the Museum von Schönkunsten*, no *Museum*, vol. V, n.º 1, 1952.  
 EUDEL (PAULO), *Le Truquage*, 1882.  
 — *Collections et Collectionneurs*, Paris, 1885.  
 — *Trucs et Truqueurs*, 1907.  
 EVIN (PAUL-ANTOINE), *Un Musée Portugais à Mazagan*, nos *Melanges d'Études Luso-Marocaines dédiés à la Mémoire de David Lopes*, págs. 67-73, Lisboa, 1945.  
 EYMERS (J. G.), *Fundamental Principles for the Illumination of a Picture Gallery*, The Hague (Haia), 1936.  
 FOESA (GHEORGHE), *Le Musée du Village à Bucarest*, Bucarest, 1962.  
 FRÖBES (JOSÉ), S. J., *Tratado de Psicologia Experimental*, trad. esp. de José A. Menchaca, S. J., Burgos, Imprenta Aldecoa, s. d.

- G. (L.), *Les Musées de Province à Paris*, na *Revue des deux Mondes*, Paris, 1931.
- GARCIA (ALFREDO ISASI), *El Museo del Ejército*, Madrid, 1959.
- GAUTHIER (MAXIMILIEN), *Palais et Musée du Louvre*, Paris, 1962.
- GELDER (H. E. van), *La Fonction des Musées et leur Architecture*, in *Museum*, IV-3, 183-186 (1951).
- GÉNARD (J.), *Lighting of Museum Objects*, no *Museum*, vol. V-1, 1952.
- GILMAN (BENJAMIM IVES), *Museum Ideals*, U. S. A., 1923.
- HANNEMA (D.) et Steur (A. van der), *La Technique de l'Éclairage dans les Musées et le Système adopté au Musée Boymans*, no *Museum*, X.<sup>e</sup> Année, 33-34, 1936.
- HARRISON (LAURENCE S.), *Report on the Deteriorating Effects of modern Light Sources*, New-York (Metropolitan Museum of Art), s. d.
- HAUG (HANS), *Publicité et Relations avec le Public*, III, no *Museum*, IV-4, 239-242 (1951).
- HELFT (JACQUES), *Mémoires d'un Antiquaire*, Monaco, 1955.
- HENDY (FILIFE), *Science and Picture Cleaning. How National Gallery Masterpieces are examined and cleaned by Modern Means*, in *The Illustrated London News*, 4 de Outubro de 1947, Londres, 1947.
- HOMBURGER (O.), *Museumskunde*, Breslau, 1924 (com extensa bibliografia).
- HONEYMAN (T. J.), *The Cleaning of Pictures*, em *The Studio*, Dezembro de 1947, Londres, 1947.
- Publicité et Relations avec le Public*, II, no *Museum*, IV-4, 234-236 (1951).
- HOWARTH (E.), & PLATNANER (H. M.), *Directory of Museums of Great Britain and Ireland*, 1911. *The Industrial Museum*, U. S. A., 1925.
- ISNARD (GUY), *Les Pirates de la Peinture*, Paris, 1955.
- *Faux et Imitations dans l'Art*, Paris, 1959.
- Itinerari dei Musei e Monumenti d'Italia*, Roma, Ministero della Educazione Nazionale, 1931 e segs.
- JACKSON (MARGARIDA T.), *The Museum*, U. S. A., 1917.
- JAMES (GUILHERME), *Précis de Psychologie*, trad. francesa de E. Baudin e G. Bertier, 7.<sup>a</sup> ed., Paris, Marcel Rivière, 1927.
- JUNYENT (ALBERTO), *La Museologia*, na *Revista Nacional de Cultura*, Caracas, Talleres de Artes Graficas, 1945.
- KÄLLSTRÖM (OLLE) e OLSON (GILLIS), *Lighting Methods for Showcases, I—The Museum Display, II—The Technical Principles*, no *Museum*, IV-3, 201-205 (1951); com trad. francesa.
- LAFENESTRE (GEORGES), *Le Musée National du Louvre*, Paris, Ancienne Maison Quantin, 1889 (1890).
- LAMEERE (JOÃO), *La Conception et l'Organisation Moderne des Musées d'Art et d'Histoire*, no *Museum*, págs. 239-311, 1930.
- LAVALLEYE (TIAGO), *Introduction aux Etudes d'Archéologie et d'Histoire de l'Art*, Paris, Lovaina, 1946, 1958.
- LECUYER (RAIMUNDO), *Regards sur les Musées de France*, Paris, Compagnie des Arts Photomécaniques, vol. I, 1949.
- LEITÃO (MELO), *Papel Educativo do Museu Nacional de História Natural*, na *Revista Nacional de Educação*, Rio de Janeiro, 1932.
- LENOIR (ALEXANDRE), *Musée des Monuments Français*, Paris, Gilleninet, 1800 (5 vols.).
- LEVEILLÉ (ANDRÉ), *Publicité et Relations avec le Public, Avant-Propos*, no *Museum*, IV-4, 217-222 (1951).
- LOHR (LENOX RILEY), *Publicité et Relations avec le Public*, I, in *Museum*, IV-4, 229-231, 1951.
- MAILFERT (ANDRÉ), *Au Pays des Antiquaires*, 1935.
- MALRAUX (ANDRÉ), *Le Problème Fondamental du Musée*, na *Revue des Arts*, Paris, 1954.
- Manual for Small Museums*, U. S. A., 1927.
- MARANGONI (MATEUS), *Apprendre à voir*, Neuchâtel, 1947.

- MARCONI (PIRRO), *Il Museo Nazionale di Palermo*, Roma, Libreria dello Stato, 1936.
- MARGUERY (J.), *La Protection des Objets Mobiliers d'Intérêt Historique ou Artistique; Legislation Française et Italienne*, Paris, 1912.
- MADRAZO (MARIANO), *Historia del Museo del Prado*, Madrid, 1945.
- MENDAX (FRITZ), *Le Monde des Faussaires*, 1953.
- MIERS (H.), *Report on the Public Museums of the British Isles*, Londres, 1928.
- MICHEL (EDOUARD), *Musées et Conservateurs*, Bruxelles, 1948.
- MIEDAN (MAD. HOURS.), *A la Découverte de la Peinture par des Méthodes Physiques*, 1957.
- MORGAN (CLIFFORD T.), *Psychologie Physiologique*, trad. de Honoré Lesage, Paris, Presses Universitaires de France, 1949.
- MÜNTZ (EUGÉNIO), *Le Musée d'Art*, Paris, Larousse, s. d.
- MURRAY (D.), *Museums, Their History and their Use*, Glásgua, 3 vols. com muita bibliografia, 1904.
- Musée de l'Ermitage à Leningrad (Trésors d'Art de l'URSS)*, Moscovo, Leninegrado, 1938.
- Musée des Thermes et l'Hôtel de Cluny*, Paris, Hôtel de Cluny, 1844
- Musée Royal d'Antiquités et d'Armures*, Bruxelles, Bruylant Christophe, 1880.
- Musée et Enseignement*, no *Musée Pédagogique*, 1957.
- Musées et Personnel Enseignement*, Paris, Conseil International des Musées, 1956.
- Muséographie, Architecture et Aménagement des Musées d'Art*, Paris, Conseil International des Musées, 1935.
- Muséographie*, Office International des Musées, 1934, 2 vols.
- NIELSEN (H. HJORT.), *Le Musée Postal et Télégraphique Danois*, Copenhaga, 1938.
- PAN (ISMAEL DEL), *La Composicion de Un Museo Etnografico y Folklorico Nacional como Elemento de Cultura*, Porto, do Museu Etnográfico e Folclórico, 1957.
- PARPAGIOLO (L.), *Il Codice delle Antichità e degli Oggetti di Arte*, 2 vols., Roma, 1913, 2.<sup>a</sup> ed., I, 1933.
- PAULI (G.), *Über die Anordnung einer Gemäldegalerie*, no *K. Koetschau von Seinen Freunden und Verehren zu 60 Geburtstage*, Dusseldórfia, 1928.
- PELLATI (F.), *I Musei e le Gallerie d'Italia*, Roma, 1922.
- PESCE (GENNARO), *Il Museo Nazionale di Napoli*, Roma, Libreria dello Stato, 1948.
- PESSLER (W.), *Das Heimatmuseum im deutschen Sprachgebiet als Spiegel deutscher Kultur*, 1927.
- PLENDERLEITH (H. J.), *The Conservation of Antiquities and Works of Art. Treatment, Repair and Restoration*, Londres, 1956.
- POISSON (GEORGES), *Les Musées de France*, Paris, Presses Universitaires de France, 1950.  
pgs. 1024-1060, Paris, Gallimard, 1961.
- PRADEL (PEDRO), *Les Musées*, estudo inserto em Charles Samaran, *L'Histoire et ses Méthodes*, pgs. 1024-1060, Paris, Gallimard, 1961.
- QUACLIATI (QUINTINO), *Il Museo Nazionale di Taranto*, Roma, Libreria dello Stato, 1932.
- Repertoire des Musées de France*, Paris, Institut Pédagogique, 1959.
- RHEIMS (MAURÍCIO), *La Vie Étrange des Objects*, Paris, 1959.
- RIBOT (TEÓDULO), *Psychologie de l'Attention*, Paris, Felix Alcan, 1900.
- RICHARDS (CARLOS S.), *Industrial Art and the Museum*, U. S. A., 1927.
- RIS (COMTE DE CLÉMENT), *Le Musée Royal de Madrid*, Paris, Jules Renouart, 1859.
- RIS (L.-C. DE), *Les Amateurs d'autrefois*, Paris, 1887.
- RIVET (PAUL), *Organisation d'un Musée d'Ethnologie*, no *Museum*, vol. I, n.º 1-2, 1948
- Le Rôle des Musées dans l'Éducation*, no *Museum*, VI-4, (1963); série de artigos de vários autores sobre o assunto.
- ROSSI (FILIFE), *Il Museo Nazionale di Firenze*, Roma, Libreria dello Stato, 1938.
- RUIZ (JOÃO VERGNET), *Les Musées de France*, Paris, Service de Documentation de la Présidence du Conseil, s. d.

- SALLES (GEORGES), *Le Regard. La Collection. Le Musée. La Fouille. Une Journée d'École*, Paris, 1939.
- SANCHO (NIEVES DE HOYOS), *Los Museos al Aire Libre*, nas *Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos «Dr. José Leite de Vasconcelos»*, vol. II, Porto, Imprensa Portuguesa, 1960.
- SEAGER (J. HUNT), *Lighting Methods*, no *Journal of the R. I. B. A.*, 3.<sup>a</sup> Série, vols. XX, XXX, XXXII.
- SCHERER (V.), *Deutsche Museen. Entstehung und Kultur-Geschichtliche Bedeutung unserer öffentlichen Kunstsammlungen*, 1913.
- SCHÖNICHEN (W.), *Heimat Museen. Wesen und Gestaltung*, 1928.
- SMITH (RALPH CLINTON), *Bibliography of Museums and Museum Works*, Washington, 1928.
- STENDALL (J. A. SIDNEY), *Publicité et Relations avec le Public*, V., no *Museum*, IV-4, 250-252, (1951).
- TAYLOR (A. H.), e PRACEJAUS (W. G.), *Fading of Coloured Materials by Light and radiant Energy*, na rev. *Illuminating Engineering*, Março, 1950.
- TÉTREAU (L.), *Législation relative aux Monuments et Objets d'Art*, Paris, 1896.
- THOMSON (GARRY), *A New Look at Colour Rendering, Level of Illumination, and Protection from Ultraviolet Radiation in Museum Lighting*, na rev. *Conservation*, VI, n.º 2 e 3 (1961).
- TOULGOËT (E. DE), *Les Musées de Rome*, Paris, Jules Renouard, 1867.
- ICOM, *Troisième Conférence Générale de l'ICOM — Résumé des Travaux, Compte Rendu des Manifestations*, Paris, 1956.
- UGARTE (JÚLIA MARTINEZ), *Museos*, 2.<sup>a</sup> edição, Madrid, 1959.
- UNESCO, *L'Organisation des Musées. Conseils Pratiques*, vol. IX da série *Musées et Monuments*, 1959.
- *Manuel des Expositions Itinérantes*, vol. V da série *Musées et Monuments*, da UNESCO, Paris, s. d.
- *Les Techniques de Protection des Biens Culturels en Cas de Conflit Armé*, vol. VIII da série *Musées et Monuments*, Paris, s. d.
- *Le traitement des Supports en Bois*, vol. da série *Musées et Monuments*, 1955.
- *Le Traitement des Peintures*, vol. II da série *Musées et Monuments*, Paris, 1952.
- VAILLAT (LEANDRO), *Le Musée de Lille*, in *Lille sous le joug allemand*, Paris, 1916.
- VIARDOT (LUÍS), *Les Musées d'Italie*, Paris, Hachette et Cie., 1859.
- *Les Musées d'Espagne*, Paris, Hachette et Cie., 1860.
- *Les Musées d'Angleterre, de Belgique, de Hollande et de Russie*, Paris, Hachette et Cie., 1860.
- *Les Musées d'Allemagne*, Paris, Hachette et Cie., 1860.
- WASMUTH (G.), *Lexikon der Baukunst* (s. v. *Museumbauten*) III, 658-662, Berlim, 1931.
- WILDER (MITCHELL), *Publicité et Relations avec le Public*, IV. no *Museum*, IV-4, 246-247, (1951).
- WUNDT (GUILHERME), *Hypnotisme et Suggestion*, Paris, Felix Alcan, 1893.

## II

## PORTUGUESA

## a) Enciclopédias

- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, na palavra *Museu*, Lisboa e Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s. d.
- LEMONS (MAXIMIANO), *Encyclopedia Portuguesa Illustrada*, na palavra *Museu*, Porto, Lemos & C.<sup>a</sup>, s. d.

## b) Revistas e jornais

Revistas propriamente de museologia são:

*Cadernos do Centro de Estudos de Arte e Museologia*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura. *MVSEV*, publicação do Círculo Dr. José de Figueiredo, de 1942 até hoje.

Ocasionalmente têm dado a lume artigos de museologia mais ou menos desenvolvidos as seguintes revistas: *O Arqueólogo Português* (Lisboa), *Revista Michaelense* (S. Miguel, Açores), *Jornal do Médico* (Porto), *Arte Portuguesa* (Lisboa), *Revista de Guimarães* (Guimarães), *O Académico Figueirense* (Figueira da Foz), *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga* (Lisboa), *Viriatis* (Viseu), *Ethnos* (Lisboa), *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto (Porto), *Turismo* (Lisboa), *Cadernos de Etnografia* (Barcelos), *Arquivo de Beja* (Beja), *Revista Municipal* (Lisboa), etc..

Também muitos jornais têm inserido artigos e crónicas sobre museus e museologia, como *O Século* (Lisboa), o *Diário de Notícias* (Lisboa), o *Diário Popular* (Lisboa), *A Voz* (Lisboa), o *Diário da Manhã* (Lisboa), *Novidades* (Lisboa), o *Diário de Lisboa* (Lisboa), *A Luta* (Lisboa), *O Primeiro de Janeiro* (Porto), *O Comércio do Porto* (Porto), o *Jornal de Notícias* (Porto), o *Diário de Coimbra* (Coimbra), etc., etc..

## c) Livros, opúsculos, folhetos e artigos

ALARCÃO (ODÍLIA M. DE), OLEIRO (J. M. BAIRRÃO) e ALARCÃO (JORGE), *Conimbriga, Roteiro do Museu e das Ruínas*, Lisboa, Direcção-Geral do Ensino Superior e Belas-Artes e Museu Monográfico de Conimbriga, 1963.

ATHAIDE (LUÍS BERNARDO D'), *Organização de Museus em Ponta Delgada*, sep. da *Revista Michaelense*, S. Miguel (Açores), 1922.

AZEVEDO (JOSÉ MANUEL SEMEDO), *Museu Arqueológico-Histórico de Albufeira*, Faro, 1964.

BASTO (ARTUR DE MAGALHÃES), *No Centenário de José Leite de Vasconcelos — A Fundação do Museu Etnológico Português*, na secção «Falam Velhos Manuscritos», em *O Primeiro de Janeiro* de 4 de Julho de 1958.

— *A «Boa Fada» do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*, na secção «Falam Velhos Manuscritos», de *O Primeiro de Janeiro* de 25 de Julho de 1958.

BEAUMONT (MARIA ALICE), *O Museu-Biblioteca dos Condes de Castro Guimarães e as suas Possibilidades Educativas*, in *MVSEVM*, série 2.ª, n.º 5, págs. 108-111, Porto, Círculo do Dr. José de Figueiredo, 1963.

BRANCO (FERNANDO CASTELO), *Museus de Lisboa*, Lisboa, ed. da Câmara Municipal de Lisboa, 1960.

BRANDÃO (D. DE PINHO), *Recheio Artístico da Igreja e Mosteiro de Grijó*, no *MVSEV*, 2.ª série, págs. 63-90, a continuar.

BREYNER (MARIA ANTÓNIA DE MELLO), *Da Conservação e da Exposição dos Desenhos*, col. «Cadernos do Centro de Estudos de Arte e Museologia», II, Lisboa, Tip. da Empresa Nacional de Publicidade, 1946 (Instituto para a Alta Cultura).

CABRAL (MARIA TERESA), *Serviço Educativo no Museu Nacional de Soares dos Reis*, in *MVSEV*, 2.ª série, n.º 5, págs. 89-90, Porto, Círculo Dr. José de Figueiredo, 1963.

CABRAL (MADALENA), *Serviços de Extensão Escolar*, in *MVSEV*, 2.ª série, n.º 5, págs. 91-92, Porto, Círculo Dr. José de Figueiredo, 1963.

CARDIA (MÁRIO), *Museu de Etnografia e História da Província do Douro Litoral*, sep. do *Jornal do Médico*, n.º 31, Porto, 1946.

CARDOSO (MÁRIO), *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento. I — Secção Lapidar e de Escultura*, Guimarães, Tip. Minerva Vimaranesense, 1935.

— *Museus de Arte e Museus de Arqueologia, como Instituições de Cultura e de Pedagogia Elementar*, in *MVSEV*, 2.ª série, n.º 5, págs. 81-88, Porto, Círculo Dr. José de Figueiredo, 1963.

- *Museus Portugueses de Arqueologia*, no *Arquivo de Beja*, vols. XX-XXI, Beja, Minerva Comercial, 1963-1964.
- CARDOSO (MÁRIO DE VASCONCELOS), *Museus de Arte e Museus de Arqueologia*, Porto, 1963.
- *O Arqueólogo Luís Siret e o Museu de Martins Sarmento*, Guimarães, 1963.
- CARDOSO (NUNO CATHARINO), *Museus Portugueses*, série «Arte Portuguesa», III, Lisboa, Tip. da Manutenção Militar, 1935.
- CARVALHO (ROBERTO DE) e VITORINO (PEDRO), *Revelações dos Raios X nos Quadros Antigos*, na *Revista de Guimarães*, Guimarães, 1937.
- CHAVES (LUÍS), *A Coleção Demonstrativa da Secção Ultramarina do Museu Etnológico. Notas e Comentários*, nas *Actas do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, Porto, 1934.
- *Museu Etnográfico do Império Português, sua Necessidade, um Plano de Organização*, nas *Actas do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, Porto, 1934.
- *Guia Sumária do Visitante do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*, Lisboa, Empresa do Anuário Comercial, 1935.
- *Programa de Museografia Etnográfica*, publicado neste livro (V. atrás — a) *Lições de Museologia*).
- CHICÓ (MÁRIO TAVARES), *Estudo acerca da Organização do Museu da Cidade de Lisboa*, extracto do anteprojecto da organização das secções e do programa sumário do Museu da Cidade de Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, Oficinas Gráficas da C. M. L., 1943.
- COELHO (ANTÓNIO CORRÊA CALDEIRA), *A Protecção Legal aos Monumentos Nacionais*, Lisboa, Tip. do Comércio, 1923.
- CORDEIRO (LUCIANO), *Thesouros d'Arte — Relances d'un Viajante*. Lisboa, Imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves, Rua da Atalaya, 67, 1875.
- CORREIA (VERGÍLIO), *Santos Rocha — Fundador dum Museu*, sep. de *O Académico Figueirense*, Figueira da Foz, Escola Gráfica, 1941.
- COUTO (JOÃO), *Congressos e Conferências do Pessoal Superior dos Museus de Arte*, tese apresentada ao II Congresso Transmontano, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1941.
- *Museus das Cidades*, conferência proferida no salão nobre dos Paços do Concelho em 30 de Abril de 1943. Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, Oficinas Gráficas da C. M. L., 1943.
- *O Professor António Augusto Gonçalves, fundador do Museu de Machado de Castro*, Coimbra, Coimbra Editora, Lda., 1946.
- *A Acção dos Físicos e dos Químicos nos Laboratórios dos Museus de Arte*, na *Gazeta de Física*, I-6 (1948), Lisboa, 1948.
- *As Exposições de Arte e a Museologia*, Lisboa, Editora Portuguesa, Lda., 1950.
- *Justificação do Arranjo de um Museu*, sep. do *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, fasc. I, vol. II, Lisboa, 1950.
- *A Pintura Representada no Museu das Janelas Verdes e o Critério da Sua Apresentação na Galeria*, Lisboa, 1956.
- *O Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa*, Porto, 1958.
- *Relatório enviado pelo Dr. João Couto ao Ex.º Senhor Director-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes*, sep. de *Viriatis*, IV, Viseu, 1960.
- *Reservas dos Museus*, sep. de *Viriatis*, IV, Viseu, 1960.
- *Justificação do Arranjo de um Museu*, Lisboa, 1960.
- *Curso de Museologia a Estagiários para Conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais*, sep. de *Ocidente*, Lisboa, 1965.
- COUTO (JOÃO R. DA SILIA), *Brigadas de Restauradores*, sep. de *Viriatis*, IV, Viseu, 1960.
- CRUZ (P.º BELCHIOR DA), *Museu Municipal da Figueira da Foz. I — Aquisições em 1898*, em *O Archeologo Português*, V, 177-184, 202-205, Lisboa, Imprensa Nacional, 1900.

- DIAS (A. JORGE), *Museu Nacional e Museus Regionais de Etnografia*, na colecção *Cadernos de Etnografia*, n.º 1, ed. do Museu Regional de Cerâmica, de Barcelos, Barcelos, Oficinas Gráficas da Companhia Editora do Minho, 1964.
- DUNDO, *Breve Notícia do Museu do*, publicação dos Serviços Culturais da Companhia dos Diamantes de Angola, 4.ª ed., Lisboa, 1963.
- ENNES (ERNESTO), *O Dr. Matias Aires Ramos da Silva de Eça e o Palácio dos Condes de Alvor às Janelas Verdes*, sep. do vol. II de *Ethnos*, Lisboa, 1940.
- Estatutos do Grupo dos Amigos do Museu Municipal Dr. Santos Rocha, da Figueira da Foz*, Figueira da Foz, Escola Gráfica, 1942.
- FERRO (ANTÓNIO), *Museu de Arte Popular (Política do Espírito)*, Lisboa, SNI, 1948.
- FIGUEIREDO (MANUEL DE), *O Museu Nacional de Soares dos Reis*, Porto, 1964.
- FONTES (JOAQUIM), *O Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*, Sintra, Publicações da Câmara Municipal de Sintra, 1962.
- FREITAS (MELLO), *Feixe de Motivos por que na Parte Nobre do Convento de Jesus d'Aveiro se Deve Instalar um Museu Districtal ou Municipal*, Aveiro, Tip. do «Campeão das Províncias», 1911.
- GARCIA (LUÍS PINTO), *Museu Regional de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, Tip. Portella Feijão, 1943.
- *Um Museu e Um Director*, Castelo Branco, 1962.
- António A. Gonçalves — *Homenagem do «Instituto de Coimbra»*, Coimbra, Coimbra Editora, Lda., 1946.
- Fundação Calouste Gulbenkian* (Estatutos da Fundação, Decreto-Lei que os aprovou, discursos proferidos na Sessão Comemorativa do 1.º Aniversário da morte do Fundador, realizada em Lisboa, no dia 20 de Julho de 1956), Lisboa, 1956.
- GONÇALVES (ANTÓNIO MANUEL), *Iluminação dos Museus — Iluminação do Museu Nacional de Arte Antiga*, sep. do *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, n.º 3 (1956).
- *Arrecadações nos Museus*, sep. do *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, vol. IV, n.º 1 (1958).
- *O Museólogo José Leite de Vasconcelos*, nas *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, págs. 45-61, Lisboa, 1959.
- *Museus de Lisboa — Guia*, Lisboa, 1960.
- *Missão do Conservador*, sep. de *Viriatis*, IV, Viseu, 1960.
- *Museus como Atracção Turística*, sep. do n.º 329 de *Litoral*, de 11 de Fevereiro de 1961.
- *Alargamento e Renovação do Museu de Aveiro*, no *MVSEV*, 2.ª série, n.º 5, págs. 112-116, Porto, Círculo do Dr. José de Figueiredo, 1963.
- *Alberto Souto e o Museu de Aveiro*, Porto, 1963.
- *Para a Reforma dos Museus e da Orgânica do Património Artístico*, sep. de *Ocidente*, LI, s. d.
- *Museus e Turismo*, sep. da revista *Ocidente*, vol. LXVIII, Lisboa, 1965.
- GRANDE (JOSÉ MARIA), *Regulamento do Museu de Lisboa*, Lisboa, Tip. da Academia Real das Ciências, 1853.
- GUERREIRO (GLÓRIA NUNES RISO), *O Serviço Educativo dos Museus*, no *MVSEV*, 2.ª série, n.º 5, págs. 102-107, Porto, Círculo Dr. José de Figueiredo, 1963.
- GUIMARÃES (BERTINO DACIANO ROCHA DA SILVA), *Curiosidades Museográficas*, Porto (?), 1962.
- GUSMÃO (ADRIANO DE), *Inquérito Museológico em Espanha*, Lisboa, *Cadernos do Centro de Estudos de Arte e Museologia*, Instituto para a Alta Cultura, 1946.
- HELENO (MANUEL), *Programa para a Instalação do Museu Etnológico do D.º Leite de Vasconcelos na Cidade Universitária*, no *Ethnos*, IV, págs. 63-74, Lisboa, Editorial Minerva, 1965. (Há separata).

- *Lições de Museologia (Programas)*, publicados neste livro (V. atrás — a) *Lições de Museologia*).
- KEIL (ALFREDO), *Coleções e Museus de Arte em Lisboa*, Lisboa, Ferreira e Oliveira, Lda. 1905.
- KEIL (LUÍS), *Palavras Proferidas na Inauguração das Novas Instalações do Museu Nacional dos Côches*, em 29 de Abril de 1944, Lisboa, Bertrand (Irmãos), Lda., 1944.
- LEONE (JOSÉ), *O Museu dos Hospitais Cíveis de Lisboa*, Lisboa, 1957.
- LOPO (ALBINO PEREIRA), *Museu Municipal de Bragança*, em *O Archeologo Português*, VI, 95-98, Lisboa, Imprensa Nacional, 1901.
- MACHADO (JOSÉ PINTO), *Museu da Técnica — Uma Instituição Cujá Criação se Sugere*, Lisboa, 1962.
- MADAHIL (ANTÓNIO GOMES DA ROCHA), *Etnografia e História. Bases para a Organização do Museu Municipal de Ilhavo*, Ilhavo, Tip. Casa Minerva, 1934.
- MEIRA (ALBERTO), *Museu Municipal do Porto. Bibliografia e Notas*, sep. do *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto, vol. III, fasc. IV, Porto, Empresa Industrial Gráfica do Porto, Lda., 1940.
- In Memoriam da Reabertura do Museu Municipal Dr. Santos Rocha*, ed. do «Grupo dos Amigos do Museu Municipal Dr. Santos Rocha», Figueira da Foz, Escola Gráfica Figueirense, 1947. (Contém vários discursos).
- MENDONÇA (MARIA JOSÉ DE), *Conservação das Tapeçarias do Estado*, no *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*, II, págs. 133 e segs., Lisboa, 1942.
- *Restauro e Conservação de Têxteis dos Museus da Província*, Lisboa, 1961.
- *As Arrecadações de Arte Ornamental e de Escultura do Museu Nacional de Arte Antiga*, sep. da Revista *MUSEV*, 2.ª série, n.º 5, págs. 32-45, Porto, 1963.
- *Processos de Defesa das Obras de Arte contra os Danos causados pela Luz*, sep. da Revista *MUSEV*, 2.ª série, n.º 5, págs. 60-61, Porto, 1963.
- *The National Coach Museum — Museu Nacional dos Coches*, Lisboa, Tip. Americana, 1965.
- MOITA (IRISALVA CONSTÂNCIA DE NÓBREGA NUNES), *Anteprojecto para a Secção de Arqueologia do Futuro Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*, dissertação dactilografada, inédita, para o Estágio de Conservadores dos Museus e dos Palácios e Monumentos Nacionais, Lisboa, 1955, na Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga.
- *O Plano do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*, na *Revista Municipal*, n.º 78, Lisboa, 1959.
- Museu de Arte Popular*, no *Itinerário*, Julho de 1948.
- Museu do Distrito de Santarém. Regimento, 1876. Relatório, 1878.*
- Museu Provincial de José Malhoa. Regulamento*, Caldas da Rainha, Tip. Caldense, 1954.
- O Museu Municipal do Porto, o seu Estado Presente e o Seu Futuro. Relatório apresentado pela Subcomissão encarregada das Secções de Bellas Artes, Archeologia e Numismática*, Porto, Tip. de A. J. da Silva Teixeira, 1889.
- MOURA (ABEL DE), *Museu das Janelas Verdes*, Porto, 1942.
- *Exame Técnico e Ficha de Restauro de Uma Pintura Portuguesa do Século XVI*, Porto, 1942.
- Museu Numismático Português — Legislação, 1924-1961*, Lisboa, 1962.
- Museu Regional de Beja*, Beja, 1961 (?).
- O Museu Nacional de Bellas Artes (Apontamentos)*, publicação da Secção Portuguesa do Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1892.
- PAÇO (AFONSO DO), *Da Necessidade da Criação do Museu de Etnografia*, extracto das *Actas do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, Porto, Edições da 1.ª Exposição Colonial Portuguesa, 1934.
- PEREIRA (FÉLIX ALVES), *Museu Municipal de Castelo Branco*, em *O Archeologo*, XIII, 117-118, Lisboa, Imprensa Nacional, 1908.

- *Catálogo do Museu Etnológico Português*, em *O Archeologo Português*, XXV, 251-287, Lisboa, Imprensa Nacional, 1922.
- PEREIRA (GABRIEL), *Museu Nacional de Bellas-Artes*, Lisboa, 1906.
- PEREIRA (RAUL DA SILVA), *Museus Técnicos*, Lisboa, 1961.
- PESSANHA (SEBASTIÃO), *Museus Etnográficos*, Lisboa, 1957.
- *A Etnografia do Museu Português do Vinho*, Lisboa, 1963.
- PINTO (AMÉRICO CORTÊS), *Museus e Museologia. Ramalho — a Estátua e o Estatuário*, Lisboa, 1959.
- PINTO (AUGUSTO CARDOSO), *Notas para a História do Palácio das Janelas Verdes*, sep. do *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*, vols. I e II, fascs. 3, 5 e 8, Lisboa, 1943.
- *Relatório acerca dos Inventários do Museu das Janelas Verdes (1939)*, Lisboa, Editorial Império, Lda., 1944.
- RIBEIRO (JOÃO BAPTISTA), *Exposição Histórica da Creação do Museu Portuense*, Porto, Imprensa de Coutinho, 1836.
- SANTOS JÚNIOR (J. R. DOS), *Museus da Faculdade de Ciências do Porto*, no *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, XXVI, 11-28, Porto, 1963.
- SANTOS (LUÍS REIS), *Museus de Portugal*, sep. da ed. do Anuário «Turismo», 1933-1936, Lisboa, Oficina Gráfica, Lda., 1936.
- *Os Processos Científicos no Estudo e na Conservação da Pintura Antiga*, Porto, Liga da Profilaxia Social, 1939.
- SANTOS (M. FARINHA DOS), *A Educação Artística das Classes Populares*, no *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, vol. IV, n.º 4, Lisboa, 1962, págs. 47-48.
- *Algumas Reflexões a propósito dos Problemas da Pré-História Portuguesa*, sep. das *Actas do I Colóquio Portuense de Arqueologia*, in *Studium Generale*, vol. IX, Gráfica do Porto, Porto, 1962.
- *Coleções de Pré-História*, no *Arquivo de Beja*, vol. XXII, Beja, 1965.
- SERRA (JOSÉ ANTUNES), *Acerca de Museus de História Natural*, Lisboa, 1961.
- SERRÃO (EDUARDO DA CUNHA), *Um Pequeno Museu Arqueológico Regional (Sesimbra)*, sep. de *Arqueologia e História*, 8.ª série, vol. XI, Lisboa, 1964.
- SILVA (MARIA MADALENA DE CAGIGAL E), *Os Museus de Arte Popular*, no *MVSEV*, 2.ª série, n.º 5, págs. 25-31, Porto, Círculo Dr. José de Figueiredo, 1963.
- SIMÕES (AUGUSTO FILIPE), *Relatório à cerca da Renovação do Museu Cenaculo* dirigido ao Ex.º Sr. Visconde da Esperança, Presidente da Câmara Municipal de Évora, Évora, Typographia da Folha do Sul, 1869.
- SIMÕES (J. M. DOS SANTOS), *As Novas Técnicas Audio-Visuais ao Serviço dos Museus*, sep. da Revista *MVSEV*, 2.ª série, n.º 5, págs. 93-101, Porto, 1963.
- *Da Montagem e Apresentação Museológica de Azulejos*, publicações da Fundação Calouste Gulbenkian (Brigada de Estudos de Azulejaria), Lisboa, Scarpa, Lda., 1963.
- SOUSA (AFONSO DE), *Como Eu Vi Alguns Museus da Europa*, Coimbra, 1962.
- TAVARES (P.º JOSÉ AUGUSTO), *Colecção Arqueológica (em Moncorvo)*, em *O Archeologo Português*, XXV, 128-133, Lisboa, Imprensa Nacional, 1922.
- TAXINHA (MARIA JOSÉ), *Tratamento dum Tapete Persa do Museu Nacional de Arte Antiga*, no *MVSEV*, 2.ª série, n.º 5, págs. 76-80, Porto, Círculo do Dr. José de Figueiredo, 1963.
- TEIXEIRA (MARIA EMÍLIA AMARAL), *Exposições Temporárias*, no *MVSEV*, 2.ª série, n.º 5, págs. 52-54, Porto, Círculo Dr. José de Figueiredo, 1963.
- VASCONCELOS (JOAQUIM ANTÓNIO DA FONSECA E), *O Museu Municipal do Porto*, Porto, 1889.
- VASCONCELOS (JOSÉ LEITE DE), *Museu Ethnographico Português*, na *Revista Lusitana*, III, 193-250, Porto, Livraria Portuense, 1895; fez separata, Porto, 1894; reproduzido na *História do Museu Etnológico Português*, págs. 13-83.
- *Catálogo do Museu de Beja*, notícia em *O Archeologo Português*, I, 19-20, Lisboa 1895.

- *Colecção Ethnographica do Sr. M. d'Azuaga*, em *O Archeologo Português*, I, 20-28, Lisboa, 1895.
- *Museu Municipal em Vila-Real (Trás-os-Montes)* em *O Archeologo Português*, I, 37-43, Lisboa, 1895.
- *Museu Archeologico de Alcacer do Sal*, em *O Archeologo Português*, I, 46-47 e 80-87, Lisboa, 1895.
- *Museu Archeologico em Moncorvo*, em *O Archeologo Português*, I, 175-176, Lisboa, 1895.
- *Antigualhas de Lagos, proposta ao Municipio de Lagos*, em *O Archeologo Português*, I, 254-255, Lisboa, 1895.
- *Museu Ethnologico Português*, Lisboa, 1897; reproduzido na *História do Museu Etnologico Português*, págs. 91-93.
- *Évora e Arredores*. a) *Museu Lapidar*; b) *Biblioteca e Museu Cenaculo*, em *O Archeologo Português*, IV, 121-122, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898.
- *Museu Municipal (de Alcácer do Sal)*, em *O Archeologo Português*, IV, 105-111, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898.
- *Discurso da Inauguração do Museu de Cenaculo em Beja em 1791*, em *O Archeologo Português*, IV, 283-287, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898.
- *Projecto de um Museu Archeologico em Setubal*, em *O Archeologo Português*, VII, 18-22, Lisboa, 1902.
- *Projecto de Museu (em Braga)*, em *O Archeologo Português*, VIII, 298-299, Lisboa, 1903.
- *Catalogo do Museu Archeologico da Cidade de Évora anexo à sua Biblioteca*, de António Francisco Barata, Lisboa, Imprensa Nacional, 1903. Análise critica de Leite de Vasconcelos, em *O Archeologo Português*, IX, 43-48 e 258, Lisboa, Imprensa Nacional, 1904.
- *Notice Sommaire sur le Musée Ethnologique Portugais*, em *O Archeologo Português*, X, 65-71, (1905), Lisboa, 1904-1905, reproduzido na *Historia do Museu Etnologico Português*, 97-104.
- *Musée Ethnologique Portugais — Plan de la Visite*, Belem, Lisbonne, em *O Archeologo Português*, XI, 160-164, Lisboa, Imprensa Nacional, 1906; reproduzido na *Historia do Museu Etnologico Português*, págs. 109-114.
- *Plano Summario do Museu Ethnologico Português*, em *O Archeologo Português*, XII, 125-127, Lisboa, Imprensa Nacional, 1907; reproduzido na *Historia do Museu Etnologico Português*, págs. 105-107.
- *Chronica (sobre o Museu Etnológico Português)*, em *O Archeologo Português*, XIII, 380-381, Lisboa, Imprensa Nacional, 1908.
- *Museu Municipal de Castelo Branco*, em *O Archeologo Português*, XV, 120-124, Lisboa, Imprensa Nacional, 1910.
- *Visita do Museu Ethnologico Português (nos Jeronymos, Belém)*, Lisboa, 1910-1911; reproduzido na *Historia do Museu Etnologico Português*, págs. 115-117.
- *Significação do Museu Etnologico Português*, Lisboa, 1912; reproduzido na *Historia do Museu Etnologico Português*, págs. 119-121.
- *Defensão do Museu Etnologico Português contra as Arguições que um Sr. Deputado lhe fez no Parlamento*, Lisboa, Livraria Clássica de A. M. Teixeira, 1913; reproduzido na *Historia do Museu Etnologico Português*, págs. 125-168.
- *Museu Municipal (de Alcácer do Sal)*, em *O Archeologo Português*, XIX, 301-307, Lisboa, Imprensa Nacional, 1914.
- *Historia do Museu Etnologico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1915.
- *Sinopse do Museu Etnologico Português*, Famalicão, Tipografia Minerva, 1919.
- *Excursão Arqueológica (contém uma notícia sobre a fundação e conteúdo do Museu Regional de Leiria)*, em *O Archeologo Português*, XIX, 302-303, Lisboa, Imprensa Nacional, 1920.

### 3 — *O Museu Etnológico e a Museologia*

O leitor interessado deve ter verificado, através da apresentação pormenorizada das actividades do Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos desde 1930 a 1953, e mais especificadamente das de 1954 a 1964, — o incremento e desenvolvimento que elas tiveram sobretudo nos campos da arqueologia e da etnografia, apesar de dificuldades permanentes e ocasionais. Vai agora expor-se, em breve síntese retrospectiva, a renovação que sofreu, as modificações introduzidas para melhoria dos seus serviços, e as deficiências que revelava em 1964, e que ainda hoje se patenteiam, apesar da boa vontade geral em remediá-las ou eliminá-las por completo.

A ideia que originariamente presidiu à fundação do Museu Etnológico, e que posteriormente se alargou, tem-se mantido até hoje através das transformações por que ele tem passado. A reorganização do Museu, constante do decreto n.º 18 237, de 23 de Abril de 1930, rectificado no *Diário do Governo*, I série, n.º 101, de 2 de Maio do mesmo ano (v. Apêndice II) consagrou-a nestes termos: «O Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos destina-se a contribuir para o estudo das ori-

---

VIANA (ABEL), FONSECA (BELARD DA), RIBEIRO (FERNANDO NUNES), *Museu Regional de Beja. Catálogo de Algumas das Principais Peças* (redigido em português, francês, inglês e alemão, profusa e ricamente ilustrado), Beja, Junta do Distrito de Beja, s. d.

VIANA (MÁRIO GONÇALVES), *A Técnica Publicitária*, Porto, Tip. Costa Carregal, 1946 (sep. da *Revista de Contabilidade e Comércio*).

— *Um Museu dos C. T. T. (Objectivos-Organização-Funcionamento)*, Lisboa, 1949.

— *Elementos de Museologia, Museologia Geral, Museologia Aplicada*, Lisboa, Garcia & Carvalho, Lda., 1953.

— *Elementos de Psicotecnia e Sociotecnia Publicitária. Ética Publicitária*, Porto, Tip. Porto Médico, 1954 (sep. da *Revista de Contabilidade e Comércio*).

— *Técnicas Informativas, Sua Aplicação à Indústria, à Agricultura e ao Comércio*, Porto, Tipografia Porto Médico, 1958 (Separata da *Revista de Contabilidade e Comércio*).

VITORINO (PEDRO), *Os Museus de Arte do Porto. (Notas Históricas)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930.

Vejam-se também os catálogos de museus portugueses, alguns dos quais contêm notícias histórico-museológicas; e bem assim as comunicações nas reuniões dos conservadores de museus.

gens, carácter e evolução histórica do povo português, por investigação e publicação de arqueologia, etnografia e antropologia, e pela exposição permanente de objectos arqueológicos e etnográficos e restos antropológicos, provenientes principalmente de Portugal», artigo 1.º<sup>(244)</sup>; e o director Professor Manuel Heleno firmou-a quando escreveu em 1955: «Ao elaborar o programa das futuras instalações do Museu Etnológico, esta Comissão não podia deixar de ter presente o já citado papel, que ele desempenha há mais de 60 anos na investigação arqueológica e etnográfica portuguesa, a riqueza das suas colecções, o seu papel internacional, as suas funções universitárias, como estabelecimento anexo à Faculdade de Letras de Lisboa, o seu lugar na educação popular, como museu mais frequentado do País, a sua função de arquivo arqueológico e etnográfico da nação»<sup>(245)</sup>. Assim, pois, o Museu Etnológico, nos seus 72 anos de intensa e fecunda actividade científica e altamente patriótica, tem mantido o seu carácter uno e indivisível, tal como a Nação portuguesa, cuja vida ele representa, nos seus oito séculos de existência exemplar. Atentar contra a indivisibilidade e unidade do Museu, sempre sãbiamente preservada pelo Estado, seria privar os Portugueses da visão e compreensão colectiva da razão de ser da independência nacional.

O referido regulamento ou organização igualmente regista a sua função pedagógica superior especial, atribuindo-lhe a exemplificação prática das cadeiras de Etnologia, Arqueologia, Epigrafia, Numismática, Paleografia, História Antiga e Geografia Antiga, etc.<sup>(246)</sup>; com isto concorda o que se transcreveu do mencionado *Programa*.

Se o escopo e a função se conservaram a bem dizer inalteráveis, também o alojamento de 1900, a ala meridional do mosteiro dos Jerónimos, perdurou até hoje, embora com as modificações já assinaladas. Em 1955, documentava o Prof. Manuel Heleno: «A área ocupada pelas salas de exposição permanente, biblioteca e serviços administrativos é de 7029,83 m<sup>2</sup> e a dos depósitos e da arrecadação das publicações de 711,94 m<sup>2</sup>, o que totaliza uma superfície de 7741,77 m<sup>2</sup>. Porém a sua área é insuficiente para o material que possui. Estão sem instalação as colecções

---

(244) Reproduzido em *O Archeologo Português*, XXIX, 210-218.

(245) No já citado *Programa*, pág. 7.

(246) Artigo 2.º, em *O Archeologo Português*, XXIX, pág. 7.

do Dr. Vergílio Correia, adquiridas por Sua Excelência o Presidente do Conselho, as colecções Estevens e Roseira e o importantíssimo material, citado já nas obras modernas de Arqueologia, das explorações feitas ultimamente pelo Museu em Rio Maior, Cambelas, Estremadura,» etc. <sup>(247)</sup>. Em 1964, ponderava judiciosamente, ainda em referência ao edifício e acomodação do Museu: «nunca se conseguiu achar solução capaz de vencer a decoração esmagadora do monumento, a sua luz demasiadamente crua, a ausência duma atmosfera acolhedora em galerias excessivamente extensas; nem foi possível vencer, por falta de salas, o excesso de documentação, dar-lhe uma apresentação que a fizesse falar» <sup>(248)</sup>. O problema total do alojamento e acomodação condizentes com os ditames da museologia moderna continuou e continua pois sem solução apropriada e decisiva, embora prática e parcialmente tenha tido soluções provisórias, como aliás pode continuar a ter. Novamente invocamos o testemunho alegado de 1955, com a chamada da atenção para o mesmo problema: «Com efeito, apesar de ele ocupar 7741 m<sup>2</sup>, não expõe por falta de espaço, como se disse, importantíssimas colecções, não dispõe de salas de aula (os alunos recebem as lições de pé), nem de seminários para a aprendizagem da investigação, nem de gabinetes para especialistas, nem de laboratórios, para aproveitamento e exploração dos materiais científicos, nem ao menos de gabinete fotográfico, nem de salas de preparação e classificação dos espólios exumados, nem de salas de exposição temporária para que se conheçam sem demoras os resultados das escavações, nem de um salão de conferências onde nacionais e estrangeiros possam comunicar com o público, nem duma apresentação sugestiva, que ensine sem cansaço! Uma riqueza científica e pedagógica que se não tem sabido aproveitar!» <sup>(249)</sup>. Se se concluísse a ala setentrio-meridional do mosteiro dos Jerónimos, já com os caboucos e os lindos pilares construídos, e se entregasse ao Museu Etnológico para acomodação das mencionadas colecções e outras mais, o problema alcançaria uma resolução satisfatória, embora não de carácter definitivo, como é óbvio.

Apesar de tudo alguma coisa se conseguiu fazer no aproveitamento

---

<sup>(247)</sup> *Programa*, pág. 7.

<sup>(248)</sup> *Um Quarto de Século de Investigação Arqueológica*, pág. 8.

<sup>(249)</sup> *Programa*, pág. 8.

do espaço existente, para se manter a ideia de exposição permanente, que persistiu na supracitada reorganização de 1930 (art. 1.º), e ainda em 1955 no mencionado *Programa* <sup>(236)</sup>. Na verdade, na processologia da comunicação, o Museu renovou consideravelmente a mobília, o arrumo dos mostruários, com largueza de trânsito e de visão, a exposição arejou-se, e a disposição e apresentação dos objectos lucraram bastante, permitindo um exame mais pormenorizado e instrutivo; entrou-se francamente, como se disse, pela nucleação evolutiva e comparativa arqueológico-etnográfica dos imperativos essenciais da vida, como a caça, a pesca, o pastoreio, a iluminação, o vestuário, a cerâmica, os transportes, a sabcença, a religião, a superstição, em sobreposição cronológica também; a explicação dos objectos e dos núcleos em pequenos quadros elucidativos, bem como um mapa colorido que articula as culturas com a geologia, facilitam a compreensão do público; restauraram-se habilidosamente mosaicos que com o seu cromatismo, figuras e motivos variados captam e encantam os olhos curiosos do transeunte; reconstituíram-se peças de cerâmica e de vidraria, os ricos mosaicos de Leiria, de Torre de Palma (Alentejo), de Santa Vitória do Ameixial (Alentejo), que avultam pelo seu interessante cenário, receberam disposição apropriada, o segundo integrado num sóbrio conjunto artístico, de pequena estatuária romana de mármore; tudo agora tornado mais atraente, mais compreensível e educativo. A forma, as dimensões e a cor dos mostruários, com prateleiras de vidro, a disposição mais desaccumulada possível dos objectos, clarificaram e propiciaram a observação inteligente do visitante que com tudo isto mais aproveitou da sua ida ao Museu. Entrou-se abertamente pelo caminho da exposição das colecções em estudo, como por exemplo a do riquíssimo e esclarecedor espólio da *villa* romana de Torre de Palma (Alentejo), que é acompanhado de uma planta em relevo daquela, as patentes no II pavimento do Museu, de materiais portugueses e estrangeiros (Cfr. o que se disse a este respeito na parte referente aos anos de 1940 e seguintes). Contudo várias secções valiosas do Museu, como parte da romana, visigótica e medieval portuguesa, deslocadas por motivo do alojamento do Museu de Marinha em parte do recinto antigo do Museu

---

(236) Pág. 9.

Etnológico, encontram-se armazenadas à espera de reparação da sala em que devem figurar. É da maior conveniência ampliar-se em grande escala a secção de etnografia ultramarina, com o fim de o público abranger a vasta projecção imperial portuguesa e as civilizações que encontrou, elevou e valorizou. O II pavimento está necessitado, *plus minus*, de instalação eléctrica apropriada, e os mostradores de etnografia, com mais de 50 anos de uso, estão antiquados e carecem de ser substituídos por outros, se possível de armação metálica, sólida, elegante, que proporcionem melhores condições de visibilidade.

Postais ilustrados de preços módicos com reproduções de objectos artísticos e outros, do Museu, estão expostos à venda à porta de entrada, contribuindo pela imagem para a educação popular.

A investigação científica (escavações, explorações, etc.) prossegue, embora momentaneamente em ritmo mais lento, por falta de pessoal de que o Museu está angustiosamente desfalcado. Em 1964, aposentou-se a preparadora, o ajudante de preparador, nos meados do ano seguinte, foi exonerado a seu pedido; o Museu precisa, pelo menos por agora, mais pessoal devidamente habilitado e adestrado.

À data de este livro entrar no prelo, estão em via de publicação o vol. IV do *Ethnos* e o III da nova série de *O Arqueólogo Português*, e estão prestes a sair o IV e o V, e em preparação o V do *Ethnos*, o que vai permitir o alargamento das trocas com outras revistas congêneres nacionais e estrangeiras.

#### 4 — *Conspecto do Museu Etnológico*

A actual disposição e exposição das colecções de objectos permite ao visitante formar uma ideia geral das origens e evolução da Nação portuguesa, desde os tempos mais remotos até ao presente, já observando os ciclos evolutivos das necessidades materiais e espirituais fundamentais, já tomando conhecimento, por ordem cronológica, das civilizações que se estabeleceram no nosso território, já contemplando as manifestações da vida tradicional nacional.

Nesta descrição, o visitante pode orientar-se pelas plantas adjuntas e deve guiar-se pela numeração externa dos mostradores afixada no canto superior direito dos mesmos.

## PRIMEIRO PAVIMENTO

Logo à entrada do Museu, num pequeno átrio, o visitante vê a meio da parede da direita um alto-relevo de bronze com a efígie do Fundador, o Prof. Leite de Vasconcellos; nos dois vãos e dispostas no chão várias lápides de calcário, com inscrições latinas, uma dedicada a Esculápio e proveniente duma rua de Lisboa; outras do santuário de Endovélico; capitéis do Algarve, da colecção de Estácio da Veiga; dois brasões; cópia em gesso pintado de negro de uma inscrição portuguesa antiga.

Ao entrar no salão, em situação frontal, diante do arco, sobre um plinto, vê-se um busto de bronze do Fundador do Museu, da autoria do escultor Júlio Vaz Júnior.

## SECÇÃO PREAMBULAR (Fig. 16)

Nesta secção, apresenta-se ao visitante um conjunto de mostradores cujo recheio patenteia a evolução arqueológico-etnográfica de determinadas actividades existenciais do homem, como a caça, a pesca, a pastorícia, a agricultura, a indústria, a habitação, a iluminação, os transportes, a vida intelectual, artística, religiosa, etc. Assim se verificam as relações do passado (*arqueologia*) com o presente (*etnografia*), isto é, a continuidade da acção realizadora do homem nos diversos campos da ergologia e da sabedoria.

## MOSTRADOR N.º 1

Neste mostrador, revela-se o aproveitamento que o homem faz dos materiais que a natureza lhe dá e ele adapta directamente às suas necessidades: do reino animal (chifre, conchas, osso, pele, etc.); do reino vegetal (cabaça, cana, cortiça, fibras, pau, vime, etc.); do reino mineral (barro e pedra).

Aqui se contêm instrumentos de pedra, objectos de osso e de barro, utensílios pré-romanos («picos» de pedra polida, pedras de triturar ou «mós»); romanos (volantes ou rodas de fuso ou «cossoiros», colher de modelo romano, outros artefactos, etc.) e portugueses antigos e modernos

(furadores, *esfolhadores*, *sovinos* ou *aguços*, de madeira e de osso, alguns ricamente decorados ou «bordados»; trabalhos diversos de cortiça, chifre, cana, vime, etc.).

Entre os mostradores 1 e 4, dispostos no chão, há objectos de cortiça (cortiços e cadeira alentejana).

#### MOSTRADOR N.º 2

Neste mostrador, representa-se o esforço artificial do homem para tirar das águas o alimento que elas lhe podem oferecer (aprestos de pesca); o esforço para o homem se apoderar dos animais, vivos ou mortos, em terra e no ar, e alimentar-se deles (aprestos de caça).

Aqui se apresentam objectos empregados na pesca (anzóis, pesos de rede, etc.), pré-romanos, romanos e portugueses antigos e modernos; objectos utilizados na caça (enganos, esparrelas, físgas, etc.); esboço da evolução da arma de arremesso, desde as pontas de seta (pré-romanas, romanas, de pedra e de bronze), às fundas, às físgas e à arma de fogo. Em suma, representam-se e documentam-se as formas de sustento animal e seus processos: pela caça, em terra e no ar; pela pesca, nas águas dos rios e do mar.

#### MOSTRADOR N.º 3

Neste mostrador, apresenta-se um esboço da etnografia da iluminação: a luz através dos tempos. A evolução da iluminação e das luminárias desde épocas muito remotas até à actualidade (arqueologia e etnografia), desde a pré-história ao período lusitano-romano (conchas, lucernas de barro e de bronze), aos períodos cristão, visigótico (espécimes de barro com símbolos cristãos) e arábico (lucernas de barro e metal). Exemplos portugueses (de barro, vidro, lata, estanho, latão e ferro): candeias, candeeiros, lanternas, lampiões, castiçais, sem faltarem os *guiços* de pinho para lumieiras. Em todos os tempos: exemplares comuns e exemplares artísticos.

#### MOSTRADOR N.º 4

Neste mostrador, apresenta-se a etnografia da vida pastoril (com modelos e elementos arqueológicos de comparação). Economia domés-

**MUSEU ETNOLÓGICO DO D.º LEITE DE VASCONCELOS**

João L. SÁVIA, MACHADO — Subsídios para a História do Museu Etnológico

**A - SECÇÃO PREAMBULAR**

**B - IDADE DA PEDRA**

PALEOLÍTICO

MESOLÍTICO

NEOLÍTICO

**C - IDADE DOS METAIS**

Épocas:

BRONZE

FERRO

**D - ÉPOCA LUSITANO-ROMANA**

**E - ÉPOCA MEDIEVAL (Visigética)**

**F - SALA DO EGITO**

**G - SECÇÃO ESTRANGEIRA**

**H - SECÇÃO DE ETNOGRAFIA ULTRA-**

MARINA

**I - SECÇÃO LAPIDAR PORTUGUESA**

MOSTRADORES

SARCÓFAGOS

BRASÃO

ESTATUA, BUSTO OU CASCA

ALA, BAIXO-RELEVO OU INSCRIÇÃO

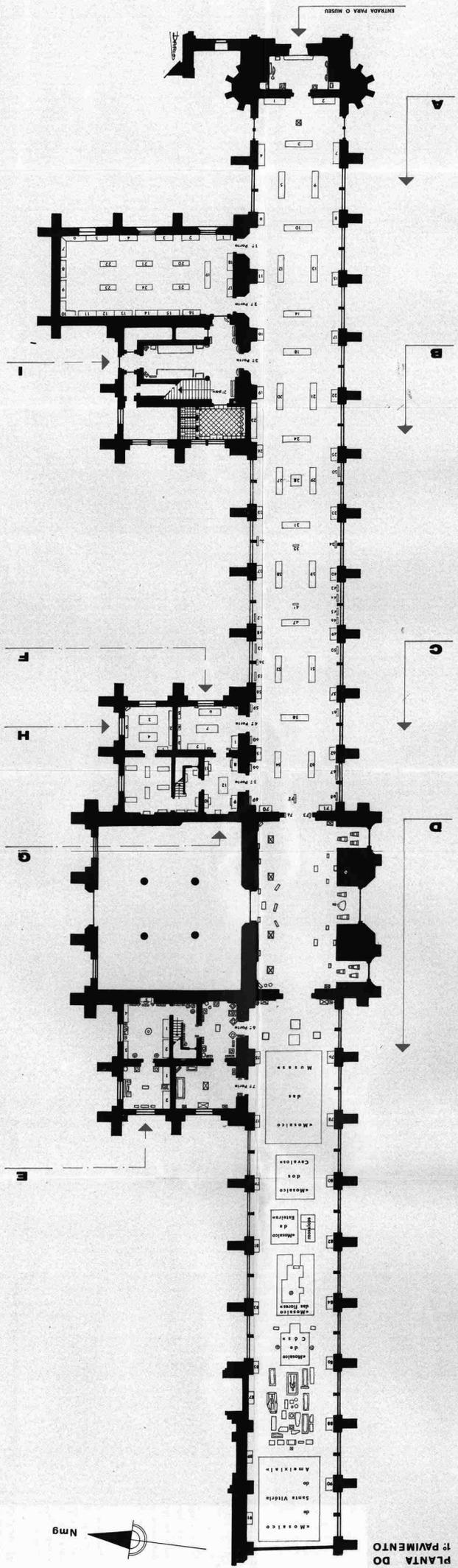
CAPITEL

BRASÃO

ARCOBA

COLUNA

MOZAIKO



PLANTA DO 1.º PAVIMENTO



tica: o pastoreio, a ganadaria. Sem a posse do gado e dos produtos (agricultura), o homem estaria impossibilitado das trocas do que tinha pelo que lhe faltava: o comércio.

Ocupação primitiva e espontânea do pastoreio, fase e feição características da vida do homem no espaço ocupado e no tempo.

Sugestões da vida pastoril: *tarros* de cortiça e de lata para os alimentos e para o leite; *surrão* de pele de cabrito; bordões de arrimo e de guarda; colheres e outros objectos, como as marcas ou *pintadeiras* para bolos e para a manteiga; os ganchos de costura, etc.; mil coisas de madeira e de cortiça que o pastor faz ou *borda* nas longas horas do pastoreio. Tipos de chocalhos de modelos romanos e portugueses (antigos e actuais); badalos de madeira; etc..

#### MOSTRADOR N.º 5

Este mostrador contém diversos objectos de várias indústrias e muitas ferramentas (indústrias artísticas e artefactos, da arqueologia à etnografia): instrumentos da idade da pedra lascada e da pedra polida (picos, facas de sílex, lascas, machados de pedra polida, e outros artefactos); da idade do bronze, de pedra e deste metal (grande variedade de machados de bronze, grandes e pequenos, pregos de tamanhos variados, etc.); da idade do ferro (instrumentos de pedra empregados nas minas, outros artefactos daquele metal, etc.); do período lusitano-romano (ferramentas de ferro, vidraria romana, vários modelos de chaves de diversos tamanhos, garfos, colheres, etc.); e muitos exemplares de instrumentos portugueses (ferramentas: machados, pregos); grande variedade de indústrias populares de ferro; espécimes da indústria da louça de estanho, de lata, de latão, bronze e vidro. Tudo, antigo e moderno, proveniente do território que hoje é Portugal.

#### MOSTRADOR N.º 6

Neste mostrador, revela-se o amanho (trabalho) da terra (economia doméstica). É o aproveitamento da força produtora da terra para consumo dos homens e de seu gado (pastoreio e ganadaria).

Na impossibilidade material de se apresentarem os instrumentos, as alfaias e outra documentação do trabalho nas dimensões naturais, apro-

veitam-se e exemplificam-se com modelos pequenos sugestivos; para comparação de formas e prova da sua continuidade, mostram-se ferramentas agrícolas romanas de ferro e congéneres portuguesas antigas e modernas. Representam-se: a *picota* ou *cegonha* para tirar água dos poços, *pinos* de esteva para coser o cortiço das abelhas, cabana dos guardas das eiras e das plantações, o *mangual*, o arado, *dedeiras* de cana, chifre e lata para uso nas ceifas, *chifarro* ou *canavarro*, bolsa de cortiça, decorada, para resguardo do machado, e outros modelos de material de lavoura.

#### MOSTRADOR N.º 7

Este mostrador apresenta, em síntese, a etnografia dos transportes em terra — (com elementos arqueológicos de comparação: freios da idade do ferro e outros, portugueses antigos e modernos; cubo de bronze para eixo de carro, também da idade do ferro; esporas romanas e portuguesas antigas; objectos de aplicação a cavalos e a muares de tracção; etc.) — e no mar e nos rios (modelos reduzidos de um barco rabelo e de um moliceiro; etc.).

Também se figuram as formas desses transportes, modeladas pelo artista popular: carros, animais de carga, tracção e cavalaria; aprestos de atrelagens; ornamentação e defesa dos animais; guarnições de carros; modelos pequenos de tipos diversos; jugo duriense ornamentado e canga.

Ao lado esquerdo do mostrador n.º 7, em suporte de madeira: três jugos ornamentados, da região do Douro, um deles colorido e guarnecido de *botões* amarelos. Ao lado, um modelo pequeno de carro de bois, com resguardo lateral (*sebe*) para a carga.

#### MOSTRADOR N.º 8

Neste mostrador, representa-se a etnografia das medições: pesos e medidas (metrologia) de comprimento, capacidade e tempo.

Aqui se vêem medidas lineares (vara, côvado e outras antigas e modernas), de capacidade (receptáculos de cabaça, vime, barro, madeira, lata, etc.), pesos (de pedra, de ferro, chumbo, latão e bronze, de modelos variados), balanças (romanas de diferentes tamanhos, decimais, etc.),

objectos para medição do tempo (ampulhetas, relógios de sol, relógios velhos e outros).

Ao lado direito, fora do mostrador (entre os mostradores n.ºs 8 e 15), arrumados no chão, estão dois exemplares grandes de relógios de sol, de pedra.

#### MOSTRADOR N.º 9

Neste mostrador, esboça-se a vida intelectual, com a figuração da literatura popular (novela, teatro, etc.), de estampas de costumes e trajos populares portugueses do séc. XIX, de gravuras (exemplares nos livros expostos) de assunto profano e religioso (exemplares do séc XVI a XIX), de *registos de santos* de ficção artística e de formas populares, algumas delas coloridas à mão pelo artista popular.

#### MOSTRADOR N.º 10

Neste mostrador, representa-se o traje popular português. Também nele figuram objectos arqueológicos e etnográficos, de fiação e tecelagem (trabalho para o traje). Para comparação e esclarecimento: objectos arqueológicos, de metal, de vidro e de osso (das épocas da pedra, do bronze, do ferro e romana), a par com espécies etnográficas.

Aqui se observam pormenores do traje (anéis, pulseiras, contas de colar, botões, fíbulas, argolas, brincos, etc.) e acessórios (alfinetes, agulhas, etc.); figuras de barro colorido com trajos do povo (Fig. 46) e de costumes ou instituições e festas, de profissões, etc., do séc. XVI ao XVIII (figuras de presépio), do séc. XIX à actualidade (Figs. 47 e 48).

#### MOSTRADOR N.º 11

Neste mostrador, apresentam-se objectos relativos à escrita e sua aprendizagem através dos tempos: vários modelos de tinteiros (de barro colorido de vermelho, e um de ferro do tempo dos romanos, vários exemplares portugueses, de pedra, de louça, madeira e estanho, alguns com formas artísticas e decorações), de tinteiros-penas (com a pena enroscada no depósito da tinta), de areeiros, de apara-penas, e vários outros objectos de uso na escrita.

Também estão aqui representados os métodos de ensino: pena ou canetas de feitura popular, a palmatória do velho mestre-escola, estampa que o representa caricaturalmente, pedra de escrever com o ponteiro em forma de perna, exemplares de velhas escritas, alfabeto bordado a ponto de cruz, cartilhas antigas, etc..

#### MOSTRADOR N.º 12

Este mostrador contém formas de simbologia tradicional do povo português. Para esclarecimento etnográfico mostram-se alguns objectos arqueológicos (romanos e uma lápide cristiano-visigótica).

Formas pagãs: suástica, rosa, chave, coração simples, coração florido, par de corações, rosas, estrela, pomba, etc..

Formas cristãs: cruz, pomba (espírito, alma e espírito santo, exemplar de uma lápide funerária cristã com representação da pomba), de madeira, louça, cortiça, ferro, papel, renda, etc., com forma própria, de peças independentes e com expressão decorativa em exemplares maiores, pintadas, esculpidas, recortadas, bordadas, incisas.

#### MOSTRADOR N.º 13

Neste mostrador, representa-se a religião popular através dos tempos. Vêem-se algumas formas de agradecimento e congratulação por melhoras atribuídas a Deus e aos santos: *ex-votos* ou *promessas cumpridas* (exemplares de madeira, cera, lata, louça e pano); expõem-se a documentação equivalente (arqueológica) da mesma crença e do mesmo costume gratulatório dos lusitano-romanos (aras ou altares, partes de corpos humanos mutilados, e figura de animal, de pedra), tijelinhas e colheres oferecidas à N.ª Senhora do Fastio, quadros representativos das doenças em que o devoto foi curado milagrosamente, retábulos de *milagre* ou *milagres*, com o cenário, a imagem do santo e a legenda inferior com o nome do miraculado, a data do acontecimento, lugar, etc..

#### MOSTRADOR N.º 14

Este mostrador apresenta a religião na etnografia portuguesa, o reflexo da religião católica nos usos, costumes e práticas religiosas do



Fig. 46 — Seis figuras de tipos populares portugueses de barro pintado a cores. Esculturas de Teixeira Lopes, Pai



Fig. 47 — O aguadeiro, figura popular portuguesa antiga. Secção preambular do Museu Etnológico



Fig. 48 — A leiteira, figura popular portuguesa antiga. Secção preambular do Museu Etnológico



Fig. 49 — Belo exemplar de boneca antiga de cera. Altura: 24 cm. Fabricada em França, cerca de 1790. Peça rara, com cabeça e braços de cera. É suportada por uma haste de madeira.

povo, através dos objectos expostos: imagens, presépios, figuras de presépio, esculturas e pinturas, *registos de santos*, terços, crucifixos (apresenta-se um medieval), retábulos de *milagres*, louças do culto, flores de oratório e de romaria, etc.

## MOSTRADOR N.º 15

Neste mostrador, está representada a vida supersticiosa, por meio de variadíssimos amuletos e objectos de agouro.

Muita gente de cultura tradicional, e até de cultura ilustrada, liga permanente e grande influência aos amuletos e objectos de agouro nos actos da vida humana: lua, figa, cornicho, pentalfa, sino saimão (*signum salomonis*), hexalfa, chave, ferradura, campainhas (para afastar as trovoadas), pedra de raio (instrumentos de pedra polida, cristais, dentes fósseis de robalo, etc.), maçaroca e boneca de alfazema, etc.. Alguns destes objectos usam-se em separado, outros em grupo ou *cambulhada*, ora só de peças pagãs, ora de mistura de paganismo e de cristianismo (a cruz da fé, a âncora da esperança e o coração da caridade: as três virtudes cardiais).

O galo dos agouros, o gato preto que dá felicidade à casa, a pedra de raio que defende pessoas e casas, os gestos mágicos de ataque e defesa, como a figa que se faz, os braços que se cruzam, etc., tudo se representa.

## MOSTRADOR N.º 16

Neste mostrador, revela-se a sabença ou sabedoria popular:

a) A medicina supersticiosa com o uso dos amuletos pagãos e cristianizados, pedras do leite ou pedras leiteiras, contas para as dores dos dentes de leite, frasco de objectos de bruxaria, etc., as mezinhas e chás de medicina vegetal ou de herbanário, estojo pequeno de medicina homeopática, instrumentos de sangrador, seringas de clisteres, de estanho e de latão, louça para substâncias medicinais (boiões de diferentes tamanhos e formas, canudos com o nome da substância contida, bacia de barbeiro, tijelas, etc.);

b) A medicina erudita, baseada em grande parte na medicina popular de herbanária (a *Polyanthea Medicinal* de Curvo Semedo, médico português do séc. XVIII, de grande nomeada).

#### MOSTRADOR N.º 17

Este mostrador contém objectos referentes à etnografia recreativa (jogos, distrações, etc., para crianças e adultos), música e dança, peças de jogos, paciências, cartas, vício de fumar e brinquedos. Vários elementos arqueológicos de comparação (romanos e anteriores: dois modelos de assobios, de osso, marcas, etc.).

Aqui se apresenta o aspecto resumido das distrações, através de espécimes sugestivos: bonecas, brinquedos de madeira, de barro e de lata, que representam, em redução de tamanho, muitos objectos caseiros, recreios musicais (flautas, pífaros flautas de «Pan» ou gaitas de capador, de lata, de cana e de barro, violas, ferrinhos, pandeiretas, adufe, castanholas, etc.), danças (antigas, cuja tradição se revela na escultura popular), tipos de jogos (gamão, rapa, berlindes, damas, laranjinha, bilharda, etc.), grupos de peças para jogos (de pedra, barro, de vidro, etc.), antigas (pré-romanas e romanas) e modernas (jogas, joguinhas, moedas, patelas de pedra e de lousa, etc.), touradas (*feira brava*), vício de fumar (aprestos de fumador), paciências (de arame e de madeira), gaiolas de grilos (grileiros de barro e modelos de arame), etc..

#### SALA DE CERÂMICA (Fig. 17)

Na primeira sala, à direita de quem entra (do lado do norte), há uma colecção de cerâmica, disposta cronologicamente e em seriação evolutiva e comparativa, como nos mostradores da secção preambular, a que também pertence.

Começando a visita pelo lado direito, vejam-se os mostradores que e seguir se indicam:

#### MOSTRADOR N.º 1

Antes de conhecer as qualidades plásticas do barro e de as poder aproveitar, o homem primitivo serviu-se de produtos animais (cascos de caveiras humanas e de animais, conchas, chifres, e, porventura, os ossos

maiores de grandes animais, etc.), vegetais (cascas secas e endurecidas de frutos, cabaças, abóboras, *coxos* de cortiça, entrenós de canas grossas, tábuas e cepos de árvores escavados, etc.) e minerais (pedras escavadas pela natureza ou por artifício humano, pedaço bruto de barro arrancado das barreiras e barrocais, etc.), para recolher e conservar líquidos. Tudo isto se encontra representado.

Entre os mostradores 1 e 2, disposto no chão, está um recipiente de pedra (silo) das mesmas épocas.

#### MOSTRADOR N.º 2

Para observar as origens da cerâmica, a sua evolução, quer no fabrico (técnica), desde o manual ao do emprego da roda de oleiro, quer na estética (formas, tipos e ornamentação), é preciso começar pela contemplação das formas mais primitivas e segui-las na sua transformação progressiva, na sua continuidade e transmissão de modelos até aos da olaria popular actual, e esta nas suas modalidades próprias.

Assim, apresentam-se neste mostrador alguns exemplares demonstrativos das idades da pedra polida (período *neolítico*) e da transição da idade da pedra para a dos metais (período *eneolítico*). Devem comparar-se as formas de maior rudeza com as das vasilhas obtidas dos produtos naturais, que se apresentam no mostrador anterior (n.º 1); podem notar-se as decorações incisivas de alguns exemplares, uns provenientes das grutas artificiais de Palmela, outros que são resultado de tentativas do ilustre arqueólogo Marques da Costa, para reconstituir peças de louça do mesmo padrão técnico e artístico.

Apresentam-se modelos arcaicos de vasilhas de barro, da idade da pedra polida ou período *neolítico* e da época dos primeiros metais: técnica manual e da roda (começo).

Entre os mostradores 2 e 3, está exposta, assente em tripé metálico, uma linda ânfora romana; em pequena caixa envidraçada, pendurada na parede, observa-se um trono de St.º António (composição feita com objectos modernos, utilizados em sentido etnográfico pelos habitantes dos bairros populares de Lisboa: Alfama, Mouraria e Bairro Alto).

## MOSTRADOR N.º 3

Este mostrador apresenta ao visitante várias peças de louça de fabrico mais adiantado, de técnica da roda de oleiro (épocas do *bronze* e do *ferro*): cerâmica do espólio do cemitério da época do ferro, em Alcácer do Sal (Alentejo), e do castro de Azougada (Moura, Alentejo).

## MOSTRADOR N.º 4

Este mostrador contém louça romana e lusitano-romana, de importação e indígena: lisa, polida, colorida e com relevos aplicados; exemplares de vários tamanhos e de barros diferentes: barro simples e barro envernizado e marcado (*terra sigillata*).

Devem comparar-se alguns tipos desta cerâmica com os da louça posterior, até à actualidade; alguns exemplares eram importados no território que hoje é Portugal, outros feitos por oleiros romanos e indígenas da Lusitânia. Todos são provenientes de escavações realizadas em Portugal.

## MOSTRADOR N.º 5

Neste mostrador, apresenta-se louça medieval: visigótica, arábica e portuguesa.

Cerâmica visigótica: os exemplares em exposição, procedentes do centro e do sul de Portugal, mostram rudeza de formas e de tipos, sem excluir semelhança e continuidade de formas; melhor se observam estas qualidades na cerâmica fina, alguma da qual apresenta já os símbolos do cristianismo, a que os Bárbaros se converteram.

Cerâmica arábica e luso-arábica: nos exemplares expostos, quase todos provenientes do Algarve, notam-se especialmente o emprego do barro vidrado, a continuidade de tipos e o aparecimento de outros, também continuados na olaria posterior. Sobressaem três belos exemplares (dois pratos e um jarro) de reflexo metálico (Manises, Espanha) (Fig. 50).

Cerâmica portuguesa: apresentam-se alguns exemplares, completamente vidrados, de formas já estabelecidas, de cor verde na quase totalidade, os quais foram encontrados no centro do País.



Fig. 50 — Três peças de cerâmica hispano-árabe (dois pratos e um jarro) com ornamentação variada, cor de vinho e com reflexo metálico (Manises, Espanha)



Fig. 51 — Três pratos de faiança portuguesa antiga, colorida, com medalhão central decorado com figuras de animal, e humana (séc. XVII)

## MOSTRADOR N.º 6

Este mostrador tem expostos belos exemplares cerâmicos populares portugueses antigos e modernos.

Na primeira secção do mostrador: cerâmica portuguesa dos séculos XVI a XVIII, de barro vermelho, uns exemplares lisos, outros decorados, ora em relevo e com incrustações de pequenos seixos brancos de quartzo (notam-se mais adiante os *empedrados* de Nisa e de Estremoz, no Alentejo), ora por compressão e amachucamento no barro mole; na prateleira inferior peças de louça de cozinha, do séc. XVIII.

Na segunda secção do mostrador: cerâmica popular portuguesa, da província do Algarve (louça vidrada e colorida, com belos efeitos decorativos). Notem-se as influências dos modelos antigos e a imitação feita pelo oleiro, de peças de outra feição (como a de frascos e garrafas de vidro, aqui reproduzida no barro com decoração semelhante à da outra cerâmica).

## MOSTRADOR N.º 7

Neste mostrador, estão expostos belos exemplares de louça popular portuguesa, moderna, do Alentejo. Sobressai a cerâmica *empedrada* de Nisa (Alto Alentejo), com desenhos riscados, com guarnições de pequeninos seixos de quartzo; alguns pedaços de *pedra china* de Estremoz, usada na decoração da louça por fricção.

## MOSTRADOR N.º 8

Este mostrador contém louçaria popular portuguesa, moderna, do Redondo (Alentejo), vidrada e pintada, de formas e tamanhos variados.

## MOSTRADOR N.º 9

Neste mostrador, apresenta-se a louça popular portuguesa, moderna, de Mafra (Estremadura), alguma de formas muito interessantes, com um vidro característico brilhante.

## MOSTRADOR N.º 10

Neste mostrador, na sua primeira secção, pode o visitante apreciar a louça portuguesa moderna das Caldas da Rainha (Estremadura), de formas populares e de fantasia. Na segunda secção, deverá observar a louça popular portuguesa da Estremadura (de Torres Novas, de Lisboa), de Santarém, e ainda um castiçal de fuste torcido de Aljubarrota (Estremadura).

## MOSTRADOR N.º 11

Neste mostrador, apresenta-se louça popular portuguesa, moderna, das Beiras (Beira Alta, Beira Baixa e Beira Litoral), vermelha e preta, proveniente de Coimbra (louça avermelhada, vidrada, com decoração florida), Miranda do Corvo (vasos com forma humana), Seia, Carvalhal da Loíça, Tondela (louça preta), etc..

## MOSTRADOR N.º 12

Este mostrador contém louça popular portuguesa, moderna, do Minho, Douro e Trás-os-Montes, vermelha, colorida, com e sem vidrado, e preta.

Note-se sobretudo a cerâmica de Barcelos (Minho): vidrada, ora vermelha com decoração florida de cor amarela, ora amarelada com decoração vermelha. Repare-se na louça do Prado, da Régua (Trás-os-Montes), vidrada, colorida de amarelo; na louça preta de Chaves, das olarias de Vilar de Nantes; na de Vila Real, das olarias de Bizalhães; nalguns objectos minúsculos de barro preto (*pucarinhos*), que se vendem na *feira dos pucarinhos*, no dia de S. Pedro, e os namorados oferecem às namoradas e pretendidas, para os alfinetes ou ganchos de meia, etc..

## MOSTRADOR N.º 13

Neste mostrador, apresenta-se louça popular portuguesa, moderna, de Coimbra (séculos XIX e XX), decorada com figuras de carácter etnográfico.

## MOSTRADOR N.º 14

Este mostrador contém faianças portuguesas dos séculos XVII e XVIII, com influências renascentistas e orientais: tipos de *rendas*, *aranhões*, *pérolas*, etc., todos dignos da maior contemplação (Fig. 51).

## MOSTRADOR N.º 15

Neste mostrador, apresentam-se variadíssimas peças sugestivas dos séculos XVIII e XIX, das fábricas do Rato (Lisboa), da Bica do Sapato (Lisboa), de Estremoz (Alentejo) e do Juncal (Porto de Mós, Estremadura) (Figs. 52 a 54).

## MOSTRADOR N.º 16

Este mostrador contém diversas faianças portuguesas dos sécs. XVIII e XIX, das fábricas de Darque (Viana do Castelo, Minho) (Fig. 55), de Estremoz (Alentejo) e de Vila Nova de Gaia (Douro Litoral).

## MOSTRADOR N.º 17

Neste mostrador, apresenta-se uma interessante colecção de azulejos árabes e hispano-árabes, do século XVI (Fig. 56). Também se podem observar algumas imitações modernas destes azulejos.

## MOSTRADOR N.º 18

Aqui se continua a exposição de azulejos dos séculos XVI, XVII e XVIII (Fig. 57).

## MOSTRADOR N.º 19

Neste mostrador, procura-se, em síntese, dar ao visitante uma ideia sobre as diversas aplicações do barro: enfeites, mealheiros, vasilhame, imagens, materiais de construção, azulejos, mosaicos, etc., etc..

## MOSTRADOR N.º 20

Este mostrador contém cerâmica portuguesa, antiga e moderna, como boiões de farmácia, jarros, terrinas (Fig. 59), etc., não faltando a guitarra (Figs. 60 e 61) e alguma louça estrangeira para comparação.

## MOSTRADOR N.º 21

Neste mostrador, o visitante observa belas peças de louça infantil popular portuguesa de Barcelos, Prado, Mafra, Estremoz, etc.: figurinhas populares, munidas de assobios (*apitos*), interessantes esculturinhas populares de barro, para recreio (assobios), grande variedade de utensílios, etc., etc..

Na parte inferior do mostrador: louça com legendas humorísticas, políticas, etc..

## MOSTRADOR N.º 22

Este mostrador contém uma grande variedade de louça popular portuguesa de ir ao fogo: defumadores, perfumadores, assadores, etc., etc..

## MOSTRADOR N.º 23

Neste mostrador, apresenta-se louça conventual, branca e vidrada, com formas diversas, de Mafra (Estremadura).

Na parte inferior do mostrador estão expostos exemplares típicos de louça para iluminação.

## MOSTRADOR N.º 24

Este mostrador contém exposta uma variada colecção de cerâmica popular portuguesa: figurinhas e tipos populares, de barro pintado, de Vila Nova de Gaia, uma colecção de figuras populares de barro, coloridas, religiosas (de presépios e de cascatas) ou de intenção religiosa, e profanas (de Vila Nova de Gaia, generosa oferta da Câmara Municipal), outras figuras de presépio, antigas e modernas, de Estremoz, Vila



Fig. 52 — Bacia de rosto, ornamentada a azul com motivos vegetais. Faiança portuguesa da fábrica do Rato (Lisboa), do séc. XVIII. Peça marcada com as iniciais F. R.

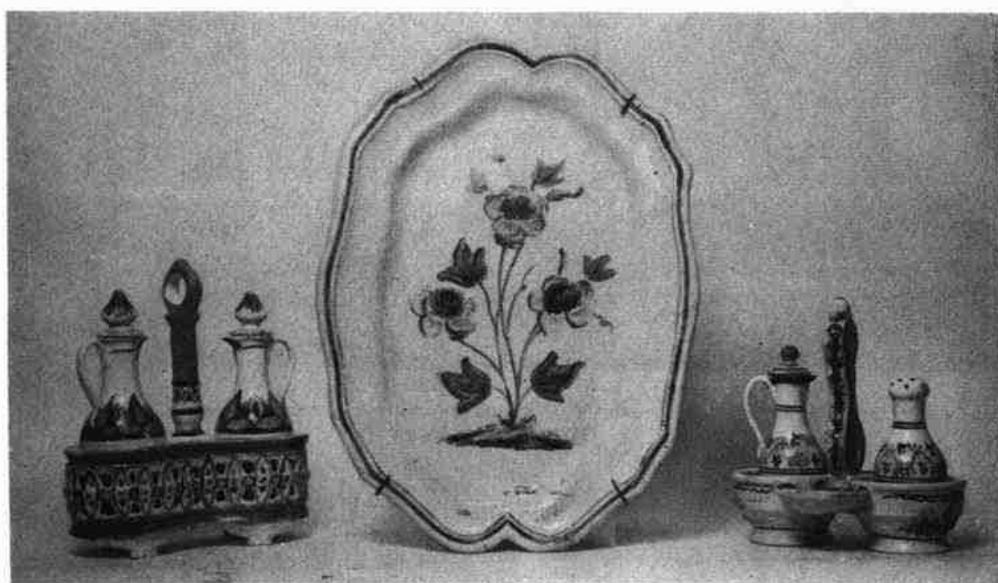


Fig. 53 — Conjunto de três peças de faiança portuguesa antiga: um galheteiro ornamentado a azul; travessa decorada a azul, amarelo, castanho e verde, da fábrica do Rato (Lisboa), com a marca F. R., e T. B. (Tomás Brunetto); galheteiro da fábrica de Darque (Viana do Castelo), do séc. XVIII



Fig. 54 — Duas jarras e uma terrina da fábrica do Juncal



Fig. 55 — Três jarras de faiança portuguesa antiga, colorida, da fábrica de Darque, Viana do Castelo (séc. XVIII)

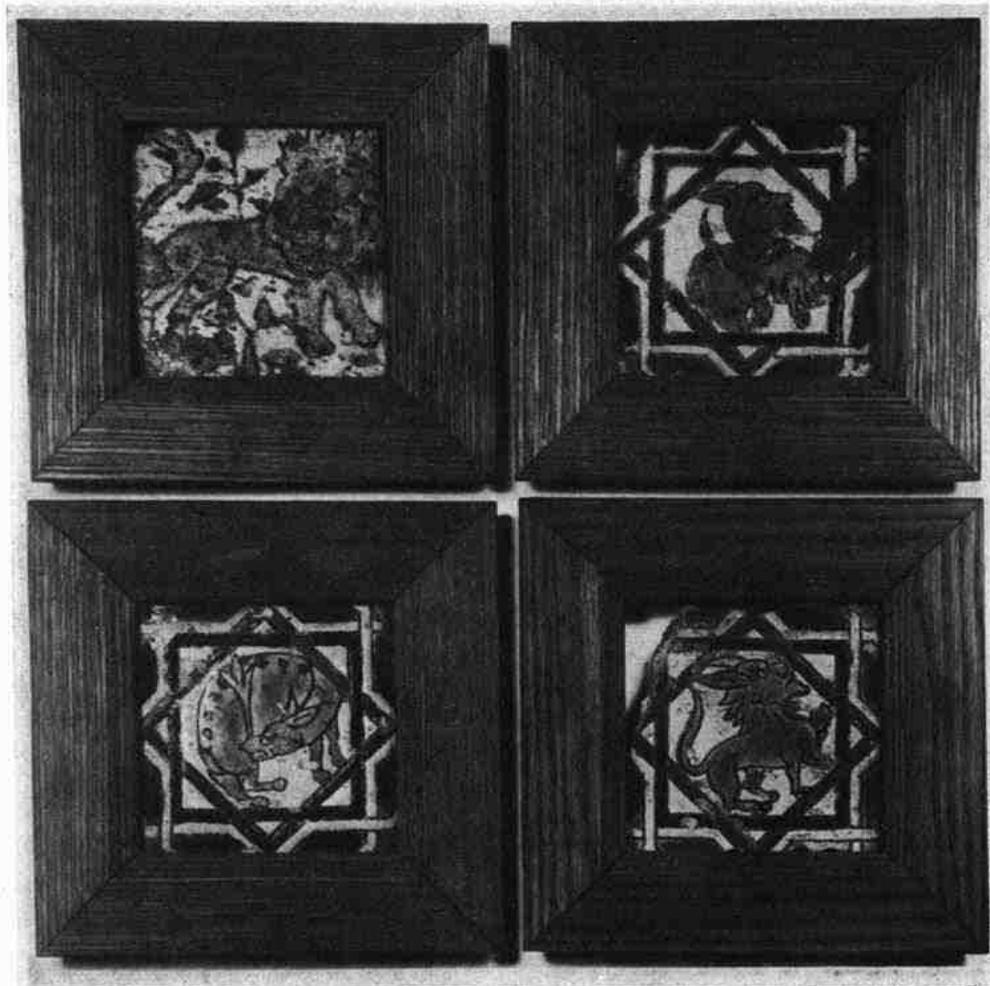


Fig. 56 — Quatro azulejos hispano-árabes (sevilhanos) ornamentados a amarelo, verde e cor de vinho, dois com figuras de animais, outros dois com a figura do Diabo (séc. XVI)



Fig. 57 — Dois quadros com azulejos portugueses antigos, ornamentados a azul, com figura humana. Azulejo com o dístico *Alcacer* e um navio (séc. XVIII)



Fig. 58 — Três peças de cerâmica portuguesa medieval, uma ornamentada e duas vidradas de verde, de Idanha-a-Velha (Beira Baixa)



Fig. 59 — Conjunto de três terrinas de faiança portuguesa antiga, colorida (séc. XIX)

Nova de Gaia e da ilha da Madeira, outras que representam tipos populares, trajos e uniformes (Lisboa), outras de tipos e costumes do nosso povo (Caldas da Rainha, Estremoz), alguns ganchos de meia, de barro pintado, para presentes de namorados, diversas peças das Caldas da Rainha e de Mafra, etc..

#### MOSTRADOR N.º 25

Este mostrador contém uma interessante colecção de cerâmica, proveniente de Vila Nova de Gaia: pratos de diversos tamanhos, coloridos, com motivos variados.

Na saída pela segunda porta da sala da cerâmica, encontra-se pendurada na parede lateral esquerda, uma piazinha de água benta de faiança, com relevos artísticos, coloridos de azul e de cor de vinho, pórtico de colunas e colunatas, com a virgem coroada ao centro, tendo no depósito da água as letras I H S (*Jesus Hominum Salvator*); num pequena caixa envidraçada e pendurada na parede lateral direita: *alminhas* de barro colorido, do concelho de Barcelos (Minho).

Até aqui, o visitante interessado viu a parte do Museu que, em síntese, procurou criar ou desenvolver na sua mente a noção da maneira de viver dos nossos antepassados, desde as mais remotas origens até os nossos dias. Com efeito, este prólogo constitui a parcela mais viva do Museu, pois nele figuram numerosíssimos objectos que são mais familiares ao comum do público.

#### IDADE DA PEDRA (Fig. 18)

(Secção de pré-história: paleolítico, mesolítico e neolítico)

Nas secções que se apresentam seguidamente (da *pré-história*, da *proto-história* e da *arqueologia lusitano-romana*), pretende-se dar um conspecto espacial, temporal e cultural da vida económica, social, artística e religiosa das sociedades primitivas, procurando-se localizar os achados mais remotos (objectos *arqueológicos*) e, através deles e das

sugestões que nos dão os povos selvagens actuais, a determinação das suas culturas, a reconstituição da vida das gentes desses tempos, o conhecimento da sociedade e da alma do homem de há muitos milénios (*pré-história*). Tentando estabelecer-se uma comparação das sociedades mortas (restos fósseis) com as sociedades vivas (povos selvagens), poderá o visitante interessado, observando os objectos expostos nos mostradores, fazer uma ideia do viver das populações mais antigas que habitaram o território que hoje é Portugal ou que por aqui passaram.

### PALEOLÍTICO

#### MOSTRADOR N.º 19

Neste mostrador, apresentam-se objectos multimilenários (pré-históricos) e modernos, alguns destes actuais, para comparação de formas e modelos, para averiguar-se a sua preparação, a sua segurança e a sua utilização: instrumentos pré-históricos (lâminas ou facas de sílex, pederneira ou pedra-lume, pontas de seta, alabardas ou grandes punhais, punhais esguios, alguns processos de encabamento de instrumentos de pedra, para o trabalho e para as lutas: *a*) encabamentos em troços de chifre de veado, *b*) encabamentos em madeira, com cordas; modelos-espécimes de instrumentos de pedra polida, de dimensões diferentes, conformes com o uso a que se destinavam, machados de pedra polida, de grandes dimensões), peças actuais (arcos e azagaias, de madeira, dos selvagens do sertão: uma de ponta farpada, outra provida de ponta de pedra, um punhal revelador da arte indígena, de rocha vulcânica (obsidiana), com o cabo de madeira pintada, proveniente das ilhas Almirantes (Oceânia).

#### MOSTRADORES N.º 18, 20 e 23

O período mais antigo da idade da pedra (pré-história) é o da pedra lascada (ou paleolítico: antigo ou inferior e superior), em que o homem, — depois de já ter utilizado as mãos, as unhas, os dentes, ou mesmo pedras não trabalhadas, como arma de defesa — viveu praticamente da caça e fabricou instrumentos de sílex, de quartzito e de quartzite, o que

representa uma grande habilidade técnica (*Homo faber* e talvez um *Homo sapiens*).

A princípio, no período mais antigo (paleolítico antigo ou inferior), o homem obteve instrumentos de pedra, dos quais o de forma mais definida era o *faz tudo* (o chamado *coup-de-poing*: ciclo cultural do *coup-de-poing*) (V. mostradores n.ºs 18 e 20) (Fig. 62).

No paleolítico antigo ou inferior, período a que pertencem estes instrumentos de pedra, hão-de considerar-se vários ciclos industriais (abevilense, acheulense, lavaloisense, mustierense, languedocense e micoquense), tudo bem representado por peças bem definidas e expostas (V. mostradores n.ºs 18, 20 e 23). Algumas são feitas em lascas (ciclo dos objectos de lascas: clactonense, tayacense e lavaloisense), outras para obter a ponta e o raspador (ciclo das pontas de mão: mustierense e languedocense), todas provenientes do Minho (Caminha, Arcos de Valdevez, Vila Nova da Cerveira), Beira Alta (Fião, Guarda), Estremadura (Casal do Monte, Loures, Óbidos), Ribatejo (Muge, Cabeço da Mina, Glória, etc.), Alto Alentejo (Elvas, Caia, Portel), Baixo Alentejo (margens do Guadiana).

No mostrador n.º 18 está exposta uma colecção que representa uma amostra significativa do belo conjunto industrial da estação arqueológica dos calcários de Monsanto (Lisboa).

Verifica-se a extrema variedade dos utensílios usados neste local pelo homem primitivo.

A par com as peças rudes do paleolítico inferior (semelhantes às do mostrador n.º 20), surgem já espécimes (Fig. 64) da complexa e aperfeiçoada utensilagem do paleolítico superior (sobretudo solutrense), representada abundantemente no mostrador n.º 21.

Nesta estação arqueológica, encontrou-se uma das maiores oficinas de trabalho da pedra do território português. Todas as peças desta são de sílex. A sua cor esbranquiçada resulta do contacto com os calcários acima referidos.

Também no mesmo mostrador, está exposta uma amostra de material de outra estação muito importante dos arredores de Lisboa (Casal do Monte, Loures); pelos objectos que se apresentam do paleolítico inferior, poder-se-á ver que o homem primitivo usou, além de sílex e quartzito, o quartzo, para fabricar os seus instrumentos. Da mesma época, na pra-

teleira inferior, apresentam-se peças rudes e primitivas, de quartzito e quartzo, de várias estações das margens do Guadiana e dos arredores de Elvas (Caia).

Assim, poder-se-ão observar: biface de tradição acheulense, belo *coup-de-poing* de sabor micoquense, grande núcleo, pico alongado, ponta espessa mustierense, ponta de técnica acheulense, grande machado acheulense, lascas de retoque solutrense, etc., etc..

O tom acastanhado da maioria das peças deve-se ao seu contacto com os basaltos.

Ao lado esquerdo do mostrador n.º 20, dispostas no chão, apresentam-se várias pedras de mó também de épocas muito remotas.

#### MOSTRADORES N.ºs 18 e 21

Estes mostradores contêm indústrias variadas de pedra lascada do período logo a seguir ao paleolítico antigo ou inferior: o paleolítico superior. Nas prateleiras destes mostradores estão expostos muitos instrumentos e ferramentas: raspadores, raspadeiras, pontas solutrenses, folhas de loureiro (lisas, retocadas marginalmente, pontas «à cran» e pontas de pedúnculo lateral), etc.. Todo este material, em estudo pelo Prof. Manuel Heleno, foi exumado das escavações que o Museu realizou em Rio Maior (Arneiro, Passal, Vales da Senhora da Luz, etc.).

Neste período — paleolítico superior — o *Homo sapiens* elimina os restos das outras espécies de *Homo*.

A técnica de lascamento da pedra persiste e adquire uma perfeição quase inigualável, trazendo-nos o emprego de lâminas (ciclo de utensilagem de lâminas). São desta época as interessantes pontas solutrenses de que se expõem no mostrador n.º 18 alguns bons exemplares.

Também na Europa Ocidental, surge, com toda a pujança, uma arte naturalista que tem o seu máximo expoente na gruta de Altamira (Espanha Setentrional). Talvez sua contemporânea, aparece uma arte esquemática.

É nesta época que se verifica a individualização cultural do Velho Mundo. Por exemplo, a utensilagem da África Equatorial ou da Palestina já não se assemelha à do território português ou do vale do Danúbio.

Este período (paleolítico superior) é contemporâneo da última

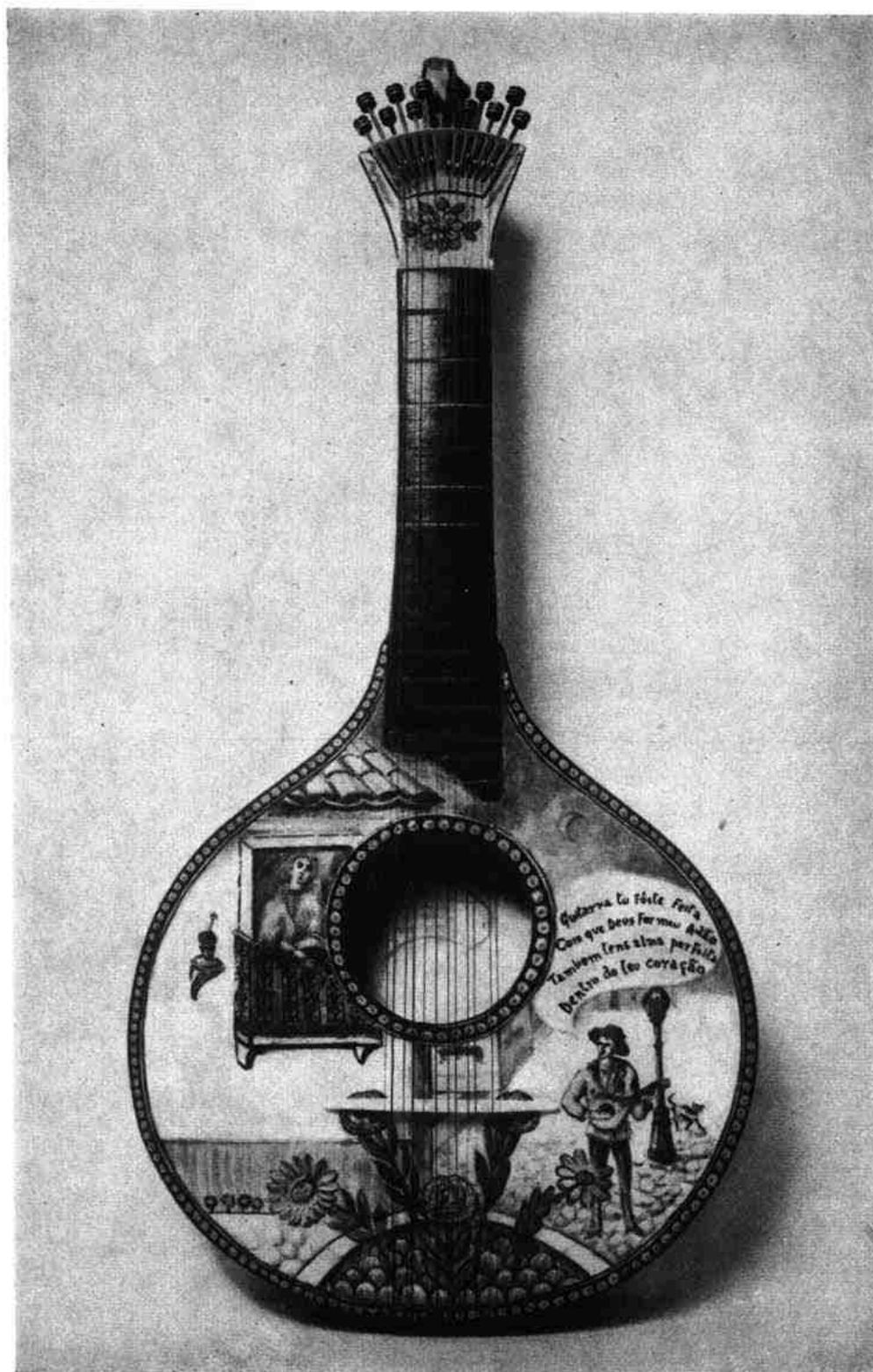


Fig. 60 — Guitarra de porcelana artisticamente decorada a várias cores. Face com uma cena de serenata e uma quadra

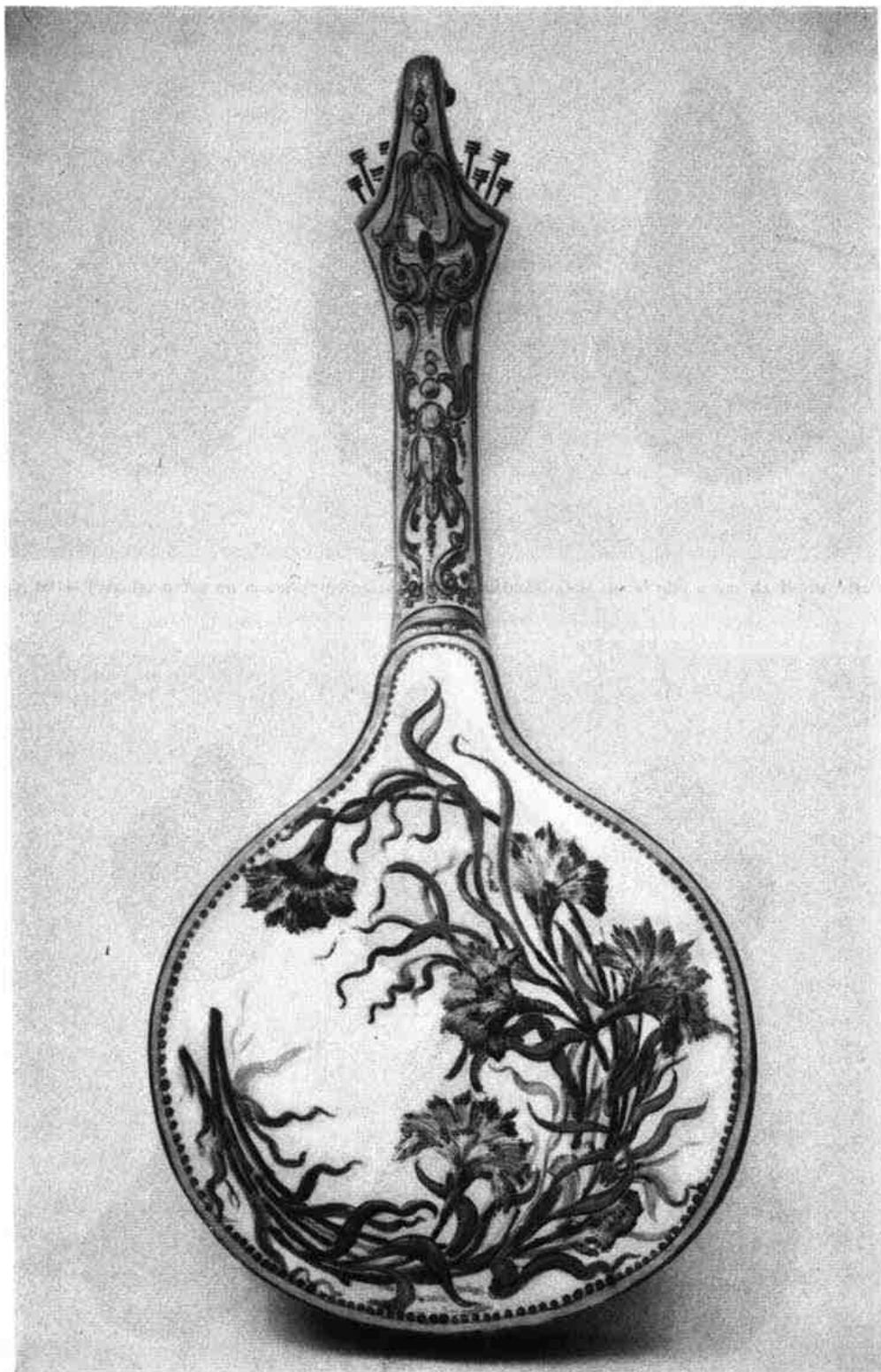


Fig. 61 — Guitarra de porcelana artisticamente decorada a várias cores. Nas costas e nos lados, com ornamentação vegetal

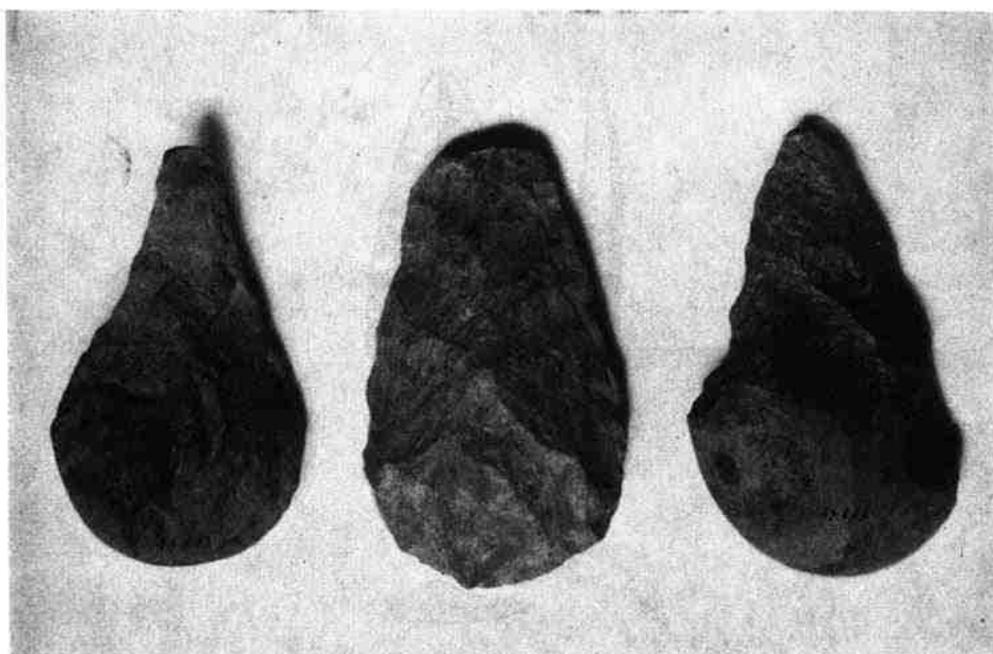


Fig. 62 — Três faz-tudos ou *coups-de-poing* (época paleolítica). Dois do Minho e um da Beira Alta

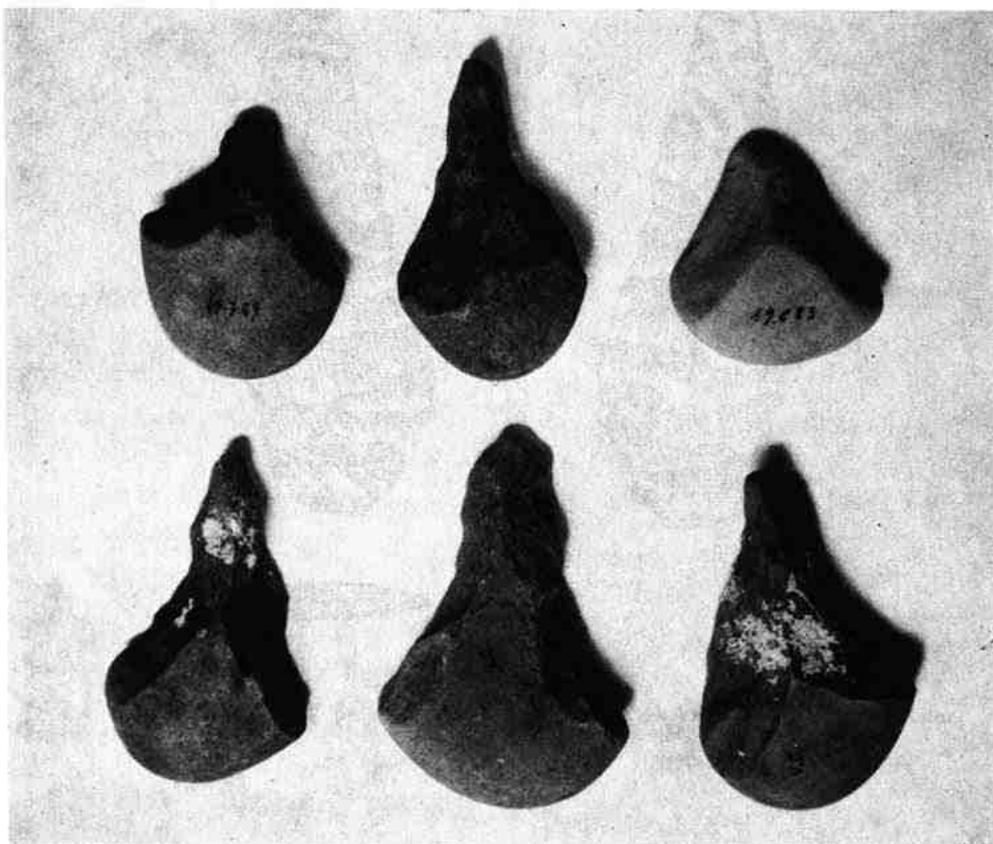


Fig. 63 — Artefactos de pedra: «picos» de tipo asturiense, provenientes do Minho

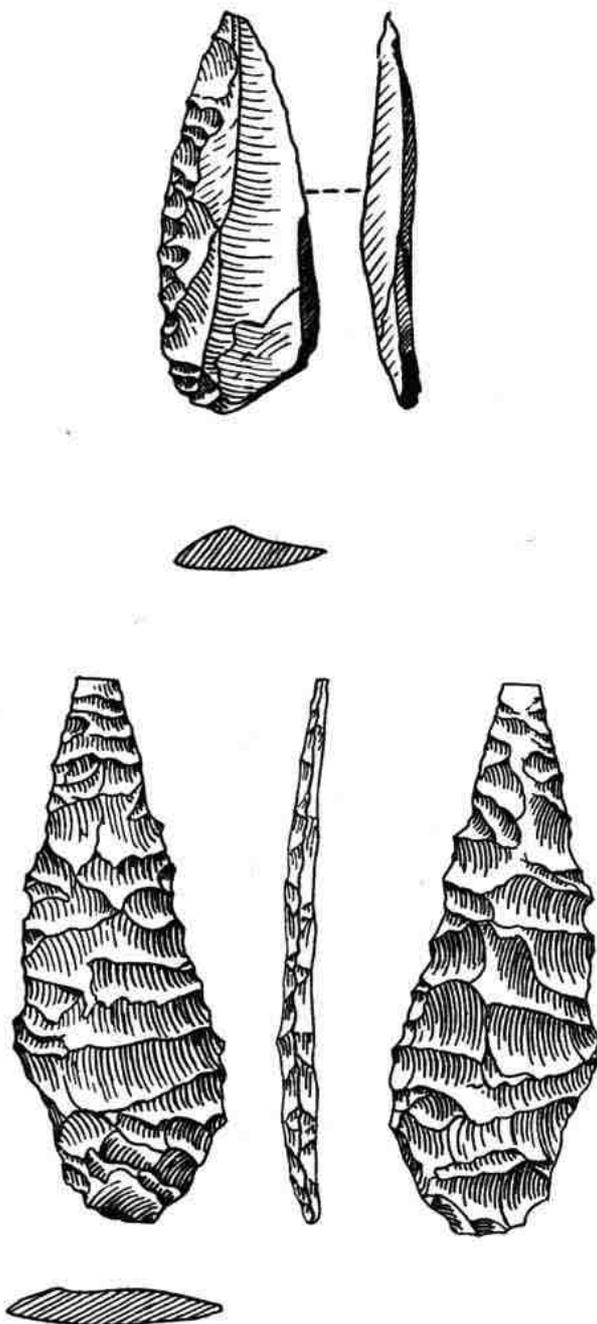


Fig. 64 — Dois artefactos, proto-solutrense e solutrense, do Vale Comprido (Rio Maior)

glaciação e tem várias subdivisões (chatelperronense, aurinhacense, gravetense, solutrense: proto-solutrense, solutrense médio e solutrense superior, e madalenense; no final do paleolítico: grimaldense ou epigravetense).

### MESOLÍTICO

Tem de considerar-se um outro período (o mesolítico, com várias indústrias: azilense, sauveterrense, tardenoisense, asturiense e campiense) que é a idade que fica entre a pedra lascada (paleolítico) e a pedra polida (neolítico). Materiais líticos desta época (ciclo pré-neolítico), que derivam do paleolítico inferior (languedocense e mustierense) e que são, todavia, em Portugal, contemporâneos do período da pedra lascada (paleolítico superior), — são os picos asturienses, mais esguios, alongados e patinados de amarelo carregado, expostos no mostrador seguinte e que abundam no nosso litoral, principalmente a norte do Douro.

#### MOSTRADOR N.º 22

Contém este mostrador variadíssimos espécimes (picos e pesos) da cultura asturiense (Fig. 63), provenientes de Areosa, Carreço e Viana do Castelo (Minho). Estes picos, mais ou menos alongados, alguns de pátina dupla, foram talhados num seixo, não do mesmo modo acheulense, mas mais à maneira languedocense, e rolados por mar quaternário.

Junto do mostrador n.º 25 está um quadro sinóptico que patenteia ao visitante interessado a sucessão das culturas e civilizações do território que hoje é Portugal, desde os tempos mais remotos da nossa pré-história até à actualidade, incluindo, portanto, a história do nosso País como Estado independente.

### NEOLÍTICO

A este período de transição (mesolítico) da pedra lascada para a pedra polida segue-se o neolítico, também chamado o período da pedra polida. Logo no seu início aparece o polimento da pedra, mas o fabrico

dos instrumentos líticos (pontas de seta, machados, punhais, etc.) atinge o máximo de perfeição na época de transição da pré-história para a proto-história (período eneolítico).

É no período neolítico que o homem passa de nómada a sedentário, de caçador e pescador a agricultor e pastor, possui animais que sabe tornar domésticos; a par com a caverna existe a cabana, o problema do vasilhame é solucionado com a invenção da cerâmica, de pasta grosseira e mal cozida, feita à mão, sem auxílio de roda. Dá-se uma verdadeira revolução económica, religiosa e artística. Os monumentos aos mortos (antas ou dólmenes) constituem a característica mais típica de natureza religiosa.

A essa época pertencem os objectos e artefactos expostos nalguns dos mostradores seguintes.

#### MOSTRADOR N.º 24

Contém este mostrador espólio diverso, desde as conchas, machados de pedra polida e placas de grés, aos vasos de cerâmica (inteiros, sem decoração, bojos convexos, alguns em forma de crânios, de bocas variadas), tudo exumado da gruta do Escoural (Alentejo) durante as escavações do Museu Etnológico, representado pelo Dr. Manuel Farinha dos Santos, que está a proceder ao seu estudo.

#### MOSTRADOR N.º 25

Neste mostrador, apresenta-se o espólio de um monumento (*tholos*) dos arredores do Escoural (Alentejo), constituído por vasilhames e recipientes de cerâmica de formas diversas, um decorado, placas de xisto e de grés, de vários tamanhos e formas, e lâminas de sílex, inteiras e fragmentadas. Material em estudo pelo Dr. Manuel Farinha dos Santos.

#### MOSTRADOR N.º 26

Contém este mostrador várias peças de sílex, por vezes com aderências de calcário, peças que eram usadas em épocas remotas (neo-eneolítico) como instrumentos: percutores, alguns arredondados, com numero-

sos vestígios de uso, por vezes de pátina com leve coloração acastanhada; lascas espessas e finas, algumas fragmentadas, com ou sem coloração; lâminas de várias secções, com ou sem brilho; lamelas, de brilho variável; etc.. Tudo da estação arqueológica do Penedo (Monsanto, Lisboa).

Disposta no chão, ao lado esquerdo do mostrador n.º 26, observa-se uma grande pedra esculpida numa parte, trabalho executado pelo homem primitivo. Com efeito, as manifestações artísticas do homem de há milénios (do paleolítico superior: aurinhacense) encontram-se sob a forma de escultura, gravura e pintura, de que são conhecidos belos exemplares desta arte quaternária (os vestígios de pinturas rupestres da gruta do Escoural, explorada pelo Museu Etnológico).

#### MOSTRADOR N.º 27

Neste mostrador, também a prateleira cimeira tem já material arqueológico exumado da gruta do Escoural (instrumentos de sílex: pontas de seta, lâminas inteiras e fragmentadas; uma conta; um furador de osso; fragmentos de cerâmica, alguma com decoração; e dois vasos de formas semelhantes aos do mostrador n.º 24). Na última prateleira: um conjunto de um vaso de cerâmica fragmentado e calcite, tudo fortemente ligado entre si. As restantes prateleiras aguardam a acomodação das espécies catalogadas da mesma gruta. Material em estudo pelo Dr. Manuel Farinha dos Santos.

Ao centro da galeria, entre os mostradores 27 e 29, com o n.º 28: um conjunto de ossos e restos cerâmicos, calcificados, exumados da gruta do Escoural (Montemor-o-Novo, Alentejo). Material em estudo pelo Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia», da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

#### MOSTRADOR N.º 29

Neste mostrador, na última prateleira, vê-se um conjunto ósseo e cerâmico, calcificado, igualmente proveniente da gruta do Escoural. As restantes prateleiras também aguardam a acomodação de material catalogado da mesma gruta.

## CAIXA N.º 30

Entre os mostradores n.ºs 25 e 33, disposta no chão, em caixa envidraçada, vê-se uma lousa sepulcral da idade dos metais (época do bronze), proveniente de Panóias (Ourique), a qual apresenta covinhas na face.

Ao lado direito desta caixa envidraçada, junto do mostrador n.º 33, apresenta-se um quadro sincrónico dos períodos neolítico, eneolítico e do bronze.

## MOSTRADOR N.º 31

Neste mostrador apresentam-se vários espólios (Fig. 65) de grutas naturais que serviram de habitação ao homem:

a) gruta da Galinha (Torres Novas): lâminas de sílex ou pederneira (facas), placas ornamentadas de lousa, peso de fuso, de barro, instrumentos de pedra polida (machados), «coriscos» ou «pedras de raio», botões discóides e esféricos, contas de âmbar (?), objectos de osso, simbólicos e de uso pessoal (furadores, etc.), vasos de barro e fragmentos de outros, contas e pingentes de pedra, de diferentes materiais e modelos, placas de grés, fragmentos de objectos de ferro, anel helicoidal ou serpentiforme, moedas (romanas) de época posterior, lâminas ou pontas de lança, pontas de seta de sílex ou pederneira e de quartzo, pedaços de rocha (vermelho escuro e zarcão), etc.;

b) gruta dos Carrascos (Torres Novas): conchas furadas, seixo oblongo, com vestígios de uso, instrumentos de osso, pulseira feita de concha e um pedaço de outra, fragmentos de vasos de barro, enfiada de contas xistosas, achatadas e discóides, pedra corada para pintura corporal, bagos e pedaços de carvão vegetal, lâminas de sílex (facas), pontas de seta de sílex, instrumentos de pedra polida (machados), «coriscos» ou «pedras de raio»;

c) gruta do Furadouro (Cadaval, Pragança): fragmentos de cerâmica ornamentada, vestígios posteriores (fundo de ânfora), instrumentos de sílex e de pedra polida;

d) gruta do Mendes (Cadaval, Pragança): fundo chato de grande

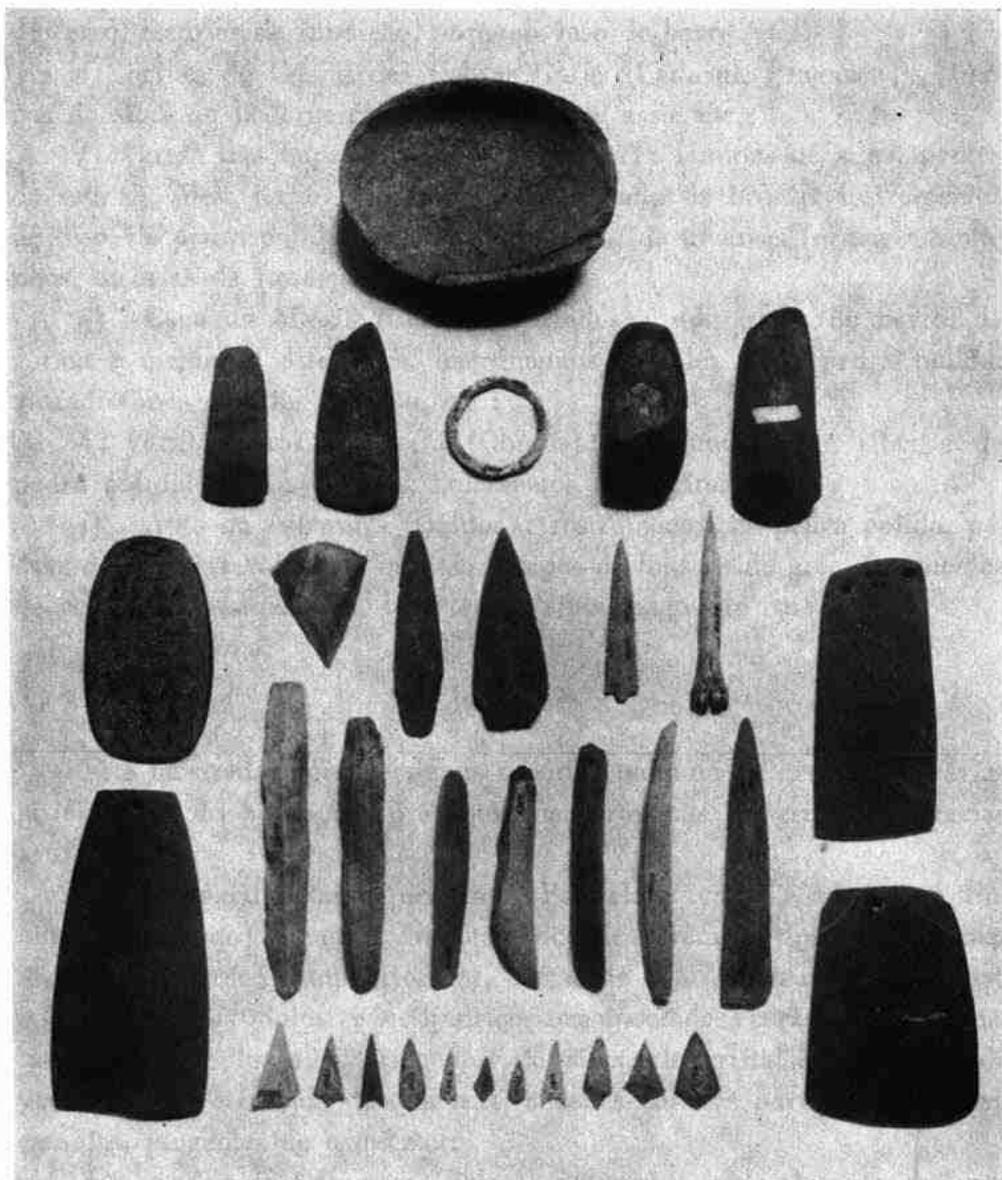


Fig. 65 — Conjunto de artefactos da época neolítica: chapões de lousa, machados, facas, pontas de seta, ponta de alabarda, de lança, de sílex, argola de osso e vaso de cerâmica em forma de calote craniana. (Gruta da Galinha, Torres Novas, e machados da Cova da Moura, Cesareda, Óbidos, e argola da gruta dos Carrascos, Torres Novas)

vasilha de barro, argola e fragmentos de instrumentos de bronze, pedaço de ferro, escórias de fundição, pequeno vaso de barro, etc.;

*e)* gruta do Curral das Cabras Gafas (Cadaval, Pragança): lâminas de sílex ou pederneira, instrumentos de osso, etc.;

*f)* gruta das Lapas (Cadaval, Pragança): lâminas de sílex, pontas de seta de sílex, dardo e parte de uma espada de bronze, instrumentos de osso, de pedra polida, etc., vasos de barro de diversas formas e tamanhos, escórias de fundição, etc.;

*g)* Cova da Moura (Cesareda, Óbidos): dois vasos de barro, de forma e tamanhos diferentes, instrumentos de sílex e de pedra polida, variadíssimos objectos de osso, etc.;

*h)* grutas da Columbeira (Óbidos): instrumentos de sílex e de pedra polida, pedras de mós, fragmentos de cerâmica, etc.;

*i)* gruta da Amoreira (Óbidos): instrumentos de pedra polida, pedras de mós, esferóides de quartzo, chapas de lousa e de grés, fragmentos de cerâmica ornamentada, lâminas de sílex, bagos de carvão, etc..

#### MOSTRADOR N.º 32

Este mostrador contém alguns espólios parciais de grutas funerárias artificiais e de povoações pré-históricas, próximas de grutas funerárias artificiais:

*a)* grutas da Quinta do Anjo (Palmela): vasos e taças, um tinteiro (restaurado) e outros fragmentados de cerâmica tipicamente ornamentada (cerâmica campaniforme), contas de colar, instrumentos de osso e de pedra, dois ídolos semicilíndricos ornamentados, cerâmica sem ornatos, chapas de lousa, instrumentos de sílex, de cristal de rocha e de pedra polida, esferóide de quartzite, conchas furadas para andarem penduradas, pingentes de osso, etc.;

*b)* grutas de Carenque (Belas), povoações junto das grutas funerárias artificiais, do tipo das de Palmela: instrumentos de sílex e de pedra polida, fragmentos de cerâmica, com e sem ornamentação.

Espólio parcial da povoação da Espargueira (Belas): instrumentos de sílex e de cristal de rocha, cerâmica ornamentada com decoração linear, pedras de mós, cossoiro ou roda de fuso, de barro, grande variedade de instrumentos de osso, artefactos metálicos, etc..

## MOSTRADOR N.º 33

Este mostrador contém vários espólios de monumentos funerários do período eneolítico ou calcolítico, provenientes de:

*a)* uma necrópole de S. Martinho de Sintra (Sintra): instrumentos de sílex, osso, cobre e bronze, fragmentos de cerâmica ornamentada, machado votivo de calcário, com parte do cabo, ídolos em forma de pinha, de calcário, um com longo cabo tronco-cónico, outro com ornamentações e munido de cabo fragmentado, ídolos cilíndricos, tronco-cónicos, de calcário, um deles ornamentado, com a face posterior plana, ídolo-falange, de osso, ornamentado, etc.;

*b)* um monumento funerário pré-histórico do Barro (Monte da Pena, Torres Vedras): ídolos cilíndricos, instrumentos de sílex e de pedra polida, cerâmica, objectos de cobre e de bronze, contas, etc.;

*c)* uma sepultura da serra das Mutelas (Torres Vedras): ídolos cilíndricos, instrumentos de sílex e de pedra polida, vasos e fragmentos de cerâmica, contas, instrumentos de cobre e de bronze, etc.;

*d)* uma sepultura de Martim Afonso, próximo de Mugem (Salvaterra de Magos): instrumentos de sílex e de pedra polida, vasos de barro e fragmentos de outros, etc.;

*e)* um monumento da Marcela (Vila Real de Santo António, Algarve): objectos e instrumentos de sílex, pedra polida e de osso, chapas de lousa, ornamentadas, vasos de barro e fragmentos de outros.

## SUPORTE N.º 34

Neste suporte de três prateleiras apresentam-se ídolos eneolíticos:

*a)* na prateleira de cima: uma pequena estela com sinais insculpidos, proveniente da quinta do Couquinho, termo de Vide, em Moncorvo (Trás-os-Montes);

*b)* na prateleira do meio: uma pequena lápide, com sinais insculpidos, proveniente da Esperança, em Arronches (Alentejo);

*c)* na prateleira do fundo: uma pequena estela, com sinais insculpidos, proveniente do Crato (Alentejo).

Dum e doutro lado, dispostas em pequenos suportes de madeira, tampas de sepulturas do cemitério de Panóias de Ourique (época do bronze).

## SUPORTE N.º 35

Neste suporte está assente um ídolo de granito, do final do neolítico ou já do eneolítico, com cerca de 1 m de altura, proveniente da serra da Bulhosa (Minho). Tem a cabeça cónica, e apresenta na parte superior sinais que parecem olhos, sem nariz, nem boca, com indicação dos ombros sob uma espécie de manto caído e colar de voltas paralelas (ídolo antropomórfico).

## SUPORTE N.º 36

Assente neste suporte, em caixa envidraçada, observa-se a parte da superfície interna do esteio de uma anta da Beira Alta, com duas figuras humanas vermelhas, muito rudes, talvez mesmo infantis, pintadas a ocre. Segundo Leite de Vasconcellos, talvez a cor vermelha tivesse também uma intenção misteriosa, pois sabe-se que esta cor tem tido grande relevo nas superstições humanas.

Dum e doutro lado deste suporte (n.º 36), em outros mais pequenos dispostos no chão, vêem-se duas lousas sepulcrais, uma delas (a da esquerda) com um furo, já em parte destruído, feito por meio de instrumento cortante, e a outra (a da direita) apresenta na face muitas covinhas. São ambas provenientes de uma sepultura do cemitério de Panóias de Ourique (época do bronze).

## MOSTRADOR N.º 37

Este mostrador contém vários espólios de grutas e dólmenes.

As grutas, naturais ou artificiais, ao mesmo tempo que se utilizavam como sepulcros seriam também habitações, e com o progresso da civilização não perderam o seu primitivo carácter sobrenatural (as lendas da Cova da Moura ou da Casa da Moura). (V. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, vol. I).

Dá-se a designação de dólmen ou anta a um monumento funerário pré-histórico, tipicamente feito de grandes pedras. As denominações populares destas construções sepulcrais variam, no nosso País, de local para local: antas (Alentejo), orcas (Beira Alta), mamoadas (Minho), mamunhas

(Beira Baixa), mamoinhas (Minho e Beira Litoral), etc.. Estes monumentos megalíticos constam de uma câmara formada por algumas pedras levantadas a prumo (esteios), sobre as quais assenta outra, que as une, formando um mesa (chapéu). A esta câmara vem terminar uma galeria mais baixa, também coberta de lajes, a qual por vezes tem alguns metros de extensão. Inicialmente eram pequenas galerias de forma rectangular, que depois se transformaram num monumento com corredor.

Neste mostrador, apresentam-se os espólios parciais das grutas de Santo Adrião (instrumentos de pedra e louça ornamentada), das antas de Carrazeda de Ansiães (instrumentos de pedra polida e fragmento de grande vaso de barro ornamentado), de Paços de Ferreira (instrumentos de pedra, artefactos, e fragmentos de cerâmica ornamentada), de Alvarelhos (fragmentos de pedras coradas, instrumentos de pedra e de quartzo hialino, cerâmica ornamentada e lisa, alguma com ornatos unguiformes, seixos rolados, bagos de carvão, etc.), de Carrazeda do Alvão (raspador de quartzite amarelada, com gravura de cervídeo, figura de quadrúpede esculpida, instrumentos de quartzo, de osso e de ferro, seixos rolados, ossos e cinzas, diversas pedras esculpidas, etc.).

#### MOSTRADOR N.º 38

Neste mostrador, apresenta-se uma fotografia elucidativa da orca do Tanque (Beira Alta), na qual não se observa o corredor, com os esteios ao alto e a cobertura, mesa ou chapéu em cima deles; vários espólios parciais desta cultura (megalítica), muito característica do nosso País:

1 — orca do Tanque (Vila Nova de Paiva): pontas de seta e lâminas de sílex ou pederneira, machados de pedra polida, vasos e taças de barro, de tamanhos variados, com restauros, e fragmentos de outros;

2 — orca do Fojinho (Sátão): machados de pedra polida, vasinhos de barro;

3 — orca de Forles (Sátão): lascas de lousa e contas discoidais, vasos de barro, instrumentos de sílex;

4 — anta dos Juncais (Queiriga, Vila Nova de Paiva): pedras de mós, instrumentos de sílex, artefactos, vasos de formas e tamanhos variados;

5 — orca dos Braçais ou do Braçal (Outeiro de Espinho, Mangualde): instrumentos de sílex e de pedra polida, fragmento cerâmico ornamentado, carvões e terra calcinada;

6 — orca da Cunha Baixa (Mangualde): instrumentos de sílex, fragmentos de cerâmica, artefactos, machados de pedra polida, bago de terra amarela para pintura corporal;

7 — orca dos Padrões (Mangualde): instrumentos de sílex e de pedra polida, fragmentos de cerâmica, artefactos;

8 — orca dos Amiais: instrumentos de pedra polida, discos de pedra, calhaus, sílices, fragmentos cerâmicos, contas, carvões e terra calcinada;

9 — orca do Carvalhal (Seia): fragmentos de vasos de barro, alguns de indústria romana, pontas e lâminas de sílex fragmentadas, carvões, seixos;

10 — anta da Arruda (Arruda dos Vinhos): sílices talhados, instrumentos de quartzo hialino e de pedra polida, três fragmentos cilíndricos;

11 — anta de Belas (Sintra): cilindro de calcário, paralelepípedo de pedra, dois fragmentos cónicos de calcário, placa de xisto, parte de cilindro oco de marfim, contas, sílices talhados, artefactos de quartzo, cerâmica fragmentada;

12 — anta de Monte Real (explorada por Pereira da Costa): placa de xisto, machado de pedra polida;

13 — anta da Fonte Moreira (Alcanena): instrumentos de sílex e machado de pedra polida;

14 — anta do Pinhal do Cruzeiro (Seia): fragmentos de cerâmica, disco de barro, pedaço de cilindro de granito;

15 — orca do Carvalhal (Seia): instrumentos de sílex, conta;

16 — orca da Carvalhida (Nelas): instrumentos de sílex e de pedra polida, fragmentos de cerâmica, bagos de carvão vegetal;

17 — orca de Valongo (Nelas): fragmento de instrumento de pedra polida;

18 — orca dos Palheiros (Nelas): ponta de lança, de sílex;

19 — orca da Fonte do Alcaide (Nelas): instrumentos de pedra polida e de sílex, fragmentos de cerâmica, bagos de carvão vegetal, seixos rolados, conta, vaso de cerâmica, reconstituído;

20 — anta de Medelim (Idanha-a-Nova, Beira Baixa): vasos de barro, de formas e tamanhos variados, instrumentos de sílex, lagos de carvão vegetal e pedaços de escória de forja.

MOSTRADOR N.º 39

Este mostrador contém espólios parciais de dólmenes do Alentejo: anta grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo), anta da Velada (Montemor-o-Novo), anta grande I de Brissos (Montemor-o-Novo), anta grande II de Brissos (Montemor-o-Novo), anta grande III de Brissos (Montemor-o-Novo), anta da Ordem (Avis), anta da Capela (Avis), antas da região de Pavia (Mora), anta do Cabeço do Considreiro (Madre de Deus, Pavia), anta dos Vidais (Marvão), anta da herdade da Lameira (Crato), anta do Vale do Rodrigo (Arraiolos), anta da Cabeça (herdade do Baldio, Castelo de Vide).

Esses espólios são constituídos por : instrumentos de pedra polida, cerâmica, chapas de lousa ornamentadas, contas de colar, torrões coloridos para pintura corporal, pequeno bronze romano furado ao centro, fragmento de haste cilíndrica de cobre, figurinha de quadrúpede, de pingente, conta discóide de vidro verde-escuro, pingentes de pedra colorida e de cristal de rocha, conta esférica de vidro azul, contas de materiais diferentes e de colorido variado, de formas simples e apuradas, fragmento de substância terrosa, de cor vermelha, para pintura corporal, pontas de seta de sílex, instrumentos metálicos, artefactos, etc..

MOSTRADOR N.º 40

Neste mostrador, estão dispostas placas de xisto, com as quais se procura representar a sua evolução quanto à forma, desde a humana (antropomórfica) até à esquematização geométrica. Essas placas pertencem aos espólios de diversos túmulos: anta de Brissos (Brotas, Mora, Alentejo), anta da Cabeça (Monforte, Alentejo), anta da Marquesa (Marvão, Alentejo), anta grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo, Alentejo), anta da Velada (Montemor-o-Novo, Alentejo), anta do Vale do Rodrigo (Arraiolos, Alentejo), sepultura de Martim Afonso (Salvaterra de Magos,



Fig. 66 — Lápide insculpada da Defesa (Santiago de Cacém). Época do Bronze

Ribatejo), uma anta de Idanha-a-Nova (Beira Baixa), gruta da Galinha (Torres Novas), uma anta de Ponte de Sor (Alentejo), antas de Avis (Alentejo), etc., etc..

## SUPORTE N.º 41

Neste suporte de madeira, assenta uma pedra de granito com uma série lateral de sulcos, proveniente de uma anta da Cunha Baixa (Mangualde, Beira Alta), em cuja entrada se encontrava.

Na opinião de Leite de Vasconcellos, este exemplar seria o troféu em que os sulcos enumerassem as vitórias alcançadas em guerra, caçada ou outra façanha. O emprego funerário condiz com o costume dos Bongos (África), que põem sobre a sepultura do herói um pau ou tronco de árvore com tantos sulcos quantas as suas vitórias.

## CAIXA N.º 42

Assente e disposta nesta caixa envidraçada, está uma lápide insculpturada da Defesa (Santiago do Cacém, Alentejo) (Fig. 66), com cerca de 1,16 m de comprimento. A insculptura ocupa a face que se observa e, do lado esquerdo, disposta obliquamente, uma espada, à qual se ligam na parte superior dois traços paralelos, que talvez sejam as correias de suspensão ou talim; do lado direito vê-se uma haste de uma arma, lança (?), clava (?); ao centro, pousada nos outros dois objectos, uma arma, espécie de machado, cuja lâmina tem a forma de *pelta* e o cabo um apêndice semi-lunar que lhe serve de extremidade. (V. Leite de Vasconcellos, *Estudos sobre a Época do Bronze em Portugal*, in *O Archeologo Português*, vol. XIII, pág. 300).

Ao lado direito, entre esta caixa envidraçada e o mostrador n.º 37, três lousas sepulcrais de cemitério da época do bronze.

## CAIXA N.º 43

Esta caixa envidraçada contém uma lousa sepulcral (laje n.º 1), com esculturas, proveniente de uma sepultura de Mombeja (Beja, Alentejo). Tem cerca de 0,65 m de comprimento; na parte superior vê-se o desenho

de um machado ornamentado na folha com quatro linhas ondeadas e dispostas paralelamente entre si, e no começo do colo com três linhas mais ou menos rectas, dispostas também em direcção paralela; por baixo desta figura vêem-se os copos de uma espada e a parte superior da bainha da mesma; os copos apresentam vários pontos ou pequenos círculos que correspondem a cabeças de pregos (?) que fixavam no metal o revestimento (de coiro, de madeira ou de outra substância) dos copos; entre as duas figuras há uns traços que podem representar boldriés. Esta é a descrição que Leite de Vasconcellos nos legou a págs. 184 e 185 de *O Archeologo Português*, vol. XI, 1906.

## CAIXA N.º 44

Esta caixa envidraçada contém uma lousa sepulcral (laje n.º 2), com escultura, proveniente de Mombeja (Beja, Alentejo). Na face observa-se um desenho que representa parte de uma arma.

## CAIXA N.º 45

Nesta caixa envidraçada, assenta uma lousa que tem esculpida a figura de um machado de bronze. É proveniente do sítio das Mesas, de Panóias de Ourique (Fig. 67).

## CAIXA N.º 46

Nesta caixa envidraçada está, disposta uma lápide com inscrição, proveniente de Bensafrim (Lagos, Algarve).

## MOSTRADOR N.º 47

Este mostrador contém espólios parciais de várias povoações de superfície: os castros.

Os castros ou crastos são geralmente as ruínas de povoações fortificadas do alto dos montes e outeiros, com rios ou ribeiros muito perto.

Castro do Outeiro de S. Mamede (Óbidos): vasos e taças de cerâmica, sem ornatos, grandes e pequenos, de formas variadas, instrumen-



Fig. 67 — Lousa sepulcral com a figura de um machado (?) esculpida (Panóias, Ourique).  
Época do Bronze

tos de sílex, modelo de diadema, com um leve toque de ouro, pequena haste metálica, instrumentos e fragmentos metálicos de cobre e bronze, grande variedade de objectos de osso, contas de barro e de pedra, cerâmica fragmentada, uma com decoração, outra com orifícios, vários pesos de tear, de barro, com marca ou decoração, pontas de seta de sílex, cilindro (ídolo) de pedra calcária, machados de pedra polida, artefactos de pedra, pedras de mós, tijolo romano, etc..

Castro do Outeiro da Assenta (Óbidos) : instrumentos de sílex, pesos de rede, de barro, objectos metálicos, pedras de mós, cerâmica ornamentada, cerâmica da idade do ferro, grega e romana, moedas romanas, pesos de fuso (cossoiros), pesos de tear, de barro, machados de pedra polida, um naviforme, terra e cereais, etc..

Castro de Liceia (Barcarena) : instrumentos de sílex, cerâmica ornamentada, pedra de mó, martelos esferóides, achatados, com sulcos em volta para encabar, machados de pedra polida, etc..

#### MOSTRADOR N.º 48

Este mostrador contém um espólio de monumentos funerários pré-históricos de Alcalar (Algarve), interessante necrópole donde foram exumadas relíquias de diversas civilizações: pontas de seta, de sílex, vasos e taças de barro, parte de uma caixa cilíndrica de osso, artefacto metálico em forma de ofídio, com incisões oblíquas (objecto cultural), grais de pedra, de forma semiesférica, fragmentos de artefacto de barro cozido, de forma encurvada, muitos munidos de orifício terminal, punhais e outros instrumentos metálicos, de cobre e de bronze, machados de pedra polida, contas de âmbar, pedra e osso, grandes lâminas de sílex, cutelos de pedra e outros instrumentos de pedra polida, etc..

#### MOSTRADOR N.º 49

Este mostrador contém um espólio parcial do castro de Pragança: pontas e contos de lança, guarnições de bainha de espada, alfinetes, e outros objectos de bronze, peso de barro, de tear, moedas romanas dos campos contíguos a Pragança, uma moeda ibérica, alfinetes de osso, inteiros e fragmentados, objectos da cultura do ferro, contas de âmbar,

pedra e osso, dois estoques de bronze, pesos de fuso, tronco-cónicos e rasos, cerâmica lisa e ornamentada, machados de bronze, escopros de bronze, fíbulas, argolas e outros instrumentos de bronze, artefactos de osso, cilindros calcários, instrumentos de sílex, vasos grandes e pequenos, inteiros, de cerâmica, pesos rectangulares de barro, ornamentados, com orifícios cantonais, para tear, pequenas taças de barro, com resíduos de substância corante e pedaços dessa substância, para pintura corporal, instrumentos de pedra polida, série de discos de barro, talvez «marcas» de jogo, etc..

#### IDADE DOS METAIS (Fig. 19)

*(Proto-história pròpriamente dita)*

À civilização da pedra sucedeu a do metal.

A introdução do metal não se fez bruscamente, como brusca não foi quase nunca nenhuma fase social: já na idade neolítica, quer em antas, quer em grutas, etc., se encontram muitas vezes, associados aos objectos de pedra, objectos metálicos. O facto compreende-se perfeitamente. É uma civilização antiga que a pouco e pouco se apropria de produtos novos que representam um progresso social. (Cfr. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitânia*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897, pág. 70).

Os primeiros metais são o ouro, o cobre, o bronze e o ferro. O ouro usou-se durante o neolítico, o cobre surge possivelmente no apogeu do mesmo período e, aliado ao estanho, constituiu-se o bronze mais tarde.

#### ÉPOCA DO BRONZE

Desta época (cerca de 2500 a. C. a 1000 a. C.) chegaram até nós vários povoados, utensílios, cerâmica, armas, pinturas, sinais gravados e outros artefactos, muitos dos quais se apresentam seguidamente.

#### CAIXA N.º 50

Esta caixa envidraçada, disposta no chão, contém uma lápide com sinais insculpidos.

Ao lado, dispostas no chão e em suporte, uma lápide com inscrição ibérica, em três pedaços, do concelho de Alcoutim, uma lousa sepulcral de uma sepultura do cemitério de Panóias de Ourique, com três pequenos orifícios no topo, e uma pedra com sinais insculpidos.

## MOSTRADOR N.º 51

Este mostrador contém vários objectos de bronze: machados (plano, com rebordo, com orelhas, de talão, de talão com argolas e de alvado com argolas) (Fig. 68), uma forma de foicinha ou seitoira (Fig. 69), cerâmica (tipo argárico), alguma de carácter funerário, argolas, braceletes, colares e fragmentos de outros, pulseiras, escopros, punções e outros instrumentos, tudo proveniente do nosso território, de numerosíssimas regiões.

## MOSTRADOR N.º 52

Neste mostrador, estão dispostos vários objectos de bronze da cultura desta época: ponta de bainha de espada, punhais inteiros e partidos, espadas inteiras (Fig. 70) e fragmentadas, adagas de cobre, espetos, folhas de lança, lâminas, pontas de dardo e de seta, armas de arremesso, calhaus grossos (martelos de mina), com sulco transversal para segurança do encabamento, com vestígios de uso, instrumentos de pedra, barras metálicas, lâminas de sílex, anel de bronze, pico de ferro, de alvado, com dois gumes, instrumento de pedra polida, pedra de mó, cerâmica, etc.

## CAIXA N.º 53

Esta caixa envidraçada contém uma lápide com inscrição ibérica.

## CAIXA N.º 54

Nesta caixa envidraçada, está uma lápide com inscrição ibérica, proveniente das Lagoas, Salir (Algarve).

## CAIXA N.º 55

Nesta caixa envidraçada, está exposta uma lápide com inscrição ibérica, proveniente de Fonte Velha, Bensafrim (Algarve).

## ÉPOCA DO FERRO

A colonização grega fez-se pelo litoral e, embora com dificuldades de ocupação da Península devido aos Fenícios, Cartagineses e Romanos, dela nos chegaram preciosos vestígios, como se verifica dos mostradores que se seguem.

## MOSTRADOR N.º 56

Este mostrador contém cerâmica da idade do ferro:

a) na primeira prateleira, cimeira: cerâmica colorida, por vezes decorada a negro em fundo vermelho claro, proveniente da necrópole de Alcácer do Sal (Baixo Alentejo);

b) na segunda prateleira: cerâmica colorida do castro de Azougada, Moura (Alentejo), proveniente das escavações do Prof. Manuel Heleno, material em estudo;

c) na terceira prateleira: cerâmica, urna, fíbulas, artefactos metálicos e pesos de fuso, provenientes do campo de urnas da Chaminé, Elvas (Alto Alentejo), material em estudo;

d) na prateleira do fundo: espólio cerâmico do mesmo campo de urnas. Material em estudo.

## MOSTRADOR N.º 57

Este mostrador contém objectos variados da época do ferro, provenientes do sul de Portugal (Alentejo e Algarve): vasos de barro, inteiros e fragmentados, contas de vidro, fíbulas, hastes metálicas, colares de tamanhos variados (Fig. 72), alguns de contas coloridas e decoradas, argolas, braceletes, anéis, espadas, artefactos metálicos, e espólio parcial do castro da Senhora da Cola (Ourique).

## MOSTRADOR N.º 58

Este mostrador tem um rico espólio da necrópole de Alcácer do Sal (primitiva Evion, e romana Salácia), da idade do ferro: ornatos de bronze, ferros ou pontas de lança, algumas dobradas, para serem colocadas com as espadas em túmulos de guerreiros, pulseiras, fivelas ou fíbulas, vaso grego (Fig. 73), de barro, com pinturas decorativas e figuras

mitológicas (restauro), folhas de lança, espadas de ferro (tipo de antenas) (Fig. 71), objectos vários de bronze, cerâmica pintada, freios de ferro, cerâmica simples, sem pintura, rastos de ferro, de rodas de carros de combate, e dobrados ritualmente, como as espadas e as lanças, instrumentos agrícolas, etc..

## CAIXA N.º 59

Esta caixa envidraçada contém uma lápide com inscrição ibérica, proveniente de Bensafrim (Algarve).

## CAIXA N.º 60

Nesta caixa envidraçada, está exposta uma lápide com inscrição ibérica, proveniente de Bensafrim (Algarve).

## CAIXA N.º 61

Esta caixa envidraçada tem uma lápide com sinais insculpidos (espada?).

Ao lado, disposta no chão, uma pedra insculpida.

## MOSTRADOR N.º 62

Este mostrador contém vários espólios parciais provenientes de castros e cidades das Beiras (Castelo Branco, Guarda, Monforte da Beira, Anadia, Conimbriga, Montemor-o-Velho, etc.).

## MOSTRADORES N.ºs 63 e 64

Nestes mostradores, está exposto o espólio parcial variado do castro de Azougada, Moura (Alentejo), proveniente das escavações do Prof. Manuel Heleno. Material em estudo.

## MOSTRADOR N.º 65

Este mostrador tem exposta uma colecção de objectos vários provenientes do castro da Cabeça de Vaiafonte (Alentejo), produto das escavações do Prof. Manuel Heleno. Material em estudo.

## CAIXA N.º 66

Esta caixa envidraçada contém uma lápide com inscrição ibérica, proveniente de Fonte Velha, Bensafrim (Algarve).

## CAIXA N.º 67

Esta caixa envidraçada tem uma lápide com inscrição ibérica, proveniente do Algarve.

## CAIXA N.º 68

Nesta caixa envidraçada, está exposta uma lápide com inscrição ibérica, proveniente do Cerro dos Enforcados (Panóias de Ourique).

## CAIXA N.º 69

Esta caixa envidraçada contém uma lápide com inscrição ibérica, proveniente do Cerro dos Enforcados, Panóias de Ourique (Fig. 74).

## ÉPOCA LUSITANO-ROMANA (Figs. 19, 20 e 23)

A meio da nave, no primeiro arco, ao lado da quinta porta da direita de quem entra no Museu, começa a secção lusitano-romana, em que avultam os mosaicos, a estatuária, as esculturas menores, as aras, os bronzes, uma das tábulas de Aljustrel, as ânforas, os vidros, a cerâmica e os espólios de escavações. Vestígios eloquentes da conquista romana que, com a submissão e pacificação dos povos peninsulares, legou à Hispânia, e implicitamente à Lusitânia, uma civilização e uma cultura exemplares, herança hoje mais que bimilenária e que perdura ainda na língua, nas letras, nas artes e nas instituições. Escreveu o historiador da Lusitânia, com aquela razão factual que define e caracteriza a sua obra monumental:

«Á medida que a acção romana se ia diffundindo nas sociedades lusitanicas, com a organização juridico-administrativa, a constituição de diversas classes de povoações, para logo fortificadas e melhoradas, o rom-

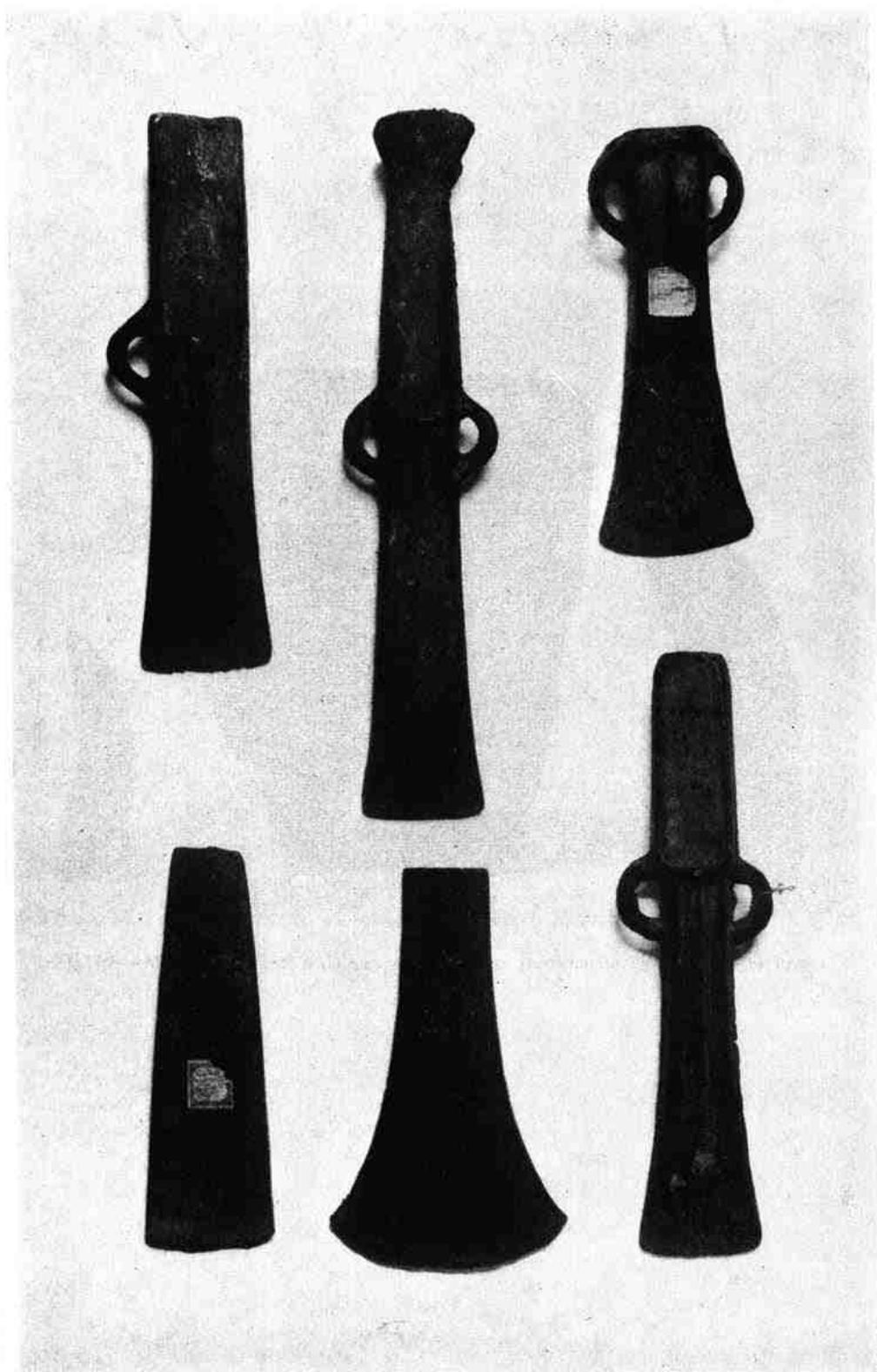


Fig. 68 — Conjunto de machados da época do bronze (plano, com rebordo, de orelhas, de talão, de talão com argolas, de alvado com argolas)

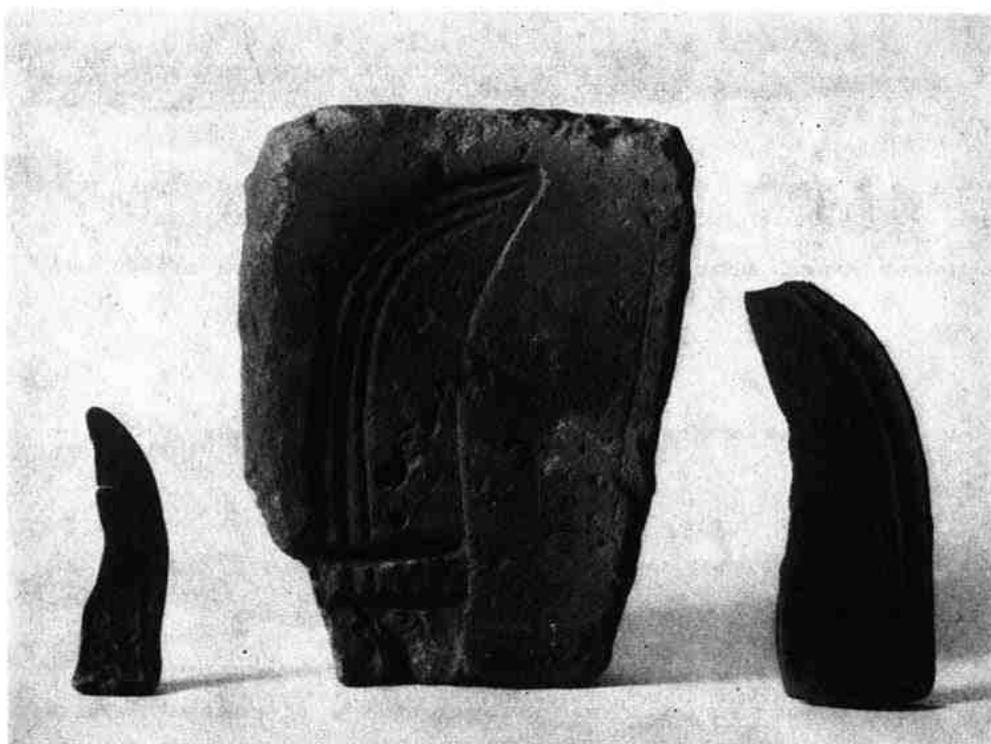


Fig. 69 — Molde para foice e dois exemplares deste instrumento da época do bronze

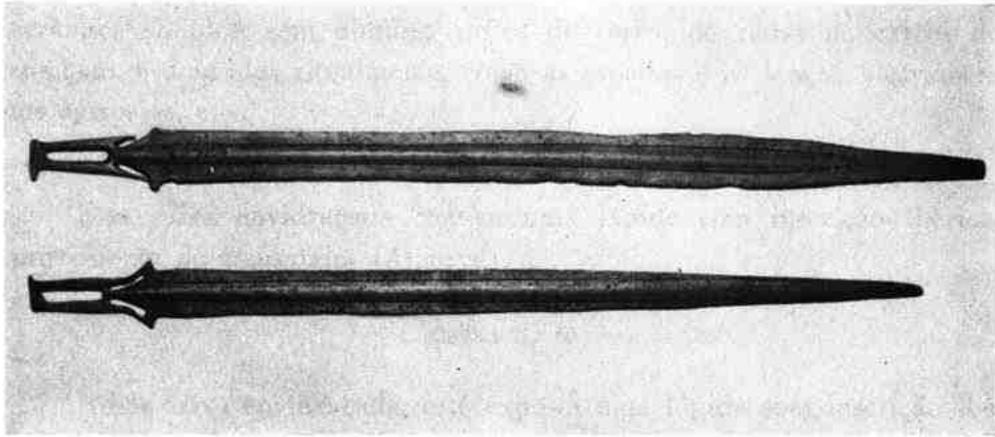


Fig. 70 — Duas espadas da época do bronze, provenientes de Safara (Moura, Alentejo)

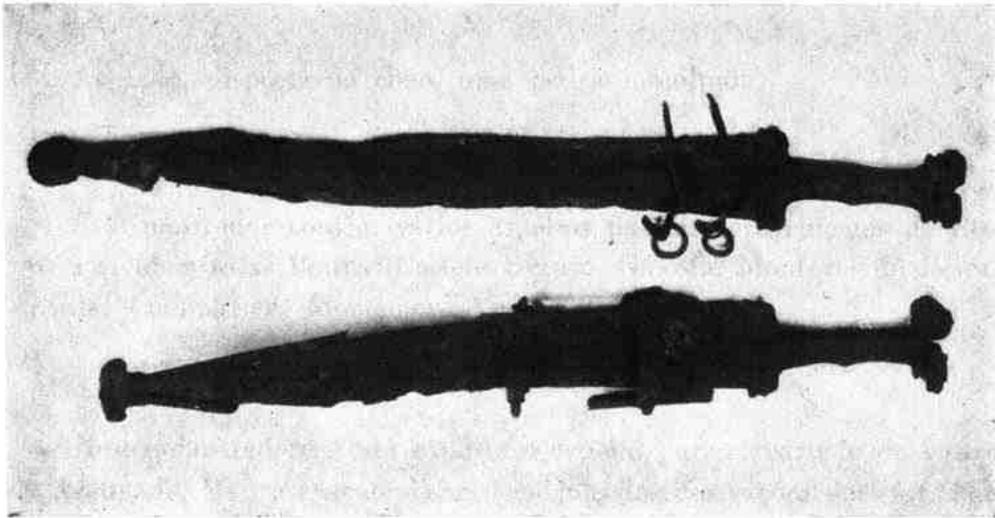


Fig. 71 — Duas espadas da época do ferro, com acessórios da bainha ornamentados (Alcácer do Sal, Alentejo)



Fig. 72 — Colar de contas vitreas oculadas e pingente de pedra, de Bensafrim (Algarve).  
Época do ferro



Fig. 73 — Vaso grego de Alcácer do Sal. Época do ferro



Fig. 74—Lápide com inscrição em caracteres ibéricos

pimento de caminhos solidos e extensos, — introduziam-se outros elementos de civilização: desenvolviam-se industrias, que, com quanto já aqui datassem de antigas eras, então tiveram maior florescimento; espalhava-se o uso da *imbrex*, da *tegula* e do *laterculus*, — e as casas, que d'antes eram apenas colmadas, ou cobertas de argila ou de lousas, do que ainda em parte se conserva a tradição em aldeias sertanejas do Norte e Centro do reino, começavam a ser telhadas, e em vez de lagedo e de chão terreo entrava em uso o ladrilho, sobretudo nas regiões, como o Sul, onde a madeira não abundava; activava-se o commercio interno e externo; severa legislação modificava costumes barbaros, introduzia ordem onde havia arbitrio, regularizava novas empresas; a medicina indigena, meramente empirica, era substituida por outra, que se baseava já em princípios e regras; os espectaculos romanos, testemunhados pelo theatro e pelo circo de que fallei a cima,... por um *exodiarius* de *Myrtilis* (se o respectivo texto está bem interpretado) e por uma inscrição de sec. II ou III em que se menciona uma regata ou *certamen barcarum*, eram por certo superiores ás danças e jogos de que trata Estrabão e Diodoro; uma *tessera lusoria* de pedra, ou «dado», que appareceu nas ruinas de Conimbriga, mostra que outros divertimentos de origem romana estavam também em voga; a lingua latina, propagando-se por toda a faxa occidental da Iberia, em detrimento dos fallares locais, tornava mais solidarios os homens entre si, pela uniformidade, que ella promovia, da expressão e do pensamento, e punha os Barbaros em contacto com thesouros intellectuaes que elles não conheciam d'antes, nem talvez suspeitavam, — a ponto de já no sec. I a Lusitania Meridional, na região banhada pelo *Calipus* «Sado», produzir, ao que parece, um escriptor, Cornelio Boccho, e de apparecerem ás centenas, por todo o Portugal, inscrições romanas, que pertencem a diversas epochas, e que tanto provém de localidades centraes, como de localidades remotas (algumas são metrificadas, — *carmina epigraphica*).

De tudo isto resultava um bem-estar geral: não que cessassem de existir as grandes desigualdades sociaes que anteriormente havia, ou na propria distincção entre escravos e homens livres estes usufruissem todos prerogativas iguaes; não que a Lusitania, como o resto da Peninsula, não constituisse para os dominadores inexgotavel campo de exploração e perpétua fonte de proventos, por isso que todas as províncias eram por lei *praedia populi Romani*: mas tinham desaparecido muitos usos selvati-

cos, e terminado pela maior parte as guerras intestinas, de tribu com tribu, e as d'estas com Roma, o que trazia outr'ora o país em contínuo sobresalto: as cidades apresentavam-se mais alegres, mais vivas, mais polidas; os indigenas, quando o podiam fazer, orgulhavam-se de adoptar os *tria nomina*, como: G. Pagusicus Valerianus, em uma inscripção lapidar de S. Tiago de Cacem, com o *nomen* lusitano e o *praenomen* e *cognomen* latinos, e C. Sulpicius Pelius, com o *praenomen* e o *nomen* latinos, e uma antiga palavra da lingua de seus antepassados a servir-lhe de *cognomen*.

O estudo dos nomes proprios gravados nas lapides ministra muitos outros interessantes exemplos de como se operava, pouco a pouco, a romanização...» (Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitânia*, III, 184-189).

Ainda fora do arco, na parte central, numa moldura assente num cavalete (n.º 72), vê-se uma reprodução de uma das tábulas da mina de Aljustrel (*Metallum Vipascence*).

#### MOSTRADOR N.º 70

Encostado à parede do arco, do lado direito de quem entra no Museu, está um mostrador que contém uma colecção de bronzes pré-romanos, lusitano-romanos e romanos:

a) na prateleira de cima, estão expostos um Atlante canéforo (que transporta um vaso ou açafate à cabeça), uma estatueta da deusa fortuna, uma estatueta que representa um Marte bárbaro, uma figura cultural de arte indígena, outra estatueta da deusa Fortuna (Fig. 76), uma figura feminina;

b) na segunda prateleira vêem-se uma figura votiva, um busto oco romano, de Mercúrio, uma estatueta com diversos atributos religiosos (*signum pantheum*), outro Mercúrio lusitano-romano (Fig. 77), uma cabeça de carneiro, uma estatueta que representa um orador em atitude de quem discursa (Fig. 78), um carneirinho, um dançarino etíope;

c) na terceira prateleira há um amuleto ou berloque, várias figuras votivas, bustos pequenos votivos e decorativos, cabeça decorativa de carneiro, máscara decorativa, um Laconte enleado pela serpente;

d) na quarta prateleira, vêem-se várias figuras cultuais e decorativas de animais (cavalos, cabras, touro, javali);

e) na prateleira do fundo estão expostos uma vaca decorativa com cabeça de javali no topo, um braço oco, de estátua de Mercúrio, outro braço decorado com incrustação de prata, uma placa esquadriada.

De cada lado da parte interior do arco, no chão, em caixa envidraçada (n.ºs 73 e 74), uma inscrição ibérica.

#### MOSTRADOR N.º 71

Junto à parede do arco, do lado esquerdo de quem entra no Museu, num mostrador envidraçado, há outra coleção de bronzes romanos:

a) na primeira prateleira (de cima), estão um boi deitado, assente num suporte subcônico com aberturas laterais triangulares e aro saliente na base, uma palmatória (?), um jarro (*oenochoe*) com asa em forma de corpo de leão, uma quadriga, uma estatueta que representa um guerreiro com capacete e escudo, um veado, um busto de Mercúrio, uma figura de homem barbado, com um vaso cilíndrico à cabeça (*calathus*), talvez conto de lança;

b) na segunda prateleira, diversas asas de balde (*situla*), duas ainda presas ao arco, todas com mascarilhas barbadas, duas lucernas ornamentadas, com asa, uma carranca fontenária que representa uma cabeça humana (Fig. 79);

c) na prateleira do fundo, em suporte de madeira, uma das tábulas da lei da mina de Aljustrel (Fig. 75); à esquerda, uma placa com inscrição latina, à direita, um vaso grande (*olla*) de Aljustrel.

No recinto compreendido entre os dois arcos centrais, ao lado direito de quem entra no Museu, vê-se um fila de quatro estátuas de granito que figuram guerreiros lusitanos (Fig. 80) armados de adaga (*gladius*?) e escudo (*cetra*) e vestidos de pelote ou saio ornamentado com sulcos rômnicos (*sagum* ou *scutulatus*?), com cinto (*cinctorium* ou *cingulum*) apertado com fivela (*fibula*); duas delas, sem cabeça, foram adquiridas em Viana do Castelo, as outras duas, com *torques*, vieram de Montalegre; entre as estátuas acéfalas, dispostos no chão, estão três frisos com figuras humanas esculpturadas; do lado esquerdo, junto à parede de ambos os arcos, a nascente, um torso de guerreiro, de granito, com capacete e

escudo; a poente, a parte inferior do corpo de outro guerreiro, também de granito, com pelote ornamentado da mesma maneira e fragmento de escudo. Junto às paredes direita e esquerda, e aos lados, um pouco à frente, estão diversas aras votivas consagradas a divindades indígenas, como Arêncio, Bandoga, Endovélico, Fontano, Macário, Nábia, Trebaruna, Génio e *Lares Cesenaeci*.

Do lado esquerdo, nos vãos dos três arcos laterais, estão oito berrões ou javalis de granito, provenientes de Moncorvo (V. *Religiões da Lusitânia*, III, 29); entre os dois berrões do arco do meio, está uma grande cabeça de animal, de granito, toscamente trabalhada, proveniente do castro de Arados (Marco de Canavezes) (V. *Religiões da Lusitânia*, III, 287-288).

A seguir ao segundo arco central, pela nave, continua a exposição dos vestígios da civilização romana entre nós.

Junto às paredes laterais deste arco, estão duas estátuas grandes de mármore (Fig. 81), de Mértola: a da esquerda, de homem vestido de toga (n.º 21 520 do catálogo), a da direita, de mulher, vestida de *stolla* e *palla* (n.º 21 521 do catálogo) com *corona muralis* (V. *O Archeologo Português*, VII, 100); ao lado de cada estátua, ao canto, uma ânfora de asas, assente em suporte de ferro.

Ao meio, na parte externa do arco, está uma ara grande com inscrição funerária (lápide funerária de *Galla*), e aos lados desta, um pouco atrás, duas outras aras, também com inscrições funerárias.

Entre as duas aras, está a planta, em relevo, do edifício de uma sumptuosa *villa* romana de Torre de Palma (Vaiafonte, Monforte, Alentejo), em cujas salas serviam de pavimento os lindos mosaicos assentes a seguir, pela ordem indicada:

1.º — «Mosaico das musas» (Fig. 82).

Dentro de uma cercadura tríplice constante de um friso geométrico a negro sobre branco, e dois entrançados coloridos, figuram vários quadros decorados de listras brancas e entrançadas coloridas: em frente da planta, um friso (Fig. 83) em que se representam as nove musas, colo-

ridas, com seus atributos e ademanos adequados e uma inscrição soto-posta; ao centro do mosaico, oito medalhões com várias figuras; ao fundo (poente), dois quadros, um que representa um cortejo (de Baco?) com um carro puxado por tigres e vários personagens, o outro, que figura Hércules a matar o Minotauro.

2.º — O mosaico seguinte, «mosaico dos cavalos», da mesma proveniência, figura, dentro de cercadura entrançada, cinco quadros, um central, em cada um dos quais se vê um cavalo de cabeça ornamentada com um ramo, com inscrições que dizem IENEVS, IENOBATIS, HIBERVS, PELOPS, INACVS.

3.º — O seguinte, «mosaico da esteira», da mesma proveniência, figura, ao centro de duas cercaduras, a interna entrançada e colorida, a externa de figura semelhante a escudos, um desenho colorido de simetrias geométricas.

Ao lado (do sul) deste mosaico, estão assentes outros dois, pequenos, que representam padrões do pavimento dos corredores da mesma *villa*.

4.º — O seguinte, «mosaico das flores», da mesma proveniência, dentro de uma cercadura tríptica, preta e branca, de entrançado, e branca e preta, figura motivos vegetais ornamentais coloridos, com vasos de flores e plantas de cores variadas.

Ao centro do vazio do mosaico, uma ara com um guerreiro (Torre de Palma), e uma ânfora de asas assente numa peanha de ferro. Junto de cada canto, sobre plintos de madeira, duas cabeças, de homem e de mulher (Fig. 84).

A seguir ao último mosaico de Torre de Palma, está um outro de Póvoa de Cós (Leiria), com ornamentação de carácter geométrico.

De cada lado deste mosaico (direito e esquerdo) está uma ara com inscrição e uma ânfora de asas, assentes em peanhas de ferro.

A seguir a este mosaico, encontram-se cinco sarcófagos de pedra; entre os dois primeiros, em caixa de madeira envidraçada está uma sepultura visigótica de pedra, com um esqueleto humano inteiro, e, aos pés deste, restos de outro, nela enterrado anteriormente.

Depois vêem-se vários objectos de pedra: um cipo com inscrição, uma tampa sepulcral ou estela com inscrição funerária, outra pedra com inscrição, pedras com relevos, dois sarcófagos, um de criança, aras com letreiros, cupa com inscrição funerária, placas quadrangulares com cercadura e inscrição.

Ao meio, defronte do mosaico de Santa Vitória do Ameixial, assente num plinto de madeira está uma cabeça bifronte com caras de homem e de mulher.

Ao fundo da nave, está o lindo mosaico de Santa Vitória do Ameixial (Alentejo). Este mosaico pertencia a uma *villa* ou vivenda de campo romana, e, entre molduras ou cercaduras de vários motivos, tem representadas diversas figuras e cenas coloridas, como os bustos dos ventos (Fig. 87), Boreas, Notus, Eurus e Zéfiro, o cortejo de Anfitrite (Fig. 89), o navio de Ulisses (Fig. 86) e as três sereias sobre os rochedos, uma cena mágica (Fig. 88) e várias inscrições latinas. (V. Luís Chaves, *Estudos Lusitano-Romanos. A «Villa» de Santa Vitória do Ameixial*, em *O Archeologo Português*, XXX, 14-117).

Ao longo desta nave, do lado direito e junto aos pilares, encontram-se vários mostradores com espólios de escavações diversas.

#### MOSTRADOR N.º 75

Contém este mostrador parte do espólio das escavações realizadas em Tróia (Setúbal), o qual consta de vidros (Fig. 90), cerâmica (pratos, lucernas, canecas, tigelas), artefactos de bronze (argolas, anel, colher) e de osso (alfinetes, agulhas). Material em estudo pelo Prof. Manuel Heleno.

#### MOSTRADOR N.º 77

Este mostrador apresenta parte do espólio das escavações de Torre de Palma (Monforte, Alentejo): pesos de tear, objectos de bronze (uma

lucerna pequena ornamentada, anéis, fíbulas, furadores, uma tigelinha), de osso, moedas, instrumentos e ferramentas de ferro, cerâmica diversa. Material em estudo pelo Prof. Manuel Heleno.

## MOSTRADOR N.º 79

Neste mostrador, continua a apresentar-se o espólio de Torre de Palma, de composição análoga à do anterior, mas também com fragmentos de pedra ornamentados.

## MOSTRADOR N.º 81

Neste mostrador, guarda-se um espólio proveniente da exploração romana da mina de Aljustrel: cerâmica (vasos, tigelas, pratos, lucernas), objectos de bronze (anéis, argolas, pregos, fíbulas, agulhas), de osso (hastes), de ferro (ferramentas várias), um fragmento de mosaico, uma caixa de pedra, uma inscrição funerária.

## MOSTRADOR N.º 83

Este mostrador contém o espólio de um cemitério lusitano-romano-visigótico de Silveirona (Estremoz): cerâmica (tigelas, canecas, taças, lucernas), moedas, argolas e um fragmento de mosaico. Material em estudo pelo Prof. Manuel Heleno.

## MOSTRADOR N.º 85

Neste mostrador, guarda-se a continuação do espólio do mostrador anterior, do mesmo cemitério (Silveirona): vidros, cerâmica, lança, ferramentas de ferro.

## MOSTRADOR N.º 87

Este mostrador apresenta uma colecção arqueológica que pertenceu ao falecido e ilustre escritor e arqueólogo lisboeta Matos Sequeira, e foi oferecida ao Museu Etnológico pela Ex.<sup>ma</sup> Família: consta esta colecção, de vidros, cerâmica, machados de pedra e de bronze, lucernas, etc..

## MOSTRADOR N.º 89

Este mostrador contém o espólio das escavações da *villa* de Santa Vitória do Ameixial: objectos de bronze, ferro, osso, vidro, pedra e barro, asa de *sítula*, alfinetes, contas, anéis, moedas, cossoiros, discos, lucernas, machados, um almofariz de pedra, com mão, pedras esculpturadas, uma inscrição lapidar, uma cabeça humana de mármore.

Do mesmo lado, junto à parede, diversas aras, ámulas, cipos (Fig. 92), marcos, estelas, com inscrições, telhas, etc..

Ao longo desta nave, do lado esquerdo, e junto aos pilares, encontram-se também vários mostradores com espólios de escavações diversas.

## MOSTRADOR N.º 76

Contém este mostrador a continuação do espólio do seu fronteiro (Tróia, Setúbal): vidros, cerâmica (pratos, frascos, lucernas, uma ânfora de asa, quebrada), conchas, pregos, discos e placas de bronze, pregos de ferro, etc.

## MOSTRADOR N.º 78

Este mostrador apresenta a continuação do espólio do fronteiro, n.º 77, de Torre de Palma: cerâmica, bronzes, agulhas e furadores de osso, moedas, ferramentas de ferro, fragmentos de pedra esculpturada, e de paredes com pinturas.

## MOSTRADOR N.º 80

Neste mostrador, guarda-se um espólio da cidade romana de *Ammaia* (Marvão): vidros, cerâmica diversa, lucernas, pratos, jarras, (cossoiros), moedas, ferramentas, bronzes (asa de *sítula*), arco de vaso, colher.

## MOSTRADOR N.º 82

Contém este mostrador um espólio arqueológico proveniente do cemitério lusitano-romano de Arraiolos (Alentejo): cerâmica, uma adaga (*pugio*), moedas, ferramentas, anéis; objectos de Sousel (Alentejo): cerâmica, ferramentas, etc.; objectos do Alandroal (Alentejo): cerâmica, argola, contas, etc..

## MOSTRADOR N.º 84

Neste mostrador, vêem-se objectos vários provenientes de Beja, Grândola, Serpa e Moura (Alentejo): cerâmica variada, armas e outros instrumentos de ferro, moedas, argolas, fragmentos de mosaico, etc..

## MOSTRADOR N.º 86

Este mostrador apresenta objectos provenientes de *Ossonoba* (Faro, Estoi, etc.) de *Lacóbriga* (Lagos?), de Olhão, etc.: cerâmica variada, moedas, fibulas, peso de tear, anéis, asas de *situla*, fragmentos de mosaico, etc..

## MOSTRADOR N.º 88

Contém este mostrador um espólio arqueológico proveniente de Tavira: vidros, cerâmica (lucernas, vasos, tigelas), moedas, pregos, asas de *situla*, argolas e anzóis.

## MOSTRADOR N.º 90

Neste mostrador, guarda-se uma colecção arqueológica proveniente de *Conimbriga*: contas, moedas, cerâmica ornamentada (*terra sigillata*) e outra, pesos de tear, colher e faca de bronze, ferramentas de ferro, fivelas, bracelete, fragmentos de pedras ornamentadas, uma cabeça humana de pedra.

Do mesmo lado, ao longo e junto à parede, estão aras, ámulas, cipos, marcos, estelas, com inscrições, frisos esculpturados, telhas, mós, bases ou socos de colunas e bases de estátuas, uma pia de pedra, uma torneira grande de bronze, uma caleira de madeira, um fragmento de escada de madeira, etc..

A sétima porta, do lado direito de quem entra no Museu, introduz numa sala pequena (Fig. 23), onde estão diversos exemplares de escultura romana, como uma estátua de Diana, um fragmento de estátua de homem, uma estátua de mulher recostada, um fragmento de estátua com manto de pregas, uma estátua que representa Sileno deitado, um fragmento de estátua [só com uma perna e uma ânfora (?)], um friso com cenas teatrais, um fragmento de estátua com uma inscrição dedicada a Endovélico (ex-voto), um sarcófago pequeno de mármore ricamente ornamentado com motivos vegetais e um medalhão com um busto humano (Fig. 93); um sarcófago comprido de pedra, com ornamentação lateral constante de *strigiles* insculpidos (raspadores de suor), um vaso ao meio e, junto aos cantos, de cada lado, uma cabeça de leão. Ao centro, sobre uma base de cimento, uma estátua grande de homem (Apolo, de grande perfeição, mas sem cabeça e sem braços — Alcoutim).

Na nave do segundo pavimento encontram-se vários mostruários com objectos lusitano-romanos, bem como no salão do fundo, em seguimento daquela, e noutra sala do lado norte, ao fundo.

A sexta porta, à direita de quem entra no Museu (do lado do norte), introduz numa sala pequena que contém quadros de mosaicos romanos coloridos, uma ara do deus indígena Endovélico, vários espécimes de escultura romana (fustes de colunas, capitéis, um fragmento de estátua). Nesta sala há uma porta, frõnteira à de entrada, que dá para um pequeno compartimento onde estão, encostados à parede, fragmentos de mosaicos emoldurados, ornamentados com vários motivos (peixes, vegetais, figuras geométricas), quatro ânforas romanas; ao meio da parede da direita, um quadro com um mosaico que tem ao centro figurado um hipocampo (cavalo-marinho). Este compartimento dá entrada para uma sala com cinco mostradores, um deles pendurado a meio da parede de um portal, à direita de quem entra, todos com numeração seguida.

#### MOSTRADOR N.º 1

Este mostrador, à esquerda de quem entra, contém uma bela colecção de vidros romanos de várias formas, simples e ornamentados, quase todos unguentários ou frascos de remédios ou perfumes.

Na prateleira do fundo, há uma colecção de vasos romanos, de barro vermelho (*terra sigillata*). Entre eles avultam recipientes para dar a beber líquidos a doentes ou crianças. (V. *O Archeologo Português*, XIX, 1-4, artigo do Dr. Aurélio da Costa Ferreira).

## MOSTRADOR N.º 2

Apresenta este mostrador, nas duas prateleiras superiores, outra colecção de vidros romanos, frascos de várias formas, tigelas, copo, jaras, contas, discos, pratos pequenos, uma colherzinha.

Na prateleira do fundo, um conjunto de cerâmica (*terra sigillata*) (Fig. 91).

## MOSTRADOR N.º 3

Neste mostrador, apresenta-se uma colecção de cerâmica romana, constante de exemplares de diversas formas e aplicações: tigelas, jarrihas, unguentários, vasos de paredes finas, pratos, etc..

## MOSTRADOR N.º 4

Este mostrador contém:

a) na prateleira de cima, uma colecção de lucernas (Fig. 94) ou candeias romanas, lusitano-romanas, pagãs, cristãs e bárbaras, uma de dois bicos (*myxus*), e quase todas artisticamente ornamentadas com motivos variados;

b) na prateleira do centro e do fundo está exposta uma colecção de cerâmica com vasos de tipos e tamanhos diversos, com ou sem asa.

Entre os mostradores n.º 3 e 4, numa mesa, sobre um suporte de ferro está uma ânfora grande de duas asas no colo, e um pequeno quadro com um fragmento de mosaico ornamentado com um disco colorido, de saliências ou raios externos.

De cada lado da mesa uma ânfora elegante de duas asas, assente em peanha de ferro.

## MOSTRADOR N.º 5

Este mostrador, metido num portal, ao meio da parede da direita, contém uma colecção de vidros romanos (unguentários, frascos, garrafas, taças, uma ânfora pequena com asa).

Por baixo deste mostrador está uma mesa com um dólio pequeno e uma ânfora pequena (?).

Ao centro da sala, numa peanha de ferro, está uma ânfora grande de barro, com duas asas.

À esquerda, junto a cada um dos mostradores n.º 2 e 3, uma ânfora de asas, também assente em suporte de ferro.

Ao lado direito estão dispostos no chão quadros com mosaicos ornamentados com peixes, vasos e uma figura geométrica.

À esquerda de quem entra nesta sala, há uma porta que dá para uma secção da

## ÉPOCA MEDIEVAL (VISIGÓTICA)

Nos começos do século V da era cristã, os povos do Norte da Europa, os Germanos, puseram-se em movimento, saíram dos seus territórios e invadiram o império romano. Escreveu Caetano do Amaral: «... das regiões do Norte sahem enxames de homens, a quem a falta de indústria e de commercio faz a cada passo mudar de habitação: cahem sobre a terra do domínio romano; vão cobrindo e assolando as diversas provincias; chegam finalmente a esta, investem com os Lusitanos, noutro tempo bravos, e indomáveis, agora já affeitos ao serviço mais que á guerra.» (*Memórias da Litteratura*, VI, 127-128, Lisboa, 1796). Vândalos, Alanos, Suevos e Silingos a princípio, e depois os Visigodos, que expulsaram aqueles e se consolidaram finalmente num império hispânico, que perdurou durante três séculos e, em certo sentido, disciplinou a vida bárbara peninsular.

Na verdade, organizadores de indústria e comércio que se propagaram a boa parte da Europa, reformadores do direito romano, que assi-



Fig. 83 — Friso das Moças (Mosaico de Torre de Palma). Escavações do Prof. Manuel Helino

milaram, criadores de florescente literatura de expressão latina, fomentadores das artes, das ciências, da filosofia e da teologia, nas quais avultam magnos nomes da cultura hispânica e europeia, como S. Martinho de Dume, Paulo Orósio, Idácio, João Biclarense, Isidoro Pacense, Eugénio, S. Julião, Aurélio Prudêncio, S. Frutuoso de Braga, e, acima de todos Santo Isidoro de Sevilha, luminar da Hispânia e da Europa — os Visigodos deixaram no território peninsular profundo sulco do seu poderio, da sua civilização e da sua cultura.

Da sua civilização, assimilada da dos Romanos vencidos, perduraram vestígios de vária ordem: artísticos, jurídicos, religiosos, linguísticos, etc.. Adoptando embora as instituições e a língua dos vencidos, transmitiram muitos dos seus vocábulos comuns e próprios, em nomes de coisas, de pessoas e de lugares. (V. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitânia*, III, 545 e segs.; *Antroponímia Portuguesa*, passim; Newton de Macedo, *O Domínio Germânico*, na *História de Portugal* de Damião Peres, I, 291 e segs.; no campo da chamada arte visigótica, isto é, da arte que os Visigodos propiciaram na Península, e sobretudo em Portugal, v. Vergílio Correia, *Arte Visigótica*, na *História de Portugal* de Damião Peres, I, 365 e segs.; D. Fernando de Almeida, *Arte Visigótica em Portugal*, Lisboa, 1962 (sep. de *O Arqueólogo Português*, vol. IV); no campo da linguística, José Joaquim Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Lisboa, 1953; Joseph Piel, *Os Nomes Germânicos na Toponímia Portuguesa*, no *Boletim de Filologia*, vols. II e III).

Na sala que encerra os vestígios desta civilização, estão expostos vários objectos visigótico-cristãos (Fig. 95), tais como fragmentos de escultura (capitéis (Figs. 96 e 97), frisos, uma coluna quadrangular esculpida), esculturas, lápides com inscrições funerárias, cerâmica, insígnias, pinturas, jóias, ornamentos, etc..

À esquerda, estão dois mostradores numerados:

MOSTRADOR N.º 1

Neste mostrador, vêem-se:

a) na prateleira de cima, uma colecção de artefactos de metal, como anéis, pulseiras, chapas de cinturão (Fig. 98), fivelas, uma lâmina

de punhal, alfinetes, contas coloridas, lucernas e fragmentos de lucerna, um prato; ao alto um pequeno friso com leões insculpidos;

*b)* nas prateleiras centrais, fragmentos de cerâmica, dois vasos pequenos, um fragmento de pedra branca lavrada;

*c)* na prateleira do fundo, vasos de barro, lápides com inscrições, um recipiente de pedra ornamentado no bordo e com um orifício no fundo.

#### MOSTRADOR N.º 2

Contém este mostrador vários objectos da época medieval:

*a)* na prateleira de cima, à esquerda, uma escultura de pedra, que figura uma mulher coroada, de pé, em atitude de oração, com as mãos postas; à direita, um quadro pequeno, emoldurado, pintado a óleo com a face de Cristo; três crucifixos de bronze com braços e pontas terminadas em flor de lis; outro, de extremidade em ângulos rectos; duas imagens de crucifixo (Fig. 99);

*b)* nas prateleiras centrais, vários espécimes de cerâmica: vasos de formas diversas (jarros, canecas, etc.);

*c)* na prateleira do fundo, outros vasos de barro, e ao centro, ao alto, um alto-relevo de mármore, com a cena do calvário; uma estatueta de pedra que representa uma mulher; no fundo, uma inscrição lapidar.

No segundo pavimento, na última sala do lado do norte, há mais objectos medievais.

A quarta porta da direita de quem entra no Museu (do lado do norte) introduz na

#### SALA DO EGIPTO

em que estão quatro armários e três mostradores, todos de numeração seguida.

#### ARMÁRIO N.º 1

Contém este armário uma colecção lapidar constante de pedras com baixos-relevos, pedras escavadas, uma lápide triângulo-quadrangular com inscrição.

Ao lado, pousada no chão e encostada à parede, está uma pedra com baixo-relevo.

#### ARMÁRIO N.º 2

Neste armário vêem-se:

- a) no cimo, uma figura de animal deitado;
- b) na primeira prateleira, ao alto, três máscaras coloridas de múmias, estatuetas de madeira, de pedra, de metal, relacionadas com o culto dos mortos;
- c) na prateleira central, várias placas de lousa, de formas diversas, vasos de barro, artefactos de sílex, um tabuleiro circular de mármore com um pires de alabastro e uma série de vasos multiformes da mesma pedra, tabuletas de madeira com inscrições, uma em grego e outras em egípcio demótico, uma caixa com pedaços de pano de múmias, e duas outras caixas com fragmentos de papiro escritos;
- d) na prateleira do fundo, um modelo de barco do Nilo (Fig. 100), com tripulação de pé; um crocodilo e outros animais pequenos mumificados, outros de barro e de pedra, figuras humanas de madeira, baixos-relevos de pedra branca.

Esta colecção foi depositada pelo Museu Nacional de Arte Antiga.

Do lado da porta, disposta no chão e encostada à parede, uma pedra com uma figura humana encimada por uma inscrição hieroglífica.

#### ARMÁRIO N.º 3

Neste armário estão expostos:

- a) na prateleira superior, uma colecção de estatuetas de pedra e de barro, um fragmento do Serapeum (Alexandria), um pedaço de granito de uma pirâmide de Gisé, uma pequena reprodução metálica de um obelisco;
- b) na prateleira do meio, um disco de barro, um colar de contas verdes, vários cálamos, pesos de vidro, um com um pentalfa, um pequeno recipiente de pedra, amuletos modernos de prata, um com pentalfa, outro com inscrição arábica, um disco de barro com pentalfa em relevo, contas

vermelhas de colar, um fuso com volante e lã, três figas, uma cabeça de barro;

c) na prateleira do fundo, sandálias de palha, rodilhas, cestos pequenos de palha entrançada, pentes de madeira, um travesseiro de madeira.

#### ARMÁRIO N.º 4

Este mostrador contém uma múmia em posição vertical, com sarcófago de madeira decorado com figuras e cenas coloridas e com inscrições demóticas (Fig. 101).

#### ARMÁRIO N.º 5

Este armário tem:

a) na prateleira de cima, uma estatueta de bronze que representa uma figura humana, um vaso metálico redondo, outro vasinho metálico redondo, uma série de vasos de barro, alguns de Alexandria, do período helenístico (sécs. IV-I, a. C.), um vaso de barro, romano, de Mênfis, outro vaso de barro da época romana;

b) na prateleira do meio, duas figuras de barro que representam uma divindade da Luz, diversas candeias ou lucernas de barro e de metal, escarvelhos de pedra e de lacre; marcas de pedra;

c) na prateleira do fundo, vasilhame de alabastro de tamanhos e feitios diferentes, almofarizes de alabastro.

#### MOSTRADOR N.º 6

Neste mostrador, vê-se uma múmia da necrópole de Akhmim (antiga Panópolis), de um personagem chamado Hor, da época ptolemaica.

Foi oferecida ao Museu pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Duque de Palmela.

De cada lado deste mostrador, encostada à parede, está uma pedra com inscrições hieroglíficas, a da direita também com figuras humanas, e, ao canto contíguo, outra pedra com inscrições hieroglíficas.



Fig. 93 — Sarcófago romano do séc. III, proveniente de Vila Franca de Xira. Sala da escultura romana do Museu Etnológico



Fig. 94 — Conjunto de cinco lucernas romanas ornamentadas, com uma de dois bicos (*myxus*) ao centro



Fig. 95 — Baixo relevo com grifos. Reprodução de gesso. (Secção visigótica do Museu Etnológico)



Fig. 96 — Dois capitéis visigóticos vistos de duas faces (Alentejo)



Fig. 97 — Fragmento de ábaco visigótico de mármore (Mértola) e ábaco visigótico de Silveirona (Estremoz). Todas as gravuras desta página são extraídas da *Arte Visigótica em Portugal* de D. Fernando de Almeida



Fig. 98 — Fragmento de placa de cinturão visigótico, de bronze, proveniente de Santa Marinha do Zêzere (Baião). Secção medieval visigótica do Museu Etnológico



Fig. 99 — Cruz procissional românica. Secção medieval do Museu Etnológico

## MOSTRADOR N.º 7

Este mostrador contém:

- a) na prateleira de cima, uma colecção de figuras humanas de barro de diversos tamanhos, algumas coloridas de verde e com inscrições pintadas a preto;
- b) na prateleira central, uma múmia com seu envólucro de pano, mas sem sarcófago.

Na sala contígua à secção egípcia, há uma pequena

## SECÇÃO ESTRANGEIRA

com quatro mostradores com objectos antigos.

## MOSTRADOR N.º 8

Contém fragmentos de cerâmica romana com marcas de oleiros; uma lápide e fragmentos de outras com inscrições latinas; fragmentos de cerâmica helénica; contas de Corinto; uma série de volantes de fuso (*cossoiros*) de vários tamanhos.

## MOSTRADOR N.º 9

Contém vários objectos romanos, tais como *tésseras* de jogar, contas, fragmentos de cerâmica, lucernas, vasos e fragmentos de vidro, pesos de bronze e de pedra, um unguentário.

## MOSTRADOR N.º 10

Neste mostrador, há uma colecção de objectos gregos: vasos, estatuetas, anéis, placas metálicas redondas ornamentadas com vários motivos (espirais, etc.), outros objectos metálicos com vários enfeites, moedas, espelhos metálicos, anzóis, etc..

Há também três tijolos com inscrições cuneiformes.

Entre os mostradores n.ºs 9 e 10, sobre uma peanha de madeira, está um vaso grego, grande, incompleto, com ornamentação colorida de motivos vegetais e brácteas espiraliformes.

#### MOSTRADOR N.º 11

Neste mostrador, está exposta uma colecção de antiguidades itálicas: instrumentos de pedra lascada e polida, punhal, machado, fíbulas, estatueta de bronze, contas, moedas, um *strigilis*, espelho metálico com pega, alfinetes de osso, um assobio da mesma substância.

#### MOSTRADOR N.º 12

Neste mostrador, figuram as condecorações nacionais e estrangeiras com que foi agraciado o fundador do Museu Etnológico, Professor Doutor Bernardino Machado.

Foram oferecidas ao Museu pela Ex.<sup>ma</sup> Família, em 1951.

Arrumados no chão, junto aos mostradores n.ºs 8, 9, 10 e 11, vêem-se fragmentos de mosaicos romanos encaixados, três com figuras humanas, um com figura de animal.

Foram depositados no Museu pelo Museu Nacional de Arte Antiga.

Contíguo a esta sala, há um pequeno compartimento com escada para a secretaria. Nele se encontram cinco armários envidraçados com uma interessante e bela colecção de bonecas vestidas com trajos populares característicos de vários países, entre eles Portugal.

Esta colecção foi organizada pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Sara Ferreira Marques e foi oferecida ao Museu por seu filho, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Inácio Ferreira Marques.

Na sala contígua a este compartimento, há um armário envidraçado e sete mostradores de vidro que contêm uma linda e interessante colecção de bonecas antigas de vários países, com indumentárias variadas, a qual foi organizada pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Cândida Rego Bettencourt Ferreira, que a depositou no Museu.



Fig. 100 — Arte egípcia. Barco votivo. (Secção egípcia do Museu Etnológico)



Fig. 101 — Sarcófago egípcio com uma múmia. (Secção egípcia do Museu Etnológico).

Na sala contígua a esta, há uma

### SECÇÃO DE ETNOGRAFIA ULTRAMARINA

Nesta secção há dois armários e três mostradores, todos de numeração seguida.

#### ARMÁRIO N.º 1

Neste armário, à direita de quem entra,

a) na prateleira de cima, há cestos de palha entrançada, dois com partes coloridas, copos e taça torneados de madeira escura, um peixe seco, uma gaiola de madeira e arame, de base quadrangular e cúpula, um colar de frutos secos e outro com bolsinhas de couro;

b) na prateleira central,

1 — na metade esquerda, vários objectos africanos, como uma estatueta de madeira que representa uma mulher nua com uma criança segura do lado esquerdo, um recipiente de madeira envernizada com ornamentação insculpida, dentes de javali, uma tabaqueira de palha forrada de missanga colorida com ornamentação geométrica, um almofariz de madeira com mão, uma caixa com *caurins* ou búzios pequenos e discos de osso ou madrepérola, um pau aguçado em ambas as extremidades, com nódulos laterais salientes, uma *cuia* ou recipiente oblongo (de chifre); na parede fundeira, um colar de contas, um colar com alguns dentes de animal, uma bolsinha de couro para pendurar (como amuleto?), um núcleo de sementes secas presas com fios vermelhos e pretos;

2 — na metade direita, uma colecção de artefactos orientais (Índia e Macau), uma fita com lindas pinturas coloridas, com motivos vegetais e animais, copo de latão ornamentado com motivos religiosos orientais, braceletes de bronze ornamentados, outro de marfim, uma caixa de metal ricamente ornamentada com recortes artísticos, uma argola de prata ornamentada para guardanapo, uma garrafinha de

metal ornamentada, alfinetes de gravata, adereços e brincos de marfim;

c) na prateleira do fundo, na parede fundeira, um aro de couro com pluma, para pôr na cabeça, uma bolsa de palha forrada de missanga colorida, uma ceirinha de palha entrançada; na prateleira, um bule, uma terrina e uma concha de madeira, uma *cuia* ou tigela de madeira ornamentada a negro e branco, um par de sandálias de palha entrançada.

#### ARMÁRIO N.º 2

Em cima deste armário está uma escultura de madeira que representa um guerreiro negro com escudo.

Contém o armário uma colecção de armas gentílicas: machados, moccas ou *porrinhos* com a parte superior de face humana, arcos e setas.

Ao canto do fundo, contíguo a este armário, arrumado no chão, está um fole de ferreiro.

#### MOSTRADOR N.º 3

Na prateleira de cima deste mostrador, há uma colecção de objectos gentílicos, tais como colheres de madeira ornamentadas, tigelas de madeira enfeitadas, uma garrafa de madeira insculpida; vários instrumentos músicos, como *marimbas*, violas, um coco, etc..

Na prateleira inferior várias colheres de madeira, recipientes de cabaço, de madeira, travesseiros de madeira, uma espada com bainha de couro, dois alfanges com bainhas de couro ornamentado (Guiné).

#### MOSTRADOR N.º 4

Na prateleira cimeira deste mostrador, há uma colecção de moccas ou *porrinhos* de madeira com a extremidade inferior em figura humana (cabeça, busto e tronco), travesseiros de madeira ornamentados, um comboio de madeira, pentes de madeira enfeitados, um recipiente de coco com uma extremidade em face humana, e os lados ornamentados de motivos variados, com uma abertura quadrangular em cima, e quatro pés de marfim.

Na prateleira do fundo, está uma colecção de esculturas de madeira que representam figuras humanas (máscaras, corpo inteiro) (Fig. 102),



Fig. 102 — Arte indígena. Ídolo de ébano da África Ocidental Portuguesa. Secção de etnografia ultramarina do Museu Etnológico



Fig. 103 — Arte indo-portuguesa. Nossa Senhora da Conceição. (Secção ultramarina do Museu Etnológico)



Fig. 104 — Arte indígena. Cabaça ornamentada da África Ocidental Portuguesa. Secção de etnografia ultramarina do Museu Etnológico

uma corrente pequena com os elos terminais em figura humana, dois feitiços pintados de preto, com manchas brancas, pregos espetados e um espelho na barriga, um alto relevo de madeira, e um recipiente de madeira (colher?).

#### MOSTRADOR N.º 5

Na prateleira cimeira deste mostrador, há colares de discos de osso, de sementes, de búzios, de missanga, pulseiras de latão, bronze e ferro, anéis de palha entrançada e pentes de madeira.

Na prateleira de baixo estão um banco esculpido e um tambor de madeira insculpido.

No chão, do lado esquerdo de quem entra, estão dois tambores de madeira insculpida com vários ornatos.

Ao fundo, no canto esquerdo, sobre um plinto de madeira, vê-se uma escultura gentílica de pedra (Fig. 103), que representa uma figura de mulher de mãos postas, com a cabeça encimada de uma cruz central e duas laterais, todas incisadas, e envolvida dos lados com sulcos radiais ou resplendor (Nossa Senhora da Conceição?).

Nas paredes, armas diversas, como lanças, arcos e setas, machados e moccas.

A terceira porta da direita (do lado do norte) de quem entra no Museu introduz num pequeno compartimento em que está uma

#### SECÇÃO LAPIDAR PORTUGUESA

constante de sepulturas, estelas, inscrições, brasões, estátuas, bustos, cabeças, capitéis, uma pia de água benta, etc., objectos de diversas proveniências e de vários séculos.

Deste compartimento parte uma escadaria que leva ao segundo pavimento, nas paredes da qual estão penduradas caixas envidraçadas com bonecas da colecção da S.<sup>a</sup> D. Sara Ferreira Marques, oferecida ao Museu, fotografias com reproduções de trajos populares, um tapete antigo de Arraiolos e uma curiosa manta colorida de Minde; nos patamares médio e cimeiro, há armários com bonecas da mesma colecção.

## SEGUNDO PAVIMENTO

À esquerda de quem sobe, está a

## SALA DE ETNOGRAFIA PORTUGUESA

que abrange, conforme a concepção de Leite de Vasconcellos, a nossa vida tradicional, a popular moderna e antiga, nas suas manifestações ergológicas e tecnológicas materiais e de reflexos espirituais. É bastante rica em objectos de várias espécies, representativos das múltiplas actividades humanas portuguesas em todos os campos, já no que se refere às necessidades primaciais e imperiosas da existência (alimentação, vestuário, habitação, iluminação, indústria, etc.), já no que se reporta à vida social pròpriamente dita (religião, justiça, administração, sabença vulgar, indústrias, etc.). Nela estão representadas a alimentação e trabalhos inerentes, a casa e arranjos domésticos, a vida individual e familiar, a pastorícia, a agricultura, a religião, magia e superstições, a vida intelectual (leitura, escrita, escola, literatura de cordel, história do livro, jornalismo, ciência, arte, etc., etc.), indústrias várias, a vida social (distracções, comércio, metrologia, correio, heráldica, vida militar, etc.)<sup>(251)</sup>. Ao percorrer a sala de etnografia, a começar da esquerda da porta de entrada do pátio cimeiro, o visitante adquire uma visão de conjunto do viver da Nação portuguesa em todas aquelas manifestações de carácter tradicional e popular pròpriamente dito.

À esquerda de quem entra:

## ARMÁRIO N.º 1

## INDÚSTRIAS TÊXTEIS

Neste armário contêm-se:

a) os artefactos empregados nestas indústrias e os produtos inerentes. Assim vêem-se rocas de formas variadas, algumas de carácter artístico popular; aprestos das mesmas (fusos, parafusos e *parafusas* de pau

<sup>(251)</sup> *Historia do Museu Etnologico Português*, pág. 335. A acomodação destas colecções é precária. (Vide o que se disse a esse respeito neste capítulo, na parte respeitante ao Museu Etnológico e a Museologia.)

**MUSEU ETNOLÓGICO DO  
D.º LEITE DE VASCONCELOS**

João L. Soverina Marques - Sobrelata para a *Ativida de Museu Etnológico*

**A - SALA DE ETNOGRAFIA PORTUGUE-  
SA**  
- SECÇÃO DE ESTUDO:

**B - EPOCAS PALEOLÍTICA E NEOLÍTICA**

**C - EPOCAS DO BRONZE E DO FER-  
RO**

**D - EPOCA LUSTANO-ROMANA**

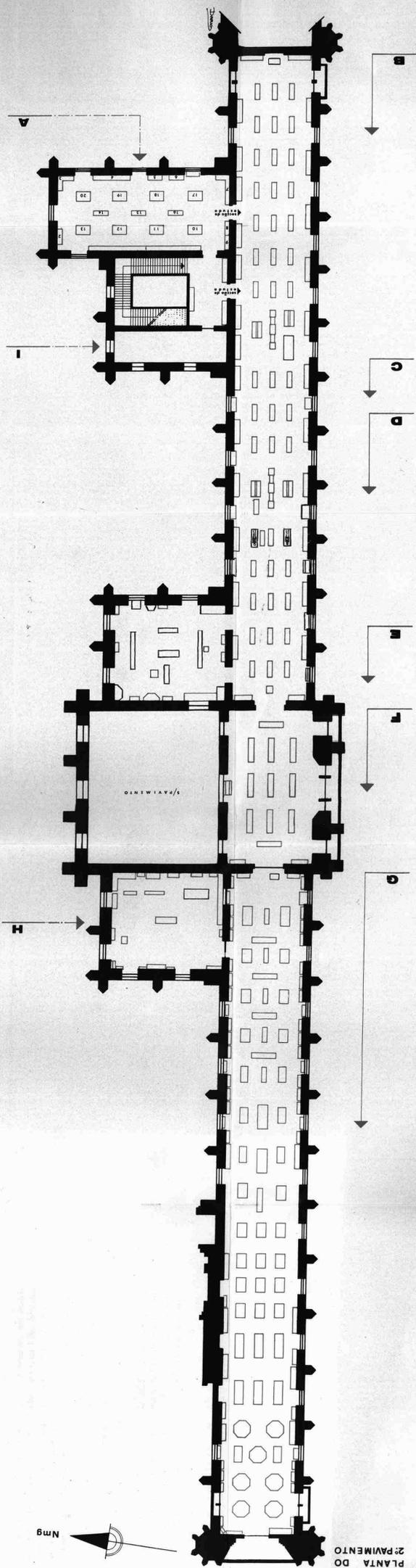
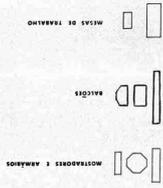
**E - EPOCAS VÁRIAS (Lustano-Romana,  
Visigótica, Árabe e Medieval Portug.)**

**F - SALA DE TRÓIA (Setúbal)**

**G - SECÇÃO DE RESERVADOS (Colec-  
ções arqueológicas e antropoló-  
gicas em estudo)**

**H - DEPÓSITO DAS PUBLICAÇÕES E  
DIVERSOS**

**I - SALA DE ESTUDO**



PLANTA DO  
2.º PAVIMENTO

e de ferro, *cossoiros* ou volantes ou rodas de fuso, alguns artisticamente trabalhados); diversas dobadeiras; *espadanas* e *espadelas* (talhadeira de bater o linho e o cânhamo); um modelo de tear do Alto Minho (Valdevez); pesos de tear, de faiança, barro, pedra, madeira; *ambos* artísticos (acessórios de tear); fusos artísticos de madeira (o n.º 552, feito por um preso da praça de Almeida no tempo de D. Miguel, e artisticamente decorado com pinturas que representam corações, vasos de flores, aves);

b) indústrias do vestuário e anexas: aprestos de costura (*cestas*, *costuras*, *teigos*, furadores de ilhós), *canhões* de fazer meia (Trás-os-Montes), *ganchos* de meia de tipos diversos (*tecedores*, etc.), de madeira, osso, barro, agulheiros artísticos, formas de madeira para distender meias de mulher e de menina, *coturnos* de homem e de rapaz, *meúcos* (peúgas ou meias) de criança, *preguiças*, artefactos de fazer rendas (bilros, almofada, *pique* (desenho de papel), ferro de engomar, colchas coloridas, toalhas e panos de mesa, sacos e panos bordados, rendas de Semide.

Defronte deste armário, entre os mostradores 10 e 11, vêem-se duas dobadeiras de madeira, uma com dois carretos, outra com três.

No vão da janela, entre os armários 1 e 2, vêem-se: um modelo de *pisão* ou *fulão* hidráulico do Alto Minho, para bater linho, bengalas, cacetes e *porretes*, na parede contígua há vários objectos e instrumentos agrícolas (cabaço de rega, balde de madeira, peneiras, sacho de mão, gadanho, cabaças, fole de enxofrar, modelo de nora) (Vida do campo).

#### ARMÁRIO N.º 2

##### ILUMINAÇÃO

Este armário contém vários utensílios de iluminação: lanternas de lata, de lata e vidro, um *círio* de lata pintada, candeias de lata, de ferro, de barro, suportes de candeias, candeiros de azeite, de lata e de latão, palmatórias de vidro e de ferro, apagadores de latão, tesouras de morrões.

Na parede contígua ao armário n.º 2, do lado do nascente, vários utensílios, varas, cangalhos de bois, açaimos de bois, bengalas; no chão um modelo de arado (Vida do campo).

Entre os armários 2 e 3, no vão da janela, está um belo presépio artístico, do século XVIII (Fig. 105), armado dentro de um castelo ou torre quadrangular, com pórticos de colunas; ao fundo e ao alto representa-se, em relevo, a cidade de Jerusalém, em baixo o cortejo dos reis magos (Vida religiosa).

Na parede contígua ao presépio, uma roda de carro, estribos, freios, um díptico, molduras com obrigações e desagravos religiosos, um brasão em chapa de ferro; no chão, vários berços.

#### ARMÁRIO N.º 3

##### VIDA RELIGIOSA (1)

Este armário contém objectos relacionados com as crenças religiosas, como ex-votos (quadros pintados a óleo, com os milagres e favores alcançados), registos de santos, certidões de profissão (de freiras e frades terceiros), bentinhos, emblemas, medalhas, corações, santinhos de barro, olhos de prata (ex-votos), etc..

No vão da janela, entre os armários n.ºs 3 e 4, um modelo de azenha ou moinho de água, de madeira (Fig. 106); nas paredes, bengalas e cacetes (Vida do campo).

#### ARMÁRIO N.º 4

##### VIDA RELIGIOSA (2)

Este armário contém também, como o n.º 3, objectos relacionados com a religião, como ex-votos pintados, imagens, um oratório, castiçais de estanho, grade metálica de confessionário, medalhas, uma matraca, vaso metálico (hostiário), bentinhos, livros de missa, de horas, devocionários, alguns com belas encadernações de marroquim com artísticos fer-

ros dourados, medidas de pés da virgem e de santos, painéis (com a Virgem e o Menino, com um bispo, com santos), patente de confraria, uma cruz de madeira, pano de seda ornamentado e impresso em latim, quadro de madeira com alto-relevo que representa a Virgem com o Menino e querubins, etc..

Entre os armários n.ºs 4 e 5, no vão da janela, no chão, um modelo de lagar, de madeira (Alto Minho), com peso e pia; na parede, bengalas de cana, uma alcofa e um cesto (Vida do campo).

#### ARMÁRIO N.º 5

##### INDÚSTRIAS DE CESTARIA, ETC.

Este armário contém cestos de verga, de vime, de formas e cores variadas, com asas e sem asas; uma bengala forrada de palha com disposição espiraliforme; uma curiosa caixa de madeira, com embutidos; frasco e garrafa artisticamente forrados de palha.

Entre os armários 5 e 6, na parede, vê-se um escaparate (*estanheira* ou *armeiro*) com bilhas de barro na prateleira cimeira, pratos de lonça popular ornamentada e púcaros de barro nas outras. Por baixo, um saleiro de madeira, uma tábua de picar carne.

No chão uma arca ou *burra* de ferro, com armação para cadeado (Vida do campo).

#### ARMÁRIO N.º 6

##### METROLOGIA (1)

Este armário contém balanças de ferro, romanas, de braços, de pratos, pesos de ferro, de pedra, de latão, grandes e pequenos; um livro sobre metrologia, *Memoria sobre os Pesos e Medidas de Portugal*, de António Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Gyão, Lisboa, Imprensa Nacional, 1833; caixas de pesos de latão (de encaixar); outro livro de metrologia, *Memoria sobre a Reforma dos Pezos e Medidas em Portugal segundo o Systema Metrico-Decimal* por João Baptista da Silva Lopes, Lisboa, Imprensa Nacional, 1849.

Entre os armários n.ºs 6 e 7, no vão da janela, está um mostrador envidraçado, de três prateleiras:

a) na cimeira, uma colecção de ferragens: chaves, pesos de balança, espetos, fechos de portas, atacador, perfumadores, fechaduras, espelhos de fechaduras, argolas e pegas de baús, *aloquete* ou cadeado, etc.;

b) na do meio: uma colecção de objectos vários, como ferro de engomar, estribo, castiçais de estanho, esferas armilares de ferro; espécimes de etnografia africana, bonecos, talha, manipulansos, cabaço, colher esculpida, etc.;

c) na inferior: peças de cerâmica popular, rocas, fusos, etc..

Nas paredes laterais do vão, quadros com colecções de chaves de tamanhos diversos; na parede contígua ao vão da janela, mais quadros com chaves e espelhos de fechaduras. Esta colecção (do armário e das paredes) pertenceu ao falecido escultor Raul Xavier e foi oferecida pela Ex.<sup>ma</sup> Família.

No chão, uma arca de madeira, comprida, sobre a qual estão várias bilhas e um pote de barro.

#### ARMÁRIO N.º 7

##### INDÚSTRIA DO FERRO

Este armário contém uma colecção de ferragens diversas: chaves, cadeados, fechos de porta, espelhos de fechaduras, esferas armilares (de cantos de varandas gradeadas?), argolas, tripeças ou *trempe*s de chaminé, braseira, gatos de chaminé, coleira de picos, fusos, algemas, ferro de engomar, armação de ferro com suporte duplo para esfriar recipientes de comida, espetos vários; um galo de catavento, *cravelho* e fechos de madeira (Casa e seu arranjo).

#### ARMÁRIO N.º 8

##### INDÚSTRIA DA CORTIÇA

Este armário tem uma colecção de objectos de cortiça, alguns artisticamente trabalhados e ornamentados: chapéu, recipientes vários, como tigelas, *tarros*, caixas, saleiros, alguidares, colheres, floreiras, socos, cestos, etc., quase todos provenientes do Alentejo (Casa e seu arranjo).

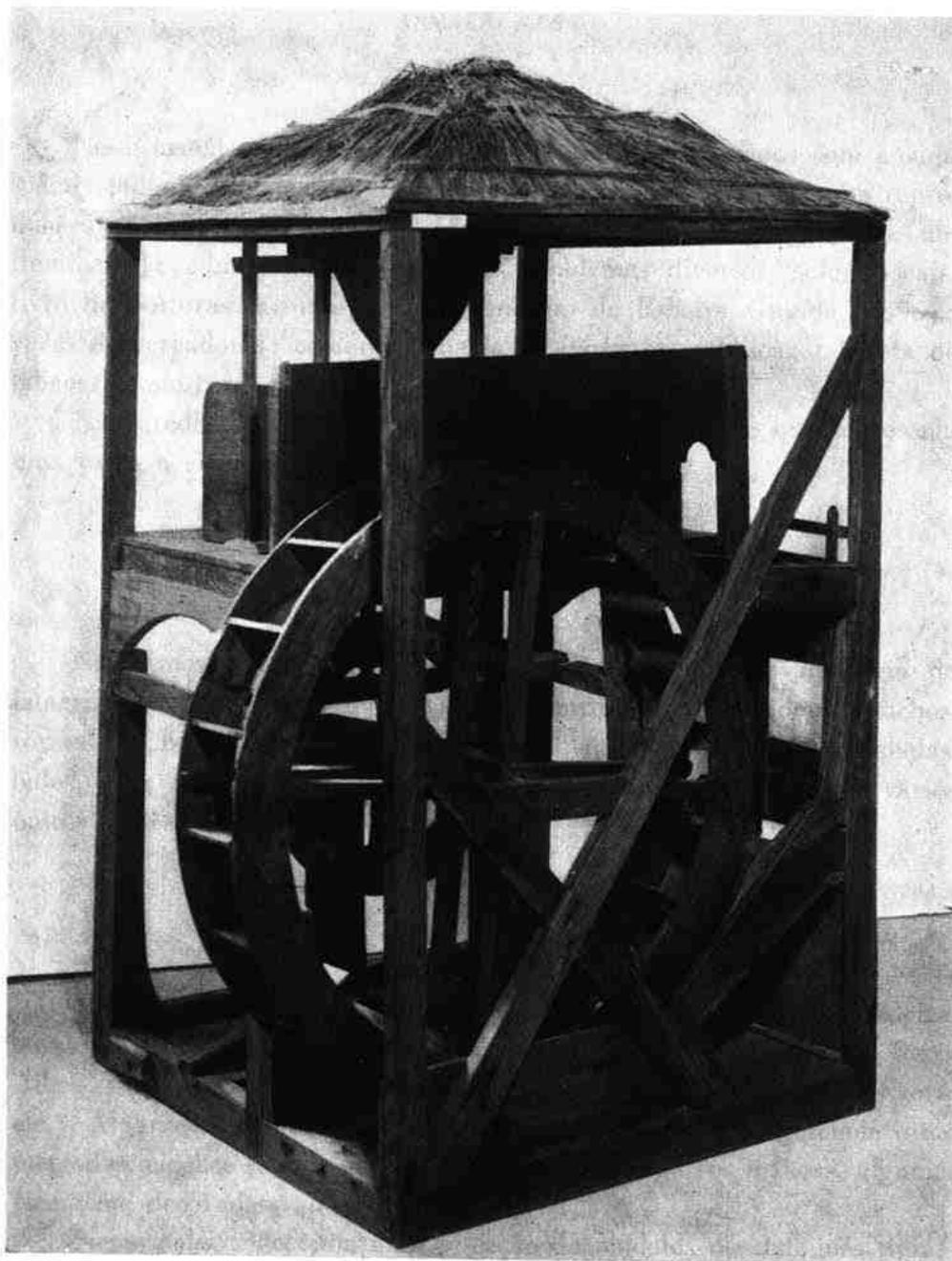


Fig. 106 — Modelo de moinho hidráulico para cereais (Alto Minho)

## ARMÁRIO N.º 9

## VIDA SOCIAL

Neste armário, expõem-se objectos variados relacionados com a vida social: judicial (algemas, golilhas, pistolas); militar (estampas com reproduções de uniformes, botões de farda, documentos de pergaminho, um iluminado); administrativa (carimbos, emblemas diversos, selos fiscais, livro de posturas municipais do concelho de Ribeira Grande (1896); varas de vereadores; comercial (bacia de barbeiro metálica; tabuleta de tabacaria, etc.).

Na parede do lado está pendurado um quadro a óleo que representa uma preta a assar castanhas.

## MOSTRADOR N.º 10

## INDÚSTRIA DE LATOARIA

Neste mostrador, estão expostos espécimes vários da indústria de latoaria: utensílios de cozinha, como cafeteiras, funis, frigideiras, tachos, formas de bolos, bacias, alguidares, terrina, batedor de ovos, panelas, bules, etc.; objectos de carácter religioso: cálice, cruz, lança e vários outros artefactos.

## MOSTRADOR N.º 11

## INDÚSTRIA DA MADEIRA

Este mostrador contém espécimes da indústria popular da madeira, de várias províncias portuguesas, Trás-os-Montes (Bragança), Minho, Beira Alta (Viseu), Beira Baixa (Castelo Branco), Alentejo (Portalegre, Évora, etc.), Algarve: colheres de vários tamanhos, algumas artisticamente ornamentadas, cinchos (cintas para queijos), alguidar, garfos e facas, algumas ricamente decoradas, almofariz, etc..

Na prateleira de cima uma colecção de modelos de chaminés típicas (Casa e seu arranjo).

Entre os armários n.ºs 11 e 12, defronte do n.º 1 (indústrias têxteis), estão duas dobaduras de madeira, de Miranda do Douro.

## MOSTRADOR N.º 12

## ALIMENTAÇÃO

Este mostrador contém objectos relacionados com a alimentação: além de amostras de comestíveis (bolo marcado, *palhaços* de pão, *boletas* ou *bolotas*, *nogões*, etc.), há muitos utensílios e artefactos próprios para a preparação dos alimentos e para a sua serventia, como alguidares, tigelas, púcaros, peneiras, pratos, copos, barricas, colheres, cestos, azeiteira, frigideira; carimbos ou marcas de bolos, carretilhas, chavões, pintadeira, loiças, paliteiros; um moinho manual de pedra, modelos de dornas; abanos, pás, formas e batedores de bolos, maço de bater carne, prateleira de suspensão, etc..

Entre os mostradores n.ºs 12 e 13, está um modelo de espigueiro do Alto Minho (Fig. 107).

## MOSTRADOR N.º 13

## VIDA DO CAMPO

Neste mostrador, vêem-se objectos variados relacionados com a vida do campo em geral: instrumentos agrícolas, como foices, podoas, gadanhos para estrume, pau de plantar couves, facas de matar porcos, raspadeiras, brochos de tamancos, gonzo de porta (de pedra), tenazes, cunhas ou escopros de ferro com cabos de tipo primitivo, espetos, *esfolhadores*, *sovinos* ou *aguços* para descascar milho, furadores, espanta-pássaros de cabaça, guisos e chocalhos de gado, ferraduras, um modelo de madeira de engenho hidráulico para prensar linho, uma colecção de badalos de madeira para chocalhos; uma colecção de *cornas* e *polvorinhos* de chifre, umas e outros artisticamente ornamentados.

## MOSTRADOR N.º 14

## FOLGANÇAS

Este mostrador contém espécimes variados relacionados com as diversões ou folganças infantis, adultas, e com o campo:

a) na primeira prateleira (em cima), brinquedos, como modelos de serviços de cozinha, de alumínio e lata, tábua de engomar, modelo de tear, assobios e gaitas de cana e de madeira, móveis, arco de setas, ventoinha ou *moinhos* de papel, *corrica* com ave, dobadoura, matraca, mangual, espingardas de cana, tamanquinhas de loiça, etc..

b) na prateleira do meio, folganças e jogos vários: cartas e respectivas chapas de impressão, gamão, loto, chapas metálicas de jogar, estampas com adivinhas; uma *Arte de Dançar à Franceza*, traduzida por Joseph Thomas Cabreira, Lisboa, 1790; um *Tratado dos Principais Fundamentos da Dança*, de Natal Jacome Bonem, Coimbra, 1767; vício do fumo: cinzeiros, caixas e bolsas de tabaco, cachimbos, isca, pederneira e fusil; vício de rapé: caixas de rapé, de lata, de osso, algumas com ornamentação artística a canivete, de madeira, de tartaruga, uma circular com uma miniatura a óleo, que representa uma paisagem;

c) na 3.<sup>a</sup> prateleira (do fundo), há objectos diversos relacionados com a caça: um *costilo* de rede, polvorinhos de chifre ornamentados, ressonador de madeira, chamarizes, um touro de louça.

Entre os mostradores n.<sup>os</sup> 14 e 15, três gatos de chaminé, de madeira.

#### MOSTRADOR N.º 15

##### MÚSICA

Este mostrador contém vários instrumentos de música, de sopro, de corda e de percussão, como gaitas de cana, de lata, assobios, flautas, clarinetes, serpente, trompa, saxofone, etc.; saltério, sanfona (Fig. 108), violoncelo, violas grandes e pequenas, castanholas.

Entre os mostradores n.<sup>os</sup> 15 e 16 está um baú de madeira, abaulado e com ferragens.

#### MOSTRADOR N.º 16

##### TOUCADOR E INDUMENTÁRIA

Este mostrador tem vários objectos de toucador, de adorno, de vestuário e de calçado: pentes, travessas de cabelo, cofre de jóias, diversos

anéis, alguns com pedras e camafeus, berloques, rodilhas de cabeça (*sogras*), leques, alfinetes, alfinete de gravata, brincos, botões, um cinto bordado a ouro, fivelas de cintos, lenços bordados, saquinhos de mão, um modelo de capa (*bioco?*) preta.

A seguir a este mostrador, entre os n.<sup>os</sup> 16 e 17, um baú de couro com pregaria de latão.

#### MOSTRADOR N.º 17

##### INDÚSTRIAS METÁLICAS

Este mostrador contém objectos vários de indústrias metálicas: um almofariz de bronze, grande, ornamentado com duas asas laterais no bojo; outro pequeno, da mesma liga, com mão; uma bacia de barbeiro, de latão; uma tripeça de estanho ornamentada com motivos animais, colheres de prata, de latão; canecas de cobre e de latão, pratos, castiçais, gomil e cálice de estanho, espelhos de fechadura de bronze e de latão; moldura de bronze.

Entre os mostradores n.<sup>os</sup> 17 e 18 vê-se uma arca ou *burra* de ferro pintada de verde.

#### MOSTRADOR N.º 18

##### METROLOGIA (2)

Este mostrador contém vários espécimes de metrologia: pesos diversos, medidas de lata, de barro, de latão, de madeira; medidas de líquidos e de sólidos; paus com sulcos indicativos da contagem de medidas.

Por baixo, dispostas no chão, diversas medidas de madeira, de lata e de cortiça.

Entre os mostradores n.<sup>os</sup> 18 e 19, uma colecção de cestos de verga com asas laterais, em arco; uma alfofa e um capacho circular de junça entrançada.

## MOSTRADOR N.º 19

## MEDICINA

Neste mostrador, estão expostos objectos relacionados com a medicina, tais como: bacia de barbeiro de louça ornamentada a azul, livros de medicina, certidões de habilitação para boticário, para sangrador, amuletos vários, um pires de louça com um sino-saimão pintado dentro de cercadura, um livro de *Prática de Barbeiro*, de Manoel Leytam, Coimbra, 1693, uma carta de sangrador, de pergaminho, manuscrita a preto e vermelho, com cercadura artística a cores (1740).

Entre os mostradores n.ºs 19 e 20 está um modelo de madeira de moinho hidráulico do Alto Minho.

## MOSTRADOR N.º 20

## VIDA INTELECTUAL

Este mostrador contém coisas relacionadas com a vida intelectual: escola (escrita, tinteiro, areeiro, penas, palmatórias), carimbos vários, alguns com cabos de marfim, lacres carimbados com selos diversos; história do livro, encadernações, amostras de literatura de cordel e culta.

Nas paredes, por cima dos armários, os brasões de várias cidades do País.

Ao sair pela porta meridional da sala de etnografia portuguesa, o público entra na nave que, em parte, constitui uma

## SECÇÃO DE ESTUDO

Como se disse, o Museu Etnológico enveredou pelo caminho de expor aos estudiosos e ao público em geral as colecções de materiais inéditos e ainda em estudo, facultando assim a todos, dentro das suas possibilidades de espaço, de alojamento e acomodação, a quase totalidade das suas riquezas histórico-arqueológicas.

Aqueles materiais e outros já conhecidos, estudados, e até publicados, estão no segundo pavimento, em mostruários apropriados, ou dispostos em estrados e no chão, segundo a sua natureza, tamanho e peso. Este pavimento abrange uma nave, ao fundo da qual há uma sala grande; do lado do norte, ao topo da escadaria, à esquerda de quem sobe, há uma sala que contém a secção de etnografia portuguesa, e ao fundo, daquele mesmo lado, outra sala onde estão expostos vários objectos de diversas épocas e proveniências.

A nave tem várias secções, dispostas por ordem cronológica (pré-história, proto-história, épocas romana, medieval (visigótica e arábica). Os materiais pré-históricos, proto-históricos e romanos (artefactos e objectos pequenos) encontram-se expostos em mostradores envidraçados convenientes.

Deve iniciar-se a visita pelo fundo, do lado esquerdo (nascente).

Encontram-se ali, junto à parede, dois armários envidraçados, e do lado esquerdo, logo a seguir, um armário e um mostrador; nestes quatro móveis há objectos variados de proveniência estrangeira, tais como peças de cerâmica, instrumentos paleolíticos, neolíticos, da idade do bronze, da época romana, espécimes etnográficos diversos, armas gentílicas, etc., etc.

Em seguida ao longo da nave, em numerosos mostradores, encontram-se muitas colecções das

#### ÉPOCAS PALEOLÍTICA E NEOLÍTICA,

com instrumentos paleolíticos (de diversos tipos) e neolíticos, devidamente seriados e classificados, ossadas, tudo proveniente de estações e antas de muitas regiões do País: Setúbal, Ponte de Sor, Pragança, Alpiarça, Lisboa e arredores (Sintra, Seixal, Colares, Montijo, Liceia, Belas, Damaia, Paço de Arcos, Cascais, Oeiras, Linda-a-Velha, Algés, Caneças, Loures, Caxias, Estoril, etc.), Pavia, Aljezur, Montemor-o-Novo, Évora, Arraiolos, Viana do Alentejo, Santiago de Cacém, Mora, Regueengos de Monsaraz, Viana do Castelo, Mina de S. Domingos, Mértola, Beja, Panóias, Evoramonte, Estremoz, Sousel, Vila Real de Santo António, Loulé, Alcoutim, Salir, Lagos, Silves, Lagoa, Faro, Olhão, Milréu, Portimão, Grândola,

Odemira, Alandroal, Sines, Serpa, S. João das Lampas, Ericeira, Marvão, Mafra, Cheleiros, Barril, Palmela, Coina, Massamá, Cartaxo, Óbidos, Azambuja, Alcácer do Sal, Torres Vedras, Alcanena, Castelo de Vide, Avis, Ervedal, Cadaval, Portalegre, Niza, Alter do Chão, Crato, Siborro, Zebreira, Queiriga, Lourinhã, Cesareda, Moledo, Fontela, Reguengo Grande, Serra d'El-Rei, Turcifal, Amoreira, Atouguia da Baleia, Columbeira, Alvaiázere, Coimbra, Serra de Minde, Monte Real, Nazaré, Santarém, etc., etc..

#### ÉPOCAS DO BRONZE E FERRO

Objectos numerosos destas épocas encontram-se expostos em muitos mostradores, também seriados, classificados e localizados para estudo. Provêm de muitas regiões e sítios do País, como Alcácer do Sal, Moncorvo, Tondela, Vila Real, Idanha-a-Nova, Arcos de Valdevez, Guarda, Portalegre, Sabugal, Santo Adrião, Canas de Sabugosa, Évora, Estremoz, Castelo de Vide, Almodovar, Panóias, Alcáçovas, Óbidos, Alandroal, Tavira, Vila Nova de Milfontes, Ervidel, Caldas da Rainha, Cadaval, Cesareda, Bombarral, Santarém, Alpiarça, Setúbal, Grândola, Albufeira, Bensafirim, Mexilhoeira, Monchique, Portimão, Silves, Paderne, Aícutim, Alcalar, Aljezur, Guimarães, Sinfães, Melgaço, Barcelos, etc., etc..

#### ÉPOCA LUSITANO-ROMANA

Objectos desta época encontram-se por todo o País, como se sabe e se verificou das colecções do primeiro pavimento, e de muitas outras que figuram em muitos dos nossos museus.

Neste segundo pavimento, há vários quadros com mosaicos, mós, dois grandes mostradores com moedas de bronze e prata, sepulturas, escadas de minas; noutros mostruários diversos tesouros ou núcleos de moedas de muitas regiões de Portugal.

Ao fundo da nave, num salão, encontram-se catorze mostradores com os ricos espólios romanos do cemitério da Caldeira e das termas de Tróia (Setúbal), provenientes das escavações e explorações do Prof. Manuel Heleno.

## ÉPOCA VISIGÓTICA

Desta época encontram-se na nave, em mostradores, o espólio parcial do cemitério visigótico de Silveirona (Alentejo) e o espólio de sepulturas cristãs dos séculos VI e VII (Mértola).

## ÉPOCA ARÁBICA

A desorganização política e administrativa, as dissensões religiosas e outros factores que minaram o império visigótico enfraqueceram-no ao ponto de o tornarem fácil presa de novos conquistadores, desta vez vindos do Norte de África.

Em 711, um exército muçulmano composto de Mouros, Berberes e outros elementos, invadiu a Hispânia e derrotou as hostes de Rodrigo, último rei visigodo, junto das margens do lago Janda, perto do local onde o rio Barbate nele desagua. A conquista estendeu-se rapidamente a toda a Península, com excepção de uma região áspera e inacessível, a das Astúrias, de onde, pouco depois, partiu a reacção cristã contra os dominadores agarenos.

Os Árabes trouxeram consigo requintada civilização que implantaram na Península e irradiaram por quase toda a Europa: a arte, a jurisprudência, a teologia, a filosofia, as ciências naturais, a matemática, a astronomia, a poesia, a história, a geografia, a medicina, a agricultura, a indústria, o comércio, tiveram então grande esplendor. A sua língua, que os vencidos não assimilaram, deixou largos vestígios na portuguesa, não só em muitos nomes comuns referentes às artes, indústrias, agricultura, ciências, administração, etc., mas também em alguns antropónimos e muitos topónimos. (V. David Lopes, *O Domínio Árabe*, na *História de Portugal* de Damião Peres, I, 389 e segs.; *Toponímia Árabe de Portugal*, na *Revista Lusitana*, vol. XXIV (1922); José Pedro Machado, *Influência Árabe no Vocabulário Português*, Lisboa, edição da *Revista de Portugal*, 1958-1961).

Desta época possui o Museu Etnológico relativamente poucos objectos: esculturas (capitéis ornamentados (Fig. 110), bases de colunas), frisos ornamentados, pia de fonte, lápides com inscrições (Fig. 111), cerâm-

mica (lucernas, fragmentos de vasos ornamentados, peças com reflexo metálico), artefactos de bronze (dedais, agulhas), cerâmica de Silves, Bensafirim, Loulé, Aljezur, Tavira, Mértola, etc., e outros espécimes que não se especificam pormenorizadamente (Fig. 109).

#### ÉPOCAS VÁRIAS

Numa sala grande, ao fundo da nave, do lado do norte, há uma secção lapidar romana (de epigrafia) arrumada por ordem geográfica das províncias portuguesas; há outra secção de epigrafia cristã.

Em sete armários envidraçados, apresentam-se espólios variados (cerâmica, inscrições lapidares, anéis, contas, lucernas, dedais de bronze, figuras de bronze que representam animais, capitéis, cabeças humanas, moedas, ferramentas, pesos de tear, armas, cossoiros, fragmentos de mosaicos, etc., etc., lusitano-romanos, visigóticos, arábicos e portugueses medievais. Em dois plintos de madeira assentam duas cabeças romanas, e, dispostos no chão, e em estrados, vêem-se fragmentos de mosaicos, telhas, ânforas, bases de colunas, aras, pedras esculpturadas, etc..

Ao sair desta nave, o visitante encontra, no patamar superior da escada, uma pequena secção estrangeira (coleções oferecidas ou depositadas), que se distribui por dois armários grandes envidraçados e por um mostrador pequeno.

No armário da direita (nascente), há:

a) na prateleira superior, um núcleo de vasos de vidro: um pote ou jarra bojuda, com duas asas de pega dupla junto ao colo, e com tampa com pedúnculo, uma garrafa de bojo, um pote ou jarra bojuda com duas asas de pega dupla junto ao colo, uma garrafa ou frasco de secção quadrangular, com asa junto ao colo, um vaso ou pote pequeno bojudo com tampa;

b) na segunda prateleira, da esquerda para a direita, uma colecção de objectos da época do bronze (pontas de lança, anéis, alfinetes, pentes, fivelas, contas, machados, argolas) e do ferro (pontas de lança, etc.) provenientes da Suíça e da França; ao centro, uma colecção de artefactos do Egipto antigo (estatuetas de bronze, de pedra e de barro, ani-

mais votivos de bronze); à direita, estatuetas de bronze, vidros, lucernas romanas e uma arábica;

c) na terceira prateleira, à esquerda, uma colecção de artefactos da época neolítica (machados encabados e por encabar, pontas de seta e de lança, contas, cossoiros (?), peças de cerâmica) provenientes da Suíça; ao centro, reproduções de espécimes da arte madalenense (França); à direita, uma colecção de artefactos de pedra polida e osso (machados, furadores, agulhas);

d) na prateleira do fundo, à esquerda, grande instrumento de sílex lascado (França), machados e pontas de lança neolíticos da América do Norte, do Brasil e da Índia; ao centro, artefactos neolíticos (machados, fragmentos de cerâmica ornamentada), alguns da gruta de Santander, um busto de bronze egípcio, furadores de osso da Itália; à direita, objectos de pedra lascada (picos asturienses) da gruta de Franca (Astúrias), objectos de osso e bronze (Espanha) e artefactos de pedra lascada e ossos de animais (Espanha).

O armário da esquerda (poente), contém:

a) na primeira prateleira (de cima), uma colecção de vidros romanos (unguentários, frascos, um frasco grande cilíndrico, com asa junto ao colo);

b) na segunda prateleira, uma colecção de instrumentos neolíticos (machados, facas e pontas de lança e de seta), alguns artefactos paleolíticos. Estes objectos provêm da França, da Dinamarca (colecção que pertenceu ao rei D. Luís), Grécia, Inglaterra e Irlanda;

c) na terceira prateleira, uma colecção de artefactos de pedra lascada de vários períodos, provenientes da França (raspadores, facas, pontas de lança e de seta);

d) na prateleira do fundo, uma colecção de instrumentos paleolíticos (faz-tudos ou *coups-de-poing*, facas, raspadores, pontas de lanças), fragmentos de ossos, tudo proveniente da França.

No mostrador central, encostado à varanda:

vê-se, à esquerda, uma colecção de artefactos de bronze (alfinetes, fíbulas, colheres, anéis, braceletes, figuras humanas, etc.); à direita, uma colecção de objectos de osso e de marfim, placas, anéis, figuras humanas,

penete, garfo-colher, etc., artisticamente trabalhados com vários motivos (figuras humanas, génios, animais, carros de triunfo, vegetais, cavaleiros, etc.); alguns têm inscrições com nomes de pessoas, como por exemplo o n.º 20 925 do catálogo, que tem as letras IOM e OMD, o n.º 20 931 que tem o nome HADRIANUS, o n.º 20 932 com o nome CALIGULA, o n.º 20 933 com o nome HILIPPUS (Philippus).

Esta colecção veio da Comissão dos Serviços Geológicos.

Ao lado esquerdo deste mostrador há um quadro com um mosaico ornamentado com um peixe dentro de um círculo; ao lado direito, numa pewanha, uma ânfora com duas asas no colo, e um quadro com quatro azulejos coloridos e com reflexo metálico.

#### SECÇÕES DE OURIVESARIA, MEDALHÍSTICA E NUMISMÁTICA

Como se disse, o Museu Etnológico possui colecções de jóias, medalhas e moedas.

#### SECÇÃO DE OURIVESARIA E MEDALHÍSTICA

A secção de ourivesaria compreende jóias de ouro e prata, e também reproduções. Nesta colecção, há xorcas, torques, braceletes, pulseiras, diademas, brincos, anéis, colares, colheres e outros adornos, tesouros, moedas, etc., em parte publicados, em parte inéditos.

Conjuntamente com esta colecção de jóias, há outra de medalhas nacionais e estrangeiras.

#### SECÇÃO DE NUMISMÁTICA

Além de moedas expostas em mostradores próprios exclusivos, ou integradas em espólios heterogéneos, há muitas outras, gregas, pré-romanas, romanas, visigóticas, arábicas, de bronze, prata e ouro, que aguardam acomodações apropriadas para serem facultadas ao público.

## SECÇÃO DE ANTROPOLOGIA

O Museu Etnológico tem uma secção de antropologia, que, nos últimos trinta anos, tem sido enriquecida com as escavações e explorações por ele realizadas. Além disso, achados ocasionais e ofertas têm contribuído para o seu aumento.

Provêm esses restos humanos dos concheiros do Vale do Sado, do cemitério de Silveirona (Estremoz), de Tróia de Setúbal, de Pragança (Cadaval), das Bocas (Rio Maior), de Torre de Palma (Estremoz), do concheiro da Fonte do Padre Pedro, do Casal de Vila Formosa (Alter do Chão), da gruta das Mós, do castro da Rotura, de Alcoutão, da Torre d'Ares, de Carenque (Belas), de Murches, da gruta do Furadouro (Cadaval), do Cortiçal, de Monte Real (Leiria), do Vale do Ouro (Serra de Montejunto), da gruta dos Carrascos (Torres Novas), do Algarve (explorações de Estácio da Veiga), etc..

Além de ossadas antigas, pré-históricas, romanas, visigóticas, etc., há também outras modernas, como as de frades do convento de Jesus (Lisboa) e de junto da igreja dos Jerónimos, etc..

Muitas ossadas vieram da Comissão dos Serviços Geológicos.

Alguns destes materiais já estão estudados e publicados, como se disse anteriormente; outros conservam-se ainda inéditos. (J. A. Serra, Rolanda Maria Albuquerque e Maria Augusta M. Neto, *Características da População da Época Visigótica de Silveirona (Estremoz). I. Estatura e Robustez dos Ossos Longos*, sep. de *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa*, vol. V, fasc.º 4.º, Coimbra, Tip. da Atlântida, 1952; A. Xavier da Cunha e Maria Augusta M. Neto, *Características da População da Época Visigótica de Silveirona (Estremoz). II. Características Cranianas*, sep. de *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa*, vol. V, fasc.º 5.º, Coimbra, Tip. da Atlântida, 1953; A. Xavier da Cunha e Maria Augusta M. Neto, *Características da População da Época Visigótica de Silveirona (Estremoz). III. Esqueleto do Tronco e dos Membros*, sep. de *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa*, vol. VI, fasc.º 1.º, Coimbra, Tip. da Atlântida, 1955; A. Xavier da Cunha e Miguel Fusté Ara, *Antropologia das Populações Ibéricas*, sep. de *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa*, vol. VII, fasc.º 6.º,

Coimbra, Tip. da Atlântida, 1962: referência aos concheiros do Vale do Sado e às explorações do Prof. Manuel Heleno.)

### A BIBLIOTECA DO MUSEU ETNOLÓGICO

Um estabelecimento de alta cultura científica e de divulgação pedagógica como o Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, há muito integrado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, frequentado por estudantes de Arqueologia, Epigrafia, Numismática, Etnologia, História Antiga, História Medieval, etc., dirigido por pessoal científica e tènicamente especializado, em contacto permanente com estudiosos e curiosos de toda a parte, em intercâmbio constante com instituições congêneres estrangeiras e com revistas de arqueologia, etnografia, numismática e outras de todo o mundo —, tinha necessariamente de possuir uma biblioteca privativa actualizada que lhe facilitasse a sua complexa e variada missão.

Nestas condições, a sua esclarecida direcção, não satisfeita com fundar três revistas privativas, organizou também, desde bem cedo, uma livraria que, com o andar do tempo, se desenvolveu, e alargou a tal ponto o âmbito da visão cultural, que possui hoje dezenas de milhar de espécies sobre arqueologia, etnografia, antropologia, numismática, história de arte, história geral e de Portugal, mitologia, história das religiões, literaturas clássica, portuguesa e estrangeira, monografias locais, posturas municipais, e além disto reuniu colecções de mapas, estampas, vistas de monumentos, gráficos, plantas, retratos, etc., etc.. Esta biblioteca, já hoje riquíssima, está em constante e progressivo aumento, por compras, trocas, ou dádivas generosas, a ponto de se projectar para o futuro alojamento e integração do Museu Etnológico na Cidade Universitária de Lisboa um depósito geral com a capacidade para albergar cem mil volumes (Prof. Manuel Heleno, *Programa para a Instalação do Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos na Cidade Universitária*, pág. 16). De 1930 a 1964, a biblioteca adquiriu alguns milhares de volumes.

Por legado e disposição testamentários do Prof. Leite de Vasconcelos, ingressou na biblioteca do Museu, mas em secção apartada, o núcleo de arqueologia, etnografia e numismática da livraria particular do seu fundador e primeiro director.

Abrange a biblioteca do Museu Etnológico várias secções como v. g. : 1) manuscritos; 2) incunábulos; 3) livros portugueses antigos; 4) livros de consulta: dicionários, tratados, manuais, monografias; 5) monografias locais e posturas municipais; 6) revistas nacionais e estrangeiras; 7) jornais portugueses; 8) *varia quaedam*; 9) a livraria do Prof. Leite de Vasconcellos.

1) *Manuscritos*

Possui o Museu Etnológico numerosos manuscritos pergamináceos e cartáceos (documentos, cartas, folhetos, miscelâneas, etc.), que vão desde o século XIII até o século XX.

Entre eles, avulta uma colecção de documentos de S. Pedro de Óbidos, catalogada pelo erudito paleógrafo e investigador Pedro de Azevedo, já falecido (vide *O Archeologo Português*, vols. XVII, XVIII e XIX). Diz ele, na introdução do Catálogo: «Desde Maio de 1906 que se encontra no Museu Etnológico de Belém uma colecção valiosa de pergaminhos e papéis que faziam parte do cartório da antiga colegiada de S. Pedro da nobre vila de Óbidos.

Não precisa de justificação a existência num museu de semelhantes provas de cultura, mas se tal fosse necessário o exemplo de museus congêneres guardarem esses monumentos arredaria as dúvidas a quem as acolhesse.

O número de pergaminhos eleva-se a 167, ao passo que o número de papéis se limita a 20, contando entre estes um livro manuscrito de música sacra. O mais antigo dos pergaminhos é datado de 1234, o mais recente de 1534. O mais antigo dos documentos em papel é de 1409, o mais moderno de 1662. Estão portanto representadas todas as letras usadas em Portugal, com excepção da visigótica.» (*N' O Archeologo Português*, vol. XVII, pág. 196).

Do rico e valioso núcleo de manuscritos do Museu, reunido pelo Fundador, escreveu este, à maneira de inventário breve e esclarecedor: «De parte dos manuscritos do Museu foi já publicado n' *O Archeologo Português*, vol. XVII a XIX, um catalogo, eruditamente organizado pelo ilustre Professor de Paleografia o Sr. Pedro de Azevedo (separata: *Catálogo de Manuscritos*, Lisboa, 1914, 74 páginas), o qual abrange documen-

tos de S. Pedro de Óbidos: 167 pergaminhos, e 20 documentos cartaceos. Além d'estes pergaminhos e papeis, muitos outros, bem como volumes, possui o Museu, obtidos quasi todos pacientemente em alfarrabistas (de Lisboa, de Madrid, etc.). Os volumes manuscritos orçam por uns duzentos, pela mór parte portuguezes (há porem conjuntamente manuscritos latinos, hespanhois, italianos, etc.); a par estão numerosos maços com papeis avulsos (poesias, cartas, discursos, etc.). Aqui relaciono, um pouco ao acaso, algumas especies de uma e de outra classe. Começarei pelos volumes:

*Cancioneiro chamado «de Fernandes Tomás»*, porque o falecido bibliografo Anibal Fernandes Tomás o possuira, tendo-o comprado a um livreiro de Holanda. Consta de 174 fls., e encerra poesias (e prosas) de autores notáveis do sec. XVI e XVII. Ao todo figuram nele quarenta e cinco poetas, não contando algumas poesias anonimas. Codice do sec. XVII, que comprei a um herdeiro de Fernandes Tomás. A respeito d'este *Cancioneiro* disse-me, em carta, a sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis: «é, depois do de Luís Franco..., o mais rico e importante que conheço. Leva mesmo vantagem a esse em certo sentido»;

*Satira da felice he infelice vida* do Condestavel D. Pedro, ms. do sec. XV. — Comprei este codice em Madrid. Ha outro texto, já publicado por A. Paz y Mélia nos *Opúsculos literarios* de los siglos XIV a XVI da «Sociedad de bibliófilos españoles», Madrid, 1892, p. 45 sgs. Não só o texto publicado difere do nosso, mas o editor suprimiu as glosas ou anotações, de modo que o ms. do Museu Etnologico, que é em parte anotado, tem muito valor;

*Terceira parte da Chronica del Rei Dom Joam I*, per Gomez Eanes de Zurara (conquista de Ceuta), sec. XVII;

*Descripción de España*, trad. hespanhola da chamada «Chronica do Mouro Rassis», sec. XVII. Cf. os meus Textos Archaicos, 2.<sup>a</sup> ed., p. 45;

*Historia de D. Paulo de Lima*, por D. Antonio de Ataide, sec. XVII;

*Cronicas*, de Duarte Galvão e Ruy de Pina, seguidas de uma descrição de Entre-Douro e Minho, sec. XVII;

*Livro da origem dos reis*, por Antonio Coelho Gasco, 1645;

Livro de orações, pergaminhos iluminados, sec. XV (estrangeiro), sec. XVI (português, mas incompleto);

*Cronica de Lucas de Tuy*, sec. XVI, também comprada em Madrid,

— Vid. a proposito um trabalho de G. Girot, começado a publicar-se no vol. XI do *Bulletin Hispanique*, p. 259;

*Fundação do mosteiro da Visitação em Lisboa*, 1784;

*Perda da nau Gallega*, sec. XVI;

*Livro da Casa da Moeda de Dio*, de 1685 a 1729;

*Cartas de José da Cunha Brochado*, por D. Luis da Cunha, 1713;

*Vita patrum*, sec. XV;

*Livro de assentos do mosteiro de Belem*, sec. XVII;

*Balança intellectual*, com estampas, sec. XVIII;

*Copiador de cartas da Bahia*, sec. XVIII;

*Diccionario iconologico*, sec. XVIII;

*La ventura en la desdicha*, sec. XVIII;

*Novela do mais sem ventura*, 1627;

*Estatuto de Santa Clara*, 1527;

*Vida e morte de D. Affonso de Castel Branco*, por João de Almeida Suares, cópia do sec. XVIII (cfr. Barbosa Machado, *Bibl. Lusit.*, s. v.);

*Malhoada*, poema heroe-comico, sec. XVIII;

*Rimas*, de José Daniel, 1794, com o retrato a lapis; *Obras* do mesmo, 1828;

*Diccionario lat.-português de Geografia*, por Damião de Froes Perim (pseudonimo de Fr. João de S. Pedro), sec. XVIII;

*Diccionario de nomes proprios latinicos*, com tradução portuguesa, t. I, sec. XVII ou XVIII;

*Poesias* de Nicolau Tolentino;

*Opuscula poetica* Emmanuelis Pimentel, 1671;

*Odes*, de Antonio Dinis da Cruz e Silva, 1792;

Várias cópias do *Hissope*;

*Taboadas gerais para medir com facilidade qualquer obra de pedreiro*, por João Nunes Tinoco, 1733;

*Regimento das coutadas de Lisboa*, sec. XVII;

*Jardim de Apollo*, 1673 e 1724;

*Jornada da Rainha á Grã Bretanha*, pelo Padre Fonseca Paiva, 1661;

*Rimas*, de João Xavier de Matos, t. IV;

*Memoria das agoas medicinaes da Atalaia (Tavira)*, 1787;

*Compendio historico e chronologico assim da paz como da guerra*, por D. Luís Caetano de Lima, 1718;

- Discursos espirituais*, sec. XVII;  
 Várias obras de Fr. Antonio das Chagas;  
*Interesses de Portugal*, pelo conde de Tarouca & D. Luís da Cunha,  
 1715;  
*Primeira parte da Cronica do Emperador Belliandro*, sec. XVII;  
*Instituição da Capela de S. João do Souto*, pergaminho de 1527;  
*Postilla sirurgica* (sic), sec. XVIII;  
*A Logica*, sec. XVIII;  
*Grinalda poetica*, sec. XVIII;  
*Parnaso Jocosario*, de Fr. Lucas de Santa Catherina;  
*Collecção das Obras de Garção*, 1777;  
*Foral de Rêriz*, sec. XVI (oferecido ao Director do Museu);  
*Carta politica escrita ao Conde de Castello Melhor*, sec. XVII;  
*Poesias*, de Elpino Nonaeriense, pt. I e II (apografo), sec. XVIII;  
 Tradução de Horacio, sec. XVIII;  
*Memorias de hua alma sentida* (versos) sec. XVIII;  
*Odes e outras poesias*, do Padre Francisco Manuel, sec. XVIII;  
*Processos de varios relaxados*, t. II, sec. XVIII;  
*Obras metricas*, de João da Sylva Moraes, sec. XVIII;  
 Dois «*Devocionarios*», em arabe, sec. XVII, obtidos em Madrid;  
 Um livro de Cristovão Barroso (assunto eclesiástico), sec. XVI;  
*Tratado de Astrologia* (e de Astronomia), sec. XVII;  
*Feitos do Principe Beliforo*, sec. XVII;  
*Encoberto egregio*, 1659;  
*Apparatus Latino-Lusitanus*, t. I, 1725;  
*Poezia do Dr. Gregorio de Matos e Guerra*, escrita pello Padre Alexandre de Souza Marques, 1704;  
*O perfeito privado*, sec. XVII;  
 Cópia de notícias mandadas do Porto á Academia das Sciencias de Lisboa, por Cerqueira Pinto;  
*Mil vocabulos*, 1866 (oferecido pelo antigo Conservador do Museu, F. Alves Pereira);  
*Regimento do feitor e officiaes da Casa de Guiné e das Indias*;  
*Livro da Ordem 3.º de Borba*, sec. XVIII;  
*Sintaxe latina*;

*Memorias historicas, politicas e ecclesiasticas de Portugal*, t. II (miscelanea curiosa, com inscrições romanas, etc.);

*Fiseca*, em latim;

*Miscelanea: Inconstancia da Fortuna, Antiguidades de Beja*, de Felix Caetano, etc.;

*Decada nona da Asia*, abreviada por Diogo do Couto (cópia antiga);

*Memorias de Domingos Vandelli*;

*La Lusitada*, traduzida por el Maestro Luis Gomez de Tapia (cópia);

*Monografia de Ourique*, 1821;

*Retorica*;

*Noviclaustreida ou claustros reformados*, poema critico-didactico;

*A Estupidez*, poema;

*Diccionario portuguez-malaio* (Vide *Rev. Lusitana*, XII, 268);

*Copia de cartas*, de Alexandre de Gusmão, sec. XVIII;

*Obras de Antonio Lobo de Carvalho, Vimaranense*, sec. XVII ou XVIII;

*Geometria de Euclides*, sec. XVII ou XVIII;

*Livro da Conquista de Coimbra*, por Coelho Gasco;

*A Musica*, poema, tradução portuguesa por I. M., 1788.

Segue-se falar agora de colecções de papeis avulsos. Estas colecções abrangem, por exemplo: cartas autografadas de João Pedro Ribeiro, Antonio Nunes de Carvalho, Francisco Ribeiro Guimarães, Herculano, Camilo, Pinheiro Chagas, J. V. Barbosa du Bocage, Julio Cesar Machado, José Silvestre Ribeiro; maço de cartas de Fr. Caetano Brandão (sec. XVIII-XIX); cartas várias, versos contra o Marquês de Pombal; poesias várias; documentos vários; muitas miscelâneas (prosa e verso); documento pergaminaceo com a assinatura de D. Miguel; discursos; rolos de pergaminho com textos hebraicos (comprei-os em Paris); traduções portuguesas do latim, etc..

Se alguns dos manuscritos comprados o foram mais caro (embora porém não em demasia), a quási totalidade comprei-a muito barato. Até houve uma ocasião em Lisboa em que apareceram á venda numerosos manuscritos por preços modicos, e eu aproveitei-a.

A seu tempo se publicará a continuação do catálogo dos manuscritos do Museu, e se darão a esse respeito as necessárias indicações bibliográficas (menção de quais os ineditos, e quais os já publicados, etc.), e se

dirá também quais foram os comprados (e onde), e quais os oferecidos (e por quem).» (*Historia do Museu Etnológico Português*, pg. 271 a 275.)

Posteriormente adquiriram-se outros, e, com o falecimento do Dr. Leite de Vasconcellos, vieram enriquecer a biblioteca do Museu os seus numerosos apontamentos de arqueologia, numismática e etnografia, alguns destes últimos já aproveitados pelos Professores Orlando Ribeiro e Viegas Guerreiro para a sua amorosa e benemérita elaboração da maior parte do volume IV de *Etnografia Portuguesa* (vid. pgs. XI e segs., Lisboa, 1959).

Possui também o Museu o manuscrito do catálogo das suas inscrições latinas organizado pelo falecido professor universitário Scarlat Lambino, em publicação nos volumes da nova série d'*O Arqueólogo Português*.

## 2 — *Incunábulos*

A biblioteca do Museu Etnológico tem alguns incunábulos valiosos, mas todos estrangeiros:

a) *Cõpendio de la Salud Humana*, Çaragoça, Pablo Hurus, 1494.

É um livro de medicina in-folio, de letra gótica, de 60 folhas, impresso a duas colunas, com muitas gravuras de madeira. (Vid. Conrado Haebler, *Bibliografia Iberica del Siglo XV*, n.º 160, pg. 72, Lipsia, Karl W. Hiersemann, 1903; Francisco Vindel, *El Arte Tipografico en España durante el Siglo XV*, vol. IV, n.º 61, pg. 177 e segs., Madrid, Direccion General de Relaciones Culturales, 1949; e *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, século XV, Lisboa, Imprensa Nacional, 1942, pg. 20-21. Daquela obra imprimiu em Burgos, Juan de Burgos, a 15 de Maio de 1495, uma nova edição com o título de *Epilogo en Medicina y Cirurgia*, e em Pamplona, Arnao Guillén de Brocar, em 1495, outra edição com o título *Epilogo en Medicina y Cirurgia Conveniente a la Salud*. Vide Conrado Haebler, *obr. cit.*, n.º 246, pg. 113, e n.º 247, pg. 113, e F. Vindel, *obr. cit.* respectivamente, VII, n.º 35, pg. 95-96, e VI, n.º 5, pg. 185.

b) *Paulus Orosius*, Veneza, 1494.

c) *Terentius* (Comédias), Veneza, 1497.

d) *Exemplario contra los Engaños y Peligros del Mundo*.

Exemplar incompleto a que faltam várias folhas e a portada.

É uma tradução castelhana da famosa compilação de fábulas, apólogos e contos de Bidpai ou Pilpai, *Pantchatantra*, de origem indiana e vertida em línguas orientais (persa, hebreu, árabe, turco) e europeias (latim, francês, inglês, espanhol, italiano). Deve tratar-se da edição de Burgos, por Fradique aleman de Basilea, 16 de Fevereiro de 1498, fólio de 96 folhas, em caracteres góticos, impresso a uma coluna e com gravuras de madeira representativas de várias cenas em que entram animais e homens. Outras edições castelhanas, já do século XVI, são as de Saragoça, de 1531, de Sevilha, de 1534 e de Saragoça, de 1547. (Vide J. Ch. Brunet, *Manuel du Libraire ou de l'Amateur de Livres*, I, cols. 936-939, Paris, Dorbon Ainé, s. d.; e Francisco Vindel, *El Arte Tipográfico en España durante el Siglo XV*, VII, n.º 56, pg. 169 e segs., Madrid, etc., 1951).

A problemática inerente a esta obra e à sua difusão foi já há longos anos dilucidada pelo célebre orientalista francês Silvestre de Sacy no seu livro *Calila et Dimna, ou Fables de Bidpay, en Arabe, Précédées d'Un Mémoire sur l'Origine de Ce Livre et les Diverses Traductions Qui en Ont Eté Faites en Orient, et Suivies de la Moallaka de Lebid, en Arabe et en Français*, Paris, Imprimerie Royale, 1816.

A obra, atribuída a Visnu Sarma, conhecido no Ocidente por Bidpai ou Pilpai, nomes vulgarizados pelos Persas e pelos Árabes, pretendia ser, como se infere do seu prólogo, uma espécie de «Regimento de Príncipes» um tratado de edificação política e moral para a educação dos governantes, dividido em cinco livros ou secções (*Pantchatantra* ou *Pentateuco*) escritos em prosa e verso, à maneira de fábulas, apólogos e contos em que figuram vários animais, como touros, leões, macacos, etc., entre os quais dois chacais, os principais heróis da narração. Foi a obra divulgada no Ocidente por intermédio da versão latina, feita da do hebreu por João de Cápua, por volta de 1262, com o título de *Directorium Vitae*, que serviu de texto para outras traduções vernáculas. (Vide Angelo de Gubernatis, *Letteratura Indiana*, pg. 122 e segs., onde se reproduz parte do *Pantchatantra* e se compara com o *Discorso degli Animali* de Agnolo Firenzuola, Milão, Ulrico Hoepli, 1883).

Do «Prologo» se extrai a elucidação conveniente do tradutor latino para o leitor, sobre a origem da obra: «Como sea la diuersidad delas ciencias muy grãde derramada por peregrinas naciones y lēguas de no poca

utilidad y enseñanza para los que dellas trabajan sacar algũ fruto: delibere yo Juan de Capua menor entre los otros letrados discorrer no solamente las escripturas morales y las que algo tratã de medicina: mas ahun las sagradas y diuinas jutamente com ellas para que por mi trabajo se pueda delas gozar nuestra lengua latina. E pareciẽdo me ser el presente cõpendio lleno de deleyte y sabiduria y de informacion para los hõbres muy necesario e reuerẽcia y honor del muy reuerẽdissimo padre in Christo e señor don Matheo por diuina dispensaciõ del titulo de sancta Maria in porticu dyacono: cardenal fue mouido fazer lo latino el qual fue originalmente inuẽtado enla India: e de aquella lẽgua fue trãserido enla de los persas, y dende lo pusierõ enla suya los arabes, e postreramente lo reçibio la ebrayca. E porẽde ha sido nuestro proposito en nuestros dias fazer lo latino dirigido a su venerable paternidad porque aqieste su interprete deuotissimo assegurado so la salua guarda de su auctoridad y magnificencia cõ mayor audacia ponga dende adelante mas sueltamente la mano en trãserir de una lengua otras cosas que serã mas luzidas mas nobles y de mayores provechos» (Em Vindel, VII, pg. 171).

e) *Metamorphosis*, de Públio Ovídio Nasão, edição de Veneza.

### 3) *Livros portugueses antigos*

Possui ainda a biblioteca muitos livros portugueses antigos sobre vários assuntos: literatura, religião, pedagogia, arqueologia, numismática, medicina, etc., etc., obras impressas nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, várias delas de extrema raridade e autênticas preciosidades bibliográficas. Algumas pertenceram ao Prof. Leite de Vasconcellos. Mencionamos aqui apenas algumas das existentes.

#### SÉCULO XVI:

*Regra e Perfeçam da Conversaçam dos Monges*, Coimbra, 1531;  
*Manuale secundum Consuetudinem Bracharensis Curiae*, Salamanca, 1538;

*Cartilha que Contem breuemente ho q̃ todo Christão Deue Aprẽder pera Sua Saluaçam. A Qual el Rey Dom Joham Terceiro Deste Nome Nosso Senhor Mandou imprimir e Lingoa Tamul e Portugues cõ ha Decraaçam do Tamul por cima de Vermelho*, Lixboa, per Germão Galhardo, 1554;

*Loci Communes*, Evora, 1559;

*Concilium Provinciale Braccarense IIII*, Braga, Antonio de Maris, 1567;

Gregorio Martinz Caminha — *Tractado da Forma das Libellos, e da Forma das Allegações Judiciaes e Forma de Proceder no Juizo Secular & Ecclesiastico. E da Forma dos Contratos: com Suas Glosas & Cotas de Dereito*. Coimbra, Antonio de Barreira, 1592;

*Deffinições da Ordem de Cistel e Congregaçam de Nossa Senhora de Alcobaça*, Lisboa, Antonio Alvarez, 1593;

André de Resende, *Libri Quatuor de Antiquitatibus Lusitaniae a Lucio Andre Resendio olim inchoati, & a Iacobo Menoetio Vasconcello recogniti, atque Absoluti*, Evora, Martim de Burgos, 1593;

*Manuale Missalis Romani, ex Decreto Sacrosanti Concilii Tridentini Restitutum ad Literam Excerptum & Impressum*, Coimbra, Antonio de Maris, 1596, etc..

(Sobre livros impressos em Portugal no século XVI veja-se António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926, etc., etc.).

#### SÉCULO XVII:

*Repertorio das Ordenações do Reino*, Lisboa, 1604;

Duarte Nunes de Lião, *Origem da Lingoa Portuguesa*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1606;

Luis de Camões, *Os Lusíadas do Grande Luis de Camões, Principe da Persia Heroica. Commentados pelo Licenceado Manoel Corrêa, Examinador Synodal do Arcebispado de Lisboa, e Cura da Igreja de S. Sebastião de Mouraria, Natural da Cidade de Elvas. Dedicados ao Doctor D. Rodrigo da Cunha, Inquisidor Apostolico do Sancto Officio de Lisboa. Per Domingos Fernandes, Seu Liureyro*. Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1613;

*Regimento dos Tabelaens*, Lisboa, 1616;

*Remissiones Doctorum*, Lisboa, 1620;

Gaspar Estaço, *Várias Antiguidades de Portugal*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1625;

*Obrigações do Frade Menor*, Carnota, 1627;

P.<sup>e</sup> Diogo Monteiro, *Arte de Orar*, Coimbra, Diogo Gomes Loureiro, 1630;

*Philippica Portuguesa*, Lisboa, 1645;

Pedro Henriques de Abreu, *Vida e Martyrio de Sancta Quiteria, e das Suas oito Irmãs, Todas Nascidas de Um Parto, Portuguezas e Proto-Martyres de Hespanha*; com Um Discurso sobre a Antiga Cidade de Cinania. Coimbra, por Manuel de Carvalho, 1651;

*Constituições do Arcebispado de Lisboa*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1651;

*Sermão Pregado em Santa Catrina do Monte Sinai* (Lisboa), Coimbra, 1664;

*Applausos Academicos e Relação do Felice Sucesso da Celebre Victoria do Ameixial*, Offerecidos ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Sancho Manuel, Conde de Villa Flor, pelo Secretario da Academia dos Generosos e Academico Ambicioso, Amsterdam, por Jacob Van Velsen, 1673, etc..

#### SÉCULO XVIII

Antonio Villasboas, *Nobiliarchia Portuguesa. Tratado da Nobreza Hereditaria & Politica*. Lisboa, 2.<sup>a</sup> ed., Off. de Sousa Vilela, 1708;

Couto de Castelo Branco, *Memorias Militares*, Amsterdão, 1719;

*Breviarium Bracharense*, Braga, 1724;

Bento Morganti, *Numismologia*, Lisboa, José Antonio da Silva, 1737;

Fr. Jerónimo de Belém, *Olivença Ilustrada pela Vida e Morte da Maria da Cruz, Filha da Terceira Ordem Seraphica e Natural da Mesma Villa*, Lisboa, Off. de Miguel Manescal da Costa, 1741;

*Relaçam da Festividade de Touros*, Lisboa, 1752;

D. Antonio Caetano de Sousa, *Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal*, Lisboa, Regia Officina Silviana, 1755:

*Arte de Dançar à Franceza*, trad. de Joseph Thomás Cabreira, Lisboa, 1760;

Alexandre da Cunha, *Tratado Physiologico-Medico-Physico-Chirurgico da Circulação do Sangue — Reduzido a Forma de Dialogos*, Porto, Off. de Francisco Mendes Lima, 1761;

João Baptista de Castro, *Roteiro Terrestre de Portugal*, 3.<sup>a</sup> ed., Coimbra, Luis Seco Ferreira, 1767;

*Direcções para Coroneis*, trad. de D. Joaquim de Noronha, Lisboa, 1767;

Francisco Ignacio Solano, *Exame Instructivo sobre a Musica Multiforme, Metrica e Rythmica*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1790;

João Curvo Semedo, *Polyanthea Medicinal, Noticias Galenicis e Chymicas Repartidas em Tres Tractados*, Lisboa (incompleto), etc..

#### SÉCULO XIX:

*Regulação da Pequena Posta*, Lisboa, 1801;

*Decreto para a Nova Regulação do Correio*, Lisboa, 1812;

José Monteiro Pereira, *Principios de Musica*, Porto, 1815;

*Preceitos de Tourear*, Lisboa, 1812;

Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Gyão, *Memoria sobre os Pesos e Medidas de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1838;

João Baptista da Silva Lopes, *Memoria sobre a Reforma dos Pesos e Medidas em Portugal segundo o Systema Metrico-Decimal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1849, etc..

#### 4) *Livros de consulta corrente*

Entre os livros de consulta e de uso correntes figura uma boa colecção de dicionários das especialidades do Museu (arqueologia, epigrafia, numismática, etc.), de línguas antigas e modernas, tratados, manuais, histórias de arte, de religiões, obras de autores clássicos e medievais, relatórios de congressos, catálogos de museus nacionais e estrangeiros, etc., etc..

#### *Dicionários*

##### a) De especialidades:

*Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, de Daremberg et Saglio; *Dictionary of Greek and Roman Antiquities*; *Dictionary of Clas-*

*sical Antiquities; Dictionnaire des Antiquités*, de Rich; *Lexique des Antiquités*, de Cagnat et Goyau; *Dizionario Epigrafico di Antichita Romane*, *Reallexikon*, de Forrer; *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, de Fernand Cabrol, etc..

b) De línguas antigas:

*Dictionnaire Grec-Français*, de A. Bailly, *Dictionnaire Etymologique de la Langue Grecque*, de Boisacq; *Thesaurus Linguae Latinae*; *Dictionnaire Latin Français*, de Theil; *Latin English Dictionary*, de W. Smith; *Alt-celtischer Sprachschatz*, de Holder, etc..

c) Dicionários de línguas estrangeiras modernas:

*Dicionário de Francês-Português e Português-Francês*, de Domingos de Azevedo (última edição); *Petit Larousse Illustré*; *Dicionário de Italiano-Português*; *Dicionário de Alemão-Português*; *Etymologisches Wörterbuch der Deutschen Sprache* (última edição); *Dicionário de Holandês-Francês*; *Dicionário de Espanhol-Português*, etc., etc..

d) Dicionários de português:

*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Moraes (última edição); *Lelo Universal*; *Dicionário de Sinónimos*; *Dicionário de Calão*, etc., etc..

Obras várias

*Monumenta Linguae Ibericae*, de Emilio Hübner; *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II e o *Supplementum*; as colecções de epigrafia latina de Wilmanns, de Dessau e Orelius; os *Carmina Epigraphica*; as *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, de Emilio Hübner; a *Epigraphie Latine*, de René Cagnat; *Vergleichende Grammatik der Keltischen Sprachen*, de Pedersen, etc..

*Manuel d'Archéologie*, de Dechelette; *Handbuch der Archäologie*, de Bulle; *El Hombre Fossil*, de Hugo Obermaier; *Les Hommes Fossiles*,

de Marcelin Boule; *Studies in Ancient Technology*, de R. J. Farbes, Leida, 1955; *A History of Technology*, de Charles Singer, E. J. Holmyard, A. R. Hall e Trevor I. Williams, Oxford, etc., etc..

Numerosas obras recentes sobre arqueologia pré-histórica, proto-histórica, romana e medieval, em francês, inglês, alemão, espanhol, italiano, etc.. Muitos livros de história de arte: *Histoire de l'Art*, de André Michel; *Manuel d'Archéologie Chrétienne*, de F. Cabrol e Leclercq; *Hitória de l'Architectur en España*, de Lamperez y Romea; *Manuel d'Art Byzantin*, de Diehl; *L'Art Etrusque*, de Jules Marta; *L'Archéologie*, de Deonna; *Arte Romântica em Portugal*, de Joaquim de Vasconcelos; *Arte Visigótica em Portugal*, de D. Fernando de Almeida; *Cerâmica Portuguesa e Olarias do Monte Sinai*, de José Queiroz, etc., etc..

Livros sobre mitologia e história das religiões, como v. g. *Cultes, Mythes et Institutions*, de Goblet d'Aviela; *Griechische Mythologie*, de Preller; *Religion und Kultus der Römer*, de Wissowa; *Cultes Payans*, de Toutain, etc., etc..

Obras de autores antigos e modernos como a *Naturalis Historia*, de Plínio, na edição lipsiense de Teubner; os *Etymologiarum Libri XX*, de Santo Isidoro de Sevilha, na edição oxoniense de Lindsay; a *Geografia*, de Estrabão, numa edição antiga; obras latinas de Aquiles Estação, etc., etc..

Relatórios e Actas de numerosos congressos nacionais e internacionais de arqueologia, etnografia, história.

Muitos catálogos de diversos museus nacionais e estrangeiros, etc., etc.

##### 5) *Monografias locais, posturas municipais e memórias paroquiais*

É bem conhecida a importância das monografias locais, das posturas municipais e das memórias paroquiais para o conhecimento da história, da arqueologia, da etnografia, da epigrafia, da história da arte, do direito, da literatura, da vida em geral do País nas suas variadas manifestações regionais.

O assunto tem sido muito versado inclusivamente pelo fundador do Museu Etnológico. Escrevia ele em 1915 a propósito de monografias e posturas que estão reunidas no Museu: «Tambem na mesma biblioteca estou coligindo monografias de historia local portuguesa, codigos de pos-

turas municipais, e folhetos de literatura de cordel. As posturas são muito importantes para o conhecimento dos costumes das terras (e igualmente da lexicologia), e não sei de nenhuma outra colecção que exista: As obras de literatura de cordel vão rareando nos alfarrabistas, e convem recolher o que ainda existe. Nas monografias historicas ha por vezes noticias de antiguidades que importa ter presentes quando se estuda a Arqueologia nacional. Assim se justifica a formação d'estas três colecções.» (*De Campolide a Melrose*, p. 6 n. 4). Mais tarde, a respeito de monografias de terras, tanto do Continente como das Ilhas, afirmou: «D'este último ramo historico-geografico é fertil a nossa literatura, ainda que freqüentemente ele é tratado sem critica; mas da totalidade póde joeirar o etnografo riquissimos materiais. Cf. a este proposito: um artigo de Laranjo Coelho, «Vantagens do estudo das monografias locais para o conhecimento da historia geral portuguesa», e o vol. I, pp. III-VII, das *Memor. de Bragança*, citadas infra.

Possuimos monografias historicas já desde o seculo XVI (*Ulyssipo*, de Damião de Goes; *Evora*, de A. de Resende; *Sumario de Lisboa*, de R. de Oliveira). De muitas dá noticia Figanière, *Bibl. hist. port.*, Lisboa, 1850, p. 127 sgs.; e posteriormente, em 1900, muitas se indicam tambem no *Dicc. bibl.*, XVII, 345-411; os livreiros de vez em quando enumeram outras em seus catalogos. No Museu Etnologico ha algumas. Depois das referidas datas, muitas mais vieram a lume, e algumas muito importantes para o nosso caso. Sem querer abrir excepções, para evitar delongas e melindres, não póde o autor fugir a lembrar, pela sua vastidão, além do seu merecimento, as *Memorias arqueologico-hist. do distrito de Bragança*, do P.<sup>e</sup> F. Manuel Alves, 1909 (1910)-1931, sete volumes, estando no prelo o 8.<sup>o</sup>; um dos seguintes será em parte consagrado á Etnografia, — e muita é já a materia propriamente etnografica que naqueles se arquiva, a par com ricas informações historicas, baseadas a cada passo em documentos originaes.

Com tais monografias se connexionam aquelas a que se aludiu na secção dedicada ás sciencias naturais, e bem assim roteiros locais ou itinerarios de povoações (por exemplo, de Lisboa), e algumas obras que vão indicadas adiante, na Poligrafia (livros de viagens e livros de caracter local). Também a elas se liga *Depois do terremoto*, de Matos Sequeira, 3 vols., Lisboa, 1916-1922. Ha, além disso, monografias orograficas,

hidrograficas, e regionais: a respeito do Minho, de Trás-os-Montes, da Estremadura, do Algarve, do Arquipelago da Madeira, de S. Jorge, do conjunto das Ilhas adjacentes, etc. Uma monografia hidrografica, ou *Potamologia portuguesa* (Lima e Mondego), de Falcão Machado, Coimbra, 1930, tem um capitulo intitulado «Potamologia etnografica», onde se inserem canções populares, ditados, etc., e outro com a designação de «O rio como limite natural e politico». A monografia de Perestrello, *Ilha da Madeira*, Lisboa, 1841, fala, por exemplo, de comidas, trajos, cabanas,, caracteres fisicos dos habitantes, modos de transporte, doçaria. Algumas monografias de terras dedicam á Etnografia capitulos especiais, como se vê, entre outros, dos *Apontamentos para hist. do Fundão*, de Germano da Cunha, Lisboa, 1892; de *Agueda*, de A. Portella, Porto, 1904; do *Gerez*, de Tude de Sousa, Coimbra, 1927; do *Livro de S. Brás de Alportel*, de Estanco Louro, Lisboa, 1929. No já citado PAM o artigo correspondente a Santa Marinha do Zêzere compreende igualmente uma secção intitulada «Folklore» (ensalmos, descantes, canções). (*Etnografia Portuguesa*, I, 63-64).

Razões são estas mais que suficientes para se ter reunido na biblioteca do Museu Etnológico uma colecção de monografias locais e posturas municipais que em 1915 contava já, das primeiras, oitenta e nove volumes do Continente, Ilhas e Ultramar, e das segundas, mais de cinquenta. (Leite de Vasconcellos, *Historia do Museu Etnológico Português*, p. 270).

Desde então até agora o número foi aumentando sempre e pode dizer-se que o Museu possui hoje uma boa colecção daquelas obras.

Sobre monografias locais vejam-se as seguintes obras:

Pedro de Azevedo, *Extratos Archeologicos das «Memorias Parochias» de 1758*. N' *O Archeologo Português*, vol. II e segs., Lisboa, Imprensa Nacional, 1896 e segs.;

Possidónio Laranjo Coelho, *Vantagens do Estudo das Monografias Locais para o Conhecimento da História Geral Portuguesa*, Coimbra, n' *O Instituto*, vol. LXXIII, 1926;

Jorge César de Figanière, *Bibliographia Historica Portugueza*, etc., Lisboa, Typographia do Panorama, 1850;

António Mesquita de Figueiredo, *Subsídios para a Bibliografia da História Local Portuguesa*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1933;

Martinho Augusto da Fonseca, *Subsídios para um Diccionario de*

*Pseudonymos Iniciais e Obras Anonymas de Escriptores Portuguezes*, Lisboa, Typ.\* da Academia Real das Sciencias, 1896;

Martinho da Fonseca, *Aditamentos ao Dicionario Bibliografico Português de Inocencio Francisco da Silva*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927;

Durval Pires de Lima, *Bibliografia Corográfica de Portugal*, 2 vols., Lisboa, Biblioteca Popular de Lisboa, 1962-1964;

Inocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858 e segs.

José Leite de Vasconcellos, *De Campolide e Melrose*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1915;

José Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, vols I a IV, Lisboa, Imprensa Nacional, 1933-1958.

#### 6) *Revistas nacionais e estrangeiras*

A informação especializada do Museu Etnológico e dos seus colaboradores tem-se feito, desde a sua fundação, directamente, por meio de investigações próprias (arqueologia, epigrafia, numismática, antropologia, etnografia, etc.), e, indirectamente, por intermédio dos espécimes bibliográficos nacionais e estrangeiros por ele adquiridos (livros, opúsculos, folhetos, relatórios, revistas, etc.).

*O Archeologo Português*, como bem se sabe por constar dos seus primeiros volumes, entrou inicialmente em contacto com instituições culturais congéneres, ou outras, nacionais e estrangeiras, e dando notícia do que em Portugal se fazia nos campos do saber em que laborava, aufferia, por sua vez, vasto conhecimento do que dentro e fora do País se realizava e publicava.

Nestas condições, ou por assinatura, ou por oferta, ou por troca, o Museu Etnológico logrou reunir colecções muito valiosas de revistas bem conceituadas no mundo cultural. Assim, em 1915, o Dr. Leite de Vasconcellos já assinalava no Museu as seguintes, compradas, *L'Anthropologie*, *Revue Archéologique*, *L'Homme Préhistorique*, *The Archeological Journal*, *Wörter und Sachen*, e as ora mencionadas, por troca com o *Archeologo Português*: *American Journal of Archaeology*, *American (The) Journal of Philology*, *Ami (L') des Mon. et des Arts*, *Analecta Bollandiana*, *Annales du Cercle Archéologique d'Enghien*, *Annales de la Soc. d'archéol. de*

*Bruxelles, Annales de la Soc. d'Arch. de Namur, Annals of the Transvaal Museum, Annual (The) of the British School at Athens, Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte, Anthropos, Anzeiger der Ethnographischen Abteilung des Ungarischen National-Museum, Anzeiger für schweizerische Altertumskunde, Archaeological & Ethnolog. Papers of the Peabody Museum, Archiginnasio (L'), Archives des Traditions Populaires Suédoises, Archivio Stor. per la Sicilia Orientale, Archivo de Anatomia e Anthropologia, Archivo Historico Portuguêz, Atti della R. Accademia dei Lincei, Atti dell' I. R. Accademia degli Agiati in Rovereto, Battaglie di Archeologia, Bergens Museums Aarsberetning, Berliner Blätter f. Münz —, Siegel, —, u. Wappenkunde, Berliner Münzblätter, Bierkorf, Boletim da 2.<sup>a</sup> cl. da Academia das Sciencias de Lisboa, Boletim dos Archeologos do Carmo, Boletim da Assoc. dos Conductores de Obras Publicas, Boletim da Direcção-Geral da Instrução Pública, Boletim da Figueira, Boletim da Soc. de Geog. de Lisboa, Boletín de la R. Academia de Buenas Letras de Barcelona, Boletín de la R. Academia Gallega, Boletín de la R. Academia de la Historia, Boletín de la Comisión Provincial de Mon. d'Orense, Boletín de la Soc. Arqueol. de Toledo, Boletín de la Soc. Castell de Excursiones, Bolletí de la Societat Arqueologica Luliana, Bolletino dell' Associaz. Archeol. Romana, Bolletino Ital. di Numismatica, Bolletino del Museo Civico de Padova, Bonner Jahrbücher, Bulletin des Antiquaires, Bulletin Archéologique, Bulletin de l'Institut Archéologique Liégeois, Bulletin Numismatique, Bulletin de la Soc. des Antiq. de l'Ouest, Bulletin de la Soc. Neuchateloise de Géographie, Bulletin de la Soc. Scientifique de Limbourg, Bolletino di Paleologia Italiana, Bulletins et Mém. de la Soc. d'Anthropologie de Paris, Comunicações da Direcção dos Trabalhos Geologicos, Comptes Rendus de l'Académie des Inscript. et Belles Lettres, Contribuições para o Estudo da Anthropologia Portuguesa, Correspondenz-Blatt der Deutschen Gessellsch. f. Anthropologie, Ethnolog. u. Urgeschichte, Cultura (La), Roma, Cultura Española, Gazette (La) Numismatique Française, Jahrbuch der Gessellschaft für Lothringische Altertumskunde, Notes d'Art et d'Archéologie, Notizie degli Scavi di Antichità, Numismatikai Közlöny, Numismatische Correspondenz, Numismatisches Literatur-Blatt, Oriente (O) Portuguêz, Papers of the British School at Rome, Portugalia, Prähistorische Blätter, Praehistorische Zeitschrift, Proceedings of the Cambridge Antiquar-Society, Publications de la Soc. Archéolog. de*

Montpellier, (O) Instituto, *Journal des Collectionneurs*, *Journal International d'Archéologie Numismatique*, *Limia, Man, Madona Verona* (*Bull. del Museo Civ. di Verona*), *Mélanges de la Faculté Orientale* (Beyrouth), *Mém. de la Soc. des Ant. de France*, *Mitteilungen der Antiquarischen Gesellschaft* (Zurich), *Monatsblatt der Numismatischen Gesellschaft*, *Monthly Numismatique Circular*, *Nachrichten über Deutsche Alterthumsfunde*, *Rassegna Numismatica*, *Records of the Past*, *Répertoire d'Art et d'Archéologie*, *Revista de Aragón*, *Revista de Archivos, Bibl. y Museos*, *Revista de la Asociación Artístico-Arqueolog. Barcelonesa*, *Revista do Centro de Sc. e Artes de Campinas*, *Revista de Engenharia Militar*, *Revista de Extremadura*, *Revista da Figueira*, *Revista de Menorca*, *Revista de Guimarães*, *Revista de Historia*, *Revista do Museu Paulista*, *Revista de Obras Públicas e Minas*, *Revue Anthropologique*, *Revue d'Archéolog. et Anthropol. Préhist. des Pays Tchèques*, *Revue Belge de Numismatique*, *Revue de L'École d'Anthropologie*, *Revue Épigraphique*, *Revue Mens. de la Soc. de Saint-Jean (Notes d'Art & Archéolog.)*, *Revue des Pyrénées*, *Revue Suisse de Numismatique*, *Revue des Universités du Midi*, *Rivista Archeologica Lombarda*, *Rivista Ital. di Numismatica*, *Rivista Storica Italiana*, *Sitzungsberichte der Altertumsgesellschaft Prussia*, *Sonntagsblatt für Sammler*, *Tombo Heraldico Português*, *Travaux de la Sect. Numism. et Arch. du Musée de Transylvanie à Kolozsvár* (Hungria), *Upplands Fornminnesförenings Tidskrift*, *Verhandlung für Anthropologie*, *Zeitschrift für Ethnologie*, *Zeitschrift des Vereins zur Erforschung der Rheinischen Geschichte u. Alterthümer*. (*Historia do Museu Etnológico Português*, p. 268-270).

Por várias razões, entre as quais avultam as tragédias sangrentas dos dois conflitos internacionais de 1914-1918 e de 1939-1945, muitas instituições científicas e literárias particulares e oficiais foram destruídas, outras extinguiram-se por falta de acção associativa ou por dispersão ou desaparecimento dos seus membros, outras por deficiência de meios financeiros, outras ainda por imposições de ordem diversa, o que privou o Museu Etnológico de muitas revistas que delas recebia. Todavia ele manteve sempre o intercâmbio cultural com as sobreviventes e com outras novas, como se viu da lista anteriormente mencionada dos institutos para que envia *O Arqueólogo Português* e de que recebe publicações.

7) *Jornais*

Também o Museu tem uma pequena colecção de jornais portugueses, antigos e modernos, que documentam alguns dos muitos aspectos da vida social, política e cultural nacional e estrangeira. Os exemplares mais antigos são dos fins do século XVIII:

*Jornal Enciclopédico*, 1791; *Almocreve das Petas*, manuscrito selado e com licença de correr (1799); *Gazeta de Lisboa*, 1818; *O Amigo dos Portugueses*, 1830; *A Aurora*, 1832; *Chronica Constitucional do Porto*, 1833; *O Correio das Damas*, 1836; *O Ramalhete*, 1837; *A Aurora*, 1837; (diferente da anteriormente mencionada); *O Recreativo*, 1838; *O Alcance*, 1838; *Revista Universal Lisbonense*, 1842; *O Tribuno*, 1843; *A Semana*, 1850; *O Jardim Literario*, 1853; *A Mosca*, 1882; *O Antonio Maria*, 1883; *Cabrion*, 1890.

Além destes, originais, há reproduções da velha *Gazeta*, de 1641, e do *Mercurio da Europa*, 1689. (V. Leite de Vasconcellos, *Hist. do Museu Etnologico Português*, pg. 239).

8) *Varia quaedam*

Estão no Museu vários mapas, estampas, vistas de monumentos, plantas, retratos de gente grada nas letras e nas ciências, registos de santos como a colecção de Fernandes Tomás, em quatro volumes in-folio, cujo catálogo foi elaborado por Luís Chaves e publicado n' *O Archeologo Português*, vols. XXI-XXII-XXIII, 1916-1918, desenhos, um à pena de Cirilo Volkmar Machado, gravuras de Vieira Lusitano, Domingos António de Sequeira, de Luís António, ex-libris, cujo estudo foi feito por Luís Chaves (n' *O Archeologo Português*, XII, 1917), gravuras alusivas a lendas agiográficas, folhetos de cordel, impressos e estampas referentes à vida académica de Coimbra, reproduções de frontispícios de livros do séc. XVI, folhinhas, reportórios, calendários, diplomas de boticários, de barbeiros sangradores, quadros a óleo, em madeira e cobre, etc., etc..

9) *A livraria do Professor Leite de Vasconcellos*

Possuidor de vasta cultura e erudição em vários campos do saber, filologia, história, literatura, arqueologia, epigrafia, numismática, etnografia, etc., e demais bibliófilo e bibliógrafo, o Prof. Leite de Vasconcellos fez larguíssima colheita bibliáca durante longos anos da sua vida

e reuniu copiosa e valiosa livreria em que abundavam as espécies concernentes àquelas ciências que esmeradamente cultivou. Era extraordinariamente rica em obras de arqueologia, etnografia, filologia, numismática, história e literatura portuguesa. A parte legada ao Museu Etnológico abrange alguns milhares de volumes (revistas, livros, opúsculos, folhetos) cujo inventário está, como se disse, em via de conclusão.

As numerosíssimas obras registadas em nove livros de inventário da biblioteca do Museu, meritória iniciativa do Prof. Manuel Heleno, os quais estão à disposição de quem os quiser consultar, completam esta notícia à maneira de catálogo breve, susceptível de se ampliar largamente.

O edifício em que estava acomodada a sala de etnografia, a sala do neolítico e grande parte da biblioteca do Museu foi demolido; outras obras e o alojamento do Museu de Marinha na ala ocidental do primeiro pavimento do mosteiro dos Jerónimos fez deslocar algumas secções; a integração da livreria do Professor Leite de Vasconcellos no Museu e a sua acomodação em sala própria apartada, imposta por disposição testamentária e para a qual se necessitam 120 m<sup>2</sup> pelo menos (Vide o citado *Programa para a Instalação do Museu*, pg. 15), tudo veio agravar o problema da localização unitária da biblioteca, por falta de um salão grande disponível e nas devidas e requeridas condições para se albergarem conveniente e eficientemente tantos milhares de livros; de maneira que estes têm de se distribuir fragmentariamente por diferentes salas pequenas sem luminosidade e largueza suficientes para o seu franqueamento e até para o seu cómodo manuseio. Por outro lado, a falta de pessoal técnico especializado e de outro, e o constante e permanente movimento de entradas de novas espécies bibliográficas, se não têm impedido a organização, embora demorada, do inventário, têm obstado a uma completa catalogação sistemática (onomástica e ideográfica) com instalação, colocação e cotagem definitivas e eficientes.

Esperamos que o preenchimento das vagas existentes no quadro geral do pessoal do Museu, a criação de um lugar de bibliotecário-arquivista, de outro de catalogador e de outro de contínuo, e a preparação de novos e convenientes alojamentos (sala de catálogos, sala de leitura, sala de estantes, depósitos, câmara de desinfecção, etc.) venham remediar este estado de coisas, para bem da ciência e de todos os estudiosos.

## NOTAS FINAIS

### I

#### *O «torques» de Vilas Boas de Trás-os-Montes*

Nesta oportunidade<sup>(252)</sup>, cumpre-nos revelar que o Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, por intermédio do A., com a prontidão e cumprimento das leis de protecção do nosso património arqueológico, — reputamos indispensável acentuá-lo, — necessárias para evitar o extravio ou a fuga para o estrangeiro de antigualha mais valiosa, mercê do interesse científico, superior compreensão e benemérita acção do Ex.<sup>mo</sup> Senhor Director-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, Dr. João de Almeida, conseguiu salvar uma jóia riquíssima, de excepcional valor: *O «Torques» de Ouro de Vilas Boas de Trás-os-Montes*<sup>(253)</sup>. — Vai ser adquirido, por compra, a fim de ser integrado definitivamente nas colecções do nosso principal museu de arqueologia.

Dado o interesse em encaminhar para os museus públicos preciosidades desta natureza, pois na opinião do notável Professor de Arqueologia da Universidade de Madrid, A. García y Bellido, «el torques es, sin duda ninguna, la pieza más importante de las que hasta ahora se han encontrado en la Península» (Fig. 113), regozijemo-nos todos, arqueólogos e não arqueólogos, com tal aquisição, que veio enriquecer extraordinariamente o património artístico-arqueológico nacional e peninsular.

---

<sup>(252)</sup> Apesar de procedermos nesta ocasião à revisão das provas tipográficas, não quisemos deixar de dar ao conhecimento público, nesta nota final, esta notícia de interesse.

<sup>(253)</sup> Conhecemos o «torques» no dia 28 de Abril, comunicámos superiormente no dia 30 do mesmo mês e, na mesma data, por despacho de Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Educação Nacional, Prof. Doutor Inocêncio Galvão Teles, a riquíssima antigualha foi transferida para a guarda do

## II

*Remate*

Depois de assim terminada tão longa peregrinação através dos numerosos registos, cadernos de relatórios, das colecções do Museu Etnológico e das suas publicações, ao A. cumpre esclarecer que, embora o seu modesto trabalho de divulgação seja imperfeito e incompleto, como se disse e é óbvio em tarefa ingrata e árdua desta natureza, — foi, no entanto, preparado cuidadosamente, na melhor das intenções e com o desejo de pôr em evidência o trabalho silencioso, mas metódico e profícuo, sob o qual tem pairado uma grande incompreensão, e de facultar os elementos para que se preste a devida justiça.

E essa justiça verificará que, em presença de factos irrecusáveis, o Museu Etnológico tem sido uma instituição de alta cultura em constante e progressivo desenvolvimento em todas as secções que o constituem, e, acima de tudo, sob a égide dos Professores Leite de Vasconcellos e Manuel Heleno, um rico alfofre de sábios, artistas e estudiosos apaixonados pelas coisas da nossa Pátria. Os nomes desses obreiros do saber, da arte e do estudo estão patentes nas publicações do Museu, em muitos trabalhos vindos a lume e nestas singelas páginas em que eles avultam na menção do seu variegado, persistente e prestigioso labor.

Do que o Prof. Leite de Vasconcellos registou na sua *Historia do Museu Etnologico Português* em 1915, e do que estes subsídios documentam, claramente se infere que o Museu foi sempre uma instituição científica bem viva e em perene labutação e renovação. E podemos dizer hoje

---

Museu Etnológico. A Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Educação Nacional aqui apresentamos os nossos melhores agradecimentos por tão elevado serviço prestado à cultura nacional e internacional.

A todas as outras entidades que pela sua acção contribuíram para que o Museu Etnológico viesse a adquirir, por compra, esta peça arqueológica de tão grande valor científico, aqui deixamos expressa a nossa gratidão. (Vide a notícia que o A. apresentou no *Ethnos*, vol. IV, págs. 313-318. Posteriormente, o Sr. Prof. Doutor Santos Júnior de colaboração com um dos seus assistentes, o Sr. Dr. Osvaldo da Silva Freire, também publicou novo trabalho sobre o «torques», repleto de curiosidades, inserto na *Revista de Guimarães*, vol. LXXV, pág. 137 ss.; outrossim o Sr. coronel Mário Cardoso se lhe referiu ao tratar de *A Perda Frequente de Especímenes Preciosos da Nossa Joalheria Arcaica* (nota 10), vinda a lume no mesmo número da citada revista de que é director. Creio que ainda não ficaremos por aqui, para bem da arqueologia nacional.)

também como o seu consciencioso historiador afirmou há cinquenta anos: «... convem saber que o Museu Etnológico Português não pertence à classe das sinecuras»<sup>(254)</sup>.

Terminamos com as palavras do egrégio Fundador:

«Todas as nações cultas prestam grande atenção aos estudos etnológicos, sustentando-os não só adentro d'elas com escolas regulares, com publicações luxuosas, e com museus que se enriquecem por meio de excavações, e incessantes compras, mas até por fóra, organizando expedições que vão longe colhêr elementos scientificos de variada especie (arqueologicos, etnograficos, antropologicos), e por exemplo a Hespanha, a França, a Italia, a Alemanha, a Austria, a Inglaterra, os Estados Unidos da America, mantendo permanentemente institutos arqueologicos em locais célebres da antiguidade. Em Portugal também já alguma cousa se vai fazendo, mas urge fazer muito mais.»<sup>(255)</sup>.

Lisboa, Belém, Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, Outubro de 1965.

---

<sup>(254)</sup> *Historia do Museu Etnológico Português*, pág. 335.

<sup>(255)</sup> No cap. *Em prol do Museu Etnológico*, na ob. cit., pág. 348.

## APÊNDICES

### I

#### MUDANÇA DO TÍTULO DE «MUSEU ETNOLÓGICO PORTUGUÊS» EM «MUSEU ETNOLÓGICO DO D.<sup>OR</sup> LEITE DE VASCONCELOS», EM 1929

Decreto n.º 16 624, de 18 de Março de 1929, publicado no *Diário do Governo*,  
I série, n.º 62, de 19 de Março do mesmo ano.

«Tendo em consideração os relevantes serviços prestados ao País pelo professor Dr. José Leite de Vasconcelos, promovendo a fundação e dirigindo durante trinta e cinco anos o Museu Etnológico Português, repositório de preciosos elementos para os estudos etnográficos;

Tendo ainda em atenção a devotada abnegação com que aquele professor tem dedicado as suas extraordinárias faculdades de investigação e de crítica não só àqueles estudos como aos de filologia e arqueologia, contribuindo de forma muito valiosa para o conhecimento da língua e do povo português;

Atendendo a que é de justiça significar a gratidão nacional àqueles que, como o professor Dr. José Leite de Vasconcelos, consagram todo o seu esforço e inteligência ao serviço da ciência e da Pátria;

Usando da faculdade que me confere o n.º 2 do artigo 2.º do decreto com força de lei n.º 12 740, de 26 de Novembro de 1926, por

força do disposto no artigo 1.º do decreto n.º 15 331, de 9 de Abril de 1928, sob proposta do Ministro da Instrução Pública:

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º — Ao Museu Etnológico Português será dado o nome de Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos.

Artigo 2.º — O Professor Dr. José Leite de Vasconcelos é nomeado director honorário do referido Museu, sem remuneração.

Artigo 3.º — Fica revogada a legislação em contrário.

O Ministro de Instrução Pública assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Govêrno da República, 18 de Março de 1929. — ANTÓNIO ÓSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *Gustavo Cordeiro Ramos.*»

## II

### REFORMA E MELHORIA DO MUSEU, EM 1930 (EM VIGOR)

Decreto n.º 18 237, de 23 de Abril de 1930, rectificado no *Diário do Governo*, I série, n.º 101, de 2 de Maio do mesmo ano.

«Há mais de um quarto de século que o Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos vem adiantando, com as suas investigações, o conhecimento da origem e vida do povo português e orientando, com as suas publicações e exposição metódica dos seus materiais, os estudos arqueológicos e etnográficos de Portugal.

À sua actividade científica, à sua missão no ensino superior, como estabelecimento anexo da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, à sua função na educação popular precisa o Estado de dar o necessário apoio.

Reconhece-se a necessidade de reunir a legislação dispersa a que o dito Museu está subordinado, de a completar nas suas omissões, de a

harmonizar com o desenvolvimento do mesmo, tudo com o fim de promover um melhor recrutamento do pessoal e assegurar maior rendimento deste.

Neste sentido se reúnem no presente decreto, completando-as devidamente, as disposições dispersas na legislação em vigor, e especialmente nos decretos n.º 559, de 11 de Junho de 1914; n.º 12 492, de 14 de Outubro de 1926; n.º 13 454, de 7 de Abril de 1927; n.º 16 624, de 18 de Março de 1929, e n.º 16 640, de 17 de Março de 1929.

Com um insignificante aumento de despesa proporcionam-se ao Museu mais alguns meios de trabalho, de que tanto carece, facultando-se-lhe a possibilidade de abrir ao público as importantes salas de neolítico, de etnografia e numismática, fechadas desde há anos por falta de pessoal.

Em vista do que, usando da faculdade que me confere o n.º 2 do artigo 2.º do decreto n.º 12 740, de 26 de Novembro de 1926, por força do disposto no artigo 1.º do decreto n.º 15 331, de 9 de Abril de 1928, sob proposta dos Ministros de todas as Repartições:

Hei por bem decretar, para valer como lei, o seguinte:

## CAPÍTULO I

### *Do carácter do Museu*

Art. 1.º — O Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos destina-se a contribuir para o estudo das origens, carácter e evolução do povo português, por investigação e publicação de arqueologia, etnografia e antropologia, e pela exposição permanente de objectos arqueológicos e etnográficos e restos antropológicos, provenientes principalmente de Portugal.

§ 1.º — O Museu Etnológico consta das seguintes secções:

- a) De arqueologia pré-histórica, proto-histórica e histórica;
- b) De etnografia moderna (continental e insular);
- c) De antropologia antiga e moderna.

§ 2.º — As secções de que trata o § 1.º referem-se a objectos nacionais, mas existirá no Museu concomitantemente uma secção de congéneres objectos estrangeiros.

§ 3.º — Também haverá uma secção de etnografia colonial portuguesa.

§ 4.º — Junto do Museu haverá:

- a) Uma biblioteca especial das obras indispensáveis acerca dos assuntos do Museu;
- b) Um gabinete de fotografia e um de desenho;
- c) Uma oficina.

Art. 2.º — O Museu Etnológico goza de autonomia administrativa, embora funcione pedagogicamente anexado à Faculdade de Letras de Lisboa, a cujas cadeiras serve de exemplificação prática (Etnografia, Arqueologia, Epigrafia, Numismática, Paleografia, História antiga, Geografia antiga, etc.).

## CAPÍTULO II

### *Da aquisição das colecções*

Art. 3.º — Ficam pertencendo ao Museu Etnológico:

- a) Os objectos de mérito arqueológico, etnográfico e antropológico dispersos pelos diversos estabelecimentos públicos (paroquiais, municipais, distritais e do Estado), quando não façam parte integrante das colecções respectivas aos mesmos estabelecimentos;
- b) Os objectos análogos aos mencionados na alínea a) que se descobrirem por ocasião de se executarem obras públicas ou que estejam em terrenos ou edifícios públicos e possam, sem prejuízo, passar para o Museu.

Art. 4.º — O Museu será aumentado sucessivamente com objectos originais obtidos por compras, explorações e escavações arqueológicas, e

com reproduções de objectos de reconhecido valor, cuja aquisição não for possível ou fácil realizar.

Art. 5.º — O Museu poderá aceitar ofertas e depósitos de objectos e, com autorização superior, trocar por outros aqueles que puder dispensar.

Art. 6.º — Ao Museu Etnológico é assegurado o direito de exploração e escavação de todas as estações arqueológicas situadas em terrenos públicos (paroquiais, municipais, distritais e do Estado), montes, campos, matas, caminhos e outros, cumprindo às autoridades administrativas e policiais impedir que ele, na pessoa dos seus agentes, seja estorvado nesses trabalhos de exploração e escavação.

Art. 7.º — Os objectos destinados ao Museu serão transportados gratuitamente nas vias férreas, marítimas e fluviais do Estado.

### CAPÍTULO III

#### *Da exposição e arrolamento dos objectos do Museu*

Art. 8.º — O Museu continua instalado no edificio do extinto Mosteiro dos Jerónimos, em Belém, pertencendo-lhe tanto o terreno como as arrecadações que já utiliza.

§ 1.º — A entrada deverá fazer-se pela porta principal do edificio do Mosteiro, logo que estejam concluídas as respectivas obras.

Art. 9.º — Os objectos estarão expostos ao público, mas os de grande valor intrínseco poderão conservar-se reservados, se o director entender conveniente.

Art. 10.º — Os objectos do Museu terão um ou mais números especiais, ou comuns a um grupo, de modo que possam mais facilmente ser arrolados e estudados.

Art. 11.º — Haverá um livro de entrada, em que os objectos se irão inventariando à proporção que forem sendo numerados, e haverá um ou mais catálogos gerais por secções.

§ único — Nos inventários ou catálogos serão insertas todas as indicações que se julgarem necessárias para a história externa dos objectos.

#### CAPÍTULO IV

##### *Da abertura do Museu ao público*

Art. 12.º — O Museu estará patente ao público durante seis horas, todos os dias, com excepção de um dia por semana e dos de feriado nacional.

§ 1.º — Os visitantes podem examinar todos os objectos expostos, pedir aos empregados informações acerca deles, tomar notas e reproduzir por desenhos e fotografias aqueles que já estiverem publicados.

§ 2.º — Dos objectos inéditos poderá o director permitir também a cópia, quando assim o entenda.

§ 3.º — Dos objectos de valor que estão reservados poderá ele igualmente facultar o exame ou a cópia às pessoas que o reclamarem.

Art. 13.º — A entrada no Museu é gratuita.

#### CAPÍTULO V

##### *Das publicações do Museu*

Art. 14.º — O Museu continuará a publicar as revistas intituladas *O Archeologo Português* e *Boletim de Etnografia*, e terá além disso a faculdade de publicar os seus catálogos ou outras obras.

§ 1.º — As publicações do Museu poderão ser trocadas com publicações congêneres de outros museus e sociedades e distribuídas a bibliotecas de sociedades e estabelecimentos públicos, e bem assim a indivíduos a quem pelos serviços prestados ao Museu ou pelos seus estudos o director julgue deverem interessar.

§ 2.º — As publicações do Museu poderão ser vendidas, devendo a respectiva receita dar entrada nos cofres do Tesouro, nos termos da lei.

## CAPÍTULO VI

### *Do pessoal do Museu*

Art. 15.º — O quadro do pessoal do Museu é constituído pelos seguintes funcionários, por ordem de categoria: um director, um conservador, um desenhador, um preparador, um ajudante de preparador, dois guardas e dois contínuos.

Art. 16.º — A nomeação do director será feita pelo Governo, sob proposta da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e deverá recair em professor catedrático ou auxiliar da mesma Faculdade que mostre por trabalhos arqueológicos, etnográficos ou antropológicos o gosto destes assuntos.

§ 1.º — Este lugar é considerado inerente ao de professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

§ 2.º — Não havendo professor especializado poderá a nomeação recair noutro professor de ensino superior, ou em professor de ensino secundário, desde que satisfaça às condições exigidas neste artigo.

Art. 17.º — Compete ao director:

1.º — Cumprir e fazer cumprir as leis e regulamentos em vigor e as ordens que lhe forem transmitidas superiormente;

2.º — Superintender no Museu e no respectivo pessoal, fiscalizando a boa aplicação das verbas orçamentais, promovendo o aumento das colecções e bem assim a sua disposição, classificação, conservação, numeração, arrolamento e catalogação;

3.º — Corresponder-se com o Ministério da Instrução Pública e com os outros Ministérios, por intermédio das Direcções e Repartições competentes, e directamente com as restantes autoridades;

4.º — Propor às instâncias superiores tudo o que tiver por conve-

niente para a melhoria do Museu, regularidade e bom serviço deste e disciplina do pessoal;

5.º — Tomar, em casos urgentes, as resoluções extraordinárias que as circunstâncias reclamarem, participando logo à Repartição superior as providências adoptadas;

6.º — Exercer sobre o pessoal a competência disciplinar constante das penas dos n.ºs 1.º a 4.º do artigo 6.º do regulamento disciplinar dos funcionários civis, de 22 de Fevereiro de 1913;

7.º — Conceder licença aos empregados até oito dias em cada ano;

8.º — Propor a nomeação do desenhador, do preparador, do ajudante de preparador, dos guardas e dos contínuos.

Art. 18.º — O lugar de conservador só pode ser obtido por concurso de provas escritas, perante um júri nomeado pelo Governo, composto do director do Museu Etnológico e de dois professores da Faculdade de Letras de Lisboa.

§ 1.º — Só pode ser admitido ao concurso:

- a) Pessoa que tenha um curso superior;
- b) Preparador do Museu Etnológico que for autor de algum trabalho valioso de arqueologia, etnografia e antropologia.

§ 2.º — O concurso será principalmente sobre assuntos de arqueologia (com inclusão da epigrafia e da numismática) e etnografia portuguesa, mas também abrangerá de modo geral a antropologia; além disso os candidatos devem mostrar que sabem escrever francês e traduzir latim.

Art. 19.º — Compete ao conservador:

1.º — Substituir ou representar o director na ausência ou impedimento deste, no que toca ao expediente ou a assuntos que reclamem urgente resolução;

2.º — Velar pelo bom estado do edifício, pelo asseio e boa disposição das colecções do Museu e propor ao director as melhorias que nesse sentido julgar convenientes;

3.º — Dirigir as escavações e excursões de que for encarregado e apresentar relatórios delas;

- 4.º — O serviço de secretaria da biblioteca, das contas e do expediente das publicações do Museu;
- 5.º — Arrolar, numerar, rotular, catalogar os objectos;
- 6.º — Auxiliar o director em tudo quanto concorrer para o aumento e importância das colecções e da biblioteca;
- 7.º — Fornecer informações aos visitantes;
- 8.º — Promover o aumento das colecções, de acordo com o director;
- 9.º — Auxiliar o director nas publicações do Museu, quando for necessário;
- 10.º — Cumprir as ordens do director em tudo quanto respeitar ao serviço.

Art. 20.º — O desenhador será escolhido pelo director entre pessoas de reconhecido mérito artístico, e compete-lhe:

- 1.º — Desenhar e fotografar objectos do Museu ou de fora do Museu, conforme as instruções que receber do director;
- 2.º — Concorrer para a boa disposição artística das colecções e velar por elas;
- 3.º — Sair para fora do Museu, em serviço deste, quando o director o julgar conveniente;
- 4.º — Substituir o conservador na sua ausência;
- 5.º — Cumprir as ordens do director em tudo o que respeitar ao serviço.

Art. 21.º — Para preparador será escolhida pelo director pessoa idónea e que pelo menos possua o curso dos liceus (secção de letras), e compete-lhe:

- 1.º — Sair em estudo para fora do Museu ou para colheita de objectos;
- 2.º — Reparar os objectos do Museu e acomodá-los convenientemente;
- 3.º — Auxiliar ou substituir o conservador nos trabalhos de campo (escavações e excursões arqueológicas) e elaborar os respectivos relatórios;

4.º — Auxiliar ou substituir o conservador em todos os respectivos serviços;

5.º — Elucidar os visitantes do Museu acerca dos objectos expostos;

6.º — Auxiliar o desenhador no serviço de fotografia, quando o director assim o entender, e substituir aquele nas mesmas condições do n.º 4.º do artigo 20.º;

7.º — Cumprir as ordens superiores em tudo quanto respeitar ao Museu.

Art. 22.º — O ajudante de preparador será escolhido entre pessoas idóneas que tenham exame de instrução primária, alguns conhecimentos de museografia e que provem ter a habilidade manual exigida pelo cargo.

§ único — Ao ajudante de preparador será abonado vencimento igual ao do funcionário da mesma categoria do Museu Bocage.

Art. 23.º — Compete ao ajudante de preparador:

1.º — O que se exige ao preparador no artigo 21.º, n.ºs 1.º, 2.º, 5.º e 7.º;

2.º — Auxiliar ou substituir o preparador no serviço de fotografia;

3.º — Cumprir as disposições do artigo 27.º, n.ºs 4.º e 5.º;

4.º — A limpeza interna dos mostruários.

Art. 24.º — Para guardas só podem de futuro ser nomeadas pessoas que tenham exame de instrução primária, o qual poderá ser substituído por um exame análogo feito perante o director do Museu e o conservador..

Art. 25.º — Constituem obrigações dos guardas:

1.º — Vigiar o Museu de dia e de noite, devendo o serviço ser alternadamente distribuído, de forma a garantir uma vigilância permanente;

2.º — Executar as ordens dos seus superiores em tudo o que respeitar directa ou indirectamente ao serviço do Museu;

3.º — Fiscalizar tudo o que diga respeito a limpeza e arrumação, informando os contínuos ou a secretaria das faltas que encontrarem;

4.º — Tomar nota do número de visitantes diários, não consentindo a saída do Museu de embrulhos, livros ou objectos sem autorização escrita do director ou de quem o substituir;

5.º — Verificar meia hora antes do encerramento do Museu se todos os armários e mostradores ficam fechados;

6.º — Dar sinal do encerramento do Museu, não consentindo ali pessoas estranhas fora das horas oficiais da visita.

Art. 26.º — Os contínuos deverão ser escolhidos de entre pessoas que saibam ler, escrever e as quatro operações aritméticas.

Art. 27.º — Aos contínuos compete:

1.º — A limpeza do Museu e suas dependências;

2.º — Vigiar a condução de objectos pesados que se destinem ao Museu e prestar quaisquer outros serviços que lhe forem determinados;

3.º — Acompanhar os visitantes;

4.º — Auxiliar os guardas na polícia e vigia do Museu;

5.º — Auxiliar os seus superiores na acomodação e reparação dos objectos, bem como nas excursões, escavações e explorações;

6.º — Cumprir as ordens dos seus superiores.

Art. 28.º — Os contínuos terão de serviço seis dias semanais, entrando para o Museu uma hora antes da abertura ao público, e conservando-se ali até o encerramento. Para o restante pessoal, com excepção do director, fica estabelecida a obrigação de permanecer no Museu durante seis horas em cada dia, e em seis dias por semana.

§ 1.º — O pessoal sairá para fora do Museu, em serviço, todas as vezes que isso fôr necessário.

§ 2.º — Quando algum empregado estiver fora do Museu em serviço de exploração, escavação ou estudo, não tem horas fixas de trabalho.

§ 3.º — O serviço, tanto nos dias de semana como nos domingos, será distribuído de maneira que assista sempre no Museu o conservador ou desenhador ou o preparador.

§ 4.º — Em casos urgentes ou extraordinários poderá ser prolongado o tempo de serviço diário e normal.

Art. 29.º — Quando assim o entender o director poderá determinar que qualquer funcionário, independentemente das funções que lhe são pró-

prias, ajude ou substitua outro, podendo igualmente ser mandado prestar serviços compatíveis com a sua categoria e habilitações.

Art. 30.º — Todo o pessoal, com excepção do director e do conservador, será contratado por períodos anuais, considerando-se o contrato prorrogado enquanto não fôr denunciado por qualquer das partes.

§ único — Ficam ressalvados os direitos dos actuais funcionários e serventuários com situação definitiva.

Art. 31.º — Aos empregados que estiverem fora de Lisboa, em serviço do Museu (excursões, escavações, visitas a monumentos e museus ou qualquer outro), serão facultadas as despesas de transportes e respectivas ajudas de custo.

## CAPÍTULO VII

### *Disposição geral*

Art. 32.º — Nas deficiências ou omissões que houver neste decreto resolverá o director como fôr de direito.

Art. 33.º — Fica revogada a legislação em contrário.

Determina-se portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução do presente decreto com força de lei pertencer o cumpram e façam cumprir e guardar tam inteiramente como nêle se contém.

Os Ministros de todas as Repartições o façam imprimir, publicar e correr. Paços do Governo da República, 23 de Abril de 1930. — ANTÓNIO ÓSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *Domingos Augusto Alves da Costa Oliveira* — *António Lopes Mateus* — *Luís Maria Lopes da Fonseca* — *António de Oliveira Salazar* — *João Namorado de Aguiar* — *Luís António de Magalhães Correia* — *Fernando Augusto Branco* — *João Antunes Guimarães* — *Gustavo Cordeiro Ramos* — *Henrique Linhares de Lima.*»

## III

## DISPOSIÇÕES DISPERSAS NA LEGISLAÇÃO ANTERIOR

a) *Venda das publicações e sua receita em benefício do Museu*

Decreto n.º 13 454, de 7 de Abril de 1927, publicado no *Diário do Governo*, I série, n.º 74, de 11 de Abril de 1927.

«Tendo em consideração o solicitado pelo director do Museu Etnológico Português;

Usando da faculdade que me confere o n.º 2 do artigo 2.º do decreto com força de lei n.º 12 740, de 26 de Novembro de 1926, sob proposta dos Ministros de todas as Repartições:

Hei por bem decretar, para valer como lei, o seguinte:

É autorizado o Museu Etnológico Português a vender as suas publicações, cuja receita deverá ser aplicada em benefício do mesmo Museu.

Determina-se portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução do presente decreto com força de lei pertencer o cumpram e façam cumprir e guardar tam inteiramente como nêle se contém.

Os Ministros de todas as Repartições o façam imprimir, publicar e correr. Dado nos Paços do Govêrno da República, em 7 de Abril de 1927.— ANTÓNIO ÓSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *Adriano da Costa Macedo* — *Manuel Rodrigues Júnior* — *João José Sinel de Cordes* — *Abílio Augusto Valdês de Passos e Sousa* — *Jaime Afreixo* — *António Maria de Bettencourt Rodrigues* — *Júlio César de Carvalho Teixeira* — *João Belo* — *José Alfredo Mendes de Magalhães* — *Felisberto Alves Pedrosa.*»

b) *Inerência da função de director do Museu em professor catedrático ou auxiliar da Faculdade de Letras de Lisboa.*

Decreto n.º 16 640, de 17 de Março de 1929, publicado no *Diário do Governo*, I série, n.º 65, de 21 do mesmo mês e ano..

«Considerando que o Museu Etnológico Português depende pedagogicamente da Faculdade de Letras de Lisboa;

Considerando que é nêle que se dão as aulas práticas de arqueologia, epigrafia e numismática da mesma Faculdade;

Considerando que há toda a vantagem científica em estreitar o mais possível as relações entre os institutos mencionados acima;

E tendo em conta os interesses do Tesouro Público;

Usando da faculdade que me confere o n.º 2 do artigo 2.º do decreto n.º 12 740, de 26 de Novembro de 1926, por fôrça do disposto no artigo 1.º do decreto n.º 15 331, de 9 de Abril de 1928, sob proposta dos Ministros de todas as Repartições:

Hei por bem decretar, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º — O lugar de director do Museu Etnológico Português é considerado inerente ao de professor catedrático ou auxiliar da Faculdade de Letras de Lisboa.

Art. 2.º — A nomeação de director do Museu Etnológico Português será feita pelo Govêrno sob proposta da Faculdade de Letras de Lisboa.

Art. 3.º — Em tudo o mais observar-se-ão as disposições em vigor.

Art. 4.º — Fica revogada a legislação em contrário.

Determina-se portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução do presente decreto com fôrça de lei pertencer o cumpram e façam cumprir e guardar tam inteiramente como nêle se contém.

Os Ministros de todas as Repartições o façam imprimir, publicar e correr.

Dado nos Paços do Govêrno da República, em 17 de Março de 1929.  
— ANTÓNIO ÓSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *José Vicente de Freitas* —  
*Mário de Figueiredo* — *António de Oliveira Salazar* — *Júlio Ernesto de*  
*Morais Sarmiento* — *Aníbal de Mesquita Guimarães* — *Manuel Carlos*  
*Quintão Meireles* — *José Bacelar Bebiano* — *Gustavo Cordeiro Ramos* —  
*Pedro de Castro Pinto Bravo.*»

## IV

REGULAMENTAÇÃO DAS ESCAVAÇÕES EM PORTUGAL  
E DA DEFESA E CLASSIFICAÇÃO DOS SÍTIOS, MONU-  
MENTOS E MÓVEIS DE INTERESSE ARQUEOLÓGICO DO  
PAÍS, EM 1932

Decreto n.º 21 117, de 18 de Abril de 1932, publicado no *Diário do Governo*,  
I série, n.º 91, da mesma data.

«Tornando-se necessário regulamentar a parte do capítulo IV do decreto n.º 20 985, de 7 de Março do corrente, que diz respeito a monumentos arqueológicos;

Usando da faculdade que me confere o n.º 2 do artigo 2.º do decreto n.º 12 740, de 26 de Novembro de 1926, por força do disposto no artigo 1.º do decreto n.º 15 331, de 9 de Abril de 1928, sob proposta dos Ministros de todas as Repartições:

Hei por bem decretar, para valer como lei, o seguinte:

## CAPÍTULO I

*Dos Imóveis*

Artigo 1.º — Poderão ser classificados como monumentos arqueológicos nacionais, nos termos dos artigos 24.º, 25.º e seguintes do Decreto n.º 20 985, de 7 de Março do corrente ano, os seguintes imóveis:

- a) Terrenos com estações paleolíticas ou mesolíticas;
- b) Megálitos, grutas, estações neolíticas e calcolíticas;
- c) Sepulturas da época do bronze;
- d) Castros e necrópoles da época do ferro;
- e) Antiguidades lusitano-romanas (cidades, citânias, pontes, estradas, sepulturas, etc.);
- f) Antiguidades visigóticas e muçulmanas;
- g) Outras de interesse arqueológico ou histórico.

Art. 2.º — O imóvel classificado não poderá ser alienado nem remexido, restaurado ou destruído sem consentimento do Ministro da Instrução Pública, que para isso ouvirá as entidades competentes.

Art. 3.º — A classificação será requerida pelos museus nacionais de arqueologia e etnologia, ou pelas autoridades administrativas, à Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, e, a partir da sua notificação ao proprietário, todos os efeitos daquela se aplicam ao imóvel.

Art. 4.º — A classificação de um imóvel ou a sua desclassificação será sempre feita por decreto.

Art. 5.º — Os imóveis classificados poderão ser expropriados por utilidade pública.

## CAPÍTULO II

### *Dos Móveis*

Art. 6.º — Também poderão ser classificados e inventariados pelo Ministério da Instrução Pública, a requerimento dos museus de arqueologia ou de etnologia ou das autoridades administrativas os objectos móveis (jóias, moedas, inscrições, etc.) que tenham importância arqueológica ou histórica.

Art. 7.º — Os objectos a que se refere o artigo anterior não poderão ser alienados sem autorização do Ministério da Instrução Pública, sendo nula a aquisição feita com violação das disposições deste artigo.

Art. 8.º — No caso de a venda ser autorizada, o Estado tem direito de opção, se declarar usá-lo dentro de quarenta e oito horas.

## CAPÍTULO III

### *Das escavações e arrolamento das antiguidades nacionais*

Art. 9.º — Os indivíduos que pretenderem realizar escavações em imóveis não classificados são obrigados a comunicá-lo ao Ministério da Instrução Pública, Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes,

que as autorizará, quando dirigidas por técnicos competentes, depois de ouvido o director do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos.

Art. 10.º — A falta de cumprimento do disposto no artigo antecedente será punida com a multa de 1000\$ a 5000\$.

Art. 11.º — O Ministério da Instrução Pública poderá mandar inspeccionar os trabalhos de exploração de antiguidades e, quando os mesmos não obedeçam a critério científico, embargar a sua continuação.

§ único — Para evitar a dispersão dos espólios arqueológicos ficam proibidas escavações nas regiões onde o Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos as estiver realizando enquanto êste não as der oficialmente por terminadas.

Art. 12.º — O Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos funcionará como organismo central de vigilância e de investigação arqueológica.

Art. 13.º — Poderá contudo o Ministro da Instrução Pública criar Juntas de Escavações, dirigidas por técnicos competentes e com o fim de explorar determinada região do País.

Art. 14.º — O Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos promoverá, na medida das suas possibilidades, a organização de inventários dos museus locais particulares ou oficiais e o levantamento da carta arqueológica de Portugal.

Art. 15.º — Nos imóveis classificados de monumentos arqueológicos nacionais poderá o Estado, por intermédio das estações competentes, realizar escavações sem autorização do seu proprietário, podendo contudo êste requerer indemnização.

#### CAPÍTULO IV

##### *Da guarda e vigilância dos monumentos*

Art. 16.º — Os proprietários de imóveis ou móveis classificados são responsáveis pela sua conservação.

Art. 17.º — Ao Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos compete velar pela conservação das antiguidades nacionais pré-históricas, proto-históricas e lusitano-romanas e requerer ao Ministério da Instrução Pública as providências que julgar necessárias a êsse fim.

Art. 18.º — O Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos diligenciará promover a acertada classificação dos museus arqueológicos particulares e oficiais quando estes não estiverem cientificamente organizados.

Art. 19.º — Fica revogada a legislação em contrário.

Determina-se portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução do presente decreto com fôrça de lei pertencer o cumpriam e façam cumprir e guardar tam inteiramente como nêle se contém.

Os Ministros de todas as Repartições o façam imprimir, publicar e correr. Dado nos Paços do Govêrno da República, em 18 de Abril de 1932. — ANTÓNIO ÓSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *Domingos Augusto Alves da Costa Oliveira* — *Mário Pais de Sousa* — *José de Almeida Eusébio* — *António de Oliveira Salazar* — *António Lopes Mateus* — *Luiz António de Magalhães Correia* — *Fernando Augusto Branco* — *João Antunes Guimarães* — *Armando Rodrigues Monteiro* — *Gustavo Cordeiro Ramos* — *Henrique Linhares de Lima.*»

## V

### CRIAÇÃO DO «INSTITUTO PORTUGUÊS DE ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA E ETNOGRAFIA», EM 1933

Decreto n.º 22 338 de 13 de Março de 1933, publicado no *Diário do Governo*, I série, n.º 64, de 20 de Março do mesmo ano.

Considerando que é necessário ao Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos agremiar todos os beneméritos que para o mesmo tenham concorrido, oferecendo-lhe elementos para as suas colecções, contribuindo mais ou menos directamente para as escavações, investigações e aquisições a que tem procedido;

Considerando que ao mesmo Museu, para vantagem da função que lhe compete dentro do Estado e da Nação, cumpre realizar obra de extensão cultural;

Considerando que a Arqueologia, estudo dos monumentos, a História, estudo dos documentos escritos, e a Etnografia, estudo da tradição oral e das sobrevivências, se completam entre si e formam um todo harmónico e contínuo de cultura científica;

Considerando que só há vantagem em se constituir em Portugal uma sociedade com esta feição integral;

Considerando que convém a inclusão nessa sociedade de todos que contribuam para a mesma obra de cultura, quer com a benemerência do seu auxílio material, quer com o estudo e actividade científica;

Usando da faculdade que me confere o n.º 2 do artigo 2.º do decreto n.º 12 740, de 26 de Novembro de 1926, por força do disposto no artigo 1.º do decreto n.º 15 331, de 9 de Abril de 1928, sob proposta do Ministro da Instrução Pública:

Hei por bem decretar que o Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, que acaba de fundar-se em Lisboa, se reja pelas disposições seguintes:

## CAPITULO I

### *Do título, fins e sede do Instituto*

Artigo 1.º — O Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia tem por objecto o estudo destas ciências em toda a sua extensão, relações e aspectos, e funcionará no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, onde estabelecerá a sua sede.

§ único — Se de futuro houver conveniência para os revçios do Museu Etnológico em transferir a sede do Instituto, a direcção daquele estabelecimento notificará dêsse facto, com trinta dias de antecedência, a direcção do Instituto.

Art. 2.º — O Instituto estabelecerá secções nas localidades onde pelo menos quatro sócios o requeiram à direcção.

Art. 3.º — Para os fins em vista, a actividade social abrangerá:

- a) Trabalhos de ordem interna;
- b) Trabalhos de ordem externa ou de extensão cultural.

§ 1.º — Por trabalhos de ordem interna entendem-se: estudos de investigação directa, documental e sessões de estudo.

§ 2.º — Por trabalhos de ordem externa ou de extensão cultural entendem-se: publicações, periódicas ou não, conferências, lições, em curso ou não, em sessão pública, excursões científicas, exposições e congressos.

Art. 4.º — O Instituto estabelecerá e manterá relações com as sociedades similares nacionais e estrangeiras.

Art. 5.º — O Instituto organizará colecções com o produto das aquisições e escavações que fizer, depósitos e donativos, as quais serão expostas no Museu Etnológico, de acôrdo com a disposição geral do mesmo Museu.

Art. 6.º — Os assuntos científicos são da responsabilidade pessoal do sócio ou dos sócios que dêles se ocupem.

## CAPÍTULO II

### *Dos sócios*

Art. 7.º — O Instituto terá sócios de mérito, efectivos, auxiliares e correspondentes.

a) Serão sócios de mérito os indivíduos, nacionais ou estrangeiros, que às ciências arqueológicas, históricas ou etnográficas tenham prestado relevantes serviços;

b) Serão sócios efectivos os indivíduos de nacionalidade portuguesa, autores de trabalhos sôbre assuntos de arqueologia, história ou etnografia, que hajam organizado qualquer colecção de arqueologia, história ou etnografia, ou tenham por qualquer outra forma demonstrado

competência nos assuntos a que o Instituto se consagra, e possam prestar assiduidade aos seus trabalhos científicos e culturais;

c) Serão sócios auxiliares os que, sem acompanharem o movimento científico, tenham concorrido para o Museu Etnológico e de futuro venham a concorrer para o Instituto ou para o mesmo Museu com dádivas, depósitos e serviços;

d) Serão sócios correspondentes aqueles indivíduos que em Portugal ou no estrangeiro, sem prestar assiduidade e comparência aos trabalhos do Instituto, o auxiliem e com êle colaborem em assuntos de ordem científica.

Art. 8.º — Os sócios de mérito serão propostos pelo presidente da direcção do Instituto e eleitos pela direcção; os sócios efectivos, auxiliares e correspondentes serão propostos por dois sócios e igualmente eleitos pela direcção.

§ único — A admissão ou exclusão de sócios só pode fazer-se por unanimidade de votos, estando presentes, pelo menos, a maioria absoluta dos membros da direcção.

Art. 9.º — Os sócios são obrigados a:

1.º — Pagar a quota que fôr estabelecida;

2.º — Desempenhar os cargos sociais para que forem eleitos, salvo impedimento legítimo;

3.º — Contribuir com o seu trabalho e interêsse, assiduidade e dedicação para que o Instituto cumpra o seu objectivo.

Art. 10.º — Os sócios terão os seguintes direitos:

1.º — Colaborar nas publicações do Instituto;

2.º — Assistir a todos os trabalhos;

3.º — Tomar parte em exposições, excursões e congressos que o Instituto promover;

4.º — Consultar e estudar as suas colecções públicas;

5.º — Realizar, de acôrdo com o Instituto e cumpridas as disposições legais, escavações científicas, em harmonia com os seus objectivos.

Art. 11.º — O sócio perde a sua qualidade apresentando por escrito o seu pedido de demissão ou não satisfazendo durante seis meses consecutivos as suas quotas.

Art. 12.º — A exclusão de sócio poderá fazer-se em casos excepcionais, e na sessão da direcção convocada para êsse fim o sócio que se pretenda excluir será ouvido.

### CAPÍTULO III

#### *Das sessões do Instituto*

Art. 13.º — As sessões sociais podem ser privadas e públicas: as primeiras para tudo que interesse ao Instituto, as segundas só para assuntos científicos.

§ 1.º — Haverá uma sessão privada ordinária por mês.

§ 2.º — Haverá as sessões extraordinárias que forem necessárias, convocadas por iniciativa da direcção ou a pedido de um sócio, quando a direcção reconhecer a urgência.

### CAPÍTULO IV

#### *Dos cargos associativos*

Art. 14.º — Os cargos permanentes do Instituto são:

Um presidente.

Dois vice-presidentes.

Um primeiro secretário.

Um segundo secretário.

Um conservador das colecções.

Um vogal encarregado das publicações.

Um tesoureiro.

Um vogal auxiliar.

§ 1.º — Quando pelo progresso do Instituto seja necessário aumentar ou desdobrar os cargos dos componentes da direcção, serão eleitos os vogais que as exigências determinem e por iniciativa da direcção.

§ 2.º — Enquanto o Instituto tiver a sua sede no Museu Etnológico o director dêste estabelecimento será vogal nato da direcção do Instituto.

§ 3.º — Os cargos de conservador e tesoureiro são acumuláveis com qualquer dos outros, excepto com os de presidente e vice-presidente.

§ 4.º — As eleições far-se-ão, de acôrdo com a lei, em assembleia geral de sócios de mérito, efectivos e correspondentes presentes em Lisboa.

Art. 15.º — A direcção elaborará um regimento regulando o funcionamento do Instituto.

## CAPÍTULO V

### *Dos fundos do Instituto*

Art. 16.º — Os bens e recursos do Instituto são os seguintes:

- 1.º — As quotas ordinárias e extraordinárias dos sócios;
- 2.º — O produto da venda das suas publicações;
- 3.º — As subvenções públicas e particulares que lhe sejam concedidas.

Art. 17.º — Os acordos relativos à venda, cessão ou permuta dos bens do Instituto só serão válidos quando aprovados por maioria absoluta de votos em sessão para tal fim especialmente convocada.

§ 1.º — Se à primeira convocação não comparecer número suficiente de sócios, far-se-á segunda convocação num prazo não inferior a oito dias, podendo deliberar-se então com qualquer número.

Art. 18.º — Em caso de dissolução os bens do Instituto passam para a posse do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos.

## CAPÍTULO VI

### *Disposições transitórias*

Art. 19.º — A direcção estudará um distintivo para os sócios do Instituto.

Art. 20.º — Consideram-se sócios fundadores os que se inscreveram até o dia 30 de Novembro de 1932.

O Ministro da Instrução Pública assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Governo da República, 13 de Março de 1933. — ANTÓNIO ÓSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *Gustavo Cordeiro Ramos*.

## VI

### GUIA SUMÁRIA DO VISITANTE DO MUSEU ETNOLÓGICO DO D.<sup>OR</sup> LEITE DE VASCONCELOS (\*)

*O visitante vai entrar no Museu Etnológico. O nome actual de Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcellos substituiu, há poucos anos, o de Museu Etnológico Português. Os dois nomes correspondem ao mesmo estabelecimento científico.*

Museu, porque nele estão ordenados e expostos à atenção, estudo ou simples curiosidade, os objectos e monumentos, que contém.

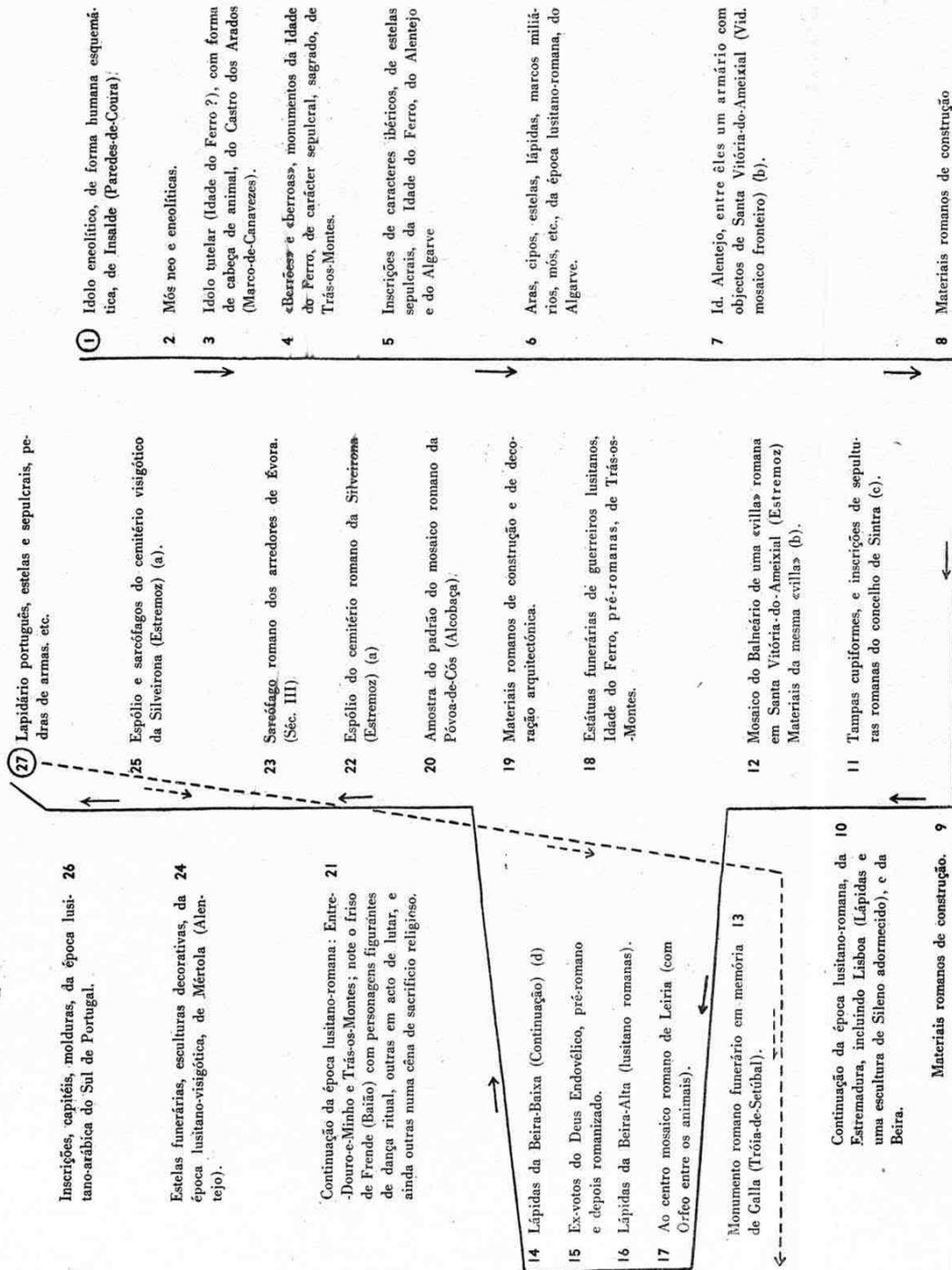
Etnológico, porque, com estes objectos e monumentos, reúne, estuda e classifica, dispõe cronológica e metódicamente todos os materiais comprovativos da existência dos homens, que povoaram sucessivamente o território hoje português, ou que com êle tiveram algumas relações; ruínas de habitação, povoado, oficina, templo e lugar sagrado, túmulo, etc., forneceram os materiais; civilizações, trazidas por êsses homens, têm aqui os restos documentais. A formação étnica do povo português, no corpo e no sangue, no espírito e no sentimento, dependeu da contribuição de tais povos, cuja influência foi mais ou menos duradoura e profunda. De aí chamar-se Museu Etnológico, e, agora,

Do Doutor Leite de Vasconcellos, porque foi êste venerando homem de ciência, universalmente conhecido e acatado no mundo da ciência,

---

(\*) Elaborado pelo conservador do Museu, Luís Chaves. Esta guia é ilustrada com 15 figuras que não reproduzimos.

PLANO DA VISITA DA SECÇÃO LAPIDAR



Indicações: 1.º o visitante segue, pelo traço cheio, a sua visita, acompanhando os números.

2.º o visitante sai, pelo traço interrompido, para o andar superior.

(a) De escavações do Director do Museu, Dr. Manuel Heleno.

(b) De escavações do Conservador do Museu, Luís Chaves.

(c) De investigações da Preparadora do Museu, D. Rosa Capelas.

(d) De investigações do antigo Conservador do Museu, Dr. Félix Alves Pereira.

Todos os outros materiais foram obtidos pela acção do fundador, primeiro Director do Museu e actual Director honorário, Dr. Leite de Vasconcelos.

quem pela acção dirigente, trabalho aturado e constante, espírito disciplinado na dedicação e no sacrifício pelo Museu e pela ciência neste ramo do saber humano, pode dizer-se com inteira justiça, fundou êste Museu: — 1.º conseguindo do Estado a criação oficial do estabelecimento; — 2.º conseguindo que o mesmo Estado e os particulares, entre os quais êle próprio também, entregassem, doassem, oferecessem, depositassem ou cedessem objectos e monumentos preciosos, para constituir um dos melhores e mais ricos museus arqueológicos do Mundo.

*Explicada assim a existência do Museu, compreendido o seu objectivo, e justificado o nome, pode o visitante entrar afôito. Percorrerá 5 grandes secções. Siga o mapa-itinerário de cada Secção; o traço preto, contínuo, guia-o na visita da Secção; o traço interrompido leva-o de uma a outra Secção.*

## ITINERÁRIO DA VISITA

### *1.ª Secção*

#### 1.º PAVIMENTO (rés-do-chão)

##### *Secção lapidar*

Ao entrar, o visitante vê imediatamente de relance a 1.ª Secção. Compõem-na materiais pesados: aras, cipos, estátuas, lápidas votivas, marcos miliários, mosaicos, pedras tumulares, etc.

Para começar a visita, dirija-se ao canto direito do fundo da Sala, e siga a numeração indicada.

Ao dirigir-se para as escadas, em frente do mosaico de Santa Vitória-do-Ameixial (n.º 12), que levam aos andares superiores ( *siga a linha preta, interrompida*), o visitante vê lateralmente duas grandes estátuas romanas, homem e mulher, vindas de Mértola (séc. II e III D. C.). Sobe as escadas. Aos lados encontra dois armários parietais, com cinco tapetes antigos de Arraiolos. No 1.º *Patamar* defronta com dois armários (N.ºs 1 e 2) de instrumentos de «pedra lascada», de que os homens do *Período*

*Paleolítico*, (para lá de 14 ou 15 mil anos A. C.), se serviam para todas as necessidades, preparando-os tènicamente com estilhamento de lascas, por meio de pancada própria, no seixo de sílex ou de quartzite, a seguir mais ou menos retocados; as lascas de todos os tamanhos e formas eram aproveitadas para preparo de outros instrumentos, como pode verificar nestes mesmos armários. Observe as formas maiores e mais grossos, cujo modelo fundamental (*coup-de-poing*) se conserva e continua; veja depois a variedade das formas menores, adaptadas a destinos múltiplos (raspadores, lâminas, pontas, etc.). A maioria destes objectos veio dos arredores de Lisboa (Casal-do-Monte) e da Serra de Monsanto; note a perfeição de duas peças das proximidades das Caldas da Rainha, e a duma terceira, proveniente de Chaves.

#### 2.<sup>a</sup> Secção

##### PAVIMENTO MÉDIO

Do patamar entre na Sala, que se lhe abre à direita. Continua os armários do *Período Paleolítico*; seguem-se os do *Período Mesolítico*, *Neolítico Puro*, *Neo-eneolítico*, ao Sul do rio Tejo, desde o Algarve, pelo Alentejo, até à Estremadura-Transtagana.

Esta sala abrange pois os períodos: *Paleolítico* ou da «pedra lascada», de Lisboa (continuação) e da Província (Elvas); *Mesolítico* ou intermédio, da «pedra lascada» para a «pedra polida», com materiais de Kjoekkenmoeddings ou concheiros do Vale do Tejo (Otta, Muges) (5 A) e das estações asturienses da costa minhota; *Neolítico* ou idade da «pedra polida», ao Sul do Tejo (8); e *Neo-Eneolítico* ou *Calcolítico*, misto transitório da «pedra» para a «idade dos metais» (Bronze), também ao Sul do Tejo (9 a 27).

Repare nos «picos» asturienses (6 e 7), com que o homem da beiramar desprendia das rochas o marisco, e decerto applicados também a outros fins. Veja como o homem neolítico afeiçoava os instrumentos de pedra, polindo-os; variam as formas, conforme ao uso; aparece a louça; é perfeito o trabalho do sílex para lâminas, pontas de seta, punhais, alabardas; abundam chapas de lousa antropomórficas com gravuras decorativas, características e com orifícios, que tinham applicação religiosa nos túmulos, ou como divindades protectoras dos mortos ou até como repre-



sentações dos mortos; algumas chapas com forma de báculo deveriam ser distintivos de categoria, e aparecem também nas sepulturas (antas ou dolmenes) até o Período Eneolítico, em que atingem a maior riqueza (2500 anos A. C.).

Saia da sala. Suba as escadas. No 2.º *Patamar* deparará com o armário (n.º 28) de instrumentos de «pedra polida» de Lisboa e arredores mais próximos; alguns foram encontrados dentro dos actuais limites urbanos de Lisboa. Entre na porta em frente.

### 3.ª Secção

#### 2.º PAVIMENTO

Está no Salão Nobre. Começará a visita pelos períodos *Neolítico* e *Eneolítico*, ao Norte do rio Tejo, para estabelecer continuidade com a Secção anterior. Volte para isso à sua direita, e siga até ao fundo, junto da grande janela central, onde encontrará o armário n.º 1. Guie-se por este roteiro.

Nos armários 1 a 21-A estão expostos materiais *neo-eneolíticos* do Norte do Tejo, que formam continuidade imediata com os da Sala anterior e do armário de Lisboa no 2.º *Patamar*. Em vãos das janelas desta mesma série há ídolos de granito, de forma humana, do Minho, Trás-os-Montes e Alentejo. Em +a, figuras pintadas no esteio de uma anta; em +b, modelos de jóias de ouro; em +c, tampa de sepultura da Idade do Bronze, com as armas do falecido, gravadas.

No armário 22 começa a *Época do Cobre e Bronze*, que termina no armário 27-A. Verifique-se que vai dominando cada vez mais o metal, até a vitória do bronze (*Eneolítico* e *Bronze*, 2500 a 900 anos A. C.).

Do armário 27-B até 36 segue a *Época do Ferro* (900 anos A. C. ao séc. I D. C.); entre estes armários, os 29 e 30 com antiguidades *Lusitano-Gregas* de Alcácer do Sal (séc. IV-III A. C.). Verifique as fases da civilização do Castro de Pragança, desde a «pedra polida» até os vestígios romanos, 30-A e 32.

No vão, entre os armários 36 e 37, começa com os fragmentos de mosaicos a *Época Lusitano-Romana* (séc. II A. C. a V D. C.); observe a variedade, perfeição, multiplicidade dos objectos expostos; siga até

o armário 55 com esculturas romanas de mármore do Algarve; corte obliquamente à direita; continua a mesma civilização, embora no armário dos bronzes (56) estejam alguns objectos pré-romanos; dentro deste armário está a tábula de bronze com uma das leis da exploração das minas de Aljustrel; em frente está a modelação de outra (k); siga pela fila central; no armário 70 termina esta época; no caminho repare nos mostradores de moedas e nos túmulos de inumação e incineração, entre esta fila de armários e a anterior (+d a+j).

O armário 71 contém documentos materiais da *Época Lusitano-Visigótica*; note a continuação da época anterior, e o aparecimento claro do simbolismo cristão (séc. V a VIII).

Os armários 72 a 73 mostram fragmentos de cerâmica arábica (lisa, pintada, em relevos, vidrada), e vasilhame; aparece o vidrado brilhante nas louças (séc. VIII e ss.).

Os armários 74 e 75 guardam valiosa série de cerâmica da *Época Portuguesa* medieval, notável pela forma e pela ornamentação no modelado da mesma peça (séc. X a XII). Compare os tipos dos exemplares expostos com outros ainda hoje fabricados e usados, e com modelos anteriores, da *Época Lusitano-Romana*.

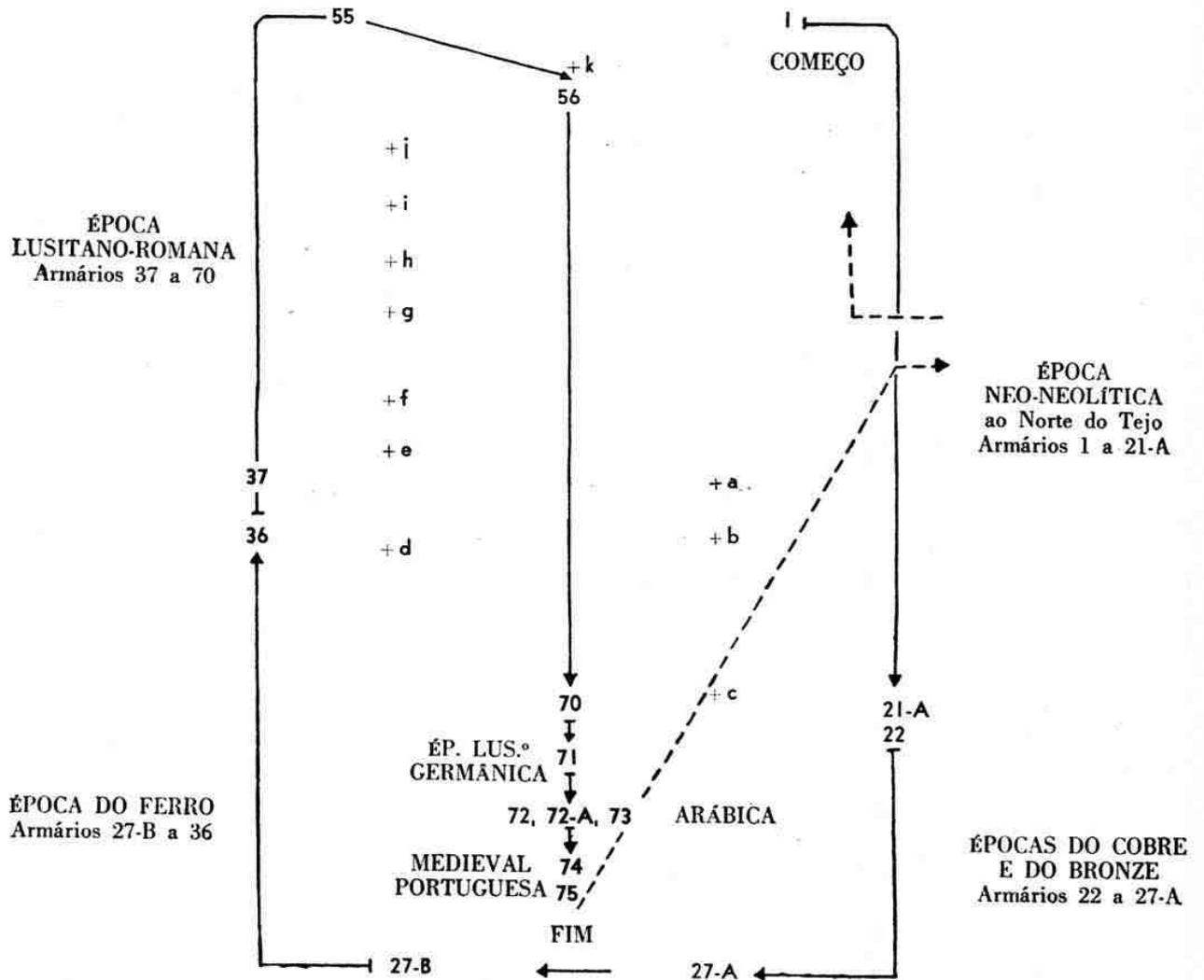
#### 4.<sup>a</sup> Secção

##### PAVIMENTO LATERAL DA SALA ANTERIOR

Saia da Sala anterior, pela linha preta, interrompida, do roteiro. Entra na *Secção Estrangeira*. Destina-se esta parte a comparar o que o visitante viu, proveniente de achados e escavações em Portugal, e o similar de fora de Portugal. Se contém representação etnográfica, vê-la-á na Secção portuguesa imediata, para também comparar. Nesta mesma Secção estão expostos instrumentos usados ainda pelos primitivos do Brasil e da Oceânia. Atente na série egípcia.

Abrem para esta Sala: a *Biblioteca* e a *Sala do Ouro* com as secções de joalharia arqueológica, esfragística e numismática (de visita condicionada), e a *Sala Portuguesa Ultramarina*, com armas, utensílios, adornos, manifestações artísticas, etc., dos povos indígenas das províncias ultramarinas de Portugal.

PLANO DA VISITA DO SALÃO DO 1.º ANDAR

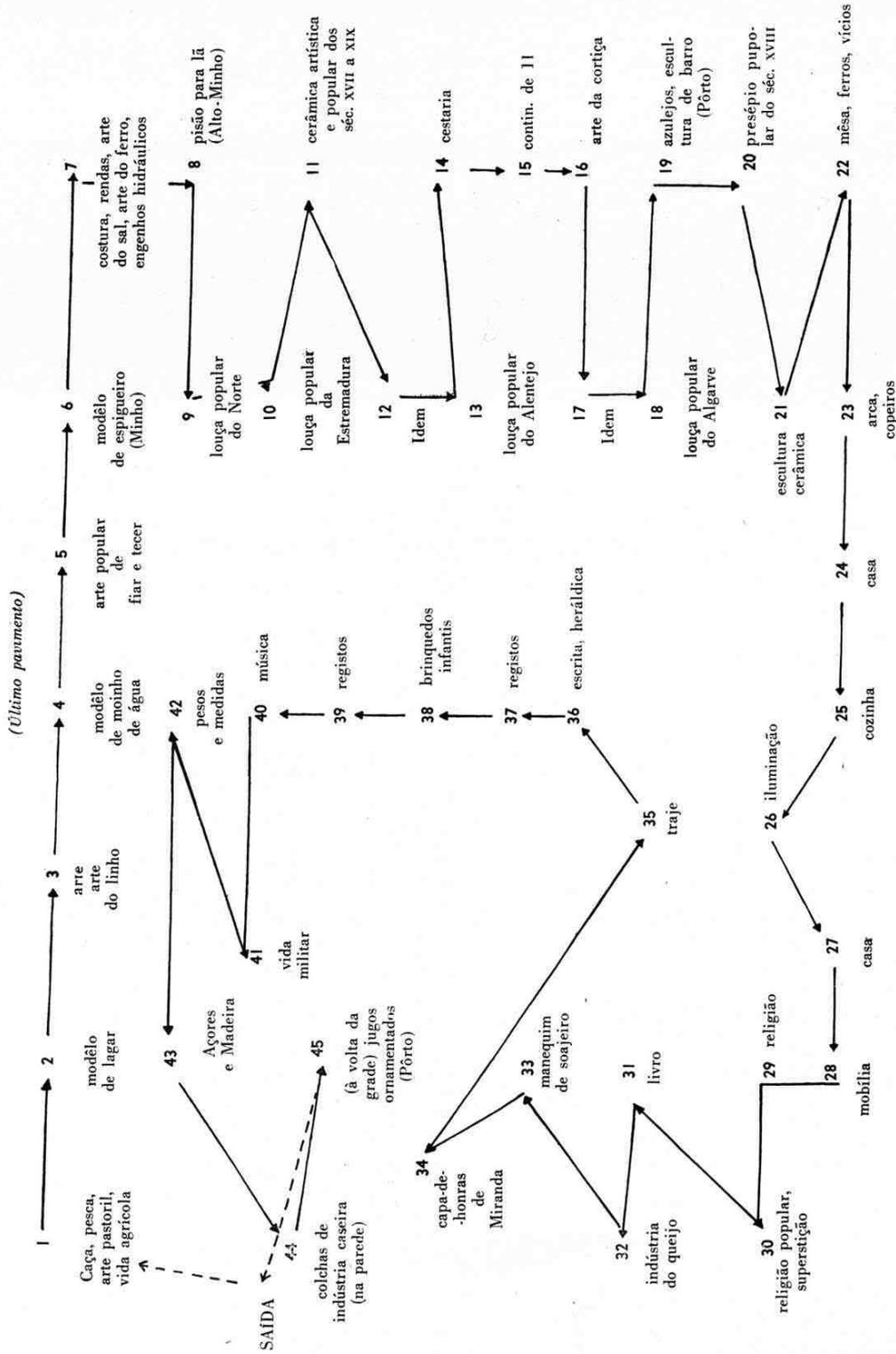


INDICAÇÕES: 1.ª o visitante, ao entrar no Salão, volta à sua direita, e segue desde o n.º 1, o traço cheio.

2.ª o visitante, ao chegar ao n.º 75, segue o traço interrompido, e sai para a 4.ª Secção.

Os materiais reunidos nesta Secção do Museu, além dos obtidos pela acção persistente do Dr. Leite de Vasconcellos entre os quais avultam os do espólio algarvio, romano, de Estácio da Veiga, provêm de escavações: do Dr. Leite de Vasconcellos, Dr. Félix Alves Pereira, que foi conservador do Museu, José de Almeida Carvalhais, antigo preparador-colector, Dr. Vergílio Correia, quando Conservador, Dr. Manuel Heleno, como Conservador e já como Director efectivo, e Luís Chaves, como Preparador.

PLANO DA VISITA DO SALÃO DA ETNOGRAFIA



INDICAÇÕES: seguir na visita o traço cheio.

Os materiais desta secção foram quasi todos obtidos pelo Dr. Leite de Vasconcellos.

5.<sup>a</sup> Secção

## ÚLTIMO PAVIMENTO

Não ficaria completa a lição colhida no Museu, nem tão-pouco seria integralmente cumprida a missão dele, se o roteiro não incluísse esta Secção Etnográfica. Até aqui, viu o visitante as provas das épocas passadas; nesta Secção encontra as da época actual, as do homem português, como vive, pensa, sente, na sua mentalidade conformada no presente e pelo passado. De todas as manifestações de vida do povo português tem que baste a Secção, para concluir o ensinamento desta visita de estudo. São objectos que todos conhecem, para que haja necessidade de mais informações. Constitui a parte viva do Museu. Artes, indústrias, religião; ocupações, passatempos, brinquedos infantis; trajés, lar, cerâmica, etc.

E agora, terminado este curso, que o Museu oferece ao estudo ou à simples curiosidade do visitante, volte mais vezes; encontrará de cada vez mais material de estudo, surgir-lhe-ão elementos novos; e, lá fora, diga o que é o Museu, porque presta óptimo e precioso auxílio à cultura dos seus amigos e ao sentido português do ensinamento do Museu.

## VII

PORTARIA EM QUE SE NOMEOU UMA COMISSÃO PARA A ELABORAÇÃO DO PROGRAMA DAS NOVAS INSTALAÇÕES PARA O MUSEU ETNOLÓGICO DO D.<sup>OR</sup> LEITE DE VASCONCELOS

«Manda o Governo da República Portuguesa, pelos Ministros das Obras Públicas e da Educação Nacional, nomear a seguinte comissão para a elaboração do programa das novas instalações para o Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos:

Doutor João Pereira Dias, director da Faculdade de Ciências de Coimbra e presidente da secção de antiguidades e numismática da Junta Nacional da Educação, que servirá de presidente.

Engenheiro Inácio Constantino de Meneses Oom do Vale, director de serviços da Comissão Administrativa dos Novos Edifícios Universitários.

Dr. João Couto, director do Museu Nacional de Arte Antiga.

Dr. Mário Chicó, professor de História de Arte da Faculdade de Letras de Lisboa e director do Museu de Évora.

Arquitecto Francisco dos Santos, da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Doutor Manuel Domingues Heleno Júnior, professor da Faculdade de Letras de Lisboa e director do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos.

A comissão deverá concluir os seus trabalhos no prazo de cento e vinte dias.

Ministérios das Obras Públicas e da Educação Nacional, 24 de Novembro de 1955. — O Ministro das Obras Públicas, *Eduardo de Arantes e Oliveira*. — O Ministro da Educação Nacional, *Francisco de Paula Leite Pinto*.»

## VIII

### PROGRAMA PARA A INSTALAÇÃO DO MUSEU ETNOLÓGICO DO D.<sup>OR</sup> LEITE DE VASCONCELOS NA CIDADE UNIVERSITÁRIA, DE QUE FOI RELATOR O PROF. DOUTOR MANUEL HELENO

Ex.<sup>mos</sup> Senhores Ministros da Educação Nacional e das Obras Públicas

Excelências:

Em 1893 fundou o Dr. Leite de Vasconcelos o Museu Etnológico e durante 50 anos, ele, os seus colaboradores e continuadores conseguiram formar o Museu de Arqueologia mais importante da Península. Não um simples Museu de Arqueologia, mas um museu de concepção muito mais vasta e original, só bem mais tarde realizada na Alemanha e duma maneira menos ampla.

Nele se estudam as origens e características do Povo Português, as suas linhas de força, a sua personalidade étnica e cultural desde a época da pedra até à actualidade; e o resultado das suas investigações é dado por três revistas de alto nível científico — *O Arqueólogo Português* (32 vols.), *Ethnos* (3 vols.) e *Boletim de Etnografia* (5 tomos), além de outras publicações.

Nele funcionam aulas de Arqueologia, de Epigrafia, de Numismática e de Etnologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos do Instituto de Alta Cultura, o Instituto de Arqueologia, História e Etnografia, e o estágio de conservadores tirocinantes dos Museus.

A par das investigações e da sua colaboração no ensino universitário é digno de nota o seu papel na divulgação científica e educação em geral. É o Museu mais frequentado de Lisboa e preferido pelos Liceus e Escolas para as suas excursões. O número dos seus visitantes, sempre ascendente, alcançou 74 796 no último ano.

O seu papel internacional, devido à situação de Portugal a ligar o mundo mediterrânico ao atlântico, é também excepcional e justifica plenamente as apreensões dos meios científicos estrangeiros, quanto ao seu destino, expressas nas seguintes palavras do Prof. Doutor Helmut Schlunk, director do Instituto Arqueológico Alemão, a colectividade científica mais categorizada neste campo de estudos:

Archaeologisches Institut  
Tgb-Nr. 1467/54 Schl-Ro  
Port/XXXIV

Serrano, 159  
Telegr. Deinst Madrid

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director  
do Museu Etnológico Português Dr. Manuel Heleno Júnior  
Museu Etnológico Português do Dr. Leite de Vasconcelos  
Belem/Lisboa

Cher professeur Heleno,

On m'a dit que le musée Etnologique du Docteur Leite de Vasconcelos court le péril d'être transféré à un nouveau local qui n'a pas été encore construit. Je souhaite de tout mon coeur que ce danger pourra être évité. Si le contenu du musée serait vraiment mis dans les caisses pour quelques années, ça signifierait prati-

quement la mort de ses collections, les plus importantes en préhistoire qui existent dans la péninsule. J'ai vu ces collections avant la mort du regretté Dr. Leite de Vasconcelos et après les nouvelles installations, spécialement des mosaïques, qui furent exécutés avec tant de succès par vous. L'importance de ce musée, dans mon opinion, est extrêmement grande, et sa clôture serait une perte énorme, non seulement pour le peuple et l'archéologie portugaises, mais pour l'archéologie de la péninsule et de l'Europe en générale.

J'espère donc, mon cher docteur Heleno, que vous réussirez à convaincre les autorités portugaises supérieurs du péril que signifierait cette mesure, qui aurait une répercussion très défavorable chez tous les collègues et chez le public en générale.

Avec l'expression de ma plus haute considération je suis toujours votre très dévoué.

(a) Helmut Schlunk

*Directeur de l'Institut Archéologique Allemand à Madrid*

No seu estado actual o Museu Etnológico abrange três galerias de Arqueologia, duas salas de Etnografia portuguesa, uma secção de Arqueologia e Etnografia comparativas, a sala de ourivesaria e de Numismática, a biblioteca, o arquivo de manuscritos e obras raras, a secretaria, o gabinete de desenho e arquivo fotográfico, os depósitos de material, a arrecadação das publicações, o quarto dos guardas e as instalações sanitárias.

*A área ocupada pelas salas de exposição permanente, biblioteca e serviços administrativos é de 7029,83 m<sup>2</sup> e a dos depósitos e da arrecadação das publicações de 711,94 m<sup>2</sup>, o que totaliza uma superfície de 7741,77 m<sup>2</sup>.*

Porém, a sua área é insuficiente para o material que possui. Estão sem instalação as colecções do Dr. Vergílio Correia, adquiridas por Sua Excelência o Presidente do Conselho, as colecções Estevens e Roseira e o importantíssimo material, citado já nas obras modernas de Arqueologia, das explorações feitas ultimamente pelo Museu em Rio Maior, Cambelas, Estremadura, etc.

O Museu está em constante crescimento e seria um erro metê-lo num colete de forças e condenar o produto das suas investigações, cada vez mais intensas, à inutilização pelo encaixotamento, no momento em que lá fora se lhe dá o mais alto valor. Basta dizer que a importantíssima *Historia de España*, dirigida por Menendez Pidal, consagra quatro volu-

mes de grande formato, com 3254 páginas, à época pré-histórica e romana, ou seja a uma parte do campo científico do Museu Etnológico!

Convém, portanto, encarar o problema com largueza, como se fez em Espanha e noutros países cultos.

\*

\*        \*

Ao elaborar o programa das futuras instalações do Museu Etnológico, esta Comissão não podia deixar de ter presente o já citado papel, que ele desempenha há mais de 60 anos na investigação arqueológica e etnográfica portuguesa, a riqueza das suas colecções, o seu papel internacional, as suas funções universitárias, como estabelecimento anexo à Faculdade de Letras de Lisboa, o seu lugar na educação popular, como Museu mais frequentado do País, a sua função de arquivo arqueológico e etnográfico da Nação.

E fê-lo não esquecendo que o Museu não é só para hoje, mas também para amanhã, e que por isso é preciso ter em conta o movimento museográfico moderno, a revolução que se está operando nos métodos de investigação, as exigências dum ensino actualizado das cadeiras que nele funcionam, a preparação de especialistas e conservadores de Museus, as necessidades dum estabelecimento sempre em crescimento por escavações ou achados fortuitos.

E quis fazê-lo não só atendendo à experiência estrangeira — «instituts spécialisés et musées doivent être assez vastes pour comprendre des salles d'exposition, mais aussi, de façon non moins urgente, des magasins, des laboratoires — ou les objects qui y seront entreposés puissent être préalablement consolidés et réparés — et des salles de travail, où ils seront étudiés» (Vide revistas *Antiquity*, n.º 103 e *L'Anthropologie* tomo 59.º, 1956, pág. 577) —, mas também respeitando a originalidade do mesmo, de modo a poder cumprir a missão a que se destina, a par dos Museus estrangeiros da sua categoria.

Desinteressados, como temos andado neste campo cultural, deixámos que o Museu Etnológico fosse superado nas instalações e na apresentação, não diremos já pelo Museu Arqueológico de Madrid, mas até pelos

museus provinciais arqueológicos de Barcelona e Sevilha, e consentimos no seu grande atraso em relação a outros museus — ao da Palestina, ao de Filadélfia, ao de Roma (Pigorini), ao do Reno, ao de muitos outros europeus e até africanos.

Com efeito, apesar de ele ocupar 7741 m<sup>2</sup>, não expõe por falta de espaço, como se disse, importantíssimas colecções, não dispõe de salas de aula (os alunos recebem as lições de pé), nem de seminários para a aprendizagem da investigação, nem de gabinetes para especialistas, nem de laboratórios, para aproveitamento e exploração dos materiais científicos, nem ao menos de gabinete fotográfico, nem de salas de preparação e classificação dos espólios exumados, nem de salas de exposição temporária para que se conheçam sem demoras os resultados das escavações, nem de um salão de conferências onde nacionais e estrangeiros possam comunicar com o público, nem duma apresentação sugestiva, que ensine sem cansaço! Uma riqueza científica e pedagógica que se não tem sabido aproveitar!

Pois bem: esta Comissão pretendeu suprir estas deficiências e fazer do Museu Etnológico um Museu para a nossa época e com possibilidades para algumas décadas.

Indo ao encontro da revolução que se está operando nos métodos de investigação arqueológica, criaram-se laboratórios que à primeira vista poderão ser julgados excessivos, mas que o não serão logo que a investigação portuguesa acompanhe o movimento de renovação em marcha nas nações mais progressivas. (Vide A. Laming, *La découverte du passé* e A. J. C. Atkinson, *Field Archaeology*.)

Não só isso: considerou-se nas salas de exposição não apenas as necessidades do público em geral — salas pequenas, atraentes, dirigidas à vista e à imaginação — mas outrossim as dos universitários e especialistas (pré-historiadores, arqueólogos, antropólogos, epigrafistas, numismatas e etnógrafos), dotando o Museu também de extensas secções de estudo, que, pela sua ordenação científica e acentuação da personalidade das culturas pré-históricas e históricas portuguesas, venham a ser ao mesmo tempo uma escola de etnologia e de nacionalismo português e uma apresentação de muitos espécimes sem interesse para o público, mas com muito para a ciência.

Mais ainda: Procurou-se dar guarida conveniente e metódica, sal-

vando-o para os vindouros, ao muito que do nosso passado vai aparecendo no País com interesse local.

E, assim, para que as novas instalações do Museu proporcionem as condições exigidas pela sua tríplice função de instrumento de *cultura geral*, de *investigação científica* e de *ensino*, o programa que temos a honra de apresentar prevê as seguintes secções:

- A) Salas de exposição permanente para o público;
- B) Salas de exposição permanente para especialistas e estudantes;
- C) Depósitos para arquivo do material de interesse local;
- D) Serviços de investigação;
- E) Serviços de ensino e expansão cultural;
- F) Serviços administrativos e auxiliares.

Dentro desta organização entende esta Comissão que se deve ainda ter em conta:

1.º — Um Museu da índole do Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos é um organismo em constante crescimento. Por isso, as partes do edifício reservadas à exposição ao público e a depósito do material científico devem compreender, desde já, zonas de reserva para futuras secções ou para o desdobramento das actuais; e a traça do edifício deve ser concebida de sorte que ele possa ampliar-se, em futuro mais ou menos distante, sem quebra da sua unidade architectónica.

2.º — Para evitar a monotonia da apresentação dos objectos expostos ao público deve variar a extensão e a forma das salas; nalgumas delas dever-se-á tirar partido de vitrines incorporadas nas paredes; e muito convirá que a planta do edifício compreenda alguns claustros, a fim de valorizar a apresentação dos objectos que se prestam a ser expostos ao ar livre.

3.º — O edifício deve ser totalmente construído com materiais incombustíveis.

4.º — A parte reservada ao público e a parte destinada aos outros serviços devem não só ter entradas independentes mas ocupar alas ou andares diferentes, — applicando-se ao público, neste último caso, os anda-

res inferiores; e os depósitos para arquivo de material de interesse local poderão ficar nas caves.

5.º — Antes de se proceder à elaboração do projecto do edificio, convirá que o architecto escolhido para tal efeito visite, na companhia do director do Museu, alguns estabelecimentos congêneres estrangeiros recentemente construídos ou remodelados, a fim de se aproveitarem os dispositivos considerados úteis e de se evitarem os que a experiência mostrou serem de rejeitar.

## PROGRAMA

### A) SALAS DE EXPOSIÇÃO PERMANENTE

I — Das colecções destinadas ao público:

- a) *Cinco salas dispostas de modo a constituírem um todo, uma espécie de prólogo do Museu e onde se procurará mostrar a sua finalidade, a explicação em síntese da vida material e psíquica do povo português (evolução da caça, pesca, pastorícia, agricultura, indústrias, transportes, habitação, vida intelectual e artística, e religião).*

Uma sala central e quatro salas laterais mais pequenas — Área total — 500 m<sup>2</sup>.

- b) *Salas de Arqueologia destinadas ao público:*

1 — *Sala procurando dar o ambiente do paleolítico.*

Elementos faunísticos extraídos das pinturas rupestres: tipos de raças quartenárias, quadro comparando a existência do homem à superfície da terra com a dos animais, etc. — Superfície — 100 m<sup>2</sup>.

2 — *Sala do paleolítico inferior.*

Mostruários embutidos na parede e com luz própria para as indústrias típicas deste período e dioramas ou quadrados respeitantes à vida primitiva: a gruta da Furninha, fabrico do fogo e dos primeiros instrumentos, processos de caça, etc. — Superfície — 150 m<sup>2</sup>.

3 — *Sala do paleolítico superior.*

O mesmo tipo de mostruários. Especialização da indústria. Descoberta do arco. Cenas de caça extraídas das pinturas rupestres, combates, colheita do mel silvestre, o aparecimento da família, danças mágicas, obras de arte, etc. — Área — 150 m<sup>2</sup>.

4 — *Sala do mesolítico.*

O mesmo tipo de mostruários. Aparecimento da habitação construída pelo homem. Importância da pesca. Os concheiros de Muge e Rio Maior. Pinturas e gravuras rupestres — Área — 100 m<sup>2</sup>.

5 — *Salas do neolítico e calcolítico.*

*Três salas: a primeira* para a morada dos vivos — castros, chão de cabanas, grutas;

*A segunda* evocando as descobertas realizadas neste período — a pastorícia, a agricultura, a cerâmica, o polimento da pedra, a arquitectura e a arte esquemática;

*A terceira* o culto dos mortos: dólmenes, grutas artificiais, representações funerárias, etc.

Reprodução de santuários e das pinturas de Cachão da Rapa. Esperança e Pala Pinta. Representação em quadros de animais domésticos, do *homo mediterraneus*, das antas portuguesas e suas pinturas, etc. — Área total 100 m<sup>2</sup> + 150 m<sup>2</sup> + 150 m<sup>2</sup> = 400 m<sup>2</sup>.

6 — *Época do bronze.*

Sala para exposição do bronze mediterrânico e bronze atlântico. Descoberta da metalurgia; instrumentos e seus fabrico; cerâmica argárica; cistas; tampas sepulcrais insculturadas; gravuras rupestres de Trás-os-Montes. — Área — 150 m<sup>2</sup>.

7 — *Época do ferro.*

*Dois salas: uma* evocando a vida dos Lusitanos — castros do Norte e Sul de Portugal; inscrições e moedas ibéricas; bronzes, etc., *outra* os seus campos de urnas (Chaminé) e necrópoles (Alcácer do Sal). A escultura (estátuas e berrões) distribuída pelas duas salas — Área mínima das duas salas — 400 m<sup>2</sup>.

*Época lusitano-romana (7 salas).*

— *Duas salas* evocando a vida material, intelectual, religiosa e artística dos lusitano-romanos — Superfície — 400 m<sup>2</sup>.

— *Sala do mosaico das Musas* (Torre de Palma) — Área — 160 m<sup>2</sup>, ficando rodeado de passagens de 2,20 m<sup>2</sup> de lado.

Parede com vitrines embutidas e com iluminação própria.

— *Sala dos mosaicos dos cavalos, tapete e das flores* (Torre da Palma). — Área — 190 m<sup>2</sup> — Características idênticas à sala anterior.

Espaço entre os mosaicos 1,20 m.

— *Sala do mosaico de St.<sup>a</sup> Vitória do Ameixial* — Área — 200 m<sup>2</sup> — Características semelhantes às das duas salas anteriores.

— *Sala dos mosaicos de Cós* — Área — 110 m<sup>2</sup>.

Passagens com larguras iguais às anteriores.

*Sala do mosaico de Martim Gil* (Leiria) — Área — 130 m<sup>2</sup>

O topo da sala será semicircular e terá a abóbada em quarto de esfera.

9 — *Sala páleo-cristã e visigótica* — Área — 100 m<sup>2</sup>.

Espólios de Mértola e Silveirona, etc.

10 — *Sala arábica* — Área — 80 m<sup>2</sup>.11 — *Sala medieval portuguesa* — Área — 200 m<sup>2</sup>.12 — *Salas para exposição de espécimes de épocas posteriores* — Área — 200 m<sup>2</sup>.13 — *Secção de arqueologia comparativa* (4 salas).

Antiguidades pré-históricas, orientais, clássicas, peças medievais, etc.

— Área: 2 salas com área de 80 m<sup>2</sup> cada uma e as outras a 60 m<sup>2</sup>.

14 — *Secção de ourivesaria arcaica, numismática e medalhística* (3 salas e um gabinete).

— *Sala de ourivesaria arcaica* — Área: 100 m<sup>2</sup> e as seguintes características: paredes reforçadas, porta de segurança, iluminação artificial, vitrines metidas numa parede falsa pouco afastada da parede da sala e com fechaduras de segurança e vidro inquebrável de grande espessura. A ventilação far-se-á de modo que o grau de humidade seja sempre muito baixo.

— *Duas para numismática e sigilografia*: uma para a numismática continental, insular e ultramarina e do Brasil enquanto colónia, com 120 m<sup>2</sup>; outra para a medalhística e sigilografia com 60 m<sup>2</sup>.

— *Um gabinete de tratamento, classificação e depósito de espécies*, com a área de 20 m<sup>2</sup>.

c) *Salas de etnografia continental destinadas ao público*:

1 — *Vida tradicional do povo português* — Caça, pesca, pastorícia e agricultura — Galeria de 8 m × 24 m = 192 m<sup>2</sup>.

2 — *Cerâmica tradicional*: tipos dos sécs. XVI a XIX. Tipos correntes, por províncias e por classes de características distintas. Galeria de 8 m × 24 m = 192 m<sup>2</sup>.

3 — *A casa tradicional e seu arranjo*. Tipos de casas populares. Aldeamentos. Alimentação. Indústrias correlativas, mobiliário, etc Reconstituições de interiores.

Uma galeria com as dimensões de 6 m × 20 m, ladeada de outras mais estreitas, de 4 m × 20 m e compartimentáveis, destinadas à reconstituição de interiores — Área total — 280 m<sup>2</sup>.

4 — *Transportes terrestres e fluviais*.

Evolução do carro (da zorra ao carro de bois). Tipos de carros de tracção animal. Aprestos. Evolução da jangada ao barco de vela e modelos.

Transporte a dorso do homem e de animais.

Galeria de 6 m × 20 m = 120 m<sup>2</sup>.

5 — *Pesos e medidas*.

Medidas lineares (vara, côvado), de capacidade (receptáculos de cabaça, vime, barro, madeira, lata, latão e cobre), pesos (de pedra, ferro, latão e bronze), balanças, medição do tempo (ampulhetas, relógios de sol, relógios velhos, etc.) — Área — 60 m<sup>2</sup>.

6 — *O catolicismo nas formas e práticas populares*.

Ermidas, alminhas e cruzeiros. Imagens, medalhas, ex-votos, milagres, presépios, rosários, registos de santos, flores de romaria, altar e andor, etc. — Área — 120 m<sup>2</sup>.

7 — *Mitologia popular e simbólica.*

Amuletos de todos os tipos e materiais. Representação simbólico-decorativa na arte popular — Área — 40 m<sup>2</sup>

8 — *Medicina popular.*

Magia e feitiçaria, objectos mágicos e de práticas feiticeiras: receitas antigas; instrumentos rudimentares de cirurgia, ervário, almorfarizes e boiões e outra cerâmica farmacêutica — Área — 40 m<sup>2</sup>.

9 — *Trajo.*

Manequins, figuras, desenhos, estampas, aprestos e guarnições, etc. — Área — 120 m<sup>2</sup>.

10 — *Artes populares.*

Escultura, pintura, gravura, barro, madeira, cortiça, cana, couro e pelo, chifre, osso, pedra, metais; forma e decoração — Área — 160 m<sup>2</sup>.

11 — *Distrações e recreações.*

Jogos infantis e de adultos; cerâmica infantil; bonecagem; instrumentos musicais, de sopro e de percussão infantis e de adultos, etc. — Área — 60 m<sup>2</sup>.

12 — *Etnografia comparativa*, ou de paralelismo e equivalência entre formas e tipos portugueses e estrangeiros, antigos e modernos — Área — 60 m<sup>2</sup>.d) *Salas de etnografia insular e ultramarina destinadas ao público*

1 — Ilhas adjacentes — Área — 60 m<sup>2</sup>.

2 — Cabo Verde, Guiné e S. Tomé e Príncipe — Área — 100 m<sup>2</sup>.

3 — Angola — Área — 120 m<sup>2</sup>.

4 — Moçambique — Área — 120 m<sup>2</sup>.

5 — Índia — Área — 60 m<sup>2</sup>.

6 — Extremo-Oriente e Insulíndia — Área — 60 m<sup>2</sup>.

7 — Arte colonial.

8 — A tradição portuguesa no Brasil. Relações de elementos portugueses com o elemento indiano e com o elemento africano — Área — 120 m<sup>2</sup>.

II — *Colecções de estudo* (para estudantes universitários e especialistas — Arqueologia, antropologia, etnografia — Área total — 3000 m<sup>2</sup> em salas compartimentáveis).

B) *DEPÓSITOS*

a) *De material científico* não exposto com a área de 3200 m<sup>2</sup> (caves) :

1 — Paleolítico — Área — 600 m<sup>2</sup>.

2 — Mesolítico — 150 m<sup>2</sup>.

3 — Neo-eneolítico — 600 m<sup>2</sup>.

4 — Época de bronze e ferro — 300 m<sup>2</sup>.

5 — Época lusitano-romana — 600 m<sup>2</sup>.

6 — Época visigótica, arábica e Idade Média portuguesa — 350 m<sup>2</sup>.

7 — Epigrafia — 600 m<sup>2</sup>.

b) *Casa forte* — Depósito dos valores do Museu não em exposição. — Área — 20 m<sup>2</sup>.

C) *SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS E SALÃO DE CONFERÊNCIAS*

a) Pequena sala de exposições temporárias junto do salão de conferências com 8 m x 16 m = 130 m<sup>2</sup>.

b) Pequeno depósito anexo com 8 m x 4 m = 32 m<sup>2</sup>.

c) Salão de conferências, com projecções fixas e animadas para 250 pessoas, junto às salas de exposições temporárias.

D) *SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS*

1 gabinete do director.

1 secretaria, para 2 secretárias e 1 máquina de escrever.

1 arquivo de secretaria (15 m<sup>2</sup>).

1 sala de espera.

E) *SERVIÇOS CENTRAIS*

1 gabinete de trabalho para o director (30 m<sup>2</sup>).

10 gabinetes de trabalho para naturalistas, conservadores e investigadores (20 a 24 m<sup>2</sup> cada um).

- 1 gabinete e 1 sala de trabalho, anexa, para desenhadores (20 a 30 m<sup>2</sup>).
- 4 gabinetes de trabalho para assistentes (20 m<sup>2</sup> cada um).
- 1 sala de reuniões do pessoal técnico e docente, para 20 pessoas (32 m<sup>2</sup>).
- 1 sala de reuniões do Instituto de Arqueologia e do Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos, para 20 pessoas (32 m<sup>2</sup>).
- 1 sala de espera.

#### F) *SERVIÇOS DOCENTES*

- 2 salas de lições magistrais, em anfiteatro, para 100 alunos.
  - N. B. Estas salas devem ser dotadas de antecâmara, com armário e lavatório, em comunicação directa com o topo da sala ocupado pelo professor.
- 2 salas de trabalhos práticos e provas escritas, para 50 alunos.
  - N. B. Estas salas devem ser dotadas de antecâmara, nas condições indicadas para as salas de lições magistrais; devem ser mobiladas com mesas individuais, de tampo horizontal de 40 x 80 cm com espaço de 50 cm para o assento e com uma coxia de 70 cm.
- 6 salas de trabalhos de seminário, para 20 alunos.
  - N. B. Cada sala, com a área aproximada de 48 m<sup>2</sup>, deve ser dotada de dois pequenos gabinetes, para o professor e o assistente, em comunicação directa com um dos topos e deve ser mobilada com 10 mesas de tampo horizontal, de 140 x 70 cm, e com armários.
- 1 sala de estar, para os alunos (36 a 40 m<sup>2</sup>).
- 1 átrio.

#### G) *BIBLIOTECA E ARQUIVO*

- 1 sala central (120 m<sup>2</sup>).
- 1 sala para a livraria de Leite de Vasconcellos, imposta por disposição testamentária (120 m<sup>2</sup>).
- 1 depósito geral para 100 000 volumes.
- 1 sala de reservados e manuscritos (48 m<sup>2</sup>).
- 1 sala para o ficheiro, junto à sala central (20 m<sup>2</sup>).
- 1 sala para arquivo fotográfico e respectivo ficheiro (36 m<sup>2</sup>).
- 1 discoteca e respectivo ficheiro (36 m<sup>2</sup>).
- 1 sala de leitura, para 120 leitores.

H) *SERVIÇOS TÉCNICOS*

- 1 sala para recepção e classificação do material (36 m<sup>2</sup>).
- 1 sala para arquivo de desenhos, cartas topográficas, cadernos de campo, etc. (36 m<sup>2</sup>).
- 1 instalação para trabalhos fotográficos, com 2 câmaras escuras e 1 câmara de secagem (36 m<sup>2</sup>).
- 1 gabinete de espectrografia, raios X e luz de Wood (36 m<sup>2</sup>).
- 1 laboratório de análises químicas sumárias (36 m<sup>2</sup>).
- 1 laboratório de petrologia (36 m<sup>2</sup>).
- 1 laboratório de antropologia (36 m<sup>2</sup>).
- 1 laboratório de paleozoologia (36 m<sup>2</sup>).
- 1 laboratório de paleobotânica (36 m<sup>2</sup>).
- 1 laboratório para datagem por processos físicos (36 m<sup>2</sup>).
- 1 oficina para trabalhos de conservação e restauro de cerâmica e de vidros (36 m<sup>2</sup>).
- 1 oficina para trabalhos de conservação e restauro de metais (36 m<sup>2</sup>).
- 1 armazém de sobressalentes, equipamentos de campanha e materiais diversos (48 m<sup>2</sup>).

I) *SERVIÇOS AUXILIARES*

- 1 armazém de publicações do Museu, com um gabinete anexo, para a expedição das publicações e o ficheiro das permutas (36 e 12 m<sup>2</sup>).
- 1 garagem para 2 carros pesados.
- 1 sala para refeições do pessoal e pequena copa, anexa, para 20 pessoas.
- 2 casas de banho, com chuveiro.
- 1 residência do fiel.

J) *SERVIÇOS ACESSÓRIOS*

- Átrios e salas de espera.
- Vestiários para o público, pessoal e alunos.
- Instalações sanitárias para o público, pessoal e alunos, dos dois sexos.
- Iluminação com características especiais nas salas de exposição e dos serviços técnicos.
- Tomadas de corrente eléctrica para aspiradores de pó, máquinas enceradoras, candeeiros móveis e outros utensílios.

Aquecimento das salas de exposição e dos serviços administrativos docentes e técnicos.

Ascensores e monta-cargas.

Comunicações telefónicas internas.

## IX

## MOVIMENTO DO MUSEU

1954

Durante o ano registaram-se 74 069 entradas no Museu:  
Público em geral -- 71 259; População escolar — 2 810

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
Janeiro . . . . .	411	3 787	4 198
Fevereiro . . . . .	345	3 905	4 250
Março . . . . .	519	4 188	4 707
Abril . . . . .	732	4 994	5 726
Maio . . . . .	886	6 575	7 461
Junho . . . . .	826	4 939	5 765
Julho . . . . .	945	4 894	5 839
Agosto . . . . .	1 578	7 128	8 706
Setembro . . . . .	1 138	7 965	9 103
Outubro . . . . .	755	7 782	8 537
Novembro . . . . .	496	4 787	5 283
Dezembro . . . . .	342	4 152	4 494
<i>Total</i> . . . . .	8 973 a)	65 096	74 069

*Receitas depositadas nos Cofres do Estado:*

a) Entradas pagas — 8 973 a 2\$50 . . . . .	22 432\$50
Bilhetes postais — 351 a 1\$50 . . . . .	526\$50
<i>O Arqueólogo Português</i> e outras publicações	920\$00
<i>Total</i> . . . . .	23 879\$00

*Visitas Colectivas*

Designação	Visitantes
Centro Escolar N.º 27 (Liceu de Passos Manuel) .....	65
Escola de Artes Decorativas de «António Arroio» .....	17
Escola Industrial de Fonseca Benevides (2 grupos) .....	60
Escola Comercial de Veiga Beirão .....	28
Instituto Superior Missionário do Espírito Santo (Carcavelos) .....	12
Liceu Nacional de Oeiras (Oeiras) .....	28
Escola Industrial e Comercial de Alfredo da Silva (Barreiro) .....	90
Escola Comercial de Dona Maria I (4 turnos de 40 alunas) .....	160
Externato Progresso (Sexo Masculino) .....	12
Liceu de Pedro Nunes (2 turnos de 35 alunos) .....	70
Liceu da Rainha D. Leonor .....	28
Externato do Sagrado Coração de Jesus .....	14
Escola-Asilo de S. Pedro de Alcântara .....	17
Liceu de D. João de Castro .....	60
Escola Mista (Sapataria-Oeste) .....	6
Grupos de Universitários .....	870
Professores universitários franceses, dirigidos por Ivonne Bastard, professora da Faculdade de Letras da Universidade de Rennes (França) .....	30
Instituto de Odivelas (4 turnos de 30 alunas) .....	120
Liceu de Camões .....	27
Reformatório de Lisboa (Sexo Feminino) .....	18
Liceu de D. Filipa de Lencastre (4 turnos) .....	131
Destacamento do Forte do Alto do Duque .....	17
Lycée Français Charles Lepierre (2 turnos) .....	54
Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho .....	90
Grupos de alunos universitários .....	630
Escola Masculina de Clenardo .....	48
Escola Industrial de Marquês de Pombal .....	60
Escola Comercial de Ferreira Borges .....	28
Escola Primária N.º 157 .....	20
<i>Total</i> .....	2 810 b)

b) Incluído nas entradas grátis.

1955

Durante o ano registaram-se 74 796 entradas no Museu:  
Público em geral — 71 129; População escolar — 3 667

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
Janeiro .....	347	4 324	4 671
Fevereiro .....	384	5 729	6 113
<i>A transportar</i> .....	731	10 053	10 784

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
<i>Transporte</i> ... ..	731	10 053	10 784
Março . . . . .	466	5 973	6 439
Abril . . . . .	831	5 585	6 416
Maió . . . . .	819	5 948	6 767
Junho . . . . .	690	5 097	5 787
Julho . . . . .	663	5 116	5 779
Agosto . . . . .	1 793	9 348	11 141
Setembro . . . . .	1 062	7 184	8 246
Outubro . . . . .	666	5 644	6 310
Novembro . . . . .	427	3 261	3 688
Dezembro . . . . .	365	3 074	3 439
<i>Total</i> ... ..	8 513 a)	66 283	74 796

*Receitas depositadas nos Cofres do Estado:*

a) Entradas pagas — 8 513 a 2\$50 . . . . .	21 282\$50
Bilhetes postais — 302 a 1\$50 . . . . .	453\$00
<i>O Arqueólogo Português</i> e outras publicações	980\$00
<i>Total</i> ... ..	22 715\$50

*Visitas Colectivas*

Designação	Visitantes
Missão científica do Instituto Arqueológico Alemão (Espanha) ... ..	17
Liceu de Perpinhão (França) ... ..	120
Escola Industrial de Fonseca Benevides (3 turnos) ... ..	104
Curso N.º 3 da Campanha Nacional da Educação de Adultos . . . . .	11
Curso N.º 1 da Campanha Nacional da Educação de Adultos . . . . .	8
Centro N.º 75 da Mocidade Portuguesa Feminina (Lycée Charles Lepierre)	130
Curso do Sagrado Coração de Jesus ... ..	50
Liceu Nacional de Alexandre Herculano ... ..	31
Escola Comercial do Ateneu Comercial de Lisboa ... ..	80
Externato de D. Teresa Afonso (Sexo Feminino — Algés) ... ..	17
Escola Industrial e Comercial de Alfredo da Silva (Barreiro) . . . . .	30
A Voz da Operário (5 turnos) ... ..	150
<i>A transportar</i> ... ..	748

Designação	Visitantes
<i>Transporte</i> ... ..	748
Asilo-Escola de António Feliciano de Castilho (Associação Promotora do Ensino dos Cegos) ... ..	9
Escola-Asilo de S. Pedro de Alcântara .. ..	92
Escola Industrial de Josefa de Óbidos ... ..	53
Escola Comercial de Patrício Prazeres (4 turnos) ... ..	100
Centro N.º 1 da Mocidade Portuguesa Feminina (Estremadura) ... ..	153
Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho .. ..	150
Externato Barreirense (Barreiro) .. ..	123
Escola Industrial e Comercial de Tomar (Tomar) ... ..	117
Grupos de universitários ... ..	890
Escola Primária Elementar N.º 67 (Ameixoeira) .. ..	37
Escola de Artes Decorativas de «António Arroio» (2 turnos) ... ..	85
Escola Profissional de Pesca .. ..	90
Casa Pia de Lisboa (7 turnos) .. ..	210
Escola Primária Oficial N.º 144 (Sexo Feminino) ... ..	21
Escola Comercial de Ferreira Borges .. ..	247
Centro N.º 45 da Mocidade Portuguesa (Externato Garcia da Orta) .. ..	50
Dominican Convent «Bom Sucesso» .. ..	13
Liceu Nacional de D. João de Castro .. ..	235
Instituto de Odivelas .. ..	132
Centro N.º 61 da Mocidade Portuguesa Feminina (Escola de Artes Decorativas de «António Arroio») .. ..	40
Escola de Educadoras da Infância .. ..	72
<i>Total</i> ... ..	3 667 b)

b) Incluído nas entradas grátis.

1956

Durante o ano registaram-se 75 839 entradas no Museu:  
Público em geral — 72 527; População escolar — 3 312

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
Janeiro .. ..	508	4 408	4 916
Fevereiro .. ..	327	3 855	4 182
Março .. ..	749	4 761	5 510
Abril .. ..	655	8 087	8 742
Maior .. ..	829	7 330	8 159
Junho .. ..	714	3 544	4 258
Julho .. ..	654	6 158	6 812
<i>A transportar</i> .. ..	4 436	38 143	42 579

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
<i>Transporte</i> .....	4 436	38 143	42 579
Agosto .....	1 866	6 057	7 923
Setembro .....	1 296	6 198	7 494
Outubro .....	889	5 729	6 618
Novembro .....	449	5 020	5 469
Dezembro .....	352	5 404	5 756
<i>Total</i> .....	9 288 a)	66 551	75 839

*Receitas depositadas nos Cofres do Estado:*

a) Entradas pagas — 9 288 a 2\$50 . . . . .	23 220\$00
Bilhetes postais — 385 a 1\$50 . . . . .	577\$50
<i>O Arqueólogo Português</i> e outras publicações	1 035\$00
<i>Total</i> . . . . .	24 832\$50

*Visitas Colectivas*

Designação	Visitantes
Instituto de Odivelas (3 turnos) . . . . .	105
Escola Comercial de Veiga Beirão .. . . .	38
Liceu Nacional de Alexandre Herculano . . . . .	40
Liceu e Colégios de Perpinhão (França) . . . . .	170
Escola Industrial de Josefa de Óbidos .. . . .	160
Escola Industrial de D. Luísa de Gusmão . . . . .	144
Alunos da cadeira de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra (Coimbra) . . . . .	30
Escola Comercial do Ateneu Comercial de Lisboa (4 turnos) . . . . .	160
Externato de Camões (Ftroncamento) . . . . .	58
Escola Industrial e Comercial de Alfredo da Silva (Barreiro) . . . . .	30
Liceu Nacional de Gil Vicente . . . . .	42
Centro Escolar Primário N.º 78 (Mocidade Portuguesa) . . . . .	37
Excursão orientada por Henry Mialhe, Presidente do Conselho de Administração da Association France-Portugal, de Bordéus (França) . . . . .	125
Associação Internacional das Artes Plásticas . . . . .	23
Conselho Internacional dos Museus . . . . .	38
<i>A transportar</i> . . . . .	1 200

Designação	Visitantes
<i>Transporte</i> .....	1 200
Colónia Balnear Infantil de «O Século» (S. Pedro do Estoril) .....	99
Liceu Nacional de D. João de Castro .....	60
Grupos de alunos universitários .....	720
Centro Escolar N.º 27 (Liceu de Passos Manuel) .....	80
Casa Pia de Lisboa — Secção de Pina Manique (7 turnos) .....	210
Centro N.º 75 da Mocidade Portuguesa Feminina (Lycée Charles Lepierre) — 3 turnos .....	95
Escola Profissional de Pesca (4 turnos) .....	120
Escola de Educadoras da Infância .....	24
Externato Barreirense (Barreiro) .....	75
Estudantes de Katholisches Pfarramt de Giessen, de Bona (Alemanha) .....	36
A Voz do Operário .....	44
Escola de Artes Decorativas de «António Arroio» .....	90
Dominican Convent «Bom Sucesso» .....	20
Escola Industrial e Comercial de Tomar (Tomar) .....	125
Asilo-Escola de António Feliciano de Castilho (Associação Promotora do Ensino dos Cegos) .....	14
Liceu de Pedro Nunes .....	30
Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho .....	90
Escola Comercial de Ferreira Borges .....	120
Curso do Sagrado Coração de Jesus .....	60
<i>Total</i> .....	3 312 b)

b) Incluído nas entradas grátis.

1957

Durante o ano registaram-se 80 229 entradas no Museu:  
Público em geral — 75 284; População escolar — 4 945

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
Janeiro .....	346	4 511	4 857
Fevereiro .....	631	6 052	6 683
Março .....	515	6 896	7 411
Abril .....	895	4 554	5 449
Maio .....	1 224	6 630	7 854
Junho .....	829	6 123	6 952
Julho .....	1 073	7 093	8 166
Agosto .....	1 988	6 668	8 656
<i>A transportar</i> .....	7 501	48 527	56 028

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
<i>Transporte</i> ... ..	7 501	48 527	56 028
Setembro . . . . .	808	8 931	9 739
Outubro . . . . .	826	5 519	6 345
Novembro . . . . .	475	4 170	4 645
Dezembro . . . . .	367	3 105	3 472
<i>Total</i> ... ..	9 977 a)	70 252	80 229

*Receitas depositadas nos Cofres do Estado:*

a) Entradas pagas — 9 977 a 2\$50 . . . . .	24 942\$50
Bilhetes postais — 358 a 1\$50 . . . . .	537\$00
<i>O Arqueólogo Português</i> e outras publicações	1 240\$00
<i>Total</i> ... ..	26 719\$50

*Visitas Colectivas*

Designação	Visitantes
Cursos literários da Escola da Polícia de Segurança Pública . . . . .	170
Escola Industrial e Comercial de Almada (Almada) . . . . .	100
IV Congresso Médico dos Radiologistas e Electrologistas de Cultura Latina	230
Escola Oficial do Ensino Primário Elementar (Zambujal) . . . . .	30
Escola Comercial do Ateneu Comercial de Lisboa (4 turnos) . . . . .	120
Instituto Espanhol (Sevilha) . . . . .	50
Escolas Primárias do Albergue da Mitra . . . . .	143
Escola Privativa N.º 1 da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário» . . . . .	124
École du Louvre (França) . . . . .	37
Société des Amis du Louvre (França) . . . . .	28
Escola de Educadoras da Infância . . . . .	75
Instituto dos Ferroviários do Sul e Sueste (Barreiro) . . . . .	80
Escola Comercial de Ferreira Borges . . . . .	53
Escola Industrial e Comercial de Alfredo da Silva (Barreiro) . . . . .	210
Escola Comercial de Veiga Beirão . . . . .	120
Grupos de alunos universitários . . . . .	1 020
Instituto Profissional dos Pupilos do Exército . . . . .	126
<i>A transportar</i> ... ..	2 716

Designação	Visitantes
<i>Transporte</i> ... ..	2 716
Escola Primária do Couço (Coruche) ... ..	45
Centro Educativo do Barreiro — Companhia União Fabril (Barreiro) ... ..	60
Lar Infantil da Rainha D. Amélia .. ..	75
Externato Nacional de Moscavide (Moscavide) ... ..	8
Externato Primário de Monte Pedral ... ..	7
Escola Comercial da «Voz do Operário» ... ..	30
Escola Técnica Elementar de Nuno Gonçalves ... ..	20
Colégio de Vila Nova de Gaia (Porto) . . . . .	31
Liceu de Camões ... ..	75
Externato do Parque do Instituto de Santa Doroteia ... ..	27
Escola Profissional de Pesca . . . . .	270
Casa Pia de Lisboa ... ..	320
Liceu Nacional de D. João de Castro ... ..	230
Instituto de Odivelas ... ..	328
Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho .. ..	230
Dominican Convent «Bom Sucesso» . . . . .	20
Escola de Artes Decorativas de «António Arroio» ... ..	123
Liceu Nacional de Oeiras (Oeiras) ... ..	110
Liceu de Passos Manuel .. ..	90
Liceu de Pedro Nunes ... ..	130
<i>Total</i> ... ..	4 945 <i>b)</i>

b) Incluído nas entradas grátis.

1958

Durante o ano registaram-se 80 801 entradas no Museu:  
Público em geral — 74 492; População escolar — 6 309

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
Janeiro ... ..	399	4 822	5 221
Fevereiro ... ..	458	4 737	5 195
Março ... ..	425	4 944	5 369
Abril ... ..	575	5 454	6 029
Maio ... ..	821	3 372	4 193
Junho ... ..	464	6 383	6 847
Julho ... ..	859	7 373	8 232
Agosto ... ..	1 699	7 983	9 682
<i>A transportar</i> ... ..	5 700	45 068	50 768

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
<i>Transporte</i> .....	5 700	45 068	50 768
Setembro .....	1 634	10 138	11 772
Outubro .....	423	6 372	6 795
Novembro .....	576	6 685	7 261
Dezembro .....	447	3 758	4 205
<i>Total</i> .....	8 780 a)	72 021	80 801

*Receitas depositadas nos Cofres do Estado:*

a) Entradas pagas — 8 780 a 2\$50 .....	21 950\$00
Bilhetes postais — 793 a 1\$50 .....	1 189\$50
<i>O Arqueólogo Português</i> e outras publicações	920\$00
<i>Total</i> .....	24 059\$50

*Visitas Colectivas*

Designação	Visitantes
Externato Nacional de Moscavide (Moscavide) .....	48
Colégio de Santa Doroteia .....	37
Escolas Primárias do Albergue da Mitra .....	90
Instituto de Odivelas .....	146
Centro Ecolar N.º 24 — Licu de Gil Vicente .....	130
Escola Industrial de Josefa de Óbidos .....	123
Centro Escolar N.º 15 da Mocidade Portuguesa .....	90
Alunos da cadeira de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra (Coimbra) .....	35
Escola Industrial de Dona Luisa de Gusmão .....	108
Escola Oficial do Ensino Primário (Zambujal) .....	38
Grupo Desportivo da Fábrica de Loíça de Sacavém (Sacavém) .....	105
Colégio de los Sagrados Corazones (Espanha) .....	54
Alunos engenheiros «finalistas» da «École Nationale des Arts et Métiers de Châlons-sur-Marne» (França) .....	30
Grupo de professores do ensino superior e secundário da «Société des Professeurs d'Histoire et de Geographie» (França) .....	26
Reitor, professores e alunos do Real Colégio de Las Escuelas Pias de Barcelona (Espanha) .....	32
<i>A transportar</i> .....	1 092

Designação	Visitantes
<i>Transporte</i> .....	1 092
Trabalhadores associados da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho	47
Escola Comercial de Ferreira Borges .....	210
Casa Pia de Lisboa — Secção de Pina Manique .....	320
Centro N.º 3 da Mocidade Portuguesa Feminina — Grande Colégio Português (Viseu) .....	50
Instituto de Formação Social e Corporativa (Plano de Formação Social e Corporativa — Junta da Acção Social) .....	45
Centro N.º 75 da Mocidade Portuguesa Feminina — Lycée Charles Lepierre	60
Colégio Militar .....	238
Grupos de alunos universitários .....	1 835
Escola Profissional de Pesca .....	240
Escola-Asilo de S. Pedro de Alcântara .....	25
Escola Feminina da Pontinha (Pontinha) .....	150
Reformatório de Lisboa .....	11
Liceu Nacional de Oeiras (Oeiras) .....	90
Liceu Nacional de D. João de Castro .....	232
Instituto Español .....	18
Liceu de Camões .....	80
Liceu de Pedro Nunes .....	90
Escola de Artes Decorativas de «António Arroio» .....	132
Dominican Convent «Bom Sucesso» .....	27
Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho .....	240
Escola Técnica Elementar de Paula Vicente .....	110
Escola de Enfermagem de S. João de Deus (Évora) .....	80
Escola de Enfermagem de Artur Ravara .....	50
Escola Técnica Elementar de Eugénio dos Santos .....	120
Escola Técnica Elementar de Nuno Gonçalves .....	32
Escola Académica .....	14
Instituto Profissional dos Pupilos do Exército .....	130
Lar Infantil da Rainha D. Amélia .....	42
Escola Comercial de Veiga Beirão .....	90
Escola Industrial de Fonseca Benevides .....	45
Instituto Superior Missionário do Espírito Santo (Carcavelos) .....	28
Liceu de Passos Manuel .....	62
Liceu de D. Filipa de Lencastre .....	30
Liceu da Rainha D. Leonor .....	40
Escola Masculina de Clenardo .....	36
Liceu Nacional de Alexandre Herculano .....	30
Externato Barreirense (Barreiro) .....	70
Asilo-Escola de António Feliciano de Castilho (Associação Promotora do Ensino dos Cegos) .....	8
Curso do Sagrado Coração de Jesus .....	20
I Congresso Nacional de Arqueologia .....	40
<i>Total</i> .....	6 309 b)

b) Incluído nas entradas grátis.

1959

Durante o ano registaram-se 84 590 entradas no Museu:  
Público em geral — 76 625; População escolar — 7 965

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
Janeiro .....	512	4 833	5 345
Fevereiro .....	487	4 884	5 371
Março .....	575	5 841	6 416
Abril .....	629	6 122	6 751
Maio .....	621	9 500	10 121
Junho .....	625	6 392	7 017
Julho .....	1 801	7 007	8 808
Agosto .....	1 626	6 878	8 504
Setembro .....	865	7 405	8 270
Outubro .....	485	7 262	7 747
Novembro .....	390	6 370	6 760
Dezembro .....	489	2 991	3 480
<i>Total</i> .....	9 105 a)	75 485	84 590

*Receitas depositadas nos Cofres do Estado:*

a) Entradas pagas — 9 105 a 2\$50 . . . . .	22 762\$50
Bilhetes postais — 807 a 1\$50 . . . . .	1 210\$50
<i>O Arqueólogo Português</i> e outras publicações	1 460\$00
<i>Total</i> . . . . .	25 433\$00

*Visitas Colectivas*

Designação	Visitantes
IX Congresso Internacional de Linguística Românica — Faculdade de Letras de Lisboa . . . . .	250
Liceu Nacional de Oeiras . . . . .	82
Escola Académica . . . . .	28
Escola Técnica Elementar de Eugénio dos Santos . . . . .	120
Escola Industrial de Josefa de Óbidos . . . . .	112
<i>A transportar</i> . . . . .	592

Designação	Visitantes
<i>Transporte</i> ... ..	592
«Société Historique et Archéologique du Giennois» — Mairie de Gien-Loiret (França) .....	45
Colégio Militar .....	89
Grupos de alunos universitários .....	2 150
Casa Pia de Lisboa — Secção de Pina Manique .....	212
Guarda Nacional Republicana — Batalhão N.º 1 — 1.ª Companhia .....	27
Liceu de Camões: 3.º ano, turmas A, B, C, D e E; outros anos .....	430
Escola Industrial e Comercial de Portalegre (Portalegre) .....	120
Escola Privativa N.º 1 da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário» .....	40
Escola Industrial de Afonso Domingues .....	70
Liceu Nacional de D. João de Castro .....	115
Escola Industrial e Comercial de Setúbal (Setúbal) .....	32
Escola Industrial de Machado de Castro .....	30
Escola-Asilo de S. Pedro em Alcântara .....	37
Grupo de crianças da Catequese de Samora Correia (Samora Correia) .....	20
Escola Comercial de Veiga Beirão .....	110
Externato de Frei Luís de Sousa (Almada) .....	60
Colónia de Férias de Almoçageme (Colares) .....	163
Escola Feminina da Pontinha (Pontinha) .....	20
Grupo de estudantes universitários italianos, orientados pelo Dr. Giorgio Lucentini, da Associazione Culturali con l'Estero (Itália) .....	40
Colégio de S. José (Sintra) .....	84
Escola Comercial de Patrício Prazeres .....	90
Instituto de Odivelas .....	280
Escola de Enfermagem de S. João de Deus (Évora) .....	70
Externato Comercial da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário» .....	56
Escola Primária Oficial N.º 12 .....	23
Escola de Joana d'Arc .....	18
Escola Primária N.º 55 .....	257
Escola Primária Oficial N.º 68 .....	31
Alunos e professores de la Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Sevilla (Espanha) .....	60
Professores e alunos de la Escuela Profesional de Comercio de Sevilla (Espanha) .....	75
Professores estrangeiros que realizaram em Portugal o seu encontro internacional .....	14
Casa de S. Vicente .....	11
Colégio do Sagrado Coração de Maria .....	138
Liceu Nacional de Santarém (Santarém) .....	120
Externato Barreirense (Barreiro) .....	80
Colégio «O Nosso Jardim» .....	23
<i>A transportar</i> ... ..	5 832

Designação	Visitantes
<i>Transporte</i> ... ..	5 832
Instituto de Formação Social e Corporativa ... ..	40
Catequese de S. Francisco de Paula ... ..	14
Escolas Primárias do Albergue da Mitra ... ..	70
Liceu de Gil Vicente ... ..	140
Centro Escolar N.º 15 da Mocidade Portuguesa ... ..	72
Escola Industrial de Dona Luisa de Gusmão .. ..	90
Trabalhadores associados da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho . . . . .	32
Escola Comercial de Ferreira Borges ... ..	200
Escola Profissional de Pesca (6 turnos) ... ..	250
Instituto Español ... ..	26
Liceu de Pedro Nunes (7 turnos) ... ..	210
Escola de Artes Decorativas de «António Arroio» ... ..	160
Escola Técnica Elementar de Paula Vicente ... ..	120
Dominican Convent «Bom Sucesso» ... ..	28
Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho .. ..	310
Escola Técnica Elementar de Nuno Gonçalves ... ..	50
Instituto Profissional dos Pupilos do Exército ... ..	45
Liceu de Passos Manuel .. ..	30
Liceu Nacional de Alexandre Herculano ... ..	48
Asilo-Escola de António Feliciano de Castilho (Associação Promotora do Ensino dos Cegos) ... ..	14
Curso do Sagrado Coração de Jesus ... ..	38
Lycée Charles Lepierre ... ..	45
Liceu de D. Filipa de Lencastre ... ..	30
Colégio de Sousa Martins .. ..	35
Liceu da Rainha D. Leonor .. ..	36
<i>Total</i> ... ..	7 965 <i>b)</i>

*b)* Incluído nas entradas grátis.

1960

Durante o ano registaram-se 96 565 entradas no Museu:  
Público em geral — 90 586; População escolar — 5 979

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
Janeiro ... ..	395	4 925	5 320
Fevereiro . . . . .	420	5 186	5 606
<i>A transportar</i> ... ..	815	10 111	10 926

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
<i>Transporte</i> .....	815	10 111	10 926
Março . . . . .	540	6 561	7 101
Abril . . . . .	993	7 520	8 513
Maió . . . . .	983	7 535	8 518
Junho . . . . .	793	8 285	9 078
Julho . . . . .	860	8 924	9 784
Agosto . . . . .	1 855	10 812	12 667
Setembro . . . . .	792	8 940	9 732
Outubro . . . . .	435	7 738	8 173
Novembro . . . . .	411	6 985	7 396
Dezembro . . . . .	425	4 252	4 677
<i>Total</i> ... ..	8 902 a)	87 663	96 565

*Receitas depositadas nos Cofres do Estado:*

a) Entradas pagas — 8 902 a 2\$50 . . . . .	22 255\$00
Bilhetes postais — 609 a 1\$50 . . . . .	913\$50
<i>O Arqueólogo Português</i> e outras publicações	1 220\$00
<i>Total</i> ... ..	24 388\$50

*Visitas Colectivas*

Designação	Visitantes
Colégio de S. José (Sintra) .....	35
Escola Industrial de Dona Luísa de Gusmão ..	90
Instituto de Odivelas (5 turnos) .....	200
Grupo de alunas da «Fundação Osório», do Rio de Janeiro (Brasil) ..	15
Centro Escolar N.º 18 — Escola Industrial de Machado de Castro .....	60
Grupo de alunas do Colégio das Religiosas Escravas do Sagrado Coração de Jesus . . . . .	32
Grupos de alunos universitários .....	2 370
Escola Académica .....	45
Escola Industrial de Josefa de Óbidos (14 turnos) .....	420
Albergue Distrital de Mendicidade de Lisboa «Mitra» .....	106
Liceu Normal de Pedro Nunes (5 turnos) . . . . .	150
Externato de Frei Luís de Sousa (Almada) .....	32
<i>A transportar</i> ... ..	3 555

Designação	Visitantes
<i>Transporte</i> .....	3 555
Colégio Militar .....	189
Escola Técnica Elementar de Pedro de Santarém .....	200
Externato de Nossa Senhora da Penha de França .....	60
Alunos da cadeira de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra .....	28
Escola-Asilo de S. Pedro em Alcântara .....	40
Escola Feminina da Pontinha (Pontinha) .....	100
Externato Riomaioense (Rio Maior) .....	56
Escola Técnica Elementar de Eugénio dos Santos .....	90
Escola Feminina de Couço (Coruche) .....	36
Liceu de D. Filipa de Lencastre (4 turnos) .....	120
Escolas Feminina e Masculina de Monte da Caparica (Almada) .....	72
Escola Industrial e Comercial de Setúbal (Setúbal) .....	90
Escola de Artes Decorativas de «António Arroio» .....	34
Posto Misto de Bocal de Baixo .....	28
Educandas e professoras das «Soeurs Blanches», de Alger .....	25
Preventório da Parede (Parede) .....	18
Centro N.º 75 da Mocidade Portuguesa Feminina — Lycée Charles Lepierre .....	130
Fundação Raquel e Martin Sain (Centro Infantil de Recuperação de Inferiorizados Visuais—2 turnos) .....	24
Escola de Enfermagem de S. João de Deus (Évora) .....	60
Escola Industrial de Afonso Domingues (2 turnos) .....	58
Casa Pia de Lisboa — Secção de Pina Manique .....	230
Grupo Orientado por Ronald Taylor, de New York (América do Norte) .....	7
Instituto de Formação Social e Corporativa .....	23
Escola Comercial de Patrício Prazeres .....	42
Escola Profissional de Pesca (4 turnos) .....	120
Escola Técnica Elementar de Paula Vicente .....	36
Dominican Convent «Bom Sucesso» .....	12
Asilo-Escola de António Feliciano de Castilho (Associação Promotora do Ensino dos Cegos) .....	8
Liceu de Passos Manuel (2 turnos) .....	56
Liceu Nacional de Alexandre Herculano .....	30
Liceu de D. João de Castro .....	90
Escola Comercial de Ferreira Borges .....	48
Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho (2 turnos) .....	60
Liceu da Rainha D. Leonor .....	32
Liceu Nacional de Oeiras (Oeiras) .....	26
Colónia de Férias de Almoçageme (Colares) .....	70
Externato Barreirense (Barreiro) .....	40
Escola Primária N.º 55 .....	36
<i>Total</i> .....	5 979 b)

b) Incluído nas entradas grátis.

1961

Durante o ano registaram-se 97 359 entradas no Museu:  
Público em geral — 90 791; População escolar — 6 568

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
Janeiro . . . . .	501	6 702	7 203
Fevereiro . . . . .	504	4 234	4 738
Março . . . . .	638	5 460	6 098
Abril . . . . .	514	6 660	7 174
Maio . . . . .	554	6 253	6 807
Junho . . . . .	561	8 278	8 839
Julho . . . . .	1 347	9 781	11 128
Agosto . . . . .	2 198	12 128	14 326
Setembro . . . . .	1 989	10 907	12 896
Outubro . . . . .	1 055	7 201	8 256
Novembro . . . . .	498	4 850	5 348
Dezembro . . . . .	545	4 001	4 546
<i>Total</i> . . . . .	10 904 a)	86 455	97 359

*Recetas depositadas nos Cofres do Estado:*

a) Entradas pagas — 10 904 a 2\$50 . . . . .	27 260\$00
Bilhetes postais — 637 a 1\$50 . . . . .	955\$50
<i>O Arqueólogo Português</i> e outras publica- ções <sup>(1)</sup> . . . . .	9 031\$20
<i>Total</i> . . . . .	37 246\$70

<sup>(1)</sup> Início da venda das publicações na Imprensa Nacional de Lisboa (Vide Fig. 122). Foi impossível fazê-lo mais cedo, porque o Museu esteve, durante vários anos, praticamente sem acesso às mesmas, por motivo de obras no edifício.

*Visitas Colectivas*

Designação	Visitantes
Instituto de Odivelas (3 turnos) . . . . .	90
Centro de Aperfeiçoamento Profissional do Sindicato Nacional dos Empre- gados de Escritório do Distrito de Lisboa . . . . .	28
Colégio Militar — Secção Liceal (visita ao Museu e à estação romana de Tróia) . . . . .	102
<i>A transportar</i> . . . . .	220

Designação	Visitantes
<i>Transporte</i> .....	220
Escola-Asilo de S. Pedro em Alcântara .....	40
Escola Industrial e Comercial de Alfredo da Silva (Barreiro) .....	60
Participantes da «Federation International des Semaines d'Art» .....	15
Escola Privativa N.º 1 da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário» .....	60
Externato do Dr. Mário Madeira .....	20
Grupo de alunos da Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de Buenos Aires (Argentina) .....	35
Casa Pia de Lisboa—Secção de Pina Manique (9 turnos) .....	270
Curso de Monitores da União das Freguesias do Concelho de Lisboa—Comissão Central .....	30
Escola Feminina N.º 60—22.ª Zona Escolar de Lisboa .....	86
Instituto Católico de Toulouse (França) .....	50
Grupo orientado pelo Sr. e Sr.ª Baetens—De Langhe, de Gand (Bélgica) .....	4
Escola Comercial de Veiga Beirão (5 turnos) .....	150
Grupos de alunos universitários .....	2 120
Escola de Ensino Primário N.º 12—2.ª Zona Escolar de Lisboa .....	62
Excursão organizada pela «Associação para as Viagens de Estudo dos Professores de Liceu da Áustria» (Áustria) .....	50
Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Valência (Espanha) .....	40
Excursionistas italianos, suíços, alemães e franceses do paquete «Franca C» .....	170
Grupo de alunas portuguesas e estrangeiras que participaram no Curso Internacional de Verão, organizado pela Residência Universitária dos Alamos, sob a orientação da Secção Feminina da Opus Dei .....	20
Campo de Férias da Mocidade Portuguesa Feminina (Sintra) .....	43
Colónia de Férias de Almoçageme (Colares) .....	64
Liceu Normal de Pedro Nunes (5 turnos) .....	150
Centro Escolar N.º 36 da Mocidade Portuguesa .....	15
Colégio de Manuel Bernardes .....	25
St. Julian's School (Carcavelos) .....	7
Centro Infantil de Recuperação de Inferiorizados Visuais .....	10
Concorrentes participantes da 2.ª reunião dos conservadores dos museus, palácios e monumentos nacionais .....	18
Escola Industrial de Afonso Domingues (3 turnos) .....	90
Escola Técnica Elementar de Francisco Arruda (7 turnos) .....	210
Instituto Espanhol .....	12
Escola Técnica Elementar da Marquesa de Alorna (3 turnos) .....	90
Instituto dos Pupilos do Exército .....	35
Instituto de Formação Social e Corporativa .....	32
Externato Infantil da Parede (Parede) .....	8
Escola Superior das Belas Artes .....	23
Colégio do Sagrado Coração de Jesus .....	11
Escola de Joana d'Arc .....	30
<i>A transportar</i> .....	4 375

Designação	Visitantes
<i>Transporte</i> ... ..	4 375
Escola Industrial da Marinha Grande (Marinha Grande) ... ..	20
Escola Técnica Elementar de Eugénio dos Santos (5 turnos) ... ..	150
Escola Industrial de Josefa de Óbidos (3 turnos) ... ..	90
Asilo-Escola de António Feliciano de Castilho (Associação Promotora do Ensino dos Cegos) ... ..	8
Liceu de D. Filipa de Lencastre ... ..	42
Lycée Charles Lepierre ... ..	28
Liceu de Passos Manuel ... ..	20
Escola Profissional de Pesca (7 turnos) ... ..	265
Liceu da Rainha D. Leonor ... ..	60
Escola de Artes Decorativas de «António Arroio» (6 turnos) ... ..	180
Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho (8 turnos) ... ..	240
Dominican Convent «Bom Sucesso» ... ..	17
Escola Comercial de Ferreira Borges (9 turnos) ... ..	270
Escola Técnica Elementar de Paula Vicente ... ..	25
Trabalhadores associados da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho	17
Liceu Nacional de Oeiras (3 turnos) ... ..	90
Liceu de Camões (5 turnos) ... ..	150
Escola Comercial de Patrício Prazeres (2 turnos) ... ..	58
Externato Barreirense (Barreiro) ... ..	40
Instituto de Educação Infantil ... ..	92
Grupo de graduadas da Mocidade Portuguesa Feminina ... ..	8
Liceu de Gil Vicente ... ..	30
Escola Masculina de Clenardo (2 turnos) ... ..	60
Escola de Enfermagem de Artur Ravara ... ..	46
Instituto Superior Missionário do Espírito Santo (Carcavelos) ... ..	23
Liceu Nacional de Alexandre Herculano (5 turnos) ... ..	164
<i>Total</i> ... ..	6 568 <i>b)</i>

*b)* Incluído nas entradas grátis.

1962

Durante o ano registaram-se 97 899 entradas no Museu:  
Público em geral — 89 703; População escolar — 8 196

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
Janeiro ... ..	488	3 974	4 462
Fevereiro ... ..	513	4 926	5 439
<i>A transportar</i> ... ..	1 001	8 900	9 901

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
<i>Transporte</i> .....	1 001	8 900	9 901
Março .....	607	4 980	5 587
Abril .....	1 039	7 596	8 635
Maio .....	712	8 213	8 925
Junho .....	680	8 039	8 719
Julho .....	1 193	9 870	11 063
Agosto .....	1 719	12 634	14 353
Setembro .....	1 494	10 787	12 281
Outubro .....	799	7 414	8 213
Novembro .....	493	4 337	4 830
Dezembro .....	397	4 995	5 392
<i>Total</i> .....	10 134 a)	87 765	97 899

*Receitas depositadas nos Cojres do Estado:*

a) Entradas pagas — 10 134 a 2\$50 .....	25 335\$00
Bilhetes postais — 607 a 1\$50 .....	910\$50
<i>O Arqueólogo Português</i> e outras publicações	9 377\$60
<i>Total</i> .....	35 623\$10

*Visitas Colectivas*

Designação	Visitantes
Instituto de Odivelas (7 turnos) .....	280
Escola Industrial de Marquês de Pombal .....	150
Colégio Andaluz (Santarém) .....	64
Centro de Aperfeiçoamento Profissional do Sindicato Nacional dos Empre- gados de Escritório do Distrito de Lisboa .....	32
Grupo de alunos de liceus franceses (França) .....	27
Externato N.º 1 de Educação Popular .....	141
Centro N.º 75 da Mocidade Portuguesa Feminina — Lycée Charles Lepierre	45
Estudantes de Direito e Ciências Sociais, de Montevideu (Argentina) .....	60
Escola Industrial de Josefa de Óbidos (10 turnos) .....	370
Liceu da Rainha D. Leonor (3 turnos) .....	90
<i>A transportar</i> .....	1 259

Designação	Visitantes
<i>Transporte</i> ... ..	1 259
Professores e alunos das Escolas de Bona, e membros de associações teatrais, de Ludwigshafen ... ..	85
Grupos de professores liceais bávaros, membros da Liga Filóloga Bávara ...	18
Grupo orientado pelo Prof. E. von Gasteiger, de Viena (Áustria) ... ..	9
Liceu Nacional de Carolina Michaëlis (Porto) ... ..	65
Escola Industrial e Comercial das Caldas da Rainha (Caldas da Rainha) ...	80
Grupo de arquitectos orientados por um professor da Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de Buenos Aires (Argentina) ...	27
Escola de Ensino Primário N.º 12 — 2.ª Zona Escolar ... ..	80
Centro N.º 1 da Mocidade Portuguesa Feminina ... ..	110
Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho (8 turnos) ... ..	320
Casa Pia de Lisboa — Secção de Pina Manique (14 turnos) ... ..	560
Escola-Asilo de S. Pedro em Alcântara ... ..	35
Externato de Frei Luís de Sousa (Almada) ... ..	37
Externato de Martim Moniz (Moscavide) .. ..	28
Grupo de visitantes, acompanhados pelo Sr. e S.ª Metzeger, que se encontravam em Portugal a convite da Fundação Calouste Gulbenkian ... ..	7
Alunas da Faculdade de Filosofia da Universidade do (Brasil) ... ..	8
Excursionistas de «Les Humanités Féminines de Lyon» (França) ... ..	43
Escola de Enfermagem de S. João de Deus (Évora) . . . . .	35
Escola Académica (3 turnos) ... ..	32
Escola Comercial de Veiga Beirão (6 turnos) ... ..	180
Liceu Normal de Pedro Nunes (4 turnos) ... ..	120
Escola Comercial da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário» ... ..	42
Alunos do 6.º ano de Engenharia Civil da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto ... ..	25
Equipagem do navio-escola «Danmark» ... ..	14
Instituto de Formação Social e Corporativa (5 turnos) . . . . .	125
Escola Portugália (2 turnos) . . . . .	60
Curso Geral de Pintura da Escola Superior de Belas Artes ... ..	18
Liceu Nacional de Setúbal (4 turnos) ... ..	116
Instituto de Badajoz (Espanha) ... ..	26
Curso de Férias dos Estudantes Ultramarinos ... ..	28
Escola de Artes Decorativas de «António Arroio» (4 turnos) ... ..	110
Escola de Artes Decorativas de Soares dos Reis (Porto) ... ..	26
Escola Industrial e Comercial de Elvas (Elvas) ... ..	35
Escola Industrial e Comercial de Setúbal (Setúbal) ... ..	32
Grupo Universitário de Sevilha (Espanha) ... ..	9
Escola Profissional de Pesca (7 turnos) ... ..	207
Grupo Universitário de S. Tiago de Compostela (Espanha) ... ..	14
Academia Militar (2 turnos) ... ..	55
Colégio S. João de Brito ... ..	7
<i>A transportar</i> ... ..	4 087

Designação	Visitantes
<i>Transporte</i> .....	4 087
Liceu de D. Filipa de Lencastre (3 turnos) .....	82
Liceu de Camões (2 turnos) .....	60
Colégio das Escravas do Sagrado Coração de Jesus .....	25
Colégio do Sagrado Coração de Jesus .....	8
Liceu de Passos Manuel (2 turnos) .....	54
Liceu Nacional de Oeiras (Oeiras) .....	36
Liceu Nacional de D. João de Castro (4 turnos) .....	104
Catequese de S. Francisco de Paula .....	8
Escola Industrial de Afonso Domingues (2 turnos) ..	62
Escola Comercial de Patrício Prazeres (3 turnos) ..	87
Grupos de universitários .....	2 050
Escola Industrial e Comercial de Almada .....	65
Escola Técnica Elementar de Francisco Arruda (5 turnos) ..	156
Colégio de S. José Ramalhão (Sintra) .....	15
Escola Técnica Elementar de Paula Vicente .....	28
Colónia de Férias de Almoçageme (Colares) .....	54
Dominican Convent «Bom Sucesso» .....	15
Asilo-Escola de António Feliciano de Castilho — Associação Promotora do Ensino dos Cegos (2 turnos) .....	14
Lycée Charles Lepierre (2 turnos) .....	56
Trabalhadores associados da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho Externato Barreirense Barreiro) .....	15
Liceu de Gil Vicente .....	30
Liceu Nacional de Alexandre Herculano .....	28
Colégio Andaluz de Santarém (Santarém) .....	23
Instituto de Educação Infantil .....	16
Instituto de Educação Infantil .....	18
Escolas Primárias do Albergue da Mitra (2 turnos) ..	64
Instituto Profissional dos Pupilos do Exército .....	40
Escola Técnica Elementar de Eugénio dos Santos (6 turnos) ..	240
Escola Joana d'Arc .....	26
Escola Primária N.º 55 (4 turnos) .....	134
Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Exército .....	20
Escola Paroquial de Santo Amaro (Oeiras — 4 turnos) ..	105
Escola Primária Oficial N.º 68 .....	30
Escola Industrial de Fonseca Benevides (3 turnos) .....	112
Instituto Superior Missionário do Espírito Santo (Carcavelos) ..	17
Externato Progresso (2 turnos) .....	38
Escola Comercial do Ateneu Comercial de Lisboa (5 turnos) ..	160
Escola de Educadoras da Infância .....	14
<i>Total</i> .....	8 196 b)

b) Incluído nas entradas grátis.

1963

Durante o ano registaram-se 98 647 entradas no Museu:  
Público em geral — 90 519; População escolar — 8 128

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
Janeiro	429	3 889	4 318
Fevereiro	349	4 377	4 726
Março	508	4 842	5 350
Abril	943	7 396	8 339
Maio	1 029	9 503	10 532
Junho	841	9 888	10 729
Julho	1 287	9 979	11 266
Agosto	1 901	10 436	12 337
Setembro	2 089	10 665	12 754
Outubro	843	8 151	8 994
Novembro	504	4 483	4 987
Dezembro	466	3 849	4 315
<i>Total</i>	11 189 a)	87 458	98 647

*Receitas depositadas nos Cofres do Estado:*

a) Entradas pagas — 11 189 a 2\$50	27 972\$50
Bilhetes postais — 790 a 1\$50	1 185\$00
<i>O Arqueólogo Português</i> e outras publicações	14 579\$20
<i>Total</i>	43 736\$70

*Visitas Colectivas*

Designação	Visitantes
Liceu Nacional de Camões — Secção do Areiro — (4 turnos)	120
Casa Pia de Lisboa — Secção de Pina Manique — (9 turnos)	360
Escola Industrial de Dona Luísa de Gusmão (3 turnos)	90
Centro N.º 75 da Mocidade Portuguesa Feminina — Lycée Charles Lepierre (4 turnos)	115
Escola Técnica Elementar de Manuel da Maia (3 turnos)	85
Instituto de Odivelas (5 turnos)	140
Escola Industrial de Josefa de Óbidos (4 turnos)	123
<i>A transportar</i>	1 033

Designação	Visitantes
<i>Transporte</i> ... ..	1 033
Colégio de Nossa Senhora do Pilar (Madrid) ... ..	42
Escola Comercial de Oliveira Martins (Porto) ... ..	86
Liceu Nacional da Rainha D. Leonor (5 turnos) ... ..	180
Centro de Aperfeiçoamento Profissional do Sindicato Nacional dos Empre- gados de Escritório do Distrito de Lisboa ... ..	14
Professores e alunos da Academia de Peñalver (Madrid) ... ..	20
Grupo de Professores do Ensino Médio (Espanha) ... ..	9
Alunos do 4.º ano de Electrónica da Faculdade de Madrid (Espanha) ... ..	30
Grupo de estudantes católicos de Perpilhão (França) ... ..	36
XV Congresso «Internationale de la Savonnerie et de la Detergence» ... ..	11
Grupo de Finalistas da Faculdade de Odontologia da Universidade do Uruguai, acompanhados do Prof. Dr. Vartan Behsnilian (Uruguai) ... ..	26
Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário» (3 turnos) ... ..	109
Escola de Ensino Primário N.º 12 — 2.ª Zona Escolar de Lisboa (4 turnos)	168
Centre Lycéen d'Auteuil, orientado pelo P.º Mars (França) ... ..	40
Professores e alunos do Colégio de «Notre Dame de Lourdes» (França) ... ..	50
Clube de Jovens do «Centre Breton des Caravanes Ouvrières» da «Associa- tion d'Education Populaire et de Plein-Air», de Nantes (França) ... ..	40
Padres Finalistas Dominicanos de Salamanca (Espanha) ... ..	45
Estudantes liceais franceses, acompanhados pelo capelão do Liceu David d'Angers, P.º Joseph Roulier (França) ... ..	70
Grupo orientado pelo arqueólogo Michael Ashkenazi ... ..	4
Escuela del Magisterio «Santa Florentina», de Múrcia (Espanha) ... ..	45
Grupo orientado pela conservadora do Museu de Belas-Artes de Orléans, M.ª O. Fradisse (França) ... ..	3
Grupo acompanhado pelo professor de gravura e ourivesaria da Escola Boulle de Paris, Sr. Maurice Danjon (França) ... ..	4
Professores e estudantes dos «Cours Morin», de Paris (França) ... ..	35
Escola de Enfermagem de S. João de Deus (Évora) ... ..	23
Externato de S. José ... ..	32
Secção liceal do Centro Helen Keller — Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira e Reabilitação de Inferiorizados Visuais ... ..	9
Escola Masculina da Charneca (Lumiar) ... ..	27
Curso de Férias de Estudantes Ultramarinos da Mocidade Portuguesa (3 turnos) ... ..	90
Centro Escolar N.º 20 — Ala 7 (Montijo) ... ..	30
Colégio Valsassina ... ..	15
Colégio do Sagrado Coração de Maria ... ..	32
Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Exército (2 turnos) ... ..	46
Finalistas de Engenharia Aeronáutica, acompanhados pelos Professores René Vandasle e Gabriel F. O. Freire do Instituto Tecnológico do São José dos Campos (Brasil) ... ..	52
Escola de Educadoras da Infância ... ..	12
<i>A transportar</i> ... ..	2 468

Designação	Visitantes
<i>Transporte</i> ... ..	2 468
Escola Profissional de Pesca (8 turnos) ... ..	245
Escola Técnica Elementar de Eugénio dos Santos (5 turnos) ... ..	140
Grupos de estudantes universitários ... ..	2 180
Escola de Joana d'Arc ... ..	28
Escola Paroquial de Santo Amaro (Oeiras) ... ..	90
Escola Industrial de Fonseca Benevides (4 turnos) ... ..	125
Escola Comercial do Ateneu Comercial de Lisboa (4 turnos) ... ..	118
Liceu de Gil Vicente (2 turnos) ... ..	65
Academia Militar (2 turnos) ... ..	50
Liceu Nacional de D. João de Castro (5 turnos) ... ..	145
Escola Académica ... ..	16
Externato Barreirense (Barreiro) ... ..	36
Escola Industrial de Marquês de Pombal (3 turnos) ... ..	95
Externato N.º 1 de Educação Popular (2 turnos) ... ..	74
Escola-Asilo de S. Pedro em Alcântara ... ..	23
Asilo-Escola de António Feliciano de Castilho (Associação Promotora do Ensino dos Cegos) ... ..	10
Trabalhadores associados da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho	22
Liceu de D. Filipa de Lencastre (4 turnos) ... ..	123
Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho (5 turnos) ... ..	170
Externato de Frei Luis de Sousa (Almada) ... ..	42
Liceu Normal de Pedro Nunes (5 turnos) ... ..	163
Instituto de Formação Social e Corporativa (5 turnos) ... ..	138
Escola Industrial e Comercial de Setúbal (Setúbal) ... ..	57
Escola de Artes Decorativas de «António Arroio» (3 turnos) .. ..	94
Externato Progresso (3 turnos) ... ..	90
Escola Primária N.º 55 (5 turnos) ... ..	120
Escola Comercial de Ferreira Borges (7 turnos) ... ..	218
Escola Técnica Elementar de Paula Vicente (9 turnos) ... ..	285
Escola Comercial de Patrício Prazeres (5 turnos) ... ..	142
Escola Técnica Elementar de Francisco Arruda (3 turnos) ... ..	95
Catequese de S. Francisco de Paula ... ..	14
Escolas Primárias do Albergue da Mitra (3 turnos) ... ..	87
Dominican Convent «Bom Sucesso» ... ..	25
Grupo de graduadas da Mocidade Portuguesa Feminina ... ..	6
Liceu Nacional de Alexandre Herculano (2 turnos) ... ..	65
Escola de Enfermagem de Artur Ravara (4 turnos) ... ..	120
Colónia de Férias de Almoçageme (Colares) ... ..	52
Colégio de Manuel Bernardes ... ..	18
St. Julian's School (Carcavelos) ... ..	9
Escola Técnica Elementar da Marquesa de Alorna (2 turnos) ... ..	65
<i>Total</i> ... ..	8 128 b)

b) Incluído nas entradas grátis.

1964

Durante o ano registaram-se 106 057 entradas no Museu:  
Público em geral — 96 332; População escolar — 9 725

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Total
Janeiro .....	510	4 199	4 709
Fevereiro .....	547	5 623	6 170
Março .....	1 054	7 165	8 219
Abril .....	956	7 096	8 052
Maió .....	1 041	8 950	9 991
Junho .....	847	10 189	11 036
Julho .....	1 581	10 494	12 075
Agosto .....	1 999	10 584	12 583
Setembro .....	2 067	11 046	13 113
Outubro .....	850	8 516	9 366
Novembro .....	642	5 937	6 579
Dezembro .....	670	3 494	4 164
<i>Total</i> .....	12 764 a)	93 293	106 057

*Receitas depositadas nos Cofres do Estado:*

a) Entradas pagas — 12 764 a 2\$50 .....	31 910\$00
Bilhetes postais — 477 a 1\$50 .....	715\$50
O <i>Arqueólogo Português</i> e outras publicações	11 622\$40
<i>Total</i> .....	44 247\$90

*Visitas Colectivas*

Designação	Visitantes
Liceu Normal de Pedro Nunes (7 turnos) .....	280
Escola Industrial de Afonso Domingues (5 turnos) .....	160
Externato de Latino Coelho .....	20
Escola Industrial de Dona Luisa de Gusmão (3 turnos) .....	100
Escola Industrial e Comercial de Emídio Navarro — Almada (2 turnos) .....	140
Escola Industrial e Comercial de Setúbal (2 turnos) .....	68
<i>A transportar</i> .....	768

Designação	Visitantes
<i>Transporte</i> ... ..	768
Comissão de Acção Social da Câmara Municipal de Lisboa — Centro da Acção Social Universitária ... ..	35
Colégio de «Nuestra Señora del Pilar», de Ciudad Real (Espanha) ... ..	28
Membros da secção belga da «Association Européenne des Enseignants» (Bélgica) ... ..	4
Grupo de alunos da R. O. V. E. T., de Toulouse, sob a orientação do Prof. Lannes J. Louis (França) ... ..	12
Colégio de Santa Maria del Pilar, de Madrid (Espanha) ... ..	29
Instituto de Odivelas (9 turnos) . . . . .	365
Externato de Santo António de Alvega (3 turnos) ... ..	84
Liceu Nacional de Camões (11 turnos) . . . . .	325
Escola Oficial Feminina N.º 4 (Setúbal) ... ..	125
Centro Escolar N.º 64 da Ala de Lisboa da Mocidade Portuguesa — Lycée Français Charles Lepierre (6 turnos) . . . . .	180
Externato de Frei Luís de Sousa — Almada (2 turnos) ... ..	75
Grupo acompanhado do Padre Maurice Allignol, de Ardèche (França) ... ..	46
Grupos de universitários . . . . .	2 730
Liceu Nacional da Rainha D. Leonor (7 turnos) ... ..	230
Liceu Nacional de D. João de Castro (8 turnos) . . . . .	245
Curso de Aperfeiçoamento Profissional da Administração-Geral dos C. T. T. . . . .	20
Escola de Regentes Agrícolas do Tchivinguiro (Angola) ... ..	20
IV Curso de Estudos Ultramarinos da Mocidade Portuguesa (2 turnos) ... ..	42
X Congresso Internacional de Fotogrametria (2 turnos) ... ..	230
Pelouro Cultural do Clube Sorefame (Amadora) . . . . .	45
Curso Comercial da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário» (5 turnos) . . . . .	180
Externato de S. José (2 turnos) . . . . .	82
Escola Alemã ... ..	9
Oficiais e praças do 1.º Grupo de Companhias de Saúde (7 turnos) ... ..	320
Centro Escolar N.º 17 da Ala 2 — Lisboa, da Mocidade Portuguesa ... ..	30
Escola de Artes Decorativas de «António Arroio» (8 turnos) ... ..	265
Externato Liceal de Almada (2 turnos) ... ..	44
Escola Académica (3 turnos) . . . . .	40
Asilo-Escola de António Feliciano de Castilho — Associação Promotora do Ensino dos Cegos (2 turnos) ... ..	18
St. Columbans School (Canaxide) ... ..	19
Escola Profissional de Pesca . . . . .	312
Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho (12 turnos) ... ..	480
Escola Técnica Elementar de Eugénio dos Santos (7 turnos) ... ..	275
Escola Primária N.º 55 (4 turnos) ... ..	120
Catequese de S. Francisco de Paula ... ..	7
Escola Industrial de Afonso Domingues (5 turnos) ... ..	150
Escola Industrial e Comercial de Almada . . . . .	90
<i>A transportar</i> ... ..	8 079

Designação	Visitantes
<i>Transporte</i> ... ..	8 079
Dominican Convent «Bom Sucesso» . . . . .	8
Liceu de Gil Vicente (3 turnos) ... ..	95
Escolas Primárias do Albergue da Mitra (3 turnos) . . . . .	110
Escola Técnica Elementar de Francisco Arruda (7 turnos) ... ..	205
Instituto Profissional dos Pupilos do Exército ... ..	27
Academia Militar ... ..	18
Casa Pia de Lisboa — Secção de Pina Manique (9 turnos) ... ..	285
Escola Portugália ... ..	14
Curso Geral de Pintura da Escola Superior de Belas Artes ... ..	6
Colónia de Férias de Almoçageme (Colares) ... ..	40
Colégio de S. João de Brito ... ..	10
Escola Comercial do Ateneu Comercial de Lisboa (6 turnos) . . . . .	195
Trabalhadores associados da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho	14
Liceu de D. Filipa de Lencastre (2 turnos) ... ..	100
Escola Comercial de Ferreira Borges (2 turnos) ... ..	72
Escola Industrial de Marquês de Pombal (3 turnos) ... ..	110
Escola-Asilo de S. Pedro em Alcântara ... ..	18
Escola Masculina da Charneca (Lumiar) ... ..	25
Escola Paroquial de Santo Amaro — Oeiras (4 turnos) . . . . .	105
Escola Industrial de Josefa de Óbidos (5 turnos) ... ..	165
Escola de Joana d'Arc ... ..	16
St. Julian's School (Carcavelos) . . . . .	8
<i>Total</i> ... ..	9 725 b)

b) Incluído nas entradas grátis.

QUADROS E GRÁFICOS QUE RESUMEM TODA A DOCUMENTAÇÃO  
QUE ACABÁMOS DE APRESENTAR

MOVIMENTO DE VISITANTES NACIONAIS E ESTRANGEIROS	ANOS	PÚBLICO EM GERAL	POPULAÇÃO ESCOLAR	TOTAIS
	1954	71.259	2.810	74.069
	1955	71.129	3.667	74.796
	1956	72.527	3.312	75.839
	1957	75.284	4.945	80.229
	1958	74.492	6.309	80.801
	1959	76.625	7.965	84.590
	1960	90.586	5.979	96.565
	1961	90.791	6.568	97.359
	1962	89.703	8.196	97.899
	1963	90.519	8.128	98.647
	1964	96.332	9.725	106.057
	TOTAIS		899.247	67.604

Fig. 115

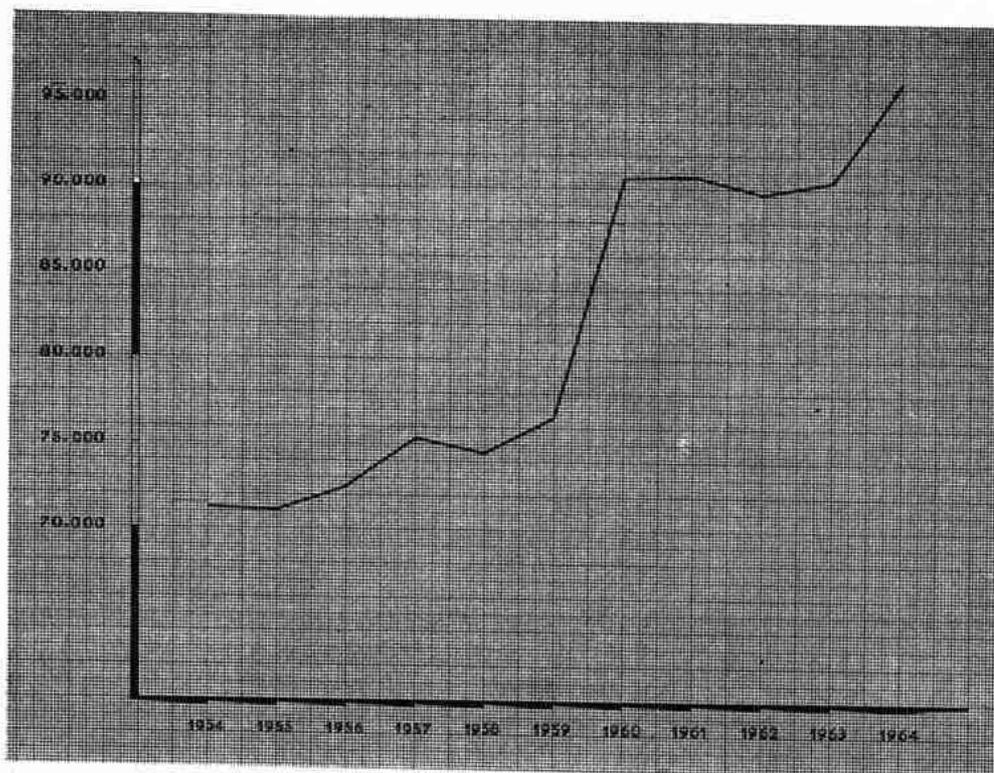


Fig. 116 — Público em geral

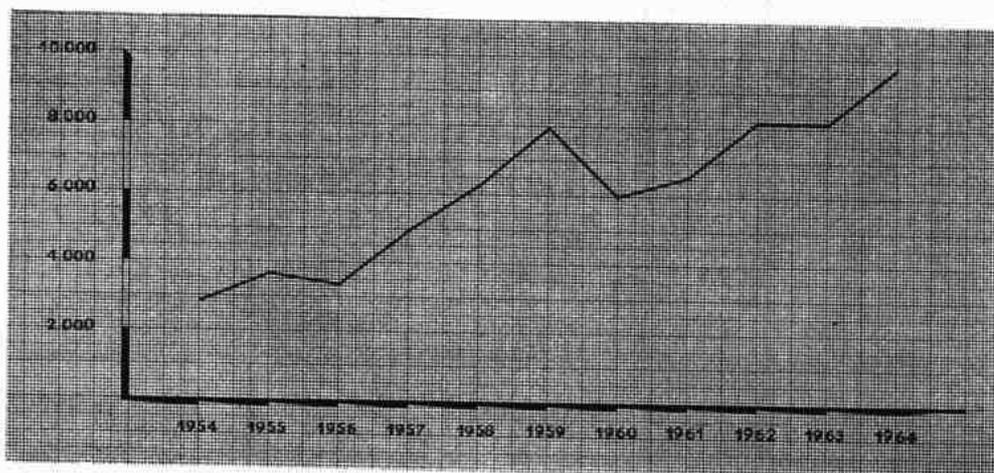


Fig. 117 — População escolar

RECEITAS DEPOSITADAS NOS COFRES DO ESTADO	ANOS	ENTRADAS P A G A S	BILHETES POSTAIS	PUBLICAÇÕES	TOTAIS
	1954	22.432\$50	526\$50	920\$00	23.879\$00
	1955	21.282\$50	453\$00	980\$00	22.715\$50
	1956	23.220\$00	577\$50	1.035\$00	24.832\$50
	1957	24.942\$50	537\$00	1.240\$00	26.719\$50
	1958	21.950\$00	1.189\$50	920\$00	24.059\$50
	1959	22.762\$50	1.210\$50	1.460\$00	25.433\$00
	1960	22.255\$00	913\$50	1.220\$00	24.388\$50
	1961	27.260\$00	955\$50	9.031\$20	37.246\$70
	1962	25.335\$00	910\$50	9.377\$60	35.623\$10
	1963	27.972\$50	1.185\$00	14.579\$20	43.736\$70
1964	31.910\$00	715\$50	11.622\$40	44.247\$90	
<b>TOTAIS</b>		<b>271.322\$50</b>	<b>9.174\$00</b>	<b>52.385\$40</b>	<b>332.881\$90</b>

Fig. 118

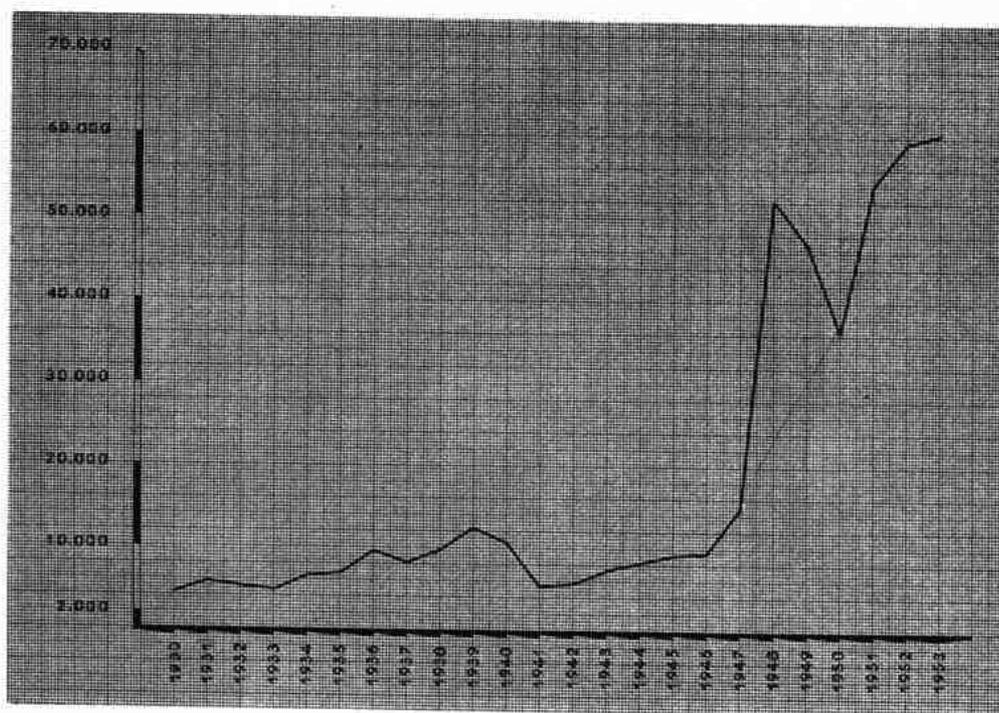


Fig. 119— Entradas de visitantes do Museu (1930-1953)

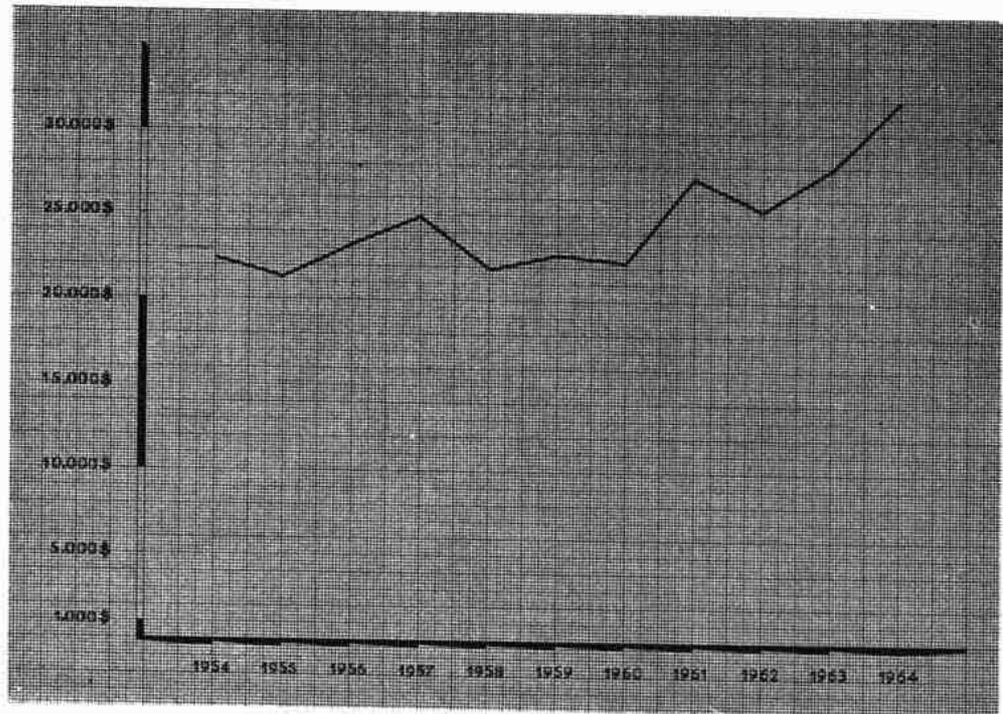


Fig. 120 — Entradas pagas

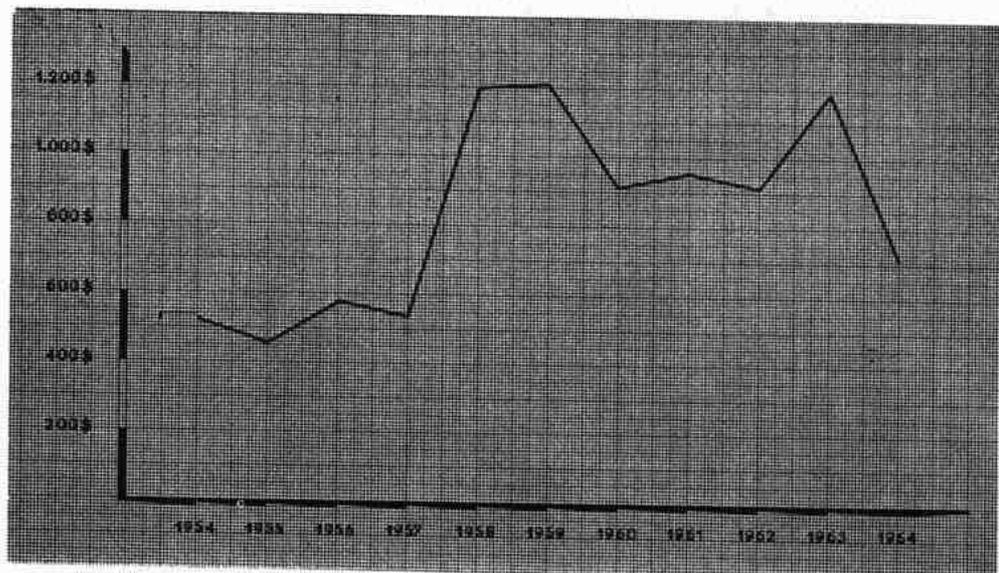


Fig. 121 — Bilhetes postais

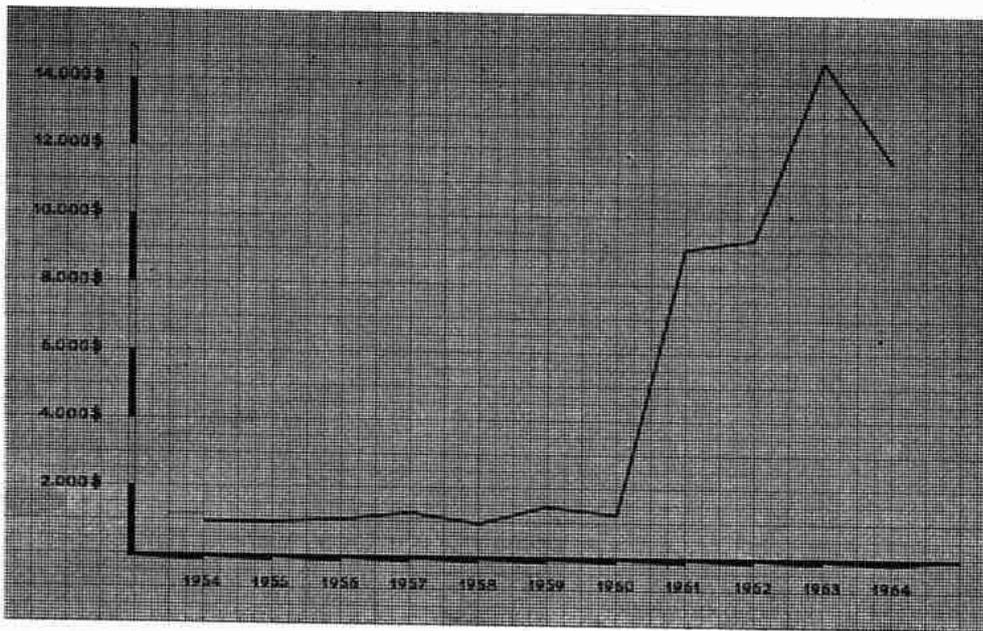


Fig. 122 — Publicações

## X

## EVOLUÇÃO DA DOTAÇÃO FINANCEIRA DO MUSEU

Anos	Pessoal	Material	Serviços e encargos	Totais
1930	66 368\$84	6 000\$00	9 700\$00	82 068\$84
1931	71 551\$92	35 100\$00	15 200\$00	121 851\$92
1932	72 151\$92	16 500\$00	21 000\$00	109 651\$92
1933	71 551\$92	23 500\$00	18 600\$00	113 651\$92
1934	67 982\$52	23 500\$00	20 600\$00	112 082\$52
1935	67 982\$52	23 500\$00	20 600\$00	112 082\$52
1936	72 652\$52	23 000\$00	20 600\$00	116 252\$52
1937	72 800\$00	39 000\$00	20 700\$00	132 500\$00
1938	72 800\$00	27 500\$00	23 900\$00	124 200\$00
1939	72 800\$00	31 500\$00	38 900\$00	143 200\$00
1940	70 800\$00	21 000\$00	33 900\$00	125 700\$00
1941	71 800\$00	21 000\$00	35 400\$00	128 200\$00
1942	71 800\$00	20 000\$00	36 400\$00	128 200\$00
1943	71 800\$00	20 000\$00	41 400\$00	133 200\$00
1944	71 800\$00	21 000\$00	44 900\$00	137 700\$00
1945	71 800\$00	43 000\$00	46 900\$00	161 700\$00
1946	74 800\$00	43 500\$00	53 400\$00	171 700\$00
1947	89 140\$00	46 500\$00	59 400\$00	195 040\$00
1948	95 140\$00	105 000\$00	335 400\$00	535 540\$00
1949	138 460\$00	127 000\$00	205 400\$00	470 860\$00
1950	135 460\$00	97 500\$00	184 500\$00	417 460\$00
1951	137 960\$00	97 000\$00	168 500\$00	403 460\$00
1952	142 380\$00	157 500\$00	168 500\$00	468 380\$00
1953	142 380\$00	105 500\$00	178 500\$00	426 380\$00
1954	142 380\$00	105 500\$00	181 500\$00	429 380\$00
1955	148 800\$00	225 500\$00	188 500\$00	562 800\$00
1956	150 300\$00	115 500\$00	202 500\$00	468 300\$00
1957	155 350\$00	115 500\$00	242 750\$00	513 600\$00
1958	155 350\$00	115 500\$00	250 500\$00	521 350\$00
1959	189 450\$00	115 500\$00	291 500\$00	596 450\$00
1960	189 700\$00	115 500\$00	293 500\$00	598 700\$00
1961	189 700\$00	115 500\$00	243 500\$00	548 700\$00
1962	189 700\$00	110 500\$00	209 500\$00	509 700\$00
1963	189 700\$00	110 500\$00	206 500\$00	506 700\$00
1964	189 700\$00	110 500\$00	206 500\$00	506 700\$00

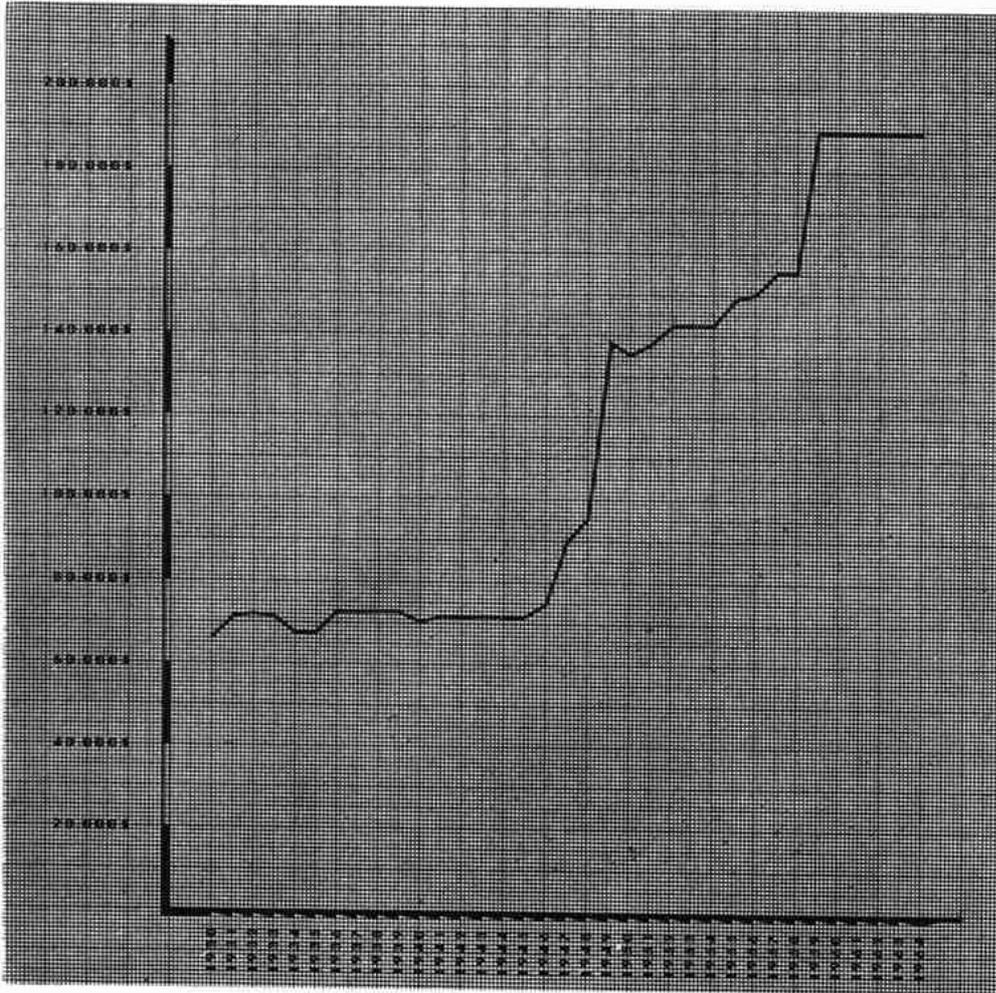


Fig. 123 — Evolução da dotação financeira para pessoal

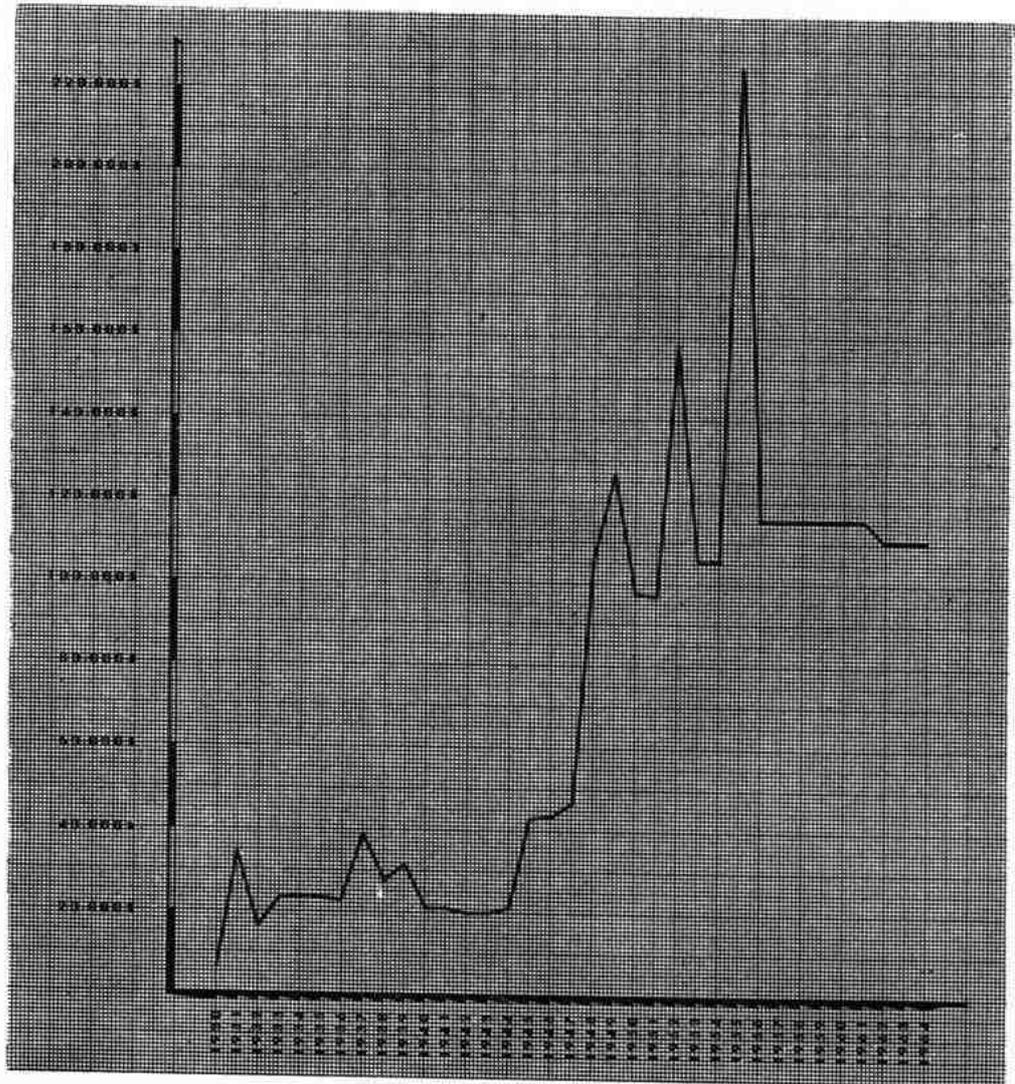


Fig. 124 — Evolução da dotação financeira para material



Fig. 125 — Evolução da dotação financeira para serviços e encargos

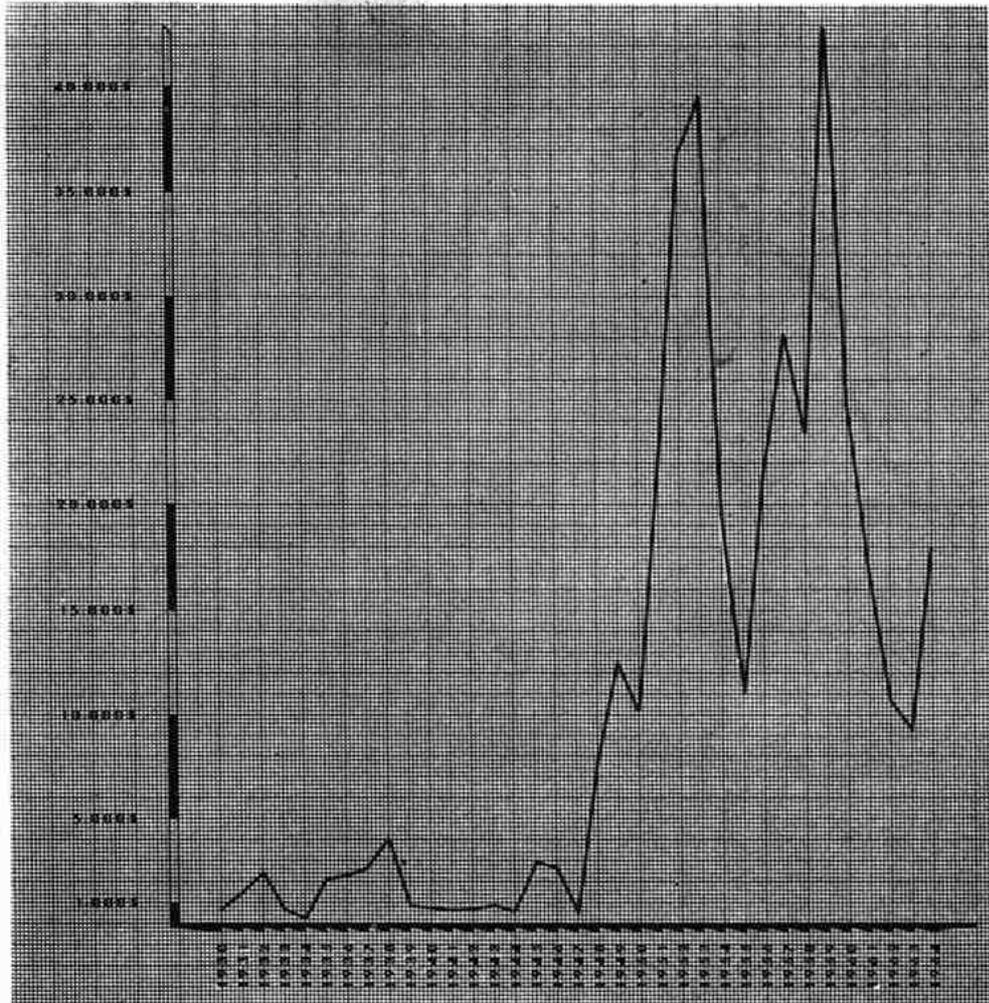


Fig. 126 — Aquisições de espécies bibliográficas (1930-1964)

### *Observação*

A dotação financeira do Museu Etnológico, de 1930 a 1964, tem tido um movimento ascensional constante, não só mercê de circunstâncias económicas de carácter geral, como o encarecimento do custo de vida e concomitante desvalorização da moeda, mas também da acção altamente compreensiva do Estado que aumentou consideravelmente as verbas para fazer face ao incremento das actividades do Museu nos diversos sectores da investigação científica, da pedagogia e do intercâmbio cultural.

Do quadro e dos gráficos apresentados, verifica-se que:

a) a dotação total, que em 1930 era de 82 068\$84 e em 1964 foi de 506 700\$00 teve um aumento da ordem dos 617,4 %;

b) a dotação para pessoal, que em 1930 era de 66 368\$84 e em 1964 foi de 189 700\$00 teve um acréscimo de 288,8 %;

c) a dotação para material, que em 1930 era de 6000\$00 e em 1964 foi de 110 500\$00 teve um aumento de 184,1 %;

d) a dotação para serviços e encargos, que em 1930 era de 9700\$00 e em 1964 foi de 206 500\$00 teve um acréscimo de 212,8 %.

No gráfico representado na Fig. 124, respeitante a serviços e encargos, nota-se grande subida de 1947 em diante, atingindo o máximo em 1948, 335 400\$00, verba dispendida, entre outras coisas, com o arranque, assentamento e restauro de vários e ricos mosaicos, e com as investigações ao tempo em curso.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA (D. FERNANDO DE), *Arte Visigótica em Portugal*, sep. de *O Arqueólogo Português*, vol. IV, Lisboa, Casa Portuguesa, 1962.
- *Ruínas de Miróbriga dos Célticos*, edição da Junta Distrital de Setúbal, Lisboa, Casa Portuguesa, 1964.
- *Scarlat Lambrino (1891-1964)*, no *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXXVII, n.º 109 e 110, Madrid, 1964.
- ALMEIDA (JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA DE), *Introdução ao Estudo das Lucernas Romanas em Portugal*, n.º *O Arqueólogo Português*, vol. II (nova série), Lisboa, Casa Portuguesa, 1953.
- ALVES (OLYMPIO DUARTE), *Monte Real (Costumes e tradições das terras de Ulmar)*, Leiria, Gráfica de Leiria, 1943.
- BASTO (ARTUR DE MACALHÃES), *No Centenário de José Leite de Vasconcelos — A Fundação do Museu Etnológico Português*, na secção «Falam Velhos Manuscritos», de *O Primeiro de Janeiro* de 4 de Julho de 1958, Porto, Empresa de *O Primeiro de Janeiro*, 1958.
- *A Boa Fada do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*, na secção «Falam Velhos Manuscritos» de *O Primeiro de Janeiro* de 25 de Julho de 1958. Porto, Empresa de *O Primeiro de Janeiro*, 1958.
- BELLIDO (A. GARCÍA Y), *O Arqueólogo Português. Nova Série*, no *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXVIII, Madrid, 1955.
- BENOIST (LUCAS), *Musées et Muséologie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1960.
- BRANCO (FERNANDO CASTELO), *Páginas Olisiponenses*, de José Leite de Vasconcelos. Introdução, Selecção e Notas de Fernando Castelo-Branco, Lisboa, 1959.
- *Pragança terá sido um Castro?* n.º *O Arqueólogo Português*, IV (2.ª série), Lisboa, Casa Portuguesa, 1960.
- *A Estátua de Diana do Museu Etnológico*, no *Ethnos*, vol. IV, Lisboa, Editorial Minerva, 1965.
- CAPEANS (ROSA), *Uma Novidade no Onomástico Grego-Latino*, no *Ethnos*, vol. I, Lisboa, Casa Portuguesa, 1935.
- *Relação do Reino do Congo e das Terras Circunvizinhas*, tradução portuguesa da *Relatione del Reame di Congo et delle Circonvicine Contrade. Tratta dalli Scritti & Ragionamenti di Odoardo Lopez Portoghese per Filippo Pigafetta...* edição da Agência-Geral do Ultramar, Lisboa, 1951.
- *Lápides do Fação (Sintra)*, n.º *O Arqueólogo Português*, vol. III, Lisboa, Casa Portuguesa, 1956.
- CARDOSO (MÁRIO), *A Romanização do Noroeste da Península Hispânica*, no *Ethnos*, vol. IV, Lisboa, Editorial Minerva, 1965.
- *A Perda Frequente de Especímenes Preciosos da nossa Joalharia Arcaica*, na *Revista de Guimarães*, vol. LXXV, Guimarães, 1965.
- CHAVES (LUÍS), *O Desenvolvimento dos Estudos Etnográficos*, sep. do *Arquivo Histórico de Portugal*, vol. I, Lisboa, 1932.

- *Portugal Além. Notas de Etnografia*, vol. I, Gaia, Edições Apolino, 1932.
- *Notas Etnográficas Colhidas na Obra de Martins Sarmento*, no volume de *Homenagem a Martins Sarmento*, Guimarães, 1933.
- *Museu Etnográfico do Império Português, Sua Necessidade, Um Plano de Organização*, sep. das *Actas do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, Porto, 1934.
- *A Colecção Demonstrativa da Secção Ultramarina do Museu Etnológico. Notas e Comentários*, sep. das *Actas do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, Porto, 1934.
- *Guia Sumária do Visitante do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos*, Lisboa, Tip. da Empresa do Anuário Comercial, 1935.
- *Arte Popular em Portugal*, sep. de *Brotéria*, vol. XXIII, fasc. 6, Lisboa, 1936.
- *Les Études Ethnographiques en Portugal*, sep. de *Actes du Congrès International d'Anthropologie*, Bruxelas, 1936.
- *Nos Domínios da Etnografia e do Folclore e Nos Domínios da Etnografia*, crónicas inseridas na *Revista Ocidente*, Lisboa, 1938 e segs.
- *A Arte Popular, Aspectos do Problema*, Porto, Portucalense Editora, 1943.
- *As Filigranas*, edição do Secretariado da Propaganda Nacional, Lisboa, 1941.
- *Notas Etnográficas de Lisboa*, série de vários trabalhos inseridos na *Revista Municipal*, Lisboa, 1941 e segs.
- *Páginas Folclóricas*, Porto, Portucalense Editora, 1942.
- *Adolfo Coelho na Etnografia Portuguesa*, sep. da *Biblos*, vol. XXIII, Coimbra, 1948.
- *Relatório dos Trabalhos realizados na Comissão Preparatória do I Congresso Luso-Brasileiro de Folclore*, no *Ethnos*, vol. III, Lisboa, Casa Portuguesa, 1948.
- *Estudos Lusitano-Romanos. I. A «Villa» de Santa Vitória do Ameixial*, n' *O Archeologo Português*, XXX, Lisboa, Imprensa Nacional, 1956.
- *Programa de Museografia Etnográfica*, publicado neste livro, Lisboa, Casa Portuguesa, 1965.
- CHICÓ (MÁRIO TAVARES), *Estudo acerca da Organização do Museu da Cidade de Lisboa*, Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1943.
- CORREIA (VERGÍLIO), *El Neolítico de Pavia*, Madrid, 1921.
- *O Domínio Romano*, na *História de Portugal* dirigida por Danião Peres, Barcelos, Portucalense Editora, Lda., 1928.
- CORREIA (A. A. MENDES), *A Lusitânia Pre-Romana*, na *História de Portugal* dirigida por Danião Peres, Barcelos, Portucalense Editora, Lda., 1928.
- COUTO (JOÃO), *Museus das Cidades*, Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1943.
- *As Exposições de Arte e a Museologia*, Lisboa, Editora Portuguesa, Lda., 1950.
- DIAS (A. JORGE), *Museu Nacional e Museus Regionais de Etnografia*, in *Cadernos de Etnografia*, n.º 1, Barcelos, Museu Regional de Cerâmica, 1964, (Oficinas Gráficas da Companhia Editora do Minho).
- FELGUEIRAS (GUILHERME), *As Reses Galhudas no Folclore. Rebuscos Etnográficos*, no *Ethnos*, vol. IV, Lisboa, Editorial Minerva, 1965.
- FERREIRA (F. BANDEIRA), *Notícia de Novos Achados na Estação Arqueológica da Ponta do Cabedelo (Costa de Caparica)*, n' *O Archeologo Português*. I, (nova série), Lisboa, Casa Portuguesa, 1951.
- *A Inscrição Lusitano-Romana da Quinta da Sempre Noiva e o Problema dos Cornelii Bochii*, n' *O Archeologo Português*, III (2.ª série), Lisboa, Casa Portuguesa, 1956.
- FONTES (JOAQUIM), *O Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*, Sintra, Publicações da Câmara Municipal de Sintra, 1962.
- GARCIA (E. BORGES), *Achados Arqueológicos em Famalicão da Nazaré*, sep. da secção VIII das Publicações do XXVI Congresso Luso-Espanhol, Porto, 1962.

- GONÇALVES (ANTÓNIO MANUEL), *Para a Reforma dos Museus e da Orgânica do Património Artístico*, sep. de *Ocidente*, vol. LI, Lisboa, s. d.
- *O Museólogo José Leite de Vasconcellos*, nas *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1959.
- *Missão do Conservador*, sep. de *Viriatis*, Viseu, 1960.
- *Museus como Atracção Turística*, sep. de *Litoral*, n.º 329, 1961.
- GUERREIRO (GLÓRIA NUNES RISO), *O Serviço Educativo dos Museus*, no *MVSEV*, 2.ª série, n.º 5, Porto, Círculo do Dr. José de Figueiredo, 1963.
- GUSMÃO (ADRIANO DE), *Inquérito Museológico em Espanha*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, 1946.
- HELENO (MANUEL), *Arqueologia Subaquática em Portugal* na *Revista Portuguesa de Actividades Submarinas*, n.º 1, Lisboa, s. d.
- *Museu Numismático da Casa da Moeda*, n.º *O Archeologo Português*, vol. XXVI, Lisboa, Imprensa Nacional, 1923.
- *Nova organização do Museu*, n.º *O Archeologo Português*, vol. XXIX, Lisboa, Imprensa Nacional, 1931.
- *Tampas Sepulcrais Insculturadas da Época do Bronze*, Lisboa, 1933.
- *Grutas Artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*, Lisboa, Tipografia da Empresa do Anuário Comercial, 1933.
- *Jóias Pré-Romanas*, no *Ethnos*, vol. I, Lisboa, Casa Portuguesa, 1935.
- *Homenagem ao Prof. Dr. José Leite de Vasconcelos*, na *Revista da Faculdade de Letras*, Universidade de Lisboa, 1942.
- *O Tesouro da Borracheira (Teixoso)* n.º *O Archeólogo Português*, vol. II, (2.ª série), Lisboa, Casa Portuguesa, 1953.
- *Um Quarto de Século de Investigação Arqueológica*, s. d. (1964).
- *Programa para a Instalação do Museu Etnológico do D.º Leite de Vasconcelos na Cidade Universitária*, sep. da revista *Ethnos*, vol. IV, Lisboa, Ofic. Gráfica da Editorial Minerva, 1965.
- *Lições de Museologia (Programas)*, publicados neste livro, Lisboa, Casa Portuguesa, 1965.
- KEIL (ALFREDO), *Colecções e Museus de Arte de Lisboa*, Lisboa, Ferreira & Oliveira, Lda., 1905.
- LAMBRINO (SCARLAT), *Les Inscriptions Inédites du Musée Leite de Vasconcelos*, n.º *O Archeólogo Português*, vol. III, Lisboa, Casa Portuguesa, 1956.
- *Catalogue des Inscriptions Latines du Musée Dr. Leite de Vasconcelos*, n.º *O Archeólogo Português*, vol. IV, Lisboa, Casa Portuguesa, 1960.
- LEISNER (GEORG E VERA), *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, 1951.
- LIMA (FRAGOSO DE), *O Castro de Azougada—História da sua Descoberta e Exploração*, no *Jornal de Moura* de 1 de Julho de 1943.
- MACHADO (JOÃO L. SAAVEDRA), *O Professor Leite de Vasconcellos como Historiador*, nas *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. 1, 1959.
- *O Torques de Ouro de Vilas Boas de Trás-os-Montes*, sep. do *Ethnos*, vol. IV, Lisboa, Editorial Minerva, 1965.
- *O Dr. Félix Alves Pereira e o Museu Etnológico do D.º Leite de Vasconcelos*, no *Ethnos*, vol. IV, 1965.
- MACHADO (JOÃO SAAVEDRA), *Guilherme Gameiro e o Seu Labor Artístico*, n.º *O Archeologo Português*, XIX, Lisboa, Imprensa Nacional, 1914.
- *Alguns Subsídios para Uma Iconografia do Prof. Leite de Vasconcellos e do Seu Museu*, sep. de *Petrus Nonius*, vol. VI, Lisboa, 1943 (1945).
- MACHADO (LUÍS SAAVEDRA), *Sepultura Pré-Histórica da Praia das Maçãs*, n.º *O Archeologo Português*, vol. XXVII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1929.

- MADAHIL (A. G. DA ROCHA), *Etnografia e História. Bases para a Organização do Museu Municipal de Ilhavo*, Ilhavo, Tip. Casa Minerva, 1934.
- MEIRA (ALBERTO), *Museu Municipal do Porto, Bibliografia e Notas*, sep. do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, vol. III, Porto, Empresa Industrial Gráfica do Porto, Lda., 1940.
- MOITA (IRISALVA C. DE NOBRE NUNES), *O Plano do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*, na *Revista Municipal* n.º 78, Lisboa, 1959.
- PAÇO (AFONSO DO), *Da Necessidade da Criação do Museu de Etnografia*, nas *Actas do Primeiro Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, Porto, Ed. da 1.ª Exposição Colonial Portuguesa, 1934.
- PEREIRA (FÉLIX ALVES), *Novo Material para o Estudo da Estatuária e Architectura dos Castros do Alto Minho*, n' *O Archeologo Português*, XIII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1908.
- *Antiquités*, n' *O Archeologo Português*, vol. XXII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1917.
- *Catálogo do Museu Etnológico Português*, n' *O Archeologo Português*, XXV e segs., Lisboa Imprensa Nacional, 1922 e segs.
- PEREIRA (RAUL DA SILVA), *Museus Técnicos*, Lisboa, 1961.
- PINA (LUÍS DE), *Resposta do Elogio do Professor Doutor J. M. de Queirós Veloso*, Lisboa, Scarpa, Lda., 1958.
- RAMOS (GUSTAVO CORDEIRO), *Discurso do Senhor Professor Doutor Gustavo Cordeiro Ramos, Presidente do Instituto para a Alta Cultura, pronunciado na Sessão de Homenagem ao Doutor José Leite de Vasconcelos, realizada no Museu Etnológico Português, em 1937, e a que se dignou presidir Sua Excelência o Chefe do Estado*, no *Ethnos*, vol. III, Lisboa, Casa Portuguesa, 1948.
- *Merecido Louvor*, no *Ethnos*, vol. IV, Lisboa, Editorial Minerva, 1965.
- RAU (VIRGÍNIA), *Les Recherches et Découvertes Préhistorique au Portugal à partir de 1940*, na *Revista di Scienze Preistoriche*, vol. III, fasc. 1-2, Firenze, Spinelli, 1948.
- RIBEIRO (FERNANDO NUNES), *O Bronze Meridional Português*, Beja, 1965.
- RIBEIRO (MARGARIDA), *Breve Notícia sobre o Paleolítico da Glória nas Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Lisboa, 1959.
- RIBEIRO (ORLANDO), *José Leite de Vasconcelos*, Coimbra, Coimbra Ed., 1942.
- *Vida e Obras de José Leite de Vasconcelos*, sep. de *Portugale*, vol. XV, Porto, 1942.
- SAMARAN (CHARLES), *Vários, L'Histoire et ses Méthodes*, Paris, Encyclopédie de la Pléiade, 1961.
- SANTOS (M. FARINHA DOS), *Vestígios de Pinturas Rupestres Descobertas na Gruta do Escoural*, n' *O Arqueólogo Português*, vol. V (2.ª série), Lisboa, Casa Portuguesa, 1964 (?).
- SANTOS JÚNIOR (J. R. DOS), *Museus da Faculdade de Ciências do Porto*, no *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto, Porto, 1963.
- *O Torques de Vilas Boas (Vila Flor)*, na *Revista de Guimarães*, vol. LXXV, Guimarães, 1965.
- SANTOS (LUÍS REIS), *Museus de Portugal*, no *Turismo*, Lisboa, Oficina Gráfica, Lda., 1936.
- SERRÃO (JOEL), *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão, com a colaboração de vários autores, vol. I e segs., Lisboa, Iniciativas Editoriais, s. d.
- SILVA (MARIA MADALENA DE CAGICAL), *Os Museus de Arte Popular*, na *MVSEV*, 2.ª série, n.º 5, Porto, Círculo do Dr. José de Figueiredo, 1963.
- SIMÕES (J. M. DOS SANTOS), *As Novas Técnicas Audio-Visuais ao Serviço dos Museus*, no *MVSEV*, 2.ª série, n.º 5, Porto, Círculo do Dr. José de Figueiredo, 1963.
- *Da Montagem e Apresentação Museológica de Azulejos*, Lisboa, Publicações da Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.
- TEIXEIRA (MARIA EMÍLIA AMARAL), *Exposições Temporárias*, no *MVSEV*, 2.ª série, n.º 5, Porto, Círculo do Dr. José de Figueiredo, 1963.
- VASCONCELOS (J. A. FRAZÃO DE), *O Museu de Marinha*, n' *O Debate* de 16 de Abril de 1953.
- VASCONCELOS (J. LEITE DE), *Museu Etnographico Português*, Porto, Livraria Portuense, 1894.

- *Museu Ethnologico Português*, Lisboa, 1897.
- *Notice Sommaire sur le Musée Ethnologique Portugais*, n' *O Archeologo Português*, X. Lisboa, Imprensa Nacional, 1905.
- *Musée Ethnologique Portugais. Plan de la Visite*, n' *O Archeologo Português*, vol. XI, Lisboa Imprensa Nacional, 1906.
- *Estudos sobre a Epoca do Bronze em Portugal*, n' *O Archeologo Português*, vols. XI e XIII Lisboa, Imprensa Nacional, 1906 e 1908.
- *Plano Sumario do Museu Etnologico Português*, n' *O Archeologo Português*, XII, Lisboa Imprensa Nacional, 1907.
- *Visita do Museu Etnologico Português*, Lisboa, 1910.
- *Significação do Museu Etnologico Português*, Lisboa, 1912.
- *Religiões da Lusitania*, três volumes, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897, 1905, 1913.
- *Defensão do Museu Etnologico Português contra as Arguições que um Sr. Deputado lhe fez no Parlamento*, Lisboa, Livraria Classica de A. M. Teixeira, 1913.
- *Historia do Museu Etnologico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1915.
- *Sínope do Museu Etnológico Português*, Famalicão, Tipografia Minerva, 1919.
- *Etnografia Portuguesa*, 4 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1933-1958.
- VIANA (MÁRIO GONÇALVES), *Um Museu dos C. T. T. — Objectivos — Organização — Funcionamento*, Lisboa, 1949.
- *Elementos de Museologia — Museologia Geral — Museologia Aplicada*, Lisboa, Tip. de Garcia e Carvalho, Lda., 1953.

Vejam-se também outros trabalhos e as revistas citadas no corpo deste livro.

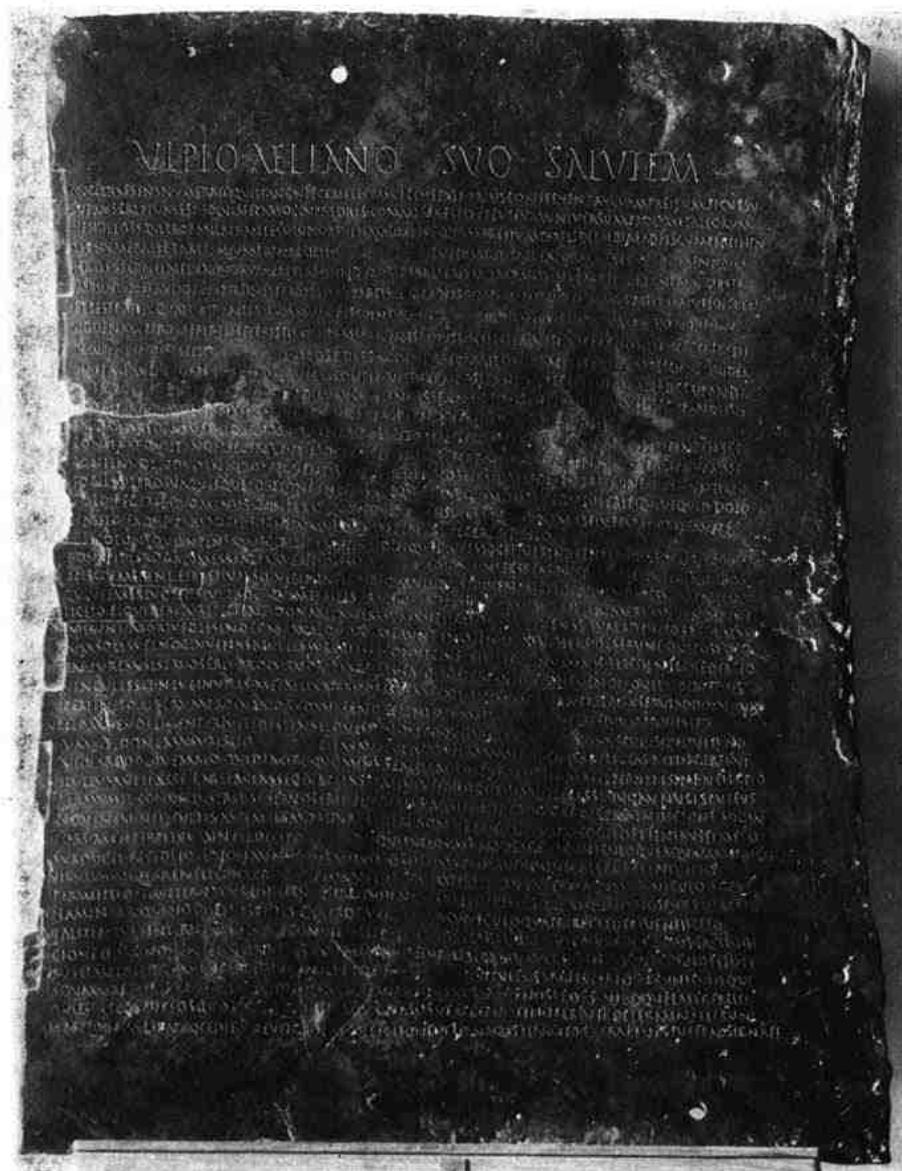


Fig. 75 — Uma das tábulas de bronze com a lei da mina de Aljustrel (Alentejo).



Fig. 76 — Estatueta de bronze da deusa Fortuna (*Fortuna alata*), do Pombalinho (Santarém).  
Secção lusitano-romana do Museu Etnológico

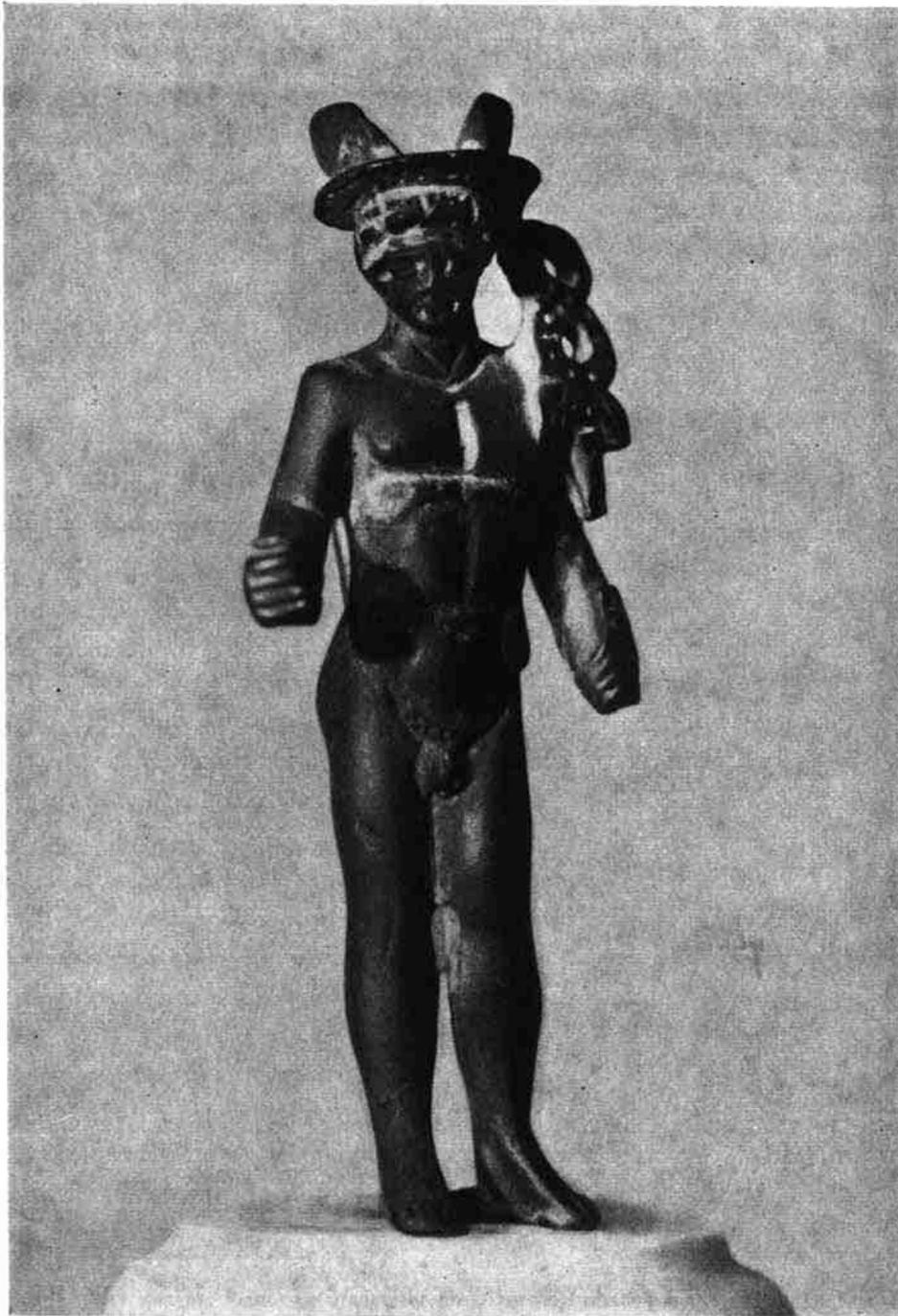


Fig. 77 — Arte romana. Estatueta de bronze do deus Mercúrio. Secção lusitano-romana do Museu Etnológico



Fig. 78 — Arte romana. Figura de orador (bronze). Secção lusitano-romana do Museu Etnológico



Fig. 79 — Carranca fontanária romana de bronze (Minho). Secção lusitano-romana do Museu Etnológico

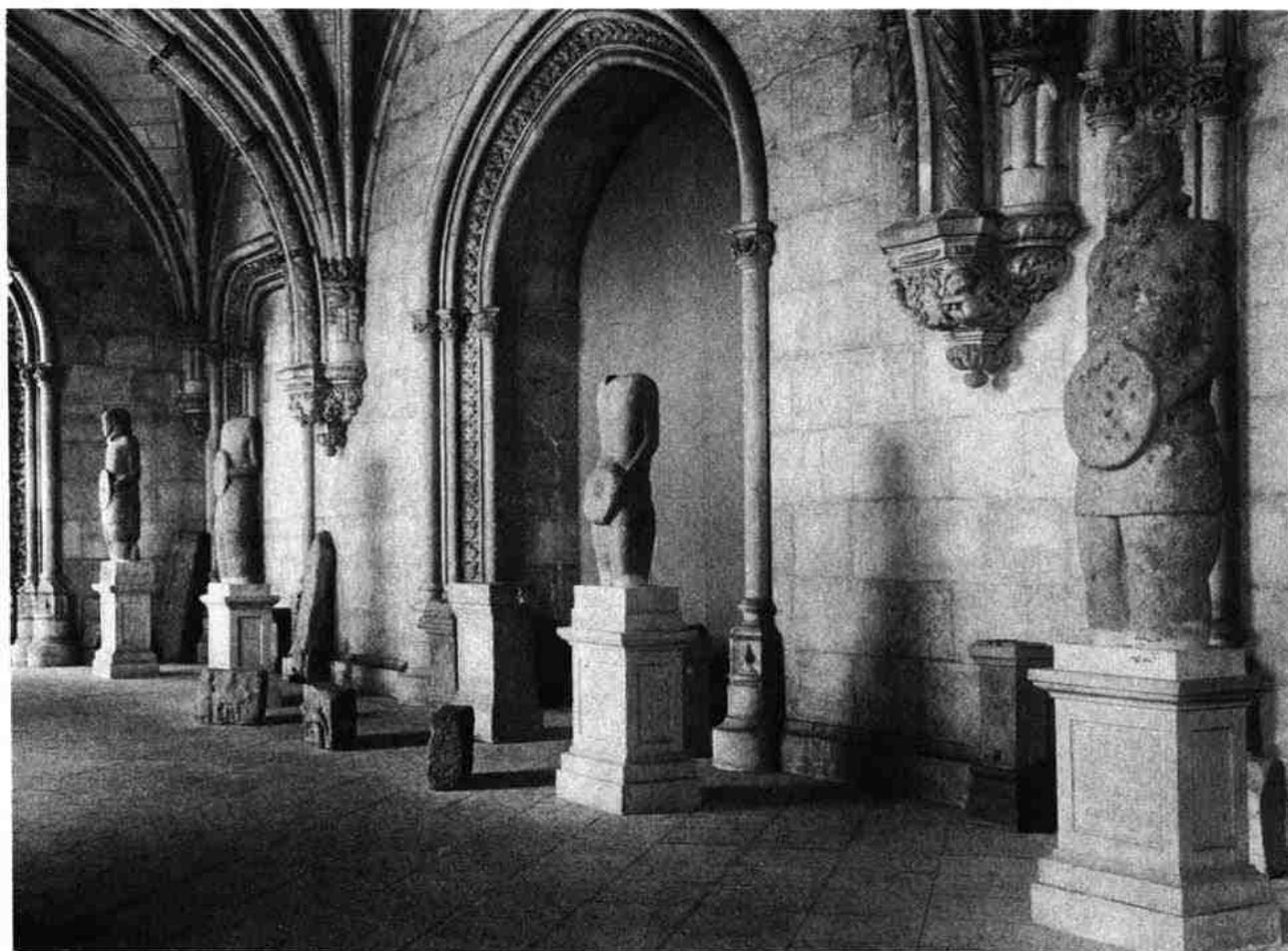


Fig. 80 — Ala dos guerreiros lusitanos



Fig. 81 — Estátua romana de homem (mármore). Secção lusitano-romana do Museu

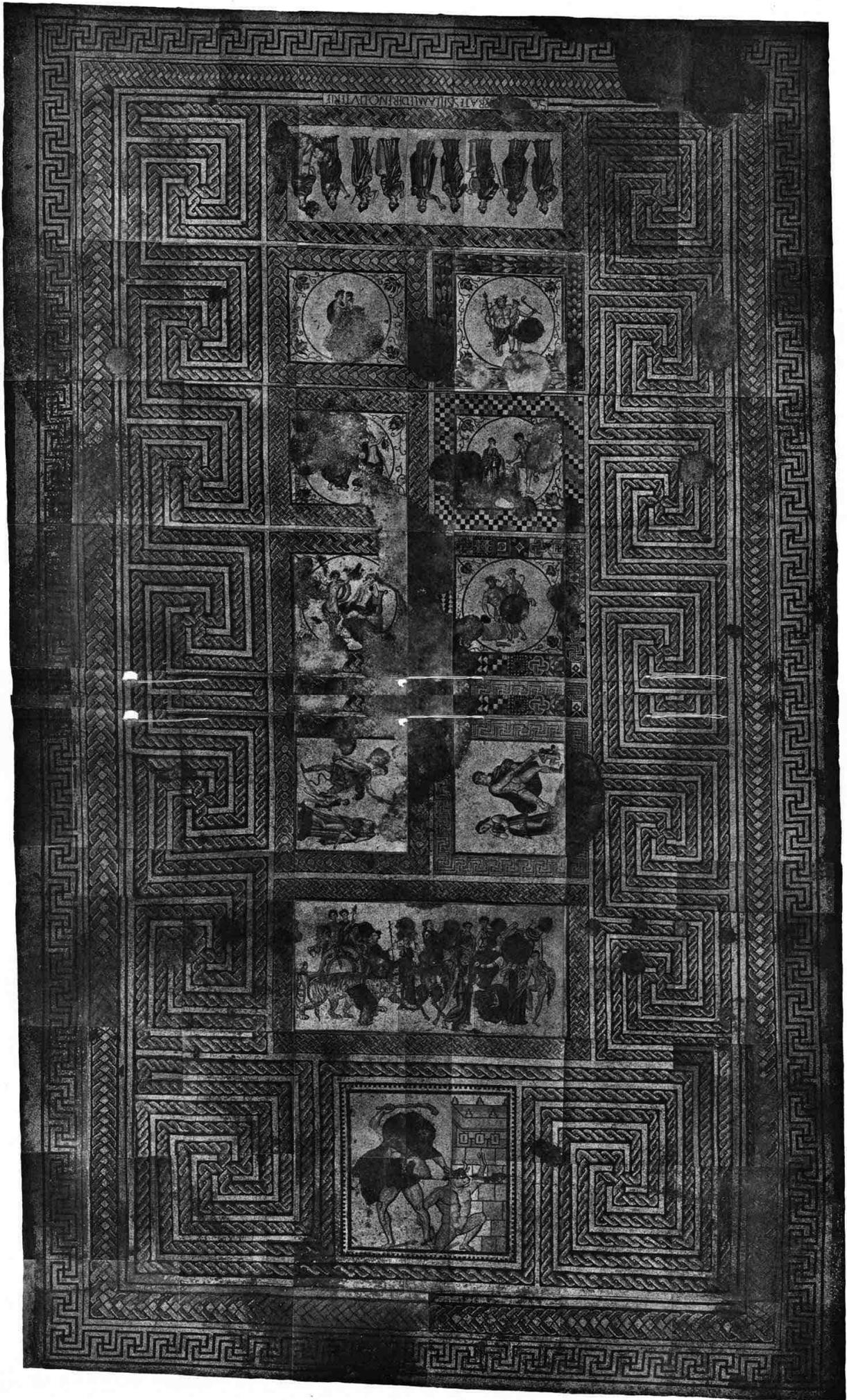


Fig. 82 — Mosaico das Musas, (Escavações do Prof. Manuel Manuel Heleno na villa lustano-romana de Torre de Palma)



Fig. 84 — Arte romana. Cabeça feminina (mármore) das ruínas de Ossónoba (Faro)



Fig. 85 — Arte palmireuse (?). Busto de divindade feminina (?)

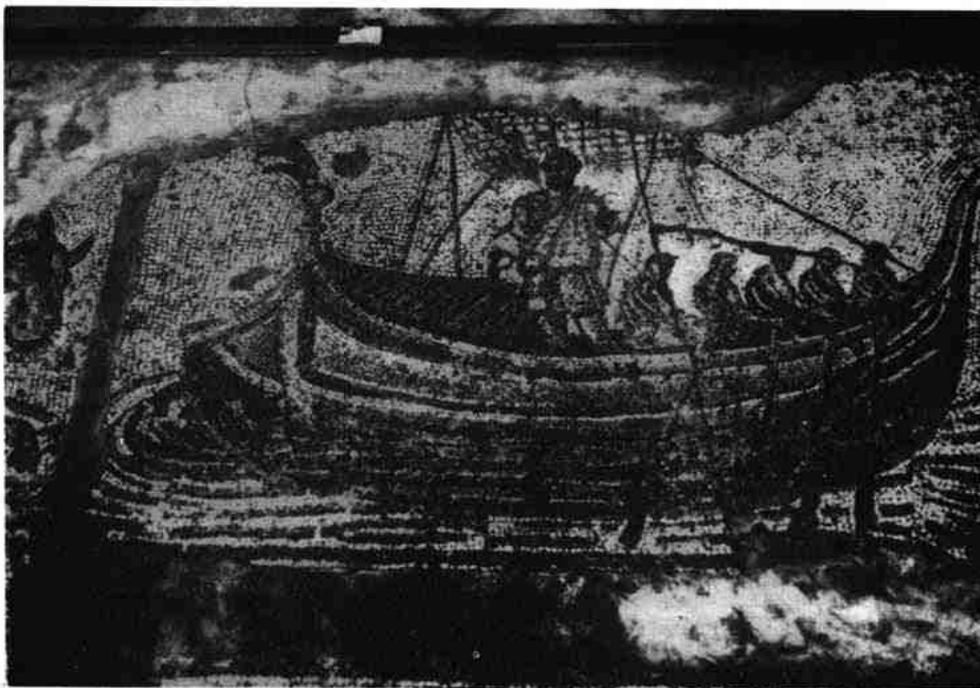


Fig. 86 — A nave de Ulisses. (Mosaico de Santa Vitória do Ameixial)



Fig. 87 — Parte central do mosaico, onde se vê o Busto de EVRVS. (Mosaico de Santa Vitória do Ameixial)



Fig. 88 — Cena mágica, na orla do mosaico: figuras e inscrições. (Mosaico de Santa Vitória do Ameixial)



Fig. 89 — Vista parcial do cortejo de Anfitrite. (Mosaico de Santa Vitória do Ameixial)



Fig. 90 — Vidros romanos provenientes de Tróia (Setúbal). Escavações do Prof. Manuel Heleno.  
Note-se também o paciente trabalho de restauro

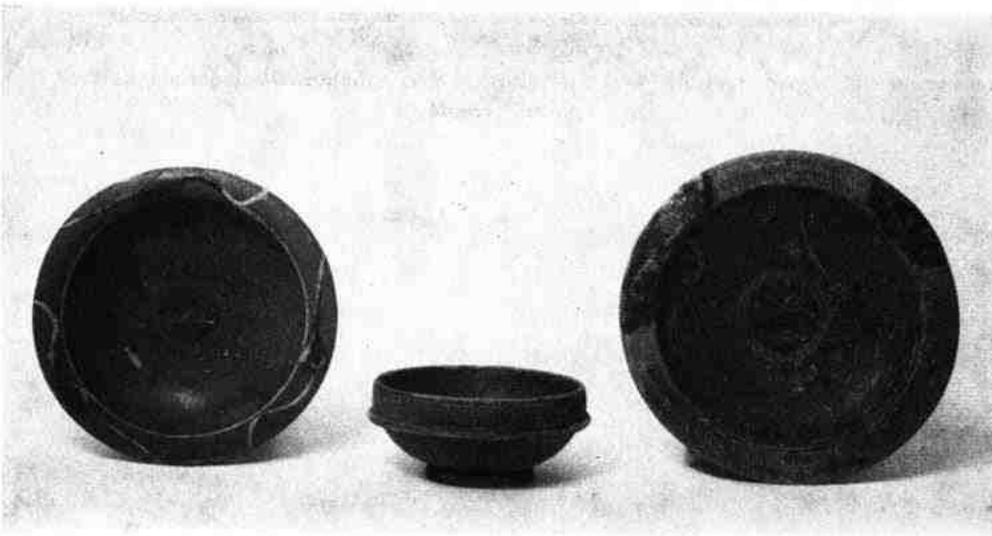


Fig. 91 — Cerâmica romana, com marca de oleiro, proveniente de Aramenha (Alentejo).  
N.º de catálogo: 13 648 a 13 650



Fig. 92 — Lápide sepulcral cupiforme com inscrição funerária (Algarve). Secção lusitano-romana do Museu Etnológico



Fig. 105 — Presépio artístico setecentista



Fig. 107 — Modelo de espigueiro do Alto Minho

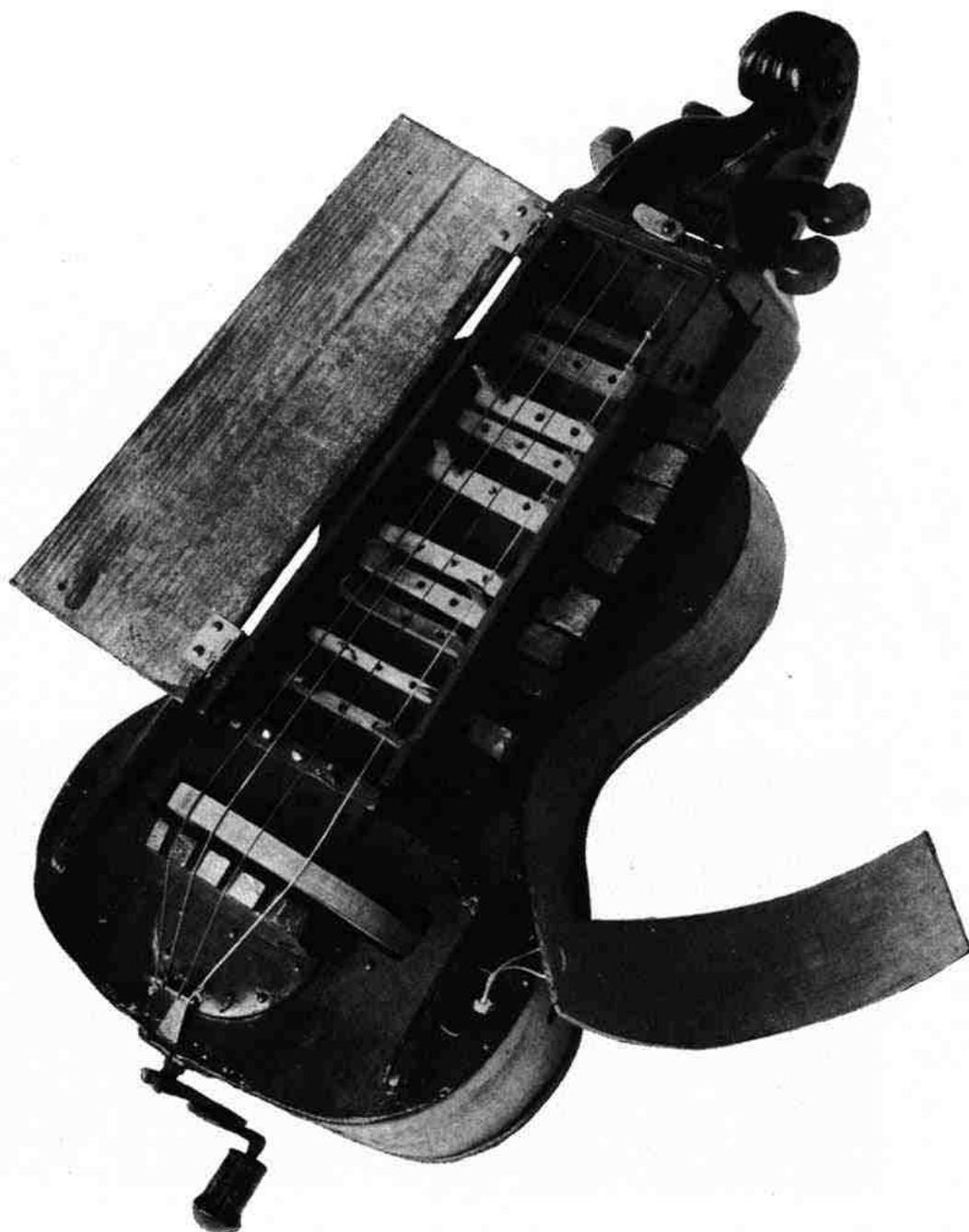


Fig. 108 — Instrumento antigo de música («sanfona»). Secção de etnografia do II pavimento do Museu

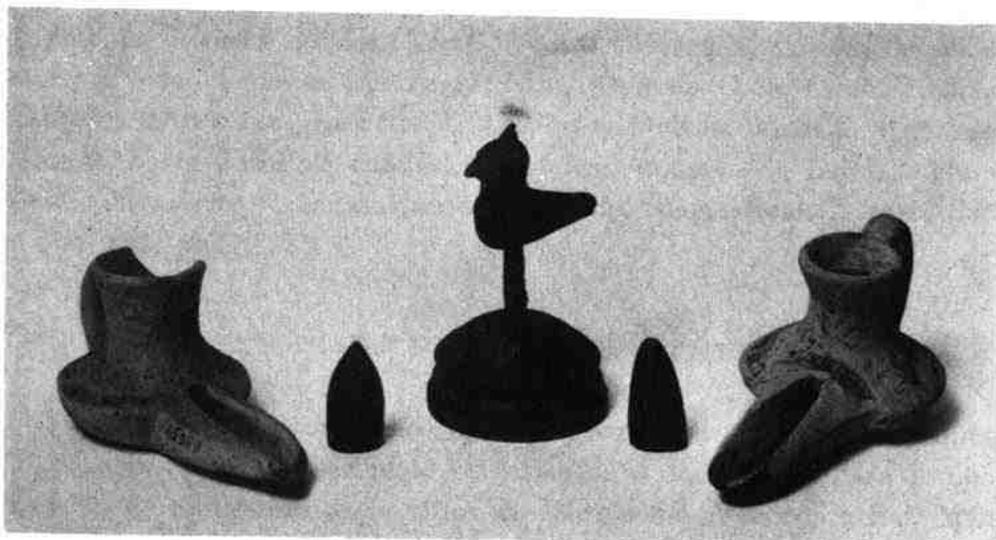


Fig. 109 — Duas lucernas de barro, dois dedais e uma figura de ave, de bronze, da época arábica, provenientes do Algarve

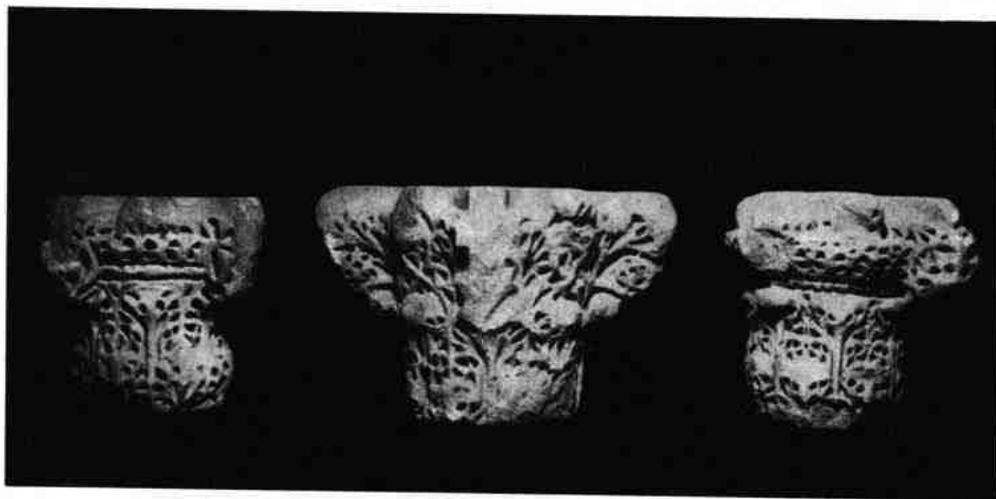


Fig. 110 — Três capitéis arábicos ornamentados



Fig. 111 — Lápide com inscrição arábica (Frielas)



Fig. 112 — Frontispício da Cartilha... ẽ Lingoa Tamul e Portugues..., publicada em Lisboa em 1554



Fig. 113 — O «torques» de Vilas Boas de Trás-os-Montes



Fig. 114 — Outras jóias da colecção de ourivesaria arcaica do Museu: os «torques» de Paradela — Outeiro, generosamente oferecidos pela benemérita administração da Hidro-Eléctrica do Cávado